



MARK TWAIN

TODAS AS HISTÓRIAS DE

**TOM
SAWYER**

E

**HUCKLE
BERRY
FINN**

Título original: *The Adventures of Tom Sawyer*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORANOVAFRONTEIRAPARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T913a

v. 1

Twain, Mark, 1835-1920

As aventuras de Tom Sawyer / Mark Twain; tradução de Alexandre Barbosa de Souza. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

208 p.; 23 cm. (Todas as histórias de Tom Sawyer e Huckleberry Finn ; 1)

Tradução de: The adventures of Tom Sawyer Continua com: As aventuras de Huckleberry Finn ISBN 9788520944868

1. Romance americano. I. Souza, Alexandre Barbosa de. II. Título. III. Série.

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto Vol.1](#)

[Créditos](#)

[Nota sobre as traduções](#)

[Nota do autor](#)

[1. Ô Tooom — Tia Polly reflete sobre o dever — Tom estuda música — O desafio — Uma entrada particular](#)

[2. Tentações fortes — Movimentos estratégicos — Os inocentes enganados](#)

[3. Tom é general — Triunfo e recompensa — Felicidade triste — Comissão e omissão](#)

[4. Acrobacias mentais — Na escola dominical — O superintendente — “Exibindo-se” — Tom é idolatrado](#)

[5. Um pastor útil — Na igreja — O clímax](#)

[6. Autoexame — Dentista — O amuleto da meia-noite — Bruxas e demônios — Abordagens cuidadosas — Horas felizes](#)

[7. Chegando a um acordo — Primeiras lições — Um erro cometido](#)

[8. Tom decide o que fazer — Velhas cenas reencenadas](#)

[9. Uma situação solene — Temas sérios introduzidos — Injun Joe explica](#)

10. Juramento solente — O terror traz o arrependimento — Castigo mental

11. Muff Potter se apresenta — A consciência de Tom em ação

12. Tom mostra sua generosidade — Tia Polly adoece

13. Os jovens piratas — Indo ao encontro — Conversa à fogueira

14. Acampados — Uma sensação — Tom foge do acampamento

15. Tom reconhece o terreno — Avaliando a situação — Relato no acampamento

16. As atrações de um dia — Tom revela um segredo — Os piratas aprendem uma lição — Uma surpresa noturna — A guerra de um índio

17. Memórias de heróis perdidos — A questão do segredo de Tom

18. Os sentimentos de Tom investigados — Sonho maravilhoso — Becky Thatcher esquecida — Tom sente ciúmes — Vingança negra

19. Tom conta a verdade

20. Becky em um dilema — A nobreza de Tom se afirma

21. Eloquência juvenil — Redações de moças — Uma longa visão — A vingança do menino

22. A confiança de Tom é traída — O castigo de esperar o sinal

23. Amigos do velho Muff — Muff Potter no tribunal — Muff Potter é salvo

24. Tom é o herói da vila — Dias de esplendor e noites de horror — A perseguição a Injun Joe

25. Sobre reis e diamantes — Busca do tesouro — Mortos e fantasmas

26. A casa mal-assombrada — Fantasmas com sono — Um baú de

ouro — Sorte amarga

27. Dúvidas a serem resolvidas — Os jovens detetives

28. Uma tentativa no quarto número 2 — Huck sentinela

29. O piquenique — Huck no rastro de Injun Joe — O serviço da “Vingança” — Auxílio à viúva

30. O relato do galês — Huck sob fogo — A história conhecida — Uma nova sensação — A esperança dá lugar ao desespero

31. Uma expedição exploratória — Começam os problemas — Perdidos na caverna — Escuridão total — Encontrados porém não salvos

32. Tom conta a história de sua escapada — O inimigo de Tom está preso

33. O destino de Injun Joe — Huck e Tom comparam anotações — Uma expedição à caverna — Proteção contra fantasmas — “Um lugar terrivelmente aconchegante” — Uma festa na casa da viúva Douglas

34. Espalhando um segredo — O fracasso da surpresa do sr. Jones

35. Uma nova ordem de coisas — Pobre Huck — Novas aventuras planejadas

Conclusão

Folha de rosto Vol. 2

Aviso

Explicação

Huckleberry Finn

1. Civilizando Huck — Srta. Watson — Tom Sawyer esperando

2. Os meninos fogem de Jim — O bando de Tom Sawyer — Planos

bem planejados

3. Repassando a fundo — Graça triunfante — “Uma das mentiras de Tom Sawyer”

4. Huck e o juiz — Superstição

5. O pai do Huck — O pai bonzinho — Regeneração

6. Ele foi atrás do juiz Thatcher — Huck resolve ir embora — Economia política — Quebra-pau

7. Armando para ele — Trancado na cabana — Afundando o corpo — Descanso

8. Dormindo na mata — Resgatando o morto — Explorando a ilha — Encontrando Jim — A fuga de Jim — Sinais — Balão

9. A caverna — A casa boiando

10. A descoberta — O velho Hank Bunker — Disfarçado

11. Huck e a mulher — A procura — Prevaricando — Indo para Goshen

12. Navegando devagar — Pegando emprestado — Embarque no naufrágio — Os conspiradores — Procurando bote

13. Fuga do naufrágio — O sentinela — Afundando

14. Aproveitando bem em geral — O harém — Francês

15. Huck perde a jangada — No nevoeiro — Huck encontra a jangada — Lixo

16. Expectativa — Mentira branca — Dinheiro boiando — Passando por Cairo — Nadando para a margem

17. Uma visita noturna — A fazenda no Arkansas — Decoração de interiores — Stephen Dowling Bots — Efusões poéticas

18. O coronel Grangerford — Aristocracia — Rixas — A Bíblia — Recuperando a jangada — A pilha de lenha — Carne de porco e repolho

19. Atracando de dia — Uma teoria astronômica — Um evento contra o álcool — O duque de Bridgewater — As aflições da nobreza

20. Huck explica — Lançando uma campanha — Trabalhando no acampamento da igreja — Um pirata no acampamento — O duque como tipógrafo

21. Ensaio de espadas — Monólogo do Hamlet — Vagabundos na cidade — Uma cidade parada — O velho Boggs — Morto

22. Sherburn — Assistindo o circo — Embriaguez no picadeiro — A excitante tragédia

23. Enganados — Comparações reais — Jim com saudades de casa

24. Jim em trajes reais — Eles levam um passageiro — Pedindo informação — Luto familiar

25. São eles? — Cantando hino de igreja — Muito justos — Orgias fúnebres — Um mau investimento

26. Um rei crente — O valete do rei — Ela pede desculpas a ele — Escondido no quarto — Huck pega o dinheiro

27. O funeral — Matando a curiosidade — Desconfiado de Huck — Venda rápida e lucro baixo

28. A viagem à Inglaterra — “Que cafajeste!” — Mary Jane resolve sair — Huck se despede de Mary Jane — Caxumba — A concorrência

29. Parentesco contestado — O rei explica a perda — Uma questão de caligrafia — Exumando o cadáver — Huck foge

30. O rei vai para cima dele — Uma rusga de nobres — Muito mansinhos

31. Planos sinistros — Notícias de Jim — Velhas lembranças — História da ovelha — Informação valiosa

32. Parado como um domingo — Identidade trocada — Em apuros — Um dilema

33. Ladrão de escravo — Hospitalidade sulista — Uma oração bem comprida — Alcatrão e penas

34. A cabana perto do barril de lixívia — Uma barbaridade — Escalando para-raios — Problemas com bruxas

35. Escapando direito — Esquemas obscuros — Detalhes do sequestro — Um buraco fundo

36. O para-raio — Dando tudo de si — Um legado para a posteridade — Uma cifra alta

37. A última camisa — Devagar e sonhador — Ordens aos berros — A torta de bruxa

38. O brasão de armas — Um supervisor sabichão — Glória amarga — Uma questão de lágrimas

39. Ratos — Colegas de cama animados — A boneca de palha

40. Pescaria — O comitê de vigilância — Uma fuga animada — Jim sugere chamar um médico

41. O médico — Tio Silas — Irmã Hotchkiss — Tia Sally em apuros

42. Tom Sawyer ferido — O relato do médico — Tom confessa — Tia Polly chega — Entrega das cartas

Último capítulo. Livre da servidão — Pagando o prisioneiro — Sinceramente, Huck Finn

Folha de rosto Vol. 3

1. Tom busca novas aventuras

2. O balão sobe
 3. Tom explica
 4. Tempestade
 5. Terra
 6. É uma caravana
 7. Tom respeita a pulga
 8. O lago que desaparecia
 9. Tom discursa no deserto
 10. A colina do tesouro (Tom disse que aconteceu mais ou menos assim)
 11. A tempestade de areia
 12. Jim é cercado
 13. À procura do cachimbo do Tom
1. Um convite para Tom e Huck
 2. Jake Dunlap
 3. Um roubo de diamantes
 4. Os três dormem
 5. Uma tragédia no bosque
 6. Planos para proteger os diamantes
 7. Uma noite de vigília
 8. Um dedo de prosa com o fantasma
 9. A descoberta de Jubiter Dunlap

[10. A prisão do tio Silas](#)

[11. Tom Sawyer descobre os assassinos](#)

[Colofão](#)

Nota sobre as traduções

Quando publicou *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), Mark Twain tinha 41 anos, e quando da publicação de *As aventuras de Huckleberry Finn* (1885), cinquenta. Porém, ambos se passavam “trinta ou quarenta anos atrás” — quando o autor era um menino pobre como seus personagens —, assim como as duas sequências, *As viagens de Tom Sawyer* (1894) e *Tom Sawyer, detetive* (1896). A Guerra Civil Americana, entre os estados escravagistas do Sul — como o Missouri natal do autor, onde se passa o primeiro livro — e os estados abolicionistas do Norte — como Illinois, para onde os protagonistas do segundo livro tentam fugir pelo rio Mississippi —, duraria de 1861 a 1865, encerrada com a abolição da escravidão em todos os Estados Unidos.

Autodidata, tipógrafo, piloto de vapor, mineiro, jornalista, Twain se mudou para São Francisco depois da guerra, foi às Ilhas Sandwich (atual Havaí) e passou a escrever cartas para jornais, fazer palestras e viajar pelo mundo (Europa, Oriente Médio, Índia). Casado, mudou-se para Buffalo, em Nova York, e depois para Hartford, em Connecticut, onde escreveria seus principais livros (1874-1891). Quatro anos antes de morrer, em sua *Autobiografia de Mark Twain* (1906), o próprio autor explicaria sua perspectiva infantil da escravidão:

Nos meus tempos de menino, eu não tinha aversão à escravidão. Eu não me dava conta de que havia algo de errado naquilo. Ninguém a denunciava aos meus ouvidos; os jornais locais não falavam nada contra ela; no púlpito da igreja local nos ensinavam que Deus a aprovava, que era uma coisa sagrada e que quem duvidasse bastava procurar na Bíblia, se quisesse tranquilizar sua consciência — e depois as escrituras eram lidas em voz alta para termos certeza; se os próprios escravos tinham aversão à escravidão, eram prudentes e não diziam nada.

No momento dessas narrativas de aventuras, portanto, a escravidão dos negros era uma prática legal nos territórios americanos desde a Declaração de Independência de 1776, e pode-se dizer que o racismo praticado pelos

personagens brancos contra negros e índios era considerado normal e aceito pela sociedade americana da época. Termos como “nigger”, “injun” e “half-breed”, usados no original, são pejorativos que designam geralmente personagens “não brancos” ou mestiços pobres nos estados do Sul. No Brasil, último país da América a abolir a escravidão, o substantivo “negro” não reproduz o grau de desprezo social da expressão especificamente norte-americana quando utilizada por falantes brancos; já o substantivo “preto”, embora fosse comum no século XIX como pejorativo da elite escravocrata para se referir aos escravos e negros em geral, foi retomado no século XX pelo movimento negro brasileiro como forma preferível de autorreferência. Optou-se, portanto, na maioria dos casos, pela tradução “escravo” para “nigger”, exceto nas falas do personagem mais racista de todos: o ignorante pai de Huckleberry no segundo livro (ver nota do tradutor sobre os dialetos em *As aventuras de Huckleberry Finn*) e no terceiro e quarto, quando Jim já não é mais escravo.

Alexandre Barbosa de Souza

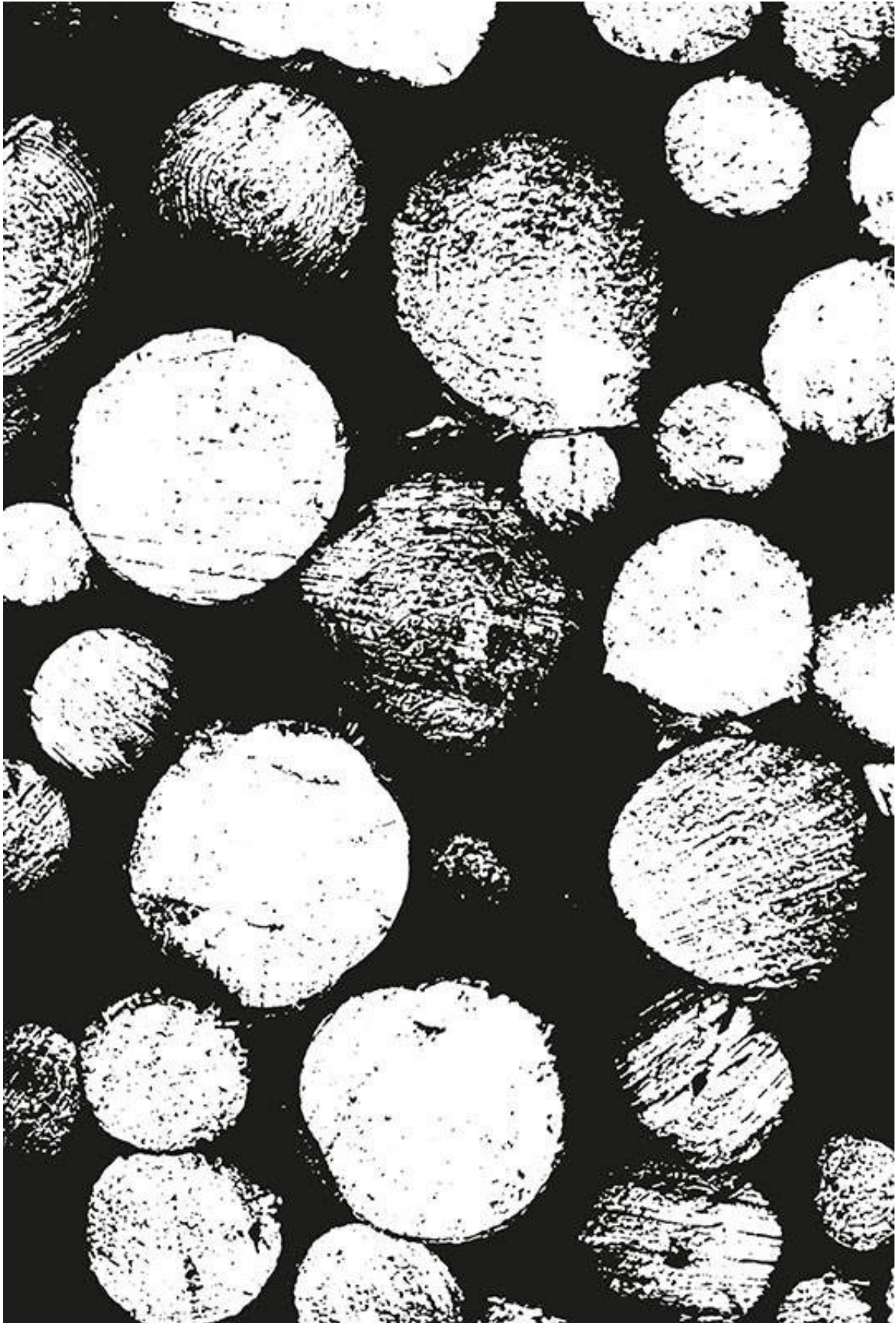
nota do autor

Quase todas as aventuras registradas neste livro realmente aconteceram. Uma ou duas foram experiências minhas; as restantes, de meninos que foram meus colegas de escola. Huck Finn é inspirado numa pessoa real; Tom Sawyer também, mas não num único indivíduo. Ele é uma combinação de características de três meninos que conheci, portanto pertence à ordem de composição da arquitetura.

As estranhas superstições brevemente abordadas foram todas conhecidas entre crianças e escravos no Ocidente no período em que esta história se passa — isto é, trinta ou quarenta anos atrás.

Embora a intenção principal deste meu livro seja o entretenimento de meninos e meninas, espero que não seja desdenhado por homens e mulheres só por isso, pois parte do meu plano era tentar lembrar aos adultos, de maneira agradável, o que eles mesmos foram um dia e fazê-los recordar como se sentiam, pensavam, falavam, e as bizarras empreitadas em que às vezes se metiam.

O autor
Hartford, 1876



1.

— Tom!

Ninguém respondeu.

— Tom!

Ninguém respondeu.

— Onde se enfiou esse garoto, é o que eu queria saber. Tom!

Ninguém respondeu.

A velha senhora baixou os óculos e olhou para a sala por cima das lentes; depois, tornou a pô-los e olhou por baixo delas. Quase nunca, ou talvez nunca, olhava *através* das lentes para procurar algo tão pequeno quanto um menino. Aqueles eram seus óculos especiais, orgulho de seu coração, e eram óculos de “estilo”, não de serviço — o mesmo que usar duas tampas de boca de fogão sobre os olhos.

Ela ficou perplexa por um momento e então disse, não brava, mas com a voz ainda alta o suficiente para fazer tremer a mobília: — Bem, juro que se eu puser as mãos em você, você vai...

Não chegou a concluir, pois já estava se abaixando e batendo embaixo da cama com a vassoura, portanto precisou tomar fôlego para pontuar as vassouradas. A única coisa que fez foi ressuscitar o gato.

— Não vi nem sombra desse menino!

Ela saiu pela porta aberta, parou, olhou entre os tomates e trombetas entrelaçadas que formavam a horta. Nada de Tom. Assim, ergueu a voz em determinado ângulo calculado segundo a distância e berrou: — Ô Tooom!

Ao menor ruído atrás de si, virou-se, bem a tempo de agarrar o garotinho pela barra da jaqueta e impedir sua fuga.

— Aí está você! Eu devia ter pensado no armário. O que você estava fazendo aí dentro?

— Nada.

— Nada? Veja como estão suas mãos! E sua boca! Que porcaria é essa?

— Não sei, tia.

— Bem, pois eu sei. É geleia, isso, sim. Falei quarenta vezes para você deixar a geleia onde estava ou eu arrancaria sua pele. Passe-me a vara.

A vara zuniu no ar, e um medo desesperador se apossou do menino.

— Olha! Atrás da senhora, tia!

A velha senhora se virou e puxou a saia para se livrar de algum perigo.

O menino sumiu nesse instante, saltou por cima das tábuas da cerca alta e desapareceu do outro lado.

Sua tia Polly ficou surpresa por um momento, mas depois soltou uma risada amistosa.

— Maldito menino! Será que não aprendo nunca? Quantas vezes ele já não me enganou desse jeito e continuo indo atrás dele?! Como velho é bobo! Cachorro velho não aprende mais nada, como diz o ditado. Mas, por tudo o que é mais sagrado, ele nunca faz o mesmo truque duas vezes. Como eu ia saber? Parece que ele sabe até o limite que pode me atormentar, antes que eu perca as estribeiras, e sabe que se me distrair por um minuto ou me fizer dar risada, lá se vai tudo por água abaixo e não consigo acertá-lo mais. Não estou conseguindo cumprir meu dever com esse menino. Essa é a verdade do Senhor, Deus sabe. Quem evita a vara estraga a criança, dizem as Escrituras. Estou acumulando pecados e sofrimentos por nós dois, disso eu sei. Ele está danado com o Velho Tinhoso, Deus me livre! Ele é filho da minha falecida irmã, pobrezinho, e não tenho coragem de bater nele, não sei explicar. Toda vez que deixo passar uma travessura dele, minha consciência dói muito, mas toda vez que bato nele fico com o coração quase partido. Ora, ora, homem nascido de mulher é de poucos dias e cheio de inquietação, como diz a Escritura, e concordo totalmente. Esta tarde ele vai faltar à aula, mas vou ser obrigada a mandá-lo trabalhar amanhã, como castigo. É bem cruel fazê-lo trabalhar no sábado, quando todos os meninos estão de folga, mas ele odeia trabalhar mais do que tudo, e sou obrigada a cumprir minhas obrigações com ele, ou isso vai estragar essa criança.

Tom realmente faltou à aula e se divertiu muito. Voltou para casa só na hora de ajudar Jim, o pretinho, a serrar lenha para o dia seguinte e a rachar alguns tocos

antes do jantar — a bem dizer, chegou a tempo de contar suas aventuras a Jim enquanto este fazia três quartos do serviço. O irmão caçula — ou, melhor, meio-irmão — de Tom, Sid, já havia terminado sua parte do serviço (catar os cavacos), pois era um menino comportado e não tinha aquele jeito aventureiro, baderneiro.

Enquanto Tom jantava, surrupiando açúcar sempre que havia uma oportunidade, tia Polly lhe fazia perguntas cheias de malícia e muito profundas, porque queria pegá-lo desprevenido e obrigá-lo a revelar algo comprometedor. Como muitas outras almas singelas, ela tinha uma vaidade mesquinha de se acreditar dotada de talento para diplomacias obscuras, misteriosas, e adorava contemplar seus estratagemas mais transparentes como prodígios da mais brutal astúcia. Ela disse: — Tom, não é que estava muito calor hoje na escola?

— É, sim, senhora.

— Mas estava muito quente mesmo, não é?

— É, sim, senhora.

— Você não ficou com vontade de nadar, Tom?

Um pavor percorreu o corpo de Tom, um toque de desconfiança incômoda. Ele avaliou o semblante de tia Polly, mas não decifrou nada, e disse: — Não, senhora. Bem, não muita.

A velha senhora estendeu a mão, tocou na camisa de Tom e disse: — Mas você não está muito suado agora.

Sentiu-se orgulhosa ao ver que havia descoberto que a camisa estava seca sem que ninguém percebesse o que tinha em mente. Mas, apesar dos esforços dela em disfarçar, Tom percebeu para onde soprava aquele vento e antecipou o que seria o movimento seguinte: — Uns meninos jogaram água na nossa cabeça. A minha ainda está úmida. Está vendo?

Tia Polly ficou contrariada por não ter reparado naquela prova circunstancial e perdeu uma chance. Mas teve nova inspiração: — Tom, para molhar a cabeça não precisaria desfazer os pontos que dei no colarinho, não é mesmo? Desabotee a jaqueta!

A preocupação sumiu do semblante de Tom, que abriu a jaqueta. O colarinho da camisa continuava costurado.

— Ora! Bem, pode ir. Eu tinha certeza de que você havia matado aula para ir nadar. Mas o perdoo, Tom. Reconheço que você é melhor do que parece, como

se diz: um gato escaldado. Dessa vez passa.

Ela ficou um tanto aborrecida por sua sagacidade não ter funcionado e contente por Tom ter tido uma conduta obediente uma vez na vida.

Sidney, porém, disse:

— Ora veja, pensei que a senhora tivesse costurado o colarinho dele com linha branca, mas essa é preta.

— Mas costurei com branca. Tom!

Tom, contudo, não esperou pelo resto da história. Antes de sair porta afora, disse: — Sidy, você me paga por isso.

Já em lugar seguro, Tom examinou as duas agulhas compridas espetadas nas lapelas da jaqueta, com linhas enfiadas, uma branca e a outra preta.

Ele disse:

— Ela nunca teria reparado se não fosse o Sid. Jesus! Às vezes ela costura com branca, às vezes com preta. Quem dera ela se decidisse por uma cor ou por outra. Não consigo acompanhar as mudanças. Mas pode apostar que vou dar uma corrida no Sid por essa. Vou dar uma lição nele!

Tom não era o Menino Exemplar da vila, mas sabia muito bem quem era esse menino exemplar. E o odiava.

Dois minutos depois, ou até menos, já havia esquecido todos os seus problemas. Não porque tivessem ficado menos pesados e amargos do que os de um homem são para um homem, mas porque um novo e poderoso interesse surgiu e os afastou por um momento de seus pensamentos, assim como as desventuras dos homens são esquecidas na excitação das novas empreitadas. Esse novo interesse era uma valiosa novidade em termos de assobio, que ele acabara de aprender com um escravo e vinha penando para tentar praticá-la sossegadamente. Tratava-se de um gorjeio de pássaro peculiar, uma espécie de trinado líquido, produzido ao encostar a língua no céu da boca em intervalos curtos em meio à música — provavelmente o leitor lembrará como fazê-lo, se um dia foi menino. Diligência e atenção logo lhe mostraram o jeito da coisa, e ele seguiu pela rua com a boca cheia de harmonia e a alma cheia de gratidão.

Sentia quase o mesmo que sente um astrônomo que descobriu um novo planeta — sem dúvida, em termos de prazer forte, profundo, puro, a vantagem ficaria com o menino, não com o astrônomo.

As noites de verão eram longas. Não estava ainda escuro. Tom parou de assobiar. Havia um desconhecido à sua frente, um menino um pouco maior que ele. Um recém-chegado de qualquer idade ou sexo era uma atração e tanto na pequena e antiquada vila de St. Petersburg. O menino estava bem-vestido, até demais para um dia de semana. Era espantoso. O chapéu era um primor, a jaqueta azul abotoada era nova e da moda, assim como a calça. Estava de sapatos, e ainda era sexta-feira. Usava até uma gravata, uma fita colorida no pescoço. Tinha um ar citadino que devorava as vísceras de Tom. Quanto mais Tom fitava o esplêndido prodígio, mais torcia o nariz para aquela elegância toda e mais maltrapilhas suas próprias roupas lhe pareciam. O menino não falou nada. Se um se mexia, o outro se mexia também, mas apenas de lado, em círculos. Ficaram os dois cara a cara, olho no olho, o tempo inteiro.

Enfim, Tom disse:

— Vou te bater!

— Quero ver você tentar.

— Bem, eu poderia te bater agora.

— Não poderia, não.

— Eu poderia, sim.

— Não poderia nada.

— Poderia.

— Não poderia.

— Se eu quiser, posso, sim!

— Não pode, não!

Houve uma pausa incômoda, e Tom falou:

— Como você se chama?

— Não interessa.

— Bem, você vai ver o que não interessa.

— Ora, por que você não me mostra?

— Se você falar mais alguma coisa, vou mesmo.

— Mais alguma coisa, mais alguma coisa, mais alguma coisa. Pronto! Falei.

— Oh, você se acha esperto, não? Eu poderia te bater com uma das mãos amarrada nas costas, se eu quisesse.

— Bem, por que você não bate, então? Se você acha que consegue...

— Vou mesmo, se você ficar fazendo gracinha comigo.

— Ah, sei. Já vi que vai chamar a família inteira.

— Seu metido a esperto! Você se acha grande coisa, não é? Oh, que chapéu é esse?

— Se você não gostou do meu chapéu, pode tentar amassar. Duvido tirar da minha cabeça. Quem se arriscar vai ficar com a boca torta.

— Mentiroso!

— Mentiroso é você.

— Você é mentiroso e briguento e não quer admitir.

— Ah, vai passear!

— Estou falando. Se continuar com essas gracinhas, vou pegar uma pedra e jogar na sua cabeça.

— Oh, até parece!

— Vou mesmo.

— Bem, então por que não joga logo? De que adianta ficar dizendo que vai jogar? Por que não joga logo? É porque você está com medinho.

— Não estou.

— Está, sim.

— Não estou nada.

— Está.

Outra pausa, e os dois se deram mais encaradas e alguns passos de lado, rodeando-se, até ficarem ombro a ombro. Tom disse: — Sai daqui!

— Sai daqui você!

— Não vou sair.

— Também não vou.

Ali ficaram, cada um com um pé plantado formando um ângulo, como uma trava, empurrando-se com todas as forças, encarando-se com ódio mútuo. Mas nenhum deles levava vantagem sobre o outro. Depois de tanto esforço, ficaram os dois suados e corados. Relaxaram a força com cuidadosa atenção, e Tom falou: — Você é um covarde de um almofadinha! Vou falar para meu irmão sobre você e ele vai te bater com um dedo. Vou mandar ele fazer isso.

— E eu lá tenho medo de irmão mais velho? O meu é maior que o seu. E tem mais: ele vai jogar seu irmão por cima daquela cerca.

(Ambos os irmãos eram imaginários.)

— Mas que mentira!

— Não é porque você fala que é verdade.

Tom riscou uma linha na terra com o pé e intimidou: — Não passe dessa linha, ou vou te bater até você não conseguir mais se levantar. Quem arriscar é ladrão de ovelha.

O menino novo logo pisou na linha e retrucou:

— Agora você falou que ia me bater. Vamos, quero ver.

— Não me pressione. Melhor você tomar cuidado.

— Bem, você disse que ia me bater. Por que não bate agora?

— Jesus! Por dois centavos, bato.

O menino novo tirou duas moedas de cobre do bolso e lhe estendeu com desdém. Tom jogou as moedas no chão. Instantaneamente, os dois rolaram e caíram na terra, agarraram-se feito dois gatos. Durante um minuto, puxaram os cabelos e rasgaram as roupas um do outro, socaram e arranharam o nariz um do outro, cobriram-se inteiros de barro e glória. De repente, a poeira baixou, e através das brumas da batalha Tom apareceu, sentado em cima do menino novo, batendo nele com os punhos.

— Pede água! — disse ele.

O menino só queria tentar se soltar. Estava chorando, sobretudo de raiva.

— Pede água!

E a surra continuou.

Enfim, o novato soltou um sufocado “Água!”. Tom deixou que se levantasse e disse: — Agora você aprendeu. Tome mais cuidado com suas gracinhas da próxima vez.

O menino novo foi embora sacudindo a poeira das roupas, soluçando, fungando. De vez em quando olhava para trás, balançava a cabeça e ameaçava fazer isso e aquilo contra Tom da próxima vez que o encontrasse no caminho.

Tom respondeu com uma risada zombeteira e seguiu em frente com bom humor. Assim que ficou de costas, o menino novo pegou uma pedra, atirou-a e acertou-o entre os ombros, virando-se e correndo feito um antílope na sequência. Tom perseguiu o traidor até sua casa e descobriu onde ele morava. Postou-se diante do portão por algum tempo, desafiando o inimigo a sair, mas o garoto só

ficou fazendo caretas para ele da janela e recusou o convite. Por fim, apareceu a mãe do menino, que disse que Tom era uma criança má, cruel, vulgar, e mandou-o embora. Ele foi, mas jurando que ia esperar a hora de acertar as contas.

Naquela noite, ele voltou para casa muito tarde. Quando escalava a fachada até a janela, percebeu uma emboscada. Era sua tia. Quando ela viu o estado em que estavam as roupas do sobrinho, sua decisão de transformar o sábado livre em castigo com trabalho pesado se tornou ainda mais firme.

2.

Raiou a manhã do sábado, e o mundo inteiro no verão estava claro, fresco e transbordante de vida. Havia uma canção em cada coração. Se o coração fosse jovem, a música saía pelos lábios. Havia uma alegria em cada rosto e molas nas solas dos pés a cada passo. As acácias estavam floridas e a fragrância das flores enchia o ar. Cardiff Hill, além e acima da vila, estava verdejante e pairava a uma distância suficiente para parecer uma Terra dos Prazeres, onírica, repousante e convidativa.

Tom apareceu na calçada com um balde de cal e uma brocha de cabo comprido. Ao avaliar a cerca, toda a alegria o abandonou e uma profunda melancolia se instalou em seu espírito. Trinta jardas de cerca com nove pés de altura. A vida lhe pareceu vazia, e a existência, um mero fardo. Suspirando, mergulhou a brocha, passando-a ao longo da ripa mais alta, e repetiu a operação. Comparou a faixa insignificante de cal com a imensa extensão de cerca sem cal e se sentou junto a um arbusto desencorajado. Jim veio se esgueirando pela porteira com um balde de lata e cantando Buffalo Gals. Trazer água da bomba da cidade sempre fora uma tarefa odiosa aos olhos de Tom até aquele momento, mas agora não lhe parecia tão ruim. Ele lembrou que havia companhia. Meninas e meninos brancos, mulatos e negros estavam sempre lá esperando sua vez, descansando, trocando brinquedos, discutindo, brigando e fazendo graça. Tom recordou que, apesar de a bomba ficar a apenas cento e cinquenta jardas dali, Jim nunca voltava com um balde de água em menos de uma hora, e quase sempre alguém tinha de ir até lá chamá-lo. Tom propôs: — Jim, vou buscar a água se você cair um pouco a cerca.

Jim balançou a cabeça e respondeu:

— Não posso, seu Tom. A patroa mandou eu ir buscar água, não parar no caminho e não falar com ninguém. Ela bem que falou que seu Tom ia querer me

enganar, para cair por ele, então ela mandou eu ir direto e fazer minha tarefa logo. Ela disse que ela mesma ia ver se estava tudo caído.

— Não se preocupe com o que ela disse, Jim. Sempre fala isso. Dê o balde aqui, vou levar um minuto. Ela nem vai saber.

— Não posso, seu Tom. A patroa falou que arranca minha cabeça. Juro que ela vai.

— Ora, ela nunca bate em ninguém. Só bate na nossa cabeça com o dedal, e quem tem medo de dedal? É o que eu gostaria de saber. Ela fala muito, mas falar não machuca. Quer dizer, não machuca se ela não chora. Jim, vou lhe dar uma bola de gude. Uma branca.

Jim começou a hesitar.

— Uma branca, Jim! E é uma bola campeã.

— Jesus! Deve ser uma bola linda, tenho certeza! Mas, seu Tom, morro de medo da patroa...

— Além do mais, se você aceitar, eu te mostro o meu dedo machucado.

Jim era humano, e tamanha atração foi demais para ele. Deixou o balde no chão, aceitou a bola de gude branca e se aproximou do pé de Tom com interesse enquanto a bandagem era removida. No momento seguinte, estava correndo pela rua com seu balde e o traseiro dolorido. Tom caíava vigorosamente, e tia Polly estava se retirando do campo com o chinelo na mão e um triunfo no olhar.

A energia de Tom, entretanto, não durou muito. Ele começou a pensar na diversão que havia planejado para aquele dia e sua tristeza se multiplicou. Logo os meninos que não estavam de castigo viriam pela estrada, vindo de todo tipo de expedições deliciosas, e fariam mil troças da cara dele por precisar trabalhar. Só de pensar nisso, ardeu como fogo. Tirou dos bolsos toda a riqueza de que dispunha e examinou: pedaços de brinquedos, bolas de gude e lixo, talvez o suficiente para comprar uma troca de trabalhos, mas nem a metade do necessário para comprar mais do que meia hora de pura liberdade. Guardou de volta os poucos recursos no bolso e desistiu da ideia de tentar subornar os meninos. Nesse momento escuro e desesperado, uma inspiração se fez dentro dele. Nada menos do que uma grandiosa e magnífica inspiração.

Ele pegou a brocha e foi trabalhar tranquilamente. Ben Rogers, então, apareceu, justo o menino, entre todos, por quem mais temia ser ridicularizado.

Ben vinha em seu passo saltitante e esquivo, sinal de que seu coração estava leve e sua expectativa era alta. Comia uma maçã e dava, de quando em quando, um guincho melodioso, seguido por graves dingue-dongues, dingue-dongues, pois ele estava imitando um barco a vapor. Conforme se aproximava, foi reduzindo a velocidade, passou para o meio da rua, inclinou-se mais para estibordo e manobrou pesadamente e com elaborada pompa e circunstância, uma vez que estava imitando o Big Missouri e imaginava estar flutuando a nove pés de profundidade. Ele era o barco, o capitão e os sinos da caldeira combinados, de modo que precisava se imaginar de pé no próprio convés, dando as ordens e as obedecendo: — Pare, senhor! Ting-a-ling-ling!

A atracagem havia quase acabado, e lentamente ele se aproximou da calçada.

— Retroceder! Ting-a-ling-ling!

Seus braços se esticaram e penderam rígidos ao lado do corpo.

— Devolver a estibordo! Ting-a-ling-ling! Chow! Ch-chow-wow! Chow!

Sua mão direita, nesse ínterim, descrevia círculos majestosos, representando uma roda de pás de quarenta pés.

— Deixe voltar a bombordo! Ting-a-ling-ling! Chow-ch-chow-chow!

A mão esquerda começou a descrever círculos.

— Está muito a estibordo! Ting-a-ling-ling! Está muito a bombordo! Vamos a estibordo! Parou! Agora deixe virar um pouco, devagar! Ting-a-ling-ling! Chow-ow-ow! Cuidado com a proa! Com força agora! Vá, desça com a corda. O que você está esperando? Passe a corda naquele toco, por tudo o que é mais sagrado! Oriente-se pela doca agora. Solte! Motores desligados, senhor! Ting-a-ling-ling! Claque! Claque! Claque!

(Mexendo nas válvulas.)

Tom continuou caindo, sem prestar qualquer atenção ao barco a vapor. Ben ficou encarando por um momento e indagou: — Você está enrascado mesmo, não é?

Nenhuma resposta. Tom avaliou a última demão com olho de artista, depois passou delicadamente a brocha outra vez e avaliou o resultado, como antes. Ben se aproximou dele. Tom ficou com água na boca ao ver aquela maçã, mas continuou trabalhando. Ben disse: — Olá, meu velho. Precisou trabalhar hoje, hein?!

Tom se virou de repente e proferiu:

— Ah, é você, Ben! Eu não tinha reparado.

— Pois bem. Estou indo nadar, sabe? Você não gostaria de poder ir também? Ah, mas você vai preferir trabalhar, não é mesmo? Claro que vai!

Tom contemplou o menino por um momento e disse:

— Como assim, trabalhar?

— Ora, você não está trabalhando?

Tom retomou a caiação e respondeu, despreocupado:

— Bem, talvez seja, talvez não seja trabalho. Só posso dizer que o Tom Sawyer aqui está gostando.

— Ora, vamos, nem tente me convencer de que está gostando...

A brocha continuou em movimento.

— Gostando? Ora, não vejo por que eu não gostaria. Não é todo dia que um menino tem a oportunidade de cair uma cerca.

Aquilo fez Ben refletir. Ele parou de morder a maçã. Tom passou a brocha para lá e para cá, recuou para observar o efeito, acrescentou um toque aqui e ali, criticando o efeito outra vez. Ben observava cada movimento e ficava cada vez mais interessado, absorvido. Então, pediu: — Ei, Tom, deixa eu cair um pouco.

Tom refletiu e estava prestes a consentir, mas mudou de ideia: — Não, não. Pensando melhor, não vai dar, Ben. Você sabe, a tia Polly dá muita importância a essa cerca bem aqui na rua, você sabe. Mas, se tivesse uma cerca nos fundos, eu não me importava. E ela também não. Ela dá muita importância a essa cerca; precisa cair com muito cuidado. Acho que só um entre mil meninos, talvez dois mil, seria capaz de cair essa cerca do jeito que precisa ser caiada.

— Não diga! É mesmo? Ora, vamos, deixe-me tentar. Só um pouco. Eu deixaria se fosse você, Tom.

— Ben, eu bem que gostaria, palavra de honra, mas a tia Polly... bem, o Jim também quis cair, mas ela não deixou. O Sid queria também, e ela não deixou nem o Sid. Você entende minha responsabilidade? Se você se encarregar dessa cerca e qualquer coisa acontecer com ela...

— Ora bolas, eu vou tomar cuidado. Deixe-me tentar. Eu te dou o miolo da minha maçã.

— Bem, tome... Não, Ben, agora não. Estou com medo.

— Eu te dou a maçã inteira!

Tom cedeu a brocha com relutância no semblante, mas com alegria no coração. Enquanto o vapor Big Missouri trabalhava e suava ao sol, o artista aposentado se sentou no barril à sombra, balançando as pernas, devorando a maçã e planejando o massacre de mais inocentes. Material era o que não faltava. Os meninos apareciam de quando em quando, iam zombar, mas acabavam caindo a cerca. Quando Ben ficou exausto, Tom já havia trocado a próxima vez de cair com Billy Fisher por uma pipa de papel de seda em boas condições. Quando Billy acabou, Johnny Miller comprou a brocha por um rato morto e um barbante para girar o rato no ar — e assim por diante, sucessivamente, uma hora cada um.

No meio da tarde, Tom havia passado de um menino que, pela manhã, era pobre a outro que nadava em riqueza. Ele tinha, além das coisas já mencionadas, doze bolas de gude, uma parte de um berimbau de boca, um pedaço de vidro de garrafa azul para olhar através dele, um canhão de carretel, uma chave que abria qualquer fechadura, um toco de giz, uma rolha de vidro de um decantador, um soldadinho de chumbo, dois girinos, seis bombinhas de fogos de artifício, um gatinho com um olho só, uma maçaneta de latão, uma coleira de cachorro — mas sem cachorro —, o cabo de uma faca, quatro pedaços de casca de laranja e o batente de uma velha janela caindo aos pedaços.

Ele se divertiu bastante durante todo aquele tempo, cheio de companhias, e a cerca ficou com três demãos de cal. Se a cal não tivesse acabado, teria levado à bancarrota todos os meninos da vila.

Tom pensou consigo mesmo que o mundo, afinal, não era tão vazio. Ele havia aprendido uma grande lei da ação humana, sem saber disso: que, para fazer um homem ou um menino cobiçar algo, só é necessário tornar a coisa difícil de obter. Se fosse um grande e sábio filósofo, como o escritor deste livro, teria compreendido que trabalhar consiste em qualquer coisa que o corpo é obrigado a fazer e que brincar consiste em tudo aquilo que o corpo não é obrigado a fazer. Isso ajudaria Tom a entender por que construir flores artificiais ou operar um moinho era trabalho, enquanto jogar boliche ou escalar o monte Branco era só diversão. Há ricos cavalheiros na Inglaterra que dirigem carruagens de quatro cavalos, levando passageiros por vinte ou trinta milhas diariamente no verão, e esse privilégio lhes custa um dinheiro considerável. Mas, se lhes oferecessem

salários pelo serviço, essa atividade se transformaria em trabalho, e assim eles desistiriam.

O menino ficou algum tempo contemplando a mudança substancial que ocorrera em suas circunstâncias materiais e depois seguiu em direção ao quartel-general para fazer seu relatório.

3.

Tom se apresentou diante da tia Polly, que estava sentada próximo à janela aberta em seu agradável barração dos fundos, que era uma combinação de quarto, sala de café, de jantar e biblioteca. O ar ameno do verão, o silêncio repousante, o odor das flores e o sonolento murmúrio das abelhas haviam exercido seu efeito, fazendo-a pegar no sono e cabecear sobre o tricô. Ela não tinha outra companhia além do gato, que dormia em seu colo. Seus óculos estavam posicionados no alto da cabeça grisalha, por segurança. Ela achava que Tom tivesse abandonado o trabalho havia tempo e se espantou ao vê-lo ali à sua disposição, outra vez, com seu jeito intrépido. Ele disse:

— Será que agora posso brincar, tia?

— Mas já? Quanto você já caiu?

— Já caiei tudo, tia.

— Tom, não minta para mim. Não tolero mentira.

— Não estou mentindo, tia. Já está pronto.

Tia Polly não confiou muito e foi ver com os próprios olhos. Ela já teria ficado satisfeita se vinte por cento do que Tom dissera fosse verdade. Ao descobrir que a cerca inteira estava caiada e recaída, até com uma faixa branca a mais acrescentada ao chão, seu espanto foi quase indizível. Ela se espantou.

— Nunca imaginei! Sem nenhuma artimanha! Você é capaz de trabalhar quando se dedica, Tom. — Ela diluiu o elogio, acrescentando. — Mas é incrivelmente raro você se dedicar a alguma coisa, devo admitir. Bem, vá brincar. Mas não desapareça por uma semana, senão arranco seu couro.

A tia ficou tão extasiada com o esplendor do trabalho do sobrinho que o levou até a despensa, escolheu uma maçã especial e lhe entregou, pregando-lhe um sermão edificante sobre o valor e o sabor adicionais de uma recompensa

recebida sem ser oriunda do pecado, mas do esforço virtuoso. Enquanto encerrava com um feliz floreio bíblico, Tom “surrupiou” uma rosquinha.

Logo depois, ele saiu e viu Sid no alto da escada externa que levava aos cômodos dos fundos no segundo andar. Tinha torrões de terra à mão e deixou o ar cheio deles num piscar de olhos. Os torrões estouraram em volta de Sid como uma tempestade de granizo. Antes que tia Polly pudesse se recuperar da surpresa e correr para acudi-lo, seis ou sete torrões de terra atingiram o alvo. Tom pulou a cerca e sumiu. Havia um portão, mas em geral ele estava com o tempo muito apertado para usá-lo. Sua alma estava em paz, agora que ele acertara as contas com Sid.

Tom contornou o quarteirão e chegou a uma viela barrenta que levava aos fundos do estábulo da tia. Ali estava a salvo de perseguidores e algozes. Foi correndo até a praça da vila, onde duas companhias “militares” de meninos se encontravam para combater, conforme marcado com antecedência. Tom era o general de um desses exércitos; Joe Harper, um de seus melhores amigos, o general do outro. Esses dois grandes comandantes não concordariam em lutar pessoalmente, o que cabia melhor aos meninos menores, mas se sentavam juntos num promontório e conduziam as operações de campo por meio de ordens enviadas por um *aides-de-camp*. O exército de Tom conquistou uma grande vitória, após longa e acirrada batalha. Então, os mortos foram contados; os prisioneiros, trocados; os termos da próxima desavença, acordados; e o dia da necessária batalha, definido. Depois disso, os exércitos se perfilaram e foram embora marchando. Tom voltou para casa sozinho.

Ao passar pela casa onde morava Jeff Thatcher, viu uma menina nova no jardim, uma adorável criaturazinha de olhos azuis com cabelos louros, duas longas tranças, vestido branco de verão e pantaleta bordada. O herói recém-coroadado caiu sem que nenhum tiro fosse disparado. Uma certa Amy Lawrence desapareceu de seu coração e não deixou nem lembrança para trás. Ele achava que a amava loucamente, considerava sua paixão uma adoração, mas agora via se tratar de mera parcialidade evanescente. Tom vinha tentando conquistá-la havia meses, havia aberto seu coração para ela e era o menino mais feliz e orgulhoso do mundo havia breves sete dias. Mas ali, naquele instante, Amy sumia de seu coração como se fosse uma visita casual.

Tom idolatrou aquele novo anjo com olhares furtivos, até se dar conta de que ela o notara. Então, fingiu não a ver e começou a se exhibir, com todo tipo de meninice, a fim de conquistar sua admiração. Ele continuou com aquela tolice grotesca por algum tempo. A certa altura, quando estava em meio a uma perigosa performance ginástica, olhou de lado e viu que a menina estava indo embora para casa. Tom chegou até a cerca e se apoiou, lamentando, porque imaginava que ela fosse ficar mais um pouco. Soltou um longo suspiro quando a garota pisou no umbral da entrada, mas seu semblante logo se iluminou, pois ela atirou um amor-perfeito sobre a cerca um momento antes de desaparecer.

O menino deu a volta correndo, parou a meio metro da flor, cobriu os olhos com a mão e começou a olhar para a rua como se tivesse visto algo interessante naquela direção. Em seguida, pegou uma palha e começou a tentar equilibrá-la no nariz, com a cabeça bem inclinada para trás. Conforme se mexia para os lados, foi se aproximando cada vez mais do amor-perfeito. Enfim, seu pé descalço parou sobre a flor. Ele a pinçou com os dedos, foi embora saltitando com o tesouro e sumiu virando a esquina. Mas isso durou apenas um minuto, o tempo de ele prender a flor por dentro da jaqueta, junto ao coração — ou junto ao estômago, talvez, tendo em vista que não era muito bom de anatomia nem muito crítico.

Ele retornou e ficou parado perto da cerca até anoitecer, “exibindo-se”, como antes, mas a menina não apareceu mais, embora Tom tenha se consolado um pouco com a esperança de que ela estivesse perto da janela, ciente da presença dele. Enfim, voltou a passos relutantes para casa, com a pobre cabeça cheia de ideias.

Durante todo o jantar, seu humor estava tão bom que sua tia se perguntou o que teria acontecido com aquele menino. Tom levou uma boa bronca por ter jogado torrões de terra em Sid, mas pareceu não dar importância alguma. Tentou roubar açúcar bem debaixo do nariz da tia e levou um tapa na mão por isso. Resmungou:

— Tia, a senhora não bate no Sid quando ele pega.

— Bem, o Sid não me atormenta como você. Você não largaria esse açucareiro se eu não ficasse vigiando.

Ela entrou na cozinha, e Sid, feliz com sua imunidade, pegou o açucareiro, tripudiando de Tom a um ponto quase insuportável. Mas os dedos de Sid escorregaram, e o açucareiro caiu e se quebrou. Tom ficou em tamanho êxtase que até conseguiu controlar a língua e ficou calado. Disse a si mesmo que não falaria nada, mesmo quando a tia voltasse, e que ficaria sentado até ela perguntar quem havia feito aquilo. Nesse caso, contaria tudo, e não haveria nada tão bom no mundo quanto ver aquele menino exemplar “levar a dele”. Estava tão transbordante de exultação que mal conseguiu se segurar quando a velha senhora voltou e parou diante do estrago, lançando faíscas pelos óculos. Disse para si mesmo: “Agora quero ver.” No instante seguinte, estava estatelado no chão. A poderosa palma estava erguida para bater outra vez quando ele gritou:

— Espere aí! Por que você está me batendo? Foi o Sid que quebrou!

Tia Polly fez uma pausa, perplexa, e Tom esperou uma compaixão redentora. Mas quando ela retomou a palavra, simplesmente disse:

— Bem, você não apanhou à toa, de qualquer forma. Muito provavelmente você cometeu alguma má-criação audaciosa quando eu não estava.

Depois a consciência da tia a censurou e ela quis dizer algo gentil e amoroso, mas julgou que isso seria interpretado como uma confissão de que havia errado, algo que a disciplina proibia. Assim, continuou em silêncio, com seus afazeres e o coração pesado. Tom ficou tristonho no canto e exaltado em sua dor. Sabia que, no coração da tia, ela estava ajoelhada diante dele, e ficou grato por isso, ainda que não demonstrasse. Tinha consciência de que o olhar ansioso da tia pairava de quando em quando sobre ele, por trás de olhos marejados, mas se recusou a reconhecer isso. Imaginou-se no próprio leito de morte, com a tia ajoelhada ao seu lado, à espera de uma palavra de perdão, mas ele viraria o rosto para a parede e morreria sem dizer nada. Ah, como ela se sentiria?! Ele se imaginou sendo retirado morto do rio e levado para casa, com os cachos molhados e o coração magoado em paz. Como ela se lançaria sobre ele! Como suas lágrimas jorriam como a chuva e seus lábios rezariam a Deus pedindo seu menino de volta, dizendo que ela nunca mais abusaria dele! Mas ele ficaria ali deitado, frio e branco, sem dar nenhum sinal, um pobre menino sofredor cujos sofrimentos teriam fim. Tom forçou tanto seus sentimentos que precisou respirar, porque estava prestes a sufocar. Seus olhos ficaram cheios d’água e

transbordaram quando ele piscou, fazendo lágrimas escorrerem e pingarem da ponta do nariz.

Sentiu tamanha delícia ao se refestelar nas próprias tristezas que não teria suportado a intromissão de nenhuma alegria mundana ou prazer conflitante naquele momento. Era algo sagrado demais para esse tipo de contato. Quando sua prima Mary entrou dançando, feliz por voltar para casa após a eternidade de uma semana no campo, Tom se levantou e saiu por uma porta, debaixo de nuvens e escuridão, enquanto ela trazia música e sol pela outra.

O menino vagou para muito longe de onde os outros garotos costumavam ir e buscou locais desolados, mais em harmonia com seu espírito. Uma jangada de troncos o convidou a embarcar. Sentou-se na borda externa e contemplou a lúgubre vastidão do riacho, desejando morrer afogado, ao mesmo tempo e inconscientemente, sem ter que passar por toda a desconfortável rotina inventada pela natureza.

Então ele pensou em sua flor. Tirou-a da jaqueta, amassada e murcha, o que aumentou bastante sua triste felicidade. Imaginou se ela teria pena dele se soubesse, se choraria e desejaria ter o direito de abraçá-lo e consolá-lo. Ou se lhe daria as costas como todo aquele mundo vazio. Essa imagem lhe trouxe uma agonia de sofrimento tão prazerosa que a ficou repetindo nos pensamentos, a cada vez sob novas formas e luzes variadas, até desgastá-la. Enfim, levantou-se suspirando e sumiu no escuro.

Às nove e meia, dez horas, apareceu na rua deserta onde a Adorada Desconhecida morava. Parou por um momento. Nenhum som chegou a seus ouvidos atentos. Uma vela lançava um brilho difuso na cortina de uma janela do andar de cima. Estaria ali a sagrada presença? Escalou a cerca e se esgueirou entre as plantas, até chegar embaixo daquela janela. Encarou-a por um longo tempo e com emoção. Depois, deitou-se no chão embaixo dela, de costas, com as mãos entrelaçadas no peito e segurando a pobre flor murcha. Assim ele morreria: ao relento, no mundo gelado, sem teto sobre sua cabeça de menino de rua, sem mão amiga para enxugar os suores da morte de sua testa, sem rosto amoroso a se debruçar sobre ele com pena quando a grande agonia viesse. E assim ela o veria ao olhar pela janela na manhã alegre. Será que deixaria cair uma lagrimazinha sobre seu pobre corpo sem vida? Será que soltaria um suspirozinho ao ver uma

jovem vida brilhante tão rudemente abatida, tão intempestivamente interrompida?

A janela se abriu, a voz de uma empregada contrariada profanou a calma sagrada e um dilúvio de água encharcou os restos mortais do jovem mártir!

O herói sufocado se levantou com um espirro de alívio. Houve um zunido como o de um míssil no ar, mesclado ao murmúrio de um xingamento. Um som como o de vidro estilhaçado se seguiu e um vulto pequeno, vago, pulou a cerca e desapareceu na escuridão.

Não muito depois, quando Tom, já despido para se deitar, vasculhava os trajes encharcados à luz de um toco de vela, Sid acordou. Mas, se tinha a intenção de fazer qualquer “referência ou alusão”, pensou melhor e ficou quieto, pois havia perigo nos olhos de Tom, que adormeceu sem se dar ao incômodo extra de rezar, omissão da qual Sid, mentalmente, tomou nota.

4.

O sol nasceu tranquilo e raiou sobre a pacata vila feito uma bênção. Depois do café da manhã, tia Polly fazia um louvor em família que começava com uma oração e ia crescendo até se tornar um sólido sermão recheado de citações das Escrituras, cimentado com uma massa fina de originalidade. No auge, declamava um capítulo soturno da Lei Mosaica, como se estivesse no alto do Sinai.

Tom, por assim dizer, apertou o cinto e foi trabalhar em “seus versículos”. Sid já havia aprendido os seus dias antes. Tom depositou todas as suas energias em decorar cinco versículos e escolheu uma parte do Sermão da Montanha, já que em nenhuma outra os versículos eram tão curtos. Ao fim de meia hora, tinha uma vaga ideia do que deveria decorar, não mais do que isso, afinal seus pensamentos atravessavam todo o campo do intelecto humano e suas mãos estavam ocupadas com recreações que o distraíam. Mary pegou seu livro para ouvi-lo recitar, e ele tentou encontrar seu caminho através do nevoeiro:

— Bem-aventurados os...

— Pobres...

— Sim, pobres. Bem-aventurados os pobres...

— De espírito.

— De espírito. Bem-aventurados sejam os pobres de espírito, pois eles... eles...

— Deles...

— Pois deles... Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o reino do céu. Bem-aventurados aqueles que choram, pois eles... eles...

— Ser...

— Pois eles se...

— S, E, R..

— Pois eles S, E... Oh, não sei o que é!

— Serão!

— Oh, serão! Pois eles serão, pois eles serão, serão chor... Aventurados eles serão. Eles, que... chorarão. Pois eles serão... Serão o quê? Por que você não diz logo, Mary? Por que tem que ser tão cruel?

— Oh, Tom, seu cabecinha-dura, não estou provocando. Eu não faria isso. Você precisa voltar e decorar. Não desanime, você vai dar um jeito. Se você conseguir, vou te dar uma coisa linda. Pronto! Bom menino.

— Está bem! O que é, Mary? Diga o que é.

— Não se preocupe, Tom. Você sabe que, se eu disse que é uma coisa linda, é uma coisa linda.

— Pode apostar que é verdade, Mary. Tudo bem, vou atacar de novo.

E ele “atacou de novo”. Sob a dupla pressão da curiosidade e da perspectiva de ganhos, atacou com tanto espírito que obteve um reluzente sucesso. Mary lhe deu um canivete Barlow novo em folha e uma moeda de meio centavo, e o menino tremeu dos pés à cabeça de felicidade. O canivete não cortava nada, mas era um Barlow “legítimo”, e havia uma grandiosidade inconcebível nesse fato, embora seja um mistério saber de onde os meninos do Oeste tiraram essa ideia de que tal arma pudesse ser falsificada. Talvez permaneça um mistério para sempre.

Tom conseguiu arranhar o armário da cozinha com o canivete e estava começando a fazer o mesmo no armário da sala quando foi chamado para se vestir e ir à escola dominical. Mary lhe deu uma tina de lata cheia de água e uma barra de sabão. Ele saiu pela porta, pôs a tina no banquinho do lado de fora, mergulhou o sabão na água e se abaixou, arregaçou as mangas, derramou a água no chão delicadamente, entrou na cozinha e começou a enxugar o rosto com entusiasmo na toalha atrás da porta. Mas Mary puxou a toalha e ralhou:

— Ora, Tom, você não tem vergonha?! Não seja tão malcriado. Água não machuca.

Tom ficou um pouco desconcertado. A tina foi novamente enchida de água, e dessa vez ele ficou um pouco mais de tempo ali parado, tomando coragem, até que respirou fundo e começou. Ao entrar na cozinha com os dois olhos fechados e tateando em busca da toalha com as mãos, um honroso testemunho de bolhas e água gotejava de seu rosto. Mas, quando emergiu da toalha, ainda não estava

satisfatório, porque o território limpo parava em seu queixo e sua mandíbula, como se estivesse de máscara. Além daquela linha havia uma vastidão escura de terra não irrigada que se estendia para baixo, na frente e atrás do pescoço. Mary o pegou pela mão. Quando terminou, ele era outra vez um homem e um irmão, sem distinção de cor. Seu cabelo denso estava caprichosamente escovado; os cachos curtos, ressaltados num efeito geral delicado e simétrico.

(Ao ficar sozinho, Tom alisou os cachos com empenho e dificuldade, emplastrando o cabelo rente à cabeça. Ele achava os cachos um tanto efeminados, motivo para encher sua vida de amargura.)

Depois Mary tirou do armário dele um paletó que nos últimos dois anos só fora usado aos domingos e ao qual ele se referia como sua “outra roupa”. Assim, ficamos sabendo o tamanho de seu guarda-roupa. A menina “o deixou arrumado” depois que ele se vestiu: abotoou o paletó até em cima, virou a imensa gola da camisa sobre os ombros, escovou-o e coroou-o com um chapéu de palha mosqueado. Parecia extremamente melhorado e incomodado. Havia algo nas roupas e na limpeza que o deixava contrariado. Esperava que Mary esquecesse seus sapatos, mas ela os cobriu de sebo, como era costume, e os trouxe. Tom perdeu a paciência e disse que era sempre obrigado a fazer tudo o que não queria. Mary clamou, persuasiva:

— Por favor, Tom. Pronto! Bom menino.

Ele calçou os sapatos, rosnando. Mary logo ficou pronta, e as três crianças saíram para a escola dominical, que Tom odiava do fundo do coração. Sid e Mary gostavam.

A lição de catecismo ia das nove às dez e meia, seguida de missa. Duas das crianças ficavam voluntariamente para o sermão e o outro sempre precisava ficar também, por motivos de força maior. Os bancos de encosto alto, sem estofamento, da igreja acomodavam cerca de trezentas pessoas. O edifício era muito pequeno e simples, com uma espécie de caixa de pranchas de pinho no alto, à guisa de campanário. À porta, Tom deu um passo atrás e se aproximou de um camarada em trajes domingueiros:

— Ei, Billy, você tem um bilhete amarelo?

— Tenho.

— O que quer por ele?

- O que você me dá?
- Um pedaço de alçaçuz e um anzol.
- Deixa eu ver.

Tom mostrou. Foi satisfatório, e a propriedade trocou de mãos. Depois Tom trocou duas bolas de gude brancas por três bilhetes vermelhos e uns poucos trocados ou coisa que o valha por um par de bilhetes azuis. Ele abordou outros meninos no caminho e continuou comprando bilhetes de várias cores por mais dez ou quinze minutos. Entrou na igreja, que estava repleta de crianças limpas e ruidosas, foi até seu banco e começou a brigar com o primeiro menino que apareceu. O professor, um homem sério e idoso, interveio. Depois virou de costas por um momento, no que Tom puxou o cabelo do menino no banco vizinho e fingiu estar concentrado em seu livro quando o menino se virou. Em seguida, espetou outro menino com um alfinete e levou outra bronca do professor. A classe inteira de Tom era de um mesmo padrão de meninos: inquietos, barulhentos e baderneiros. Quando chegou a hora de cada um recitar seus versículos, nenhum deles sabia perfeitamente e precisaram ser ajudados o tempo inteiro. No entanto, mesmo com dificuldade, foram até o fim e receberam uma recompensa na forma de pequenos bilhetes azuis, cada um com uma passagem das Escrituras, o pagamento por dois versículos recitados. Dez bilhetes azuis equivaliam a um bilhete vermelho, pelo qual podiam trocar; dez bilhetes vermelhos equivaliam a um amarelo; por dez bilhetes amarelos, o superintendente dava uma Bíblia encadernada bastante comum à criança, que custava quarenta centavos na época. Quantos dos meus leitores teriam o expediente e a aplicação para decorar dois mil versículos, mesmo que fosse em troca de uma Bíblia de Doré? No entanto, Mary ganhara duas Bíblias assim — fruto do trabalho paciente de dois anos —, e um menino filho de alemães havia ganhado quatro ou cinco. Tal menino, certa vez, recitou três mil versículos sem parar. Mas o esforço foi demais para suas faculdades mentais, e desse dia em diante ele ficou pouco melhor que um idiota, uma lamentável fatalidade para a escola, já que nos grandes eventos, diante de todos, o superintendente, como Tom dizia, sempre mandava o menino “se exhibir”.

Só os alunos mais velhos conseguiram guardar seus bilhetes e continuar o tedioso trabalho por tempo suficiente para ganhar a Bíblia, daí a entrega de um

desses prêmios ser uma circunstância rara e notável. O aluno bem-sucedido ficava tão importante e famoso naquele dia que todos os outros sentiam o coração arder com uma nova ambição que geralmente durava duas semanas. É possível que Tom nunca tenha desejado tais prêmios, mas todo o seu ser, por muitos dias, ansiava pela glória e pelo brilho que o prêmio trazia. No momento devido, o superintendente se ergueu na frente do púlpito e, com um hinário fechado na mão e o indicador enfiado entre as páginas, pediu atenção. Quando um superintendente de escola dominical faz seu discursozinho de costume, um hinário na mão é tão necessário quanto a inevitável página de música na mão de um cantor que se posta diante de um atril e canta um concerto solo, ainda que não se saiba o porquê, tendo em vista que nem o hinário nem a página de música são consultados pelo intérprete.

O superintendente era uma criatura esguia de trinta e cinco anos, com cavanhaque e cabelos curtos aloirados. Usava um colarinho alto engomado, cuja borda superior quase lhe chegava às orelhas e pontas agudas se curvavam tal e qual os cantos de sua boca, uma espécie de cerca que obrigava a um olhar reto, para a frente, e um giro completo do corpo quando queria olhar para os lados. Seu queixo ficava apoiado numa gravata larga, de ponta franjada. Os bicos de suas botas eram virados para cima, moda na época, como dois trenós — efeito pacientemente bem produzido pelos rapazes que se sentavam com os bicos das botas pressionados contra uma parede durante horas a fio.

O sr. Walters tinha um semblante franco, um coração sincero e honesto. Tinha enorme reverência pelas coisas e pelos lugares sagrados, separando-os tanto das questões materiais que, de modo inconsciente, sua voz na escola dominical adquiria uma entonação peculiar, ausente nos dias de semana. Ele começou da seguinte maneira:

— Ora, crianças, quero que vocês todos se levantem, fiquem bem aprumados, bonzinhos, e me deem toda a atenção por um ou dois minutos. Pronto! Assim está melhor. É dessa forma que bons meninos e meninas fazem. Estou vendo uma garotinha olhando pela janela. Será que ela pensa que estou lá fora, talvez no alto daquelas árvores, fazendo um sermão aos passarinhos? (Risos de aprovação.) Quero lhes contar como me sinto bem ao ver tantos rostinhos brilhantes, limpos, reunidos aqui, aprendendo a fazer o certo e a serem bons.

E assim prosseguiu, sucessivamente. Não é necessário transcrever o restante do sermão. Era um padrão que não variava, familiar a todos nós.

O terço final foi marcado pela retomada das brigas e por outras brincadeiras entre alguns dos meninos bagunceiros, bem como por agitação e sussurros que se estenderam por toda parte, incluindo os incorruptíveis Sid e Mary. Mas, de repente, todos os sons cessaram com a precipitação da voz do sr. Walters, e a conclusão do discurso foi recebida com uma explosão de gratidão silenciosa.

Boa parte dos sussurros havia sido ocasionada por um acontecimento mais ou menos raro, a entrada do advogado Thatcher, acompanhado por um homem muito frágil e velho; de um cavalheiro distinto, corpulento, de meia-idade e cabelos grisalhos; e de uma senhora muito digna que, sem dúvida, era esposa desse último. A senhora trazia uma criança. Tom estava irritado e descontente, com a consciência pesada. Não podia cruzar olhares com Amy Lawrence, pois não suportaria seu olhar amoroso. Mas, ao ver a pequena recém-chegada, sua alma se inflamou de êxtase no mesmo instante. No momento seguinte, já estava “se exibindo” com todas as suas forças, dando tapas em meninos, puxando cabelos, fazendo caretas — em suma, usando todas as artes que parecessem capazes de fascinar uma menina e conquistar seu aplauso. Sua exaltação tinha um único porém: a lembrança de sua humilhação no jardim daquele anjo, e essa marca na areia estava rapidamente sendo lavada pelas ondas de felicidade que agora lhe passavam por cima.

Os visitantes foram levados ao lugar de honra mais alto. Assim que o sermão do sr. Walters terminou, ele foi lhes mostrar a escola. O senhor de meia-idade se revelou um personagem prodigioso, ninguém menos do que o juiz do condado, quase a criatura mais augusta em quem aquelas crianças já haviam posto os olhos. Elas se perguntavam de que tipo de matéria ele seria feito. Se, por um lado, desejavam ouvi-lo rugir, por outro, tinham medo de que ele o fizesse.

Ele era de Constantinople, a doze milhas dali, de modo que viajara e vira o mundo. Aqueles olhos haviam visto o tribunal do condado, que diziam ter telhado de zinco.

A reverência que essas reflexões inspiraram foi atestada pelo impressionante silêncio e pelas fileiras de olhos arregalados. Aquele era o grande juiz Thatcher, irmão do advogado da vila. Jeff Thatcher logo se aproximou, para mostrar

familiaridade com o grande homem e ser invejado pela escola inteira. Seria música para sua alma ouvir os sussurros:

— Olha só para ele, Jim! Ele está indo lá. Nossa! Olha só! Ele vai dar a mão para ele. Está apertando a mão dele! Jesus, você não queria ser o Jeff?

O sr. Walters também começou a “se exhibir”, com todo tipo de movimentos e atividades oficiais, dando ordens, emitindo juízos, despachando orientações aqui e ali, onde quer que encontrasse um alvo. O bibliotecário também quis “se exhibir”, correndo para lá e para cá cheio de livros, gaguejando e se atrapalhando, bem ao gosto das autoridades empoladas. As professoras moças “se exibiram” inclinando-se delicadamente sobre os alunos que até então espancavam, erguendo belos dedinhos de advertência para os bagunceiros e dando tapinhas amorosos nos bonzinhos. Os professores rapazes “se exibiram” com bronquinhas e outras pequenas demonstrações de autoridade e boa atenção à disciplina. A maioria dos professores, de ambos os sexos, arrumara o que fazer na biblioteca, diante do púlpito — afazeres que muitas vezes precisavam ser refeitos duas ou três vezes —, aparentando muita contrariedade. As meninas “se exibiram” de várias formas, enquanto os meninos “se exibiram” com tamanho empenho que o ar ficou denso de pedaços de papel e murmúrios de discussões. Acima de tudo, o grande homem ficou sentado com seu majestoso sorriso judicial sobre toda a casa, aquecendo-se ao sol de sua própria grandeza, haja vista que também ele estava “se exibindo”.

Só faltava uma coisa para tornar o êxtase do sr. Walters completo: a oportunidade de entregar uma Bíblia como prêmio e exhibir um prodígio. Diversos alunos tinham alguns bilhetes amarelos, mas nenhum tinha o suficiente. Ele havia passado entre os melhores alunos perguntando, e daria tudo agora para ter aquele alemãozinho de volta com a cabeça no lugar.

Nesse momento, quando a esperança estava morta, Tom Sawyer se aproximou com nove bilhetes amarelos, nove bilhetes vermelhos, dez azuis e pedindo uma Bíblia. Isso caiu como um raio em céu azul. Walters não esperava uma solicitação de tal procedência pelos próximos dez anos, mas não havia como tergiversar. Ali estavam os bilhetes certificados, com seu valor nominal. Tom foi levado a um lugar com o juiz e os outros eleitos, e a grande notícia, anunciada do alto-comando. Foi a surpresa mais espantosa da década, causando sensação tão

profunda que alçou o novo herói àquela altitude judicial. A escola teve dois portentos para contemplar em vez de apenas um. Os meninos ficaram roídos de inveja, mas os que sofreram as pontadas mais doídas foram os que perceberam tarde demais que eles mesmos haviam contribuído para aquele esplendor odioso ao trocar bilhetes com Tom pela riqueza que amealhara vendendo privilégios de caiação.

Sentiram-se irritados por terem sido vítimas de uma fraude astuciosa, de uma maligna serpente oculta na relva.

O prêmio foi entregue a Tom com o máximo de efusão que o superintendente conseguiu extrair em tais circunstâncias. Mas lhe faltou um pouco de genuíno entusiasmo, pois o instinto do pobre sujeito lhe dizia que ali havia um mistério que talvez não se sustentasse à luz do dia. Era absurdo que aquele menino tivesse guardado dois mil versículos da sabedoria das Escrituras sob sua gestão. Uma dúzia já seria demais para ele, sem dúvida.

Amy Lawrence ficou orgulhosa, contente, e tentou fazer Tom perceber isso em seu semblante. Mas ele não a encarou. Ela ficou intrigada, depois preocupada e, em seguida, desconfiada, o que logo passou. Ela se pôs atenta, com olhar furtivo. Seu coração se partiu, e então sentiu ciúme e raiva. Lágrimas caíram de seus olhos, e ela odiou todo mundo, sobretudo Tom — pensou.

Tom foi apresentado ao juiz, mas sua língua ficou travada. Mal tinha fôlego. Seu coração disparou — em parte devido à terrível grandeza do homem, mas em particular porque era pai dela. Ele teria se ajoelhado e idolatrado o sujeito, caso estivesse escuro. O juiz pôs a mão na cabeça de Tom, disse-lhe que era um rapazinho distinto e perguntou seu nome. O menino gaguejou engasgou e soltou:

— Tom.

— Oh, não. Tom, não. É...

— Thomas.

— Ah, agora, sim. Imaginei que não fosse apenas Tom. Muito bem. Mas você deve ter um outro. Você vai me dizer seu nome completo, não?

— Diga ao cavalheiro seu sobrenome, Thomas — exigiu Walters. — E o chame de senhor. Não esqueça as boas maneiras.

— Thomas Sawyer, senhor.

— Isso mesmo! Você é um bom menino. Um menino de valor. Um bom rapazinho de valor. Dois mil versículos é muita coisa. Muita, muita coisa mesmo. E o trabalho que teve para decorar valeu a pena, pois o conhecimento é a coisa mais valiosa do mundo, é o que forma os grandes homens e os homens bons. Um dia você vai ser um grande homem e um homem bom também, Thomas, e vai poder olhar para trás e dizer: “Devo tudo ao precioso privilégio da escola dominical da minha infância; aos meus queridos professores, que me ensinaram a decorar; ao bom superintendente, que me estimulou, cuidou de mim e me deu uma linda Bíblia, esplêndida e elegante, para guardar e ser minha para sempre. Devo tudo à boa criação que tive!” Eis o que você vai dizer, Thomas. Você não trocaria esses dois mil versículos por nenhum dinheiro do mundo. Não, não trocaria. E agora você não se incomodaria de me dizer alguma coisa que decorou — tenho certeza de que não vai se incomodar —, pois temos orgulho de meninos que decoram. Ora, sem dúvida você sabe os nomes dos doze apóstolos. Poderia nos dizer os nomes dos dois primeiros?

Tom estava morrendo de vergonha. Ficou corado e baixou os olhos. O coração do sr. Walters afundou dentro do peito, sem acreditar que ele não soubesse responder a uma pergunta tão simples. Por que o juiz havia perguntado isso? No entanto, sentiu-se obrigado a falar alguma coisa.

— Responda ao cavalheiro, Thomas. Não tenha medo.

Tom continuava envergonhado.

— Agora, sei que você sabe — disse a senhora. — Os dois primeiros apóstolos foram...

— Davi e Golias!

O restante da cena não precisa ser contado.

5.

Por volta das dez e meia, o sino rachado da igrejinha começou a badalar, e o povo começou a se reunir para o sermão da manhã. As crianças da escola dominical se distribuíram pela casa e ocuparam os bancos com os pais, de modo a ficarem sob sua supervisão. Tia Polly chegou, e Tom, Sid e Mary se sentaram com ela. Tom se sentou no corredor, para que pudesse ficar o mais longe possível da janela aberta e dos sedutores cenários do verão lá fora.

A multidão lotou os corredores: o velho e exigente agente do correio, que já vira melhores dias; o prefeito e a esposa — tinham prefeito por lá, entre outras coisas supérfluas; o juiz de paz; a viúva Douglas, bela, sagaz e quarentona, uma alma generosa, de bom coração e bem de vida, dona do único palacete da cidade, a mais hospitaleira e farta em termos de festividades de que St. Petersburg poderia se gabar; o curvado e venerável Major e a sra. Ward; o advogado Riverson, nova celebridade da região; ao lado, a beldade da vila, seguida por uma tropa de jovens destruidoras de corações em vestidos de algodão com fitas; depois, todos os jovens funcionários da cidade unidos — pois tinham ficado no vestíbulo chupando o castão das próprias bengalas, uma parede circular de admiradores emplastrados e risonhos, até que a última garota passasse pelo corredor que formavam; por último, veio o Menino Exemplar, Willie Mufferson, tomando um cuidado tão extremo com a mãe que era como se ela fosse de vidro. Ele sempre a levava à igreja e era o orgulho de todas as matronas. Os meninos todos o odiavam porque ele era bom demais. Além do mais, era sempre “usado como exemplo contra eles”. Seu lenço branco ficava aparecendo no bolso de trás, como sempre aos domingos — acidentalmente. Tom não tinha lenço e achava esnobes os meninos que tinham.

Com a congregação totalmente reunida, o sino tocou mais uma vez, para avisar aos relapsos e atrasados, e um silêncio solene se formou na igreja, só rompido

por cochichos do coro na galeria. O coro sempre ficava cochichando e sussurrando durante todo o serviço. Já houve um coro de igreja que não era mal-educado, mas me esqueci de onde era. Faz muitos e muitos anos, não consigo lembrar alguma coisa a respeito dele, mas acho que era num país estrangeiro.

O ministro começou o hino, lendo-o inteiro com gosto, num estilo peculiar muito admirado naquela parte do país. Sua voz começou em tom médio e foi subindo aos poucos até atingir certa altura, em que permaneceu com forte ênfase na palavra mais aguda, de onde mergulhou na sequência como de um trampolim:

*Devo ser levado ao céu
Em flóridos campos de paz,
Enquanto outros lutam pelo troféu
Em mares de sangue fatais...*

Ele era considerado um leitor magnífico. Nos eventos “sociais”, era sempre chamado para ler poesia. Ao terminar, as mulheres ergueram as mãos, deixaram-nas cair desamparadas no colo, “cobriram” os olhos e balançaram a cabeça, como se dissessem: “Não há palavras capazes de expressar isso. É bonito demais, bonito DEMAIS para este mundo mortal.”

Depois de cantado o hino, o reverendo Sprague se virou para uma tabela a fim de ler “avisos” de reuniões, eventos sociais e coisas assim. Parecia que a lista se estenderia até o fim do mundo. É um estranho costume ainda presente nos Estados Unidos, mesmo nesta era abundante de jornais. No mais das vezes, quanto menos justificável for um costume tradicional, mais difícil é se livrar dele.

O pastor fez sua oração, uma boa oração, generosa e cheia de detalhes. Pedia pela igreja, pelas criancinhas da igreja, pelas outras igrejas da vila, pela vila em si, pelo país, pelo estado, pelos oficiais do estado; pelas igrejas do país; pelo Congresso; pelo presidente; pelos funcionários do governo; pelos pobres marinheiros, lançados em mares bravios; pelos milhões de oprimidos que gemiam sob o jugo de monarquias europeias e despotismos orientais; por aqueles que estavam diante da luz e da boa-nova, mas não tinham olhos para ver nem ouvidos para escutar; pelos pagãos das ilhas remotas do oceano. Encerrou com uma súplica para que as palavras que proferia encontrassem a graça, o

favor, e fossem como sementes lançadas em terra fértil, que dariam com o tempo uma bem-vinda colheita de bondade. Amém.

Houve um farfalhar de vestidos, e a congregação, que estava de pé, se sentou. O menino cuja história este livro relata não gostou da oração; apenas a suportou calado, se é que chegou a tanto. Ficou inquieto durante a oração inteira, acompanhando os detalhes inconscientemente — não estava ouvindo, mas conhecia bem o terreno e o trajeto de costume do pastor. Quando algum novo material era intercalado, por mínimo que fosse, seu ouvido detectava, e todo o seu ser se ressentia daquilo. Ele considerava injustos os acréscimos, algo inescrupuloso. No meio da oração, uma mosca pousou no encosto do banco da frente e torturou o espírito de Tom, que esfregou calmamente as mãos, envolvendo a cabeça nos braços e polindo-a com tanto vigor que parecia que ia arrancá-la do corpo. O fio delgado do pescoço do inseto ficou exposto à vista. A mosca raspou as asas com as pernas de trás e as alisou rente ao corpo como se fossem caudas de casaca, perfazendo toda a toailete tranquilamente, como se soubesse estar em perfeita segurança. De fato estava, porque, mesmo que as mãos de Tom estivessem se coçando de vontade de agarrar aquela mosca, não ousariam. Ele acreditava que sua alma seria destruída no mesmo instante se fizesse tal coisa durante a oração. Mas sua mão começou a se curvar, a avançar, e no momento do “Amém” a mosca foi feita prisioneira de guerra. A tia flagrou o ato e o obrigou a soltá-la.

O pastor disse seu texto e percorreu monotonamente um argumento tão prosaico que muitas cabeças aqui e ali começaram a cair de sono. No entanto, era um argumento que lidava como o fogo e o enxofre eternos, reduzindo os eleitos predestinados a um grupo tão pequeno que mal valia a pena tentar salvá-los.

Tom contou as páginas do sermão. Depois do culto, sempre sabia quantas páginas haviam sido, mas quase nunca entendia nada do conteúdo. Dessa vez, porém, ficou realmente interessado por alguns momentos. O pastor formou uma imagem grandiosa e comovente da reunião das hostes no fim dos tempos, quando o leão e o cordeiro se deitarão juntos e um menino os guiará.

A questão, a lição e a moral do grande espetáculo, todavia, não diziam nada ao menino, que só pensava na proeminência do personagem principal diante de

todas as nações a observá-lo. Seu semblante se iluminou com esse pensamento, e ele disse a si mesmo que gostaria de ser aquele menino, caso o leão fosse manso.

Então, voltou a sofrer, porquanto o árido argumento foi retomado. Nisso se lembrou de um tesouro que tinha consigo e o tirou do bolso. Era um grande besouro preto com uma mandíbula formidável — um “beliscador”, como o chamava. Estava numa caixa de munição. A primeira coisa que o besouro fez foi agarrar seu dedo. Um peteleco natural se seguiu, o besouro caiu no corredor, virado de costas, e o dedo ferido entrou na boca do menino. O besouro ficou ali deitado, mexendo as pernas inutilmente, incapaz de se virar. Tom ficou olhando o besouro caído, ansioso, mas fora de seu alcance. Outros desinteressados no sermão encontraram alívio no besouro e também ficaram olhando. De repente, um poodle, de coração triste, veio à toa, preguiçoso com a suavidade e a tranquilidade do verão, cansado do cativo, suspirando por mudanças. Espiou o besouro, e o rabo caído se levantou, agitando-se. Avaliou o banquete: andou em volta dele, farejou-o a uma distância segura, rodeou-o outra vez, tomou coragem e chegou mais perto. Ergueu o lábio e tentou abocanhar o inseto com cautela, mas errou. Tentou de novo e de novo. Começou a gostar da brincadeira. Deitou-se de bruços, com o besouro entre as patas, e continuou seus experimentos. Exausto, acabou ficando indiferente e alheio. Cabeceou de sono e, pouco a pouco, seu queixo foi descendo até encostar no inimigo, que o beliscou. Houve um latido alto. A cabeça do poodle se agitou, e o besouro foi lançado a poucos metros dali, mais uma vez de costas no chão.

Os espectadores mais próximos deram risada com uma delicada alegria introspectiva, diversos rostos se esconderam atrás de leques e lenços, e Tom ficou muito feliz. O cachorro parecia tolo, e provavelmente se sentia assim. Mas havia um ressentimento em seu coração e um desejo de vingança. Dessa forma, ele foi até o besouro e começou a atacá-lo novamente com cautela, saltando sobre ele de todos os pontos de um círculo, pousando as patas dianteiras a menos de três centímetros da criatura, tentando abocanhá-la cada vez mais de perto com os dentes e sacudindo a cabeça até suas orelhas baterem como asas. Mais uma vez, entretanto, cansou-se daquilo depois de algum tempo. Tentou se divertir com uma mosca, mas não adiantou. Seguiu o trajeto de uma formiga, com o focinho perto do chão, e logo ficou entediado com aquilo. Bocejou, suspirou,

esqueceu completamente o besouro e se sentou em cima dele. Então, ouviu-se um ganido selvagem de agonia, e o poodle foi se arrastando pelo corredor. Os ganidos e o cão continuaram. Ele atravessou a casa na frente do altar, voltou correndo pelo outro corredor, passou pela frente da porta, fez aos prantos o trecho final — sua angústia crescia à medida que avançava —, até que enfim se tornou um mero cometa lanoso se movendo na própria órbita com o clarão e a velocidade da luz. Enfim, o frenético sofredor mudou seu trajeto e se atirou no colo do dono, que o atirou pela janela. A voz de aflição rapidamente foi sumindo até morrer na distância.

A essa altura, a igreja inteira estava vermelha e sufocando de risos contidos, e o sermão precisou acabar no ponto em que estava. O discurso, então, foi retomado, mas sem graça, hesitante, encerrando toda a possibilidade de causar boa impressão, já que até o sentimento mais grave era muitas vezes recebido com um acesso reprimido de júbilo profano, escondido atrás do encosto de um banco remoto, como se o pobre pastor tivesse dito algo burlesco. Foi um alívio genuíno para toda a congregação quando o sacrifício terminou e as bênçãos foram pronunciadas.

Tom Sawyer foi para casa bastante animado, pensando que existia, enfim, alguma satisfação no serviço divino quando havia um pouco de variedade. Ele tinha só um pensamento que o contrariava. Estava disposto a deixar o cachorro brincar com seu besouro beliscador, mas não achou certo da parte dele tê-lo levado embora.

6.

A manhã de segunda-feira encontrou Tom Sawyer angustiado. Estava sempre assim nas manhãs de segunda-feira, porque começava outra vez o lento sofrimento semanal da escola. Geralmente, ele começava esses dias desejando não ter tido o intervalo do fim de semana, o que tornava a volta ao cativo e aos grilhões muito mais odiosa.

Tom ficou deitado pensando, então lhe ocorreu que queria mesmo estar doente, pois assim poderia ficar em casa e faltar à aula. Eis uma vaga possibilidade. Avaliou suas condições. Nenhum machucado foi encontrado. Investigou novamente. Dessa vez, pensou ter detectado sintomas de cólica e começou a encorajá-los com considerável esperança. Mas eles logo ficaram fracos e sumiram por completo. O menino refletiu mais um pouco. De repente, descobriu alguma coisa. Um de seus dentes de cima, na frente, estava mole. Estava prestes a começar a gemer quando lhe ocorreu que, se levasse seu caso ao tribunal com aquele argumento, a tia arrancaria o dente fora, o que iria doer. Então, achou melhor preservar o dente por ora e investigar mais.

Nada apareceu por mais algum tempo, até que se lembrou de ter ouvido o médico falar de uma doença que deixava o paciente duas ou três semanas de cama e podia levar à perda de um dedo. Então, num segundo, tirou o dedo machucado do pé para fora do lençol e o estendeu para inspeção, mesmo sem saber os sintomas necessários. No entanto, parecia valer a pena arriscar, de modo que se deitou gemendo com considerável entusiasmo.

Sid, porém, dormia inconsciente.

Tom gemeu mais alto, fingindo sentir dor no dedo do pé.

Nada de Sid.

Tom estava ofegante de tanto esforço a essa altura. Descansou um pouco, tomou fôlego e emendou uma sucessão de admiráveis gemidos.

Sid roncava.

Tom ficou irritado, chamou por Sid duas vezes e o sacudiu. Funcionou, portanto começou a gemer de novo. Sid bocejou, espreguiçou-se, apoiou-se no cotovelo, fungando, e começou a encarar Tom, que continuou gemendo. Sid perguntou: — Tom! Fale alguma coisa, Tom! — Sem resposta. — Ei, Tom! TOM! O que houve, Tom?

Ele o sacudiu e olhou aflito para o rosto do primo.

Tom se lamentou:

— Não, Sid. Não me sacode.

— Ora, o que foi, Tom? Vou chamar a titia.

— Não, deixa. Vai passar aos poucos, talvez. Não chame ninguém.

— Mas tenho que chamar! Pare de gemer assim, Tom, é horrível. Há quanto tempo você está assim?

— Horas. Ai! Oh, não me sacode assim, Sid. Vai acabar me matando.

— Tom, por que você não me acordou antes? Tom, pare! Estou tremendo só de ouvir você gemer. O que aconteceu?

— Eu te perdoo por tudo, Sid. — Gemido. — Tudo o que você já fez para mim. Quando eu morrer...

— Oh, Tom, você não vai morrer, é? Não, Tom. Não morra. Talvez...

— Perdoo todo mundo, Sid. — Gemido. — Diga isso a todo mundo. Dê minha esquadria de janela e meu gato caolho para aquela menina nova que se mudou para cá. Diga a ela...

Sid, contudo, já havia pegado suas roupas e saído. Tom estava sofrendo de verdade, tamanha era sua imaginação. Seus gemidos adquiriram um tom bastante genuíno.

Sid desceu correndo e avisou:

— Tia Polly, venha logo! O Tom está morrendo!

— Morrendo?

— Sim, senhora. Não dá para esperar. Venha já.

— Bobagem! Não acredito!

Mesmo assim, ela subiu correndo, com Sid e Mary logo atrás. Seu rosto ficou pálido e seus lábios, trêmulos. Ao chegar ao lado da cama, exclamou: — Ei, Tom! Tom, o que você tem?

— Oh, titia, estou...

— O que houve com você? O que há de errado com você, menino?

— Oh, titia, meu dedo do pé está morto!

A velha senhora afundou na cadeira e riu um pouco, depois chorou um pouco e, então, fez as duas coisas ao mesmo tempo. Revigorada, comentou: — Que susto você me deu! Agora, pare com essa bobagem e saia já dessa cama.

Os gemidos pararam e a dor no dedo do pé passou. O menino se sentiu fazendo papel de bobo e enunciou: — Tia Polly, parecia que meu dedo estava morto. Estava doendo tanto que nem dei importância ao meu dente mole.

— Dente mole? Qual é o problema com seu dente agora?

— Um deles está mole e eu estou com uma dor insuportável.

— Entendi. Não comece a gemer de novo. Abra a boca. Bem. Seu dente está mole, mas você não vai morrer por isso. Mary, vá buscar uma linha de seda e traga um carvão em brasa da cozinha.

Tom clamou:

— Por favor, titia, não arranque. Não está mais doendo. Quero ficar paralítico se estiver doendo. Por favor, titia, não. Não quero ficar em casa e faltar à escola.

— Não quer, é? Quer dizer que todo esse alvoroço é porque achou que poderia ficar em casa e não ir à escola para pescar? Tom, Tom, eu te amo tanto! Você parece fazer tudo que pode para partir meu coração com suas maldades.

A essa altura, os instrumentos dentais já estavam prontos. A velha senhora amarrou uma ponta da linha de seda no dente de Tom e a outra no poste da cama. Depois, pegou o carvão em brasa e quase encostou no rosto do menino. O dente agora estava pendurado no poste da cama.

Todo sacrifício, todavia, traz sua compensação. No caminho para a escola, após o café da manhã, Tom causou inveja em todos os meninos que encontrou, porque o vazio na fileira superior de dentes lhe permitia expectorar de maneira nova e admirável. Em torno dele, formou-se um bando de seguidores interessados nessa exibição. Um deles, que havia cortado o dedo da mão e vinha sendo o centro do fascínio e das homenagens até o momento, viu-se subitamente sem adeptos, desdenhado em sua glória. Com o coração pesado, o menino disse com desdém que não achava grande coisa cuspir como Tom Sawyer, mas outro

menino disse: “A raposa e as uvas!”,[\[1\]](#) e ele foi embora como um herói destituído.

Logo Tom deparou com o pária juvenil da vila, Huckleberry Finn, filho do bêbado da cidade. Huckleberry era odiado e temido por todas as mães da cidade por ser desocupado, baderneiro, vulgar e mau, e também porque todos os filhos o admiravam muito, adoravam partilhar sua companhia proibida e queriam ter coragem de ser como ele.

Tom era como o resto dos meninos respeitáveis no fato de invejar a condição aberrante de excluído de Huckleberry e de ter ordem estrita de não brincar com ele, de modo que ele brincava com ele sempre que tinha uma oportunidade. Huckleberry estava sempre vestido com roupas de adulto jogadas fora, sempre floridas e em trapos. Seu chapéu era uma ruína com uma larga meia-lua arrancada da aba. Seu casaco, quando usava um, ia quase até os tornozelos e os botões de trás ficavam muito abaixo da cintura. Um único suspensório sustentava suas calças. O traseiro da calça ficava frouxo e vazio, as pernas esfarrapadas arrastavam na lama quando não estavam arregaçadas.

Huckleberry ia e vinha a seu bel-prazer. Dormia nas escadas no tempo bom e em barris no tempo úmido; não precisava ir à escola, nem à igreja, nem chamar qualquer pessoa de senhor, nem obedecer a ninguém; podia ir pescar ou nadar quando e onde escolhesse, ficando o tempo que desejasse; ninguém o impedia de brigar; podia ficar acordado à noite e dormir a hora que quisesse; era sempre o primeiro menino a sair descalço na primavera e o último a calçar as botas no outono; nunca precisava tomar banho nem vestir roupas limpas; era capaz de xingar como ninguém. Em suma, tudo o que torna a vida preciosa, aquele menino tinha. Era o que pensavam todos os meninos respeitáveis, atormentados e reprimidos de St. Petersburg.

Tom saudou o romântico excluído:

— Olá, Huckleberry.

— Olá para você também. Diga o que acha disso.

— O que você tem aí?

— Um gato morto.

— Deixa eu ver, Huck. Jesus, está bem duro! Onde você achou?

— Comprei de um menino.

- O que deu em troca?
- Um bilhete azul e uma bexiga de boi que peguei no matadouro.
- Onde arranjou o bilhete azul?
- Comprei do Ben Rogers faz duas semanas por um arame de rolar aro.
- Ora... E para que serve um gato morto, Huck?
- Para quê? Para curar verruga.
- Não! É sério? Sei de uma coisa melhor.
- Aposto que não é. O que é?
- Ora, água parada.
- Água parada! Não acredito em água parada.
- Mal dá para acreditar, não é? Mas já experimentou?
- Não, eu não. Mas o Bob Tanner já.
- Quem disse?
- Ora, ele disse ao Jeff Thatcher, que contou ao Johnny Baker, que contou ao Jim Hollis, que contou ao Ben Rogers, que contou a um escravo, que me contou.
- Bem, mas e daí? São todos mentirosos, principalmente o escravo. Não sei que escravo é esse, mas nunca vi um escravo que não fosse mentiroso. Jesus! Agora me diga como o Bob Tanner fez, Huck.
- Ele enfiou a mão num cepo podre em que havia água de chuva parada.
- Durante o dia?
- Certamente.
- Com a cara virada para o cepo?
- Sim. Pelo menos, acho que sim.
- Ele falou alguma coisa?
- Acho que não. Não sei.
- Aham! Curar verruga com água parada desse jeito?! Ora, assim não adianta nada. Você tem que ir sozinho para o meio da floresta, onde sabe que há um cepo com água parada, e só quando der meia-noite você chega de costas para o cepo, enfia a mão dentro e fala: “Cevadinha, cevadinha, mingau de milho de índio, água parada, água parada, nessa verruga dê fim.” Depois saia depressa, dando onze passos de olhos fechados, dê três voltas e vá para casa sem falar com ninguém. Porque se falar passa o encanto.
- Bem, parece um bom jeito, mas não foi assim que o Bob Tanner fez.

— Não, senhor, pode apostar que ele não fez, porque é o menino mais verruguento desta cidade. Ele não teria nenhuma verruga se soubesse usar água parada. Já tirei milhares de verrugas da minha mão desse jeito, Huck. Brinco muito com rã e elas sempre têm muitas verrugas. Às vezes arranco com feijão.

— Sei, feijão é bom. Já usei também.

— Já usou? Como fez?

— Você abre o feijão no meio, corta a verruga até sair um pouco de sangue, põe o sangue no feijão, cava um buraco, enterra por volta da meia-noite na encruzilhada, sob a lua nova, e depois queima o resto do feijão. Você vai ver que o pedaço com sangue vai continuar puxando, puxando, para atrair o outro pedaço, e assim ajuda o sangue a expulsar a verruga, que logo some.

— Sim, é assim mesmo, Huck. Só que, quando você está enterrando, se disser “Vai, feijão. Fora, verruga, e não volte mais a me incomodar!”, é ainda melhor. É assim que o Joe Harper faz. Ele já foi quase até Coonville e esteve quase em toda parte. Mas me diga: como tira verruga com gato morto?

— Você pega o gato morto e vai a um cemitério antes de dar meia-noite, quando alguém muito malvado for enterrado. Quando der meia-noite virá um demônio, talvez dois ou três, mas você não conseguirá vê-los. Só vai ouvir o vento, ou talvez os demônios conversando. Quando eles estiverem levando o morto embora, você mostra o gato para eles e fala: “Diabo segue cadáver, gato segue diabo, verruga segue gato, já chega!” Isso vai tirar todas as verrugas.

— Parece bom. Você já tentou, Huck?

— Não, mas a velha Mãe Hopkins me ensinou.

— Bem, então acho que é verdade. Porque dizem que ela é bruxa.

— Jesus! Tenho certeza de que ela é. Ela enfeitiçou meu pai. Meu pai mesmo falou. Ele chegou um dia e viu que ela estava fazendo um feitiço para ele, então pegou uma pedra. Se ela não tivesse desviado, ele teria acertado. Naquela mesma noite, ele caiu de um telheiro onde estava dormindo bêbado e quebrou o braço.

— Que horror! Como ele sabia que o feitiço era para ele?

— Jesus, o meu pai sabe. Ele diz que quando ficam olhando firme para você, estão enfeitiçando, especialmente se murmuram alguma coisa. Quando murmuram, estão dizendo o pai-nosso ao contrário.

— Ei, Hucky, quando vai experimentar o gato?

— Hoje à noite. Parece que os demônios virão buscar a alma do velho Hoss Williams hoje à noite.

— Mas ele foi enterrado no sábado. Será que já não levaram no sábado à noite?

— Como você diz uma coisa dessas? Como o feitiço pode funcionar até a meia-noite? Além do mais, é domingo, e os demônios não saem muito aos domingos, acho.

— Nunca havia pensado nisso. É verdade. Posso ir com você?

— Claro. Se não for medroso.

— Medroso! Até parece. Você vai miar para me chamar?

— Sim. E você mia em resposta, se puder. Da última vez você me fez ficar miando até o velho Hays atirar pedras em mim e me xingar. Joguei um tijolo na janela dele. Mas não vá contar para ninguém.

— Pode deixar. Naquela noite não pude miar porque minha tia estava de olho em mim, mas dessa vez mio. O que é isso?

— Só um carrapato.

— Onde o arranjou?

— Aí no mato.

— E para que serve?

— Não sei. Mas não quero vender.

— Tudo bem. É um carrapatinho bem pequeno, na verdade.

— Qualquer pessoa pode desmerecer o carrapato alheio. Estou satisfeito com esse. É um carrapato bom o suficiente para mim.

— Claro, carrapato é o que não falta. Eu poderia ter mil carrapatos, se quisesse.

— Então por que você não tem? Porque sabe muito bem que não dá. Este carrapato é prematuro, eu diria. É o primeiro que vejo este ano.

— Ei, Huck, eu lhe dou meu dente pelo carrapato.

— Deixa eu ver.

Tom tirou um pedaço de papel e, cuidadosamente, o desenrolou. Huckleberry o observou, melancólico. A tentação era muito forte. Enfim, ele disse: — É um dente de verdade?

Tom ergueu o lábio e mostrou o vazio entre os dentes.

— Bem, está certo — respondeu Huckleberry. — Negócio fechado.

Tom trancou o carrapato na caixa de munição que ultimamente vinha sendo a prisão do besouro beliscador e os meninos se separaram, ambos se sentindo mais ricos do que antes.

Quando Tom chegou à pequena e isolada escola, acelerou o passo, como alguém que vinha de casa na maior velocidade possível. Pendurou seu chapéu e foi correndo se sentar com a alegria de um comerciante. O professor, no alto de sua grandiosa poltrona de assento de palha trançada, estava cochilando, embalado pelo sonolento rumor do estudo. A interrupção o despertou.

— Thomas Sawyer!

Tom sabia que quando seu nome era pronunciado completo significava problema.

— Pois não, senhor?

— Venha cá. Agora, senhorzinho. Por que se atrasou, como sempre?

Tom estava prestes a se refugiar numa mentira quando viu duas longas tranças de cabelo loiro descendo pelas costas. Ao lado daquela figura estava o único lugar vazio do lado das meninas. Ele respondeu: — Parei para conversar com Huckleberry Finn.

O coração do professor quase parou. Ele ficou olhando desoladamente para o menino e o burburinho do estudo cessou. Os alunos se perguntaram se aquele menino tolo havia enlouquecido. O professor indagou: — Você... você fez o quê?

— Parei para conversar com o Huckleberry Finn.

Não havia nenhuma confusão de palavras.

— Thomas Sawyer, esta é a confissão mais espantosa que já ouvi na vida. Uma ofensa dessas não se paga só com a palmatória. Tire a jaqueta.

O braço do professor subiu e desceu até ficar cansado. Seu estoque de varas quase se esgotou. Então, veio a ordem: — Agora, senhorzinho, vá se sentar com as meninas! E que isso lhe sirva de lição.

Os risinhos ondularam pela sala e embaraçaram o menino, mas na realidade o resultado foi causado mais pela adoração reverente de seu ídolo desconhecido e pelo temeroso prazer que lhe esperava em sua grande bem-aventurança. Ele se

sentou na ponta do banco de pinho e a menina recuou virando a cabeça. Cutucões, piscadelas e cochichos atravessaram a sala, mas Tom continuou sentado, com os braços sobre a comprida e baixa carteira diante de si. Parecia estudar seu livro.

Aos poucos a atenção foi se desviando dele, e o rumor escolar de costume encheu o ar parado mais uma vez. Então, o menino começou a olhar furtivamente de relance para a menina, que ficou observando, “fez um bico” para ele e lhe deu as costas durante um minuto. Quando ela cuidadosamente voltou a virar o rosto, havia um pêsego na sua frente sobre a carteira. Ela afastou a fruta com a mão e Tom gentilmente a devolveu. A garota tornou a empurrar o pêsego, mas com menos animosidade. Tom mais uma vez o pôs na frente dela, que dessa vez o deixou ficar. O menino rabiscou em sua lousinha de ardósia: “Por favor, aceite. Tenho mais.” A menina olhou de relance as palavras, mas não fez nenhum sinal em resposta. Ele, então, começou a desenhar algo na lousinha, escondendo o desenho com a mão esquerda. Por algum tempo, a menina se recusou a olhar, mas sua curiosidade humana começou a se manifestar por sinais quase imperceptíveis. O menino continuou desenhando, aparentemente inconsciente. A menina fez uma espécie de tentativa discreta de olhar, mas o menino não deu sinal de que estava percebendo nada disso. Enfim, ela cedeu e sussurrou: — Deixa eu ver.

Tom descobriu uma parte de uma sofrível caricatura de uma casa com duas janelas e um saca-rolhas de fumaça saindo da chaminé. Ela contemplou o desenho por um momento e pediu: — Ficou bom. Agora faça um homem.

O artista erigiu um homem no jardim da frente, do tamanho de uma torre. O desenho do homem era maior que a casa, mas a menina não era muito crítica. Ficou contente com o monstro e sussurrou: — Ficou um belo homem. Agora me faça chegando.

Tom desenhou uma ampulheta com uma lua cheia em cima, braços e pernas de palito, e armou os dedos de um portentoso leque. A menina disse: — Está cada vez mais bonito. Quem me dera saber desenhar.

— É fácil — sussurrou Tom. — Eu te ensino.

— Você jura? Quando?

— À tarde. Você volta para comer em casa?

— Se você ficar, eu fico.

— Ótimo, combinado. Como você se chama?

— Becky Thatcher. E você? Ah, eu sei. Thomas Sawyer.

— Esse é o meu nome quando me dão bronca. Quando sou bonzinho, é Tom. Você pode me chamar de Tom?

— Sim.

Tom começou a rabiscar alguma coisa na lousinha, escondendo as palavras da menina. Mas dessa vez ela não estava de costas e implorou para ver. Tom respondeu: — Não é nada.

— É, sim.

— Não é, não. Você não vai querer ver.

— Vou, sim. Na verdade, quero ver. Por favor.

— Você vai contar para todo mundo.

— Não vou. Juro, juro, juro que não vou.

— Não vai contar para ninguém mesmo? Nunca, enquanto estiver viva?

— Não vou contar nunca, para ninguém. Agora deixa eu ver.

— Você não vai querer ver!

— Agora que você provocou, vou ver.

Ela pôs sua mãozinha sobre a dele e seguiu-se um breve contratempo. Tom fingia resistir, mas deixava a mão deslizar aos poucos, até que as seguintes palavras foram reveladas: “Eu te amo.”

— Seu malvado!

Ela deu um rápido tapinha na mão dele, mas ficou corada e pareceu contente mesmo assim.

Nesse exato momento, o menino sentiu um puxão lento e fatídico na orelha, e um forte impulso para cima. Dessa maneira, foi levado pela sala e depositado em sua própria carteira, sob o fogo provocante de risinhos da classe toda. O professor parou diante dele por um momento e voltou para seu trono sem dizer nada.

Embora a orelha de Tom estivesse doendo, seu coração estava em festa.

Conforme a classe se acalmou, Tom fez um honesto esforço para estudar, mas o turbilhão dentro de si era grande demais. Ficou sentado na aula de leitura, mas não aprendeu nada. Na aula de geografia, transformou lagos em montanhas,

montanhas em rios e rios em continentes, até que o caos se instaurasse outra vez. Depois, na hora de soletrar, “foi derrotado” por uma série de palavras fáceis, a ponto de errar todas e ter de entregar a medalha de lata que usara com orgulho durante meses.

7.

Quanto mais Tom tentava concentrar seus pensamentos no livro, mais suas ideias divagavam. Até que, com um suspiro e um bocejo, desistiu. Parecia-lhe que o intervalo do meio-dia não chegaria nunca. O murmúrio sonolento dos vinte e cinco alunos estudando aliviava a alma como o encanto do murmúrio das abelhas.

Lá longe, sob o sol flamejante, Cardiff Hill erguia suas vertentes verdejantes e macias através de um véu cintilante de calor, tingida com o púrpura da distância. Alguns passarinhos flutuavam com asas preguiçosas bem alto no ar; nenhum outro ser vivo era visível além de algumas vacas, e mesmo elas estavam dormindo. O coração de Tom doía de vontade de ser livre ou de ter outro interesse para passar aquelas horas pavorosas. Sua mão tateou dentro do bolso e seu semblante se iluminou com um brilho de gratidão que equivalia a uma verdadeira oração, embora não soubesse disso. Então, a caixa de munição apareceu. Ele soltou o carrapato e o pôs sobre a carteira comprida e plana. A criatura provavelmente também se iluminou de gratidão da mesma forma, naquele momento, equivalendo a uma oração prematura. Quando o carrapato agradecido começou a fugir, Tom o virou de lado com um alfinete e o obrigou a seguir em nova direção.

O melhor amigo de Tom veio se sentar ao seu lado, sofrendo como Tom viera sofrendo até então, e no mesmo momento ficou profunda e aliviadamente interessado naquela diversão. Esse amigo do peito era Joe Harper. Os dois eram amigos para sempre durante a semana e inimigos combatentes aos sábados. Joe tirou um alfinete da lapela e começou a ajudar a exercitar o prisioneiro. O esporte foi ficando cada vez mais interessante. Logo Tom disse que estavam interferindo um alfinete com o outro, e nenhum dos dois estava aproveitando o

carrapato. Ele pôs a lousinha de Joe sobre a carteira e traçou uma linha no meio de cima a baixo.

— Pronto! Enquanto ele estiver no seu lado, você pode mexer como quiser com ele que eu deixo ele em paz. Mas se você deixar fugir e ele vier para o meu lado, posso ficar com ele enquanto não atravessar para o seu.

— Está bem. Vamos, comece você.

O carrapato escapou de Tom e atravessou o equador. Joe o incomodou um pouco e o carrapato atravessou de volta. Essa mudança de base ocorreu com frequência. Enquanto um menino se preocupava com o carrapato com absorto interesse, o outro ficava olhando com o mesmo interesse, com as duas cabeças inclinadas juntas sobre a lousinha e as duas almas mortas para todo o resto do mundo. Enfim a sorte pareceu se fixar em Joe. O carrapato tentou isso e aquilo, e aquilo outro, e ficou tão excitado e aflito quanto os próprios garotos. Na hora em que o inseto parecia que ia escapar ao seu comando e os dedos de Tom já se coçavam para ser sua vez, o alfinete de Joe o capturava e conservava o carrapato. Tom não suportou mais aquilo. A tentação era forte demais. Ele estendeu o braço e deu uma ajuda com o alfinete. Joe ficou logo irritado e reclamou: — Tom, deixa o carrapato decidir.

— Só estou tentando animá-lo um pouco.

— Deixa o carrapato em paz, estou dizendo.

— Não quero.

— Você tem que deixar. O carrapato está do meu lado da linha.

— Escuta aqui, Joe Harper, de quem é o carrapato?

— Não interessa de quem é o carrapato. Ele está do meu lado da linha e você não pode encostar nele agora.

— Bem, mas acho que vou encostar. O carrapato é meu e faço o que bem entender com ele. Quem não concordar, morra discordando.

Um tremendo golpe atingiu os ombros de Tom e foi duplicado em Joe. Pelo espaço de dois minutos, a poeira continuou subindo das duas jaquetas e a classe inteira aproveitou para assistir. Os meninos estavam absortos demais para reparar no silêncio que se fez quando o professor foi na ponta dos pés até eles e parou. Ele assistiu a boa parte da cena antes de contribuir com sua parcela de variedade.

Quando a turma foi liberada, ao meio-dia, Tom foi correndo até Becky Thatcher e sussurrou no ouvido dela: — Ponha seu chapéu e faça como se estivesse indo para casa. Quando chegar à esquina, despiste os outros e volte pela alameda para cá. Vou pelo outro lado e farei a mesma coisa.

Assim, um foi embora com um grupo de alunos; o outro, com estudantes diferentes. Dali a pouco, os dois se encontraram na alameda. Ao chegarem à escola, estavam a sós. Eles se sentaram juntos, com a lousinha diante deles. Tom deu a Becky o giz e segurou sua mão dentro da dele, criando outra casa surpreendente. Quando o interesse pela arte começou a passar, os dois começaram a conversar. Tom nadava em êxtase. Ele perguntou: — Você gosta de rato?

— Não! Odeio!

— Bem, eu também. Rato vivo. Mas quero dizer rato morto, que dá para amarrar um barbante e girar sobre a cabeça.

— Não, também não gosto. Gosto de goma de mascar.

— Eu também. Quem dera eu tivesse um chiclete agora.

— Você quer? Eu tenho. Vou deixar você mascar um pouco, mas depois você me devolve.

Acharam bom. Revezaram-se mascando e balançaram as pernas no banco num excesso de contentamento.

— Você já foi ao circo? — indagou Tom.

— Já, e meu pai vai me levar de novo algum dia, se eu for boazinha.

— Já fui ao circo umas três ou quatro vezes. Muitas vezes. Igreja nem se compara com circo. No circo, sempre tem alguma coisa acontecendo. Quando eu crescer, vou ser palhaço de circo.

— Jura? Isso seria ótimo. Adoro os palhaços, com aquelas roupas de bolas coloridas.

— Isso, isso mesmo. E eles ganham rios de dinheiro. Quase um dólar por dia, segundo o Ben Rogers. Diga, Becky, você já está prometida?

— O que é isso?

— Ora, para casar.

— Não.

— Você gostaria?

— Acho que sim. Não sei. Como é?

— Como é? É diferente de tudo. Basta você dizer a um menino que nunca mais vai querer nenhum outro além dele, para todo o sempre, dá um beijo e acabou. Qualquer pessoa pode.

— Beijo? Beijo para quê?

— Isso, você sabe, é para... Bem, as pessoas sempre fazem assim.

— Todo mundo?

— Sim, todo mundo que se ama. Você lembra o que escrevi na lousa?

— Le... lembro, sim.

— E o que era?

— Não posso falar.

— Posso então falar?

— Po... pode... mas não agora.

— Não, tem que ser agora.

— Não, agora não. A... amanhã.

— Não, agora. Por favor, Becky. Sussurro no seu ouvido, sussurro, é fácil.

Becky hesitou, Tom tomou aquilo por consentimento, passou o braço pela cintura dela e sussurrou o que havia escrito muito baixinho, com a boca próxima do ouvido dela. E acrescentou: — Agora você sussurra para mim a mesma coisa.

Ela resistiu por algum tempo e depois disse: — Então vire o rosto para não ver e depois digo. Mas você não pode contar para ninguém. Combinado, Tom? Você não vai contar, vai?

— Não, não vou mesmo. Agora, Becky...

Ele virou o rosto, ela se inclinou timidamente sobre ele até seu hálito agitar os cachos dele e sussurrou: “Eu... te... amo.”

Depois, a menina se levantou correndo em volta de carteiras e bancos, com Tom em seu encaço. Ela se escondeu num canto, cobrindo o rosto com seu aventalzinho branco. Tom a pegou pelo pescoço e implorou: — Pronto, Becky! Já está feito, só falta o beijo. Não tenha medo, não é nada. Por favor, Becky.

Ele puxou o avental e as mãos dela.

Aos poucos, ela cedeu e deixou as mãos soltas. Seu rosto, corado da luta, apareceu e se ofereceu. Tom beijou seus lábios vermelhos e sussurrou: —

Pronto! Agora acabou, Becky. Depois disso, para sempre, você nunca mais vai amar ninguém além de mim. Nunca, jamais, em tempo algum. Você jura?

— Juro. Nunca vou amar ninguém além de você, Tom, e você nunca vai se casar com ninguém além de mim.

— É claro, faz parte do acordo. Sempre na ida para a escola ou na volta para casa você tem que andar comigo, quando não tiver ninguém olhando. Você me escolhe e eu escolho você na hora de formar grupos, porque é assim que se faz quando a pessoa está comprometida.

— Que bom! Nunca ouvi falar nisso antes.

— É sempre divertido. Eu e a Amy Lawrence...

Os olhos arregalados dela revelaram a Tom seu erro e ele parou, confuso.

— Oh, Tom! Quer dizer que não é seu primeiro compromisso?

A menina começou a chorar, e Tom tentou corrigir: — Não chore, Becky, não gosto mais dela.

— Gosta, sim, Tom. Você sabe que gosta.

Tom tentou passar o braço pelo seu pescoço, mas ela o empurrou, virou-se para a parede e continuou chorando. Tom tentou mais uma vez, com palavras suaves na ponta da língua, e foi repellido outra vez. Então, seu orgulho falou mais alto, ele se afastou e saiu da sala. Ficou por ali, inquieto e contrariado, por algum tempo, olhando para a porta, de quando em quando, na esperança de que ela se arrependesse e viesse procurá-lo. Mas ela não apareceu. Ele começou a se sentir mal e com medo de ter cometido um erro. Foi uma luta ferrenha dentro de si para se convencer a tentar de novo, mas tomou coragem e entrou. Becky ainda estava de costas no canto, soluçando, com o rosto apoiado à parede. O coração de Tom se despedaçou. Ele foi até ela e ficou ali um momento, sem saber exatamente como agir. Com hesitação, começou: — Becky, eu... não gosto de mais ninguém além de você.

Nenhuma resposta, além de soluços.

— Becky! — implorou. — Você não vai dizer nada?

Mais soluços.

Tom recorreu à sua principal joia, uma maçaneta de latão que arrematava uma grade de lareira. Passou para ela, para que pudesse ver o objeto, e clamou: — Por favor, Becky, não quer aceitar?

A garota jogou a maçaneta no chão. Tom saiu da escola e seguiu pelas colinas até chegar muito longe, não voltando mais à escola naquele dia. Depois, Becky começou a desconfiar. Correu porta afora, ele não estava. Correu para o pátio, ele não estava. Chamou: — Tom! Volta, Tom!

Ela apurou bem os ouvidos, mas não ouviu resposta. Não havia outra companhia além do silêncio e da solidão. Sentou-se e começou a chorar de novo e a se culpar. A essa altura os professores já estavam voltando. Ela precisou esconder a tristeza, acalmar o coração partido e carregar a cruz de uma longa e tenebrosa tarde de sofrimento, sem ninguém entre aqueles desconhecidos à sua volta para compartilhar suas mágoas.

8.

Tom se esquivou para lá e para cá através de alamedas até estar bem longe do trajeto dos professores que voltavam para a escola, adotando um passo pensativo. Cruzou um pequeno “braço” duas ou três vezes, graças à superstição juvenil da época de que cruzar água confundia o perseguidor. Meia hora depois, sumiu atrás da mansão Douglas, no topo de Cardiff Hill, e a escola mal se distinguia lá embaixo no vale. Penetrou um bosque denso, tomou um caminho sem trilha até o centro do bosque e se sentou sobre os musgos, embaixo de um frondoso carvalho. Não havia sequer um zéfiro soprando nas copas. O calor morto do meio-dia acalmara até o canto dos pássaros. A natureza jazia num transe que não era rompido por nenhum som além do martelar ocasional e remoto de um pica-pau, o que parecia tornar o silêncio dominante e a sensação de solidão ainda mais profunda.

A alma do menino estava tomada de melancolia; seus sentimentos eram tão felizes quanto seu ambiente. Sentou-se ali por muito tempo, com os cotovelos nos joelhos e o queixo apoiado nas mãos, meditando. Parecia-lhe que a vida não passava de um problema, na melhor das hipóteses. Ele sentiu uma grande inveja de Jimmy Hodges, recentemente falecido. Deve ser uma grande paz, pensou ele, deitar-se, dormir e sonhar para todo o sempre, com o vento sussurrando entre as árvores, acariciando a grama e as flores sobre a sepultura, sem nada com o que se preocupar e sofrer, nunca mais. Se ele fosse bom aluno na escola dominical, poderia acabar com tudo de bom grado. Agora, quanto àquela menina... O que fizera de errado? Nada. Estava com a melhor intenção do mundo e foi tratado feito um cachorro. Feito um cachorro, isso sim. Algum dia ela iria se arrepender, talvez quando fosse tarde demais. Ah, se ao menos ele pudesse morrer temporariamente!

O coração elástico da juventude, entretanto, não pode ser comprimido numa forma constrangida por muito tempo. Tom logo começou, sem perceber, a divagar sobre as preocupações de sua vida outra vez. E se desse as costas e desaparecesse misteriosamente? Se fosse embora — cada vez para mais longe, para países desconhecidos no além-mar — e nunca mais voltasse? Como ela se sentiria?

A ideia de ser palhaço voltou à sua mente, só para enchê-lo de desgosto, já que a frivolidade, as piadas e as roupas coloridas lhe pareciam uma ofensa, ao invadirem um espírito exaltado no vago e augusto domínio do romantismo. Não, ele seria soldado e voltaria depois de muitos anos, todo temperado pela guerra e ilustre. Não, melhor ainda, ele se juntaria aos índios, caçaria búfalos, seguiria a trilha da guerra nas montanhas e nas grandes planícies sem trilha do Oeste distante e, em algum momento do futuro, voltaria como um grande chefe, coberto de penas, horrivelmente pintado, invadiria a escola dominical, em certa manhã modorrenta de verão, com um grito de guerra sangrento, e faria os olhos de todos os seus companheiros secarem de uma inveja insaciável. Mas não, havia algo ainda mais espalhafatoso que isso. Ele seria pirata. Era isso! Seu futuro se descortinou inteiro diante de si e reluziu com um esplendor inimaginável. Como seu nome se espalharia pelo mundo e faria as pessoas tremarem! Como pilharia gloriosamente nos mares revoltos, em seu navio comprido, baixo, de casco negro, o *Espírito da Tormenta*, com sua bandeira sinistra drapejando na proa! No zênite da fama, como apareceria de repente na velha vila e entraria na igreja, bronzeado e marcado pelas intempéries, em seu gibão de veludo e culote pretos, suas grandes botas altas, sua faixa carmim na cintura, seu cinto carregado de pistolas, seu cutelo enferrujado pelo crime, seu chapéu mole com plumas ondulantes, sua bandeira negra desfraldada, com a caveira e os ossos cruzados, e ouviria inflado de êxtase os sussurros “É o pirata Tom Sawyer, o Vingador Negro das Possessões Espanholas!”.

Sim, estava decidido, sua carreira estava escolhida. Ele fugiria de casa e ingressaria na pirataria. Começaria logo na manhã seguinte, portanto precisaria começar a se aprontar. Precisaria reunir todos os seus pertences. Foi até um tronco apodrecido que havia por perto e começou a cavar embaixo de um dos

lados com seu canivete Barlow. Encontrou uma madeira oca, pôs a mão e pronunciou o seguinte encantamento de modo impressionante:

— O que não veio, venha! O que está, fique!

Raspou a terra e expôs uma tampa de pinho, que, ao ser retirada, revelou um pequeno baú de tesouro cujo fundo e as laterais eram de pinho. Dentro, havia uma bolinha de gude. O espanto de Tom foi imenso. Ele coçou a cabeça com ar perplexo e exclamou:

— Isso superou todas as expectativas!

Então ele jogou fora a bolinha de gude, irritadiço, e ficou parado cogitando. A verdade era que uma superstição havia falhado, uma que ele e todos os seus camaradas sempre consideraram infalível. Se você enterrasse uma bolinha de gude com o encantamento necessário e a deixasse quinze dias enterrada, quando a desenterrasse com o encantamento que ele havia acabado de usar, você deveria encontrar todas as bolas de gude que perdeu na vida, por mais espalhadas que estivessem. Mas essa superstição havia falhado totalmente. Toda a estrutura da fé de Tom fora abalada em suas fundações. Muitas vezes, ouvira falar que aquilo dava certo, mas nunca que houvesse falhado. Não lhe ocorreu que ele mesmo já havia tentado antes, mas depois não conseguira encontrar o local do baú. Ficou algum tempo intrigado pensando nisso e concluiu que alguma bruxa deveria ter interferido e quebrado o feitiço. Pensou que ficaria satisfeito com isso, então procurou ao redor até que encontrou um pequeno trecho arenoso com uma pequena depressão afunilada. Abaixou-se, pôs a boca perto da depressão e chamou:

— Tatuzinho, tatuzinho, conte-me o que quero saber! Tatuzinho, tatuzinho, conte-me o que quero saber!

A areia começou a se mexer, um pequeno besouro preto apareceu por um segundo e depois voltou a se enfiar na areia apavorado.

— Ele não contou. Quer dizer que foi mesmo uma bruxa. Eu sabia.

Ele sabia bem que era inútil tentar competir com as bruxas, de modo que desistiu, desencorajado. Mas lhe ocorreu que podia também ficar com a bola de gude que acabara de jogar fora, portanto se pôs a procurá-la pacientemente. Não a encontrou. Ele voltou ao seu baú do tesouro, posicionou-se onde estava ao

jogar a bolinha fora, pegou outra bolinha do bolso e a jogou do mesmo jeito, dizendo:

— Irmã, vá encontrar seu irmão!

Observou onde a bolinha caiu, foi até lá e olhou. A bolinha caíra antes ou longe demais, então tentou mais duas vezes. A última repetição foi bem-sucedida. As duas bolinhas caíram a trinta centímetros uma da outra. Nisso o toque estridente de uma trombeta de brinquedo se ouviu discretamente por entre os corredores verdes da floresta.

Tom tirou a jaqueta e dobrou as pernas da calça, transformou o suspensório em cinto, afastou alguns arbustos de trás do tronco apodrecido, revelando um arco e flecha rústico, uma espada de madeira e um trompete de lata. No momento seguinte, juntou todas essas coisas e foi embora, com as calças arregaçadas e a camisa para fora da calça. Parou sob um grande olmo, soprou um toque de resposta e começou a caminhar na ponta dos pés e a espreitar, por aqui e por ali. Disse com cautela, a uma companhia imaginária:

— Esperem, meus bons companheiros! Fiquem de tocaia até meu sinal.

De repente, apareceu Joe Harper, trajado de modo despojado e armado igual a Tom, que gritou:

— Alto lá! Quem ousa penetrar a floresta de Sherwood sem a minha autorização?

— Guy de Gisborne não precisa da autorização de ninguém. Quem és tu, que...?

— Ousas me falar nesse linguajar — disse Tom, completando a frase, pois eram falas decoradas.

— Quem és tu que ousas me falar nesse linguajar?

— Sou eu mesmo! Sou Robin Hood, como a tua carcaça desprezível logo há de saber.

— Então és mesmo o famoso fora da lei? Nesse caso, disputarei tua autorização para passar pela floresta. Em guarda!

Eles sacaram suas espadas de madeira, largaram todo o resto no chão, postaram-se em posição de esgrima, pé com pé, e começaram um grave e cuidadoso combate, “duas em cima e duas embaixo”. Tom pediu:

— Agora, se você já pegou o jeito, ataque para valer!

Assim, eles se atacaram “para valer”, ofegantes e suados do esforço. De quando em quando, Tom berrava:

— Cai! Cai! Por que você não cai?

— Não quero! Por que você também não cai? Está perdendo.

— Estou nada. Não posso cair, não é assim que está no livro. No livro diz: “Então, com um golpe inesperado, ele matou o pobre Guy de Gisborne.” Você tem que se virar e me deixar acertar suas costas.

Não havia como escapar das autoridades, por isso Joe se virou, recebeu o golpe e caiu.

— Agora — disse Joe, levantando-se — você tem que me deixar te matar. É justo.

— Não posso fazer isso, não está no livro.

— Bem, é pura injustiça, isso sim.

— Joe, que tal você ser o frei Tuck ou Much, o filho do moleiro, e me bater com o bastão. Ou eu sou o Xerife de Nottingham e você é Robin Hood mais um pouco e me mata logo.

Essas outras aventuras foram levadas a cabo. Depois, Tom voltou a ser Robin Hood e foi deixado para sangrar até morrer de seu ferimento não tratado pela freira traiçoeira. Enfim, Joe, representando todo um grupo de bandoleiros em prantos, arrastou-o dali tristemente, pôs seu arco em suas mãos inertes, e Tom disse: “Onde esta flecha cair, ali enterrem o pobre Robin Hood sob uma árvore de folhas perenes.” Ele disparou a flecha e caiu para trás como se tivesse morrido, em cima de uma urtiga, e se levantou depressa demais para um cadáver.

Os meninos se vestiram, esconderam seus apetrechos e foram embora lamentando não haver mais foras da lei, perguntando-se o que a civilização moderna podia alegar ter feito para compensar essa perda. Eles disseram que prefeririam ser fora da lei por um ano na floresta de Sherwood a ser presidente dos Estados Unidos para sempre.

9.

Às nove e meia, naquela noite, Tom e Sid foram mandados para a cama, como sempre. Fizeram suas orações e Sid logo pegou no sono. Tom ficou acordado e esperou, inquieto de impaciência. Quando lhe pareceu que devia estar quase dia claro, ouviu o relógio bater dez horas. Isso, sim, foi desespero. Ele teria ficado se revirando, agitado, como seus nervos exigiriam, mas ficou com medo de acordar Sid. Então ficou parado, deitado, olhando para cima no escuro. Parado de modo melancólico. Até que, a certa altura, no meio daquela calmaria, alguns ruídos quase imperceptíveis começaram a se destacar. O tique-taque do relógio começou a chamar a atenção. Velhas vigas começaram a estalar misteriosamente. As escadas rangiam baixinho. Havia fantasmas. Um ronco pausado, abafado, vinha do quarto da tia Polly, e também o cricrilar cansativo de um grilo, que nenhuma engenhosidade humana seria capaz de localizar. O estalo fantasmagórico de um besouro de velório na madeira da parede, sobre a cabeceira da cama, fez Tom estremecer. O besouro de velório significava que os dias de alguém estavam contados. [2] Depois o uivo remoto de um cachorro se ergueu no ar da noite e foi respondido por outro ainda mais remoto. Tom estava agoniado. Ficou satisfeito com o fato de o tempo ter parado e começou a cochilar, embora não quisesse. O relógio bateu onze horas, mas ele não ouviu. Até que começou, mesclando-se aos sonhos que ainda se formavam, um melancólico miado de gato no cio. A janela de um vizinho sendo aberta o perturbou. Um grito de “Xô, demônio!” e o estilhaçar de uma garrafa nos fundos do barracão da tia fizeram com que ele despertasse inteiramente. Um minuto depois, estava vestido, saía pela janela e se esgueirava pelo telhado em L engatinhando. Miou com cuidado uma ou duas vezes, pulou no telhado do barracão e, de lá, para o chão. Huckleberry Finn estava ali, com seu gato morto.

Os meninos partiram e sumiram na escuridão. Ao cabo de meia hora, estavam caminhando pelo mato alto do cemitério.

Era um cemitério à moda antiga do tipo ocidental. Ficava numa colina, a uns dois quilômetros da vila. Tinha uma cerca de tábuas esquisita, algumas inclinadas para dentro e todas as outras inclinadas para fora, mas sem nenhuma tábua reta. O mato e as ervas daninhas cresciam em todo o cemitério. Todas as velhas sepulturas estavam afundadas, não havia uma lápide no lugar certo. Eram lápides de madeira, arredondadas em cima, comidas por vermes, fincadas nas sepulturas em postura de súplica, sem encontrar apoio. “Consagrado à memória de Fulano de tal” havia sido pintado sobre elas um dia, mas já não se conseguia ler, mesmo que houvesse luz. Um vento suave gemia entre as árvores, e Tom ficou com medo de serem os espíritos dos mortos, reclamando por estarem sendo perturbados. Os meninos falaram pouco e sempre aos sussurros, pois a hora e o lugar, a solenidade e o silêncio reinantes oprimiam seus espíritos. Encontraram o monte de terra recente que estavam procurando e se esconderam ao abrigo de três grandes olmos que cresciam juntos a alguns passos da sepultura.

Então eles esperaram num silêncio que pareceu durar muito tempo. O pio de uma coruja ao longe era o único som que perturbava o silêncio mortal. As reflexões de Tom foram ficando opressivas. Sentiu necessidade de puxar conversa e perguntou num sussurro: — Hucky, será que os mortos vão gostar de a gente estar aqui?

Huckleberry murmurou de volta:

— Quem me dera saber. Está um bocado solene, não?

— Pode apostar.

Houve uma pausa considerável, enquanto os meninos ponderavam a questão internamente. Tom sussurrou: — Ei, Hucky, será que o Hoss Williams está ouvindo nossa conversa?

— Claro que está. Pelo menos o espírito dele.

Tom, depois de uma pausa:

— Eu quis dizer o sr. Williams, mas não falei por mal. Todo mundo chama ele de Hoss.

— Um cadáver não pode ser muito exigente sobre o tratamento depois que está morto, Tom.

Foi um comentário infeliz, e a conversa morreu novamente.

Tom agarrou o braço de seu camarada e disse:

— Psiu!

— O que foi, Tom?

Os dois se abraçaram com o coração na boca.

— Psiu! Outra vez! Você não ouviu?

— Eu...

— Pronto! Agora você ouviu.

— Jesus, Tom, são eles! Estão vindo, com certeza. O que vamos fazer?

— Não sei. Será que estão nos vendo?

— Eles enxergam no escuro, como os gatos. Preferia não ter vindo.

— Não tenha medo. Acho que não vão nos incomodar. Não estamos fazendo nada de errado. Se ficarmos totalmente imóveis, talvez nem reparem que estamos aqui.

— Vou tentar, Tom, mas, Jesus, estou tremendo.

— Escuta!

Os meninos baixaram juntos a cabeça e ficaram quase sem respirar. Um som abafado de vozes foi ouvido do outro lado do cemitério.

— Olha lá! Veja! — sussurrou Tom. — O que será aquilo?

— É fogo-fátuo. Tom, que horror!

Alguns vultos vagos se aproximaram através da escuridão, balançando uma antiga lanterna de lata que salpicava o chão de inúmeras lantejoulas de luz. Huckleberry sussurrou com tremor: — São os demônios, sem dúvida. São três deles! Jesus amado, Tom, vamos morrer! Você sabe rezar?

— Vou tentar, mas não tenha medo. Não vão nos machucar. “Santo anjo do Senhor, meu...”

— Psiu!

— O que foi, Huck?

— São gente! Um pelo menos é. Um deles tem a voz do velho Muff Potter.

— Não. Não pode ser. Será?

— Aposto que é ele. Não se mexa nem faça barulho. Ele não está em condições de reparar em nós. Aposto que está bêbado, como sempre. Velho pinguço desgraçado!

— Tudo bem, vou ficar quieto. Agora eles pararam. Não estou mais vendo nada. Lá vêm eles outra vez. Agora estão com pressa. Perderam a pressa de novo. Agora outra vez depressa. Estão vindo muito depressa! Estão bem aí agora. Ei, Huck, estou reconhecendo outra voz: é o Injun Joe.

— É mesmo. Aquele mestiço sanguinário! Quem dera fossem os demônios em vez desses dois. O que será que querem aqui a essa hora?

Os cochichos cessaram por completo, já que os três homens haviam chegado à sepultura e pararam a poucos passos do esconderijo dos garotos.

— Aí está — disse a terceira voz, erguendo a lanterna e revelando o rosto do jovem dr. Robinson.

Potter e Injun Joe estavam levando um carrinho de mão com uma corda e algumas pás. Despejaram sua carga e começaram a cavar a sepultura. O doutor pôs a lanterna na cabeceira da sepultura e sentou-se de costas para um dos olmos. Estava tão perto dos meninos que conseguiriam tocá-lo.

— Depressa, homens — disse ele, em voz baixa. — A lua vai aparecer a qualquer momento.

Os dois homens rosnaram uma resposta e continuaram cavando. Por algum tempo não houve nenhum barulho além do som do raspar das pás despejando sua carga de barro e pedra. Era muito monótono. Finalmente, uma pá atingiu o caixão com um toque surdo de madeira, e dali a mais um minuto ou dois os homens o içaram para fora da terra. Arrombaram a tampa com as pás, tiraram o cadáver e o largaram bruscamente no chão. A lua saiu de detrás das nuvens e expôs o rosto pálido. O carrinho foi preparado para receber o cadáver, oculto por um cobertor, e içado até a posição com a corda. Potter sacou um grande canivete, cortou a ponta solta da corda e disse: — Agora, para o combinado ser cumprido, Açougueiro, só falta você pagar mais cinco, ou o cadáver vai ficar aí mesmo.

— Foi o combinado — retrucou Injun Joe.

— Escuta aqui, do que você está falando? — disse o doutor. — Vocês pediram para receber adiantado, e já paguei.

— Sim, mas não foi só isso — disse Injun Joe, aproximando-se do doutor, que agora estava de pé. — Cinco anos atrás você me expulsou da cozinha do seu pai uma noite, quando eu fui pedir comida, e você disse que coisa boa eu não estava aprontando por lá. Quando jurei que acertaria as contas com você nem que

levasse cem anos, seu pai me prendeu por vadiagem. Pensa que eu esqueci? O sangue índio não está em mim à toa. Agora eu te peguei e você vai ter que pagar, você sabe disso.

Ele estava ameaçando o doutor com o punho cerrado perto do rosto. O doutor atacou de repente e jogou o bandido no chão. Potter largou o canivete e exclamou: — Ei, você aí, não mexa com o meu parceiro!

No momento seguinte, ele se atracou com o doutor, e os dois ficaram lutando com todas as forças, estragando a grama e rasgando a terra com os calcanhares. Injun Joe ficou de pé, com os olhos faiscantes de paixão, pegou o canivete de Potter, foi se arrastando, como um gato, parou e rondou os combatentes, esperando uma oportunidade. Subitamente, o doutor se desvencilhou, agarrou a lápide de madeira da sepultura de Williams e derrubou Potter no chão com ela. No mesmo instante, o mestiço encontrou sua oportunidade e enfiou o canivete até o cabo no peito do rapaz, que cambaleou e caiu quase em cima de Potter, encharcando-o com seu sangue. No mesmo momento, as nuvens cobriram o pavoroso espetáculo e os dois garotos, apavorados, fugiram correndo no escuro.

Quando a lua voltou a surgir, Injun Joe estava de pé sobre os dois vultos, contemplando-os. O doutor murmurou com dificuldade, soluçou longamente uma ou duas vezes e ficou imóvel. O mestiço esbravejou: — Agora estamos quites, desgraçado!

Depois ele roubou o cadáver, pôs o canivete fatal na mão direita de Potter e se sentou no caixão desmantelado. Três, quatro, cinco minutos se passaram, e então Potter começou a se mexer e a gemer. Sua mão se fechou em torno do canivete. Ergueu-o, ele olhou para o objeto e deixou-o cair com um tremor. Em seguida, levantou-se, empurrou o cadáver e olhou para ele e as coisas em volta, confuso. Seu olhar cruzou com o de Joe.

— Jesus, o que foi isso, Joe? — perguntou.

— Foi um negócio sujo — respondeu Joe, sem se mexer.

— Por que fez isso?

— Eu?! Eu não fiz nada!

— Olha só isso! Esta conversa não vai mudar nada.

Potter estremeceu e ficou pálido.

— Pensei que eu tivesse parado de beber. Eu não tinha nada que ter ido beber hoje à noite. Mas só lembro que foi ficando pior. Estou atrapalhado, não consigo me lembrar de nada, quase nada. Diga, Joe, sinceramente, meu velho camarada, fui eu que fiz isso? Joe, não era minha intenção. Juro pela minha alma e pela minha honra, não foi minha intenção, Joe. Diga como aconteceu, Joe. Que horror! Ele era tão jovem e promissor!

— Ora, vocês estavam brigando, ele o acertou com a lápide e você caiu duro. Quando se levantou, todo cambaleante e se arrastando, você pegou o canivete e enfiou nele. Nisso ele o acertou de novo com força, você caiu e ficou caído como se estivesse morto até agora.

— Eu não sabia o que estava fazendo. Juro pela minha vida que eu não sabia. Acho que foi tudo por conta do uísque e da excitação. Nunca usei uma arma na vida, Joe. Já briguei, mas nunca com arma. Todo mundo sabe disso. Não conte a ninguém. Prometa que não vai contar, seja meu amigo. Sempre gostei de você, Joe, e sempre te defendi. Você não lembra? Você não vai contar nada, não é?

A pobre criatura se atirou de joelhos aos pés do impávido assassino e juntou as mãos numa súplica.

— Não vou contar nada. Você sempre foi justo e correto comigo, Muff Potter, e não vou lhe dar as costas agora. É o mais justo que se pode dizer.

— Joe, você é um anjo. Vou rezar por você até o último dia da minha vida.

Potter começou a chorar.

— Ora, vamos, já chega disso. Não é hora de choro. Você segue o seu caminho e eu vou por aqui. Vamos agora, e não deixe rastros.

Potter começou um trote que rapidamente acelerou para corrida. O mestiço ficou parado olhando para ele e resmungou consigo mesmo: — Se ele está tão atordoado com a pancada e atrapalhado de tanto rum quanto parece estar, nem vai se lembrar do canivete até estar tão longe que vai ter medo de voltar aqui sozinho. Covarde!

Dois ou três minutos depois, o homem assassinado, o cadáver no cobertor, o caixão destampado e a cova aberta estavam sem ninguém a inspecioná-los além da lua. Também o silêncio voltou a ser total.

10.

Os dois meninos fugiram e continuaram correndo em direção à vila sem palavras de tanto horror. Olhavam de relance para trás, de quando em quando, apreensivos, como se receassem que alguém os estivesse seguindo. Cada cepo com o qual topavam no caminho era um homem, um inimigo, e eles prendiam até a respiração. Ao passarem por sítios afastados, nos arrabaldes da vila, o latido dos cães de guarda deram asas a seus pés.

— Se conseguirmos chegar ao velho curtume antes de amanhecer... — sussurrou Tom, tomando fôlego. — Não sei se consigo correr mais.

A respiração muito ofegante de Huckleberry foi sua única resposta. Os meninos fixaram os olhos no alvo de suas esperanças e voltaram ao trabalho para alcançá-lo. Logo foram se aproximando. Por fim, lado a lado, empurraram a porta aberta e caíram gratos e exaustos ao abrigo das sombras do curtume. Aos poucos, seus corações foram se acalmando, e Tom sussurrou: — Huckleberry, o que acha que vai dar?

— Se o dr. Robinson morreu, acho que é força.

— Será?

— Ora, eu não sei, Tom.

Tom pensou um pouco e disse:

— Quem vai contar? Nós?

— Do que você está falando? Já pensou se acontece alguma coisa e o Injun não é enforcado? Ele vai acabar nos matando mais cedo ou mais tarde, tão certo como estamos aqui agora.

— Era isso que eu estava pensando, Huck.

— Se alguém quiser contar, deixa o Muff Potter fazer isso, se ele for burro o bastante. Geralmente ele está bêbado o suficiente para fazer isso.

Tom não disse nada, continuou pensando e cochichou:

— Huck, o Muff Potter não sabe o que aconteceu. Como poderia contar?
— Como assim, não sabe o que aconteceu?
— Porque ele levou aquela pancada quando o Injun Joe enfiou o canivete. Você acha que ele viu alguma coisa? Acha que ele sabe alguma coisa?
— Jesus, é mesmo, Tom!
— E, além do mais, pense bem... Talvez a pancada tenha feito ele apagar.
— Acho que não, Tom. Ele estava bêbado, eu vi; além do mais, ele sempre está bêbado. Quando meu pai está bêbado, você pode dar com uma torre de igreja na cabeça dele que ele nem sente. É o que ele mesmo diz. Então deve ser a mesma coisa com o Muff Potter. Mas talvez, quando o homem está sóbrio, uma pancada daquelas apague mesmo o sujeito, não sei.

Após outro silêncio reflexivo, Tom disse:

— Hucky, você tem certeza de que vai conseguir manter segredo?
— Tom, nós temos que manter segredo. Você sabe muito bem disso. Aquele demônio do Injun vai nos afogar como se fôssemos dois gatos se abirmos o bico sobre isso e não enforcarem ele. Agora, pensando bem, vamos fazer um juramento. É isso que vamos fazer: jurar manter segredo.
— Concordo. É a melhor coisa a fazer. Vamos dar as mãos e jurar que...
— Não, assim não adianta. Isso funciona com bobagens e coisas comuns, especialmente com garotas, porque elas acabam nos dando as costas de qualquer jeito e reclamam quando estão enjoadas. Mas esse tipo de coisa tem que ser por escrito. E com sangue.

Tom aplaudiu a ideia com todo o seu ser. Aquilo era profundo, soleno e pavoroso. A hora, as circunstâncias, o lugar: estava tudo de acordo. Ele escolheu uma tábua lisa de pinho que estava visível ao luar, tirou um pequeno fragmento de “argila ocre” do bolso, parou sob a luz da lua e, com esforço rabiscou as linhas, enfatizando cada lento risco para baixo com a língua presa entre os dentes e liberando a pressão nos riscos para cima.

Huck Finn e

Tom Sawyer juram

manter segredo

sobre isso e

*preferem cair mortos
agora mesmo e apodrecer
se um dia contarem.*

Huckleberry ficou cheio de admiração pela facilidade de Tom para escrever e com sua linguagem sublime. Imediatamente, tirou da lapela um alfinete e estava prestes a espetar o próprio dedo quando Tom disse: — Espere! Não faça isso. É de latão. Talvez tenha azinhavre.

— O que é azinhavre?

— Veneno. Isso que é azinhavre. Se você engole, você vai ver só.

Tom desenrolou a linha de uma de suas agulhas, furou o polegar e espremeu uma gota de sangue. Após muitas espremidas, Tom conseguiu assinar suas iniciais, usando a polpa do mindinho como caneta. Na sequência, mostrou a Huckeberry como fazer um H e um F, e o juramento ficou pronto. Enterraram a tábua perto do muro, com cerimônias, encantamentos sombrios, e as correntes que prendiam suas línguas foram consideradas trancadas e a chave, jogada fora.

Um vulto se esgueirou lentamente por um vão na outra extremidade do curtume arruinado, mas eles não repararam.

— Tom, isso vai nos impedir de falar sobre o assunto para sempre mesmo? — sussurrou Huckeberry.

— Claro que vai. Não importa o que aconteça, vamos manter segredo. Podemos cair duros. Você não sabe?

— Sim, acho que sim.

Continuaram sussurrando por mais alguns instantes e ouviram um cachorro soltar um uivo longo, lúgubre, bem ao lado do curtume, a uns três metros deles. Os meninos se abraçaram de repente, agoniados de medo.

— Para qual de nós dois será que ele está uivando? — deixou escapar Huckeberry.

— Sei lá. Espie pela fresta. Depressa!

— Não, espie você, Tom!

— Não consigo. Não consigo olhar, Huck!

— Por favor, Tom. Está uivando de novo!

— Oh, graças a Deus — sussurrou Tom. — Conheço esse uivo. É do Bull Harbison. [3]

— Que bom! Devo confessar que quase morri de medo agora. Pensei que fosse um cão sem dono.

O cachorro tornou a uivar. O coração dos meninos afundou no peito outra vez.

— Meu Deus! Não é o Bull Harbison coisa nenhuma — sussurrou Huckleberry. — Vá espiar, Tom!

Tom, tremendo de medo, cedeu e aproximou o olho da fresta. Seu sussurro foi quase inaudível: — Huck, é um cão sem dono!

— Depressa, Tom! Para quem será que ele está uivando?

— Deve ser para nós dois. Estamos juntos aqui.

— Acho que estamos perdidos e não há dúvidas sobre o lugar para onde vão acabar me levando. Tenho sido muito mau. Isso é o que dá faltar à escola e fazer tudo o que mandam não fazer. Eu podia ser bom, como o Sid, se eu tentasse. Mas não tentei. Se eu escapar desta vez, juro que vou todo dia à escola dominical — disse Tom, choramingando.

— *Você não é bom?* — Huckleberry também começou a choramingar. — Tom Sawyer, você é um doce, se comparado a mim. Céus! Quem dera eu tivesse metade das suas chances.

Tom parou de se lamentar e sussurrou:

— Veja, Hucky, olha lá! Ele está virando de costas para nós.

Hucky olhou, com alegria no coração.

— Está mesmo, graças aos céus. Antes ele já estava uivando para lá?

— Sim, estava. Mas eu, bobo, nem tinha pensado nisso. Oh, isso é bom, não é? Agora, para quem será que ele está uivando assim?

O uivo parou e Tom apurou os ouvidos.

— Psiu! O que foi isso? — sussurrou ele.

— Parece... grunhido de porco. Não. Tem alguém roncando, Tom.

— É isso mesmo! De onde será que vem, Huck?

— Acho que lá do outro lado. Pelo menos parece que é. Meu pai costumava dormir lá às vezes com os porcos, mas, Deus me perdoe, quando ele ronca as coisas saem voando. Além disso, acho que ele nunca mais vai voltar para esta cidade.

O espírito da aventura se ergueu na alma dos meninos mais uma vez.

— Hucky, você arrisca vir comigo se eu for na frente?

— Não gosto muito da ideia. Imagine se for o Injun Joe?

Tom estremeceu, mas a tentação ficou forte de novo e os meninos concordaram em arriscar, uma vez entendido que sairiam correndo se os roncos parassem. Foram na ponta dos pés, um atrás do outro. Ao chegarem a cinco passos do roncador, Tom pisou num graveto, quebrando-o com um estalo agudo. O homem gemeu, contorceu-se um pouco, e seu rosto apareceu à luz do luar. Era Muff Potter. O coração dos meninos parou no peito, assim como suas esperanças, quando o homem se mexeu, mas logo o medo passou. Eles foram embora na ponta dos pés, pelas tábuas rachadas do curtume, e pararam perto um do outro para se despedir. Aquele uivo comprido e lúgubre se ergueu outra vez no ar noturno. Eles se viraram e viram um cão sem dono a poucos passos de onde Potter estava deitado, olhando para ele, com o focinho apontado para o céu.

— Jesus! O uivo era para ele mesmo — exclamaram ambos ao mesmo tempo.

— Sabe, Tom, dizem que um cão sem dono andou uivando perto da casa do Johnny Miller, por volta da meia-noite, faz duas semanas. Na mesma noite, um bacurau entrou na casa, pousou no corrimão da sala e cantou, e ninguém ainda morreu na casa.

— Eu sei disso. Mas, mesmo que não tenha morrido ninguém, a Gracie Miller não caiu no fogo da cozinha e se queimou no sábado seguinte?

— Sim, mas não morreu. E tem mais, ela já está bem melhor.

— Está bem, espere para você ver. Ela está condenada, tão condenada quanto Muff Potter. É assim que os escravos falam, e os escravos sabem tudo sobre essas coisas, Huck.

Eles se separaram, pensativos. Quando Tom entrou sorrateiramente pela janela do quarto, a noite havia quase acabado. Ele se despiu com excessivo cuidado e adormeceu, parabenizando a si mesmo por ninguém ter percebido sua ausência. Não sabia que Sid, que fingia roncar delicadamente, estava acordado havia quase uma hora.

Quando Tom acordou no dia seguinte, Sid já havia se trocado e saído. Pela luz, a manhã parecia avançada e havia uma sensação de tempo decorrido no ar. Ele teve um sobressalto. Por que não o haviam acordado? Por que ninguém fora

atrás dele, como sempre? Esse pensamento o encheu de maus pressentimentos. Em cinco minutos, estava vestido e descendo a escada, sentindo-se dolorido e sonolento. A família ainda estava à mesa, mas já havia terminado de comer. Não houve nenhuma censura, mas olhares foram evitados. Havia um silêncio e um ar de solenidade que lançou um calafrio naquele coração culpado. Tom se sentou e tentou parecer alegre, mas foi difícil. Não despertou nenhum sorriso, nenhuma resposta, até que se calou e deixou o coração mergulhar nas profundezas.

Depois do café da manhã, a tia quis ficar a sós com ele, e Tom quase se iluminou de esperança de que seria castigado. Mas não foi isso. A tia chorou, perguntando como ele podia magoar tanto assim seu velho coração. Em seguida, deixou-o sair, levando aqueles cabelos grisalhos para a sepultura de tanta tristeza, pois não adiantava ela tentar mais nada. Isso foi pior do que mil chibatadas, e o coração de Tom ficou mais dolorido que seu corpo. Ele chorou, implorou perdão, jurou melhorar e teve permissão para ir, sentindo que havia conquistado apenas um perdão parcial e estabelecido uma confiança frágil.

Foi embora infeliz demais até para se vingar de Sid, de modo que foi desnecessária a rápida retirada deste pelo portão de trás. Tom foi se arrastando melancólica e tristemente até a escola, onde recebeu o castigo, assim como Joe Harper, por haver faltado à escola no dia anterior, com o ar de alguém cujo coração estava ocupado de dores mais pesadas e morto para trivialidades. Depois, foi para sua carteira, apoiou os cotovelos na mesa, o queixo nas mãos, ficou olhando fixamente para a parede com o olhar pétreo de um sofrimento que havia atingido seu limite e não podia continuar. Seu cotovelo havia encostado em algum objeto duro. Após um longo tempo, lenta e tristemente, mudou de posição e pegou o objeto com um suspiro. Estava embrulhado num papel. Ele o desembulhou. Um suspiro longo e colossal se seguiu e seu coração se partiu. Era a maçaneta de latão.

Aquilo tinha sido a gota d'água.

11.

Perto do meio-dia, a vila inteira de repente ficou eletrizada com a mórbida notícia. Não foi necessário o ainda nem sonhado telégrafo; a história correu de boca em boca, de grupo em grupo, de casa em casa, com uma velocidade quase telegráfica. Evidentemente, o professor declarou feriado aquela tarde; a cidade teria achado estranho se ele não fizesse isso.

Um canivete ensanguentado fora encontrado perto do homem assassinado e fora identificado por alguém como pertencente a Muff Potter. Disseram também que um cidadão, voltando tarde para casa, deparara com Potter se lavando no “córrego” por volta das duas horas da madrugada e que Potter imediatamente se escondeu — circunstância suspeita, sobretudo porque Potter não tinha costume de se lavar. Disseram ainda que a cidade fora revirada em busca do “assassino” (o público não demorou a filtrar evidências e chegar a um veredito), que não foi encontrado. Homens a cavalo percorreram todas as estradas, em todas as direções, e o xerife “estava confiante” de que ele seria capturado antes do anoitecer.

A cidade inteira se encaminhou na direção do cemitério. A mágoa de Tom passou e ele se juntou à procissão. Ele preferiria mil vezes ir a qualquer outro lugar, mas um fascínio terrível e inexplicável o conduziu até lá. Chegando ao pavoroso local, encolheu o pequeno corpo para atravessar a multidão e assistiu ao melancólico espetáculo. Parecia-lhe haver passado uma era desde a última vez em que estivera ali. Alguém beliscou seu braço. Ele se virou, e seus olhos encontraram os de Huckleberry. Ambos viraram o rosto ao mesmo tempo, perguntando-se se alguém teria reparado em sua troca de olhares. Mas estavam todos conversando, atentos ao tenebroso espetáculo diante de si.

“Pobre sujeito!” “Pobre rapaz!” “Que isso sirva de lição para esses ladrões de sepultura!” “Muff Potter vai ser enforcado por isso se conseguirem apanhá-lo!”

Esse era o rumo dos comentários. O pastor emendou: “Foi a justiça divina. A mão d’Ele está aqui.”

Tom estremeceu da cabeça aos pés quando seus olhos depararam com o semblante impassível de Injun Joe. Nesse momento, a multidão começou a se abrir, a se acotovelar, e vozes gritaram:

— É ele! É ele! Ele está vindo ali!

— Quem? Quem? — disseram vinte vozes.

— Muff Potter!

— Ele parou! Olhem lá, está indo embora! Não o deixem escapar!

As pessoas penduradas nos galhos das árvores acima da cabeça de Tom disseram que ele não estava tentando fugir, mas ele só parecia hesitante e perplexo.

— É a impudência infernal — opinou um passante. — Acho que ele quis dar uma olhada no que fez, só que não esperava encontrar ninguém aqui.

A multidão se dispersou e o xerife chegou, levando Potter pelo braço. O pobre sujeito estava lívido, e seus olhos mostravam que estava com medo. Quando parou diante do morto, tremeu como se tivesse uma convulsão, cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar.

— Meus amigos, não fui eu. — Soluçou. — Dou minha palavra de honra que não fiz isso.

— Quem te acusou? — gritou uma voz.

Esse tiro pareceu acertar o alvo. Potter ergueu o rosto e olhou à sua volta com um desamparo patético nos olhos. Viu Injun Joe e lamentou:

— Injun Joe, você jurou que nunca...

— Esse canivete é seu?

A arma foi lançada diante dele pelo xerife.

Potter teria caído se não o tivessem segurado e ajudado a se sentar no chão. Ele falou:

— Alguma coisa me dizia que se eu não voltasse aqui para buscar... — Ele estremeceu, agitou a mão frouxa com um gesto derrotado e disse: — Conte para eles, Joe, pode contar tudo. Não adianta mais nada.

Huckleberry e Tom ficaram atordoados, olhando fixamente para ele, e ouviram aquele mentiroso de coração de pedra desfiar sua serena declaração, esperando a

qualquer momento que o céu azul fosse lançar um raio de Deus bem em sua cabeça e se perguntando quanto tempo demoraria para isso acontecer. Quando terminou e continuou de pé, vivo e inteiro, o primeiro impulso hesitante de romper o juramento e salvar a vida do pobre prisioneiro traído esmoreceu e passou, tendo em vista que aquele herege havia vendido a alma a Satanás e seria fatal mexer com a propriedade de uma potência como aquela.

— Por que você não foi embora? Por que quis vir até aqui? — indagou alguém.

— Não pude evitar, não consegui me controlar. — Potter gemeu. — Eu quis fugir, mas parecia que não conseguia ir para nenhum outro lugar, só para cá.

Ele começou a soluçar outra vez.

Injun Joe repetiu sua declaração, calmo como antes, alguns minutos depois no depoimento, sob juramento. Os meninos, vendo que os raios não vinham, confirmaram sua crença de que Joe havia se vendido para o Diabo. Ele havia se tornado para eles o mais cruel objeto de interesse que já haviam visto e não conseguiam parar de encará-lo.

Intimamente, decidiram que, quando houvesse oportunidade, iriam vigiá-lo toda noite, na esperança de ver de relance o pavoroso mestre e senhor de sua alma. Injun Joe ajudou a levantar do chão o cadáver do homem assassinado e a colocá-lo na carroça para levá-lo dali. Correu um burburinho na multidão de que, nessa hora, a ferida sangrou um pouco. Os meninos pensaram que essa feliz circunstância desviaria a suspeita na direção certa, porém ficaram decepcionados, porquanto mais de um morador da vila comentou:

— Esse índio estava a um metro do Muff Potter quando aconteceu.

O temível segredo e a aguda consciência de Tom perturbariam seu sono por mais uma semana depois disso. Um dia, no café da manhã, Sid comentou:

— Tom, você fica se mexendo e falando tanto enquanto está dormindo que quase não consigo dormir à noite.

Tom ficou pálido e baixou os olhos.

— Isso é mau sinal — disse tia Polly, gravemente. — O que você anda aprontando, Tom?

— Nada. Nada que eu saiba.

Sua mão, porém, tremia tanto que ele derramou o café.

— E você fala cada coisa! — Sid continuou. — Ontem à noite você disse: “Isso é sangue, é sangue.” Ficou repetindo isso sem parar e falou: “Não me atormente assim. Eu vou contar.” Contar o quê? O que você tem para contar?

Tudo estava girando diante de Tom. Não se sabe o que podia ter acontecido. Por sorte, a preocupação sumiu do semblante de tia Polly, que acabou deixando Tom aliviado sem perceber. Ela concluiu:

— Arre! Deve ser esse assassinato pavoroso. Também sonho com isso quase toda noite. Às vezes sonho que fui eu quem matou.

Mary afirmou que ficara abalada de forma semelhante. Sid pareceu satisfeito. Tom saiu da mesa o mais depressa que pôde sem despertar suspeita. Depois disso, queixou-se de dor de dente por uma semana, e toda noite antes de dormir amarrava um lenço na cabeça para não abrir a boca.

Ele nunca ficou sabendo que Sid passava toda noite vigiando e que, muitas vezes, soltava o lenço, apoiava-se no cotovelo e ficava ouvindo por um bom tempo o que Tom sussurrava, amarrando na sequência o lenço no lugar outra vez. A aflição mental de Tom foi passando aos poucos. A dor de dente virou uma irritação a mais e foi descartada. Se de fato Sid conseguiu decifrar alguma coisa dos resmungos desconjuntados de Tom, guardou só para si.

Para Tom, parecia que os colegas da escola jamais se cansariam de brincar de investigação com gatos mortos, conservando o problema sempre presente em seus pensamentos. Sid reparou que Tom nunca fazia o papel de legista nesses inquéritos, embora sempre tivesse sido seu costume tomar a liderança em toda nova empreitada. Reparou também que Tom nunca fazia o papel de testemunha, o que era estranho. Sid não deixou de notar o fato de que Tom chegava a demonstrar verdadeira aversão a essas investigações e as evitava sempre que podia. Sid ficou maravilhado com isso, mas não disse nada. Por fim, até mesmo investigação com gatos mortos saiu de moda, e a brincadeira deixou de torturar a consciência de Tom.

A cada dia, ou a cada dois, durante esse período de tristeza, Tom aproveitava para ir até a janelinha gradeada da cadeia e contrabandear pequenos presentes para o “assassino”, conforme a disponibilidade. A cadeia era um minúsculo casebre de tijolos que ficava num brejo na saída da vila, sem guardas suficientes

para vigiá-la. A bem dizer, raramente estava ocupada. Esses presentes ajudaram muito a aliviar a consciência de Tom.

Os moradores da vila desejaram cobrir Injun Joe de alcatrão e penas e amarrá-lo no trilho do trem, como ladrão de sepultura, mas ele era uma figura tão formidável que não apareceu ninguém disposto a levar esse desejo adiante, de modo que o caso foi encerrado. Ele havia tomado o cuidado de começar seus dois depoimentos pela briga, sem confessar o roubo da sepultura que a precedera. Assim, foi considerado mais prudente não tentar levar o caso ao tribunal naquele momento.

12.

Um dos motivos de os pensamentos de Tom se desviarem de seus problemas secretos foi o fato de encontrar um novo e mais sério interesse com o que se ocupar. Becky Thatcher não estava indo às aulas. Tom relutou contra o próprio orgulho por alguns dias e tentou tirá-la da cabeça, mas não conseguiu. Começou a rondar a casa do pai dela à noite, sentindo-se muito angustiado. Ela estava doente. E se morresse? Esse pensamento foi uma distração e tanto. Ele deixou de se interessar pela guerra e até pela pirataria. O encanto da vida estava perdido; não havia sobrado nada além da monotonia. Jogou fora seu aro e seu bastão; não havia mais alegria neles. A tia ficou preocupada e tentou todo tipo de remédio com o sobrinho. Era uma dessas pessoas aficionadas por remédios e todos os novíssimos métodos de tratamento e cura. Era uma provadora inveterada dessas coisas. Quando saía algum produto novo nessa linha, ficava logo louca para experimentar; não nela mesma, pois nunca adoecia, mas em qualquer outra pessoa que estivesse mais à mão. Ela assinava todos os periódicos de saúde e fraudes frenológicas, e a solene ignorância que inflava essas publicações era ar puro para suas narinas. Toda podridão sobre ventilação, como dormir, como acordar, o que comer, o que beber, quanto exercício fazer, o estado de espírito certo, que tipo de roupa vestir — tudo isso era o evangelho para ela, que nunca reparava que os números novos de suas revistas de saúde costumavam desdizer tudo o que haviam recomendado no anterior. Tinha um coração singelo e honesto como a duração do dia, de modo que era uma presa fácil. Juntava todas as suas publicações e seus remédios charlatões. Assim, armada com a morte, seguia em seu cavalo amarelo, metaforicamente falando, “e o inferno a seguia”. Mas nem desconfiava de que não era um anjo de cura e um bálsamo de Gileade disfarçado de mulher para seus vizinhos adoentados.

O tratamento de água era a novidade, e a péssima condição de Tom foi uma bênção inesperada. Ela o levava assim que raiava o dia, toda manhã, fazia-o ficar de pé no barracão e o afogava com um dilúvio de água fria. Em seguida, esfregava-o com uma toalha áspera como lixa e o tirava de lá. Depois, enrolava-o num lençol molhado e o deitava embaixo dos cobertores até ele suar a própria alma e “saírem manchas amarelas pelos poros”, como Tom disse.

Não obstante tudo isso, o menino foi ficando cada vez mais melancólico, pálido e deprimido. Ela acrescentou banhos quentes, de assento, de chuveiro e imersões. O menino continuou tristonho como um carro fúnebre. Ela começou a ajudar a água com uma dieta de aveia e unguentos. Calculou a capacidade do menino como se fosse um pote de vidro, e todo dia o enchia com suas panaceias charlatãs.

Tom havia se tornado indiferente às perseguições a essa altura. Essa fase encheu o coração da velha senhora de consternação. Essa indiferença devia ser rompida a qualquer custo. Ela ouviu falar pela primeira vez em analgésicos e encomendou logo um lote. Provou e ficou cheia de gratidão. Abandonou o tratamento à base de água e todo o resto e depositou toda a fé nos analgésicos. Deu uma colherada a Tom e esperou com a mais profunda angústia pelo resultado. Seus problemas instantaneamente tiveram uma trégua, e sua alma descansou em paz outra vez, pois a “indiferença” passou. O menino não teria demonstrado um interesse mais exacerbado se ela tivesse acendido uma fogueira embaixo dele.

Tom sentiu que era hora de acordar. Esse tipo de vida podia até ser bastante romântico em sua condição desgraçada, mas teria pouco apelo sentimental se houvesse muita variedade de distrações. Pensou em diversos planos para se aliviar e, por fim, resolveu fingir gostar de analgésicos. Ele pedia tanto analgésico que se tornou irritante. Sua tia acabou dizendo para ele se virar sozinho e parar de incomodá-la. Se fosse com Sid, ela não teria nenhuma desconfiança a comprometer sua satisfação. Mas, com Tom, precisou vigiar o frasco de analgésicos discretamente. Percebeu que o remédio de fato estava acabando, mas não lhe ocorreu que o menino pudesse estar curando uma rachadura no assoalho da sala com o remédio.

Um dia, Tom estava em pleno ato de ministrar uma dose à rachadura do chão quando o gato caramelo da tia veio se aproximando, ronronando, olhando com avareza para a colher e implorando para provar. Tom disse:

— Só peça se você quiser mesmo, Peter.

Peter, contudo, fez sinal de que queria.

— É bom você ter certeza.

Peter tinha certeza.

— Agora que você pediu, vou lhe dar, porque não tenho um pingão de maldade dentro de mim. Mas, se você não gostar, não pode culpar ninguém além de você mesmo.

Peter concordou. Tom abriu a boca do gato e despejou o analgésico. Peter saiu em disparada por alguns metros, deu um grito de guerra e começou a dar voltas na sala, batendo contra os móveis, derrubando vasos de flores, causando um caos generalizado. Em seguida, ficou sentado nas patas traseiras e se virou, com um prazer frenético, parecendo bastante razoável e com a voz proclamando seu prazer insaciável.

Em seguida, voltou a correr pela casa, espalhando o caos e a destruição em seu caminho. Tia Polly entrou a tempo de vê-lo dar algumas cambalhotas, soltar um último urro vigoroso e saltar pela janela aberta, levando o resto dos vasos com ele. A velha senhora ficou petrificada de espanto, espiando por cima dos óculos. Tom estava deitado no chão, morrendo de rir.

— Tom, que diabos deu nesse gato?

— Não sei, tia — disse o menino, ofegante.

— Nunca vi nada parecido. Por que ele começou a agir assim?

— Juro que não sei, tia Polly. Os gatos fazem sempre assim quando estão se divertindo.

— Eles fazem assim mesmo?

Havia algo no tom de voz da tia que deixou Tom apreensivo.

— Fazem, sim, senhora. É assim, acho que é assim.

— Acha mesmo?

— Acho, sim, senhora.

A velha senhora estava inclinada e Tom assistia, com um interesse enfatizado pela angústia. Só tarde demais ele percebeu sua “manobra”. O cabo traidor da

colher de chá estava visível embaixo do babado da cortina. Tia Polly pegou a colher e mostrou. Tom piscou, baixando os olhos. Tia Polly ergueu o menino pela orelha e lhe deu um golpe duro com o dedal.

— Agora, senhorzinho, você quis curar qual doença daquele pobre animal?

— Fiz isso por pena dele, porque ele nunca teve uma tia como a senhora.

— Nunca teve uma tia...! Ora, seu cabeça de vento. O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Tudo. Porque, se ele tivesse, ela mesma teria queimado a barriga dele para tentar curá-lo. Teria torrado as tripas dele sem pena, como se fosse humano.

Tia Polly sentiu uma súbita ferroadada de remorso. Aquilo deixava as coisas sob outra luz. O que era crueldade para um gato, podia também ser crueldade para um menino. Ela começou a amenizar e sentiu pena. Seus olhos ficaram um pouco marejados, ela pôs a mão na cabeça de Tom e disse delicadamente:

— Minha intenção foi a melhor possível, Tom. E o analgésico realmente fez bem para você.

Tom olhou bem para o rosto da tia com uma piscadela quase imperceptível a espiar por trás de seu semblante grave.

— Sei que sua intenção era a melhor possível, titia, e também com o Peter. Fez bem para ele também. Nunca mais tinha visto ele correr assim desde a...

— Pare logo com isso, Tom, antes que eu fique aborrecida de novo. E agora vá tentar ser um bom menino uma vez na vida. Não precisa mais tomar nenhum remédio.

Tom chegou à escola antes da hora. O comentário geral era que essa coisa estranha vinha ocorrendo todos os dias ultimamente. E agora, como vinha acontecendo recentemente, ele ficava parado no portão da escola em vez de brincar com seus amigos. Estava doente, disse ele, e parecia mesmo estar. Tentou fazer parecer que estava olhando para todo lado menos para onde realmente estava: o fim da rua. Nesse momento, Jeff Thatcher surgiu em seu campo de visão, e o rosto de Tom se iluminou. Ele ficou olhando por mais um tempo e deu as costas, cabisbaixo. Quando Jeff chegou, Tom se aproximou dele e conduziu cuidadosamente a conversa para uma oportunidade de falar em Becky, mas o alegre rapaz não mordeu a isca.

Tom ficou observando, com esperança a cada vestido saltitante que surgia em seu campo de visão, e odiando a dona do vestido assim que ele via que não era a certa. Enfim os vestidos pararam de aparecer. Ele se atirou desesperadamente em profunda tristeza, entrou na escola vazia e se sentou pronto para sofrer. Outro vestido passou pelo portão, e o coração de Tom deu um grande salto no peito. No instante seguinte, ele era outro: gritava, gargalhava, corria atrás dos meninos, pulava a cerca com risco de quebrar a perna, plantava bananeira, equilibrava-se com a cabeça no chão. Fazia todas as coisas heroicas que pudesse conceber, mantendo um olhar furtivo, o tempo todo, para ver se Becky Thatcher estava reparando. Mas ela parecia inconsciente de tudo aquilo e não olhou nenhuma vez. Seria possível que não se desse conta de que ele estava ali? Ele soltou gritos de guerra, tirou o boné de um menino, atirou-o no telhado da escola, passou no meio de um grupo de meninos, derrubando-os para todos os lados, e caiu estatelado, ele próprio, embaixo do nariz de Becky, quase a derrubando também. Ela se virou, com o nariz empinado, e ele a ouviu dizer: “Humpf! Tem gente que se acha muito esperta, sempre se exibindo!”

As maçãs do rosto de Tom ficaram vermelhas. Ele se recompôs e saiu discretamente, arrasado e cabisbaixo.

13.

Agora Tom estava resolvido, triste e desesperado. Era um menino rejeitado, sem amigos, segundo ele mesmo. Ninguém gostava dele. Quando as pessoas descobrissem o que o estavam obrigando a fazer, talvez se lamentassem. Ele tentara agir certo e se entrosar, mas ninguém deixou. Se nada adiantaria exceto se livrarem dele, que fosse assim! Que culpassem ele mesmo pelas consequências! Mas por que as pessoas faziam isso? Que direito de reclamar teria alguém sem amigos? Sim, estavam-no obrigando a fazer aquilo. Ele levaria uma vida de criminoso, não havia outra escolha.

A essa altura, já estava no fim da Meadow Lane quando o sino da volta à escola tocou bem fraco em seu ouvido. Ele soluçou ao pensar que nunca mais ouviria aquele som familiar. Era duro, mas ele era obrigado. Como fora largado no mundo frio, devia se submeter. Mas perdoou a todos. Os soluços ficaram mais fortes e rápidos.

Nesse exato momento, encontrou seu camarada, seu amigo do peito, Joe Harper, compenetrado e evidentemente com um grandioso e macabro propósito no coração. Ali estavam “duas almas com um único pensamento”, pensou Tom, enxugando os olhos com a manga, e começou a tagarelar sobre sua decisão de fugir dos maus tratos e da falta de compaixão em casa, vagando por esse mundão sem nunca mais voltar, e terminou dizendo que esperava que Joe não se esquecesse dele.

Mas acabaram descobrindo que era justamente esse pedido que Joe fora fazer a Tom. A mãe havia batido nele por ter bebido um creme que nem sequer tinha provado e sobre o qual não sabia nem da existência. Estava claro que a mãe havia se cansado dele e queria que fosse embora de casa. Se era o que ela queria, não havia outra coisa a fazer senão sucumbir. Ele esperava que a mãe ficasse

feliz assim e que jamais se arrependesse por ter abandonado o pobre menino nesse mundo para sofrer e morrer sozinho.

Enquanto os dois meninos foram caminhando tristonhos, fizeram um novo pacto de continuarem unidos e de jamais se separarem até que a morte lhes aliviasse de seus problemas. Joe tinha a intenção de se tornar eremita. Viveria de comer cascas de árvore em alguma caverna remota e morreria algum dia de frio, fome e tristeza. Mas, depois de ouvir a ideia de Tom, concordou que havia grandes vantagens na vida de criminoso, portanto consentiu em se tornar pirata.

Três milhas abaixo de St. Petersburg, num ponto onde o rio Mississippi tinha um pouco mais de uma milha de largura, havia uma ilha comprida, estreita e arborizada, com uma barra rasa na extremidade, que servia bem como local de encontro. Não havia moradores. Ficava muito afastada da margem, através de uma floresta densa e quase inteiramente deserta. Por isso a ilha Jackson foi escolhida. Quem seriam as vítimas das piratarias dos meninos era uma questão que não lhes ocorrera ainda. Foram atrás de Huckleberry Finn, que prontamente se juntou a eles, já que qualquer ofício para ele dava no mesmo. Eles se separaram e marcaram de se encontrar num ponto solitário da margem do rio duas milhas acima da vila em seu horário favorito: meia-noite. Havia ali uma pequena jangada de troncos que pretendiam capturar. Cada um traria anzóis, linhas e provisões que conseguissem roubar da maneira mais obscura e misteriosa, como faziam os fora da lei. Antes do fim da tarde, já haviam conseguido desfrutar a doce glória de espalhar o fato de que muito em breve a cidade “ficaria sabendo de uma coisa”. Todos que ouviram esse vago rumor foram avisados para “manter segredo e esperar”.

Por volta da meia-noite, Tom chegou com presunto cozido e algumas quinquilharias, parando num denso arbusto, numa pequena ribanceira que dava para o ponto de encontro. Só havia a luz das estrelas, estava tudo muito quieto. Ele soltou um assobio grave, distinto. A resposta veio lá de baixo da ribanceira. Tom assobiou mais duas vezes, e os sinais foram respondidos da mesma maneira. Uma voz cautelosa perguntou: — Quem vem lá?

— Tom Sawyer, o Vingador Negro das Possessões Espanholas. Digam seus nomes.

— Huck Finn, o Mão Vermelha, e Joe Harper, o Terror dos Sete Mares.

Tom havia fornecido esses títulos, retirados de sua literatura favorita.

— Muito bem. Digam a contrassenha.

Dois sussurros roucos pronunciaram a mesma palavra terrível simultaneamente na noite murmurante: — Sangue!

Tom jogou seu presunto da ribanceira e desceu logo atrás, rasgando um pouco a própria pele e as roupas. Havia uma trilha mais fácil e confortável mais adiante na margem, abaixo da ribanceira, mas que não tinha as vantagens da dificuldade e do perigo tão valorizadas por um pirata.

O Terror dos Sete Mares havia trazido um talho de barriga de porco e havia quase se exaurido para levá-la até lá. Finn, o Mão Vermelha, havia roubado uma frigideira e uma quantidade de tabaco em folhas quase curadas, e trazido também algumas espigas de milho para fazer cachimbos. Mas nenhum dos piratas fumava ou “mascava” tabaco além dele mesmo. O Vingador Negro das Possessões Espanholas disse que não seria possível começar sem fogo. Essa foi uma ideia prudente; naquela época quase não havia fósforos. Eles avistaram um fogo ainda aceso numa grande jangada algumas centenas de metros rio acima, foram até lá e trouxeram uma brasa. Fizeram disso uma grande aventura, dizendo “Alto lá!” de quando em quando e subitamente parando com o dedo contra os lábios, movendo-se com as mãos pousadas em adagas imaginárias e dando ordens em sussurros sinistros de que se “o inimigo” avançasse, “sentiria o nosso aço”, porque “os mortos não falam”. Eles sabiam bem que os barqueiros estavam todos na vila abastecendo as lojas ou se embebedando, mas isso não era desculpa para conduzirem sua empreitada de modo pouco pirata.

Eles zarparam, com Tom no comando, Huck no remo da popa e Joe no da proa. Tom ficou a meia-nau entre os dois, de cenho soturno, braços cruzados, e dava as ordens em sussurros graves, austero: — Orçar!

— Sim, senhor!

— Cerrar mais à bolina!

— Bolina cerrada, senhor!

— Arribar um ponto!

— Ponto arribado, senhor!

Enquanto os meninos, constante e monotonamente, levavam a jangada ao meio do rio, não havia dúvida de que essas ordens eram dadas apenas por uma questão

de “estilo” e não pretendiam significar nada em particular.

— Que tipos de vela temos?

— Grandes, bujarronas e de mezena, senhor.

— Subam os mastaréis de sobrejoanete! Subam lá, meia dúzia de vocês... bonetes do mastro principal. Com toda a força, agora!

— Sim, senhor!

— Desfraldar joanetes do mastro principal! Estais e escotas! Agora, meus valorosos marujos!

— Sim, senhor!

— A bombordo, toda a força a sota-vento! Preparem-se para enfrentar a correnteza! A bombordo, a bombordo! Agora, marujos! Com tudo! Firmar o curso!

— Curso firmado, senhor!

A jangada passou do meio do rio, os meninos apontaram a proa na direção da corrente e passaram aos remos. O nível do rio não estava alto, de modo que a corrente não devia ter mais de duas ou três milhas. Quase nenhuma palavra foi dita durante os três quartos de hora seguintes. Agora a jangada passava diante de uma cidade alheia. Duas ou três luzes cintilantes mostravam onde ficava a vila, dormindo pacificamente, além do balanço vago e vasto da água cravejada de estrelas, inconsciente do tremendo acontecimento que se desenrolava. O Vingador Negro ficou parado de braços cruzados, “olhando pela última vez” para o cenário de suas alegrias de outrora e sofrimentos de agora, desejando que “ela” pudesse vê-lo, distante no mar bravio, enfrentando o perigo e a morte com o coração mais intrépido, rumo a seu destino com um sorriso triste nos lábios. Foi preciso apenas um pequeno esforço de sua imaginação para que a ilha Jackson ficasse além do campo de visão da vila, e ele “olhou pela última vez” para sua terra com o coração partido, mas satisfeito. Os outros piratas também estavam olhando pela última vez para lá e ficaram contemplando assim por tanto tempo que quase deixam a correnteza levá-los para depois da ilha. Mas perceberam o perigo a tempo e manobraram para evitá-lo. Por volta das duas da madrugada, a jangada encalhou na barra a menos de duzentos metros da extremidade da ilha. Eles fizeram duas viagens com água pelos joelhos até descarregar tudo em terra firme. Parte dos pertences da jangada consistia numa

vela muito surrada, que estenderam sobre uma clareira cercada de arbustos para fazer uma tenda que abrigasse suas provisões. Mas eles mesmos dormiriam ao ar livre se não chovesse, como faziam os fora da lei.

Eles fizeram uma fogueira ao lado de um grande tronco, vinte ou trinta passos para dentro das profundezas sombrias da floresta, prepararam um pouco de toucinho na frigideira para o jantar e comeram com metade do estoque de broas de milho que haviam trazido. Foi uma diversão gloriosa aquele banquete na selva, livres na mata virgem de uma ilha inexplorada e deserta, longe do assédio dos humanos, e eles disseram que jamais voltariam à civilização. O fogo alto iluminava seus rostos e lançava um clarão avermelhado nos pilares de troncos de seu templo na floresta, na folhagem envernizada e nas guirlandas de cipós.

Quando a última fatia crocante de toucinho acabou e a última rodada de broas de milho foi devorada, os meninos se estenderam na relva, cheios de contentamento. Poderiam ter encontrado um lugar mais fresco, mas não quiseram se negar a uma atração tão romântica como adormecer em volta da fogueira ardente.

— Não está uma delícia? — disse Joe.

— Parece um sonho — disse Tom. — O que os meninos diriam se nos vissem agora?

— O que diriam? Ora, eles matariam para estar aqui. Não é, Hucky?

— Acho que sim — concordou Huckleberry. — De todo modo, para mim está perfeito. Não quero nada além disso aqui. Geralmente nem tenho o que comer, e aqui ninguém vem e decide bater em ninguém.

— Isso que é vida — disse Tom. — Não precisa acordar de manhã, não precisa ir à escola, tomar banho e todas aquelas malditas bobagens. Sabe, um pirata não precisa fazer nada, Joe, quando está em terra firme, mas eremita precisa rezar um bocado, e também não se diverte nunca daquele jeito, sempre sozinho.

— Sim, é mesmo — disse Joe. — Eu não tinha pensado nisso, você sabe. Prefiro mil vezes ser pirata, agora que experimentei como é.

— Sabe, as pessoas não se interessam mais por eremita hoje em dia como antigamente, mas o pirata é sempre respeitado — opinou Tom. — Eremita dorme no lugar mais duro que tiver, se veste de pano de saco, se cobre de cinza, fica na chuva e...

— Por que ele se veste de pano de saco e se cobre de cinza? — indagou Huck.

— Sei lá, mas sei que é assim. Os eremitas sempre fazem assim. Você teria que fazer isso se fosse eremita.

— Eu que não iria querer — disse Huck.

— Bem, o que você faria?

— Sei lá. Mas isso eu não ia fazer.

— Ora, Huck, você teria que fazer. Não tem como evitar.

— Ah, eu não ia suportar. Ia preferir fugir.

— Fugir? Bem, você seria um eremita bem desleixado, um péssimo eremita.

O Mão Vermelha não respondeu nada, pois estava ocupado com coisa melhor. Ele havia terminado de esculpir uma espiga, espetou um talo oco de cânhamo, encheu de tabaco, pôs brasa para acender e soprou uma nuvem de fumaça perfumada. Estava em plena floração de um luxuriante contentamento. Os outros piratas invejaram seu vício majestoso e secretamente decidiram que também se viciariam nele. Huck perguntou: — O que pirata faz?

Tom disse:

— Eles só vivem na valentia. Tomam navios e os incendiam, pegam o dinheiro e enterram em lugares macabros da ilha deles, onde tem fantasmas e muitas coisas para ver, matam todo mundo dos navios...

— Eles levam as mulheres para a ilha — corrigiu Joe. — Não matam as mulheres.

— Não — concordou Tom. — Não matam mulher, são muito nobres. As mulheres são sempre bonitas também.

— Eles não usam roupas desmazeladas. Só se cobrem de ouro, prata e diamantes — disse Joe, com entusiasmo.

— Quem? — disse Huck.

— Ora, os piratas.

Huck olhou desolado para as próprias roupas.

— Acho que não estou vestido para ser pirata — lamentou ele, com um tom pungente. — Mas só tenho essa roupa.

Os outros meninos, porém, lhe disseram que as roupas caras viriam logo depois que eles comessem suas aventuras. Fizeram-no entender que seus

pobres trapos seriam o suficiente para começar, embora o costume entre os piratas ricos fosse começar já com um guarda-roupa adequado.

Aos poucos, a conversa acabou e o sono começou a pesar nas pálpebras dos pequenos desamparados. O cachimbo caiu dos dedos do Mão Vermelha, que dormiu o sono dos justos e exaustos. O Terror dos Sete Mares e o Vingador Negro das Possessões Espanholas tiveram mais dificuldade para adormecer. Fizeram suas orações em silêncio e deitados, já que não havia nenhuma autoridade para obrigá-los a ajoelhar e rezar em voz alta. Na verdade, a princípio, tinham intenção de não fazer oração alguma, mas ficaram com medo de chegar a tanto, para não atraírem um raio súbito e especialmente destinado do céu. Então, ao mesmo tempo, atingiram e ficaram pairando no limite iminente do sono, mas a essa altura chegou um intruso, que não queria mais “pousar”. Era a consciência.

Começaram a sentir um medo difuso de que haviam cometido um erro ao fugir de casa, em seguida pensaram no toucinho roubado e chegaram à verdadeira tortura. Tentaram argumentar para que ela fosse embora, lembrando à consciência que já haviam roubado doces e maçãs muitas vezes. Mas a consciência não se deixou aliviar com plausibilidades tão tênues; pareceu-lhes, enfim, que não havia como evitar o fato obstinado de que pegar doces era só uma “travessura”, enquanto pegar toucinho e presunto e esse tipo de produto era roubar — e havia um mandamento proibindo isso na Bíblia. De tal modo que, intimamente, decidiram que, enquanto permanecessem no ramo, suas piratarias não deveriam mais ser corrompidas pelo crime do roubo. A consciência lhes concedeu uma trégua, e aqueles piratas curiosamente incoerentes pegaram pacificamente no sono.

14.

Quando acordou pela manhã, Tom se perguntou onde estava. Sentou-se, esfregou os olhos, observou tudo à sua volta e compreendeu. Era a fria e cinzenta madrugada. Havia uma deliciosa sensação de repouso naquele silêncio profundo da floresta. Nem uma folha se mexia, nenhum som se impunha à grandiosa meditação da natureza. Havia contas de gotas de orvalho sobre a folhagem e a relva. Uma camada branca de cinzas cobria a fogueira, um hálito rarefeito e azulado de fumaça subia no ar. Joe e Huck ainda dormiam.

Bem distante na floresta, um pássaro cantou e outro respondeu. Depois, ouviu-se o martelar de um pica-pau. Aos poucos, o cinza frio e sombrio da manhã embranqueceu, os sons se multiplicaram e a vida se manifestou. A maravilha da natureza se espreguiçando e indo trabalhar se revelou ao menino arrebatado. Uma lagartinha verde veio se arrastando sobre uma folha orvalhada, deixando dois terços do corpo no ar de quando em quando e “farejando”, então retomando o procedimento. A lagartinha estava avaliando a situação, pensou Tom. Quando o bicho se aproximou, por vontade própria, ele ficou imóvel como uma pedra, com suas esperanças subindo e descendo conforme a criatura continuava se aproximando ou parecia inclinada a ir a algum outro lugar.

Quando, enfim, ela considerou dolorosamente um momento com o corpo curvado no ar e decidiu descer pela perna de Tom, começando uma viagem sobre ele, o coração do garoto se encheu de alegria, pois aquilo significava que teria roupas novas — sem sombra de dúvida, um elegante uniforme de pirata. Então veio uma procissão de formigas, surgida do nada, e seguiu em seus afazeres. Uma delas carregava bravamente uma aranha morta cinco vezes maior e subia um tronco com o aracnídeo. Uma joaninha com pintas marrons escalava a vertiginosa altura de uma folha da relva. Tom se inclinou para ver de perto e disse: “Pequenina joaninha, volte para a casinha, pois tudo lá pegou fogo e as

joaninhas ficaram sozinhas.” O inseto de fato bateu asas e foi verificar, o que não surpreendeu o menino, que sabia fazia tempo que se tratar de um inseto crédulo, em caso de incêndio. Ele já experimentara se aproveitar de sua simplicidade mais de uma vez. Um besouro veio em seguida, erguendo robustamente sua bola, e Tom tocou a criatura, para vê-lo encolher suas patas junto ao corpo e se fingir de morto.

As aves estavam bastante agitadas a essa altura. Um sabiá mímico pousou numa árvore sobre a cabeça de Tom e trilou suas imitações dos vizinhos com um arrebatamento de prazer. Na sequência, um gaio barulhento apareceu, com sua faixa azul cintilante, parou num galho quase ao alcance da mão do menino, deitou a cabecinha de lado e observou os forasteiros com absorvente curiosidade. Um esquilo cinzento e outro preto, grandalhão como uma “raposa”, vieram saltitando, parando sentados às vezes para inspecionar e cochichar olhando para os meninos, já que aquelas criaturas selvagens provavelmente nunca haviam visto humanos antes e mal sabiam se deviam temê-los ou não. Toda a natureza estava bem desperta e agitada àquela altura; longas lanças de luz do sol atravessavam a densa folhagem por toda parte, e algumas borboletas esvoaçavam sobre o cenário.

Tom cutucou os outros piratas, que tiraram a roupa aos berros, e dentro de um ou dois minutos estavam pelados, correndo um atrás do outro, tropeçando na água rasa e límpida do banco de areia. Não sentiram nenhuma saudade do vilarejo adormecido ao longe, depois da majestosa extensão de água. Uma correnteza mais forte ou uma breve cheia teriam levado embora a jangada, mas aquele rio só lhes dera alegrias, uma vez que era como uma ponte queimada entre eles e a civilização.

Voltaram ao acampamento maravilhosamente revigorados, de coração feliz e voraz. Logo acenderam um fogo alto outra vez. Huck encontrou uma fonte de água clara e fria ali perto, e os meninos fizeram cuias com folhas largas de carvalho e noqueira. Acharam que a água, adocicada pelo encanto daquela madeira silvestre, seria um substituto bom o suficiente do café. Enquanto Joe fatiava o toucinho para o desjejum, Tom e Huck pediram que ele esperasse um minuto. Eles pararam num canto promissor da margem do rio e jogaram suas linhas, sendo quase imediatamente recompensados. Joe não tivera tempo de ficar

impaciente, e eles voltaram com alguns belos robalos, duas percas e um pequeno bagre — provisões suficientes para uma família inteira. Fritaram o peixe com o toucinho e ficaram espantados, pois nunca haviam comido um peixe tão delicioso. Não sabiam que, quanto mais depressa um peixe de água doce vai para o fogo depois de pescado, melhor fica. Pouco pensaram no tempero conferido pela noite dormida a céu aberto, pelo exercício ao ar livre, pelo banho de rio e pelo principal ingrediente, que era a fome.

Deitaram-se à sombra, após comer, enquanto Huck fumava, e depois avançaram mato adentro numa expedição exploratória. Caminharam alegremente, pisando em troncos apodrecidos, através de arbustos cerrados, por entre os solenes monarcas da floresta, cujas copas coroadas pendiam até o chão com tesouros reais de lianas. De quando em quando, deparavam com recantos aconchegantes, com tapetes de grama, cravejados de flores. Encontraram muitas coisas que os deliciaram, mas nada que os espantasse. Descobriram que a ilha tinha cerca de três milhas de comprimento e um quarto de milha de largura, bem como que a margem mais próxima ficava do outro lado de um estreito canal de menos de duzentos metros de largura.

Nadaram quase o tempo todo e voltaram ao acampamento quase no meio da tarde. Estavam famintos demais para pescar, de modo que se fartaram suntuosamente de presunto frio e depois se espicharam na sombra para conversar. Mas a conversa de repente começou a se arrastar e logo acabou. A quietude, a solenidade que emanava da floresta e a sensação de isolamento surtiram efeito no ânimo dos meninos, que começaram a pensar. Uma espécie de anseio indefinido se instalou dentro deles. Esse anseio tinha ainda uma forma difusa, era uma saudade em botão.

Até Finn, o Mão Vermelha, estava sonhando com a porta de casa e as barricas vazias, mas ficaram todos envergonhados da própria fraqueza, e nenhum deles teve coragem suficiente para dizer o que estava pensando. Por algum tempo, os meninos tiveram uma vaga consciência de um som peculiar ao longe, como às vezes se tem do tique-taque de um relógio em que se repara. De repente, esse som misterioso se tornou mais pronunciado, obrigando-os a reconhecê-lo. Os meninos tiveram um sobressalto, olharam de relance uns para os outros e prestaram atenção ao som. Houve um longo silêncio, profundo e ininterrupto.

Em seguida, um grave e solene estrondo veio flutuando desde muito longe na direção deles.

— O que será isso? — perguntou Joe, em voz baixa, espantado.

— Sei lá — disse Tom num sussurro.

— Trovão não é — cravou Huckleberry, em tom reverente. — Porque trovão...

— Atenção! — pediu Tom. — Escute, não fale agora.

Eles esperaram um tempo que pareceu durar uma era, até que o mesmo estrondo abafado perturbou a quietude.

— Vamos lá ver.

Eles se levantaram depressa e correram para a margem mais próxima da cidade. Afastaram os arbustos da ribanceira e olharam para o rio. O pequeno barco a vapor estava a cerca de uma milha depois da vila, descendo a correnteza. Seu convés largo parecia lotado de gente. Havia muitos esquifes remando ou boiando com a correnteza ao lado do barco, mas os meninos não saberiam determinar o que estavam fazendo os homens dentro deles. Então, um grande jato de fumaça branca foi expelido da lateral do barco. Enquanto a fumaça se expandia e subia, formando uma nuvem preguiçosa, aquele mesmo estrondo difuso se impôs aos ouvintes outra vez.

— Agora entendi o que é! — exclamou Tom. — Alguém morreu afogado.

— É isso mesmo — disse Huck. — Fizeram isso no verão passado, quando o Bill Turner se afogou. Disparam um tiro de canhão na água, o que faz o cadáver que está no fundo vir à tona. Ou pegam um filão de pão, põem mercúrio dentro e deixam boiar. Assim, onde quer que tenha alguém afogado, o pão vai boiando até o local e para no lugar onde está o morto.

— Sim, já ouvi falar nisso — confessou Joe. — Por que será que o pão faz isso?

— Oh, nem é tanto o pão — explicou Tom. — Acho que é principalmente o que dizem ao pão antes de começar.

— Mas não falam nada para o pão — consertou Huck. — Já vi fazerem isso, e não falam nada.

— Ora, que engraçado! — disse Tom. — Mas talvez falem para si mesmos. É claro que falam. Todo mundo sabe disso.

Os outros meninos concordaram que havia sentido no que Tom dizia, porque não se podia esperar que um filão de pão ignorante, sem ser orientado por um encantamento, agisse com inteligência quando colocado numa tarefa de tamanha gravidade.

— Jesus, eu queria estar lá agora — admitiu Joe.

— Eu também — disse Huck. — Eu daria tudo para saber quem é o morto.

Os meninos continuaram de ouvidos e olhos atentos. Um pensamento revelador se acendeu na cabeça de Tom, que exclamou:

— Meninos, já sei quem se afogou. Fomos nós!

Sentiram-se como heróis em um instante. Eis um belíssimo triunfo. Eles faziam falta, estavam sendo pranteados, corações se partiam por sua causa, lágrimas estavam sendo derramadas, surgiam lembranças acusadoras de crueldades cometidas contra os pobres meninos, arrependimentos e remorsos inúteis se manifestavam. O melhor de tudo: os desaparecidos eram o assunto da cidade inteira e a inveja de todos os meninos, na medida de sua vertiginosa notoriedade.

Isso foi ótimo. Valia a pena ser pirata, afinal.

Conforme o crepúsculo avançava, o barco a vapor retomou seus afazeres de sempre e os esquifes sumiram. Os piratas voltaram ao acampamento. Estavam esfuziantes de vaidade com o novo esplendor e a ilustre aflição que vinham causando. Pescaram, cozinharam e comeram seus peixes. Depois passaram a imaginar o que a vila estaria pensando e falando a respeito deles, e as imagens que desenharam da perturbação pública por conta deles era algo gratificante de contemplar, do ponto de vista deles mesmos.

Quando, porém, as sombras da noite se fecharam sobre eles pouco a pouco, pararam de falar e se sentaram contemplando o fogo, com os pensamentos divagando alhures. A excitação passou, e Tom e Joe não conseguiram mais evitar de pensar em certas pessoas em casa que não deviam estar achando tanta graça quanto eles daquela bela travessura. Veio a desconfiança. Eles foram ficando atormentados e infelizes, deixando escapar um ou dois suspiros inadvertidamente.

Até que Joe timidamente se arriscou a fazer uma “sondagem” sobre o que os outros achariam de um retorno à civilização. Não agora, mas...

Tom o escorraçou com desdém. Huck, que não tinha muitos compromissos, se juntou a Tom, e o pirata hesitante logo “se explicou”, dando-se por satisfeito em sair dessa enrascada sem se deixar contaminar muito por aquela saudade acovardada. O motim foi efetivamente deixado de lado, por ora.

Conforme a noite avançou, Huck começou a adormecer e a roncar. Foi logo seguido por Joe. Tom ficou parado, apoiado no cotovelo por algum tempo, observando atentamente os dois amigos. Enfim, levantou-se com cuidado, ajoelhou-se e começou a procurar algo em meio à relva e aos reflexos bruxuleantes lançados pela fogueira. Recolheu e inspecionou diversos semicilindros grandes de cascas brancas e finas de plátano, e finalmente escolheu duas cascas que pareciam lhe servir. Ajoelhou-se perto do fogo e, com dificuldade, escreveu sobre elas com sua “argila ocre”. Uma das cascas, ele enrolou e guardou no bolso da jaqueta; a outra, pôs dentro do chapéu de Joe e o levou para certa distância do dono. Pôs também no chapéu alguns tesouros de menino, de valor quase inestimável — entre eles, um pedaço de giz, uma bola de borracha da Índia, três anzóis de pesca e uma bolinha de gude do tipo que chamavam de “cristal legítimo”. Depois, seguiu na ponta dos pés, cuidadosamente, por entre as árvores, até sentir que ninguém podia ouvi-lo e disparou a correr em linha reta na direção do banco de areia.

15.

Minutos depois, Tom estava na água rasa do banco de areia, vadeando em direção à costa de Illinois. Antes que a água passasse da cintura, a correnteza já não lhe permitia vadear, portanto ele passou a nadar os cem metros restantes. Conseguiu nadar contra a corrente, mas ainda assim foi arrastado para trás mais depressa do que esperava. No entanto, finalmente ele chegou à outra margem, vagou ao longo dela até encontrar uma ribanceira baixa e saiu do rio. Pôs a mão no bolso da jaqueta, encontrou o pedaço de casca de árvore e penetrou na mata, acompanhando a margem do rio, com as roupas encharcadas. Pouco depois das dez, chegou a uma clareira do outro lado da vila e viu o barco a vapor atracado à sombra das árvores e da ribanceira alta. Tudo estava em silêncio sob as estrelas piscantes. Arrastou-se pela margem, vigiando de olhos bem abertos, deslizou para dentro da água, deu três ou quatro braçadas e embarcou no esquife que fazia o serviço de “escaler” junto à popa do barco a vapor. Deitou-se embaixo dos bancos dos remadores e esperou, ofegante.

O sino rachado badalou e uma voz deu ordem de “zarpar”. Um ou dois minutos depois, a proa do esquife se ergueu bem alta, contra o rastro do barco a vapor, e a viagem começou. Tom ficou feliz com seu sucesso, pois sabia que seria a última viagem do barco a vapor naquela noite. Ao fim de longos doze ou quinze minutos, as rodas pararam, Tom se esgueirou sobre a amurada e nadou até a margem na penumbra, saindo cerca de cinquenta metros rio abaixo, longe do perigo de encontrar possíveis madrugadores.

Correu por alamedas pouco frequentadas e logo se viu diante da cerca dos fundos da casa da tia. Escalou a cerca, aproximou-se do L e olhou pela janela da sala, onde havia velas acesas. Lá estavam tia Polly, Sid, Mary e a mãe de Joe Harper reunidos, conversando. Estavam junto à cama, entre eles e a porta. Tom foi até a porta e começou a erguer o trinco suavemente. Depois, empurrou com

cuidado e a porta rangeu. Continuou empurrando, estremeando sempre que a porta rangia, até que julgou conseguir se espremer e passar ajoelhado. Passou a cabeça e entrou, cautelosamente.

— Por que está ventando na chama desse jeito? — disse tia Polly. Tom se apressou. — Ora, acho que essa porta está aberta. Claro, é isso. Tem acontecido muita coisa estranha ultimamente. Vá fechar, Sid.

Tom desapareceu embaixo da cama bem a tempo. Ficou ali deitado “tomando um fôlego” por algum tempo, depois se arrastou até quase poder tocar o pé da tia.

— Mas como eu ia dizendo — disse tia Polly —, ele não era mau, como se diz. Só era *arteeiro* que só ele. Só um pouco agitado e atacado, como se diz. Era irresponsável como um potrinho. Não tinha má intenção e tinha o melhor coração que um menino poderia ter.

Começou a chorar.

— A mesma coisa, o meu Joe. Sempre encapetado e pronto para qualquer arte, mas desapegado e generoso como ninguém. Meu Deus! E pensar que bati nele por ter pegado aquele creme e só depois me lembrei que eu mesma tinha jogado o creme fora porque havia azedado. Nunca mais vou ver o Joe vivo. Nunca, nunca, nunca mais, pobrezinho, injustiçado.

A sra. Harper soluçava como se seu coração fosse se despedaçar.

— Espero que o Tom esteja melhor agora onde estiver — arriscou Sid. — Mas se ele tivesse sido melhor em algumas coisas...

— Sid! — Tom sentiu a fúria dos olhos da velha senhora, embora não pudesse vê-los. — Não diga mais uma palavra contra meu Tom, agora que ele se foi! Que Deus o guarde! Você não tem nada com que se preocupar, senhorzinho! Oh, sra. Harper, não sei o que será de mim sem ele. Não sei viver sem ele. Ele era um grande consolo para mim, embora me atormentasse o coração quase sempre.

— O Senhor o deu, o Senhor o levou. Louvado seja o nome do Senhor! Mas é tão difícil! Como é difícil! Sábado passado, meu Joe estourou uma bombinha bem na minha frente, bati nele e ele caiu esparramado no chão. Como eu ia saber que, logo depois... Se eu pudesse fazer tudo de novo, daria um abraço e agradeceria a ele por isso.

— Sim, sim, sim, sei bem como você se sente, sra. Harper. Sei exatamente como se sente. Ainda ontem à tarde, meu Tom deu analgésico para o gato, e parecia que o gato ia destruir a casa inteira. E, Deus me perdoe, bati na cabeça do Tom com o dedal. Pobrezinho, meu falecido Tom! Mas agora ele já não sofre mais. E pensar que as últimas palavras que me disse foram para se queixar que...

A lembrança foi demais para a velha senhora, que desatou a chorar. Tom também choramingava, com mais pena de si mesmo do que qualquer um ali. Ouvia Mary chorando e dizendo palavras bondosas sobre ele de quando em quando. Começou a ter uma opinião mais nobre sobre si mesmo do que jamais tivera antes. De todo modo, estava suficientemente comovido pela tristeza da tia para querer sair logo de debaixo da cama e fazê-la transbordar de alegria, mas resistiu e continuou imóvel.

Continuou escutando e entendeu, por pedaços da conversa, que a princípio chegaram a cogitar que os meninos deviam ter se afogado enquanto nadavam. Depois, deram falta da pequena jangada. Em seguida, alguns meninos disseram que os rapazes desaparecidos haviam prometido que a vila inteira “ficaria sabendo de uma coisa” em breve. Os sábios da vila “juntaram isso com aquilo” e decidiram que os rapazes haviam fugido na jangada e apareceriam na cidade vizinha rio abaixo a qualquer momento. Mas, por volta do meio-dia, a jangada fora encontrada, às margens do Missouri, a cinco ou seis milhas da vila, o que acabou com as esperanças.

Eles deveriam ter morrido afogados, ou a fome os teria trazido de volta para casa antes de anoitecer, se não antes. Acreditavam que a busca pelos corpos fora infrutífera apenas porque o afogamento devia ter ocorrido bem no meio do rio, pois, sendo os meninos bons nadadores, teriam conseguido escapar da correnteza e chegar à outra margem. Isso foi na noite de quarta-feira. Se os corpos continuassem desaparecidos até domingo, toda a esperança seria abandonada e os funerais seriam celebrados pela manhã. Tom estremeceu.

Ainda soluçante, a sra. Harper deu boa-noite e se virou para ir embora. Com impulso mútuo, as duas mulheres desoladas se atiraram nos braços uma da outra, deixaram-se cair num choro bom, consolador, e depois se despediram. Tia Polly foi muito mais terna do que de costume em seu boa-noite a Sid e Mary. Sid choramingou um pouquinho e Mary chorou com todas as forças.

Tia Polly se ajoelhou e rezou por Tom de maneira tão comovente, com tanta compaixão e um amor tão desmedido em suas palavras e em sua velha voz trêmula, que ele se banhava em lágrimas outra vez, muito antes de ela terminar. Precisou continuar imóvel muito tempo depois de ela se deitar, porque a tia continuou murmurando suas mágoas de quando em quando, remexendo-se inquieta e se revirando na cama. Por fim, ela se acalmou, apenas gemendo um pouco durante o sono.

Nesse momento, o menino resolveu sair de seu esconderijo, ergueu-se aos poucos ao lado da cama, cobriu a chama da vela com a mão e se pôs de pé olhando para a tia. Seu coração estava cheio de pena. Tirou o rolo de casca de plátano e o colocou junto à vela. Mas um pensamento o fez ponderar mais um pouco. Seu semblante se iluminou com uma solução feliz, e ele guardou rapidamente a casca no bolso. Inclinou-se, beijou os lábios pálidos da tia e saiu furtivamente, passando o trinco na porta ao sair.

Caminhou de volta até o ancoradouro, não encontrou ninguém por lá e subiu a bordo do vapor, o qual sabia estar vazio, com exceção de um vigia, que sempre se virava e dormia como uma estátua. Desamarrou o esquife da popa do barco, embarcou e logo estava remando cautelosamente rio acima. Quando passou cerca de uma milha da vila, começou a forçar a travessia da correnteza e se inclinou, remando com vigor.

Chegou logo ao ancoradouro da outra margem, numa tarefa já familiar. Sentiu-se tentado a capturar o esquife, argumentando que podia ser considerado um navio e, portanto, presa legítima para um pirata, mas sabia que haveria uma busca exaustiva pelo esquife e que poderia acabar revelando seu paradeiro. Assim, pisou em terra firme e penetrou na mata. Sentou-se e descansou por um longo tempo, torturando-se nesse ínterim para se manter acordado, e então partiu com afino rumo ao trecho final. A noite já havia passado. Já era dia claro quando se viu diante do banco de areia da ilha. Descansou novamente até o sol estar bem alto no céu, dourando o grande rio com seu esplendor, e mergulhou na correnteza. Pouco depois, chegou encharcado ao limite do acampamento e ouviu Joe dizer:

— Não, o Tom é de confiança, Huck, e vai voltar. Ele não é um desertor, sabe que isso seria uma desgraça para um pirata e é orgulhoso demais para fazer esse

tipo de coisa. Ele deve estar tramando alguma coisa. Fico me perguntando o que será.

— Bem, essas coisas agora serão nossas, pelo menos, não é?

— Quase, Huck, mas ainda não. Ele escreveu que serão nossas se ele não estiver aqui de volta a tempo do café da manhã.

— E ele está! — exclamou Tom, com um belo efeito dramático, chegando orgulhoso ao acampamento.

Um suntuoso desjejum de toucinho e peixe foi logo providenciado. Enquanto os meninos se puseram a devorá-lo, Tom recontou (e enfeitou) suas aventuras. Quando a história terminou, eram uma companhia de heróis envaidecidos e arrogantes. Depois, Tom se recolheu a um canto sombreado e dormiu até o meio-dia, ao passo que os outros piratas foram pescar e explorar mais a ilha.

16.

Depois de comer, a gangue resolveu procurar ovos de tartaruga no banco de areia. Ficaram enfiando gravetos na areia e, ao encontrarem um lugar mais macio, ajoelhavam-se e cavavam com as próprias mãos. Algumas vezes, achavam cinquenta ou sessenta ovos num único buraco. Eram esferas perfeitas, brancas, um pouco menores que uma noz. Fizeram um famoso banquete de ovo frito aquela noite e outro na manhã seguinte.

Após o desjejum, eles ficaram gritando e fazendo piruetas no banco de areia e correram atrás uns dos outros, largando as roupas no caminho, até ficarem nus. Depois, continuaram farreando muito além da água rasa do banco de areia, contra a corrente, que às vezes os arrastava por baixo e os derrubava, aumentando a diversão. De vez em quando, paravam e jogavam água no rosto uns dos outros com a palma das mãos, aos poucos se aproximando, com o rosto virado para evitar os jatos sufocantes, até que o melhor afogasse o vizinho. Os três formaram um emaranhado de pernas e braços brancos e emergiram golpeando, cuspidando, gargalhando, tomando fôlego, como uma pessoa só e ao mesmo tempo.

Quando ficavam muito exaustos, saíam correndo da água e se esparramavam na areia seca e quente, ali ficando deitados e se cobrindo de areia. Dali a pouco, voltavam correndo para a água e faziam mais uma vez a apresentação original. Enfim, ocorreu-lhes que, nus como estavam, parecia muito que estavam de ceroulas, então desenharam na areia um picadeiro e fizeram um circo com três palhaços, porque nenhum deles quis ceder o posto mais valioso ao outro.

Em seguida, buscaram suas bolas de gude e jogaram “mata”, “círculo” e “biriba” até a brincadeira perder a graça. Na sequência, Joe e Huck foram nadar de novo, mas Tom preferiu não se arriscar, já que havia perdido sua tornozeleira de chocalhos de cascavel. Perguntou-se como havia se livrado da cãibra por

tanto tempo sem a proteção do misterioso amuleto. Não se arriscou mais até encontrá-lo. A essa altura, os outros já estavam cansados e prontos para descansar.

Eles foram aos poucos se afastando a esmo, ficando tristes, olhando nostálgicos para o outro lado do rio, onde a vila dormitava ao sol. Tom se pegou escrevendo “Becky” na areia com o dedão do pé. Apagou o nome dela e ficou bravo consigo mesmo por tal fraqueza. Mas o escreveu novamente mesmo assim, sem conseguir evitar. Tornou a apagá-lo e se livrou da tentação chamando os outros para ficarem juntos a ele.

O entusiasmo de Joe, no entanto, havia passado a ponto de parecer impossível ressuscitá-lo. Estava com tanta saudade de casa que mal conseguia suportar essa angústia. As lágrimas estavam quase vindo à tona. Huck também estava melancólico. Tom estava desanimado, mas tentou não demonstrar. Ele tinha um segredo que não estava pronto para contar ainda, mas, se aquele motim depressivo não fosse logo interrompido, teria que fazê-lo. Ele disse, dando mostras de grande animação:

— Meninos, aposto que outros piratas já estiveram nesta ilha antes de nós. Voltaremos a explorá-la. Eles devem ter enterrado tesouros por aqui em algum lugar. O que achariam de encontrar um baú cheio de ouro e prata?

Isso despertou um entusiasmo tênue, que passou logo, sem reação. Tom tentou mais uma ou duas seduções, que também falharam. Era uma missão desestimulante. Joe ficou sentado, espetando a areia com um graveto, com o semblante muito soturno. Por fim, disse:

— Meninos, vamos desistir. Quero ir para casa, aqui é muito solitário.

— Oh, não, Joe, você vai acabar se sentindo melhor — disse Tom. — Imagine a quantidade de peixes que podemos pescar aqui.

— Não quero saber de pescar. Quero ir para casa.

— Mas, Joe, não existe lugar melhor para nadar do que aqui.

— Não adianta nadar. Acho que não gosto de nadar se não tem ninguém mandando eu não nadar. Quero ir para casa, isso sim.

— Ora bolas! Crianinha! Quer ver a mamãe, pelo jeito...

— Sim, quero ver minha mãe. Você também iria querer, se tivesse uma. Se eu sou crianinha, você também é.

Joe choramingou um pouco.

— Bem, melhor deixarmos o bebê chorão voltar para a casa da mamãe, não é, Huck? Coitadinho. Quer ver a mamãe? Pode ir. Você gosta daqui, não é, Huck? Vamos ficar aqui, não é?

Huck concordou, sem convicção.

— Nunca mais vou falar com vocês enquanto eu viver — disse Joe, levantando-se. — Pronto!

Ele se afastou cabisbaixo e começou a se vestir.

— Quem se importa? — disse Tom. — Ninguém quer você mesmo. Pode ir para casa, vamos rir da sua cara. Que belo pirata você é! O Huck e eu não somos bebês chorões. Vamos ficar, não é mesmo, Huck? Deixe ele ir embora, se quiser. Aposto que vamos ficar bem sem ele.

Mas Tom ficou inquieto e preocupado ao ver Joe se vestindo com mau humor. Na sequência, ficou incomodado ao ver Huck olhando melancólico para os preparativos de Joe, conservando um silêncio sinistro. Sem se despedir, Joe começou a vadear o rio em direção à costa de Illinois. O coração de Tom afundou dentro do peito. Olhou de relance para Huck, que não suportou o olhar, baixou a vista e falou:

— Tom, também quero ir. Já estava muito solitário aqui, agora vai ficar pior. Vamos também, Tom.

— Não vou. Podem ir os dois, se quiserem. Pretendo ficar aqui mesmo.

— É melhor eu ir agora.

— Pois vá logo, então. Quem está impedindo?

Huck começou a recolher suas roupas espalhadas e comentou:

— Eu queria que você viesse junto. Pense no assunto. Vamos esperar você quando chegarmos à margem.

— Bem, vocês vão esperar eternamente.

Huck partiu tristonho. Tom ficou parado olhando para ele, com um forte desejo no coração de esquecer o orgulho e ir também. Achou que os meninos fossem parar, mas eles continuaram em frente. Subitamente, ocorreu a Tom que ali estava ficando muito solitário e silencioso. Relutou mais um pouco com seu orgulho, até que saiu correndo atrás de seus amigos, aos berros:

— Esperem! Esperem! Quero contar uma coisa para vocês!

Os dois pararam e se viraram. Quando ele chegou aonde eles estavam, começou a revelar seu segredo. Os meninos escutaram, carrancudos, até que entenderam o ponto aonde Tom queria chegar e deram um grito de guerra, com aplausos. Acharam esplêndido e disseram que, se soubessem antes, não teriam pensado em deixá-lo para trás. Ele deu uma desculpa plausível, mas seu verdadeiro motivo havia sido o medo de que nem mesmo o segredo fosse fazê-los ficar mais tempo, portanto o guardou como última tentativa de sedução.

Os rapazes voltaram alegremente para o acampamento e foram outra vez praticar seus esportes, tagarelando o tempo todo sobre o plano estupendo de Tom e admirando a genialidade da ideia. Depois de comerem ovos e peixes deliciosos, Tom disse que queria aprender a fumar. Joe gostou da ideia e disse que também gostaria de experimentar. Huck preparou os cachimbos e os encheu de tabaco. Aqueles novatos nunca haviam fumado nada antes além de charutinhos de folha de uva, mas tiveram que morder a língua, pois aquilo não era considerado coisa de homem.

Esparramaram-se no chão, apoiados nos cotovelos, e começaram a fumar aos poucos, sem muita segurança do que faziam. A fumaça tinha um gosto desagradável e os fez engasgar, mas Tom disse:

— Ora, mas é muito fácil. Se eu soubesse que era só isso, teria aprendido a fumar muito antes.

— Eu também — disse Joe. — Não é nada de mais.

— Muitas vezes eu via alguém fumando e pensava: “Eu bem queria saber fumar assim.” Mas achei que nunca fosse conseguir — admitiu Tom.

— A mesma coisa comigo, não é, Huck? Você lembra que eu disse a mesma coisa? Vou deixar que o Huck diga se não foi exatamente o que eu disse.

— Sim, várias vezes — confirmou Huck.

— Bem, eu também. Centenas de vezes. — Tom não deixou por menos. — Uma delas lá no curtume. Você não lembra, Huck? O Bob Tanner, o Johnny Miller e o Jeff Thatcher também estavam lá quando eu disse. Você não lembra, Huck, quando eu disse isso?

— Sim, foi isso mesmo — assentiu Huck. — Foi um dia depois que eu perdi uma bolinha de gude branca. Não, foi um dia antes.

— Pronto, foi o que eu disse — disse Tom. — O Huck lembra.

— Acho que vou ficar fumando o dia inteiro — disse Joe. — Nem estou enjoado.

— Nem eu — disse Tom. — Eu poderia ficar fumando o dia inteiro. Mas aposto que o Jeff Thatcher não consegue.

— Jeff Thatcher! Ele ia desmaiar depois de duas tragadas. Deixa ele experimentar uma vez. Ele ia ver só!

— Aposto que sim. E o Johnny Miller. Queria ver o Johnny Miller tragar uma vez só que fosse.

— Oh, e eu não aposto?! — disse Joe. — Ora, aposto que o Johnny Miller não conseguiria fazer nem isso. Só de respirar a fumaça, ele já vai passar mal.

— Vai mesmo, Joe. Imagine só. Queria que os meninos pudessem nos ver agora.

— Eu também queria.

— Imaginem. Não falem nada sobre isso com ninguém. Um dia, quando eles estiverem por perto, vou chegar e falar: “Joe, você está com o cachimbo aí? Queria fumar um pouco.” E aí você diz, como quem não quer nada: “Sim, estou com meu velho cachimbo e mais outro, mas meu tabaco não é grande coisa.” Aí eu falo: “Tudo bem, desde que seja forte.” Então, vocês sacam seus cachimbos, nós acendemos e fumamos calmamente, só esperando a reação deles.

— Jesus! Isso vai ser engraçado. Quero fazer isso logo.

— Eu também. Quando eles souberem das nossas piratarias, será que vão querer ter vindo junto?

— Aposto que vão.

E, assim, a conversa continuou, mas logo começou a esmorecer um pouco e perder o sentido. Os silêncios se alargaram e a expectoração se intensificou. Dentro da boca dos meninos, cada poro se tornou uma fonte a jorrar; eles mal conseguiam baldear os porões debaixo da língua depressa o suficiente para evitar uma inundação. Pequenos vazamentos garganta abaixo ocorreram apesar de tudo o que fizeram, e de repente vieram ânsias a todo instante. Ambos pareciam muito pálidos e infelizes. O cachimbo de Joe caiu de seus dedos inertes. Em seguida, o de Tom. Ambas as fontes jorravam furiosamente e ambas as bombas baldeavam com toda a força. Joe disse com voz fraca:

— Perdi meu canivete. Acho melhor eu procurar.

Tom disse, com lábios trêmulos e eu fala arrastada:

— Vou ajudar. Vá você por ali e eu vou pela cascata. Não, Huck, você não precisa ir. Nós achamos sozinhos.

Huck tornou a se sentar e esperou por uma hora. Depois, sentiu-se sozinho e foi procurar os amigos, que estavam bem isolados na mata, muito pálidos, ambos dormindo profundamente. Algo lhe dizia, porém, que, se houvesse algum problema, eles já o teriam resolvido.

Tom e Joe não estavam para muita conversa no jantar daquela noite. Estavam com uma expressão humilde, e quando Huck preparou seu cachimbo depois de comer e estava preparando os deles, disseram que não estavam se sentindo muito bem. Alguma coisa não lhes caíra bem no jantar.

Por volta da meia-noite, Joe acordou e chamou os meninos. Havia uma melancolia opressiva no ar que parecia agourenta. Os meninos ficaram juntos, amontoados, na amistosa companhia do fogo, ainda que o calor morto da atmosfera afogueada fosse sufocante. Sentaram-se calados, atentos e esperaram. O silêncio solene continuou. Fora da luz da fogueira, tudo foi engolido na negrura das trevas.

Então veio um clarão tremeluzente que revelou a folhagem por um momento e desapareceu. Dali a algum tempo, surgiu outro, um pouco mais forte, e mais outro. Então, um gemido remoto sussurrou através das copas das árvores. Os meninos sentiram um sopro fugaz nas faces e estremeceram ao imaginar o Espírito da Noite passando por ali. Houve uma pausa. Um lampejo estranho transformou a noite em dia e mostrou cada folha da relva, separada e distinta, que crescia aos pés deles. Revelou também três rostos brancos e assustados. Um estrondo grave de trovão desceu aos trancos e barrancos dos céus, perdendo-se em rumores taciturnos na distância. Uma lufada de ar gelado passou, farfalhando todas as folhas e espalhando as cinzas perto da fogueira. Outro clarão ardente iluminou a floresta e um estrépito instantâneo pareceu estilhaçar os topos das árvores logo acima da cabeça dos meninos, que se abraçaram com terror, na escuridão espessa que se seguiu. Algumas gotas grandes de chuva caíram com estalos sobre as folhas.

— Depressa! Meninos, vamos para a tenda! — exclamou Tom.

Eles saíram correndo, tropeçando em raízes e cambaleando entre lianas no escuro, cada um numa direção diferente. Um estrondo furioso rugiu por entre as árvores, fazendo tudo ecoar por um momento. Era um lampejo ofuscante atrás do outro, estrondos e mais estrondos de trovões ensurdecadores. Uma chuva avassaladora caiu e um furacão se formou, lançando mantos de água no chão. Os meninos gritaram para chamar uns aos outros, mas o vento uivante e os trovões retumbantes afogaram totalmente suas vozes.

Ainda assim, os três conseguiram se abrigar sob a tenda com frio, assustados e encharcados, mas ter companhia na desgraça parecia um motivo de gratidão. Não conseguiriam conversar, pois a velha vela naval tremulava muito. A tempestade aumentou, fazendo a vela da tenda se soltar da amarração e sair voando. Os três deram as mãos e saíram correndo, com muitos tombos e arranhões, até se abrigar sob um grande carvalho da ribanceira do rio, onde a batalha atingiu o ápice. Sob a incessante conflagração dos relâmpagos que incendiavam o céu, tudo abaixo se destacava com uma nitidez precisa e sem sombra: as árvores dobradas; o rio agitado, branco de espuma; o borrifo veloz dos flocos de espuma; a tênue silhueta dos altos penhascos do outro lado, vistos de relance através das nuvens à deriva; e o véu inclinado da chuva. Vez por outra, alguma árvore gigantesca sucumbia ao combate e caía com estardalhaço entre as plantas mais jovens. Os incansáveis trovões vinham em erupções explosivas de furar os tímpanos, agudos, penetrantes e aterradores.

A tempestade parecia que ia rasgar a ilha em pedaços, incendiá-la, afogá-la até o topo das árvores, explodi-la e ensurdecer todas as criaturas que nela estivessem, tudo de uma vez só. Foi uma noite atroz para aquelas cabecinhas novas e sem teto.

Mas enfim a batalha se encerrou, e as forças se retiraram com ameaças e resmungos cada vez mais fracos, e a paz retomou seu domínio. Os meninos voltaram ao acampamento atônitos, mas descobriram que ainda havia motivos de alívio, porque não estavam sob o grande plátano, o abrigo de suas camas, agora arruinado, atingido pelos raios.

Tudo o que havia no acampamento estava encharcado, inclusive a fogueira. Eles não passavam de rapazes descuidados, típicos de sua geração, e não haviam tomado nenhuma providência contra a chuva. Era um motivo de preocupação, já

que estavam ensopados e gelados até os ossos. Estavam aflitos, mas descobriram que a fogueira havia devorado a tal ponto o grande tronco perto do qual fora construída (onde ele se curvava para cima e se separava do chão) que cerca de um palmo da madeira havia escapado da chuva. Então eles trabalharam pacientemente até que, com lascas e cascas recolhidas embaixo dos troncos secos, reacenderam o fogo. Empilharam grandes galhos mortos até formarem uma fornalha furiosa, e outra vez seus corações se alegraram.

Eles secaram o presunto cozido, fizeram um banquete, e se sentaram junto ao fogo, expandindo e glorificando sua aventura da meia-noite até de manhã, já que não havia lugar seco onde dormir. Quando o sol começou a se insinuar, o sono começou a se impor sobre eles, que foram até o banco de areia e se deitaram para dormir. Aos poucos, ficaram queimados de sol e, exaustos, fizeram o desjejum. Depois de comer, sentiram-se enferrujados, com as articulações duras, e mais uma vez com um pouco de saudade de casa. Tom percebeu esses sinais e passou a tentar animar os piratas o melhor que podia. Mas eles não quiseram saber de bolas de gude, de circo, de nadar, nem de nada. Ele os lembrou do importante segredo, arrancando-lhes um raio de entusiasmo. Enquanto durou esse raio, interessaram-se por uma novidade. A ideia era deixar de ser pirata por algum tempo e passar a ser índio. Sentiram-se atraídos pela ideia, de modo que logo estavam nus e listrados de lama preta da cabeça aos pés, como se fossem zebras — eram três caciques, é claro. Saíram abrindo caminho na floresta para atacar o assentamento inglês. Dali a pouco, separaram-se em três tribos hostis, dispararam uns contra os outros, atocaiados, com temíveis gritos de guerra, mataram-se e escalpelaram uns aos outros, aos milhares. Foi um dia sangrento, mas extremamente satisfatório.

Voltaram a se reunir no acampamento perto da hora do jantar, famintos e felizes, mas então surgiu uma dificuldade. Índios hostis não poderiam partilhar o pão da hospitalidade juntos sem primeiro fazer as pazes, o que era impossível sem fumar um cachimbo da paz. Não havia outro processo que conhecessem. Com todo o entusiasmo que puderam demonstrar, recorreram ao cachimbo, o qual baforaram e passaram adiante, como se deve.

E, veja só, eles ficaram contentes em virar selvagens e descobriram que podiam fumar um pouco sem precisar sair para procurar outro canivete perdido.

Não ficaram enjoados a ponto de sentir um desconforto sério, e dificilmente desperdiçariam essa grande oportunidade por falta de empenho. Eles praticaram depois de jantar, com um sucesso razoável, e passaram uma noite felicíssima. Ficaram mais orgulhosos e felizes com a nova aquisição do que ficariam se tivessem escalpelado e esfolado todas as Seis Nações iroquesas. Deixaremos os meninos fumando, tagarelado e se gabando, já que não temos o que fazer com eles agora.

17.

Não havia, no entanto, nenhum motivo de alegria na cidadezinha naquela mesma tarde tranquila de sábado. Os Harpers e a família da tia Polly estavam começando o luto, com grande tristeza e muitas lágrimas. Um silêncio incomum dominava a vila, embora ela fosse geralmente silenciosa, com toda a razão. Os moradores conduziam seus afazeres com ar ausente e falavam pouco, mas suspiravam bastante. O sábado livre parecia um fardo para as crianças. Estavam sem ânimo para jogos, e aos poucos foram parando de brincar.

À tarde, Becky Thatcher se viu vagando pelo pátio deserto da escola e se sentindo muito melancólica. Não havia ali nada que a consolasse. Eis seu solilóquio:

— Oh, se eu tivesse ficado com aquela maçaneta de latão... Mas agora não tenho nada para me lembrar dele.

Ela sufocou um soluço na garganta e disse para si mesma:

— Foi bem aqui. Oh, se eu pudesse voltar atrás, não teria dito aquilo por nada nesse mundo. Mas agora ele se foi. Nunca mais vou vê-lo de novo.

Esse pensamento a deixou arrasada e ela foi embora com lágrimas escorrendo no rosto. Então, um grande grupo de meninos e meninas, colegas de Tom e Joe, chegou, ficou olhando para a cerca caiada e conversando em tom reverente, dizendo que Tom fizera isto e aquilo da última vez que o viram, e como Joe havia dito assim e assado uma bobagem qualquer — prenhe de terrível profecia, como podiam ver agora. Cada um apontou o ponto exato em que os meninos perdidos estavam naquela hora e acrescentaram algo como: “Eu estava bem aqui, assim como estou agora, como se você fosse ele. Eu estava bem perto. Ele sorriu bem assim e senti uma coisa horrorosa, sabe? Nunca mais pensei sobre isso, claro, mas agora entendi.”

Em seguida, houve uma disputa sobre quem vira os meninos pela última vez com vida. Muitos reivindicaram essa triste distinção e ofereceram evidências mais ou menos adulteradas pela testemunha. Quando finalmente se decidiu quem vira quem por último e quem trocara as últimas palavras com eles, as partes vitoriosas adquiriram uma espécie de importância sagrada, recebendo olhares de espanto e inveja dos demais. Um pobre colega, que não tinha outra grandeza para oferecer, disse com um orgulho razoavelmente evidente ao se lembrar:

— Bem, o Tom Sawyer me bateu uma vez.

Isso em termos de glória, contudo, era um fiasco. A maioria dos meninos podia dizer o mesmo, de modo que isso barateava demais a distinção. O grupo ficou ali mais algum tempo, evocando lembranças dos heróis perdidos, com vozes reverentes. Quando a escola dominical terminou, na manhã seguinte, o sino começou a dobrar, em vez do repicar de costume. Foi um domingo muito silencioso, e o som plangente parecia em consonância com o silêncio contemplativo que havia na natureza. Os moradores começaram a chegar, parando por um momento no vestíbulo para conversar aos sussurros sobre o triste acontecimento. Mas ali dentro ninguém sequer sussurrava; apenas o farfalhar fúnebre dos vestidos das mulheres reunidas nos bancos perturbava a quietude. Ninguém se lembrava de ter visto a igrejinha tão cheia antes. Houve uma última pausa de espera, um torpor de expectativa, e tia Polly entrou, seguida de Sid e Mary, seguidos pela família Harper, todos de luto fechado. Toda a congregação, inclusive o velho pastor, ficou de pé, em reverência, até que as famílias se sentassem no primeiro banco. Houve outro silêncio de comunhão, interrompido de quando em quando por soluços abafados, e então o pastor ergueu bem alto as mãos abertas e fez sua oração. Um hino comovente foi cantado, e em seguida se leu o texto: “Eu sou Ressureição e a Vida”.

Conforme o serviço prosseguiu, o pastor desenhava tantas imagens dos falecidos, seus costumes cativantes, e a rara promessa que os meninos perdidos haviam sido, que todas as almas presentes, julgando que ele acreditava em tais imagens, sentiram uma pontada de dor ao se lembrar de que ele sempre havia ignorado aqueles dois, e sempre havia enxergado apenas as falhas e os defeitos nos pobres garotos. O pastor relatou diversos incidentes comoventes da vida dos falecidos também, ilustrando seus temperamentos gentis e generosos. As pessoas

puderam ver como aqueles episódios haviam sido nobres e belos, lembrando-se com tristeza de que na ocasião em que ocorreram haviam parecido malandragens asquerosas, que bem mereceram o chicote recebido.

A congregação foi ficando cada vez mais comovida conforme a patética narrativa prosseguia, até que por fim todo o grupo desatou a chorar e se juntou às famílias enlutadas num coro de soluços aflitos. O próprio pastor deu vazão a seus sentimentos e chorou em pleno púlpito. Houve um alvoroço na galeria que ninguém notou. No momento seguinte, a porta da igreja rangeu ao se abrir, o pastor ergueu os olhos marejados sobre o lenço e ficou paralisado. Primeiro um e depois outro par de olhos seguiram o olhar do pastor, e quase impulsivamente toda a congregação se levantou e fitou os três meninos mortos que entravam marchando pelo corredor — Tom na frente; Joe, no meio; e Huck, um flagelo de trapos gotejantes, esgueirando-se timidamente atrás. Eles haviam se escondido na galeria pouco frequentada, assistindo ao sermão do próprio funeral.

Tia Polly, Mary e os Harpers correram para abraçar seus entes queridos recuperados, encheram-nos de beijos e deram graças, enquanto o pobre Huck ficou envergonhado e incomodado, sem saber o que fazer ou onde se esconder diante de tantos olhares hostis. Ele hesitou e começou a esboçar uma retirada discreta, porém Tom o agarrou e disse:

— Tia Polly, não é justo. Alguém tem que ficar contente pelo Huck também.

— Alguém ficou. Estou contente por vê-lo, pobre criatura desamparada!

As amorosas atenções da tia Polly que recaíram sobre ele foram a única coisa capaz de deixá-lo mais incomodado do que antes. De repente, o pastor berrou a plenos pulmões: “Louvado seja Deus, fonte de todas as bênçãos. Cantem todos, e com todo o sentimento.”

E todos cantaram. O velho hino ganhou corpo com ênfase triunfante. Enquanto as vozes faziam vibrar as vigas, Tom Sawyer, o pirata, olhava ao seu redor para os jovens que os invejavam e confessou no fundo do coração que aquele era seu momento de maior orgulho na vida.

Quando a congregação “convertida” saiu em tropel da igreja, disseram que estavam quase dispostos a serem feitos de bobos outra vez só para ouvir o velho hino cantado daquela maneira.

Tom recebeu mais tapas e beijos só naquele dia, segundo a variação dos humores da tia Polly, do que antes recebera em um ano inteiro. Ele mal saberia dizer se eram os tapas ou os beijos que expressavam melhor a gratidão a Deus e o carinho por ele mesmo.

18.

Este era o grande segredo de Tom: o plano de voltar para casa com seus irmãos piratas e assistir ao próprio funeral. Eles haviam remado até a margem do Missouri num tronco, na madrugada de sábado, aportando cinco ou seis milhas abaixo da vila. Haviam dormido na mata, no limite da cidade, quando já era quase dia claro. De lá, esgueiraram-se por vielas e travessas, adormecendo na galeria da igreja, em meio ao caos de bancos inutilizados.

No desjejum, segunda-feira de manhã, tia Polly e Mary foram muito amorosas com Tom, atenciosas a seus desejos. Conversaram bastante, como raramente acontecia. Ao longo da conversa, tia Polly disse: — Bem, não vou dizer que foi uma boa travessura, Tom, deixar todo mundo sofrendo quase uma semana para vocês três se divertirem. E é uma pena que você seja cruel a ponto de me deixar sofrendo também. Se você conseguiu vir boiando num tronco para assistir ao próprio funeral, poderia ter vindo e deixado algum sinal de que não estava morto, mas de que havia apenas fugido.

— Sim, você poderia ter feito isso, Tom — disse Mary. — E acredito que teria feito, se tivesse pensado nisso.

— Você teria feito isso, Tom? — perguntou tia Polly, com o semblante se iluminando melancolicamente. — Agora me diga: você teria vindo, se tivesse pensado nisso?

— Eu... Bem, não sei. Teria estragado tudo.

— Tom, eu achava que você me amasse a ponto de pensar nisso — disse tia Polly, com uma voz tristonha que incomodou o menino. — Já teria sido alguma coisa, pelo menos, se você se importasse comigo a ponto de pensar nisso, mesmo que você não viesse de fato.

— Ora, titia, ele não fez por mal — alegou Mary. — É o jeito eufórico do Tom. Ele está sempre com tanta pressa que nunca pensa em nada.

— Tanto pior. Sid teria pensado nisso. Teria vindo e deixado algum sinal. Tom, algum dia você vai olhar para trás, quando for tarde demais, e desejar ter se importado mais comigo, sendo que isso lhe custaria tão pouco...

— Ora, titia, você sabe que me importo com a senhora — disse Tom.

— Eu saberia melhor se você agisse mais de acordo.

— Eu gostaria de ter pensado melhor — disse Tom, com voz de arrependimento. — Mas pelo menos sonhei com a senhora. Isso já é um começo, não é?

— Não é grande coisa. Até um gato faz isso, mas é melhor que nada. O que você sonhou?

— Na noite de quarta-feira, sonhei que você estava sentada ali na cama, o Sid estava sentado na caixa de lenha e a Mary estava ao lado dele.

— Bem, e estávamos de fato. Como sempre estamos. Que bom que você pelo menos sonha conosco!

— E sonhei que a mãe do Joe Harper estava aqui também.

— Ora, pois ela esteve aqui! O que mais você sonhou?

— Muitas coisas, mas agora já estou me esquecendo.

— Bem, pois tente se lembrar. Você consegue?

— De alguma forma, parece que tinha um vento soprando na... no...

— Tente, Tom! O vento soprou alguma coisa. Continue!

Tom apertou os dedos na testa por um minuto de aflição e disse: — Já sei! Já sei! Soprou a vela!

— Misericórdia! Continue, Tom. Continue.

— E a senhora dizia: “Acho que a porta...”

— Continue, Tom!

— Deixe-me pensar um momento... A senhora disse que achava que a porta estava aberta.

— Juro que eu disse isso mesmo, tão certo quanto estou aqui agora! Não foi o que eu disse, Mary? Continue!

— E depois... Bem, não tenho certeza, mas parece que a senhora mandou o Sid ir... ir...

— E aí? O que mandei ele fazer, Tom? O que mandei ele fazer?

— A senhora mandou ele... A senhora mandou ele fechar.

— Por tudo o que é mais sagrado! Nunca vi coisa igual em toda a minha vida! Que ninguém venha me dizer de novo que os sonhos não querem dizer nada! A Sereny Harper precisa saber disso já. Quero ver agora ela falar aquela bobagem de que é tudo superstição. Continue, Tom!

— Agora está tudo ficando claro como o dia. Depois a senhora disse que eu não era mau, só arteiro, atacado e irresponsável como um... um... Acho que era um potrinho, ou algo assim.

— Foi isso mesmo! Bem, bom Deus! Continue, Tom!

— E aí a senhora começou a chorar.

— Comecei. Comecei. E não foi a primeira vez. E depois...

— Depois a sra. Harper começou a chorar, disse que o Joe era a mesma coisa e se lamentou porque bateu nele por ter pegado o creme, sendo que ela mesma tinha jogado fora...

— Tom! O espírito baixou em você! Você estava profetizando. Era isso que você estava fazendo! Por tudo o que é mais sagrado, continue.

— Aí o Sid disse...

— Acho que não falei nada — disse Sid.

— Sim, você falou, Sid — disse Mary.

— Fechem as matracas e deixem o Tom contar! O que ele disse, Tom?

— Ele disse... acho que ele disse que esperava que eu estivesse bem onde eu estava, mas que se eu tivesse sido melhor...

— Pronto, vocês ouviram isso? Foram exatamente as palavras dele!

— E a senhora mandou ele ficar quieto na hora.

— Pode apostar que mandei! Devia ter um anjo aí. Em algum lugar, devia ter um anjo!

— E a sra. Harper contou que o Joe lhe deu um susto com uma bombinha, e a senhora contou de quando o Peter tomou analgésico...

— Isso é a mais pura verdade!

— E então começou uma conversa sobre vasculhar o rio para nos encontrar, fazer o funeral no domingo... Depois a senhora e a velha sra. Harper se abraçaram, choraram, e ela foi embora.

— Foi assim mesmo! Foi exatamente o que aconteceu, tão certo quanto eu estar aqui sentada. Tom, você não poderia ter contado melhor se tivesse visto a

cena! E depois, o que houve? Continue, Tom!

— Depois acho que a senhora rezou por mim. Eu podia ver e ouvir cada palavra que a senhora dizia. A senhora foi se deitar, e fiquei tão triste que escrevi numa casca de plátano: “Não estamos mortos, só fugimos para ser piratas” e pus na mesa perto da vela. A senhora parecia tão boa, deitada ali dormindo, que pensei melhor, me inclinei e beijei seus lábios.

— Você me beijou, Tom. É mesmo? Só por isso, perdoo você por tudo!

Ela agarrou o menino num abraço esmagador que o fez se sentir o mais culpado dos vilões.

— Foi muita gentileza, embora tenha sido apenas um... um sonho. — Sid disse consigo mesmo em voz baixa.

— Cale a boca, Sid! O que a pessoa faz no sonho vale como se fizesse acordada. Tome, Tom, uma grande maçã Milam que eu estava guardando para você. Agora vá logo para a escola. Graças ao bom Deus, nosso Pai, você voltou. Ele é magnânimo e piedoso com aqueles que acreditam n’Ele e seguem Sua palavra, embora saiba que não sou digna. Mas se apenas os dignos recebessem Suas bênçãos e tivessem Sua mão para ajudá-los nos momentos difíceis, poucas pessoas sorririam aqui na terra ou jamais entrariam em Seu repouso eterno quando a longa noite chega. Agora vão embora, Sid, Mary e Tom, vão logo embora daqui, vocês já me atrasaram demais.

As crianças saíram para a escola, e a velha senhora foi visitar a sra. Harper e derrotar o realismo da vizinha com o maravilhoso sonho de Tom. Sid pensou melhor e não relatou o pensamento que lhe passava pela cabeça ao sair de casa. Era o seguinte: “Não me convence um sonho assim, sem nenhum errinho.”

Tom agora tinha virado um herói e tanto! Ele não saiu correndo e saltitando; movia-se com o passo lento e altivo dos piratas que sentiam que os olhos de todos estavam voltados para ele. E de fato estavam. Ele tentou não transparecer que estava vendo e ouvindo os comentários enquanto passava, mas aqueles comentários eram comida e bebida para ele. Meninos menores vinham em bando atrás dele, orgulhosos de serem vistos com ele e de serem tolerados por ele, como se ele tocasse o tambor à frente de uma procissão, ou fosse o elefante liderando os animais do circo até a cidade. Meninos do mesmo tamanho fingiam nem saber que ele havia fugido, mas mesmo assim se consumiam de inveja. Eles

dariam qualquer coisa para ter aquela pele bronzeada de sol de Tom e sua reluzente notoriedade, e Tom não as trocava nem por um circo inteiro.

Na escola, as crianças deram tanta importância a ele e a Joe, e seus olhos transmitiam tamanha admiração por eles, que os dois heróis logo ficaram muito “afetados”. Começaram a contar suas aventuras para aqueles ouvintes ávidos. Mas dificilmente chegavam ao fim, em razão dos muitos materiais fornecidos pela imaginação. Por fim, quando sacaram seus cachimbos e ficaram serenamente bafando, atingiram os píncaros da glória.

Tom decidiu que conseguiria se tornar independente de Becky Thatcher. A glória era o suficiente. Ele viveria apenas para a glória. Agora que estava famoso, talvez ela quisesse “voltar”. Bem, ela que viesse tentar. Veria que ele era capaz de ser indiferente, como se ela fosse outra pessoa qualquer. Ela chegou e Tom fingiu que não percebeu. Afastou-se, juntou-se a um grupo de meninos e meninas e começou a conversar. Logo, notou que Becky estava correndo alegremente para lá e para cá com o rosto corado e revirando os olhinhos, fingindo estar brincando de pega-pega com os colegas, gritando e gargalhando quando pegava alguém. Mas ele também notou que ela sempre pegava alguém perto dele e que parecia lançar um olhar consciente da presença dele nessas ocasiões.

Isso satisfez toda a vaidade cruel que havia dentro dele. Assim, em vez de conquistá-lo, aquele olhar apenas o deixou mais “convencido” e cuidadoso em evitar revelar que sabia o que ela estava tentando fazer. Então, ela parou de fazer graça, caminhou indecisa pelo pátio, suspirando uma ou duas vezes e olhando de relance, furtiva e melancolicamente, para Tom. Depois, reparou que Tom estava conversando mais particularmente com Amy Lawrence do que com qualquer outra pessoa. Sentiu uma pontada aguda e ficou atormentada e inquieta imediatamente. Tentou ir embora, mas seus pés foram traiçoeiros e a levaram em direção ao grupo. Ela disse a uma menina ao lado de Tom, com vivacidade fingida: — Ora, Mary Austin! Que menina má! Por que você faltou à escola dominical?

— Mas eu vim. Você não me viu?

— Ora, não! Você veio mesmo? Onde você se sentou?

— Eu estava na classe da srta. Peters, como sempre. Vi você.

— Viu? Que engraçado! Não vi você. Eu queria contar sobre o piquenique.

— Que delícia! Quem vai fazer?

— Minha mãe deixou eu fazer.

— Que bom! Espero que ela me deixe ir.

— Bem, ela vai deixar. O piquenique é para mim. Quem eu quiser convidar ela vai deixar, e vou convidar você.

— É muita gentileza. Quando será?

— Não vai demorar. Talvez perto das férias.

— Que divertido! Você vai chamar todas as meninas e todos os meninos?

— Sim, todo mundo que for meu amigo, ou quiser ser.

Ela olhou outra vez, de relance e furtivamente, para Tom, que estava conversando com Amy Lawrence sobre a terrível tempestade na ilha e sobre como o raio destruiu o grande plátano, “que ficou reduzido a lascas”, enquanto ele estava “parado a menos de um metro”.

— Oh, eu posso ir? — perguntou Grace Miller.

— Pode.

— E eu? — quis saber Sally Rogers.

— Sim.

— E eu também? — indagou Susy Harper. — E o Joe?

— Pode

E assim por diante, todos batendo palminhas de contentamento, até que o grupo todo implorou para ser convidado, com exceção de Tom e Amy. Então, Tom se virou de costas com altivez, ainda conversando, e levou Amy consigo. Os lábios de Becky estremeceram e vieram lágrimas a seus olhos. Ela ocultou esses sinais com uma alegria forçada e continuou tagarelando, mas a vida havia se esvaído do piquenique e de todo o resto. Ela foi embora assim que pôde, escondeu-se e se entregou àquilo que seu sexo chamava de “choro sentido”. Sentou-se, tristonha, com seu orgulho ferido, até o sino tocar. Depois se levantou, com um olhar vingativo, sacudiu as tranças e disse consigo mesma que agora sabia o que iria fazer.

No intervalo, Tom continuou flertando com Amy com uma satisfação exultante. E continuou vagando pela escola à procura de Becky, tentando fazê-la sofrer com sua atuação. Enfim ele a viu, mas sentiu uma súbita queda de

temperatura. Ela estava sentada confortavelmente num banquinho atrás da escola, vendo um livro de figuras com Alfred Temple. Estavam tão absortos naquilo, as cabeças próximas sobre o livro, que não pareciam se dar conta de nada mais no mundo. O ciúme percorreu as veias de Tom com seu vermelho vivo. Ele começou a odiar a si mesmo por ter desperdiçado a chance de uma reconciliação que Becky havia oferecido. Chamou a si mesmo de tolo e de todos os piores nomes em que conseguiu pensar. Quis chorar de contrariedade. Amy seguia conversando alegremente enquanto caminhavam, pois seu coração estava em festa, mas a língua de Tom havia perdido a função. Ele não estava ouvindo o que Amy dizia, e sempre que ela parava de falar e esperava uma resposta, ele só conseguia gaguejar uma concordância embaraçada, que muitas vezes era além do mais descabida.

Continuou voltando a toda hora aos fundos da escola, para rasgar os olhos com o odioso espetáculo que ali se desenrolava. Não conseguia evitar. Era enlouquecedor para ele ver, como pensou ter visto, que Becky Thatcher em nenhum momento suspeitou que ele sequer existisse. Mas ela sabia, na verdade, e sabia também que estava ganhando a luta e ficou contente ao vê-lo sofrer como ela mesma havia sofrido.

A tagarelice feliz de Amy se tornou insuportável. Tom deu a entender que havia coisas que ele precisava fazer, que precisavam ser feitas, e o tempo estava passando depressa. Mas foi tudo em vão, porque a menina continuou piando. Tom pensou: “Oh, que se dane, será que não vou conseguir me livrar dela?” Precisou fazer as tais coisas a que se referira, e ela disse que ficaria “esperando” quando terminasse a aula. Ele partiu às pressas, odiando-a por isso.

“Podia ser qualquer outro menino”, pensou Tom, rangendo os dentes. “Qualquer um na cidade inteira, menos esse almofadinha de Saint Louis que acha que se veste bem e é aristocrata! Tudo bem, eu lhe bati no primeiro dia na cidade, senhorzinho, e vou bater de novo. Espere até eu pôr as mãos em você! Vou...”

Ele prosseguiu fazendo movimentos de espancar um menino imaginário, esmurrando o ar, chutando e se esquivando.

“Você quer mais, quer? Agora pode gritar. Pronto! Que isso lhe sirva de lição!” Assim, a surra imaginária terminou e ele se deu por satisfeito.

Tom foi correndo para casa ao meio-dia. Sua consciência não podia mais suportar a felicidade agradecida de Amy e seu ciúme não tolerava mais nenhuma aflição. Becky retomou sua inspeção de figuras com Alfred, mas, conforme os minutos se arrastavam e Tom não estava ali para sofrer, seu triunfo começou a perder o brilho e ela perdeu o interesse. A gravidade e o alheamento se seguiram, depois a melancolia. Duas ou três vezes ela ficou atenta ao som de passos, mas foi uma esperança falsa. Não era Tom. Por fim, ela ficou completamente infeliz e desejou não ter levado aquilo a tais extremos. Quando o pobre Alfred, vendo que a estava perdendo, sem saber por quê, continuou exclamando “Esta é linda! Veja só!”, ela perdeu a paciência, disse “Não me amole! Não acho graça nenhuma nisso!” e desatou a chorar, levantou-se e foi embora.

Alfred foi atrás e tentou consolá-la, mas ela disse:

— Vá embora e me deixe em paz, por favor! Eu te odeio!

O menino parou sobressaltado, perguntando-se o que havia feito de errado, já que ela dissera que queria ficar vendo figuras a tarde inteira. Ela continuou andando, chorando. Depois, Alfred entrou pensativamente na escola deserta, humilhado e irritado. Intuiu a verdade: Becky se aproveitara dele para demonstrar seu desdém por Tom Sawyer. Ele estava longe de odiar Tom quando esse pensamento lhe ocorreu. Desejou que houvesse alguma forma de fazer mal ao menino sem correr grandes riscos. Deparou com a cartilha de Tom. Eis sua oportunidade. Abriu-a de bom grado na página da lição da tarde e derramou tinta.

Becky, olhando de relance pela janela atrás dele naquele momento, viu o ato e seguiu adiante, sem revelar sua presença. Ela então foi correndo para casa, com a intenção de encontrar Tom e contar tudo. Tom ficaria grato e seus problemas passariam. Antes da metade do caminho, no entanto, mudou de ideia. A lembrança de como Tom a tratara quando ela estava falando sobre o piquenique voltou e a encheu de vergonha. Ela decidiu deixá-lo ser castigado pelo estrago da cartilha e odiá-lo para sempre.

19.

Tom chegou em casa com um humor sombrio, e a primeira coisa que a tia disse já lhe mostrou que levava suas tristezas a um mercado nada promissor: — Tom, estou com vontade de esfolá-lo vivo!

— Titia, o que foi que fiz agora?

— Bem, você já fez o bastante. Fui visitar a Sereny Harper, como uma velha sentimental que sou, na esperança de fazê-la acreditar naquela bobagem de sonho, quando, veja você, ela ficou sabendo pelo Joe que você esteve aqui e ouviu toda a conversa que tivemos naquela noite. Tom, não sei o que vai ser de um menino capaz de agir assim. Eu me senti tão mal de pensar que você me deixou ir até a Sereny Harper e fazer papel de boba e não me disse nada...

Esse era um novo aspecto da situação. Antes, sua esperteza da manhã parecera a Tom uma bela travessura, muito engenhosa. Agora, parecia cruel e banal. Ele ficou constrangido e não conseguiu pensar em nada para dizer por um momento. Até que disse: — Titia, eu gostaria de não ter feito isso, mas não pensei na hora.

— Mas você nunca pensa em nada. Você não pensa em nada além do seu próprio egoísmo. Você foi capaz de pensar em vir lá da ilha Jackson no meio da noite para rir da nossa aflição e de pensar em me fazer de boba com essa mentira de sonho, mas não foi capaz de pensar um minuto em ter pena de nós e nos livrar do sofrimento.

— Titia, sei que foi maldade, mas não tive intenção. Além disso, não vim aqui para rir da senhora naquela noite.

— Por que veio, então?

— Vim dizer para a senhora não se preocupar conosco, porque não tínhamos morrido afogados.

— Tom, eu seria a alma mais grata deste mundo se pudesse acreditar que você pensou algo tão bom, mas você não pensou nada disso, e eu sei.

— Pensei, sim, senhora. Quero morrer paralítico se não pensei.

— Tom, não minta para mim, não faça isso. Isso só torna tudo mil vezes pior.

— Não estou mentindo, titia. É verdade. Eu queria evitar que a senhora sofresse. Foi a única coisa que me fez vir.

— Eu daria tudo para acreditar nisso, o que compensaria todos os seus pecados. Eu ficaria quase contente por você ter fugido e agido tão mal. Mas não faz sentido. Por que você não me contou nada?

— Quando a senhora começou a falar do funeral, fiquei animado com a ideia de irmos nos esconder na igreja e não quis correr o risco de estragar a brincadeira. Então guardei de volta a casca no bolso e mantive segredo.

— Que casca?

— A casca de árvore em que escrevi para contar que tínhamos virado piratas. Eu queria que a senhora tivesse acordado quando dei aquele beijo, sinceramente.

O cenho franzido da tia relaxou e uma súbita ternura raiou em seus olhos.

— Você me beijou, Tom?

— Ora, sim, beijei.

— Você tem certeza, Tom?

— Sim, tenho, titia. Certeza absoluta.

— Por que você me beijou?

— Porque amo muito a senhora, a senhora estava ali deitada gemendo e me arrependi.

Essas palavras soaram verdadeiras. A velha senhora não conseguiu disfarçar um tremor na voz ao dizer: — Beije-me outra vez, Tom! E agora vá logo para a escola, não me incomode mais.

No momento em que ele saiu, ela correu para o armário e tirou a jaqueta que Tom usara em sua pirataria. Então parou, com a jaqueta na mão, e disse consigo mesma: — Não, eu não ousaria. Pobrezinho, acho que é mentira dele, mas é uma mentira boa, bendita, para me consolar. Espero que Deus... Tenho certeza de que Deus o perdoará, pois havia bondade no coração dele ao me contar. Mas não quero descobrir que era mentira. Não vou nem olhar.

Ela guardou a jaqueta e ficou por ali meditando. Duas vezes estendeu a mão para pegar a jaqueta de novo, e duas vezes se deteve. Mais uma vez arriscou, e dessa vez se encorajou com o pensamento: “Foi uma mentira boa, uma mentira

bendita. Não vou deixar que isso me entristeça.” Ela apalpou o bolso da jaqueta. No momento seguinte, estava lendo a casca de árvore de Tom entre lágrimas, dizendo: “Agora posso perdoar meu menino, mesmo que ele cometesse um milhão de pecados.”

20.

Havia alguma coisa no modo de agir de tia Polly quando beijou Tom que afastou o desânimo e o deixou novamente de coração leve e feliz. Ele foi para a escola e teve a sorte de encontrar Becky Thatcher no início da Meadow Lane. Seu humor sempre determinava seu modo de agir. Sem nenhum momento de hesitação, correu até ela e disse: — Fui muito cruel, Becky, e sinto muito. Nunca mais vou agir assim de novo, até o dia da minha morte. Por favor, vamos fazer as pazes?

A menina parou e olhou nos olhos dele com desdém: — Eu agradeceria muito se você guardasse isso para si mesmo, sr. Thomas Sawyer. Nunca mais vou falar com você.

Ela empinou o nariz e seguiu seu caminho. Tom ficou tão perplexo que não teve presença de espírito para dizer algo como “Quem se importa, srta. Almofadinha?”, até que o momento certo de dizê-lo passou. De modo que ele não disse nada. Mas, de todo modo, ficou bastante furioso. Arrastou-se até o pátio da escola, desejando que ela fosse um menino e imaginando como bateria nela. Então, encontrou-a e soltou um comentário ferino. Ela lançou outro em resposta, e a raivosa ruptura foi completa. Aparentemente, Becky, no calor de seu ressentimento, mal podia esperar para a aula começar, de tão impaciente que estava para ver Tom ser punido por ter estragado a cartilha. Se ela tinha ainda alguma intenção de denunciar Alfred Temple, a pedrada ofensiva de Tom dispersou inteiramente essa possibilidade.

Pobre menina, não sabia que estava correndo diretamente para uma enrascada. O professor, sr. Dobbins, chegara à meia-idade com uma ambição frustrada. A menina de seus olhos era ser médico, mas a pobreza havia decretado que não iria além de mestre-escola da província. Todo dia abria um misterioso livro que ficava em sua escrivaninha e se punha absorto a lê-lo quando não havia nenhuma criança recitando. Guardava esse livro na gaveta, trancada à chave. Todos os

meninos endiabrados da escola dariam tudo para poder espiar esse livro, mas a oportunidade nunca apareceu. Cada menino e menina ali tinha uma teoria sobre o assunto do livro, mas não havia duas teorias iguais nem como chegar aos fatos do caso.

Então, quando Becky estava passando pela escrivania, que ficava perto da porta, reparou que a chave estava na fechadura. Foi um momento raro. Ela olhou de relance ao redor. Vendo que estava sozinha, no instante seguinte estava com o livro nas mãos. O título, *Anatomia do professor Sicrano*, não esclareceu nada à menina, que começou a folhear o livro. Ela logo chegou ao frontispício, com uma bela gravura colorida: um corpo humano completamente nu. Naquele momento, uma sombra caiu sobre a página, Tom Sawyer entrou pela porta e viu de relance a figura. Becky agarrou o livro, puxando-o para si, e teve o azar de rasgar a página ao meio. Enfiou o volume na gaveta, passou a chave e saiu correndo, chorando de vergonha e contrariedade.

— Tom Sawyer, você é muito cruel, ficar espiando os outros assim para ver o que os outros estão vendo...

— Como eu ia saber que você estava vendo alguma coisa?

— Você devia se envergonhar, Tom Sawyer. Sabe que vai me denunciar. O que será de mim? Vou ser castigada, e nunca fui castigada na escola.

Ela bateu o pezinho e disse:

— Seja cruel, se quiser! Sei de uma coisa que vai acontecer. É só esperar e você vai ver só! Eu te odeio, odeio, odeio!

Ela foi embora correndo em meio a uma nova explosão de choro.

Tom ficou parado, um tanto nervoso com aquele ataque. Pensou consigo: “Como as meninas são loucas! Nunca apanhou na escola! Jesus! Qual é o problema do castigo? As meninas são assim mesmo: todas sensíveis e medrosas. Bem, claro que não vou contar nada ao velho Dobbins sobre essa maluca, porque há outros modos de me vingar dela que não são tão cruéis. Mas o que vai acontecer? O velho Dobbins vai querer saber quem rasgou o livro dele. Ninguém vai responder. Daí ele vai fazer como sempre: perguntar a um por um. Quando chegar a ela, vai perceber, sem ela precisar contar nada. O rosto das meninas sempre entrega tudo. Elas não têm nenhum sangue-frio. Ela vai acabar sendo

castigada. Parece que Becky Thatcher está encurralada, porque não tem como escapar dessa.”

Tom avaliou a situação mais uma vez e acrescentou: “Mas tudo bem. Ela queria me ver sofrer, pois então que sofra as consequências!”

Tom se juntou à multidão de alunos brincando lá fora. Dali a alguns minutos, o professor chegou e a aula começou. Tom não estava muito interessado nos estudos. Toda vez que olhava de relance para o lado das meninas, o rosto de Becky o perturbava. Pensando bem, não queria sentir pena dela, no entanto era a única coisa que podia fazer. Não conseguia extrair nenhuma exultação digna do nome.

O professor descobriu o que havia acontecido com sua cartilha, e a cabeça de Tom ficou cheia de seus próprios problemas por algum tempo. Becky despertou de sua letargia aflita e demonstrou bastante interesse nos procedimentos. Ela não esperava que Tom conseguisse escapar da situação apenas negando ter derramado tinta na cartilha, e estava certa. A negação aparentemente só piorou as coisas para Tom. Becky achou que ficaria contente com isso e tentou acreditar que estava contente, mas descobriu que não tinha tanta certeza assim. Quando o pior ficou ainda pior, sentiu um impulso de se levantar e denunciar Alfred Temple, mas fez um esforço e se obrigou a ficar quieta, porque, pensou consigo mesma: “Com certeza ele vai contar que rasguei o livro. Eu que não vou dizer nada para salvar a pele dele.”

Tom recebeu seu castigo e voltou para a carteira sem se sentir nem um pouco magoado, pois achou possível que tivesse derramado sem perceber a tinta na cartilha, em algum ímpeto desastrado. Ele havia negado por tradição e porque era seu costume; mantivera a negação por princípio.

Uma hora inteira se passou, o professor ficou sentado em seu trono balançando a cabeça, o ar estava parado com o murmúrio das leituras. Enfim, o sr. Dobbins se endireitou, bocejou, abriu a gaveta e procurou o livro, mas parecia indeciso se o tirava ou o deixava no lugar. A maioria dos alunos apenas ergueu os olhos de relance, languidamente, mas dois deles observaram os movimentos do professor com olhos atentos. O sr. Dobbins acariciou seu livro distraidamente por algum tempo, tirou-o da gaveta e se pôs a folheá-lo. Tom olhou rapidamente para Becky. Ele já havia visto um coelho desamparado sendo caçado com aquele

mesmo olhar dela, com uma arma apontada para a cabeça. Instantaneamente, esqueceu sua desavença com ela. Alguma coisa precisava ser feita, mas a própria iminência da emergência paralisou sua inventividade.

Ele teve uma inspiração. Correria, apanharia o livro da mão do professor e sairia correndo porta afora. Mas sua resolução ficou abalada por um instante, e a oportunidade foi perdida quando o professor abriu o volume. Se Tom tivesse outra vez essa oportunidade perdida... Tarde demais. “Não havia o que fazer por Becky”, pensou consigo mesmo. No momento seguinte, o professor se virou para a turma. Todos os olhos baixaram sob aquele olhar. Havia nele algo que esmagava de medo até os inocentes. Fez-se um silêncio em que se pôde contar até dez; o professor estava concentrando toda a sua fúria. Perguntou: — Quem rasgou este livro?

Não houve nenhum som. Seria possível ouvir um alfinete caindo. O silêncio continuou, e o professor procurou em todos os semblantes sinais de culpa.

— Benjamin Rogers, foi você que rasgou este livro?

Uma negativa, outra pausa.

— Joseph Harper, foi você?

Outra negativa. A inquietação de Tom foi ficando cada vez mais intensa sob a lenta tortura daquele procedimento. O professor esquadrinhou as fileiras dos meninos, ponderou por um momento, e então se virou para as meninas: — Amy Lawrence?

Ela balançou a cabeça.

— Gracie Miller?

O mesmo sinal.

— Susan Harper, você fez isso?

Outra negativa. A menina seguinte era Becky Thatcher. Tom estava tremendo da cabeça aos pés de excitação, com a sensação de desespero daquela situação.

— Rebecca Thatcher...

(Tom olhou de relance para o rosto dela, que estava pálido de terror.) — Você rasgou... Não, olhe para mim.

(Ela ergueu as mãos, suplicantes.)

— Você rasgou este livro?

Um pensamento lampejou no cérebro de Tom como um raio. Ele se levantou e gritou: — Fui eu.

A turma se virou, perplexa, diante daquela incrível loucura. Tom ficou parado por um momento, recompondo suas faculdades desconjuntadas. Quando ele deu um passo adiante para receber seu castigo, a surpresa, a gratidão, a adoração que brilharam sobre ele, vindas dos olhos da pobre Becky, pareceram-lhe recompensa suficiente para cem chibatadas. Inspirado pelo esplendor de seu próprio ato, recebeu sem chorar o mais impiedoso açoite que o sr. Dobbins jamais ministrara. Recebeu também com indiferença a crueldade adicional da ordem de permanecer na escola por duas horas depois do fim da aula, porque sabia quem o estaria esperando lá fora depois de encerrado seu cativeiro, e não contou tampouco aquelas horas tediosas como perda de tempo.

Tom foi dormir aquela noite planejando vingança contra Alfred Temple, já que, com vergonha e arrependimento, Becky lhe contara tudo, sem esquecer a própria deslealdade. Mas até o desejo de vingança logo cedeu espaço a meditações mais agradáveis, e ele adormeceu com as últimas palavras de Becky ecoando em seus ouvidos: — Tom, como você pode ser tão nobre?

21.

As férias estavam chegando. O professor, sempre severo, ficou mais exigente do que nunca, pois queria que a turma se saísse bem no dia dos exames. Sua vara e sua palmatória raramente descansavam, pelo menos entre os alunos mais novos. Apenas meninos mais velhos e jovens senhoritas de dezoito e vinte anos escapavam do castigo. As punições do sr. Dobbins eram também muito rigorosas. Embora tivesse embaixo da peruca uma cabeça calva e reluzente, ele havia apenas chegado à meia-idade e não havia sinal de fraqueza em seus músculos. Conforme o grande dia se aproximava, toda a tirania que havia dentro dele veio à tona; ele parecia sentir um prazer vingativo em castigar as mínimas falhas. A consequência disso foi que os meninos mais novos passavam o dia aterrorizados e sofrendo, tramando vinganças à noite.

Eles não perdiam uma única oportunidade de aprontar alguma travessura contra o professor, que sempre tomava a dianteira. A recompensa que se seguia a cada vingança bem-sucedida era sempre tão devastadora e majestosa que os meninos saíam do campo de batalha cruelmente abatidos. Enfim, conspiraram juntos e chegaram a um plano que prometia uma vitória retumbante. Incluíram o filho do pintor de placas, contaram-lhe o plano e pediram-lhe ajuda. Ele tinha suas razões para querer participar, já que o professor alugava um quarto na casa de sua família e lhe dera muitos motivos para odiá-lo. A esposa do professor viajaria para o interior dali a alguns dias, e não haveria nada que pudesse interferir no plano.

O professor sempre se preparava para ocasiões especiais ficando bastante embriagado. O filho do pintor de placas disse que, quando o mestre-escola estivesse bêbado na véspera dos exames, “daria um jeito” enquanto ele estivesse cochilando em sua poltrona. Depois, ele o acordaria na hora certa e correria para a escola.

No momento devido, a interessante ocasião se apresentou. Às oito da noite, a escola estava bem iluminada, enfeitada com guirlandas e coroas de folhas e flores. O professor se entronizou em sua grande poltrona sobre uma plataforma mais alta, com o quadro-negro atrás. Parecia razoavelmente relaxado. Três fileiras de bancos de cada lado e seis fileiras na frente dele estavam ocupadas pelos dignitários da cidade e pelos pais dos alunos. À esquerda, atrás das fileiras de cidadãos comuns, havia uma espaçosa plataforma temporária, na qual estavam sentados os alunos que não participariam dos exercícios daquela noite; fileiras de meninos pequenos, banhados e vestidos, insuportavelmente incomodados; fileiras de meninos maiores apalermados; montes de meninas e moças vestidas de linho e musselina branca conscientes de seus braços nus, das joias antigas de suas avós, de suas fitas cor-de-rosa e azuis e flores nos cabelos. Todo o resto da escola estava cheio de alunos não participantes.

Os exercícios começaram. Um menino muito pequeno se levantou e recitou: “Vocês jamais esperariam que alguém da minha idade subisse ao palco para falar esta verdade”, acompanhando-se de gestos ensaiados e espasmódicos, como se fosse uma máquina, supondo-se que a máquina estivesse um pouco defeituosa. Mas ele terminou bem, embora assustado, recebeu muitos aplausos ao fazer sua reverência artificial e se retirou do palco. Uma garotinha envergonhada balbuciou: “Mary tinha um carneirinho”, fez uma mesura que inspirava compaixão, recebeu sua cota de aplausos e se sentou, corada e feliz.

Tom Sawyer deu um passo à frente com segurança afetada, pronunciando o inesgotável e imbatível discurso “Dê-me a liberdade ou a morte”, com uma bela fúria e frenética gesticulação, e parou sua fala no meio. Um medo de palco terrível tomou conta dele, suas pernas bambearam e ele quase sufocou. Verdade seja dita, ele conquistou a manifesta simpatia do público, mas também o silêncio de todos, o que era ainda pior que a simpatia. O professor franziu o cenho, completando o desastre. Tom tentou mais um pouco e se retirou, profundamente derrotado. Houve uma fraca tentativa de aplauso, que morreu logo.

“O menino ficou parado no convés em chamas”. Em seguida, “o assírio caiu” e outras pérolas declamatórias. Depois houve exercícios de leitura e uma competição de soletração. A pequena turma de latim recitou com honras.

Então, chegou a vez do evento principal da noite: as redações originais das mocinhas. Uma de cada vez, elas foram até a frente da plataforma, pigarrearam, ergueram seus manuscritos — amarrados com fitas delicadas — e passaram a ler, com esforçada atenção à expressividade e à pontuação. Os temas foram os mesmos que haviam iluminado ocasiões similares na época de suas mães, de suas avós, e sem dúvida de todas as suas ancestrais mulheres desde o tempo das Cruzadas. “Amizade” era um deles, assim como “lembranças do passado”, “religião na história”, “mundo dos sonhos”, “vantagens da cultura”, “formas de governo comparadas e contrastadas”, “melancolia”, “amor filial”, “desejos do coração” *etc.*

Um aspecto dominante nessas redações era uma melancolia cultivada e acariciada; outro, era um fluxo extravagante e opulento de “palavras difíceis”; outro, ainda, era uma tendência a forçar nos ouvidos palavras e frases especialmente valorizadas até gastá-las por completo. Uma peculiaridade que evidentemente as marcava e comprometia era o inveterado e insuportável sermão ao fim de cada uma delas. Não importava o assunto, faziam um esforço enlouquecedor para espremê-lo dentro de um ou outro aspecto que as mentes mais morais e religiosas pudessem contemplar como algo edificante. A insinceridade flamejante desses sermões não era suficiente para banir o costume das turmas, e ainda não é o suficiente hoje em dia. Talvez nunca seja enquanto o mundo existir. Não existe uma escola em nosso país em que as mocinhas não se sintam obrigadas a encerrar as redações com um sermão, e o sermão da menina mais frívola e menos religiosa da turma é sempre o mais longo e piedoso. Mas chega dessa conversa. A verdade banal é intragável.

Voltemos aos exames. A primeira redação a ser lida era intitulada “A vida é isso?”. Talvez o leitor possa suportar um trecho dela:

Na vida mais cotidiana, com que deliciosas emoções a mente da jovem anseia por aguardadas cenas de alguma festividade qualquer! A imaginação se ocupa em esboçar imagens róseas de alegria. Na fantasia, a voluptuosa devota da moda se vê em meio ao cordão festivo, “sob os olhos do mundo”. Sua forma graciosa, ornada em trajes níveos, rodopia pelos labirintos da dança feliz; seu olho é o mais brilhante; seus passos, o mais leve da assembleia jocunda.

Em tais fantasias de deleite, o tempo passa velozmente, e chega a hora bem-vinda em que ela adentra o mundo elíseo, do qual extraíra aqueles sonhos vívidos. Quão feérico tudo parece em sua visão encantada! Cada nova cena é mais fascinante que a última. Mas logo se descobre que, por trás do exterior benevolente, tudo é vaidade. A lisonja, que outrora encantara sua alma, agora irrita bruscamente seus ouvidos, o baile perde seus atrativos, e, com a saúde devastada e o coração amargurado, ela vai embora com a convicção de que os prazeres terrenos não podem satisfazer aos anseios da alma.

E assim por diante. Havia um frêmito de gratificação de quando em quando durante a leitura, acompanhado de elogios sussurrados de “Que beleza!”, “Que eloquência!”, “Tão verdadeiro!” *etc.* Depois que a récita se encerrou com esse sermão particularmente aflitivo, os aplausos foram entusiásticos.

Nesse momento, levantou-se uma menina esguia, melancólica, cujo rosto tinha a interessante palidez oriunda das pílulas e da indigestão, e leu um poema. Duas estrofes dele serão suficientes:

Adeus de uma donzela do Missouri ao Alabama

Alabama, adeus! Amei-te bastante!

Mas por enquanto te deixo!

Tristes, sim, tristes memórias meu peito invadem,

E ardentes lembranças me franzem a testa!

Pois percorri teus bosques floridos,

Perambulei por ti e li junto ao Tallapoosa,

Ouvi as cheias caudalosas do Tallassee,

E saudei da margem do Coosa o raiar da Aurora.

Mas não me envergonha o peito transbordante

Nem tento esconder meus olhos úmidos.

Não é de terra estranha que me despeço,

Não é por forasteiros que solto esse suspiro.

Boa acolhida e um lar tive nesse estado,

Cujos vales deixo, cujas torres ficam para trás

E só quando forem frios meus olhos, coração e tête,

Querido Alabama, serão frios por ti.

Poucas pessoas ali sabiam o que era *tête*, mas mesmo assim o poema foi bastante satisfatório.

Em seguida, veio uma moça morena, de olhos e cabelos negros, que fez uma pausa respeitosa, adotou uma expressão trágica e começou a ler com voz pausada e solene:

Uma visão

Era uma noite escura e tempestuosa. No trono do céu, nenhuma estrela cintilava, mas a entonação grave do pesado trovão constantemente vibrava nos ouvidos, enquanto o relâmpago terrível se comprazia em humores iracundos através das câmaras nubladas do céu, parecendo zombar do poder exercido sobre seu terror pelo ilustre Franklin.

Mesmo os ventos fustigantes saíam de seus lares místicos e bravateavam como se quisessem enfatizar com seu auxílio a brutalidade da cena.

Em tal momento, tão escuro, tão lúgubre, meu espírito até suspirava pela simpatia humana, mas em vez disso “minha amiga mais querida, minha conselheira e minha guia, minha alegria na tristeza, minha segunda bênção” , veio até mim. Ela veio como um daqueles seres brilhantes retratados nos caminhos ensolarados do Éden da fantasia por românticos e jovens, uma rainha da beleza, sem ornamentos, exceto sua própria beleza transcendente. Tão suave era seu passo que não fazia nem um som. Não fosse o mágico frenesi emanado por seu toque caloroso, como outras belezas reticentes, teria ido embora despercebida, espontaneamente.

Uma estranha tristeza pesava em seus traços, como lágrimas geladas sobre o traje de dezembro, quando ela apontou para os elementos em disputa lá fora e me fez contemplar os dois seres apresentados.

Esse pesadelo ocupava cerca de dez páginas manuscritas e encerrava com um sermão tão destrutivo de todas as esperanças para os não presbiterianos que levou o primeiro prêmio. Essa redação foi considerada o melhor trabalho da noite. O prefeito, ao entregar o prêmio à autora, fez um discurso acalorado em

que dizia se tratar, de longe, da coisa mais eloquente que já ouvira e que o próprio dicionarista Webster teria ficado orgulhoso.

Diga-se de passagem também que o número de redações em que a palavra “belo” era excessivamente afagada, e a experiência humana referida como “página de vida”, ia muito além da média.

O professor, delicado quase a ponto da jovialidade, afastou a cadeira, virou-se de costas para o público e começou a desenhar um mapa dos Estados Unidos no quadro-negro, para passar aos exercícios de geografia. Contudo, fez um péssimo trabalho com sua mão trêmula, e risinhos sufocados surgiram na plateia. Ele percebeu o problema e se pôs a consertar o desenho. Apagou algumas linhas e as refez, mas só as distorcia mais, aumentando os risinhos. Então, ele pôs toda a atenção no trabalho, como se estivesse decidido a não se deixar abalar pela hilaridade. Sentia que todos os olhos estavam postos sobre si. Imaginou que estivesse conseguindo, mas os risinhos continuaram e aumentaram. E também pudera!

Havia um sótão, com um alçapão, acima da cabeça dele, e por esse alçapão veio descendo uma gata, suspensa pelas patas de trás por um barbante. A gata tinha um trapo amarrado na cabeça para impedir que miasse. Ao descer lentamente, curvou-se para cima e arranhou o barbante, balançou, desceu mais e arranhou o ar intangível. Os risos foram ficando cada vez mais altos. A gata estava a um palmo da cabeça do professor absorto e foi descendo, descendo um pouco mais, até que agarrou sua peruca com as patas desesperadas e foi puxada de volta para o sótão num instante, ainda levando consigo seu troféu. A luz refletiu intensa da cabeça calva do mestre-escola, pois o filho do pintor de placas havia pintado a careca de dourado.

Isso encerrou a noite. Os meninos se vingaram. As férias haviam começado. [L4](#)

22.

Tom se juntou à nova ordem dos Cadetes da Temperança, atraído pelo caráter chamativo de seu “estandarte”. Ele prometeu se abster de fumar e mascar tabaco, bem como de praguejar, enquanto fosse membro. Então descobriu uma coisa nova: que prometer não fazer uma coisa é o modo mais seguro do mundo de fazer a pessoa querer fazer justamente essa coisa. Tom logo se viu atormentado pelo desejo de beber e xingar. O desejo cresceu e ficou tão intenso que nada além da esperança de se exhibir com sua faixa vermelha evitou que se retirasse da ordem. Estava chegando o Quatro de Julho, mas ele logo deixou de esperar pela data — antes de quarenta e oito horas com seus grilhões — e fixou suas esperanças no velho juiz Frazer, o juiz de paz, que aparentemente estava no leito de morte e teria um grande funeral público, uma vez que era um alto oficial.

Durante três dias, Tom ficou preocupado com a saúde do juiz e ávido por notícias dele. Às vezes sua esperança era tanta que tirava o estandarte do armário e ensaiava diante do espelho. Mas a saúde do juiz era instável da maneira mais desestimulante. Enfim, disseram que ele estava melhorando, até que se recuperou. Tom ficou chateadíssimo e se sentiu até prejudicado. Entregou sua demissão imediatamente. Naquela mesma noite, o juiz sofreu uma recaída e morreu. Tom decidiu que nunca mais confiaria num homem como aquele.

O funeral foi uma coisa linda. Os cadetes desfilaram com um estilo calculado para matar o antigo membro de inveja. Tom era um menino livre outra vez, contudo aquilo tinha seu encanto. Ele podia beber e xingar, mas descobriu, para sua surpresa, que não queria mais. O simples fato de poder levou embora o desejo e o fascínio da coisa. Tom, então, se pegou pensando se suas cobiçadas férias não estariam pesando um pouco demais em suas costas.

Começou um diário, mas não aconteceu nada três dias seguidos, de modo que o abandonou. O primeiro grupo de menestréis brancos fazendo papel de negros

chegou à cidade e causou sensação. Tom e Joe Harper então formaram sua própria trupe e foram felizes por dois dias.

Mesmo o glorioso Quatro de Julho foi, em certo sentido, um fiasco, pois choveu muito, não houve procissão e o maior homem do mundo, como Tom supunha — o sr. Benton, senador dos Estados Unidos —, revelou-se uma total decepção, já que não tinha quase dois metros de altura nem nada perto disso.

Veio um circo. Os meninos brincaram de circo por três dias, em tendas feitas de velhos tapetes rasgados — ingresso, meninos três alfinetes, meninas dois —, até que também o circo foi abandonado.

Vieram um craniologista e um hipnotizador, que foram embora deixando a vila ainda mais tediosa e tristonha do que nunca.

Houve algumas festas mistas de meninos e meninas, mas foram tão poucas e tão deliciosas que só fizeram os vazios dolorosos entre elas doerem mais.

Becky Thatcher foi embora para sua casa em Constantinople passar as férias com a família, de modo que não havia lado bom na vida em parte alguma.

O pavoroso segredo do assassinato foi uma angústia crônica, um verdadeiro câncer em termos de permanência e dor.

Então, veio o sarampo.

Durante longas duas semanas, Tom virou um prisioneiro, morto para o mundo e seus acontecimentos. Ficou muito doente e não se interessava por nada. Quando enfim voltou a ficar de pé e caminhou sem forças até a cidade, uma transformação melancólica havia ocorrido com todas as coisas e criaturas. Ocorrera uma “renovação da fé”, e todo mundo tinha “virado religioso”, não só os adultos, mas também os meninos e as meninas. Tom perambulou pela rua, na esperança desesperada de encontrar um bendito rosto pecador, mas só encontrou decepção em toda parte. Viu Joe Harper lendo a Bíblia e se afastou com tristeza daquele espetáculo deprimente. Procurou Ben Rogers e o encontrou visitando os pobres com uma cesta de folhetos. Foi atrás de Jim Hollis, que chamou sua atenção para a preciosa bênção daquele sarampo como um sinal divino. Cada menino que encontrava agregava outra tonelada à sua depressão. Quando, desesperado, buscou refúgio no coração de Huckleberry Finn e foi recebido com um versículo das Escrituras, seu coração se partiu. Arrastou-se para casa e foi

para a cama, com a consciência de ser o único em toda a cidade que estava perdido, condenado para todo o sempre.

Naquela noite caiu uma terrível tempestade, com uma chuva arrasadora, temerosos estrondos de trovão e ofuscantes relâmpagos nas nuvens. Ele se enfiou debaixo das cobertas e esperou, em suspense horrorizado, pelo momento fatídico, porquanto não tinha nenhuma dúvida de que todo aquele escarcéu era por sua causa. Acreditava ter abusado da paciência das forças superiores ao extremo de sua tolerância e que aquele era o resultado. Talvez achasse um desperdício de pompas e munições matar um inseto com uma bateria de artilharia, mas não lhe parecia descabida uma tempestade caríssima como aquela para revolver a turfa debaixo de um inseto como ele.

Até que a tempestade acabou e morreu sem realizar seu objetivo. O primeiro impulso do menino foi de gratidão e regeneração. O segundo foi esperar, porque talvez nunca mais fosse haver outra tempestade.

No dia seguinte, os médicos voltaram, pois Tom teve uma recaída. Dessa vez, as três semanas que passou deitado pareceram toda uma era. Quando enfim voltou, não parecia muito grato por ter sido poupado, lembrando-se da solidão, da falta de companheiros, de como havia sido esquecido. Desceu a rua desanimado e encontrou Jim Hollis fazendo papel de juiz num tribunal juvenil que processava uma gata por assassinato, na presença da vítima: um passarinho. Encontrou Joe Harper e Huck Finn numa viela comendo um melão roubado. Pobres rapazes! Eles, como Tom, também tiveram suas recaídas.

23.

Enfim a atmosfera sonolenta foi agitada e o processo do assassinato chegou a julgamento. Aquilo se tornou o tema dominante das conversas da vila. Tom não conseguiu evitá-lo. Cada referência ao assassinato lançava um estremecimento ao seu coração, já que sua consciência pesada e seus medos quase o persuadiam de que esses comentários eram indiretas para seus ouvidos. Ele não via como poderia ser suspeito de saber coisa alguma sobre o assassinato, mas ainda assim não conseguia ficar confortável no meio daquele falatório. Ficou o tempo inteiro trêmulo de calafrios. Levou Huck a um lugar isolado para conversar. Seria um alívio poder falar à vontade um pouco, dividir seu fardo de aflições com outro sofredor. Mais do que isso, queria garantir que Huck mantivera o segredo.

— Huck, você contou para alguém sobre... aquilo?

— Aquilo o quê?

— Você sabe.

— Ah! Claro que não.

— Nem uma palavra?

— Nem uma única palavra, por tudo que é mais sagrado. Por que a pergunta?

— Bem, fiquei com medo.

— Ora, Tom Sawyer, não viveríamos mais dois dias se alguém soubesse disso. Você sabe.

Tom se sentiu mais confortável e, depois de uma pausa, perguntou: — Eles não teriam como obrigar você a contar, não é?

— Obrigar a contar? Ora, se eu quisesse que aquele diabo mestiço me afogasse, eu contaria. Não teria outro jeito.

— Tudo bem, então. Acho que vamos ficar seguros enquanto mantivermos esse segredo. Mas vamos jurar mais uma vez para garantir. É mais seguro.

— Concordo.

Fizeram o juramento outra vez com soturnas solenidades.

— Quais são as novidades, Huck? Fiquei sabendo de uma.

— Novidade? Bem, só se fala no Muff Potter. Muff Potter isso, Muff Potter aquilo, o tempo todo. Fico suando sempre, tanto que só quero me esconder.

— Comigo tem sido igual. Acho que ele está condenado. Você não tem pena dele às vezes?

— Quase sempre, quase sempre. Ele não sabe de nada, mas também nunca machucou ninguém. Só pescava um pouco para ter dinheiro e poder se embriagar. E vagabundeava bastante. Mas, Jesus, todos fazemos isso! Pelo menos a maioria. Até pastores e pessoas assim. Mas ele é boa pessoa. Ele me deu metade de um peixe uma vez, sendo que não dava para dois, e muitas vezes ficou comigo quando eu estava sem sorte.

— Bem, ele consertou minhas pipas e prendeu anzóis na minha linha. Eu queria que fosse possível o tirarmos de lá.

— Jesus! Nós não podemos tirar ele de lá, Tom. Além disso, não adiantaria nada. Prenderiam ele de novo.

— Sim, prenderiam mesmo. Mas odeio saber que eles estão abusando tanto dele, sendo que ele nunca fez... aquilo.

— Eu também, Tom. Ouvi gente dizer que ele é o vilão mais sanguinário do país e que não sabem como ele ainda não morreu enforcado antes.

— É, as pessoas falam assim o tempo todo. Ouvi gente dizer que, se ele for libertado, vão querer linchá-lo.

— E pode apostar que linchariam mesmo.

Os meninos conversaram bastante, mas isso lhes trouxe pouco conforto. Quando a tarde começou a cair, viram-se nas imediações da pequena cadeia isolada, talvez com uma esperança indefinida de que algo pudesse acontecer que os livrasse de suas dificuldades. Mas nada aconteceu. Aparentemente, não havia nenhum anjo ou fada interessados naquele prisioneiro azarado.

Os meninos fizeram como muitas vezes antes: foram até a grade da cela e deram a Potter um pouco de tabaco e fósforos. Ele ficava no térreo e não havia carcereiro. Sua gratidão pelos presentes sempre lhes doera a consciência antes. Dessa vez, cortou ainda mais fundo. Sentiram-se covardes e traidores até o último grau quando Potter disse: — Meninos, vocês têm sido muito bons

comigo, melhor do que qualquer outra pessoa nesta cidade. Isso não vou esquecer. Eu me peguei pensando: “Eu costumava consertar as pipas e outras coisas desses meninos, mostrar para eles onde era melhor pescar. Fui amigo deles sempre que pude, e agora que todo mundo se esqueceu do velho Muff, quando ele está vivendo essa dificuldade, Tom não esqueceu, Huck não esqueceu. Eles não me esqueceram, e eu não vou me esquecer deles.” Meninos, fiz uma coisa horrível. Bêbado e louco no momento em que fiz, é a única explicação que tenho. Agora vou para a forca por isso, e está certo. É o melhor que pode acontecer, acho. Espero que sim, pelo menos. Bem, não vamos falar disso. Não quero que vocês se sintam mal. São meus amigos. Mas o que eu queria dizer é o seguinte: nunca fiquem bêbados. Assim, vocês nunca virão parar aqui onde estou. Virem-se um pouco mais para cá. Pronto! É um grande consolo ver um rosto amigo quando a pessoa está atolada em problemas, e ninguém mais vem me visitar além de vocês. Rostinhos amigos, bons rostinhos amigos. Subam nos ombros um do outro e me deixem tocar seus rostinhos. Assim. Vamos dar as mãos. Isso mesmo. Apertem minha mão. A mão de vocês passa entre as barras, mas a minha é muito grande. Mãozinhas pequenas e fracas, mas que ajudaram um bocado o Muff Potter, e que ajudariam ainda mais se pudessem.

Tom foi para casa arrasado. Seus sonhos naquela noite foram cheios de horrores. No dia seguinte e no outro, ficou rondando o tribunal, atraído por um impulso quase irresistível de entrar, mas se obrigando a ficar do lado de fora. Huck estava passando pela mesma experiência. Eles passaram a se evitar. Cada um ia para um lado, mas, de quando em quando, o mesmo fascínio melancólico acabava os trazendo ali de volta. Tom ficava de ouvidos atentos sempre que alguém saía do tribunal, mas invariavelmente as notícias eram aflitivas, as malhas da lei se fechavam cada vez mais sobre o pobre Potter. Ao fim do segundo dia de julgamento, disseram na vila que o depoimento de Injun Joe, firme e inabalável, seria confirmado pelas evidências, e que não havia a menor dúvida sobre qual seria o veredito do júri.

Tom ficou na rua até tarde aquela noite e entrou no quarto pela janela. Estava numa tremenda excitação. Levou horas até pegar no sono. A vila inteira foi ao tribunal na manhã seguinte, que seria o grande dia. Ambos os sexos estavam igualmente representados na plateia lotada. Após longa espera, entraram os

jurados e assumiram seus lugares. Pouco depois, Potter, pálido e cambaleante, tímido e desesperado, foi trazido acorrentado e sentado onde todos os olhos dos curiosos pudessem vê-lo. Com o mesmo destaque, ali estava Injun Joe, impávido, como sempre. Houve outra pausa, chegou o juiz, e o meirinho proclamou aberta a sessão. Os cochichos entre os advogados e a reunião dos papéis se seguiram como de costume. Esses detalhes e seus consequentes atrasos criaram um clima de preparação notável e fascinante.

Foi chamada uma testemunha que declarou ter visto Muff Potter se lavando no riacho, bem cedo, na manhã em que o assassinato foi descoberto, e que ele imediatamente havia se escondido. Após mais algumas perguntas, o advogado de acusação disse: — A testemunha é sua.

O prisioneiro ergueu os olhos por um momento, mas tornou a baixá-los quando seu próprio advogado disse: — A defesa não tem perguntas para ele.

A testemunha seguinte confirmou ter encontrado o canivete perto do cadáver. O advogado de acusação falou: — A testemunha é sua.

— A defesa também não tem nenhuma pergunta para ele — respondeu o advogado de Potter.

Uma terceira testemunha jurou ter visto muitas vezes Potter com aquele canivete.

— A testemunha é sua.

O advogado de Potter declinou de questionar a testemunha. Os semblantes do público começaram a revelar irritação. Será que aquele advogado pretendia jogar fora a vida de seu cliente sem fazer nenhum esforço?

Diversas testemunhas confirmaram o comportamento culpado de Potter quando levado à cena do crime. Todas deixaram a cadeira sem serem questionadas pela defesa.

Todos os detalhes das circunstâncias agravantes ocorridas no cemitério naquela madrugada da qual todos os presentes se lembravam tão bem foram trazidos à tona por testemunhas confiáveis, mas nenhuma delas foi questionada pelo advogado de Potter. A perplexidade e a insatisfação do público se expressaram em murmúrios e provocaram uma reprimenda do juiz. O advogado de acusação, então, comentou: — Pelo juramento de cidadãos cuja simples palavra está acima

de qualquer suspeita, atribuímos esse crime hediondo, sem sombra de dúvida, ao infeliz prisioneiro que está no banco dos réus. Nosso caso está encerrado.

Um gemido escapou do pobre Potter, que apoiou o rosto nas mãos e balançou suavemente o corpo para a frente e para trás, enquanto um doloroso silêncio reinava no tribunal.

Muitos homens ficaram comovidos, e a compaixão de muitas mulheres foi comprovada com lágrimas. O advogado de defesa se levantou e exclamou: — Meritíssimo, em nossos comentários na abertura deste processo, propusemos provar que nosso cliente cometeu esse feito pavoroso sob influência de um delírio cego e irresponsável produzido pelo álcool. Mudamos de ideia! Mudamos nossa alegação!

Então, disse ao meirinho:

— A defesa chama Thomas Sawyer!

Um espanto intrigado despertou em todos os semblantes do público, inclusive o do próprio Potter. Todos os olhares se fixaram com maravilhado interesse em Tom, que se levantou e assumiu sua posição na cadeira das testemunhas. O menino parecia bastante exaltado, apavorado. O juramento foi proferido.

— Thomas Sawyer, onde você estava no dia 17 de junho, por volta da meia-noite?

Tom olhou de relance para o rosto de ferro de Injun Joe e ficou mudo. O público prendeu a respiração para ouvir, mas as palavras se recusaram a sair. Após alguns momentos, contudo, o menino recuperou um pouco das forças e conseguiu insuflar o suficiente a voz para fazer parte da plateia ouvi-lo: — No cemitério!

— Um pouco mais alto, por favor. Não tenha medo. Você estava...

— No cemitério.

Um sorriso desdenhoso percorreu o semblante de Injun Joe.

— Você por acaso estava perto da sepultura de Horse Williams?

— Sim, senhor.

— Fale... só um pouco mais alto. A que distância você estava?

— Como daqui até onde o senhor está.

— Você estava escondido?

— Estava.

— Onde?

— Atrás dos olmos que ficam quase na beira da sepultura.

Injun Joe teve um sobressalto quase imperceptível.

— Tinha mais alguém com você?

— Sim, senhor. Eu estava lá com...

— Espere... espere um momento. Não é preciso mencionar o nome de seu companheiro. Vamos chegar lá no momento devido. Você estava levando alguma coisa com você?

Tom hesitou, confuso.

— Fale logo, menino, não seja tímido. A verdade é sempre respeitável. O que você levou para lá?

— Só um... um... gato morto.

Houve uma onda de risos, que o juiz interrompeu.

— Mostraremos o esqueleto desse gato. Agora, menino, conte-nos o que aconteceu, com suas próprias palavras. Não deixe nada de fora e não tenha medo.

Tom começou, a princípio hesitante. Mas, conforme foi avançando no assunto, suas palavras fluíram com desembaraço cada vez maior. Dali a pouco ficou tudo em silêncio, exceto por sua voz. Boquiaberta e sem fôlego, a plateia acompanhou suas palavras, sem perceber o tempo passando, arrebatada pelo fascínio lúgubre da história. O esforço da emoção contida chegou ao clímax quando o menino disse: — ... e quando o doutor bateu com a tábua e o Muff Potter caiu no chão, Injun Joe atacou com o canivete e...

Um vidro se quebrou! Rápido como um raio, o mestiço saltou pela janela, desvencilhou-se de todos os adversários no caminho e fugiu.

24.

Tom voltou a ser um herói ilustre, o queridinho dos velhos, a inveja dos jovens. Seu nome ganhou a imortalidade da imprensa, pois o jornal da vila o elevou às alturas. Havia gente que achava que ele chegaria a presidente um dia, se não acabasse enforcado. Como sempre, o mundo volúvel e insensato acolheu Muff Potter em seu peito e o afagou tão calorosamente quanto havia abusado dele antes. Mas esse tipo de conduta só depõe a favor do mundo, portanto não é bom ficarmos aqui apontando falhas.

Os dias de Tom foram de esplendor e exultação, mas suas noites foram temporadas de horror. Injun Joe infestava todos os seus sonhos, sempre com aquele olhar fatídico. Dificilmente alguma tentação convenceria o menino a sair de casa depois de anoitecer. O pobre Huck estava na mesma situação de desgraça e terror, pois Tom havia contado toda a história ao advogado na noite anterior ao último dia do julgamento e Huck estava com muito medo de que sua participação na história pudesse vazar, mesmo que a fuga de Injun Joe o tivesse salvado do sofrimento de testemunhar no tribunal. O pobre sujeito fez o advogado prometer sigilo. Mas e daí? Desde que a consciência atormentada de Tom dera um jeito de levá-lo à casa do advogado no meio da noite e abrir a boca para contar aquela história pavorosa — boca que fora selada pelo juramento mais solene e formidável —, a confiança de Huck na raça humana estava praticamente extinta.

Durante o dia, a gratidão de Muff Potter deixava Tom contente por ter falado, mas durante a noite ele lamentava não ter calado a boca. Metade do tempo Tom passava com medo de que Injun Joe jamais fosse capturado; a outra metade, com medo de que fosse. Tinha certeza de que jamais respiraria tranquilo enquanto o sujeito não estivesse morto e ele tivesse visto o cadáver.

Recompensas foram oferecidas, a região inteira vasculhada, mas Injun Joe não foi encontrado. Um desses prodígios oniscientes e reverenciados, um detetive, veio de St. Louis, esquadrinhou tudo, balançou a cabeça, fez cara de sábio e conquistou aquele tipo de sucesso espantoso que membros desse ofício geralmente conquistam. Isto é, “encontrou um fio solto da meada”. Mas não se pode enforcar alguém com “um fio solto”. Assim, depois que o detetive terminou e foi embora, Tom voltou a se sentir tão inseguro quanto antes.

Dias arrastados se seguiram, cada um deles deixando para trás uma carga de apreensão apenas um pouco menor.

25.

Chega um momento na vida de todo menino bem formado em que ele sente um louco desejo de ir para algum lugar e cavar em busca de um tesouro escondido. Esse desejo subitamente se manifestou em Tom, que saiu procurando Joe Harper, mas não obteve sucesso. Em seguida, foi atrás de Ben Rogers, que saía para pescar. Então, deparou com Huck Finn, o Mão Vermelha. Huck seria a resposta. Tom o levou a um lugar isolado e revelou o assunto a ele. Huck se mostrou disposto. Ele estava sempre disposto a ajudar em qualquer empreitada que promettesse diversão e não exigisse nenhum capital, pois tinha uma perturbadora abundância daquele tipo de tempo que não é dinheiro.

— Onde vamos cavar? — disse Huck.

— Oh, em qualquer lugar praticamente.

— Ora, o tesouro está em vários lugares?

— Não, na verdade, não. Tesouros costumam ficar em lugares bem específicos, às vezes em ilhas, às vezes em baús apodrecidos, embaixo de um galho torto de uma velha árvore morta, onde as sombras caem à meia-noite. Mas, quase sempre, embaixo do assoalho de casas mal-assombradas.

— Quem enterra os tesouros?

— Ladrões, é claro. Quem você achou que fosse? Superintendentes de escolas dominicais?

— Não sei. Se eu tivesse um tesouro, não iria enterrar. Eu gastaria tudo me divertindo muito.

— Eu também, mas os ladrões não fazem assim. Eles sempre escondem e deixam lá.

— E eles não voltam mais para buscar?

— Não. Pensam que vão voltar, mas geralmente esquecem o local ou morrem antes. Seja como for, o tesouro fica lá muito tempo e acaba enferrujando. Um

dia, alguém encontra um papel antigo e amarelado que mostra onde está enterrado, um papel que leva uma semana para ser decifrado, porque é basicamente feito de sinais e hieróglifos.

— Hiero... quê?

— Hieróglifos. Desenhos e coisas, você sabe, que parecem não querer dizer nada.

— Você já viu um papel desses, Tom?

— Não.

— Pois então como você vai encontrar o local?

— Não preciso de papel indicando o local. Eles sempre enterram embaixo de uma casa mal-assombrada, numa ilha, ou embaixo de uma árvore morta que tem um galho torto. Bem, já exploramos um pouco a ilha Jackson e podemos explorar de novo. Podemos tentar a velha casa assombrada depois do ribeirão do alambique. Lá tem muitas árvores mortas e tortas, uma quantidade mortal dessas árvores.

— E tem tesouro em todas elas?

— Pense no que você fala! Claro que não!

— Então, como vai saber embaixo de qual deve cavar?

— Vamos cavar embaixo de todas!

— Ora, Tom, isso vai levar o verão inteiro.

— E daí? Imagine se você acha um pote de lata com cem dólares dentro, todo enferrujado e sujo, ou um baú podre cheio de diamantes. Que tal?

Os olhos de Huck brilharam.

— Isso já é demais. Para mim, já estava bom. Só me dê os cem dólares e não quero saber de diamantes.

— Está bem. Mas aposto que você não ia querer jogar fora os diamantes. Alguns valem vinte dólares. Mas nenhum, quase nenhum, vale menos de setenta e cinco centavos ou um dólar.

— Não é possível! É mesmo?

— Claro, todo mundo sabe disso. Você nunca viu diamante, Huck?

— Não que me lembre.

— Os reis fazem pilhas de diamantes.

— Bem, não conheço nenhum rei.

— Sei que não. Mas, se fosse à Europa, veria bandos deles saltitando por lá.

— Reis saltitam?

— Saltitam? Só se for na sua avó! Não.

— Bem, por que você disse que eles saltitam?

— Jesus, eu só quis dizer que você veria muitos reis. Não saltitando, é claro. Por que eles haveriam de saltitar? Eu quis dizer que você veria reis por toda parte, você sabe, de modo geral. Como aquele velho corcunda, Ricardo.

— Só Ricardo? E o sobrenome?

— Ele não tinha sobrenome. Rei só tem nome próprio.

— Não me diga?!

— Pois é verdade.

— Bem, se os reis gostam disso, tudo bem. Mas não quero ser rei e só ter o nome próprio, como um escravo. Mas me diga, afinal, onde quer cavar primeiro?

— Bem, não sei. Que tal aquela velha árvore morta na colina depois do ribeirão do alambique?

— Concordo.

Eles pegaram uma picareta torta e uma velha pá e iniciaram a caminhada de três milhas. Chegaram suados e ofegantes, deitaram-se à sombra de um plátano vizinho para descansar e fumar.

— Gostei daqui — disse Tom.

— Também gostei.

— Ei, Huck, se encontrarmos um tesouro aqui, o que vai fazer com sua parte?

— Vou comer torta e tomar soda todo dia. E vou ao circo sempre que ele vier.

Aposto que vou me divertir.

— Você não vai guardar nada?

— Guardar? Para quê?

— Ora, para ir gastando aos poucos, para ter com que se sustentar.

— Isso não funciona. Meu pai volta para a cidade qualquer dia desses e leva tudo embora se eu não gastar logo, e garanto que ele ia gastar tudo bem depressa. O que vai fazer com sua parte?

— Vou comprar um tambor novo, uma espada, uma gravata vermelha, um bezerro e me casar.

— Casar?

— Isso mesmo.

— Tom, você... Você deve ter ficado louco.

— Espere só, você vai ver.

— É a coisa mais estúpida que você poderia fazer. Veja meu pai e minha mãe. Só brigavam! Eles brigavam o tempo inteiro. Eu me lembro muito bem.

— Isso não quer dizer nada. A menina com quem vou me casar não vai brigar comigo.

— Acho que elas são todas iguais. São cheias de manias. Então é melhor você pensar bem nisso. Estou dizendo. Como se chama a garota?

— Não é nenhuma garota, é uma menina.

— É a mesma coisa, acho. Tem gente que fala garota, outros falam menina. Os dois estão certos, tenho quase certeza. Em todo caso, como ela se chama?

— Um dia conto, mas não agora.

— Está bem. Por mim, está combinado. Só que se você se casar, vou ficar mais sozinho ainda.

— Não vai, nada. Você vai morar comigo. Agora chega dessa conversa e vamos cavar.

Eles trabalharam e suaram por meia hora. Sem resultado. Tornaram a cavar mais meia hora. Ainda sem resultado, Huck disse: — Eles sempre enterram assim tão fundo?

— Às vezes não, sempre. Geralmente, não. Acho que não estamos no lugar certo.

Então, escolheram um novo local e começaram de novo. O trabalho se estendeu um pouco, mas continuaram fazendo progressos. Ficaram algum tempo trabalhando em silêncio, até que Huck se apoiou na pá, enxugou o suor da testa com a manga da camisa e perguntou: — Onde quer cavar depois que terminar aqui?

— Acho que podemos experimentar embaixo daquela velha árvore em Cardiff Hill atrás da casa da viúva.

— Acho que essa vai ser boa. Mas será que a viúva não vai tirar nosso tesouro, Tom? Está no terreno dela.

— Até parece! Ela pode até querer tentar. Quem encontra um tesouro enterrado automaticamente fica sendo o dono dele. Não faz a menor diferença quem é o

dono do terreno.

Isso foi satisfatório. O trabalho prosseguiu, até que Huck disse: — Deus me livre! Acho que estamos cavando no lugar errado de novo. O que você acha?

— Que estranho, Huck! Não estou entendendo. Às vezes as bruxas se intrometem. Acho que talvez seja esse o problema agora.

— Jesus! Bruxas não têm poder durante o dia.

— Isso é verdade. Não tinha pensado nisso. Oh, já sei qual é o problema! Como somos burros! Precisamos achar onde a sombra do galho torto cai à meia-noite e cavamos ali!

— Quer dizer que nos enganamos e tivemos todo esse trabalho por nada? Vamos parar agora, precisamos voltar à noite. Vai demorar muito. Você pode sair mais tarde?

— Aposto que consigo. Precisa ser hoje à noite mesmo, porque se alguém vir esses buracos vai saber na hora o que tem aqui e querer desenterrar primeiro.

— Bem, à noite passo miando na sua casa.

— Combinado. Vamos esconder as ferramentas nesses arbustos.

Os meninos saíram naquela noite, por volta do horário marcado. Sentaram-se embaixo da árvore e esperaram. Era um lugar solitário, e um horário a que velhas tradições deram solenidade. Espíritos sussurravam por entre as folhas farfalhantes, fantasmas espreitavam em recantos lúgubres, o uivo grave de um cão flutuou na distância, uma coruja respondeu com sua nota sepulcral. Os meninos ficaram impressionados com tais solenidades e conversaram pouco. Até que julgaram ter chegado a meia-noite. Marcaram o ponto onde a sombra da ponta do galho torto caía e começaram a cavar. Suas esperanças foram aumentando. Seu interesse foi ficando mais forte, e o ritmo de sua produtividade foi acompanhando. O buraco ficou mais e mais fundo, mas toda vez que o coração deles saltava ao ouvir a picareta atingir algo duro, vinha nova decepção. Era sempre só uma pedra ou um cepo. Por fim, Tom se resignou: — Não adianta, Huck, erramos de novo.

— Bem, mas não pode ser. Achamos o ponto certo da sombra.

— Eu sei, mas tem outra coisa...

— O quê?

— Adivinhamos a hora. Provavelmente marcamos o local um pouco depois ou um pouco antes da meia-noite.

Huck largou a pá.

— É isso — disse ele. — Esse é o problema. Vamos ter que parar. Nunca vamos saber a hora certa, e além disso esse tipo de coisa é muito apavorante, vir aqui a essa hora da noite com as bruxas e os fantasmas voando por aí desse jeito... Toda hora sinto que tem alguma coisa atrás de mim. Tenho medo de virar, porque talvez tenha outro na minha frente só esperando uma oportunidade de atacar. Estou todo arrepiado de calafrios desde que cheguei aqui.

— Eu também. Quase sempre enterram um homem perto quando enterram um tesouro embaixo de uma árvore, para ficar vigiando.

— Jesus!

— Sim, eles fazem isso. Sempre ouvi dizer.

— Não gosto de ficar brincando onde tem gente morta. Quase sempre dá confusão.

— Também não gosto de acordar os mortos. Imagine se esse morto resolvesse mexer a caveira e falasse alguma coisa?

— Não, Tom. Que horror!

— Bem, é isso. Também não estou confortável aqui.

— Ei, Tom, que tal ir embora daqui e procurar em outro lugar?

— Acho melhor.

— Aonde vamos agora?

Tom refletiu um pouco e disse:

— À casa mal-assombrada. É lá.

— Deus me livre! Não gosto de casa mal-assombrada. É ainda pior do que ver gente morta. Morto pode até falar, mas não vem voando embaixo de um lençol quando você não está vendo e espia por cima do seu ombro de repente e range os dentes, como fantasma faz. Não sei se vou conseguir passar por essa agora. Ninguém aguenta.

— Eu sei, Huck, mas fantasma não aparece só à noite? Eles não vão se incomodar se cavarmos durante o dia.

— Bem, isso é verdade. Mas você sabe muito bem que ninguém vai àquela casa mal-assombrada nem de dia nem de noite.

— Isso só porque ninguém gosta de ir aonde alguém foi assassinado, principalmente. Mas nunca ninguém viu nada naquela casa que não fosse à noite, e foi só uma luz azul passando pela fresta das janelas, e não um fantasma de verdade.

— Bem, se você vir essa luz azul no ar, pode apostar que tem um fantasma bem perto por trás dela. Porque você sabe que só fantasma tem essa luz.

— Sim, isso é verdade. Mas, de todo jeito, eles não aparecem durante o dia, então por que ter medo?

— Está certo. Vamos tentar a casa mal-assombrada, se você está dizendo. Mas acho arriscado.

Eles começaram a descer a colina. Lá embaixo, no meio do vale enluarado, ficava a casa “mal-assombrada”, totalmente isolada, com as cercas todas derrubadas há muito tempo, musgo crescendo na entrada, a lareira de pedras arruinada, as janelas soltas dos caixilhos, um canto do teto caído. Os meninos ficaram contemplando-a por um tempo, com a expectativa de ver alguma luz azul passando por alguma fresta. Em seguida, conversando em voz baixa, como cabia naquela hora e naquela circunstância, foram desviando cada vez mais para a direita, tomando uma boa distância da casa assombrada, e seguiram no caminho de casa passando pelo bosque que adornava os fundos de Cardiff Hill.

26.

Por volta do meio-dia do dia seguinte, os meninos chegaram à árvore morta. Haviam ido buscar suas ferramentas. Tom estava impaciente para ir logo à casa mal-assombrada. Huck também estava, até certo ponto, mas de repente disse: — Escute aqui, Tom, você sabe que dia é hoje?

Tom mentalmente percorreu os dias da semana e arregalou os olhos com expressão sobressaltada: — Meu Deus! Eu não havia pensado nisso, Huck!

— Nem eu, mas de repente me ocorreu que hoje é sexta-feira.

— Deus me livre! É sempre bom tomar cuidado. Podíamos estar enrascados, arriscando uma coisa dessas numa sexta-feira.

— Podíamos? Era enrascada na certa, isso sim. Alguns dias dão sorte, mas sexta-feira não.

— Qualquer tonto sabe disso. Acho que você não é o primeiro, Huck.

— Eu nunca disse que fui o primeiro, disse? E não é só porque é sexta-feira. Ontem tive um pesadelo horrível: sonhei com ratos.

— Não me diga! Isso é um claro sinal de encrenca. Eles estavam brigando?

— Não.

— Isso é bom. Se os ratos não estão brigando, é apenas um sinal de que vai acontecer alguma coisa ruim, você sabe. Só temos que ficar bem atentos para evitar que aconteça. Não faremos isso hoje e vamos brincar. Sabe Robin Hood?

— Não. Quem é Robin Hood?

— Ele foi um dos maiores homens que já existiram na Inglaterra; o melhor, para mim. Ele era um ladrão.

— Que loucura! Eu queria ser ladrão. Quem ele roubava?

— Só xerifes, bispos, ricos e reis, esse tipo de gente. Mas nunca fazia nada contra os pobres. Ele adorava pobre. Sempre dividia tudo com eles igualmente.

— Bem, devia ser um sujeito genuíno.

— Aposto que era, Huck. Oh, ele foi o homem mais nobre que já existiu. Não temos muitos assim hoje em dia, é o que digo. Ele era capaz de bater qualquer homem na Inglaterra com uma das mãos amarrada nas costas. Ele mirava seu arco de teixo e acertava em cheio uma moeda de dez centavos, toda vez, a dois quilômetros de distância.

— O que é arco de teixo?

— Sei lá. Deve ser um tipo de arco, é claro. Se ele acertava esse centavo só de raspão, sentava, chorava e xingava. Vamos brincar de Robin Hood. É uma brincadeira nobre, eu ensino.

— Estamos de acordo.

Eles brincaram de Robin Hood a tarde inteira, de quando em quando olhando de olhos compridos para a casa mal-assombrada e comentando as perspectivas e as possibilidades do dia seguinte. Conforme o sol começou a se esconder no oeste, tomaram o caminho de casa pelas sombras compridas das árvores e logo desapareceram no meio das florestas de Cardiff Hill.

No sábado, pouco depois do meio-dia, os meninos estavam outra vez diante da árvore morta. Fumaram seus cachimbos, conversaram à sombra e cavaram um pouco no último buraco aberto, sem muita esperança, apenas porque Tom disse que, em muitos casos, as pessoas desistiam de um tesouro quando estavam a dez centímetros dele, e então chegava alguém e desenterrava o tesouro com uma única cavada. A coisa falhou dessa vez, os meninos puseram as ferramentas nos ombros e foram embora sentindo que não haviam deparado com a fortuna, mas que haviam cumprido todos os requisitos do ofício da caça ao tesouro.

Quando chegaram à casa mal-assombrada, havia algo tão estranho e macabro naquele silêncio mortal que reinava sob o sol escaldante, algo tão deprimente na solidão e na desolação daquele lugar, que eles ficaram por um momento com medo de entrar. Esgueiraram-se até a porta e espiaram amedrontados. Viram um cômodo sem assoalho, coberto de mato, sem reboco nas paredes, uma lareira antiga, janelas sem vidros, uma escada em ruínas. Aqui, ali e em toda parte pendiam pedaços de teias de aranha abandonadas. Entraram suavemente, com pulso acelerado, sussurrantes, de ouvidos atentos ao menor ruído, com músculos tensos e prontos para uma retirada a qualquer momento.

Dali a pouco, a familiaridade modificou seus medos e eles fizeram um exame crítico e interessado do lugar, ao mesmo tempo admirando a própria ousadia e espantando-se com ela. Depois, quiseram ver o andar de cima. Isso significaria desistir da rota de fuga. Mas começaram a se desafiar, e isso só podia ter um resultado. Deixaram as ferramentas no canto e subiram. Lá em cima viram os mesmos sinais de decadência. A um canto, encontraram um armário que prometia conter algum mistério, mas a promessa se revelaria uma fraude, já que não havia nada dentro. A coragem deles cresceu em boa hora. Estavam prestes a descer e começar a trabalhar quando Tom exclamou: — Psiu!

— O que foi? — sussurrou Huck, empalidecendo de medo.

— Psiu! Agora. Ouviu?

— Sim. Oh, Deus! Vamos fugir!

— Parado! Não se mexa! Eles estão vindo direto para a porta.

Os meninos deitaram-se no chão e ficaram espiando pelos furos nas tábuas. Ali ficaram esperando, com um medo desgraçado.

— Pararam. Não, estão vindo. Eles entraram. Não diga mais nada, Huck. Santo Deus! Quero ver escaparmos dessa.

Dois homens entraram. Os meninos pensaram consigo mesmos: “Lá está o velho Espanhol, surdo-mudo, que apareceu na cidade uma ou duas vezes nos últimos tempos, e outro fulano, que nunca vi.

O tal “fulano” era uma criatura esfarrapada, desgrenhada, sem nada de simpático no rosto. O Espanhol usava uma manta, tinha um bigodão branco, cabelo branco comprido aparecendo embaixo do sombreiro e óculos de natação com lentes verdes. Quando entraram, o desconhecido falava baixinho. Sentaram-se no chão, virados para a porta, de costas para a parede, e o sujeito continuou falando. Sua atitude ficou menos defensiva e suas palavras, mais distintas, conforme prosseguiu: — Não, já pensei bem e não estou gostando disso. É muito perigoso.

— Perigoso? — resmungou o Espanhol “surdo-mudo”, para a imensa surpresa dos meninos. — Maricas!

Essa voz fez com que os meninos engagassem e estremecessem. Era Injun Joe! Houve silêncio por alguns momentos, até que Joe disse: — O que poderia

ser mais perigoso do que aquele nosso serviço rio acima... Mas não aconteceu nada.

— Aquele foi diferente. Rio acima e tudo, sem nenhuma casa por perto. Ninguém nunca ficaria sabendo, se tivesse dado errado.

— Bem, e o que pode ser mais perigoso do que vir aqui durante o dia? Qualquer um que nos vir vai desconfiar.

— Eu sei. Mas não tinha outro esconderijo mais perto depois daquela loucura toda. Quero ir embora dessa tapera. Quis fugir ontem, mas não foi possível, com aqueles meninos dos infernos brincando na colina. Eles teriam me visto.

— Aqueles meninos dos infernos!

Estremeceram de novo sob inspiração desse comentário, pensando na sorte que tiveram ao lembrar que era sexta-feira e resolver esperar um dia. No fundo, ambos teriam preferido esperar um ano.

Os dois homens desembrulharam comida e fizeram uma refeição. Depois de um silêncio longo e ponderado, Injun Joe disse: — Escute aqui, rapaz, você volta rio acima, onde é seu lugar. Espere por lá até ter notícias minhas. Vou ficar mais um pouco nesta cidade para averiguar uma coisa. Depois disso vamos fazer esse serviço perigoso. Antes, preciso vigiar mais um pouco e esperar o melhor momento. Depois vamos para o Texas. Vamos cruzar juntos a fronteira.

Isso foi satisfatório. Ambos começaram a bocejar e Injun Joe disse:

— Estou morrendo de sono! É sua vez de ficar vigiando.

Ele se encolheu no meio do mato e logo começou a roncar. Seu companheiro o cutucou uma ou duas vezes e ele ficou quieto. Então, o vigia começou a adormecer. A cabeça foi baixando, até que estavam ambos roncando.

Os meninos respiraram fundo, aliviados. Tom sussurrou:

— Agora é a nossa chance. Vamos!

Huck disse:

— Não vou conseguir. Vou morrer, se eles acordarem.

Tom insistiu, Huck resistiu. Enfim, Tom se levantou lenta e delicadamente e começou a sair sozinho. Mas o primeiro passo que deu fez um rangido tão medonho naquelas tábuas desengonçadas que ele logo se deitou de novo, morto de medo. Não faria uma segunda tentativa. Os meninos ficaram ali deitados, contando as horas arrastadas, até sentirem que passara tanto tempo que a

eternidade devia estar de cabelos brancos. Depois, ficaram contentes ao notar que, enfim, o sol estava se pondo.

Nesse instante, um dos rancos cessou. Injun Joe se levantou, olhou ao redor. Sorriu sombriamente para o companheiro, cuja cabeça pendia sobre os joelhos, cutucou-o com o pé e disse: — Ei! Você é o vigia, não? Está bem, na verdade não aconteceu nada.

— Jesus! Será que eu peguei no sono?

— Parece que sim, um pouco. Está quase na hora de ir embora, parceiro. O que vamos fazer com o que restou do nosso butim?

— Sei lá. Acho que podemos deixar aqui como sempre fazemos. Só vamos precisar quando formos para o sul. Seiscentos e cinquenta em dólares de prata não é pouca coisa para carregar.

— Bem, está certo. Podemos voltar aqui mais uma vez.

— Não, acho melhor voltarmos à noite, como sempre. É muito melhor.

— Sim. Mas, veja bem, pode ser que eu demore algum tempo para conseguir uma oportunidade de terminar esse serviço. Acidentes podem acontecer. Não é um lugar muito bom. Vamos enterrar, e enterrar bem fundo.

— Boa ideia — concordou o comparsa, que atravessou a sala, ajoelhou-se, afastou uma pedra do fundo da lareira e tirou um saco que tilintava agradavelmente. Retirou do saco vinte ou trinta dólares para si mesmo e o mesmo tanto para Injun Joe. Depois, passou o saco para ele, que estava ajoelhado no canto, cavucando com sua faca Bowie.

Os meninos esqueceram todos os seus medos, suas angústias, num instante. Com olhos ávidos, observaram cada movimento. Sorte! O esplendor daquilo ia além de toda imaginação! Seiscentos dólares era dinheiro suficiente para enriquecer uma dúzia de meninos! Ali estava uma caça ao tesouro com a mais feliz das perspectivas; não haveria mais a incômoda incerteza sobre onde cavar. Eles ficaram acenando com a cabeça um para o outro a cada momento, assentimentos eloquentes e facilmente compreendidos, que significavam: “E agora, não está contente por termos vindo?”

A faca de Joe encontrou alguma coisa.

— Ora, ora — comentou.

— O que é? — indagou o comparsa.

— Uma tábua meio apodrecida. Não, é uma caixa, acho. Venha aqui, dê uma ajuda e vamos ver o que tem aqui. Não precisa mais, abri um buraco.

Ele enfiou a mão e puxou para fora:

— Rapaz, é dinheiro!

Os dois homens examinaram aqueles punhados de moedas. Eram de ouro. Os meninos, no andar de cima, ficaram tão excitados quanto eles, e da mesma forma satisfeitos.

O comparsa de Joe disse:

— Vamos fazer isso de uma vez. Há uma velha picareta enferrujada ali perto do mato do canto, do outro lado da lareira. Acabei de ver, não faz um minuto.

Ele correu e trouxe a picareta e a pá dos meninos. Injun Joe pegou a picareta, avaliou-a, balançou a cabeça, resmungou algo consigo mesmo e começou a usá-la. A caixa logo foi desenterrada. Não era muito grande. Era reforçada com ferro e devia ter sido muito resistente antes de o lento trabalho dos anos a deteriorar. Os homens contemplaram o tesouro por algum tempo com um silêncio extasiado.

— Parceiro, aqui tem milhares de dólares — disse Injun Joe.

— Todo mundo diz que o bando do Murrell se escondeu aqui um verão — comentou o desconhecido.

— Eu sei — disse Injun Joe. — E isso parece ser prova disso, eu diria.

— Agora você não precisa mais fazer aquele serviço.

O mestiço franziu o cenho e proferiu tais palavras:

— Você não me conhece. Pelo menos, não sabe nada do que estou falando. Não vou roubar nada, é uma vingança. — Uma fagulha de crueldade se acendeu em seus olhos. — Vou precisar da sua ajuda. Depois de acabar, vamos para o Texas. Agora vá para casa, para sua Nance e seus filhos, e fique de prontidão até receber notícias minhas.

— Bem, se você está dizendo... O que fazemos agora com isso? Enterramos de novo?

— Sim.

(Delírio de prazer no andar de cima.)

— Não! Pelo grande cacique, não!

(Profunda aflição no andar de cima.)

— Eu ia me esquecendo... Aquela picareta estava suja de terra fresca!

(Os meninos ficaram aterrorizados no mesmo instante.)

— O que estariam fazendo aqui essa picareta e essa pá? E por que estariam sujas de terra fresca? Quem as trouxe para cá, e aonde teria ido? Você ouviu alguém? Viu alguém? O quê? Enterrar de novo e deixar que vejam a terra revolvida? Não. Vamos levar para meu esconderijo.

— Mas é claro! Eu devia ter pensado nisso antes. Você quer dizer o Número Um?

— Não, o Número Dois, embaixo da cruz. O outro lugar é muito ruim, muito comum.

— Está bem. Já está escuro o suficiente para irmos.

Injun Joe levantou-se e foi, de janela em janela, cuidadosamente espiando através de cada uma. Até que falou: — Quem pode ter trazido essas ferramentas? Você acha que podem estar lá em cima?

Os meninos ficaram sem ar. Injun Joe levou a mão à faca, parou um momento, indeciso, e se virou para a escada. Os meninos cogitaram o armário, mas haviam perdido toda a força. Os passos foram subindo a escada rangente. A aflição insuportável da situação despertou a obstinada resolução dos rapazes. Eles estavam prestes a sair correndo para dentro do armário quando houve um estalo de ripas podres e Injun Joe despencou no chão em meio aos destroços da escada em ruínas. Recompôs-se, esbravejando, e seu comparsa disse: — Que adianta? Se tem alguém, se estiverem aí em cima, podem ficar lá. Quem se importa? Se quiserem pular aqui para baixo agora e enfrentar a situação, quem teria alguma objeção? Vai escurecer em quinze minutos. Depois, eles que nos sigam, se quiserem. Estou pronto. Na minha opinião, quem quer que tenha trazido essas coisas para cá e nos viu achou que fôssemos fantasmas, demônios ou coisa que o valha. Aposto que estão correndo até agora.

Joe resmungou mais um pouco, concordando com o amigo que o que restava de luz do dia devia ser economizado para dar tempo de arrumar tudo para a partida. Pouco depois, esgueiraram-se para fora da casa em pleno crepúsculo e foram na direção do rio com a preciosa caixa.

Tom e Huck se levantaram, fracos mas imensamente aliviados, e ficaram olhando para eles pelas frestas entre os troncos da parede. Segui-los? Não.

Estavam contentes de pisar o chão outra vez sem o pescoço quebrado e de tomar o caminho da cidade pela colina. Nem conversaram muito. Estavam absortos demais em odiar a si mesmos, odiando o azar que havia sido terem deixado a pá e a picareta lá. Não fosse isso, Injun Joe jamais teria desconfiado. Ele teria escondido a prata com o ouro e deixaria ali esperando até satisfazer sua “vingança”. Depois, teria o infortúnio de descobrir que o dinheiro sumira. Azar, azar, azar de terem levado ferramentas!

Decidiram ficar vigiando aquele Espanhol quando aparecesse na cidade para esperar uma oportunidade de terminar seu serviço vingativo e segui-lo até o Número Dois, onde quer que isso fosse. Então um pensamento lúgubre ocorreu a Tom.

— Vingança? E se a vingança dele for contra nós, Huck?

— Oh, não! — disse Huck, quase desmaiando.

Conversaram bastante sobre isso. Quando chegaram à cidade, concordaram em acreditar que talvez a vingança fosse contra outra pessoa, ou pelo menos talvez apenas contra Tom, uma vez que só ele havia testemunhado.

Era um consolo muito pequeno para Tom ser o único em perigo. “Companhia nessa hora seria um grande avanço”, pensou.

27.

A aventura do dia atormentou demais os sonhos de Tom naquela noite. Quatro vezes pusera as mãos naquele rico tesouro e quatro vezes tudo virou nada entre seus dedos, fazendo-o perder o sono. Acordar trouxe de volta a dura realidade de seu infortúnio. Deitado de madrugada lembrando os incidentes de sua grande aventura, reparou que tudo parecia curiosamente atenuado e remoto, como se tivesse acontecido em outro mundo ou em outra época muito distante. Então, ocorreu-lhe que aquela grande aventura toda devia ter sido um sonho. Havia um argumento muito forte em favor dessa ideia: o de que a quantidade de moedas que ele vira era muito grande para ser real.

Ele nunca tinha visto mais do que cinquenta dólares juntos de uma vez antes. Era como todo menino de sua idade e posição na vida, que imaginava que todas as referências a “centenas” e “milhares” eram meros modos extravagantes de dizer as coisas e não existiam realmente no mundo. Ele nunca supôs, nem por um momento, que uma quantia tão grande como cem dólares pudesse ser encontrada em dinheiro de verdade no bolso de alguém. Se sua ideia de tesouro tivesse sido analisada, descobriria que consistia num punhado de centavos reais e um saco de dólares vagos, esplêndidos, inatingíveis.

Os incidentes de sua aventura, no entanto, foram ficando mais agudos e claros sob o atrito de tanto pensá-los. Ele se viu pender para a impressão de que a coisa talvez não tivesse sido um sonho, afinal. Essa incerteza devia ser afastada. Faria um rápido desjejum e sairia para encontrar Huck.

Huck estava sentado no banco de um barco, apático, balançando os pés dentro da água e com expressão muito melancólica. Tom resolveu deixá-lo tocar no assunto. Se não tocasse, estaria provado que a aventura toda fora apenas um sonho.

— Olá, Huck!

— Olá, você.

Silêncio por um minuto.

— Tom, se tivéssemos deixado as malditas ferramentas na árvore morta, teríamos ficado com o dinheiro. Não é horrível?

— Não foi sonho, então. Não foi sonho! Eu até estava querendo que fosse. Ah, como eu queria que fosse, Huck...

— O que não foi sonho?

— Oh, aquilo de ontem. Eu estava até pensando que talvez tivesse sido.

— Sonho? Se aquela escada não tivesse quebrado, você é que teria virado sonho! Sonhei um bocado a noite inteira. Aquele demônio do Espanhol vindo atrás de mim. Ele que apodreça!

— Não, não, apodrecer, não. Vamos encontrá-lo. Vamos seguir o dinheiro.

— Tom, não vamos nunca encontrá-lo. Uma pilha dessas só aparece uma vez na vida, e essa vez passou. De todo jeito, eu ficaria tremendo de medo se o visse de novo.

— Bem, eu também ficaria, mas mesmo assim eu gostaria. Seguiria atrás dele até o tal Número Dois.

— Número Dois. Sim, é isso mesmo. Eu estava mesmo pensando nisso. Mas não consegui imaginar o que seria. O que acha que é?

— Sei lá. É muito obscuro. Ei, Huck, talvez seja o número de uma casa.

— Boa ideia! Não, Tom, não é isso. Se for, não é nesse arraial de cidade. Aqui não tem número.

— Isso é verdade. Deixe-me pensar um minuto. Pronto! É o número de um quarto. Na taverna, claro.

— Esse é o problema. Só tem duas tavernas. Vamos logo saber qual.

— Você espera aqui, Huck. Já volto.

Tom foi logo à primeira taverna. Não queria ser visto com Huck em público. Ficou meia hora fora. Descobriu que, na melhor taverna, o quarto número 2 estava ocupado havia muito tempo por um jovem advogado, que ainda morava lá. No estabelecimento mais humilde, o quarto número 2 era um mistério. O filho caçula do dono da taverna disse que estava sempre trancado e que nunca via ninguém entrar ou sair, exceto à noite. Ele não sabia o motivo exato dessa situação; tivera alguma curiosidade, mas pouca. Criara parte desse mistério para

se entreter com a ideia de que o quarto era “mal-assombrado”, e notara que na noite anterior havia uma luz acesa lá dentro.

— Foi isso que descobri, Huck. Acho que é esse o Número Dois que estamos procurando.

— Acho que sim. E agora, o que você vai fazer?

— Deixe-me pensar.

Tom pensou bastante e disse:

— Vou lhe dizer o que vamos fazer. A porta dos fundos do quarto número 2 dá para aquele beco sem saída entre a taverna e aquele galpão caindo aos pedaços. Junte todas as chaves que encontrar. Vou pegar todas as chaves da minha tia, e na primeira noite sem lua vamos lá e tentamos abrir. Não se esqueça: fique atento caso encontre o Injun Joe, porque ele disse que ia aparecer na cidade mais uma vez para obter sua vingança. Se você o encontrar, é só ver aonde ele vai. Se ele não for para esse Número 2, não é esse o lugar.

— Jesus, não quero ir atrás dele sozinho!

— Ora, vai ser de noite, na certa. Talvez ele nem veja você. E, se vir, talvez ele nem pense em nada...

— Se estiver bem escuro, acho que consigo seguir o rastro dele. Não sei, sei lá. Vou tentar.

— Se eu fosse você, seguiria o rastro dele quando estiver bem escuro, Huck. Ele pode concluir que não vai conseguir se vingar e decidir ir direto atrás do dinheiro.

— É verdade. Vou atrás dele, juro que vou!

— Estou gostando de ver. Nunca se deixe abater, Huck, que também não me abato.

28.

Naquela noite, Tom e Huck estavam prontos para a aventura. Ficaram à toa nas imediações da taverna até depois das nove, um vigiando o beco a certa distância e o outro à porta da taverna. Ninguém entrou ou saiu do beco; ninguém parecido com o Espanhol entrou ou saiu pela porta da taverna. A noite prometia ser de bom tempo, de modo que Tom foi para casa sabendo que, se houvesse um grau de escuridão considerável, Huck viria “miar”, momento em que ele iria escapulir e experimentar as chaves. Mas a noite continuou clara, Huck encerrou seu turno de vigia e foi dormir numa barrica de açúcar vazia por volta da meia-noite.

Na terça-feira, os meninos tiveram o mesmo azar. E também na quarta-feira. Mas na quinta-feira a noite prometia ser melhor. Tom escapuliu a tempo com a velha lanterna de lata da tia e uma grande toalha para cobri-la. Escondeu a lanterna na barrica de Huck e começou a vigiar. Uma hora antes da meia-noite, a taverna fechou e suas luzes — as únicas acesas em toda a região — foram apagadas. Nada do Espanhol. Ninguém entrou ou saiu do beco. Tudo parecia propício. O negrume das trevas reinava, a perfeita quietude era interrompida apenas por ocasionais murmúrios de um trovão distante.

Tom pegou sua lanterna, acendeu-a dentro da barrica, envolveu-a na toalha, e os dois aventureiros rastejaram no escuro em direção à taverna. Huck ficou de sentinela e Tom tateou seu caminho beco adentro. Depois veio uma angustiante temporada de espera que pesou sobre o espírito de Huck como uma montanha. Ele começou a desejar que aparecesse algum sinal da lanterna. Ficaria apavorado, mas pelo menos diria que Tom ainda estava vivo. Parecia que haviam se passado horas que Tom desaparecera. Sem dúvida devia estar desacordado. Talvez estivesse morto, ou com o coração estourado de terror e excitação. Em sua inquietação, Huck se viu chegando cada vez mais perto do beco, temendo todo tipo de coisa apavorante e esperando acontecer alguma catástrofe que lhe

tirasse o fôlego. Não havia muito fôlego para ser tirado, pois ele mal parecia capaz de respirar. Seu coração logo ficaria exausto, do jeito que estava batendo. Subitamente, houve um lampejo de luz e Tom veio correndo até ele:

— Corre! — gritou. — Salve-se quem puder!

Ele nem precisou repetir. Huck estava correndo a trinta ou quarenta milhas por hora antes de a repetição ser pronunciada. Os meninos não pararam de correr até chegarem ao abrigo de um matadouro deserto na saída da cidade rio abaixo. Assim que entraram ali, estourou uma tempestade. Tom recuperou o fôlego e disse:

— Huck, foi péssimo. Experimentei duas chaves, com o maior cuidado, mas elas chocalhavam tanto. Eu mal conseguia respirar de tão assustado que estava. Nenhuma girava na fechadura. Sem perceber o que estava fazendo, peguei na maçaneta: a porta estava aberta. Pulei para dentro, tirei a toalha e, pelo fantasma do grande César...

— O que você viu, Tom?

— Quase pisei na mão do Injun Joe.

— Não me diga!

— Sim. Ele estava deitado, dormindo no chão, com o velho tapa-olho e de braços abertos.

— Santo Deus! O que você fez? Ele acordou?

— Não, nem se mexeu. Bêbado, acho. Simplesmente peguei a toalha e saí correndo.

— Aposto que eu teria esquecido a toalha.

— Eu me lembrei. Minha tia ficaria louca se eu perdesse.

— Ei, Tom, você viu a caixa afinal?

— Huck, não esperei para ver. Não vi a caixa nem a cruz. Só uma garrafa e um copo de lata no chão ao lado do Injun Joe. Vi dois barris e muitas outras garrafas no quarto. Você está vendo agora qual é a assombração daquele quarto?

— Como assim?

— A assombração é o uísque! Todas as tavernas abstêmias têm seu quarto mal-assombrado.

— Bem, acho que talvez seja isso mesmo. Quem pensaria numa coisa dessas? Mas então é uma boa hora para pegarmos a caixa, se o Injun Joe está bêbado.

— É mesmo. Você pode ir.

Huck estremeceu.

— Bem, acho que não.

— Também acho que não, Huck. Uma garrafa só ao lado do Injun Joe não é o suficiente. Se houvesse três, ele estaria bêbado o bastante, e eu iria.

Houve uma longa pausa reflexiva, até que Tom disse:

— Escuta aqui, Huck, não vamos mais tentar fazer isso até termos certeza de que o Injun Joe não está mais lá. É muito assustador. Agora, se ficarmos de tocaia toda noite, teremos certeza absoluta quando ele sair, e então pegamos a caixa mais depressa que um raio.

— Concordo. Fico vigiando a noite inteira, toda noite, se você fizer a outra parte do serviço.

— Está bem. Tudo o que você tem a fazer é subir correndo a Hooper Street mais um quarteirão e miar. Se eu estiver dormindo, jogue pedrinhas na janela que eu acordo.

— Combinado!

— A tempestade passou, vou para casa. Daqui a algumas horas vai amanhecer. Você pode voltar e vigiar mais essas duas horas?

— Falei que vigiaria, Tom, e vou vigiar. Vou rondar essa taverna toda noite por um ano. Vou dormir o dia inteiro e ficar vigiando a noite.

— Muito bem. Onde você vai dormir?

— No palheiro do Ben Rogers. Ele deixa eu dormir lá, e também o escravo do pai dele, o tio Jake. Sempre levo água para o tio Jake quando ele pede. Toda vez que peço comida, ele me dá alguma coisa, se tiver. É um escravo muito bom. Ele gosta de mim, porque nunca me coloco como se estivesse acima dele. Às vezes me sento para comer com ele. Mas você não precisa espalhar isso por aí. A pessoa tem que fazer coisas quando está com fome que não faria sempre.

— Bem, se eu não precisar de você durante o dia, você pode dormir. Não vou lá incomodar. Qualquer coisa que você vir durante a noite, é só correr até minha casa e miar.

29.

A primeira coisa que Tom ouviu na sexta-feira de manhã foi uma boa notícia: a família do juiz Thatcher havia voltado para a cidade na noite anterior. Tanto Injun Joe quanto o tesouro adquiriram momentaneamente importância secundária, e Becky assumiu o lugar principal dos interesses do menino. Ele a viu, e os dois se divertiram à exaustão brincando de pega-pega e esconde-esconde com um bando de colegas. O dia ficou completo e coroadado de modo particularmente satisfatório. Becky insistiu com a mãe para marcar no dia seguinte o tão prometido e postergado piquenique. A mãe concordou. O prazer da menina foi imenso; o de Tom, não mais moderado. Os convites foram enviados antes do fim da tarde, e logo os jovens da vila se lançaram num frenesi de preparativos e prazerosa expectativa. A excitação de Tom fez com que ficasse acordado até bem tarde, com esperanças de ouvir o “miado” de Huck e de ficar com o tesouro para impressionar Becky e as outras pessoas no piquenique do dia seguinte. Mas ele ficou decepcionado, porque não se ouviu nenhum sinal naquela noite.

Veio a manhã. Por volta das dez ou onze horas, um grupo animado e fanfarrão se reuniu na casa do juiz Thatcher, e tudo ficou pronto para começar. Não era costume que as pessoas mais velhas estragassem os piqueniques com sua presença. Considerava-se que as crianças estavam seguras sob as asas de algumas mocinhas de dezoito e alguns rapazes de vinte e três, mais ou menos. O velho barco a vapor foi alugado para a ocasião. Uma fila entusiasmada desfilou pela rua principal com cestas de quitutes. Sid ficou doente e perdeu a diversão, Mary ficou em casa para fazer companhia. A última coisa que a sra. Thatcher disse a Becky foi:

— Você vai voltar tarde. Talvez seja melhor passar a noite com as meninas que moram perto do ancoradouro, minha filha.

— Então vou dormir na casa da Susy Harper, mamãe.

— Muito bem. E lembre-se de se comportar e não causar nenhum problema.

Enquanto caminhavam, Tom disse a Becky:

— Ei, Becky, vou lhe dizer o que vamos fazer. Em vez de irmos para a casa do Joe Harper, vamos subir direto pela colina e parar na casa da viúva Douglas. Ela sempre tem sorvete. Quase todo dia ela tem montanhas de sorvete. Vai adorar nossa visita. Vai ser divertido.

Becky refletiu um momento e disse:

— Mas o que a minha mãe vai dizer?

— Como ela ficaria sabendo?

A menina revirou a ideia em sua cabeça e disse relutantemente:

— Acho que seria errado. Mas...

— Mas nenhum! Sua mãe não vai ficar sabendo. Qual é o perigo? Ela só se preocupa com que você esteja bem, e aposto que ela deixaria se soubesse. Tenho certeza de que deixaria.

A esplêndida hospitalidade da viúva Douglas foi uma isca tentadora. Isso e mais a persuasão de Tom levaram a melhor. Ficou decidido que não diriam nada a ninguém sobre o programa daquela noite. Foi quando ocorreu a Tom que talvez Huck fosse passar naquela noite e dar o sinal. Esse pensamento tirou um bocado do entusiasmo de sua antecipação. Ainda assim, não podia abrir mão da diversão na viúva Douglas. E por que haveria de abrir mão, ponderou, se na noite anterior não viera nenhum sinal? Por que seria mais provável que viesse aquela noite? A diversão garantida da noite superou a incerteza do tesouro. Como um menino, ele resolveu ceder à inclinação mais forte e não se deixar pensar mais na caixa de dinheiro pelo resto do dia.

Três milhas distante da cidade, o barco a vapor parou na boca de uma clareira cercada de bosques e atracou. A multidão desceu em terra firme e logo a densa mata e os penhascos escarpados ecoavam com gritos e gargalhadas. Esgotaram todos os diferentes modos de suar e se cansar, até que voltaram para o acampamento fortalecidos por um apetite correspondente e a destruição das guloseimas começou. Depois do banquete, houve um refrescante intervalo de descanso e conversa à sombra dos plátanos frondosos. Até que alguém berrou:

— Quem já está pronto para entrar na caverna?

Todo mundo estava. Maços de velas foram passados, e logo houve uma correria generalizada colina acima. A boca da caverna ficava no alto da encosta, uma abertura com a forma da letra A. Sua enorme porta de carvalho não ficava trancada. Do lado de dentro, havia uma pequena câmara, gélida como uma neveira e emparedada pela natureza com sólido calcário que ficava orvalhado com um suor frio. Era romântico e misterioso ficar ali na escuridão profunda sob o vale verde que brilhava ao sol. Mas a imponência da situação rapidamente passou e as brincadeiras recomeçaram.

No momento em que uma vela foi acesa, houve uma correria generalizada em direção ao dono da vela. Seguiram-se empurrões e uma defesa corajosa, mas a vela logo foi derrubada e se apagou. Assim, houve um clamor alegre de risadas e uma nova perseguição. Mas todas as coisas têm um fim.

Enfim, a procissão começou a seguir pela íngreme descida da trilha principal, e a fileira bruxuleante de velas acesas suavemente revelou as amplas galerias de rocha quase até o ponto em que se juntavam no alto, cerca de vinte metros acima de suas cabeças. A trilha principal não tinha mais de dois ou três metros de largura. A cada tantos passos, outras reentrâncias altas e mais estreitas brotavam de cada lado do caminho, pois a caverna McDougal não passava de um vasto labirinto de corredores tortos que se comunicavam, bifurcavam e não levavam a lugar algum. Diziam que era possível percorrer aquele intricado emaranhado de fendas e abismos durante dias e noites inteiros sem chegar ao fim da caverna. Também se dizia que se podia descer, descer e continuar descendo para dentro da terra que era tudo igual: labirinto atrás de labirinto, todos sem fim. Ninguém “dominava” a caverna. Era algo impossível. A maioria dos rapazes dominava apenas uma parte dela, e não era costume se arriscar além dessa parte conhecida. Tom Sawyer dominava a caverna tanto quanto qualquer outra pessoa.

A procissão se deslocou pela trilha principal por mais de um quilômetro. Grupos e duplas começaram a percorrer avenidas laterais, fugindo por corredores lúgubres e a dar sustos uns nos outros onde os corredores tornavam a se juntar. Esses grupos se esconderam uns dos outros durante meia hora sem sair do terreno “conhecido”. Até que todos os grupos, um atrás do outro, começaram a voltar para a boca da caverna, ofegantes, extasiados, sujos da cabeça aos pés de gotas de cera, cobertos de barro, deliciados com o sucesso daquele dia.

Eles ficaram perplexos ao descobrir que não haviam reparado na hora e que a noite estava prestes a cair. O clangor do sino já estava no ar havia meia hora. No entanto, esse tipo de encerramento para as aventuras do dia era romântico e, portanto, satisfatório. Quando o barco com sua carga esbaforida zarpou rio acima, ninguém deu a mínima para o tempo perdido, além do capitão.

Huck já estava em seu posto de sentinela quando as luzes cintilantes do barco passaram pelo ancoradouro. Não ouviu nenhum barulho a bordo, haja vista que os jovens passageiros estavam hipnotizados e imóveis como as pessoas costumam ficar quando estão mortas de cansaço. Perguntou-se que barco seria aquele e por que não havia atracado, mas logo tirou o barco da cabeça e pôs toda a atenção em sua tarefa.

A noite estava ficando nublada e escura. Às dez horas, o barulho dos veículos havia parado, luzes esparsas começaram a se apagar, os últimos pedestres atrasados desapareceram, a vila inteira foi tomada pelo sono, deixando o pequeno sentinela sozinho com o silêncio e os fantasmas.

Às onze horas, as luzes da taverna se apagaram e tudo ficou escuro. Huck esperou por um tempo que lhe pareceu exaustivamente longo, mas nada aconteceu. Sua fé começou a ficar abalada. Será que aquilo daria certo? Por que não desistir logo e ir dormir?

Então, ouviu alguma coisa. Num instante, era todo ouvidos. A porta no beco se fechou suavemente. Ele correu até o galpão vizinho. No momento seguinte, dois homens passaram por ele, e um deles parecia levar algo embaixo do braço. Devia ser a caixa. Pelo visto, estavam levando o tesouro. Por que chamar Tom agora? Seria absurdo. Os homens fugiriam com a caixa e nunca mais seriam encontrados. Não, ele ficaria no rastro deles e os perseguiria; confiaria na escuridão para evitar ser descoberto. Pensando assim consigo mesmo, Huck partiu, esgueirando-se atrás dos homens, como um gato, descalço, dando-lhes certa vantagem, mas não a ponto de deixar que ficassem invisíveis.

Eles seguiram pela rua do rio por três quarteirões e viraram à esquerda na primeira travessa. Foram em frente, até chegarem à trilha para Cardiff Hill, pela qual seguiram. Passaram a casa do velho galês, na metade da encosta, sem hesitação, e continuaram subindo. “Bem”, pensou Huck, “vão enterrar na antiga pedreira”. Mas eles não pararam na pedreira. Continuaram subindo até o topo da

colina. Mergulharam na trilha estreita entre os altos arbustos de sumagre e imediatamente sumiram na escuridão. Huck apertou o passo e encurtou a distância, tendo em vista que eles jamais conseguiriam enxergá-lo.

Trotou um pouco e diminuiu o ritmo, com medo de se aproximar muito depressa. Deu mais um passo, parou totalmente e apurou os ouvidos. Nenhum som, nada além do fato de que ele parecia estar ouvindo as batidas do próprio coração. O pio de uma coruja soou sobre a colina. Som agourento, mas nada de passos. Céus, estava tudo perdido! Ele estava prestes a fugir correndo com pés alados quando um homem pigarreou a pouco mais de um metro dele. O coração de Huck foi parar na boca, mas ele tornou a engolir e ficou ali tremendo como se estivesse com dez malárias ao mesmo tempo. Estava tão fraco que achou que cairia no chão. Ele sabia onde estava. Sabia que estava a cinco passos da cancela das terras da viúva Douglas. “Muito bem”, pensou, “podem enterrar aí. Não vai ser difícil encontrar depois”.

Ele ouviu uma voz muito grave. Era Injun Joe:

— Maldita viúva, talvez ela tenha companhia. Está com a luz acesa, mesmo tão tarde.

— Não estou vendo nada.

Essa era a voz do desconhecido da casa mal-assombrada. Um calafrio mortal invadiu o coração de Huck. Era essa a “vingança”. Seu primeiro pensamento foi fugir. Mas ele lembrou que a viúva Douglas fora boa com ele mais de uma vez e que talvez aqueles homens fossem matá-la. Desejou ter a ousadia de se arriscar para avisá-la, mas sabia que não ousaria. Eles poderiam vê-lo e apanhá-lo. Pensou tudo isso e mais coisas no momento transcorrido entre o comentário do desconhecido e a frase seguinte de Injun Joe:

— É porque o arbusto está na frente. Olhe por aqui. Está vendo, não?

— Sim. Bem, acho que tem alguém lá com ela. Melhor desistir.

— Desistir? Estou indo embora deste país para sempre. Se eu desistir, talvez nunca tenha outra oportunidade. Vou lhe dizer de novo o que eu já disse antes: não estou interessado no dinheiro dela, você pode ficar com tudo. Mas o marido dela era duro comigo, muitas vezes foi duro comigo, principalmente porque ele foi o juiz de paz que me condenou por vadiagem. Não é só isso. Essa é só a milionésima parte da história. Ele me chicoteou. Chicoteou como se eu fosse um

cavalo, na frente da cadeia, como se eu fosse um escravo, com a cidade toda olhando. Com um chicote de cavalo. Você está me entendendo? Antes que eu o matasse, ele morreu. Mas vou me vingar nela.

— Oh, não mate a viúva! Não mate!

— Matar? Quem falou em matar? Eu queria matar o juiz, se ele estivesse aqui, mas não ela. Quando você quer se vingar de uma mulher, você não mata. Bobagem! Você estraga a aparência dela. Rasga as narinas, arranca as orelhas, como uma porca.

— Santo Deus! Isso é...

— Guarde sua opinião para si mesmo. É mais seguro para você. Vou amarrá-la na cama. Se ela sangrar até morrer, a culpa é minha? Não vou chorar se ela morrer. Meu amigo, você vai me ajudar com isso, é para isso que veio. Talvez eu não conseguisse sozinho. Se você fraquejar, eu o mato. Entendeu? E se eu precisar matá-lo, vou matar também a viúva, e acho que ninguém nunca vai ficar sabendo quem fez isso.

— Bem, se precisa ser feito, vamos logo com isso. Quanto mais depressa, melhor. Estou tremendo de medo.

— Fazer isso agora? E a visita com ela? Escute aqui, estou começando a desconfiar de você. Nada disso. Vamos esperar até todas as luzes se apagarem. Não há pressa alguma.

Huck sentiu que o silêncio ia começar de novo, algo ainda mais terrível que aquela conversa de assassinos. Ele prendeu a respiração e começou a voltar cuidadosamente. Pisou com cautela e firmeza, equilibrou-se numa perna só, quase caindo, e pisou com o outro pé. Deu outro passo, com a mesma elaboração e os mesmos riscos, depois outro e mais outro. Um graveto estalou embaixo de seu pé. Ele parou de respirar e apurou os ouvidos. Nenhum som, a quietude era total. Sua gratidão, imensa. Virou-se, entre as sebes de sumagre, cauteloso como se fosse um navio, e começou a andar depressa, mas ainda com cautela. Quando chegou à pedreira, sentiu-se a salvo, pôs sebo nas canelas e sumiu correndo. Colina abaixo, acelerou até chegar à casa do galês. Bateu na porta, e logo a cabeça do velho e a de seus dois filhos parrudos apareceram nas janelas.

— Que barulheira é essa aí? Quem é? O que você quer?

— Deixe-me entrar, depressa. Vou explicar tudo.

— Ora, mas quem é?

— Huckleberry Finn. Depressa, deixe-me entrar!

— Huckleberry Finn, quem diria?! Não é um nome que abra muitas portas a essa hora da noite. Mas deixem ele entrar e vamos ver o que está acontecendo.

— Por favor, não falem para ninguém que contei. — Essas foram as primeiras palavras de Huck ao entrar. — Por favor, não falem nada, senão vão me matar. Mas a viúva às vezes é boa comigo, e quero dizer.. Vou contar e vocês juram que nunca vão dizer que fui que contei.

— Por são Jorge, parece que ele tem mesmo alguma coisa para dizer, ou não fingiria desse jeito! — exclamou o velho. — Vamos logo com isso, ninguém aqui vai contar nada, rapaz.

Três minutos depois, o velho e seus filhos, bem armados, estavam subindo a colina e entrando pela trilha de sumagres na ponta dos pés, com armas nas mãos. Huck os acompanhou só até ali. Escondeu-se atrás de uma pedra grande e ficou de ouvidos atentos. Houve um silêncio demorado, aflito, seguido de uma explosão de tiros e um grito.

Huck não esperou para saber os detalhes. Correu colina abaixo o mais depressa que suas pernas podiam correr.

30.

Assim que a primeira suspeita de aurora apareceu na manhã do domingo, Huck veio lentamente subindo a colina e bateu de leve na porta do velho galês. Os moradores estavam dormindo, mas era um sono levíssimo, por conta do excitante episódio da noite anterior. Um grito veio de uma janela:

— Quem é?

A voz assustada de Huck respondeu em tom grave:

— Por favor, deixe-me entrar! É só o Huck Finn!

— Esse nome abre a nossa porta a qualquer hora, seja de noite ou de dia, rapaz. Bem-vindo.

Eram palavras estranhas aos ouvidos daquele menino vadio, as mais agradáveis que ele já ouvira. Ele não se lembrava de jamais ter ouvido algo assim aplicado ao seu caso antes. A porta foi rapidamente destrancada e ele entrou. Ofereceram uma cadeira a Huck, e o velho e seu par de filhos altos se vestiram.

— Meu menino, espero que você esteja com bastante fome, porque o café da manhã ficará pronto assim que o sol se levantar. Vamos comer bem quente e temperado, pode ficar tranquilo quanto a isso. Eu e os meninos achamos que você viria ontem à noite.

— Fiquei muito assustado e saí correndo — admitiu. — Fugi quando as pistolas dispararam e só parei depois de correr três milhas. Vim porque queria saber como foi, o senhor sabe. Vim antes de clarear porque não queria cruzar com aqueles demônios no caminho, mesmo que tenham morrido.

— Pobrezinho, parece que você mal dormiu à noite. Mas aqui temos uma cama para você depois de comer. Não, eles não morreram, rapaz. Infelizmente para nós. Pela sua descrição, sabíamos exatamente onde eles estavam, então fomos na ponta dos pés até chegar a uns cinco metros deles. Aquela trilha dos sumagres é escura como um porão. Bem nessa hora, senti que eu ia espirrar. Foi um azar

desgraçado! Tentei evitar, mas não adiantou. Estava prestes a espirrar e espirrei. Eu estava na frente com a pistola erguida quando o espirro assustou aqueles canalhas, que saltaram fora da trilha. Gritei: “Fogo, rapazes” e atirei onde o sumagre tinha balançado. E os meninos também. Mas os malditos escaparam por um triz. Fomos atrás deles através da mata. Acho que não acertamos. Eles também atiraram na fuga, mas as balas deles passaram zunindo e não nos acertaram. Quando não ouvimos mais os passos, paramos de correr, descemos para a vila e acordamos a polícia. Eles formaram um grupo de busca, foram para a ribanceira do rio, e assim que clarear o xerife e uma escolta vão vasculhar a mata. Meus meninos vão com eles. Eu gostaria de uma descrição daqueles canalhas. Isso ajudaria um bocado. Mas imagino que você não tenha conseguido vê-los no escuro, meu rapaz...

— Oh, vi, sim; eu vi os dois na vila e segui atrás deles.

— Esplêndido! Descreva-os, meu garoto!

— Um é aquele velho Espanhol surdo-mudo que esteve uma ou duas vezes na vila, e o outro é um com cara de mau, todo esfarrapado...

— É o suficiente, rapaz. Sabemos agora quem são eles. Encontramos os dois por acaso outro dia no bosque dos fundos da casa da viúva e eles fugiram correndo. Andem logo, meninos, e avisem o xerife. Amanhã vocês tomam o café da manhã.

Os filhos do galês partiram imediatamente. Na saída, Huck se levantou e exclamou:

— Por favor, não digam a ninguém que fui eu que os dedurei. Por favor!

— Se você prefere assim, Huck... Mas devia levar o crédito pelo que fez.

— Oh, não, não! Por favor, não digam que fui eu!

Quando os rapazes foram embora, o velho galês disse:

— Eles não vão contar. Nem eu. Mas por que você não quer que ninguém saiba?

Huck não quis explicar, disse apenas que já sabia demais sobre um daqueles homens e não queria que o sujeito soubesse que ele sabia algo contra ele por nada nesse mundo. Certamente ele o mataria por isso.

O velho jurou segredo outra vez e disse:

— Por que você estava seguindo esses sujeitos, rapaz? Eles pareciam suspeitos?

Huck ficou calado enquanto formulava uma resposta devidamente cautelosa. Então disse:

— O senhor sabe, sou uma espécie de caso perdido, pelo menos é o que todo mundo diz, e não pretendo contrariar. Às vezes não consigo dormir de tanto pensar nisso, tentando arranjar outro jeito de ser. Foi o que aconteceu ontem à noite. Não consegui dormir, saí para a rua por volta da meia-noite, fiquei vagando e, quando cheguei àquele galpão velho do lado da taverna, eu me encostei na parede e fiquei pensando. Nisso chegaram aqueles dois sujeitos e passaram perto de mim com alguma coisa embaixo do braço, que acho que eles roubaram. Um deles estava fumando e o outro pediu fogo. Eles pararam bem na minha frente, acenderam seus charutos, iluminaram seus rostos e vi que o grandalhão era o Espanhol surdo-mudo, por causa do bigode branco e do tapa-olho que ele usa. O outro era um desgraçado desbotado e coberto de farrapos.

— Você conseguiu ver os farrapos com a luz dos charutos?

Isso deteve Huck por um momento, até que ele disse:

— Não sei. De algum jeito, é como se eu tivesse visto.

— Depois eles seguiram em frente, e você...

— Fui atrás deles. Foi isso. Eu quis entender o que estava acontecendo, por que eles estavam se escondendo daquele jeito. Fui até a cancela da viúva, parei ali no escuro, ouvi o esfarrapado implorando para poupar a viúva e o Espanhol dizendo que ia estragar a aparência dela, como contei ao senhor e aos seus dois...

— Como assim? O surdo-mudo disse isso?!

Huck havia cometido outro erro terrível. Estava tentando ao máximo evitar que o velho tivesse qualquer suspeita de quem o Espanhol podia ser, no entanto sua língua parecia determinada a lhe arranjar confusão. Fez várias tentativas de escapar dessa enrascada, mas os olhos do velho estavam arregalados e ele cometeu engano atrás de engano. Até que o velho galês disse:

— Meu garoto, não tenha medo de mim. Eu não tocaria num fio de cabelo seu por nada neste mundo. Eu iria protegê-lo. Esse Espanhol não é surdo nem mudo, você deixou isso escapar sem perceber, agora não adianta disfarçar. Você sabe

alguma coisa sobre esse Espanhol que não quer revelar. Confie em mim, diga o que é. Não vou traí-lo.

Huck olhou para os olhos honestos do velho por um momento, inclinou-se e sussurrou no ouvido dele:

— Não é Espanhol nenhum, é o Injun Joe.

O velho galês quase caiu da cadeira. No momento seguinte, ele disse:

— Agora está tudo explicado. Quando você falou em arrancar orelha e rasgar narina, achei que você estivesse floreando a história, porque homens brancos não fazem esse tipo de vingança. Mas um índio! É um caso totalmente diferente.

No café da manhã, a conversa continuou, e durante a refeição o velho disse que a última coisa que ele e os filhos haviam feito antes de dormir foi levar uma lanterna e examinar a cancela e os arredores em busca de sinais de sangue. Não encontraram sangue, mas acharam algumas...

— Algumas o quê?

Se as palavras fossem raios, não teriam escapado mais subitamente dos lábios empalidecidos de Huck. Seus olhos se arregalaram e ele prendeu a respiração, esperando a resposta. O galês teve um sobressalto, encarou o menino por alguns segundos e respondeu:

— Algumas ferramentas de ladrão. O que há de errado com você?

Huck tornou a se recostar na cadeira, suavemente ofegante, mas aliviado. O galês olhou sério para ele, curioso, e disse:

— Sim, ferramentas de ladrão. Aparentemente, isso lhe deu um grande alívio. Mas por que você reagiu assim? O que achou que podíamos ter encontrado?

Huck ficou encurralado com os olhos inquisitivos do velho. Daria qualquer coisa em troca de argumentos para uma resposta plausível. Nada lhe ocorreu. Os olhos inquisitivos penetravam cada vez mais fundo e uma resposta absurda se ofereceu. Não havia tempo de ponderar, de modo que arriscou, sem ênfase:

— Talvez livros da escola dominical.

Pobre Huck, estava aflito demais para sorrir! Mas o velho deu uma gargalhada alta e alegre, fazendo tremer todos os detalhes de sua anatomia da cabeça aos pés, e terminou dizendo que uma boa gargalhada como aquela lhe faria economizar dinheiro, pois evitava as despesas com médicos como nada neste mundo. Depois, acrescentou:

— Pobrezinho, você está pálido e abatido. Não parece nada bem. Não é para menos que você esteja tão avoado e desequilibrado. Mas vai superar isso. Um bom descanso e um bom sono deixarão você bem de novo, espero.

Huck ficou irritado ao ver que havia sido um verdadeiro pato ao se trair com aquela excitação tão suspeita, pois já havia desistido da ideia de que o embrulho levado da taverna era o tesouro assim que ouvira a conversa junto à cancela da viúva. Mas até então ele só *achava* que não fosse o tesouro, ainda não sabia que não era mesmo, de modo que a mera sugestão de terem encontrado alguma coisa foi demais para seu autocontrole. Mas, em geral, ficou contente que esse pequeno episódio tivesse ocorrido, pois agora sabia, sem sombra de dúvida, que não se tratava do tesouro. Assim, seus pensamentos descansaram e ficaram extremamente confortáveis. Na verdade, tudo parecia estar se encaminhando na direção certa. O tesouro ainda devia estar no Número Dois, os homens seriam capturados e presos naquele mesmo dia e ele e Tom poderiam buscar o ouro à noite sem nenhum problema ou medo de serem interrompidos.

Assim que terminaram de comer, houve uma batida na porta. Huck logo foi se esconder, pois não tinha intenção de ser associado mesmo que remotamente com os últimos acontecimentos. O galês abriu a porta para diversas senhoras e senhores, entre elas a viúva Douglas, e reparou que havia um grupo de cidadãos subindo a colina, só para xeretar na cancela. A notícia se espalhou. O galês precisou contar a história da noite anterior às visitas. A gratidão da viúva por sua salvação foi explícita.

— Não precisa dizer mais nada, madame. Existe outra pessoa a quem a senhora deve mais do que a mim e aos meus meninos, talvez, mas ele não me deixa dizer seu nome. Não teríamos ido até lá se não fosse ele.

Evidentemente, isso excitou uma curiosidade tão vasta que quase diminuiu o assunto principal, mas o galês deixou que as visitas se roessem por dentro e que a cidade inteira soubesse por intermédio delas, já que se recusou a abrir mão de seu segredo. Quando todo o resto foi esclarecido, a viúva disse:

— Fui dormir lendo um livro na cama e adormeci mesmo com todo aquele barulho. Por que você não veio me acordar?

— Achamos que não era preciso. Os sujeitos não iriam voltar. Eles não tinham mais as ferramentas para trabalhar. E de que adiantaria acordar a senhora e matá-

la de susto? Meus três escravos ficaram de guarda na sua casa pelo resto da noite. Eles acabaram de voltar.

Outras visitas chegaram, e a história precisou ser contada e recontada por mais algumas horas.

Não haveria aula de catecismo no fim de semana, mas todo mundo chegou cedo à igreja. O perturbador acontecimento foi bem examinado. Chegaram notícias de que não haviam encontrado nem sinal dos dois bandidos. Depois do sermão, a esposa do juiz Thatcher se aproximou da sra. Harper no corredor, em meio à congregação, e disse:

— Será que minha Becky vai dormir o dia inteiro? Imaginei que ela fosse ficar morta de cansada.

— Sua Becky?

— Sim. Ela não dormiu na sua casa ontem à noite?

— Não.

A sra. Thatcher ficou pálida e se sentou num banco da igreja quando tia Polly, conversando acaloradamente com uma amiga, passou. Tia Polly disse:

— Bom dia, sra. Thatcher. Bom dia, sra. Harper. Tenho um menino que não apareceu em casa hoje cedo. Acho que meu Tom ficou na sua casa ontem à noite. Ou na sua. E agora ele deve estar com medo de vir à igreja. Preciso acertar as contas com ele.

A sra. Thatcher balançou a cabeça, sem forças, e ficou mais pálida ainda.

— Ele não dormiu conosco — disse a sra. Harper, começando a ficar inquieta. Uma angústia evidente surgiu no semblante da tia Polly.

— Joe Harper, você viu meu Tom hoje cedo?

— Não, senhora.

— Quando o viu pela última vez?

Joe tentou se lembrar, mas não tinha certeza se sabia. As pessoas pararam na saída da igreja. Começaram os cochichos, e pressentimentos inquietantes se apossaram de todos os semblantes. As crianças foram ansiosamente questionadas, bem como as jovens professoras. Todos disseram que não haviam visto se Tom e Becky estavam a bordo do barco na viagem de volta. Estava escuro. Ninguém pensou em verificar se havia alguém faltando. Um rapaz

finalmente extravasou seu medo de que ainda estivessem na caverna. A sra. Thatcher desmaiou. Tia Polly começou a chorar e a torcer as mãos de desespero.

O alarme foi passado de boca em boca, de grupo em grupo, de rua em rua, e dentro de cinco minutos os sinos badalavam loucamente e a vila inteira acordou. O episódio de Cardiff Hill afundou na irrelevância, os ladrões foram esquecidos, cavalos foram selados, esquifes foram tripulados, o barco a vapor foi avisado, e antes que o horror chegasse a uma hora de vida, duzentos homens estavam pegando a estrada e o rio em direção à caverna.

Ao longo daquela longa tarde a vila pareceu vazia e morta. Muitas mulheres visitaram tia Polly e a sra. Thatcher, tentando consolá-las. Choraram também com elas, e isso foi ainda melhor que palavras. Durante a noite tediosa, a cidade inteira ficou à espera de notícias. Mas, quando a manhã finalmente chegou, a única notícia que tiveram foi: “Enviem mais velas e comida.” A sra. Thatcher e tia Polly quase enlouqueceram. O juiz Thatcher enviou mensagens de esperança e encorajamento da caverna, mas que não transmitiam genuíno entusiasmo. O velho galês voltou para casa quando já era dia, sujo de cera de vela, coberto de barro, quase exaurido. Encontrou Huck ainda na cama que lhe fora oferecida, delirando de febre. Os médicos estavam todos na caverna, de modo que a viúva Douglas veio e cuidou do paciente. Ela disse que faria o melhor para ele, porque, fosse ele bom ou mau, ou indiferente, era um filho de Deus, e nada que fosse de Deus podia ser negligenciado. O galês disse que Huck dera sinais de ter coisas boas também dentro de si, e a viúva disse:

— Pode contar que sim. São os sinais do Senhor. Ele nunca deixa ninguém de fora. Jamais. Ele põe esses sinais em todas as criaturas que saem de Suas mãos.

Por volta do meio-dia, grupos de homens abatidos começaram a voltar para a vila, mas os cidadãos mais fortes continuaram a busca. A única novidade que se obteve foi que estavam sendo vasculhadas partes da caverna que nunca haviam sido visitadas antes; que cada canto ou fenda estava sendo completamente esquadrihado; que, em toda parte daquele labirinto de passagens por onde perambularam, viam-se luzes balançando aqui e ali na distância, gritos e disparos de pistola enviavam suas reverberações ocas aos ouvidos pelos corredores sombrios. Num lugar, longe do trecho geralmente percorrido por

turistas, os nomes “Becky e Tom” foram encontrados tracejados na parede de pedra com fumaça de vela. Ao lado, um pedaço de fita sujo de cera.

A sra. Thatcher reconheceu a fita e chorou sobre ela. Disse que era a última lembrança que jamais teria da filha. Nenhum outro monumento em sua memória seria tão precioso, porque aquela fita foi a última coisa que esteve no corpo dela em vida antes que a morte terrível viesse. Alguém disse que, de quando em quando, dentro da caverna, uma faísca remota de luz cintilava, e então um grito de glória era lançado e um grupo de homens descia o corredor atrás do eco, seguido de uma mórbida decepção: as crianças não estavam lá. Era apenas a vela de algum voluntário.

Três pavorosos dias e noites arrastaram suas horas de tédio, e a vila mergulhou no torpor da desesperança. Ninguém tinha mais ânimo para nada. A descoberta acidental, recente, de que o dono da taverna guardava aguardente em seu estabelecimento pouco influenciou na pressão do público, por mais tremendo que fosse o fato em si. Num intervalo de lucidez, Huck, com voz fraca, puxou o assunto da taverna e perguntou discretamente, temendo o pior, se haviam encontrado alguma coisa desde que ele adoecera.

— Sim — disse a viúva.

Huck se sentou de repente na cama, de olhos arregalados:

— O quê? O que encontraram?

— Aguardente! E o estabelecimento foi fechado. Agora deite-se, menino. Que susto você me deu!

— Só me diga mais uma coisa, por favor. Quem encontrou foi o Tom Sawyer?

A viúva não conteve as lágrimas.

— Pronto, pronto, já chega, meu menino! Já falei, você não pode falar muito. Você está doente, muito doente.

Nada além de aguardente havia sido encontrado; teria havido um grande alvoroço se houvessem encontrado ouro. E o tesouro estaria perdido para sempre — perdido para sempre! Mas por que ela estaria chorando, afinal? Aquele choro foi curioso.

Esses pensamentos passaram difusamente pela cabeça de Huck. O cansaço de sua passagem lhe deu sono e ele adormeceu. A viúva disse consigo mesma:

— Pronto, dormiu! Pobre coitado. Quem encontrou foi Tom Sawyer... Quem dera alguém tivesse encontrado o Tom Sawyer, isso sim! Já não sobraram muitos com esperança, ou com força suficiente, para continuar a busca.

31.

Agora voltemos à parte de Tom e Becky do piquenique. Eles percorreram os corredores lúgubres com o resto da turma, visitando as maravilhas familiares da caverna, maravilhas apelidadas com nomes ultradescritivos, como Sala de Desenho, Catedral, Palácio de Aladim, e assim por diante. Então começou a brincadeira de esconder, e Tom e Becky brincaram com afinco, até que aquilo começou a ficar um pouco cansativo. Depois, desceram por uma avenida sinuosa, segurando bem alto suas velas e lendo o emaranhado de nomes, datas, endereços postais e lemas — pintados com fumaça de velas — dos afrescos das paredes rochosas.

Sempre andando e conversando, mal repararam que estavam na parte da caverna cujas paredes não tinham aqueles afrescos. Esfumaçaram os próprios nomes sob uma prateleira alta de pedra e seguiram em frente. Chegaram a um lugar onde um pequeno curso de água, escorrendo de uma saliência e trazendo consigo sedimentos de calcário, havia, no lento arrastar dos anos, formado uma verdadeira catarata do Niágara de rendas e babados de pedra reluzente e imperecível.

Tom espremeu seu pequeno corpo atrás dela e a iluminou para agradar Becky. Descobriu que o véu de pedra escondia uma espécie de escadaria natural íngreme, que subia entre paredes estreitas, e imediatamente a ambição de ser um descobridor tomou conta do menino. Becky respondeu ao seu chamado. Os dois marcaram um sinal de fumaça ali para orientá-los no futuro e começaram a exploração.

Serpentearam por aqui e por ali, bem longe, no fundo dos segredos da caverna, fizeram outra marca de fumaça e embarcaram em busca de novidades para depois contar ao mundo lá fora. Num lugar, encontraram uma caverna espaçosa, de cujo teto pendia uma infinidade de estalactites brilhantes do tamanho e da

circunferência de uma perna de homem. Caminharam, maravilhados, admirando, e saíram por uma das numerosas passagens que ali desembocavam. Isso logo os levou a uma encantadora fonte, cujo lago era incrustado de flores de cristal cintilantes. Ficava no meio de uma caverna cujas paredes eram sustentadas por fantásticos pilares formados pela união de grandes estalactites e estalagmites, resultado do gotejar incessante dos séculos.

Embaixo daquele teto, imensos morcegos se agrupavam bem unidos, milhares em cada feixe. As luzes perturbaram as criaturas, que vieram em revoadas, às centenas, guinchando e voando furiosamente na direção das velas. Tom sabia como eram os morcegos e o perigo daquele tipo de conduta. Agarrou Becky pela mão e correu com ela para o primeiro corredor que apareceu. Foi em boa hora, porque um morcego havia apagado a vela de Becky com a asa quando saía da caverna. Os animais perseguiram as crianças por uma boa distância, mas os fugitivos foram se desviando por novas passagens que apareciam na frente e se livraram das perigosas criaturas. Tom logo encontrou um lago subterrâneo, que se estendia na penumbra até que sua forma se perdia nas sombras. Quis explorar suas margens, mas concluiu que primeiro seria melhor se sentar e descansar um pouco. Só então, pela primeira vez, a profunda quietude do lugar tranquilizou as crianças. Becky notou:

— Ora, eu não tinha reparado, mas parece que faz muito tempo que não ouço mais ninguém do nosso grupo.

— Pense bem, Becky, estamos muito abaixo deles, e também bem longe para o norte, o sul ou o leste. Não conseguiríamos ouvi-los daqui.

Becky ficou apreensiva.

— Há quanto tempo será que estamos aqui embaixo, Tom? Melhor começarmos a voltar.

— Sim, acho melhor. Talvez seja melhor.

— Você consegue encontrar a saída? Para mim, é tudo parecido e confuso.

— Acho que consigo achar. Mas e os morcegos? Se eles apagarem nossas velas, vai ser péssimo. Vamos tentar encontrar outro caminho, para não termos que passar por lá.

— Está bem. Só espero não me perder. Seria realmente péssimo.

A menina estremeceu só de pensar nas pavorosas possibilidades.

Eles atravessaram um corredor e seguiram em silêncio por um bom trecho, olhando de relance um para o outro a cada nova abertura, para ver se havia algo familiar. Mas não reconheceram nada. Toda vez que Tom examinava alguma coisa, Becky olhava para ele em busca de algum sinal encorajador, e ele dizia com entusiasmo:

— Tudo certo. Não é o mesmo lugar, mas já vamos encontrar.

Ele, todavia, foi se sentindo menos esperançoso a cada fracasso e começou a escolher a esmo um caminho a cada avenida que se bifurcava, na desesperada tentativa de encontrar o que queria. Continuou dizendo que estava “tudo certo”, mas havia um medo de chumbo em seu peito, as palavras perderam o vigor e soaram como se ele tivesse dito: “Estamos perdidos.” Becky se agarrou a ele angustiada de medo e tentou conter as lágrimas, que viriam mesmo assim. Ela disse:

— Oh, Tom, não vamos nos incomodar com os morcegos. Vamos voltar por lá mesmo! Parece que estamos cada vez mais perdidos.

— Escute — pediu ele.

Um profundo silêncio, tão profundo que suas respirações ficavam evidentes naquela euforia. Tom gritou. O chamado ecoou pelos corredores vazios e morreu na distância como um som fraco parecido com uma gargalhada zombeteira.

— Oh, não faça mais isso, Tom, é horrível demais — clamou Becky.

— É horrível, mas é melhor. Talvez alguém nos ouça, você sabe.

Ele gritou de novo.

Esse “talvez” foi um horror ainda mais arrepiante que a gargalhada macabra, de tanto que confessava uma esperança moribunda. As crianças ficaram imóveis, de ouvidos atentos, mas não adiantou. Tom tentou voltar pelo mesmo caminho, apressado. Mas pouco depois uma indecisão sua revelou outro fato assustador a Becky: ele não sabia o caminho de volta.

— Ai, Tom, você não fez nenhuma marca no caminho!

— Como fui burro! Que burro! Nem pensei que fôssemos voltar. Não encontro mais o caminho. Está tudo parecido e confuso.

— Tom, Tom, estamos perdidos. Nunca mais vamos sair deste lugar horrível. Por que nos separamos dos outros?

Ela se atirou no chão e começou a chorar tão freneticamente que Tom ficou assustado com a ideia de que ela fosse morrer ou perder a razão ali mesmo. Sentou-se ao lado dela e a abraçou. Ela escondeu o rosto em seu peito, agarrou-se a ele, despejou seus terrores, seus remorsos vãos, e o eco distante os transformou no escárnio de uma gargalhada distante. Tom implorou que ela retomasse a esperança, e ela disse que não conseguiria. Ele passou a se culpar e se ofender por colocá-la naquela situação miserável. Isso surtiu mais efeito. Ela disse que tentaria retomar a esperança, iria se levantar e o seguiria aonde quer que ele a levasse, desde que promettesse não falar mais assim. A culpa era tanto dele quanto dela, disse ela.

Os dois voltaram a caminhar a esmo, ao acaso. Era a única coisa que podiam fazer: continuar caminhando. Por algum tempo, a esperança deu sinais de reviver. Não por alguma razão específica, mas porque é da natureza da esperança reviver enquanto a fonte não é interrompida pela idade e pela familiaridade com o fracasso.

A certa altura, Tom pegou a vela de Becky e a apagou. Essa economia seria muito importante. Não foi preciso dizer nada. Becky entendeu, e sua esperança voltou a morrer. Ela sabia que Tom tinha outra vela inteira e três ou quatro tocos no bolso, mesmo assim precisava economizar. Enfim, a fadiga começou a exercer seu jugo sobre as crianças, que tentaram prestar atenção a esse fato, pois era terrível pensar em se sentar quando o tempo era cada vez mais precioso. Estar em movimento, em alguma direção, era ao menos um progresso e poderia render frutos, mas descansar era chamar a morte e encurtar sua perseguição.

Até que as pernas fracas de Becky se recusaram a prosseguir e ela se sentou. Tom descansou com ela. Os dois falaram de suas casas, de seus amigos, das camas confortáveis e, sobretudo, da luz.

Becky chorou, e Tom tentou pensar em algum modo de consolá-la, mas todos os seus estímulos estavam gastos pelo uso e soaram como sarcasmo. A fadiga cobrava tanto de Becky que ela começou a pegar no sono. Tom ficou aliviado. Sentou-se ali, olhando para o rosto exausto dela, até ver seu semblante relaxar e ficar pacificado sob a influência de sonhos agradáveis. Então, um sorriso surgiu e permaneceu em seus lábios. Aquele rosto sereno refletiu de alguma forma a paz e o alívio do espírito dele, e seus pensamentos vagaram por tempos idos e

lembranças idealizadas. Enquanto ele estava profundamente absorto nessas divagações, Becky acordou com uma risadinha alegre, mas que morreu em seus lábios. Um gemido se seguiu.

— Oh, estava em um sono tão profundo! Quem me dera não tivesse acordado! Não. Não quis dizer isso, Tom. Não fique assim. Não vou dizer mais isso.

— Fico contente que você tenha dormido. Agora você está mais descansada e vamos encontrar essa saída.

— Podemos tentar, mas vi um lugar tão bonito no meu sonho... Acho que vamos para lá.

— Talvez não, talvez não. Anime-se, Becky. Vamos continuar tentando.

Levantaram-se e perambularam de mãos dadas, desesperadamente. Tentaram estimar havia quanto tempo estavam na caverna, mas a única coisa que sabiam é que pareciam estar ali fazia dias, semanas. No entanto, era claro que não podia ser, já que suas velas ainda estavam acesas. Muito tempo depois, não teriam como dizer quanto, Tom disse que deviam ir devagar e tentar ouvir barulho de água. Precisavam encontrar uma fonte. Encontraram uma, e Tom disse que era hora de descansar de novo. Estavam ambos exaustos, mas Becky disse que achava que conseguia continuar mais um pouco. Ela ficou surpresa ao ouvir Tom discordar e não entendeu. Sentaram-se. Tom prendeu sua vela na parede na frente deles com um pouco de argila. Logo seus pensamentos se agitaram; nada foi dito por algum tempo. Até que Becky rompeu o silêncio:

— Estou com muita fome!

Tom tirou algo do bolso.

— Você se lembra disso? — disse ele.

Becky quase sorriu.

— É o nosso bolo de casamento...

— Sim. Eu queria que fosse grande como um barril, pois é a única coisa que temos.

— Guardei do piquenique para sonharmos depois, como os adultos fazem com bolo de casamento. Mas isso vai ser nossa...

Ela interrompeu a frase onde estava. Tom dividiu o bolo e Becky comeu com apetite, enquanto ele mordiscou sua metade. Havia bastante água fresca para

ajudar a encerrar o banquete. Logo Becky sugeriu que continuassem a caminhar. Tom ficou calado por um momento e falou:

— Becky, se eu disser uma coisa você vai concordar?

O rosto de Becky empalideceu, mas ela achava que sim.

— Vamos ficar aqui mesmo, onde teremos água para beber. Esse toco é nossa última vela.

Becky deu vazão às lágrimas e às lamúrias. Tom fez o que pôde para consolá-la, mas com pouco efeito. Enfim Becky disse:

— Tom!

— O que foi, Becky?

— Eles vão perceber nossa falta e vão nos procurar.

— Sim, certamente.

— Talvez estejam nos procurando agora.

— Talvez estejam. Espero que sim.

— Quando será que deram pela nossa falta?

— Acho que quando voltaram para o barco.

— Talvez já estivesse escuro. Será que perceberam que não voltamos?

— Não sei. Mas, de todo modo, sua mãe vai perceber assim que você não voltar para casa.

Uma expressão de pavor no rosto de Becky fez Tom cair em si e ver que havia se confundido. Becky não dormiria em casa aquela noite. As crianças ficaram caladas e pensativas. Num momento, um novo surto de melancolia de Becky mostrou a Tom que aquilo que havia pensado também ocorrera a ela: que talvez se passasse metade da manhã de domingo até a sra. Thatcher descobrir que Becky não estava com a sra. Harper. As crianças fixaram o olhar no toco da vela e ficaram assistindo-a derreter lenta e impiedosamente. Viram o último centímetro de pavio parar sozinho em pé; viram a chama fraca subir e descer, escalar a fina coluna de fumaça, pairar no alto por um momento, e depois o horror da total escuridão impôs seu reinado.

Quanto tempo se passou até que Becky começasse lentamente a ter consciência de que estava chorando nos braços de Tom, nenhum dos dois saberia dizer. A única coisa que sabiam era que, depois do que lhes pareceu um tempo longuíssimo, ambos acordaram do estupor do sono e continuaram a remoer suas

angústias. Tom disse que devia ser domingo, talvez segunda-feira. Tentou fazer Becky falar, mas a tristeza dela era muito opressiva; todas as suas esperanças haviam acabado. Tom disse que já deviam ter dado pela falta deles fazia tempo, e sem dúvida o grupo de resgate estava vindo.

Ele começaria a gritar e talvez alguém ouvisse. Tentou, mas no escuro os ecos distantes soaram tão hediondos que não tentou mais. As horas se passaram, e a fome voltou a atormentar os cativos. Havia sobrado uma parte da metade do bolo de Tom. Eles dividiram e comeram. Mas ficaram mais famintos do que antes. As pobres migalhas de comida só lhes atiçaram o desejo.

Tom disse:

— Psiu! Você ouviu isso?

Ambos prenderam a respiração e apuraram os ouvidos. Havia um som parecido com um grito fraco, remoto. Instantaneamente, Tom respondeu. Levando Becky pela mão, começou a tatear pelo corredor naquela direção do grito. Apurou os ouvidos outra vez, e outra vez o som foi ouvido, aparentemente mais de perto.

— São eles — entusiasmou-se. — Estão vindo! Venha, Becky. Vai ficar tudo bem agora.

A alegria das crianças foi quase incontrolável. Sua velocidade, contudo, foi baixa, porque as “armadilhas” eram um tanto comuns e era preciso se precaver. Logo chegaram a um buraco e precisaram parar. Talvez tivesse um metro de profundidade, talvez trinta. Não havia como passar, de qualquer jeito. Tom se deitou no chão e se esticou o máximo que pôde para baixo. Sem fundo. Deviam ficar ali e esperar o resgate chegar. Ficaram ouvindo. Os gritos estavam ficando mais distantes. Numa questão de segundos, sumiram totalmente. Que angústia sentiram apertar-lhe o coração! Tom berrou até ficar rouco, mas não adiantou. Ficou falando com Becky, mas se passou uma eternidade de espera angustiada e não ouviram mais nenhum som.

As crianças tatearam seu caminho de volta à fonte. Um tempo exaustivo se arrastou. Dormiram de novo, acordaram famintos e doloridos. Tom achava que devia ser terça-feira àquela altura.

Então, ele teve uma ideia. Havia algumas passagens laterais por ali. Seria melhor explorar algumas delas do que suportar o fardo pesado do tempo sem fazer nada. Pegou uma linha de empinar pipa do bolso, amarrou a uma saliência

e partiram, com Tom na frente, soltando a linha conforme iam tateando. Ao fim de vinte passos, o corredor terminava num despenhadeiro. Tom se ajoelhou e tateou em busca do chão. Depois, esticou a mão o máximo que podia contornando a curva da parede. Tentou se esticar um pouco mais para a direita. Nesse momento, a menos de vinte metros, uma mão humana, segurando uma vela, apareceu detrás de uma pedra. Tom soltou um grito de glória, e instantaneamente a mão foi seguida pelo corpo ao qual pertencia. Era Injun Joe.

Tom ficou paralisado, não conseguiu se mexer. Ficou imensamente aliviado no momento seguinte, ao ver o Espanhol fugir correndo e sumir. Perguntou-se se Joe não teria reconhecido sua voz e se não teria vindo matá-lo por testemunhar no tribunal. Mas os ecos deviam ter disfarçado sua voz. Sem dúvida, era isso, refletiu. O medo de Tom enfraqueceu todos os músculos de seu corpo. Ele disse consigo mesmo que, se tivesse força suficiente para voltar à fonte, ficaria lá e nada o faria correr o risco de encontrar Injun Joe outra vez. Tomou o cuidado de não contar a Becky o que havia visto. Disse que gritara “só para dar sorte”.

A fome e a desgraça, todavia, venceram o medo no longo prazo. Outra espera tediosa junto à fonte e outro longo sono trouxeram mudanças. As crianças acordaram torturadas por uma fome atroz. Tom achou que devia ser quarta ou quinta-feira, ou mesmo sexta-feira ou sábado, e que as buscas deviam ter terminado. Propôs explorar outra passagem. Sentia-se disposto a enfrentar Injun Joe e todos os outros terrores. Mas Becky estava fraca. Ela mergulhara numa soturna apatia e dela não se levantaria. Disse que preferia esperar ali onde estava e morrer, o que não demoraria muito. Disse a Tom para ir com a linha e explorar sozinho, se quisesse. Mas implorou que voltasse às vezes e falasse com ela. Fê-lo prometer que, quando a hora indesejada chegasse, ficaria ao lado dela e seguraria sua mão até que estivesse tudo acabado.

Tom a beijou, com uma sensação de aperto na garganta, mostrando-se confiante de encontrar o grupo de resgate ou uma saída da caverna. Depois, pegou sua linha e foi engatinhando por uma das passagens, aflito de fome e abatido pelos pressentimentos da catástrofe iminente.

32.

Chegou a tarde da terça-feira e logo veio o crepúsculo. A vila de St. Petersburg ainda estava de luto. As crianças perdidas não haviam sido encontradas. Orações públicas foram oferecidas por elas, e muitas orações privadas foram feitas de todo o coração. Ainda assim, nenhuma notícia boa veio da caverna. A maioria dos voluntários do grupo de resgate desistira da busca e voltara para seus afazeres diários, dizendo que estava claro que as crianças jamais seriam encontradas. A sra. Thatcher ficou muito mal e delirava a maior parte do tempo. As pessoas diziam que era de partir o coração ouvi-la chamar pela filha, erguer a cabeça, ficar um minuto parada, ouvindo, tornar a baixar a cabeça e gemer exaurida. Tia Polly se deixara cair numa melancolia resignada, e seus cabelos grisalhos ficaram quase brancos. A vila foi descansar, na noite de terça-feira, triste e desolada.

Lá pelo meio da noite, um repicar desvairado começou nos sinos da vila. No momento seguinte, as ruas estavam tomadas de pessoas frenéticas ainda se vestindo e gritando: “Eles apareceram! Eles apareceram! Foram encontrados! Foram encontrados!” Panelas de lata e buzinas agregadas à balbúrdia, a população em massa partiu na direção do rio, encontraram as crianças vindo em carruagem aberta puxada por cidadãos aos brados, enfileiraram-se ao redor, juntaram-se à marcha de volta para casa e desfilaram magnificamente pela rua principal aos gritos de “Viva!”

A vila acendeu suas luzes, ninguém mais queria dormir, foi a maior noitada que aquela cidadezinha já vira. Durante a primeira meia hora, uma procissão de moradores foi até a casa do juiz Thatcher, abraçaram as crianças salvas e as beijaram, apertaram a mão da sra. Thatcher, tentaram falar mas não conseguiram e espalharam uma chuva de lágrimas pela casa inteira.

A felicidade da tia Polly foi completa, e a da senhora Thatcher, quase igual. Seria completa, no entanto, assim que o mensageiro enviado com a boa notícia à caverna avisasse ao marido. Tom se sentou num sofá com um ávido auditório à sua volta e contou a história de sua maravilhosa aventura, incluindo muitos acréscimos impressionantes para enfeitá-la. Encerrou com uma descrição de como deixara Becky e seguira numa expedição exploratória; como seguiu por duas avenidas até o fim da linha e estava prestes a voltar quando viu de relance uma mancha distante que parecia luz do dia, largou a linha e foi tateando até lá, passou a cabeça e os ombros por um buraquinho e viu o largo Mississippi passando lá fora.

E se por acaso fosse noite, ele não teria visto aquela mancha de luz e não teria explorado mais aquela passagem. Ele contou que voltou para buscar Becky, deu a boa notícia e ela disse para não a aborrecer com esse tipo de coisa, pois estava cansada e sabia que morreria. Queria morrer. Descreveu como insistiu e a convenceu; como ela quase morreu de alegria quando chegou a um ponto em que viu de verdade um pedaço azul de céu; como ele passou pelo buraco e a ajudou a sair; como os dois se sentaram lá e choraram de contentamento; como alguns homens passaram num esquife e Tom os chamou, explicando a situação e que estavam famintos; como os homens a princípio não acreditaram na história, “porque”, eles disseram, “vocês estão cinco milhas rio abaixo do vale onde fica a caverna”. Depois subiram a bordo, remaram até uma casa, deram-lhes comida, fizeram com que descansassem duas ou três horas e os levaram para casa.

Antes da madrugada, o juiz Thatcher e os últimos voluntários foram encontrados dentro da caverna seguindo as meadas de linha que haviam deixado atrás de si e informados da grande notícia.

Três dias e noites de esforço e fome na caverna não seriam recuperados de uma vez, como Tom e Becky logo descobririam. Ficaram de cama quarta e quinta-feira inteiras. Pareciam cada vez mais cansados e exaustos o tempo todo. Tom melhorou um pouco na quinta-feira, foi ao centro na sexta-feira e estava praticamente bom no sábado. Mas Becky só saiu do quarto no domingo, e parecia que havia passado por uma doença devastadora.

Tom ficara sabendo da doença de Huck e foi visitá-lo na sexta, mas não deixaram que ele entrasse no quarto. Nem no sábado nem no domingo. Depois

disso, pôde entrar todos os dias, mas foi avisado para não mencionar sua aventura nem introduzir assuntos excitantes. A viúva Douglas ficava junto para ver se ele obedecia. Em casa, Tom ficou sabendo dos acontecimentos em Cardiff Hill, que o corpo do “esfarrapado” fora encontrado no rio perto do ancoradouro e que devia ter se afogado quando tentava escapar.

Cerca de duas semanas depois da volta da caverna, Tom foi visitar Huck, que já estava forte o suficiente para falar de assuntos excitantes. Tom tinha alguns que o interessariam. A casa do juiz Thatcher ficava no caminho de Tom, que parou para ver Becky. O juiz e alguns amigos quiseram que Tom conversasse um pouco. Alguns deles lhe perguntaram ironicamente se não queria voltar para a caverna algum dia. Tom disse que achava que não se importaria de voltar. O juiz disse:

— Existem outros que pensam como você, Tom, não tenho a menor dúvida. Mas tomamos uma providência a esse respeito. Ninguém nunca mais vai se perder nessa caverna.

— Por quê?

— Porque mandei lacrar a porta com ferro fundido há duas semanas, com uma fechadura tripla, e as chaves ficam comigo.

Tom ficou branco como uma folha de papel.

— O que foi, menino? Alguém ajude. Traga um copo d’água.

A água foi trazida e jogada no rosto de Tom.

— Ah, agora você parece melhor. O que aconteceu?

— Juiz, o Injun Joe está na caverna.

33.

Em questão de poucos minutos a notícia se espalhou, e uma dúzia de esquifes com seus remadores partiu em direção à caverna McDougal. O barco a vapor, cheio de passageiros, logo seguiu atrás. Tom Sawyer foi no esquife com o juiz Thatcher.

Quando a porta da caverna foi aberta, uma visão penosa se apresentou na penumbra do lugar. Injun Joe estava estendido no chão, morto, com o rosto perto da fresta da porta, como se seus olhos ansiosos estivessem fixos, até o último momento, na luz e na animação do mundo livre lá fora. Tom ficou comovido, porque sabia, por experiência própria, como aquele desgraçado devia ter sofrido. Sua compaixão fora tocada, mas mesmo assim sentiu um alívio e uma segurança enormes, como ainda não havia avaliado plenamente até então, por estar livre do enorme peso que vinha carregando desde o dia em que levantara a voz contra aquele marginal sanguinário.

A faca Bowie de Injun Joe estava ao lado, com a lâmina partida ao meio. A grande viga da soleira da porta fora lascada e forçada, com tedioso esforço, um esforço inútil, pois a rocha natural formava um batente por fora da madeira, e contra material tão obstinado a faca não obtivera nenhum efeito. O único estrago sofrido fora o da própria faca. Mas ainda que não houvesse obstáculo de pedra, o esforço também teria sido inútil, já que se a viga tivesse sido inteiramente cortada, Injun Joe não teria conseguido espremer o corpo por baixo da porta. E ele sabia disso. De modo que causara aquele estrago todo apenas para estar fazendo alguma coisa, para passar o tempo aflitivo, para empregar suas faculdades atormentadas.

Geralmente, seriam encontrados meia dúzia de tocos de velas espetados nas frestas daquele vestíbulo, ali deixados pelos turistas, mas não havia nenhum. O prisioneiro devia ter encontrado todos e comido. Ele também havia conseguido

capturar alguns morcegos, os quais comera, deixando só as garras. O pobre infeliz morrera de fome. Num lugar perto dele, uma estalagmite crescera lentamente do chão durante eras, construída a partir de gotas que escorriam de uma estalactite no teto. O cativo havia quebrado a estalagmite e, sobre a base, colocado uma pedra, na qual escavara uma cavidade para recolher as gotas preciosas que pingavam a cada três minutos com a macabra regularidade de um relógio — uma colher de sobremesa a cada vinte e quatro horas.

Aquelas gotas estavam caindo quando as pirâmides eram novas, quando Troia caiu, quando lançaram as fundações de Roma, quando Cristo foi crucificado, quando o Conquistador criou o Império Britânico, quando Colombo zarpou, quando o massacre em Lexington era novidade. Está caindo agora e ainda estará caindo quando todas essas coisas tiverem mergulhado no entardecer da história, no crepúsculo da tradição, quando tiverem sido engolidas pela densa noite do esquecimento. Será que tudo tem um propósito e uma missão? Será que essa gota tem caído pacientemente por cinco mil anos só para estar disponível para as necessidades daquele inseto humano fugaz? E será que terá outro importante objetivo a realizar nos próximos dez mil anos? Não importa. Já se passaram muitos anos desde que o mestiço infeliz escavou a pedra para captar as valiosíssimas gotas, mas até hoje os turistas contemplam essa pedra patética e seu gotejar lento quando visitam as maravilhas da caverna McDougal. A xícara de Injun Joe é a primeira da lista das maravilhas da caverna. Nem o Palácio de Aladim compete com ela.

Injun Joe foi enterrado perto da entrada da caverna. Vieram pessoas de barco e carroças das cidades, de todas as fazendas e sítios, num raio de sete milhas, para assistir. Levaram os filhos, todo tipo de provisões, e confessaram ter gostado tanto do funeral quanto teriam gostado do enforcamento.

O funeral interrompeu qualquer tentativa de uma petição ao governador pelo perdão de Injun Joe. Muita gente havia assinado a petição, muitos encontros eloquentes e lacrimosos haviam ocorrido. Um comitê de mulheres piegas foi formado para comparecer em luto completo e chorar na frente do governador e implorar para que ele fosse um asno piedoso e não cumprisse seu dever. Acreditava-se que Injun Joe houvesse matado cinco cidadãos da vila, mas e daí? Mesmo que fosse Satanás em pessoa, haveria um bocado de fracotes prontos a

rabiscar seus nomes numa petição de perdão e derramar uma lágrima de seus encanamentos estragados e sempre vazando.

Na manhã seguinte ao funeral, Tom levou Huck a um lugar isolado para ter uma importante conversa. Huck havia ficado sabendo da aventura de Tom por intermédio do galês e da viúva Douglas, mas Tom disse que achava que havia uma coisa que eles não haviam lhe contado; era sobre isso que ele queria conversar agora. Huck disse:

— Já sei o que é. Você entrou no quarto número 2 e não encontrou nada além de uísque. Ninguém me disse que era você, mas eu soube na hora que devia ser, assim que ouvi essa história do uísque. Soube que você não encontrou o dinheiro, porque já teria me contado, de um jeito ou de outro, mesmo que tivesse mantido segredo para todo mundo. Tom, algo me dizia que nunca ficaríamos com aquele tesouro.

— Ora, Huck, não fui eu que dedurei o taverneiro. Você ficou vigiando a taverna no sábado em que eu fui ao piquenique. Você não lembra que foi sua noite de sentinela?

— Oh, é mesmo! Ora, parece que foi um ano atrás. Foi na mesma noite que segui o Injun Joe até a casa da viúva.

— Você seguiu?

— Segui, mas é segredo. Acho que o Injun Joe deixou alguns aliados na cidade, e não quero que eles tenham raiva de mim e venham me amolar. Se não fosse por mim, ele já estaria no Texas a uma hora dessas.

Huck segredou toda a sua aventura a Tom, que só ouvira a parte do galês.

— Bem, a mesma pessoa que passou a mão no uísque no quarto número 2, passou a mão no dinheiro também, acho — disse Huck, voltando ao assunto principal. — Seja como for, perdemos, Tom.

— O dinheiro nunca esteve no quarto número 2.

— Como assim? — Huck examinou o rosto de seu amigo atentamente. — Você descobriu o rastro do dinheiro outra vez?

— Está na caverna.

Os olhos de Huck faiscaram.

— Você pode repetir?

— O dinheiro está na caverna.

— Tom, palavra de honra: você está de brincadeira ou é sério?

— É sério, Huck. Nunca fui tão sério na minha vida. Você vem comigo e me ajuda a buscar?

— Pode apostar. Eu vou se pudermos chegar lá sem nos perder.

— Huck, vamos chegar lá sem a menor dificuldade.

— Tomara! Por que você acha que o dinheiro es...

— Huck, espere só até chegarmos lá. Se não encontrarmos, você pode ficar com o meu tambor e todas as minhas coisas, juro por Deus.

— Está certo. Quando você quer ir?

— Agora mesmo, se você puder. Já está recuperado?

— É muito longe dentro da caverna? Andei mal três ou quatro dias, não sei se consigo caminhar mais de uma milha. Pelo menos, acho que não consigo.

— Qualquer outra pessoa além de mim teria que andar umas cinco milhas dentro da caverna, mas existe um atalho que ninguém além de mim conhece. Huck, vou te levar lá de esquiife e buscar o tesouro lá dentro sozinho. Você não vai precisar fazer mais nada.

— Então, vamos já.

— Tudo bem. Precisamos de pão, carne, nossos cachimbos, um ou dois sacos, dois ou três carretéis de linha de empinar pipa e alguns desses novos palitos que chamam de fósforos de enxofre. Vou te dizer que muitas vezes desejei ter alguns desses comigo lá dentro.

Pouco depois do meio-dia, os meninos pegaram emprestado um esquiife pequeno de um cidadão ausente e seguiram logo seu caminho. Quando estavam várias milhas abaixo da altura da caverna, Tom disse:

— Está vendo aquele rochedo ali que parece igual até o fim da caverna? Nenhuma casa, nenhum quintal, arbustos todos parecidos? Está vendo um ponto branco mais para cima, onde houve um deslizamento de terra? Aquele é um dos meus sinais. Vamos sair.

Desembarcaram.

— Aqui onde estamos dá para tocar com uma vara de pescar no buraco por onde saí. Veja se você consegue encontrar.

Huck procurou e não achou nada. Tom caminhou para dentro de uma moita de arbustos de sumagre e disse:

— Aqui está! Veja você mesmo, Huck. É o buraco mais aconchegante do país. Guarde segredo sobre ele. Sempre quis ser ladrão, mas sabia que precisava de uma coisa assim. Só me faltava encontrá-la. Agora que temos, vamos ficar calados, só vamos deixar o Joe Harper e o Ben Rogers saberem, porque precisamos de um bando, ou não teria nenhum estilo na coisa toda. Bando do Tom Sawyer. Soa magnífico, não é?

— Soa, sim. E quem vamos roubar?

— Qualquer pessoa. Ficamos de tocaia e atacamos qualquer um. É basicamente isso.

— E matamos essas pessoas?

— Não, nem sempre. Prendemos na caverna até conseguirem pagar o resgate.

— O que é resgate?

— Dinheiro. Você obriga a pessoa a conseguir o máximo de dinheiro que puder, com a família. Depois de ficar um ano com a pessoa, se não conseguir o dinheiro, você mata. Geralmente é assim. Só não mata mulher. Você amordaça a boca das mulheres, mas não mata. Elas são sempre bonitas e ricas, muito apavoradas. Você rouba os relógios e essas coisas, mas sempre tira o chapéu na presença delas e conversa polidamente. Ninguém é mais polido que um ladrão. Você vê isso em todos os livros. Bem, as mulheres se apaixonam por você. Depois de uma ou duas semanas na caverna, param de chorar e você pode deixá-las sair. Quando elas podem sair, logo dão meia-volta e retornam para dentro. É assim nos livros.

— Pelo jeito é a melhor coisa que tem. Acho melhor até que ser pirata.

— Sim, é melhor em algumas coisas, porque é mais perto de casa, dos circos e tudo o mais.

A certa altura estava tudo pronto e os meninos entraram pelo buraco, Tom na frente. Esgueiraram-se até o fim do túnel, amarraram as linhas e seguiram em frente. Alguns passos depois chegaram à fonte, e Tom sentiu um calafrio percorrê-lo inteiro. Mostrou a Huck o resto do pavio da vela preso num pedaço de argila grudado à parede, descrevendo como ele e Becky ficaram assistindo à chama expirar.

Os meninos começaram a abaixar a voz até os sussurros, pois a quietude e a escuridão do lugar oprimiam seus espíritos. Prosseguiram. Entraram e seguiram

pelo corredor que Tom havia percorrido, que dava no despenhadeiro. As velas revelaram o fato de que não era na verdade um precipício, mas uma colina íngreme de argila de uns seis ou nove metros. Tom sussurrou:

— Agora vou lhe mostrar uma coisa.

Ele ergueu a vela bem alto e pediu:

— Olhe o mais longe que puder para lá, contornando a parede de pedra. Está vendo? Ali, naquela rocha grande, feito com fumaça de vela.

— É uma cruz.

— Onde é o Número Dois? Embaixo da cruz, certo? Foi bem ali que vi Injun Joe passar com a vela.

Huck contemplou o sinal místico mais um pouco e clamou com voz trêmula:

— Tom, vamos embora daqui!

— Como assim? E deixar o tesouro?

— Sim, vamos deixar aqui. O fantasma do Injun Joe deve estar por lá, com certeza.

— Não, não está, não, Huck, não, não está. Ele ficaria assombrando o lugar onde morreu, lá em cima na boca da caverna, a cinco milhas daqui.

— Não assombraria lá, não. Ele ia ficar rondando perto do dinheiro. Sei bem como são os fantasmas, e você também.

Tom começou a recluir que Huck estivesse certo. Hesitações se acumularam em sua mente. Mas então lhe ocorreu uma ideia:

— Escute aqui, veja o papel de bobos que estamos fazendo. O fantasma do Injun Joe não vai ficar onde tem uma cruz.

O ponto foi bem observado e surtiu efeito.

— Eu não tinha pensado nisso, mas é mesmo. Sorte nossa que tem aquela cruz. Acho melhor descermos até lá e procurar aquela caixa.

Tom foi primeiro, cortando rústicos degraus na encosta de argila ao descer. Huck veio em seguida. Quatro avenidas se abriam na pequena caverna onde se encontrava a rocha grande com a cruz. Os meninos examinaram três delas sem resultado. Encontraram um pequeno recesso na mais próxima da base da rocha, com um leito de cobertores espalhados, um velho suspensório, um pouco de toucinho e os ossos bem roídos de três aves. Mas não havia nenhum cofre. Os rapazes viraram e reviraram o local, em vão. Tom comentou:

— Ele disse embaixo da cruz. Aqui é o mais embaixo da cruz possível. Não pode ser embaixo da rocha em si, porque ela está bem firme no chão.

Procuraram em toda parte mais uma vez e se sentaram desestimulados. Huck não sugeriu nada, até que Tom exclamou:

— Estou vendo pegadas e cera de vela no barro deste lado da rocha, mas não dos outros lados! Por que será? Aposto que o dinheiro está embaixo da rocha. Vou cavar na argila.

— Não é má ideia, Tom — concordou Huck, com animação.

O canivete Barlow legítimo de Tom foi logo sacado. Ele não havia cavado dez centímetros quando atingiu a madeira.

— Ei, Huck, você ouviu isso?

Huck começou a cavar e arranhar. Algumas tábuas foram logo descobertas e removidas. Havia disfarçado uma fenda natural que continuava por debaixo da rocha. Tom entrou pela fenda e estendeu sua vela o máximo que pôde por debaixo da rocha, mas disse que não conseguia ver o fim da fresta. Propôs explorarem mais. Endireitou-se e passou por baixo, o caminho estreito ia descendo aos poucos. Seguiu seu trajeto serpeante, à direita e à esquerda, com Huck logo atrás. Fez uma curva fechada e exclamou:

— Santo Deus, Huck! Veja você!

Era uma caixa do tesouro, sem dúvida, ocupando uma caverninha aconchegante, junto a um barril vazio de pólvora, duas armas em coldres de couro, dois ou três pares de velhos mocassins, um cinto de couro e outras quinquilharias encharcadas do porejar da rocha.

— Encontramos, finalmente — vibrou Huck, enfiando a mão nas moedas azinhavradas. — Meu Deus! Estamos ricos, Tom!

— Sempre achei que fôssemos encontrar. É bom demais para acreditar, mas encontramos. Ei, não vamos perder tempo aqui. Vamos dar o fora. Deixe-me ver se consigo levar a caixa.

Pesava pouco mais de vinte quilos. Tom conseguiu erguê-la, de modo desengonçado, mas não conseguiu carregar confortavelmente.

— Foi o que pensei — disse. — Parecia mesmo pesada quando a levaram aquele dia na casa mal-assombrada. Reparei. Acho que fiz bem em trazer aqueles sacos.

O dinheiro logo passou aos sacos e os meninos os levaram até a rocha da cruz.

— Agora vamos levar as armas e as outras coisas — disse Huck.

— Não, deixe para lá. São coisas boas para guardarmos aqui quando começarmos a roubar. Vamos deixar tudo aí sempre e fazer nossas orgias aqui também. É um lugar aconchegante para orgias.

— Que orgias?

— Sei lá. Mas ladrões sempre fazem orgias. Vamos precisar fazer também. Vamos, já ficamos muito tempo aqui. Está ficando tarde, acho. Também estou com fome. Vamos comer e fumar quando chegarmos ao esquite.

Saíram na moita de arbustos de sumagre, olharam cautelosos para fora e viram que a margem estava livre. Logo estavam almoçando e fumando no esquite. Enquanto o sol descia no horizonte, remaram e foram embora. Tom veio remando pelo raso, ao crepúsculo, conversando animadamente com Huck, e desembarcou pouco depois de escurecer.

— Vamos esconder o dinheiro no palheiro da viúva e voltamos de manhã para contar e dividir — propôs Tom. — Depois vamos atrás de um lugar seguro na mata para esconder tudo. Fique parado aqui e vigie as coisas enquanto corro para buscar o carroto do Benny Taylor, só mais um minuto.

Ele desapareceu, voltou com o carroto, pôs os dois sacos dentro, jogou uns trapos velhos por cima e partiu, puxando sua carga atrás de si. Ao chegarem à casa do galês, pararam para descansar. Quando estavam prestes a seguir em frente, o galês saiu pela porta e perguntou:

— Olá, quem está aí?

— Huck e Tom Sawyer.

— Que bom! Venham comigo, meninos, estão todos esperando. Aqui, depressa, corram, levo o carroto para vocês. Pensei que fosse mais leve. O que vocês têm aí? Tijolos? Ou metal velho?

— Metal velho — respondeu Tom.

— Foi o que pensei. Os meninos daqui preferem se dar ao trabalho inútil de procurar pedacinhos de ferro que valem centavos para vender na fundição a ganhar o dobro com um trabalho útil qualquer. Mas essa é a natureza humana. Depressa, corram!

Os meninos quiseram saber o porquê de toda aquela afobação.

— Não se preocupem. Vocês vão ver ao chegarmos à casa da viúva Douglas.
Huck disse com certa apreensão, pois estava acostumado a ser falsamente acusado:

— Sr. Jones, não fizemos nada.

O galês deu risada.

— Bem, não sei, Huck, meu menino. Isso não sei. Você e a viúva não são bons amigos?

— Sim. Bem, ela sempre foi boa comigo.

— Pois bem, então vamos lá. Do que você tem medo?

Essa pergunta não estava respondida na lenta cabeça de Huck até ele ser empurrado com Tom para dentro da sala da sra. Douglas. O sr. Jones deixou o carroto dos meninos perto da porta e entrou atrás.

O lugar estava muito iluminado, e todas as pessoas de certa posição na vila estavam ali. Os Thatcher, os Harper, os Roger, tia Polly, Sid, Mary, o pastor, o editor e muitas outras pessoas, todas com suas melhores roupas.

A viúva recebeu os meninos o mais calorosamente possível em se tratando de dois seres com aquela aparência. Estavam cobertos de barro e cera de vela. Tia Polly ficou corada de humilhação, franziu o cenho e balançou a cabeça para Tom. Ninguém no entanto estava sofrendo metade do que estavam sofrendo os dois meninos. O sr. Jones disse:

— Tom não estava, então desisti dele. Mas o encontrei com Huck na minha porta e os trouxe depressa.

— Fez muito bem — disse a viúva. — Venham comigo, meninos.

Ela os levou a um quarto e ordenou:

— Agora se lavem e se troquem. Aqui temos dois trajes completos: camisas, meias, tudo completo. São para o Huck. O sr. Jones comprou uma e comprei outra. Mas servem em vocês dois. Vistam-se. Vamos estar esperando. Desçam quando estiverem bem elegantes.

Saiu do quarto.

34.

Huck comentou:

— Tom, ainda podemos escapar, se encontrarmos uma corda. A janela não é muito alta.

— Jesus! Por que você quer fugir?

— Bem, não estou acostumado com tanta gente. Não suporto. Não quero descer lá, Tom.

— Oh, pare com isso! Isso não é nada. Não dou a mínima. Fico com você.

Sid chegou.

— Tom, a titia ficou esperando você a tarde inteira. A Mary separou sua roupa de domingo e todo mundo ficou preocupado. Isso não é cera de vela e barro nas suas roupas?

— Sr. Siddy, cuide da sua vida! Que festança é essa lá embaixo?

— É uma festa da viúva, ela sempre faz. Dessa vez é para o galês e os filhos dele, por causa da confusão da qual ajudaram a livrá-la naquela noite. E tem mais. Posso lhe contar uma coisa, se você quiser saber.

— Bem, o que é?

— Ora, o velho sr. Jones vai contar alguma coisa hoje à noite, mas ouvi ele dizer à titia o que é, em segredo, se bem que não acho que seja mais segredo. Todo mundo sabe. Até a viúva, mesmo que tente disfarçar. Ela mandou o sr. Jones buscar o Huck porque não poderia revelar esse grande segredo sem a presença dele.

— Mas que segredo é esse, Sid?

— Que o Huck seguiu os bandidos até a casa da viúva. Acho que o sr. Jones vai fazer um grande suspense para ser uma surpresa, mas aposto que não vai mais funcionar.

Sid gargalhou de um jeito muito satisfeito e contente consigo mesmo.

— Foi você quem contou?

— Não importa quem contou. Alguém contou, é o suficiente.

— Sid, só existe uma pessoa má o suficiente nesta cidade para fazer isso, e essa pessoa é você. Se estivesse no lugar do Huck, você teria fugido colina abaixo e jamais teria contado nada sobre os ladrões. Você só sabe fazer coisas más e não suporta ver alguém ser elogiado por fazer coisas boas. Pronto! Não há de quê, como diz a viúva.

Tom deu um tapa nas orelhas de Sid e o levou até a porta com vários chutes.

— Agora vá contar à titia, se tiver coragem. Amanhã você me paga.

Minutos depois, os convidados da viúva estavam sentados à mesa de jantar. Uma dúzia de crianças haviam sido distribuídas em mesinhas de canto na mesma sala, segundo o costume daquela região e naquela época. Na hora certa, o sr. Jones fez seu pequeno discurso, em que agradeceu à viúva pela honra que concedia a ele e a seus filhos, mas disse que havia outra pessoa, cuja modéstia...

E assim por diante. Revelou o segredo sobre o papel de Huck na aventura da maneira mais dramática que conseguiu, mas a surpresa provocada foi bastante fingida, não tão clamorosa e efusiva quanto poderia ter sido em circunstâncias mais felizes. No entanto, a viúva fez uma bela atuação de espanto, despejando tantos elogios e tanta gratidão sobre Huck que ele esqueceu o incômodo quase intolerável de suas novas roupas diante do incômodo inteiramente intolerável de virar alvo de olhares e louvores de todos. A viúva disse que pretendia dar a Huck um lar sob seu teto e educação; e que, quando sobrasse algum dinheiro disponível, ajudaria Huck a começar um negócio modesto. Foi a deixa para Tom, que bradou: — O Huck não vai precisar, ele está rico.

Nada além de uma adesão ferrenha às boas maneiras evitou a gargalhada devida e apropriada dos convidados diante daquele comentário jocoso. Mas o silêncio foi um tanto estranho. Tom o rompeu: — O Huck tem dinheiro. Talvez vocês não acreditem, mas ele tem um bocado. Não adianta rir, acho melhor mostrar. Esperem só um minuto.

Tom correu porta afora. O grupo se entreolhou com interesse perplexo, olhando inquisitivo para Huck, que estava mudo.

— Sid, o que houve com o Tom? — quis saber tia Polly. — Ele... Bem, não consigo entender o que esse menino tem. Nunca entendi.

Tom voltou, levando com dificuldade o peso dos sacos, e tia Polly interrompeu a frase no meio. Ele despejou a massa de moedas douradas na mesa e falou: — Aí está. O que eu disse? Metade é do Huck, metade é minha.

O espetáculo tirou o fôlego de todos os presentes. Todos olhavam extasiados, sem dizer nada por um momento. Então houve um pedido unânime de explicação. Tom começou a narrá-la. A história foi longa, mas transbordante de interesse. Quase não houve interrupção para quebrar o encanto de seu fluxo. Quando terminou, o sr. Jones disse: — Pensei que tinha preparado uma surpresinha para esta noite, mas perdeu toda a graça. Esta agora, devo admitir, fez a minha parecer menor.

O dinheiro foi contado. A quantia era de pouco mais de doze mil dólares. Era mais dinheiro do que qualquer um ali presente vira antes, embora várias pessoas ali tivessem muito mais em propriedades.

35.

O leitor pode ficar satisfeito em saber que a inesperada fortuna de Tom e Huck causou grande alvoroço no pobre vilarejo de St. Petersburg. Uma quantia tão vasta, em dinheiro vivo, parecia quase inacreditável. Falaram a respeito, gabaram-se, glorificaram, até que o bom senso de muitos cidadãos desabou sob o esforço daquela excitação insalubre. Todas as casas “assombradas” de St. Petersburg e das vilas vizinhas foram dissecadas, tábua por tábua, tiveram suas fundações escavadas e vasculhadas em busca de tesouros escondidos. Não só meninos, mas homens adultos, homens muito graves, alguns deles sem romantismo. Onde quer que Tom e Huck aparecessem, eram cortejados, admirados, observados. Os meninos não se lembravam de ninguém nunca ter levado a sério seus comentários, mas agora tudo o que diziam era valorizado e repetido. Tudo o que faziam parecia ser considerado de alguma forma algo notável. Eles haviam perdido o poder de fazer ou dizer lugares-comuns. Mais do que isso, sua história passada foi revisitada e descobriram haver traços de evidente originalidade. O jornal da vila publicou ensaios biográficos sobre os garotos.

A viúva Douglas investiu o dinheiro de Huck a seis por cento ao ano, e o juiz Thatcher fez o mesmo com o dinheiro de Tom, a pedido da tia Polly. Cada menino agora tinha uma renda, o que era extraordinário. Um dólar por dia da semana ao ano e meio dólar por domingo. Era o que o pastor arrecadava. Não, era o que lhe haviam prometido que arrecadaria, mas geralmente não coletava tudo isso. Com um dólar e vinte e cinco centavos por semana era possível para um menino comer, morar e estudar naqueles velhos tempos mais singelos, sem falar em vestir e lavar.

O juiz Thatcher desenvolveu uma grande estima por Tom, disse que um menino comum jamais teria salvado sua filha daquela caverna. Quando Becky

contou ao pai, em estrita confiança, como Tom levava o castigo no lugar dela na escola, o juiz ficou visivelmente emocionado. Quando ela pediu perdão pela mentira que Tom contara ao atrair para si aquele castigo, o juiz disse, com um belo extravasamento, que se tratava de uma mentira nobre, generosa, magnânima, uma mentira que justificava erguer a cabeça e marchar através da história, lado a lado com a elogiada Verdade de George Washington e a machadinha. Becky achou que o pai nunca lhe parecera tão alto e soberbo como quando caminhou pelo assoalho, bateu o pé e disse aquilo. Ela foi logo contar a Tom sobre isso.

O juiz Thatcher esperava ver Tom um dia como um grande advogado ou um grande soldado. Disse que pretendia interceder para que ele fosse admitido na Academia Militar e preparado na melhor faculdade de direito do país, a fim de estar pronto para seguir uma das duas ou ambas as carreiras.

A riqueza de Huck Finn, e o fato de agora viver sob a proteção da viúva Douglas, introduziu-o na sociedade. Aliás, arrastou-o para dentro, atirou-o lá dentro. Seus sofrimentos foram quase maiores do que poderia suportar. As criadas da viúva o mantinham limpo, aseado, penteado e escovado, pondo-o para dormir toda noite em lençóis indiferentes, que não tinham um único furo ou mancha que ele pudesse apertar junto do peito e considerar um amigo. Ele tinha que comer com garfo e faca; tinha que usar guardanapo, copo, prato; tinha que ler seu livro e ir à igreja; tinha que falar tão certo que as frases ficavam quase insípidas em sua boca. Para onde quer que se virasse, as grades e os grilhões da civilização o trancafiavam e lhe prendiam mãos e pés.

Ele suportou suas angústias durante três semanas e um dia desapareceu. Durante quarenta e oito horas, a viúva o procurou em toda parte, com grande aflição. Todos ficaram profundamente preocupados. Procuraram-no em toda parte, dragaram o rio em busca de seu corpo. Bem cedo na terceira manhã, Tom Sawyer explorava alguns velhos barris vazios atrás do matadouro abandonado e, dentro de um deles, encontrou o fugitivo. Huck havia dormido lá. Havia acabado de fazer o desjejum com restos de comida e estava descansando com seu cachimbo. Estava desarrumado, desgrenhado, usando os mesmos trapos arruinados que o haviam tornado pitoresco no tempo em que era livre e feliz. Tom o obrigou a se levantar, contou-lhe sobre os problemas que vinha causando

e insistiu que voltasse para casa. O semblante de Huck perdeu seu contentamento tranquilo e assumiu uma expressão melancólica. Ele disse:

— Nem me fale sobre isso, Tom. Já tentei e não deu certo. Não adianta. Não é para mim, não estou acostumado. A viúva é boa comigo e simpática, mas não suporto o jeito das pessoas. Ela me faz acordar sempre na mesma hora toda manhã, manda eu me lavar. Depois me penteiam, o que é um inferno. Ela não me deixa dormir no barracão e tenho que usar aquelas malditas roupas que me apertam. Parece que não passa nem ar dentro delas, e são todas tão elegantes que não consigo sentar, deitar nem rolar no chão. Não abro uma porta de celeiro há... Parece que faz anos. Só faço ir à igreja e suar e suar. Odeio sermão. Não posso apanhar uma mosca ali dentro, não posso mascar tabaco. Tenho que usar sapato o domingo inteiro. A viúva tem um sino para a hora de comer, sino para dormir, sino para acordar. É tudo tão regulado que não há quem aguento.

— Bem, todo mundo faz assim, Huck.

— Tom, para mim tanto faz. Não sou todo mundo e não aguento mais. É horrível ser tão certinho. E a comida vem tão fácil! Vou acabar perdendo o interesse por vitela. Tenho que pedir licença para ir pescar, para ir nadar... Maldição! Vou ter que pedir licença para tudo. Tenho que falar tão bonito que me incomoda. Às vezes vou para o sótão para xingar um pouco, todo dia, para ter algum gostinho na boca, senão morro. A viúva não me deixa fumar, não me deixa gritar, não me deixa abrir a boca. Nem me espreguiçar nem me coçar na frente das visitas.

Com um espasmo especial de irritação e insolência, ele continuou:

— E, cruz-credo, ela reza o tempo todo! Nunca vi mulher assim! Tive que fugir, Tom. Eu precisava fugir. Além do mais, a escola vai abrir e vou ter que ir. Eu não suportaria isso. Sabe, ser rico não é a maravilha que dizem. É só preocupação e mais preocupação, suor e mais suor, e uma vontade de morrer o tempo todo. Estas roupas aqui estão boas para mim, este barril está bom para mim. Nunca mais vou trocar isso por nada. Eu não teria entrado nessa enrascada se não fosse aquele dinheiro. Pois bem, você fica com a minha parte, com a sua, e me dá dez centavos de vez em quando. Não sempre, porque não gosto de nada que a pessoa não teve que lutar para conseguir. Você vai lá e explica meu caso para a viúva.

— Huck, você não pode fazer isso, não é justo. Além do mais, se você tentar mais um pouco, vai acabar gostando.

— Gostando? Sei... Como se alguém gostasse de viver dentro de um forno quente. Não, Tom, não quero ser rico nem viver naquelas malditas casas abafadas. Gosto do mato, do rio, dos barris, e vou ficar com eles. Maldição! Justo quando conseguimos as armas, a caverna, e tudo estava pronto para começarmos a roubar, aí me aparece essa maldita bobagem para estragar tudo!

Tom percebeu uma oportunidade:

— Ser rico não vai me impedir de virar ladrão.

— Não?! Oh, graças a Deus; você está falando sério mesmo, Tom?

— Tão sério quanto estou aqui falando com você. Mas não podemos deixar você entrar no bando se não for respeitável, você sabe.

A alegria de Huck foi saciada.

— Não posso entrar mesmo? Você não tinha deixado eu ser pirata?

— Sim, mas ladrão é diferente. Ladrão é mais que pirata, em geral. Na maioria dos países, os ladrões são da alta nobreza, duques e coisas assim.

— Você não foi sempre meu amigo? Não me deixaria de fora, não é, Tom? Você não faria isso agora, faria?

— Não que eu queira fazer isso. Não quero fazer. Mas o que as pessoas iriam dizer? Elas diriam: “Bando do Tom Sawyer com gente tão desclassificada.” Querendo dizer você, Huck. Você não gostaria, nem eu.

Huck ficou calado por algum tempo, envolvido num conflito mental. Finalmente, ele disse:

— Bem, vou voltar para a casa da viúva e ficar um mês para ver se aguento, se você me deixar fazer parte do bando.

— Muito bem. Combinado! Vamos, meu velho, vou pedir à viúva para deixar você um pouco mais solto, Huck.

— Você faria isso agora? Que bom! Se ela pegar leve nas coisas mais pesadas, posso fumar escondido e xingar escondido. E me esforçar ou desistir. Quando está pensando em começar o bando para virarmos ladrões?

— Oh, agora mesmo. Vamos reunir os meninos e fazer a iniciação hoje à noite, se der.

— Fazer o quê?

— A iniciação.

— O que é isso?

— É jurar ajudar uns aos outros, nunca revelar os segredos do bando, mesmo que você seja cortado em pedaços, e jurar matar qualquer pessoa e toda a família dela se ferir um membro do bando.

— Gostei dessa. Gostei muito, devo dizer.

— Aposto que vai ser divertido. Os juramentos têm que ser feitos à meia-noite, no lugar mais deserto e macabro que pudermos encontrar. Uma casa mal-assombrada é o melhor lugar, mas agora acabaram com todas.

— Bem, sendo à meia-noite já é o bastante.

— Sim, então está combinado. Temos que jurar sobre um caixão e assinar com sangue.

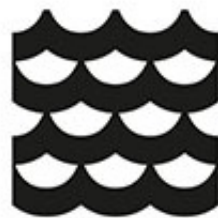
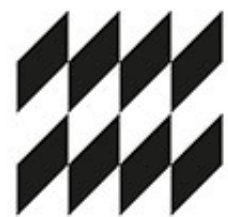
— Agora gostei ainda mais. É muito melhor ser ladrão do que pirata. Vou ficar com a viúva até o fim. Acho que, se eu virar um bom ladrão e todo mundo falar sobre mim, ela vai ficar orgulhosa de ter me tirado do relento.

Conclusão

Assim termina a crônica. Sendo estritamente a história de um menino, deve parar por aqui, pois não poderia ir muito além sem se tornar a história de um homem. Quando se escreve um romance sobre adultos, sabe-se exatamente onde parar: com um casamento. Mas, quando se escreve sobre jovens, é preciso parar no melhor momento possível.

A maioria dos personagens que aparecem neste livro ainda está viva e é próspera e feliz. Algum dia, talvez valha a pena retomar a história dos mais jovens e ver que tipo de homens e mulheres se tornaram, portanto será mais prudente não revelar agora nenhuma parte de suas vidas.

**MARK
TWAIN**



AS AVENTURAS DE

**HUCKLE
BERRY**

FINN

AND

O CAMARADA DO TOM SAWYER



tradução de Alexandre Barbosa de Souza

Aviso

Aqueles que tentarem encontrar um motivo nesta narrativa serão processados; os que tentarem encontrar nela uma moral serão banidos; quem tentar encontrar um enredo levará um tiro.

Por ordem do autor, por intermédio de G. G., Chefe do Arsenal.

Explicação

Neste livro, é usada uma série de dialetos, a saber: o dialeto dos negros do Missouri; a forma mais extrema de dialeto das florestas do Sudoeste norte-americano; o dialeto cotidiano de “Pike County”; e quatro variantes modificadas deste último. Esses tons não foram produzidos de maneira aleatória, ou por adivinhação, mas excruciantemente, e com orientação e apoio fidedignos da familiaridade pessoal com essas diversas formas de fala.

Faço esta explicação pelo fato de que sem ela muitos leitores poderiam supor que todos esses personagens estariam tentando falar igual e não conseguindo. [\[5\]](#)

O autor.

Huckleberry Finn

Cenário: Vale do Mississippi

Época: Quarenta ou cinquenta anos atrás



1.

Você não me conhece se não leu um livro chamado *As aventuras de Tom Sawyer*, mas isso não importa. Quem escreveu foi o sr. Mark Twain, e o que ele falou é verdade, quase sempre. Algumas coisas ele exagerou, mas quase sempre falou a verdade. Isso não é nada. Nunca conheci alguém que nunca falou uma mentira, uma vez ou outra, sem contar a tia Polly, ou a viúva, ou talvez a Mary. A tia Polly — quero dizer, tia do Tom, a tia Polly —, a Mary e a viúva Douglas, tudo isso aparece naquele livro, que é um livro quase inteiro verdadeiro, com alguns exageros, como falei antes.

Bem, aquele livro termina assim: o Tom e eu achamos o dinheiro que os ladrões esconderam na caverna e ficamos ricos. Cada um ficou com seis mil dólares — em moedas de ouro. Quando juntamos todo esse dinheiro, o tanto foi uma visão medonha. Bem, o juiz Thatcher pegou e pôs a juros, e nos deu um dólar por dia o ano inteiro — era tanto dinheiro que a gente nem sabia o que fazer com ele. A viúva Douglas me pegou para criar e resolveu que ia me *sivilizar*, mas não era fácil ficar o tempo todo dentro de casa, tendo em conta como a viúva era regulada e certinha que era uma tristeza, em tudo que fazia. Então, quando não suportei mais, fugi. E voltei para os meus trapos velhos e o meu barril de açúcar vazio de novo, e fiquei livre e satisfeito. Mas O Tom Sawyer veio atrás de mim e me falou que ia começar um bando de ladrões, e que eu podia entrar também se voltasse a morar com a viúva e fosse respeitável. Então voltei.

A viúva chorou no meu ombro e me chamou de pobre ovelha desgarrada, e me chamou de muitos outros nomes também, mas não foi por mal que ela disse. Ela me fez voltar a usar aquelas roupas novas, e eu só fazia suar e suar, e me sentir todo amarrado ali dentro. Bem, e a mesma coisa começou de novo. A viúva tocava um sino para o jantar, e você tinha que chegar na hora. Quando sentava

na mesa, não podia ir logo comendo, mas precisava esperar a viúva abaixar a cabeça e resmungar em cima das comidas, mesmo não tendo nada de estranho com elas — quero dizer, de estranho só que cada comida era feita em uma panela separada. No tonel das sobras é diferente, as coisas ficam misturadas, o sabor se espalha mais, e as coisas ficam mais gostosas.

Depois de comer, ela pegou o livro e me ensinou sobre Moisés e os juncos, e tive que suar para guardar tudo aquilo, mas ela acabou deixando escapar que esse Moisés já morreu faz um bocado de tempo, por isso não quis mais saber dele, porque não gosto muito de morto.

Não demorou muito e quis fumar, e perguntei para a viúva se podia. Mas ela não deixou. Falou que era um péssimo hábito, não era sadio, e que eu devia tentar não fazer mais isso. Algumas pessoas são assim mesmo. Falam mal sem nem saber do que estão falando. E ali ela me amolando com Moisés, que nem parente dela era, nem podia fazer nada de bom para ninguém, estando morto, sabe, mas querendo ver defeito em mim por fazer uma coisa que para mim era boa. Sendo que ela cheirava rapé também — claro, tudo bem, porque era ela.

A irmã da viúva, a srta. Watson, uma solteirona magra, de óculos, tinha acabado de vir morar com ela, e logo implicou comigo com a tal da cartilha. Ela insistia por uma hora, mais ou menos, e depois a viúva mandava parar. Eu não aguentava mais. Depois, durante uma hora, ficava tudo morto, parado, e eu agitado. A srta. Watson falava “Não ponha os pés em cima disso, Huckleberry”, e “Não fique torto desse jeito, Huckleberry, sente-se direito”, e aí, “Não abra a boca e não se espreguice tanto, Huckleberry, por que você não se comporta?”. Depois ela ficou falando do lugar dos maus, e eu falei que queria ir para lá. Então ela ficou louca, mas não falei por mal. Eu só queria sair para qualquer lugar, só queria mudar, não importava para onde. Ela falou que o que falei era pecado; falou que ela não falava aquilo por nada nesse mundo, que ela ia viver a vida dela como se fosse para acabar no lugar dos bons. Bem, não vi nenhuma vantagem em ir para o mesmo lugar que ela, então resolvi que não ia nem tentar ir para lá. Mas não falei isso, porque só ia causar mais confusão, e não ia adiantar nada.

Então ela começou de novo, e não parou mais de me falar sobre aquele lugar dos bons. Falou que lá todo mundo ficava o dia inteiro só tocando harpa e

cantando, eternamente, então não achei grande coisa. Mas isso não falei. Perguntei se ela achava que o Tom Sawyer ia para lá também, e ela falou que ele não ia chegar nem perto. Fiquei contente, porque eu queria ficar junto com ele onde fosse.

A srta. Watson não parava de me amolar, e aquilo foi ficando cansativo e solitário. Enfim, elas chamaram os escravos para dentro e rezaram, e depois foi todo mundo dormir. Subi para o meu quarto com um toco de vela e pus a vela na mesa. Depois sentei na cadeira perto da janela e tentei pensar alguma coisa alegre, mas não adiantou. Eu me senti tão sozinho que o que eu mais queria mesmo era morrer. As estrelas brilhando, e as folhas balançando na mata, era uma tristeza. Ouvi uma coruja, bem longe, piando de pena de alguém que tinha morrido, e um bacurau e um cachorro chorando por alguém que ia morrer; e o vento tentando sussurrar alguma coisa para mim, e eu não consegui entender o que era, e isso me deu calafrio. Então, bem longe na mata, ouvi aquele som que um fantasma faz quando quer dizer alguma coisa e não consegue se explicar, de modo que não fica sossegado na sepultura e tem que vagar assim, lamuriando toda noite. Fiquei tão triste e assustado que quis ter companhia. Logo veio uma aranha andar no meu ombro, e dei um peteleco e ela caiu na vela; e quando fui tirar ela já estava toda encarquilhada. Ninguém precisava me dizer que aquilo era um mau sinal horrível, então fiquei assustado e tirei a roupa tremendo. Levantei e dei três voltas no mesmo lugar e me benzi a cada volta, e depois amarrei um cacho do meu cabelo com um barbante para afastar as bruxas. Mas fiz isso sem muita confiança. Isso se faz quando você perde uma ferradura que encontrou, em vez de pregar ela em cima da porta, mas nunca ouvi dizer que servisse para afastar azar de matar aranha.

Sentei de novo, tremendo, e tirei meu cachimbo para fumar, porque a casa estava quieta, parecia morta, e assim a viúva não ia ficar sabendo. Bem, depois de muito tempo, ouvi o sino na cidade fazer bum-bum-bum doze vezes, e tudo continuou quieto — ainda mais quieto que nunca. Logo ouvi um galho estalar no escuro no meio das árvores — alguma coisa estava se mexendo. Fiquei ali parado, ouvindo. Dali a pouco ouvi lá embaixo um “miau! miau!” bem baixinho. Que bom! Falei também “miau! miau!” o mais baixinho que podia, e depois apaguei a vela e me esgueirei pela janela até o barracão. Dali saltei para o chão e

rastejei no meio das árvores, e, como sempre, lá estava o Tom Sawyer esperando por mim.

2.

Fomos na ponta dos pés pela trilha no meio das árvores até o fundo do jardim da viúva, abaixando para não raspar a cabeça nos galhos. Quando passamos pela cozinha, tropecei em uma raiz e fiz barulho. Deitamos no chão, sem nos mexermos. O escravo da srta. Watson, chamado Jim, estava parado na porta. Deu para ver bem, porque tinha luz atrás dele. Ele levantou e esticou o pescoço um minuto, tentando ouvir. Depois falou:

— Quem é?

Tentou ouvir mais um pouco, depois veio de mansinho e parou bem perto de nós — dava quase para encostar nele. Bem, foram minutos e minutos sem nenhum som, e nós ali bem juntos. Meu tornozelo começou a coçar, mas não cocei, depois minha orelha começou a coçar, depois as costas, bem no meio dos ombros. Parecia que eu ia morrer se não coçasse. Bem, já reparei nisso muitas vezes. Se você está com a elite, ou em um funeral, ou tentando dormir sem sono — se está em qualquer lugar que não deixa você se coçar, ora, aí é que você vai querer se coçar em mil lugares. Logo o Jim falou:

— Pode falar, quem é? Cadê? Diacho, que eu ouvi, ouvi. Bem, já sei o que vou fazer: vou é me sentar aqui e ficar ouvindo até escutar de novo.

Então ele sentou ali no chão, bem perto, entre mim e o Tom. Ele encostou na árvore, e esticou as pernas até uma perna dele quase encostar em uma perna minha. Meu nariz começou a coçar. Coçava tanto que saiu lágrima do meu olho. Mas não me cocei. Aí começou a coçar do lado de dentro. Depois coçou embaixo. Eu não sabia mais como parar quieto. Essa miséria continuou seis ou sete minutos, mas pareceu muito mais que isso. Agora a coceira estava em onze lugares diferentes. Vi que eu não ia suportar mais um minuto daquilo, mas cerrei os dentes com força e me preparei para tentar. Foi aí que o Jim começou a respirar fundo. Depois começou a roncar — e logo fiquei à vontade outra vez.

O Tom fez um sinal para mim — um barulhinho com a boca —, e fomos engatinhando. Depois de uns três metros, o Tom sussurrou para mim, ele queria amarrar o Jim na árvore de brincadeira. Mas falei que não; ele podia acordar e fazer alarde, e depois iam ver que eu estava ali. Então o Tom disse que não tinha vela suficiente, e ele ia entrar na cozinha para buscar mais. Eu não queria que ele arriscasse fazer isso. Falei que o Jim podia acordar e vir atrás. Mas o Tom quis arriscar, então entramos e pegamos três velas, e o Tom deixou cinco centavos na mesa para pagar. Saímos de lá, e eu estava suando para fugir correndo dali, mas não adiantou, porque o Tom queria porque queria ir até o Jim, engatinhando, e pregar uma peça nele. Fiquei esperando, pareceu um bom tempo, naquela solidão silenciosa.

Assim que o Tom voltou pegamos o atalho, contornando a cerca do jardim, e enfim chegamos no alto da colina do outro lado da casa. O Tom contou que tinha tirado o chapéu da cabeça do Jim e pendurado num galho em cima dele, e que o Jim se mexeu um pouco, mas nem acordou. Mais tarde, o Jim contou que as bruxas tinham feito feitiço de transe e levado ele no ar por todo o estado do Missouri, e depois devolvido embaixo das árvores de novo, e nisso tinham pendurado o chapéu dele no galho para mostrar quem tinha feito aquilo. E quando o Jim contou pela segunda vez, ele falou que levaram ele voando até New Orleans; e depois, cada vez que ele contava, aumentava mais, até que um dia ele falou que as bruxas levaram ele voando pelo mundo inteiro, e ele quase morreu de cansaço, e o traseiro dele estava cheio de assadura de sela. O Jim tinha um orgulho medonho disso, tanto que ele nem reparava nos outros escravos. Os escravos vinham de longe ouvir ele contar essa história, e o Jim era mais admirado que qualquer outro escravo naquela região. Escravos de outras fazendas ficavam de boca aberta olhando para ele, como se ele fosse uma maravilha da natureza. Os escravos ficam sempre falando de bruxaria no escuro do lado do fogão, mas sempre que algum escravo estava falando e explicando sobre essas coisas, o Jim entrava e falava “Humpf! O que você sabe de bruxa?”, e o escravo calava a boca e ia sentar atrás dos outros. O Jim sempre usava uma moeda de cinco centavos no pescoço com um cordão, e falava que era um amuleto que o diabo em pessoa tinha dado para ele, e falava que podia curar qualquer um com aquele amuleto e invocar as bruxas quando quisesse só falando

uma coisa para aquele amuleto, mas nunca contou o que é que ele falava para o amuleto. Os escravos vinham de toda parte e davam para o Jim o pouco que tinham, só para dar uma espiada naquela moeda de cinco centavos, mas não podiam tocar, porque o diabo em pessoa tinha tocado nela. O Jim se arruinou com isso, não prestava mais para serviço de casa, pela fama de ter visto o diabo e ter voado com as bruxas.

Bem, quando o Tom e eu chegamos na borda da mata do alto da colina, olhamos lá para a vila e vimos três ou quatro luzes piscando, velas de doentes, talvez; e as estrelas lá em cima continuavam brilhando, lindas como sempre; e para baixo da vila estava o rio, com quase dois quilômetros de largura, e assustador de tão parado e tão grandioso. Descemos a colina e encontramos o Jo Harper e o Ben Rogers, e mais dois ou três dos meninos, escondidos no velho curtume. De modo que desamarramos um esquife e descemos o rio quatro quilômetros, até ver a grande cicatriz na encosta, e desembarcamos lá.

Fomos até uma moita, e o Tom fez todo mundo jurar segredo, e então mostramos para eles o buraco na terra, bem na parte mais cheia de folhas. Depois acendemos as velas, e nos enfiamos ali engatinhando. Fomos assim uns duzentos metros, e então a caverna se alargou. O Tom foi se enfiando pelas passagens, e logo entrou embaixo de um paredão onde não dava para ver que tinha um buraco. Seguimos por um lugar estreito e saímos numa espécie de sala, bem úmida e suada, e ali paramos. O Tom falou:

— Agora, vamos formar logo esse bando de ladrões e vamos chamar de Bando do Tom Sawyer. Quem quiser participar tem que fazer um juramento e assinar o nome com sangue.

Todo mundo quis. Então o Tom pegou uma folha de papel onde ele tinha escrito o juramento e leu. O juramento era que todo menino devia ser fiel ao bando e nunca contar nenhum dos nossos segredos; e se alguma pessoa fizesse alguma coisa contra algum menino do bando, esse menino tinha que matar essa pessoa e a família dela, e não podia comer nem dormir enquanto não matasse e fizesse uma cruz no peito deles, que era a marca do bando. E ninguém fora do bando podia usar essa marca, e se usasse ia ser processado; e se usasse de novo ia ser assassinado. E se alguém do bando contasse os segredos, ia ser degolado, e então a carcaça ia ser queimada e as cinzas espalhadas, e o nome escrito com

sangue ia ser raspado da lista e nunca mais podia ser mencionado pelo bando, e ia ser amaldiçoado e esquecido para sempre.

Todos acharam um belo juramento, e perguntaram para o Tom se ele tinha inventado aquilo tudo sozinho. Ele disse que, em parte, era da cabeça dele mesmo, mas o resto ele tirou de livros de piratas e livros de ladrões, e que todo bando de alta classe tinha um juramento assim.

Alguém achou que podia ser bom incluir também matar as *famílias* dos meninos que contassem os segredos. O Tom também achou uma boa ideia, então pegou um lápis e escreveu.

Aí o Ben Rogers falou:

— Mas e o Huck Finn? Ele não tem família. O que vamos fazer no caso dele?

— Bem, mas ele não tem pai? — perguntou Tom Sawyer.

— Sim, pai ele tem, mas ninguém tem visto o pai dele ultimamente. Ele costumava ficar caído, bêbado, no meio dos porcos no curtume, mas já faz mais de um ano que ninguém vê ele por essas bandas.

Eles conversaram sobre o assunto, e iam me excluir, porque falaram que todos os meninos deviam ter uma família ou alguém para matar, ou não ia ser justo com os outros. Bem, ninguém teve outra ideia — todo mundo ficou sem saber o que fazer, e parou. Eu estava quase chorando, mas de repente pensei numa saída, e sugeri a srta. Watson — eles podiam matar a sta. Watson.

Todo mundo falou:

— Oh, ela serve. Tudo bem. O Huck pode participar então.

Aí todos enfiaram um alfinete no dedo para tirar sangue e assinar, e fiz a minha marca no papel.

— Ora — disse o Ben Rogers —, qual vai ser o tipo de trabalho desse bando?

— Nada além de roubo e assassinato — respondeu o Tom.

— Mas quem vamos roubar? Casas ou gado, ou...

— Nada disso! Roubar gado e essas coisas não é roubo, é furto — explicou o Tom Sawyer. — Não vamos furtar. Não tem estilo nenhum nisso. Somos bandoleiros. Vamos parar as diligências e carruagens na estrada, com máscaras, e matar as pessoas e levar os relógios e o dinheiro.

— Vamos ter que matar as pessoas sempre?

— Oh, sem dúvida. É o melhor a fazer. Algumas autoridades pensam diferente, mas o melhor em geral é matar, a não ser algumas pessoas que vamos trazer aqui para a caverna, e vamos deixar presas até o resgate.

— Resgate? O que é isso?

— Sei lá. Mas é o que as pessoas fazem. Já vi isso em livros, e, sendo assim, é o que vamos ter que fazer, claro.

— Mas como vamos fazer isso sem saber o que é?

— Ora, dane-se, vamos *ter* que fazer assim. Eu já não disse que é assim nos livros? Quer fazer diferente dos livros e misturar tudo?

— Ah, *falar* é fácil, Tom Sawyer, mas como diabos vai ser isso de resgate se não sabemos o que fazer, era isso que eu quis dizer. Ora, o que você acha que é?

— Bem, não sei. Mas se as pessoas ficam presas até o resgate, talvez queira dizer que ficam presas até morrer.

— Ora, agora *melhorou*. Boa resposta. Por que não falou logo? Vamos deixar as pessoas presas até o resgate da morte, e isso vai dar um trabalho desgraçado também. As pessoas vão comer todas as nossas comidas, e ficar tentando sempre fugir.

— Olha a bobagem que você está falando, Ben Rogers. Como as pessoas podem fugir se vai ter sempre um sentinela, pronto para atirar nelas se se moverem uma palha?

— Sentinela! Bem, essa é boa. Quer dizer que alguém vai ficar a noite inteira sem dormir só para vigiar as pessoas... Acho besteira. Por que já não damos uma paulada de resgate assim que a pessoa chegar aqui?

— Porque não é assim nos livros, esse é o motivo. Agora, Ben Rogers, você quer fazer as coisas certas ou não? Essa é a ideia. Você não acha que as pessoas que escrevem os livros sabem o jeito certo de fazer as coisas? Acha que *você* pode ensinar alguma coisa para quem escreveu o livro? Nem sonhando. Não, senhor, vamos fazer o resgate certinho.

— Tudo bem. Não me importa, mas estou falando que mesmo assim é besteira. Ei, Tom, vamos matar as mulheres também?

— Bem, Ben Rogers, se eu fosse ignorante como você não ia deixar ninguém saber disso. Matar mulher? Não, nunca vi nada assim nos livros. Você leva as

mulheres para a caverna e sempre é educado com elas. E aos poucos elas se apaixonam por você e nunca mais querem ir embora para casa.

— Bem, se é o que os livros dizem, eu concordo, mas não acredito. Logo a caverna vai estar abarrotada de mulheres, vão ser tantas esperando resgate que não vai caber nem os próprios ladrões. Mas vamos em frente com isso, não tenho mais nada para falar.

O pequeno Tommy Barnes tinha dormido, e quando acordaram ele ficou assustado e começou a chorar, e falou que queria ir para casa da mãe, e não queria mais ser ladrão.

Então todo mundo riu dele, e chamou de bebê chorão, e ele ficou maluco com isso, e falou que ia embora no mesmo instante e ia contar todos os segredos. Mas o Tom deu cinco centavos para ele calar a boca, e falou para todo mundo ir para casa e que iríamos nos reunir na semana seguinte de novo, e roubar alguém e matar algumas pessoas.

O Ben Rogers falou que não podia sair muito de casa, só aos domingos, e então quis começar logo no próximo, mas os meninos falaram que era pecado fazer aquilo no domingo, e isso encerrou o assunto. Concordamos de nos reunir para marcar um dia assim que fosse possível, e então elegemos o Tom Sawyer primeiro capitão e o Jo Harper segundo capitão do bando, e aí fomos embora.

Subi no telhado do barracão e me esgueirei pela minha janela quando o dia estava quase raiando. Minhas roupas novas estavam todas cobertas de cera e de barro, e eu estava cansado pra cachorro.

3.

Bem, de manhã levei um sabão da velha srta. Watson por causa das minhas roupas; mas a viúva não me bateu, só limpou a cera e o barro, e fez uma cara tão triste que achei que ia conseguir me comportar um pouco por um tempo. Depois a srta. Watson entrou comigo no quatinho e rezou, mas não adiantou nada. Ela me mandou rezar todo dia, que tudo que eu quisesse eu ia ter. Mas não foi bem assim. Bem que tentei. Uma vez achei uma linha de pesca, mas sem anzol. Não me adiantava nada sem anzol. Rezei por anzol três ou quatro vezes, mas de algum jeito não funcionou. Até que um dia eu pedi para a srta. Watson pedir por mim, mas ela disse que eu era um tonto. Ela nunca me explicou por quê, e também não consegui entender de jeito nenhum.

Um dia saí e fui para o mato e fiquei só pensando no assunto. Falei comigo mesmo, se a pessoa consegue tudo o que quer rezando, por que o diácono Winn não consegue recuperar o dinheiro que perdeu com os porcos? Por que a viúva não recupera a caixa de rapé de prata que foi roubada? Por que a srta. Watson não engorda? Não, pensei comigo, não adianta nada rezar. Fui falar disso com a viúva, e ela falou que o que pessoa ganhava rezando eram “presentes espirituais”. Isso foi demais para mim, mas ela me explicou o que queria dizer — ter que ajudar as outras pessoas, e fazer o que for possível pelos outros, e cuidar deles o tempo todo, nunca pensar em mim mesmo. Isso incluía a srta. Watson, pelo que entendi. Entrei no mato e revirei isso na cabeça um bom tempo, mas não consegui ver vantagem nenhuma naquilo — exceto para os outros —, de modo que, enfim, acho que não vou mais pensar nisso, só deixar pra lá. Às vezes a viúva me levava para um canto e falava da Providência de um jeito que dava até água na boca, mas no dia seguinte era a srta. Watson que voltava a falar e estragava tudo de novo. Entendi que pelo visto existiam duas Providências, e que o pobre coitado podia ter um espetáculo e tanto pela

Providência da viúva, mas, se fosse pego pela da srta. Watson, ele estava perdido. Pensei bem tudo isso, e acho que prefiro fazer parte da Providência da viúva, se me aceitarem, se bem que não sei como pode ser melhor depois, sendo que sempre fui tão ignorante, tão despujado e tão atacado.

Meu pai não aparecia fazia mais de um ano, e para mim estava bom assim — eu não queria mesmo ver meu pai nunca mais. Ele costumava sempre me bater quando ficava sóbrio e conseguia me agarrar... se bem que eu fugia para o mato, quase sempre, quando ele estava por perto. Bem, nessa época, falaram que ele foi encontrado afogado no rio, uns vinte quilômetros antes da cidade. Acharam que era ele, pelo menos; falaram que o afogado era da mesma altura dele, e todo esfarrapado, e tinha um cabelo muito comprido, que era igualzinho ao do meu pai. Mas não conseguiram ver o rosto, porque estava há tanto tempo dentro d'água que nem parecia mais um rosto, na verdade. Falaram que ele estava boiando de costas no rio. Pegaram e enterraram ele na margem. Mas não fiquei aliviado muito tempo, porque acabei pensando uma coisa. Eu sabia muito bem que afogado não boia de costas, boia de bruços. Aí fiquei sabendo que não era o meu pai, mas uma mulher usando roupa de homem. Então, fiquei incomodado de novo. Achei que o velho ia acabar aparecendo de novo um dia, mesmo que eu não quisesse.

Então brincamos de ladrão por quase um mês, e depois me demiti. Todos os meninos também se demitiram. Não tínhamos roubado ninguém, nem matado nenhuma pessoa, só ficamos fingindo. Costumávamos ficar de tocaia no mato e saltar e atacar os porqueiros e as mulheres levando carroça de hortaliça para a feira, mas nunca prendemos ninguém na caverna. O Tom Sawyer chamava porco de “lingote”, e chamava nabo e verdura de “joias”, e depois íamos para a caverna e ficávamos festejando como índio as nossas proezas, e quantas pessoas tínhamos matado e marcado. Mas eu não vi vantagem nenhuma nisso. Um dia o Tom mandou um menino correr pela cidade com um pedaço de pau pegando fogo, que ele chamou de lema (que era o sinal para o bando se reunir), e depois ele falou que tinha novidades secretas de seus espões, que no dia seguinte todo um lote de mercadores espanhóis e árabes ricos vinha acampar em Cave Hollow com duzentos elefantes, e seiscentos camelos, e mais de mil “mulas de carga”, todas carregadas de diamantes, e eles só tinham quatrocentos soldados na

guarda, de modo que íamos fazer uma emboscada, como ele disse, e matar todo mundo e roubar tudo. Ele falou para prepararmos nossas armas e espadas, e ficarmos prontos. Ele não ia conseguir atacar nem uma carroça de nabos, mas precisava de espadas e armas afiadas para o ataque, apesar de serem pedaços de ripas e cabos de vassoura, e você podia afiar até morrer, que elas não ficavam nem um punhado de cinzas melhor do que antes. Não acreditei que íamos bater naquela multidão de espanhóis e árabes, mas queria ver os camelos e os elefantes, então, no dia seguinte, sábado, fui para a emboscada e, quando ouvimos a ordem, saímos correndo do mato e descemos a colina. Mas não tinha nenhum espanhol nem árabe, e não tinha nenhum camelo nem elefante. Era só um piquenique da escola dominical, e de uma turma de criancinhas ainda por cima. Atacamos o piquenique, e perseguimos as crianças pelo vale, mas não conseguimos nada além de algumas rosquinhas e geleia. Se bem que o Ben Rogers ficou com uma boneca de pano, e o Jo Harper ficou com um hinário e um panfleto; e depois o professor se meteu, e mandou largar tudo e ir embora.

Não vi diamante nenhum, e falei isso para o Tom Sawyer. Ele falou que teriam mulas carregadas deles; e que teriam árabes também, e elefantes e coisas assim. Falei “como é que não vi nada disso então?”. Ele falou que se eu não fosse tão ignorante, mas tivesse lido um livro chamado *Dom Quixote*, eu ia saber sem perguntar. Ele falou que tinha sido um encantamento. Falou que tinha centenas de soldados lá, e elefantes e tesouros e assim por diante, mas nós tínhamos inimigos, que ele chamou de mágicos, e eles tinham transformado tudo em uma turma de crianças da escola dominical, só por despeito. Falei “tudo bem, então tínhamos que ir atrás dos mágicos”. Tom Sawyer falou que eu era um cabeça oca.

— Ora — disse ele —, um mágico pode invocar um monte de gênios, e eles acabam com você antes de você conseguir dizer Jack Robinson. Eles são altos como uma árvore e largos como uma igreja.

— Bem — eu falei —, e se tivéssemos alguns gênios para nos ajudar? Será que não conseguimos derrotar o resto do grupo?

— E como é que você vai arranjar esses gênios?

— Sei lá. Como eles arranjaram os gênios deles?

— Ora, eles esfregam uma lâmpada velha de lata ou um anel de ferro, e aí os gênios aparecem, com trovões e relâmpagos e nuvens de fumaça, e tudo o que mandam o gênio fazer, o gênio faz. Eles não se importam de arrancar uma torre de chaminé pela raiz, e de pendurar nela um superintendente de escola dominical pela cabeça, ou qualquer outro adulto.

— Quem manda eles aparecerem assim?

— Ora, a pessoa que esfrega a lâmpada ou o anel. O gênio pertence à pessoa que esfrega a lâmpada ou o anel, e eles têm que fazer tudo o que a pessoa mandar. Se mandar construir um palácio de setenta quilômetros de comprimento, feito de diamantes, e encher de goma de mascar, ou o que mais você quiser, e buscar a filha do imperador da China para se casar com você, o gênio tem que fazer. E tem que fazer antes do nascer do sol do dia seguinte. E tem mais: eles têm que balançar com esse palácio para lá e para cá até deixar no lugar que você quer, sabe.

— Bem — eu falei —, acho que esses gênios são um bando de idiotas de não ficarem com o palácio para eles em vez de fazer papel de bobo desse jeito. E tem mais o seguinte: se eu fosse um gênio desses, ia preferir ir andando até Jericó, mas não largava os meus afazeres para atender uma pessoa que fica esfregando uma lâmpada velha de lata.

— Até parece, Huck Finn. Ora, você ia ter que vir quando a pessoa esfregasse, querendo ou não.

— O quê?! Sendo eu alto como uma árvore e grande como uma igreja? Está certo, então. Eu ia vir; mas esse sujeito ia ter que subir na árvore mais alta da região.

— Jesus, não adianta falar com você, Huck Finn. De algum jeito, parece que você não entende nada. Que perfeito panaca.

Pensei muito nisso por dois ou três dias, e então acho que quis ver se era verdade. Arranjei uma velha lâmpada de lata e um anel de ferro, e fui para o mato e esfreguei e esfreguei até suar muito, calculando que ia pedir um palácio e depois vender; mas não adiantou nada, não apareceu gênio nenhum. Aí achei que toda aquela conversa era só mais uma das mentiras do Tom Sawyer. Acho que ele acreditava mesmo que eram árabes e elefantes, mas não concordo. Devia ser só uma turma da escola dominical.

4.

Bem, três ou quatro meses passaram correndo, e agora era o meio do inverno. Fui à escola quase todo dia e aprendi a soletrar e ler e escrever um pouco, e decorei a tabuada até seis vezes sete é trinta e cinco, e acho que não ia conseguir ir além disso nem que vivesse para sempre. Nunca gostei de matemática mesmo.

No começo, odiei a escola, mas depois acabei suportando. Sempre que ficava mais cansado, eu faltava, e a surra que eu levava no dia seguinte me fazia bem e me animava. Então quanto mais eu ia à escola, mais fácil foi ficando. Eu já estava quase acostumado com o jeito da viúva, já não estava achando tão ruim. Morar em casa e dormir em cama, em geral, era o mais difícil para mim, mas antes do frio chegar eu escapava e dormia no mato às vezes, então eu tinha algum descanso. Eu preferia o jeito antigo, mas estava me acostumando com o novo também, um pouco. A viúva falou que eu estava indo devagar e sempre, e me saindo um menino muito satisfatório. Ela falou que não tinha vergonha de mim.

Um dia por acaso derrubei o saleiro na mesa do café da manhã. Peguei logo uma pitada para jogar por cima do ombro esquerdo para não dar azar, mas a srta. Watson viu antes e não deixou.

— Tira a mão daí, Huckleberry — falou ela. — Você está sempre fazendo bagunça!

A viúva tentou me defender, mas isso não ia afastar o azar, disso eu sabia muito bem. Saí de casa, depois do café, preocupado e tremendo, pensando onde esse azar ia acabar me pegando, e como ia ser. Existem jeitos de afastar alguns tipos de azar, mas esse não era desse tipo. Então nem tentei fazer nada, só fiquei andando desanimado e atento por aí.

Fui até o jardim da frente e subi na escadinha para atravessar a cerca alta. Tinha dois dedos de neve no chão, e vi as pegadas de alguém. Elas vinham da

pedreira e contornavam a escada, e depois iam até a cerca do jardim. O engraçado é que elas não entravam, depois de dar tanta volta. Não entendi. De algum jeito, aquilo era curioso. Eu já estava começando a seguir as pegadas, mas abaixei para olhar de perto primeiro. No começo, não vi nada, mas depois reparei. Tinha uma cruz no salto da bota esquerda feita com pregos grandes, para afastar o diabo.

No mesmo segundo levantei e desci correndo a colina. De vez em quando, eu olhava para trás, mas não vi ninguém. Fui para a casa do juiz Thatcher o mais depressa que pude.

— Ora, menino, você está quase sem fôlego — disse ele. — Você veio buscar seu dinheiro dos juros?

— Não, senhor — respondi. — Tem algum para mim aí?

— Oh, sim, o rendimento do semestre caiu na noite passada, mais de cento e cinquenta dólares. Uma verdadeira fortuna para você. Seria melhor você deixar eu investir com os seus seis mil, porque, se levar, você vai gastar.

— Não, senhor, não quero gastar. Não quero esse dinheiro, nem quero os seis mil. Quero que o senhor pegue. Quero dar esse dinheiro para o senhor, os seis mil e tudo mais.

O juiz ficou supreso. Achou que não estava entendendo.

— Ora, o que quer dizer com isso, meu garoto?

— Não me faça pergunta sobre isso, por favor. O senhor aceita o dinheiro, não aceita?

— Bem, estou confuso. O que aconteceu de errado?

— Por favor, aceita, e não pergunta nada, assim não vou precisar mentir.

Ele pensou um pouco, aí falou:.

— Oh! Acho que entendi. Você quer me *vender* todos os seus bens, não doar. Essa é a ideia correta.

Então, ele escreveu em um papel e leu para mim.

— Pronto — disse ele. — Você viu que está escrito “para consideração”. Quer dizer que comprei de você e paguei por isso. Aqui está um dólar para você. Agora você assina.

De modo que assinei e fui embora.

O escravo da srta. Watson, o Jim, tinha um bezoar do tamanho de um punho, que tinha sido tirado do quarto estômago de um boi, e ele costumava fazer mágica com aquilo. Ele falava que tinha um espírito dentro do bezoar, e ele sabia de tudo. Então, fui até o Jim naquela noite e contei que o meu pai tinha voltado, porque eu tinha visto as pegadas dele na neve. O que eu queria saber era o que eu ia fazer, e se ele tinha voltado para ficar dessa vez. O Jim pegou o bezoar e falou alguma coisa para ele, e então levantou e soltou no chão. O bezoar era bem sólido, e só rolou dois centímetros. O Jim tentou de novo, e de novo, e o bezoar fez a mesma coisa. O Jim se ajoelhou, pôs o ouvido perto do bezoar e escutou. Mas não adiantou. Ele falou que o bezoar não queria falar. Ele explicou que às vezes o bezoar só falava com dinheiro. Falei que eu tinha só uma velha moeda falsa de vinte e cinco centavos que talvez não servisse porque o latão aparecia um pouco por baixo da prata, e que ninguém ia aceitar, mesmo sem o latão aparecendo, porque estava velha e ensebada, e que todo mundo ia perceber. (Achei melhor não falar nada sobre o dólar que ganhei do juiz.) Falei que era um dinheiro muito ruim, mas talvez o bezoar aceitasse, porque talvez o bezoar não percebesse a diferença. O Jim amassou e mordeu e esfregou a moeda, e falou que ia dar um jeito para o bezoar aceitar. Ele falou que ia cortar uma batata crua e enfiar a moeda no meio e deixar ali a noite inteira, e no dia seguinte não ia dar para ver o latão, e a moeda não ia mais estar tão sebenta, e assim todo mundo na cidade ia aceitar na hora, que dirá um bezoar. Bem, eu já sabia isso da batata, mas tinha esquecido.

O Jim pôs a moeda embaixo do bezoar, e abaixou e escutou de novo. Dessa vez, ele falou que o bezoar estava certo. Falou que o bezoar ia dizer a minha sorte se eu quisesse. Falei para ir em frente. Então o bezoar falou com o Jim, e o Jim contou para mim.

— O pai ainda não sabe o que vai fazer — disse ele. — Ora o pai vai, ora o pai fica. Melhor deixar o pai seguir seu caminho. O pai tem dois anjos em volta. Um é branco brilhante, outro é negro. O anjo branco faz ele ficar certo um pouco, aí vem o anjo negro e estraga tudo. Ninguém sabe qual anjo vai buscar o pai no final. Mas você tá certo. Você vai ter um bocado de aflição na vida, e um bocado de alegria. Ora você vai se machucar, ora você vai ficar doente; mas sempre vai melhorar depois. Você tem duas moças em volta na vida. Uma é clara, outra é

escura. Uma é rica, outra é pobre. Você vai casar primeiro com a pobre, e depois com a rica. Melhor ficar longe da água, e não correr risco, porque tá escrito que você vai morrer enforcado.

Quando acendi a minha vela e fui dormir naquela noite, lá estava o meu pai em pessoa!

5.

Eu tinha trancado a porta. Depois me virei e lá estava ele. Eu costumava ter medo dele o tempo todo, de tanto que ele me tirava o couro. Acho que fiquei com medo de novo, mas um minuto depois vi que estava enganado. Quero dizer, depois do primeiro susto, como se diz, quando fiquei sem ar até, sendo que não estava esperando que ele estivesse ali, mas logo depois que vi ele, percebi que não estava mais com medo na verdade.

Ele tinha passado dos cinquenta, e aparentava. O cabelo estava comprido e desgrenhado e seboso, e escorrido, e dava para ver os olhos dele faiscando atrás do cabelo como se fosse através de uma trepadeira. Estava todo preto ainda, nem um fio grisalho, assim como o bigode, todo emaranhado. O rosto dele não tinha cor, onde aparecia, era branco — não igual o branco como qualquer homem branco, mas um branco de deixar qualquer um com nojo, um branco de arrepiar qualquer um. Um branco de rã, branco de barriga de peixe. Quanto à roupa dele — farrapos e só. Ele estava com um tornozelo apoiado no outro joelho, a bota daquele pé estava furada, e dois dedos ficavam de fora, e de vez em quando ele mexia esses dedos. O chapéu estava no chão, um velho chapéu preto e mole, com a coroa amassada para dentro, que parecia uma tampa.

Fiquei olhando para ele, ele ficou ali olhando para mim, com a cadeira um pouco inclinada para trás. Deixei a vela na mesa. Reparei que a janela estava aberta. Então, ele tinha subido pelo barracão. Ele continuou olhando bem para mim. Até que ele falou:

— Roupa engomada, bem engomada. Você está achando que é grande coisa, não é?

— Talvez sim, talvez não — respondi.

— Não me venha com insolência. Você ficou cheio de frescura desde que fui embora. Vou cortar logo essas suas asas que você vai ver só. Dizem também que

— você está estudado agora, sabe ler e escrever. Você se acha melhor que o seu pai agora, não é, porque ele não sabe? Pois vou é arrancar isso da sua cabeça. Quem disse que você podia se meter com essa besteira empolada? Quem falou que você podia?

— A viúva. Ela falou que eu podia.

— Ah, a viúva, foi? E quem falou que a viúva podia meter a colher onde não foi chamada?

— Ninguém teve que falar nada disso para ela.

— Bem, vou ensinar a viúva a não se meter. E escute aqui, você vai largar essa escola, está me ouvindo? Vou mostrar que não se cria menino insolente para cima do pai, que se acha melhor que o pai. Ah, se eu te pego bobecendo nessa escola, está me ouvindo? A sua mãe também não sabia ler, nem escrever, antes de morrer. Ninguém na família nunca aprendeu. Eu não sei, e aí está você todo cheio de si. Não sou homem de aturar isso, está me ouvindo? Ai de você se eu te pego lendo...

Peguei um livro sobre o general Washington e as guerras e comecei a ler. Depois que li meio minuto, ele deu um tapa no livro, que voou para o outro lado do quarto.

— Então é assim — disse ele. — Você sabe. Não acreditei quando você falou. Mas escute aqui, você pare de frescura. Não vou aceitar isso. Você me paga, seu almofadinha. E se eu te pegar perto dessa escola, arranco o seu couro. Desse jeito, daqui a pouco você vira crente também. Nunca imaginei um filho assim.

Ele pegou uma figura azul e amarela de umas vacas e um menino.

— O que é isso aqui? — perguntou.

— É uma coisa que me deram por ter ido bem na escola.

Ele rasgou.

— Eu vou te dar coisa melhor, vou te dar uma surra.

Ele ficou ali resmungando e rosnando por um minuto.

— Agora você virou mesmo um almofadinha perfumado, não é? Cama, lençol, espelho, tapete no chão, enquanto o seu próprio pai tem que dormir com os porcos no curtume. Nunca imaginei um filho assim. Pode apostar que vou arrancar essas frescuras de você e vai ser já. Ora, é uma petulância sem fim, dizem que você agora está rico. É? Como pode?

— É mentira. Só pode ser.

— Escute aqui, você veja como fala comigo. Já estou tolerando mais do que podia tolerar, então não me venha com insolência. Estou na cidade há dois dias, e só se fala nisso, que você ficou rico. A notícia também chegou rio abaixo. Foi por isso que eu vim. Você vai me dar esse dinheiro amanhã, quero esse dinheiro.

— Não tenho dinheiro nenhum.

— Mentira. Está com o juiz Thatcher. Você vai buscar. Quero esse dinheiro.

— Estou dizendo, não tenho dinheiro nenhum. Pergunta para o juiz Thatcher, ele vai falar a mesma coisa.

— Está certo. Vou perguntar para ele, vou pedir um adiantamento, ou vou descobrir por quê... Ei, quanto você tem aí no bolso? Eu quero.

— Só tenho um dólar, e vou precisar para...

— Não importa para que você quer, passe pra cá.

Ele pegou a moeda e mordeu para ver se era falsa, e depois falou que ia até a cidade atrás de uísque, falou que não tinha bebido nada o dia inteiro. Quando ele já estava no telhado do barracão, enfiou a cabeça pela janela de novo e me xingou de fresco e de querer ser melhor que ele. E, quando achei que ele tinha ido, ele voltou de novo e enfiou a cabeça pela janela e falou para eu não esquecer de largar a escola, porque ele ia me bater e me espancar se eu não largasse.

No dia seguinte, ele estava bêbado, e foi na casa do juiz Thatcher e esbravejou com o juiz, e tentou fazer o juiz dar o dinheiro, mas o juiz não podia, e depois ele jurou que ia fazer a lei obrigar o juiz a dar.

O juiz e a viúva foram pedir para o tribunal me tirar dele e deixar que um deles ficasse com a minha guarda, mas no tribunal tinha um juiz novo que tinha acabado de chegar, e não conhecia o meu pai. Então o juiz novo falou que o tribunal não devia interferir e separar uma família, que ele preferia não tirar uma criança do pai. De modo que o juiz Thatcher e a viúva tiveram que desistir do caso.

Isso deixou meu pai tão satisfeito que ele não parou mais quieto. Falou que ia me bater até eu ficar roxo se eu não levantasse algum dinheiro para ele. Peguei três dólares emprestado do juiz Thatcher, e o meu pai pegou e bebeu, e saiu por aí xingando e gritando e caindo de bêbado, e ficou assim pela cidade, batendo

uma panela de lata, até meia-noite quase. Então prenderam ele, e no dia seguinte levaram ele ao tribunal, e deram mais uma semana de cadeia. Mas ele disse que ficou satisfeito, disse que quem mandava no filho era ele, e que o tempo ia esquentar para mim.

Quando ele saiu, o juiz novo falou que ia fazer do meu pai um novo homem. Então o juiz novo levou o meu pai para morar na casa dele, e vestiu o meu pai, e deixou ele limpo e penteado, e fez o meu pai tomar café e almoçar e jantar com a família dele, e, como se diz, foi uma grande moleza para o meu pai. E depois do jantar ele falou com o meu pai sobre abstinência e essas coisas, até que o meu pai chorou, e falou que tinha sido um louco, e arruinado a própria vida, mas que agora ia virar uma nova página e ser um homem de quem ninguém ia mais ter vergonha, e que esperava que o juiz novo ajudasse e não desistisse dele. O juiz novo falou que queria abraçar o meu pai por aquelas palavras. Então ele chorou, e a esposa chorou de novo, o meu pai falou que nunca tinha sido compreendido na vida até aquele momento, e o juiz novo falou que acreditava. O meu pai falou que um homem que está por baixo precisa de compreensão, e o juiz novo falou que concordava. Então eles todos choraram de novo. E na hora de dormir o meu pai se levantou e estendeu a mão, e falou:

— Vejam isso, senhores e senhoras. Apertem essa mão, apertem. Essa mão era a mão de um porco, mas não é mais. É a mão de um homem que começou uma vida nova, e prefiro morrer a voltar para trás. Escrevam essas palavras, não esqueçam o que eu disse. Esta agora é uma mão limpa. Apertem, não tenham medo.

De modo que eles apertaram, um atrás do outro, e choraram. A mulher do juiz novo beijou a mão do meu pai. Então o meu pai assinou um juramento — e fez a cruz dele. O juiz novo falou que aquele era o momento mais sagrado que ele já tinha visto, ou alguma coisa assim. Depois eles puseram o meu pai em um quarto bonito, que era de hóspedes e no meio da noite ele ficou com muita sede e saltou pelo telhado do alpendre e desceu pela coluna e trocou o paletó novo por uma garrafa de uísque barato, e subiu de volta e fez sua farra. E quando amanheceu ele tornou a se arrastar pela janela, bêbado como um tocador de rabeca, e escorregou do telhado do alpendre e quebrou o braço esquerdo em dois lugares e estava quase morto congelado quando alguém o encontrou depois que o sol

nasceu. E quando foram ver o quarto de hóspedes tiveram que lançar sondas antes de conseguirem navegar ali dentro.

O juiz novo ficou um pouco magoado. Ele falou que, talvez, para regenerar o meu pai, só mesmo com uma espingarda, mas que ele não conhecia nenhum outro jeito.

6.

Bem, logo o meu pai estava de pé e se mexendo de novo, e depois ele foi atrás do juiz Thatcher no tribunal para obrigar o juiz a abrir mão daquele dinheiro, e também atrás de mim por não ter largado a escola. Ele me pegou no flagra algumas vezes e me bateu, mas continuei indo para a escola do mesmo jeito, e consegui escapar dele e quase sempre correr mais que ele. Antes eu nem queria muito ir para a escola, mas agora acho que vou só para contrariar o meu pai. O julgamento no tribunal era demorado — parecia que não ia começar nunca. De modo que de vez em quando eu pedia emprestado ao juiz dois ou três dólares para dar para o meu pai, para não apanhar. Toda vez que ele recebia dinheiro, bebia, e toda vez que ele bebia virava um Caim na cidade; e toda vez que virava um Caim, ele ia preso. Ele estava só sendo ele mesmo — esse tipo de coisa era o certo para ele.

Ele começou a rondar demais a casa da viúva e então ela enfim falou que se ele não parasse de rondar por ali, ela ia criar problemas para ele. Pois bem, ele não era louco? Ele falou que ia mostrar quem mandava em Huck Finn. Então, na primavera, um dia, ele ficou me esperando, e me pegou, e me levou rio acima uns cinco quilômetros em um esquife, e atravessou para a margem do Illinois, em um lugar onde só tinha mata e nenhuma casa, além de uma velha cabana de troncos, no meio de uma mata tão fechada, que só quem sabia onde era encontrava.

Ele ficou de olho em mim o tempo todo, e eu não tive oportunidade de fugir. Ele morava naquela cabana velha, e sempre trancava a porta e pendurava a chave no pescoço à noite. Ele tinha uma arma que acho que era roubada, e nós pescamos e caçamos, e vivemos disso. A toda hora, ele me trancava na cabana e ia até o armazém, a cinco quilômetros dali, até o barco a vapor, e trocava peixe e caça por uísque, e levava para a cabana e bebia e farreava, e me batia. A viúva

acabou descobrindo onde eu estava e mandou um homem me buscar, mas o meu pai expulsou ele com a arma, e não demorou muito para eu acostumar a ficar ali, e a gostar — de tudo, menos das surras.

Era até sossegado e animado, ficar o dia inteiro à vontade, deitado, fumando e pescando, e nada de livro nem estudo. Dois meses ou mais passaram correndo, e a minha roupa virou um trapo sujo, e não entendi mais como eu pude gostar tanto da viúva, onde tinha que tomar banho, e comer em prato, e pentear o cabelo, e dormir e acordar na hora, e se dar ao trabalho de estar sempre lendo um livro, e com a velha srta. Watson amolando o tempo todo. Eu não queria mais voltar para casa. Tinha parado de xingar, porque a viúva não gostava; mas então voltei a xingar porque o meu pai não fazia nenhuma objeção. Foi uma época bem divertida, naquela mata, considerando tudo.

Mas enfim o meu pai acabou exagerando na surra, e não suportei mais. Eu já estava coberto de ferida. Ele começou a ficar muito tempo fora também, e me trancava na cabana. Um dia ele me trancou e ficou três dias fora. Foi uma solidão medonha. Achei que ele tinha morrido afogado, e que eu nunca mais ia conseguir sair da cabana. Fiquei assustado. Resolvi que ia achar um jeito de escapar. Tentei sair daquela cabana muitas vezes, mas nunca consegui. Pela janela, não dava para passar nem um cachorro. Não consegui subir pela chaminé; era muito estreita. A porta era grossa, de pranchas de carvalho maciças. O velho tomava o cuidado de não deixar nenhuma faca nem nada assim na cabana quando ia embora; acho que vasculhei o lugar umas cem vezes. Bem, tudo o que fiz foi procurar, porque era o único jeito de passar o tempo. Mas dessa vez finalmente encontrei uma coisa. Achei um velho serrote enferrujado sem cabo, enfiado entre uma viga e as tábuas do teto. Passei vela no serrote e fui trabalhar. Tinha uma velha manta de sela pregada nas toras no canto da cabana atrás da mesa, para não passar vento pelas frestas e apagar a vela. Fiquei embaixo da mesa e levantei a manta, e comecei a serrar um pedaço da tora perto do chão — um pedaço grande o bastante para eu sair. Bem, foi um trabalho bem demorado, mas eu já estava quase terminando quando ouvi um tiro da arma do meu pai na mata. Disfarcei o meu serviço, abaixei a manta e escondi a serra, e logo o meu pai chegou.

O velho não estava de bom humor — de modo que estava como sempre. Ele falou que tinha ido na cidade, e que tudo tinha dado errado. O advogado falou que achava que ele podia ganhar o processo e ficar com o dinheiro se o caso fosse levado a julgamento, mas só que podia demorar muito tempo, e que o juiz Thatcher sabia como fazer isso. E ele falou que achavam que ia ter outro julgamento para me tirar dele e me dar para a viúva ter a minha guarda, e achavam que dessa vez iam conseguir. Isso me deixou bem abalado, porque eu não queria mais voltar para a viúva e ficar todo comportado e civilizado, como eles dizem. Então o velho começou a xingar, e falar mal de tudo e de todos em quem pensou na hora, e depois xingou de novo todo mundo para ter certeza que não tinha esquecido ninguém, e depois disso ele encerrou com uma espécie xingamento geral de tudo, inclusive uma boa quantidade de gente, que ele não sabia o nome, que ele chamou de fulano-de-tal quando chegou a vez deles, e continuou xingando.

Ele falou que queria ver a viúva me levar. Falou que ia ficar de olho, e que se eles tentassem vir com graça, ele conhecia um lugar a dez ou doze quilômetros dali para me esconder, um lugar que podiam procurar até morrer que nunca iam me encontrar. Isso me deixou outra vez bem preocupado, mas só por um minuto. Eu sabia que não ia estar por ali quando ele tivesse essa oportunidade.

O velho me mandou buscar no esquite as coisas que ele tinha trazido. Era um saco de farinha de milho, e um pedaço de toucinho, munição, e um garrafão de uísque, e um livro velho e dois jornais para fazer enchimento, além de um pouco de estopa. Peguei um pouco para mim, e voltei e sentei na proa para descansar. Pensei bem naquilo tudo, e achei melhor fugir com a arma e algumas linhas, e entrar na mata e correr. Imaginei que não ia ficar em um lugar só, mas ia perambular pela região, quase sempre à noite, e ia caçar e pescar para viver, e ir para tão longe de tudo que nem o meu pai nem a viúva nunca mais iam me achar. Minha ideia era serrar mais um pouco e fugir à noite, se o meu pai ficasse bêbado o suficiente, e eu sabia que ele ia ficar. Pensei tanto nisso que não reparei quanto tempo fiquei ali parado, até que o velho gritou e perguntou se eu tinha dormido ou me afogado.

Levei as coisas para a cabine, e aí já estava quase escuro. Enquanto eu fazia o jantar, o velho deu um ou dois tragos no uísque e começou a esquentar, e

continuou bebendo. Ele já tinha sido um bêbado na cidade, e passava a noite inteira na sarjeta, e era uma atração digna de se ver. Qualquer um pensaria que ele era Adão — puro barro. Sempre que a bebida começava a fazer efeito, ele começava a falar do governo, e não foi diferente dessa vez.

— Vocês chamam isso de governo! Ora, é só olhar para isso e ver o que parece que é. É a lei estabelecida tirando um filho de um homem. Um filho desse homem, que teve todo o trabalho e passou por tanta aflição e tanto gasto para criar esse filho. Sim, agora que esse homem já criou esse filho, finalmente está pronto para o filho trabalhar e começar a fazer alguma coisa por esse homem e dar um pouco de sossego, a lei se levanta e dá as costas para esse homem. E eles chamam isso de governo! E não é só isso, tem mais. A lei fica do lado daquele velho juiz Thatcher e ajuda ele a tirar a minha propriedade. É isso que a lei faz: a lei pega um homem que vale seis mil dólares e uns quebrados, e joga ele dentro de uma espelunca de uma cabana como essa, e faz ele usar roupas que não servem nem para vestir um porco. Eles chamam isso de governo! Com um governo desse, o homem não tem seus direitos respeitados. Às vezes me dá vontade de ir embora daqui de uma vez por todas. Sim, e falei isso para eles; falei na cara do velho Thatcher. Todo mundo lá me ouviu, e sabe o que eu falei. Eu falei, por dois centavos eu ia embora dessa terra desgraçada e nunca mais colocava os pés aqui! Foram essas palavras exatas. Eu falei, olha só o meu chapéu, se você chamar isso de chapéu, se a aba sobe, o resto fica amassado. Vem aqui embaixo no meu queixo, quero dizer que isso não é exatamente um chapéu que se preze, é como se a minha cabeça tivesse enfiada em uma velha cartola desconjuntada. Olha só isso, eu falei, isso é chapéu para mim? Um dos homens mais ricos dessa cidade, se eu tivesse os meus direitos respeitados.

“Oh, sim, que maravilha de governo, maravilhoso. Ora, veja só. Tinha um negro livre de Ohio, um mulato, quase tão branco quanto um branco. Ele usava a camisa mais branca que você já viu na sua vida, também, e o chapéu mais brilhante. E não tinha um homem naquela cidade com roupas tão boas quanto ele, e ele usava relógio de ouro com corrente, e uma bengala com cabo de prata, o nababo grisalho mais horrível do estado. E o que você acha? Diziam que ele era professor em uma universidade, e sabia falar todas as línguas, e sabia tudo. E o pior nem é isso. Falaram que na terra dele ele podia até votar. Bem, para mim

chega. Eu penso o seguinte, o que esse país está virando? Era dia de eleição, e eu estava me preparando para votar, se eu não estivesse bêbado demais para chegar lá, mas quando me falaram que tinha um estado nesse país onde iam deixar aquele negro votar, desisti. Juro que não voto nunca mais. Foram essas as palavras exatas que eu disse, todo mundo ouviu. E o país que apodreça se depender de mim, nunca mais vou votar enquanto eu viver. E só de ver o jeito daquele negro tão à vontade... ora, ele não ia me dar passagem, então tive que empurrar para ele sair da minha frente. Eu falei para todo mundo ali, ora, por que esse *negro* não está no leilão para ser vendido? Era isso que eu gostaria de saber. E o que você acha que eles fizeram? Ora, falaram que ele só podia ser vendido se ficasse no estado por mais de seis meses, e ele não estava lá há tanto tempo. Bem, ora, isso é um exemplo. Eles chamam de governo não poder vender um *preto* livre enquanto ele não ficar seis meses no estado. Esse é um governo que fala que governa, e finge que governa, e pensa que governa, mas tem que esperar seis meses antes de prender um traíçoeiro, criminoso, infernal *crioulo* de camisa branca, e...”

Meu pai estava falando à toa e nem percebeu aonde suas pernas velhas estavam indo, de modo que ele subiu no barril de carne de porco e coçou as duas pernas, e o resto do discurso foi todo no linguajar mais esquentado — principalmente sobre o negro livre e o governo, embora ele xingasse também o barril de vez em quando. Ele ficou saltando muito pela cabana, primeiro em um pé, depois no outro, segurando uma perna e depois a outra, e por fim soltou de repente o pé esquerdo e chutou com força o barril. Mas não foi boa ideia, porque era a bota com dois dedos para fora na frente. Ele deu um uivo de arrepiar os cabelos, e se atirou no barro, e rolou na lama, e esticou os dedos do pé, e os xingamentos que ele xingou batiam com todos os que ele já tinha xingado antes. Depois ele ficou falando dele mesmo. Falou que tinha ouvido os xingamentos do velho Sowberry Hagan no auge, e falou que aquilo tinha passado para ele também, mas acho que só piorou um pouco, talvez.

Depois de jantar, o meu pai pegou a garrafa, e falou que ali tinha uísque suficiente para dois bêbados e um com *delirium tremens*. Ele sempre falava isso. Calculei que ele ia cair de bêbado em uma hora, e depois eu ia roubar a chave, ou serrar mais e fugir, uma coisa ou outra. Ele bebeu e bebeu, e acabou caindo

em cima dos cobertores; mas a sorte não veio para o meu lado. Ele não pegou no sono pesado, mas ficou agitado. Rosnou e gemeu e ficou se revirando para um lado e para o outro por muito tempo. Enfim, fiquei com tanto sono que não conseguia ficar de olhos abertos por mais que tentasse, e assim, antes que eu percebesse que era eu, caí no sono, e a vela ficou acesa.

Não sei quanto tempo dormi, mas de repente ouvi um grito horrível e acordei. Meu pai parecia enlouquecido, e estava pulando sem parar e berrando que tinha cobra em cima dele. Ele falou que elas estavam subindo pelas pernas dele. E aí ele pulou e gritou, e falou que uma cobra tinha picado o rosto dele, mas eu não estava vendo cobra nenhuma. Ele se apavorou e ficou correndo em círculo na cabana, berrando:

— Tira essa cobra de mim! Tira! Ela está mordendo o meu pescoço!

Nunca vi um homem com olhos tão selvagens. Logo ele ficou esgotado, e sentou para tomar fôlego. Depois, deitou e ficou rolando no chão numa agitação medonha, chutando as coisas que estavam em volta, e socando e agarrando o ar com as mãos, e gritando e dizendo que os demônios estavam dominando ele. Ele acabou cansando daquilo, e ficou um pouco parado, gemendo. Então, parou de se mexer totalmente, e não fez mais nenhum som. Eu ouvia as corujas e os lobos lá fora na mata, estava um silêncio terrível. Ele estava deitado perto do canto. Enfim, ele sentou e ficou ouvindo, com a cabeça virada para um lado.

— Tum-tum-tum — falou baixinho. — São os mortos marchando. Tum-tum-tum. Estão vindo me buscar, mas eu não quero ir. Oh, eles chegaram! Não toquem em mim. Não! Tirem suas mãos de mim... que mãos frias! Soltem. Oh, deixem este pobre diabo em paz!

Depois ele ficou de quatro e começou a engatinhar, implorando para deixarem ele em paz, e ele se enrolou no cobertor e se espojou embaixo da velha mesa de pinho, ainda implorando, e começou a chorar. Eu ouvia o choro dele por baixo do cobertor.

Até que ele se arrastou dali e ficou de pé e pulou feito um desesperado, e me viu e veio atrás de mim. Ele me perseguiu com um canivete, correndo pela cabana e me chamando de Anjo da Morte, e falando que ia me matar, e aí não pude fazer mais nada por ele. Implorei e falei que eu era só o Huck, mas ele deu uma gargalhada tão aguda, e esbravejou e xingou, e continuou me perseguindo.

Teve uma hora que virei para me esquivar e ele me prendeu embaixo do braço e me agarrou pela jaqueta, bem no meio das costas, e pensei que ia morrer, mas me livrei da jaqueta rápido como um raio, e me salvei. Logo ele ficou cansado, e desabou encostado na porta, e falou que ia descansar um minuto e depois ia me matar. Ele deitou em cima do canivete, e falou que ia dormir e recuperar as forças, e depois ele ia ver quem era quem.

De modo que logo ele começou a cochilar. Até que peguei a cadeira com o assento rachado e subi nela, sem fazer barulho, e peguei a arma. Puxei o ferrolho para ter certeza que estava carregada, então deixei apoiada no barril de nabos, apontada para o meu pai, e sentei atrás do barril esperando ele se mexer. E como esse tempo passou demorado e arrastado.

7.

— Acorda! O que você está fazendo?

Abri os olhos e olhei em volta, tentando entender onde eu estava. Já era dia, e eu tinha dormido pesado. Meu pai estava em cima de mim com cara de bravo e de ressaca.

— O que você está fazendo com essa arma? — perguntou.

Percebi que ele não ia lembrar o que tinha feito, então eu falei:

— Tinha alguém tentando entrar, então fiquei de tocaia.

— Por que você não me acordou?

— Bem, eu tentei, mas não consegui. Você nem se mexeu.

— Bem, está certo. Não fique aí palavreando o dia inteiro, vá lá fora ver se tem peixe nas linhas para comer. Mais um minuto e já vou também.

Ele destrancou a porta, e eu fui até a margem do rio. Vi pedaços de pau e outras coisas boiando na correnteza, e restos de cascas de árvore. Então descobri que o rio estava começando a encher. Pensei que podia ser bom estar na cidade agora. Eu sempre dava sorte nas cheias de junho, porque, quando começam as cheias, começa a vir lenha boiando e toras de jangadas — às vezes uma dúzia de toras juntas, e tudo o que você tem a fazer é recolher e vender as toras na madeireira ou na serraria.

Segui pela margem do rio com um olho no meu pai e outro no que a cheia podia trazer. Bem, nisso chegou uma canoa, uma canoa linda, de uns quatro metros de comprimento, veloz como um pato na água. Mergulhei de cabeça feito uma rã, de roupa e tudo, e nadei na direção da canoa. Imaginei que tivesse alguém deitado nela, porque as pessoas costumam fazer isso para enganar os bobos, e quando o bobo rema o esquife até perto da canoa, a pessoa se levanta e cai na gargalhada. Mas não foi dessa vez. Era mesmo uma canoa à deriva, e embarquei nela e remei de volta para a margem. Pensei comigo que o velho ia

ficar contente de ver a canoa — devia valer uns dez dólares. Mas, quando cheguei na margem, o meu pai ainda não tinha saído da cabana, e quando eu já estava desviando a canoa por um braço estreito que parecia o rasgo de uma voçoroca, emaranhada de lianas, no meio dos salgueiros, tive outra ideia: achei melhor esconder a canoa, e depois, em vez de fugir pela mata, descer o rio uns oitenta quilômetros e acampar de uma vez, em vez daquela dureza de viver como andarilho.

Eu estava bem perto da cabana, e a toda hora eu pensava que ouvia o velho vindo, mas escondi a canoa, e depois saí e olhei aqueles salgueiros, e lá estava o meu pai, mais adiante na trilha, mirando um passarinho com sua arma. Ele não tinha visto nada.

Quando ele chegou, dei duro para montar um espinhel com vários anzóis. Ele me amolou um pouco por demorar tanto, mas falei que tinha caído no rio, e por isso tinha demorado. Sabia que ele ia ver que eu estava todo molhado, e que ia perguntar. Pescamos cinco bagres e fomos para a cabana.

Descansamos depois de comer, os dois cansados, e comecei a pensar que se eu conseguisse evitar que o meu pai e a viúva tentassem me encontrar, seria mais seguro que confiar na sorte de conseguir chegar longe o suficiente antes que dessem falta de mim, sabe, todo tipo de coisa pode acontecer. Bem, por algum tempo, não consegui pensar em nada, mas enfim meu pai levantou para beber água.

— Próxima vez que vier alguém tentando invadir, você me acorda, está me ouvindo? — falou ele. — Ninguém vem aqui fazer coisa que preste. Eu ia atirar nele. Da próxima vez você me acorda, está me ouvindo?

Depois ele deitou de novo e voltou a dormir, mas o que falou me deu a ideia que eu precisava. Pensei comigo que ninguém ia nem pensar em me procurar.

Por volta do meio-deia, saímos da cabana e fomos até a margem. O rio estava enchendo depressa, e muita madeira vinha descendo com a cheia. Até que veio descendo um pedaço de jangada de tora — nove toras amarradas. Pegamos o esquite e puxamos as toras para a margem. Depois fomos comer. Qualquer pessoa teria esperado acabar o dia para comer, para dar tempo de pegar mais coisas, mas esse não era o estilo do meu pai. Nove toras era o bastante para um dia — ele ia logo até a cidade vender. Então ele me trancou na cabana e pegou o

esquife, e começou a remar puxando a jangada, por volta das três e meia. Calculei que ele não ia voltar mais aquela noite. Esperei até ele ter uma boa dianteira, depois saquei minha serra, e voltei a trabalhar naquela tora. Antes de ele chegar do outro lado do rio eu estava saindo pelo buraco, ele e a jangada dele eram só uma mancha na água bem lá longe.

Peguei o saco de farinha de milho e levei aonde tinha escondido a canoa, e afastei as lianas e os galhos de salgueiro e guardei lá dentro, depois fiz a mesma coisa com o toucinho; depois com a garrafa de uísque. Levei todo café e todo açúcar que tinha, e toda a munição, toda estopa, o balde e a cuia, uma concha e uma caneca de lata, e a minha velha serra e dois cobertores, e a frigideira e a cafeteira. Levei as linhas de pesca e os fósforos e as outras coisas todas — tudo que valesse um centavo. Limpei o lugar. Eu queria um machado, mas não tinha, só o da pilha de lenha, e eu sabia por que ia deixar aquele lá. Peguei a arma, e estava pronto.

Eu tinha sujado o chão um bocado engatinhando para entrar e sair do buraco e levar tantas coisas. Então, tentei disfarçar um pouco do lado de fora espalhando poeira, que cobriu a serragem e o pedaço que faltava. Depois encaixei o pedaço da tora no lugar de novo, e pus duas pedras embaixo e uma apoiando na posição, porque o pedaço era meio torto e não encostava direito no chão. Se você ficasse a um metro, um metro e meio da parede, nem ia perceber que estava serrado se não soubesse — e além do mais, era atrás da cabana, e ninguém ia passar por ali tão cedo.

Dali até a canoa era tudo grama, então não deixei nem rastro. Dei a volta para ver. Parei na margem e olhei para o rio. Ninguém por perto. Peguei a arma e avancei na mata, e fiquei caçando passarinho, até que encontrei um porco selvagem — porco logo vira selvagem quando foge das fazendas da pradaria. Atirei naquele sujeito e levei para o acampamento.

Peguei o machado e arrombei a porta. Bati e rachei um bocado para entrar. Entrei com o porco, e levei para perto da mesa e cortei a garganta dele com o machado, e deixei ele na terra sangrando. Digo terra porque era isso mesmo — barro batido, sem tábua. Bem, depois peguei um saco velho e pus um monte de pedra grande dentro — o máximo que consegui carregar — e deixei o porco ali, e arrastei o saco até a porta e atravessei a mata até o rio e joguei o saco na água,

e o saco afundou e sumiu. Dava para ver que alguma coisa tinha sido arrastada no chão. Queria que o Tom Sawyer estivesse lá — sei que ele ia adorar esse tipo de coisa, e ia acrescentar outros detalhes loucos. Ninguém exagerava como o Tom Sawyer nesse tipo de coisa.

Bem, por fim arranquei um pouco do meu cabelo, e ensanguentei bem o machado, e grudei esses fios na lâmina, e joguei o machado no canto. Depois peguei o porco no colo com a minha jaqueta por baixo (para não escorrer sangue) e levei para longe da cabana e joguei o porco no rio. Então pensei outra coisa. Fui buscar o saco de farinha e a minha serra na canoa, e levei para a cabana. Deixei o saco onde costumava ficar, e fiz um furo no fundo dele com a serra, porque não tinha nenhuma faca nem garfo no lugar — o meu pai fazia tudo com o canivete dele na cozinha. Então, carreguei o saco por uns cem metros pela grama e através dos salgueiros do lado da casa, até um estuário raso que tinha uns dez quilômetros de largura e era cheio de juncos — e de patos também, pode-se dizer, na temporada dos patos. Tinha uma ribanceira ou um córrego do outro lado, que ficava a quilômetros de distância, que levava não sei aonde, mas para o rio é que não era. A farinha escorreu e formou um caminhozinho até o lago. Dexe ali também a pedra de amolar do meu pai, de modo que ia parecer que tinha sido por acaso. Depois amarrei o rasgo do saco de farinha de milho com um barbante, para não vazar mais, e levei de novo de volta para a canoa com a minha serra.

Agora estava quase escuro. Então deixei a canoa no rio embaixo de uns salgueiros que pendiam da margem, e esperei a lua subir. Amarrei a canoa no salgueiro, depois peguei alguma coisa para comer, e enfim deitei na canoa para fumar meu cachimbo e pensar em um plano. Pensei que iam seguir o rastro daquele saco de pedras até a margem e depois iam dragar o rio atrás de mim. E iam seguir o rastro de farinha até o lago e depois iam vasculhar o córrego que saía do lago em busca dos ladrões que me mataram e levaram as coisas. Iam procurar só a minha carcaça morta no rio. Logo iam se cansar, e não iam mais me amolar. Tudo bem, posso parar onde eu quiser. Para mim, a ilha Jackson é um lugar bom o bastante — conheço muito bem ela, e nunca ninguém vai lá. E depois posso remar até a cidade à noite, e me esgueirar por lá e pegar coisas que eu precisar. A ilha Jackson é o lugar certo.

Eu estava muito cansado, e quando vi tinha caído no sono. Quando acordei não sabia onde estava por um minuto. Sentei e olhei ao redor, um pouco assustado. Depois lembrei. O rio parecia ter quilômetros e quilômetros de largura. A lua estava tão brilhante que eu podia contar as toras que vinham boiando e passando por mim, pretas e paradas, a centenas de metros da margem. Estava um silêncio mortal, e parecia muito tarde, e tinha *cheiro* de muito tarde. Você sabe o que quero dizer — não sei como colocar em palavras.

Bocejei e me espreguicei bem, e estava prestes a continuar quando ouvi um som ao longe sobre a água. Prestei atenção. Logo descobri o que era. O som surdo e repetido que vem de remos girando nas forquetas em uma noite silenciosa. Espiei através dos ramos de salgueiro, e lá estava — um esquife, ao longe, sobre a água. Não dava para ver quantas pessoas vinham dentro. O esquife continuou se aproximando, e quando estava bem perto de mim vi que tinha só um homem dentro. Achei que talvez fosse o meu pai, se bem que eu não esperava por ele tão cedo. Ele passou por mim na correnteza, e aos poucos chegou balançando até a margem, pelo raso, e passou tão perto que eu podia ter apontado a arma e encostado nele. Bem, era o meu pai, com certeza — e sóbrio, ainda por cima, pelo jeito que mexia os remos.

Não perdi mais tempo. No minuto seguinte eu já estava descendo a correnteza, sem pressa mas rapidamente na sombra da margem. Percorri uns quatro quilômetros, e depois remei mais meio quilômetro até o meio do rio, porque logo eu ia chegar no ancoradouro, e as pessoas iam me ver e cumprimentar. Saí do meio da madeira que descia boiando, e depois deitei no fundo da canoa e deixei que ela fosse sozinha.

Fiquei ali deitado, e descansei bem e fumei meu cachimbo, olhando para o céu, sem nenhuma nuvem. O céu parece mais profundo quando você deita de costas embaixo do luar — eu nunca tinha visto isso antes. E como dá para ouvir de longe na água em noites como aquela! Ouvi gente conversando no ancoradouro. Ouvi até o que estavam falando — palavra por palavra. Um homem falou que os dias estavam ficando compridos agora, e as noites curtas. O outro falou que aquela noite não ia ser das curtas, ele achava — e então eles deram risada, e ele repetiu, e deram risada de novo; depois acordaram outro sujeito e falaram a mesma coisa, e deram risada, mas esse sujeito não riu; ele falou algo brusco, e

mandou deixarem ele em paz. O primeiro sujeito falou que queria logo falar isso para sua velha — ela ia gostar muito dessa, mas ele falou que nem se comparava às coisas que falava quando era moço. Ouvi um homem falar que eram quase três horas, e que ele esperava que a luz do dia agora não fosse demorar uma semana para chegar. Depois disso, a conversa foi ficando cada vez mais longe, e eu já não conseguia entender as palavras, mas dava para ouvir o burburinho, e de vez em quando uma risada, também, mas parecia longe demais.

Eu estava muito abaixo do ancoradouro agora. Levantei, e lá estava a ilha Jackson, uns quatro quilômetros rio abaixo, cheia de árvores altas e destacada no meio do rio, grande e escura e sólida, como um barco a vapor sem luz. Não havia nem sinal da barra à minha frente — a barra estava embaixo d'água agora.

Não demorei muito para chegar lá. Passei pela entrada da barra com boa velocidade, a correnteza estava forte, e então cheguei na água parada e parei no lado da ilha que dava para a margem de Illinois. Avancei com a canoa para dentro de um oco profundo que eu conhecia na margem — tive que afastar os ramos de salgueiro para entrar, e quando atraquei ninguém ia conseguir ver a canoa por fora.

Subi para a terra firme e parei em cima de um tronco na entrada da barra, e olhei para o rio enorme e a madeira escura sendo levada embora até a cidade, a uns cinco quilômetros dali, onde só dava para ver três ou quatro luzes piscando. Uma barca medonha da madeireira estava a menos de dois quilômetros rio acima, descendo, com uma lanterna acesa bem no meio. Fiquei assistindo a barca se arrastar, e quando ela chegou bem perto de onde eu estava ouvi um homem.

— Remos de popa, agora! Empinem a proa a estibordo! — Ouvi isso com uma clareza que era como se o homem estivesse do meu lado.

Tinha um pouco de cinza no céu agora, então, entrei na mata, e me deitei para cochilar antes do café da manhã.

8.

O sol estava tão alto quando acordei que achei fosse mais de oito horas. Fiquei ali deitado na grama, na sombra fresca, pensando nas coisas, e me senti descansado e até confortável e satisfeito. Dava para ver o sol por um ou dois buracos, mas era quase só árvores em volta, e era escuro no meio delas. No chão, alguns lugares ficavam malhados de luz que escorria pelas folhas, e esses lugares malhados mudavam de lugar, mostrando que lá no alto soprava uma brisa. Dois esquilos pararam em um galho e tagarelaram comigo como amigos.

Eu estava bem preguiçoso e à vontade — não queria levantar para fazer café. Bem, eu estava outra vez cochilando quando pensei ter ouvido um som grave, “bum!”, rio acima. Levantei, fiquei apoiado no cotovelo ouvindo, logo ouvi de novo. Fiquei de pé, e fui ver o que era pelo buraco na folhagem, e vi um monte de fumaça em cima da água lá longe — quase lá no ancoradouro. E a barca cheia de gente vinha descendo. Então, entendi o problema. ‘Bum!’ Vi a fumaça branca jorrar da barca. Sabe, eles estavam disparando com o canhão na água, para ver se a minha carcaça aparecia.

Eu estava com muita fome, mas não podia fazer fogueira, porque eles iam ver a fumaça. Então, fiquei ali assistindo a fumaça do canhão e ouvindo os estouros. O rio lá tinha quase dois quilômetros de largura, e sempre estava bonito nas manhãs de verão — de modo que ia até ser bom ficar vendo eles procurando os meus restos mortais se eu tivesse alguma coisa para comer. Bem, então lembrei que as pessoas sempre colocavam mercúrio dentro do pão e punham no rio para boiar, porque o pão vai sempre aonde a carcaça afogada está e para na posição. De modo que, pensei, vou ficar de tocaia, e se algum pão vier até onde eu estou, vou pegar. Fui até o lado da ilha que dá para Illinois, para ver se dava mais sorte, e não me decepcionei. Um filão duplo veio boiando, e eu quase consigo pegar com um pau comprido, mas meu pé escorregou e o filão seguiu em frente. Claro

que eu estava no ponto onde a correnteza chegava mais perto da margem — dessas coisas pelo menos eu entendia. Mas dali a pouco veio outro, e dessa vez eu consegui. Tirei a rolha e sacudi o filão para a gotinha de mercúrio sair, e cravei meus dentes. Era “pão de padeiro” — uma verdadeira iguaria, não aquelas broas de milho de quinta categoria.

Escolhi um bom lugar no meio da folhagem e sentei em um tronco, mastigando o pão e observando a barca, e muito satisfeito. E de repente percebi uma coisa. Pensei, a viúva ou o pastor ou alguém devia ter rezado para esse pão me encontrar, e ali estava o pão comigo e ele tinha mesmo me encontrado. De modo que devia ter alguma coisa nessa história — quero dizer, quando alguém como a viúva ou o pastor reza, funciona, mas comigo nunca, e acho que só funciona mesmo com o tipo certo de pessoa.

Acendi o cachimbo e fumei bem e bastante, e continuei de tocaia. A barca vinha com a correnteza, e calculei que ia conseguir ver quem estava a bordo quando passasse, porque ela ia passar bem perto, seguindo o filão de pão. Quando a barca veio vindo na minha direção, apaguei o cachimbo e fui até a margem onde eu tinha pescado o pão, e deitei atrás de um tronco, em um trecho com uma pequena abertura. Onde o tronco bifurcava, eu podia espiar.

Até que a barca chegou, e veio tão perto que eles podiam apoiar uma prancha e andar para terra firme. Quase todo mundo estava a bordo. O meu pai, o juiz Thatcher, a Bessie Thatcher, e o Jo Harper, e o Tom Sawyer, a velha tia dele, Polly, e o Sid e a Mary, e muitas outras pessoas. Todo mundo estava falando do assassinato, mas o capitão interrompeu:

— Agora procurem com atenção; a correnteza passa o mais perto da margem nesse trecho, e talvez ele tenha sido arrastado para terra firme e ficou enroscado nas moitas perto da água. Pelo menos, essa é minha esperança.

Essa não era a minha esperança. Eles se amontoaram e se inclinaram na amurada, quase na minha cara, e continuaram assim, vigiando com todas as forças. Eu conseguia ver todo mundo, mas eles não conseguiam me ver.

— Afastem-se agora! — ordenou o capitão, e o canhão disparou outro tiro bem na minha frente que me deixou surdo com o barulho e quase cego com a fumaça, e achei que ia morrer. Se a bala tivesse estilhaço, acho que eles iam acabar encontrando o cadáver que estavam procurando.

Bem, vi que não estava machucado, graças a Deus. A barca passou e sumiu de vista contornando a ilha. Ouvei mais alguns tiros, cada vez mais longe, até que depois de uma hora não ouvi mais. A ilha tinha quase cinco quilômetros de comprimento. Calculei que tinha passado a barra, e já estavam desistindo. Mas eles continuaram mais um pouco. Contornaram a barra e seguiram pelo canal do lado do Missouri, a todo vapor, e atirando de vez em quando no caminho. Atravessei para aquele lado e continuei assistindo. Quando eles passaram pela ilha, pararam de atirar e foram para a margem do Missouri e depois voltaram para a cidade.

Sabia que agora estava tudo bem para mim. Ninguém mais ia vir me procurar. Tirei as coisas da canoa e fiz um bom acampamento no meio da mata. Armei uma espécie de tenda com os cobertores para deixar as coisas embaixo, assim a chuva não ia molhar. Pesquei um bagre e abri com a serra, e quando escureceu acendi minha fogueira e jantei. Depois armei uma linha para pescar alguma coisa para o café de amanhã.

Quando ficou noite, sentei perto da fogueira fumando, e fiquei bastante satisfeito, mas enfim foi ficando solitário ali, então levantei e sentei na margem ouvindo a correnteza barulhenta, e contei estrelas e troncos e jangadas que desciam, e depois fui dormir. Não existe nada melhor para passar o tempo quando se está sozinho, quando você não aguenta mais, logo passa.

E assim foi por três dias e três noites. Nenhuma diferença — sempre a mesma coisa. Mas no outro dia fui explorar a ilha. Eu era o patrão, tudo ali era meu, digamos assim, e queria descobrir tudo o que tinha ali. Mas principalmente eu queria passar o tempo. Achei muitos morangos, maduros e perfeitos, e uvas verdes do verão, e framboesas verdes, e as amoras verdes estavam começando a aparecer. Elas todas iam acabar servindo, achei.

Bem, fui andando à toa pela mata fechada até que achei que não estava longe da ponta da ilha. Estava com a arma, mas ainda não tinha atirado em nada — era mais para proteção. Pensei que ia acabar caçando alguma coisa na volta para o acampamento. Mais ou menos nessa hora quase pisei em uma cobra grande, e ela fugiu deslizando pela grama e pelas flores, e eu atrás dela, tentando atirar. Corri atrás dela, e de repente deparei com as cinzas de uma fogueira que ainda soltava fumaça.

Meu coração quase saiu pela boca. Não esperei para ver mais nada, mas destravei a arma e voltei na ponta dos pés o mais rápido que consegui. De vez em quando eu parava um segundo no meio da folhagem e tentava ouvir alguma coisa, mas a minha respiração estava tão ofegante que não dava para ouvir nada. Avancei mais um pouco, depois parei de novo para ouvir, e assim por diante, várias vezes. Se eu via um toco, achava que era um homem; se pisava em um graveto e quebrava, eu me sentia como se alguém tivesse cortado meu fôlego pela metade, e só tivesse ficado com metade, e a metade menor, ainda por cima.

Quando cheguei no acampamento, minha ousadia tinha passado, não tinha mais toda aquela coragem, mas, pensei, não é hora de perder tempo. Então pus todas as minhas coisas na canoa de volta para que ninguém visse, e apaguei a fogueira e espalhei as cinzas para parecer um acampamento do ano passado, e então subi numa árvore.

Acho que fiquei nessa árvore duas horas, mas não vi nada. Não ouvi nada — só *pensei* ouvir e ver umas mil coisas. Bem, eu não ia poder ficar lá para sempre, então acabei descendo, mas continuei na mata fechada e de tocaia o tempo inteiro. Só consegui comer aquelas frutinhas e o que tinha sobrado do café da manhã.

Quando anoiteceu, eu estava com muita fome. Então quando ficou fresco e escuro, me esgueirei até a margem antes que a lua aparecesse e remei até a margem do lado de Illinois — quase meio quilômetro. Entrei na mata e preparei o jantar, e estava quase decidido a passar a noite inteira ali quando ouvi um *pocotó, pocotó*, e pensei comigo, lá vêm cavalos. E depois ouvi vozes de gente. Pus outra vez tudo na canoa o mais depressa que consegui, e então me arrastei pela mata para tentar ver o que era. Eu não tinha ido muito longe quando ouvi um homem.

— Melhor acamparmos aqui, se encontrarmos um bom lugar. Os cavalos estão quase mortos. Vamos dar uma olhada.

Não esperei, mas zarpei e remei para longe dali. Atraquei no ponto de antes, e pensei que podia dormir na canoa.

Não dormi muito. Não conseguia, de jeito nenhum, de tanto pensar. E toda vez que eu acordava achava que tinha alguém me agarrando pelo pescoço. De modo que dormir não me fez nada bem. Até que pensei que não podia viver assim. Vou

descobrir quem está na ilha comigo, ou eu descubro ou vou embora. Bem, já comecei a me sentir melhor.

Então peguei meu remo e me afastei da margem um ou dois passos, e deixei a canoa deslizar no meio das sombras. A lua estava brilhando, e fora das sombras estava quase tão claro como o dia. Fiquei à toa, sem pressa, quase uma hora assim, tudo parado como se fosse de pedra e em sono profundo. Bem, nessa altura, eu estava quase na ponta da ilha. Uma brisa fresca, franzindo a água, começou a soprar, e isso era o mesmo que dizer que a noite estava acabando. Com o remo, desviei a canoa para a margem, depois peguei a arma e desci em terra firme e fui até a borda da mata. Sentei ali em um tronco e fiquei olhando através das folhas. Vi a lua encerrar sua vigia, e a escuridão puxar seu cobertor sobre o rio. Mas pouco tempo depois vi um facho branco nas copas das árvores, e vi que o dia estava chegando. Então peguei a arma e tentei me esgueirar até o lugar onde eu tinha visto a fogueira, parando a cada minuto ou dois para ouvir. Mas não dei sorte, não conseguia achar o lugar. Até que uma hora, sem dúvida, vi um lampejo de fogo entre as árvores. Fui atrás, devagar e com cuidado. Enfim, cheguei perto o bastante para olhar, e lá estava um homem deitado no chão. Quase tive um faniquito. Ele estava com um cobertor na cabeça, e a cabeça quase encostava no fogo. Sentei atrás de uma moita, a menos de dois metros dele, fiquei de olho. O céu estava cinza da madrugada agora. Logo ele bocejou e se espreguiçou e tirou o cobertor, e era o Jim da srta. Watson! Pode apostar que fiquei contente.

— Olá, Jim! — falei, saí da moita.

Ele se levantou depressa e me olhou assustado. Depois ele ficou de joelhos e juntou as mãos.

— Não me bate, não! Nunca fiz mal a fantasma nenhum. Sempre gostei dos mortos, sempre fiz o que pude pelos mortos. Vai, volta para o rio, que é o seu lugar, e não faz mal ao velho Jim, que sempre foi seu amigo.

Bem, não demorou para ele entender que eu não estava morto. Fiquei muito contente em ver o Jim. Agora eu não estava mais sozinho. Falei que eu não tinha medo que ele contasse onde eu estava. Expliquei, mas ele só ficou ali me olhando, sem dizer nada.

— Já está claro. Vamos tomar café da manhã — disse eu. — Põe mais lenha na fogueira.

— Fazer fogueira para cozinhar morango e essas coisas? Ah, mas você tem arma, não tem? Então dá para conseguir coisa melhor que morango.

— Morango e essas coisas... — falei. — É isso que você está comendo?

— Não tinha mais nada — respondeu.

— Ora, quanto tempo faz que você está na ilha, Jim?

— Vim à noite depois que mataram você.

— Ora, faz tanto tempo assim?

— É, faz tempo.

— E você não comeu mais nada além dessas coisas?

— É, mais nada.

— Bem, você deve estar morto de fome, não está?

— Acho que eu podia comer um cavalo inteiro. Acho que conseguia. Quanto tempo faz que você está na ilha?

— Desde a noite em que me mataram.

— Não! Oh, comendo o quê? Ah, você tem arma. Que bom. Vai caçar que eu cuido da fogueira.

Então, fomos até a canoa, e enquanto ele fazia uma fogueira em uma clareira de grama no meio das árvores, peguei a farinha e o toucinho e o café, e a cafeteira e a frigideira, e o açúcar e as canecas de lata, e o escravo ficou espantado, porque ele achou que aquilo só podia ser bruxaria. Pesquei um bagre grande também, e o Jim limpou o bagre com a faca dele, e depois fritou.

Quando a comida ficou pronta, sentamos na grama e comemos ainda bem quente. O Jim comeu com gosto, pois estava quase morto de fome. Depois que ficamos bem cheios, deitamos e descansamos.

— Mas, Huck, então quem foi que mataram naquela cabana se não foi você? — quis saber Jim.

Então contei tudo, e ele falou que fui esperto. Ele falou que nem o Tom Sawyer ia bolar um plano melhor que aquele.

— Como você veio parar aqui, Jim? E como você chegou na ilha? — perguntei.

Ele ficou incomodado, e não falou nada por um minuto.

— É melhor eu não falar nada.

— Por quê, Jim?

— Bem, tenho meus motivos. Mas você não vai me entregar, não é, Huck?

— Claro que não, Jim.

— Bem, eu acredito, Huck. Eu... eu fugi.

— Jim!

— Mas lembra que você falou que não vai me entregar, você sabe que falou que não vai, Huck.

— Bem, não vou. Falei que não ia, e não vou. Palavra de honra. Iam me chamar de maldito abolicionista e iam me desprezar por não entregar você, mas não importa. Não vou entregar, e também não vou mais voltar para lá. Então agora quero saber tudo.

— Bem, sabe, foi o seguinte. A senhora, quer dizer, a srta. Watson, ela implica comigo o tempo todo, e me trata muito mal, mas falou que não ia me vender em Orleans. Mas vi esses tempos um comprador de escravo rondando a casa, e ouvi ele falar, e ouvi a senhora falar para viúva que ia me vender em Orleans, mas ela não quis, mas ia ganhar oitocentos dólares por mim, que era um dinheiro que ela não podia resistir. A viúva tentou fazer ela não vender, mas nem esperei para ouvir o resto da história. Saí correndo, isso sim.

“Desci correndo a colina, queria roubar um esquife na margem do rio, passando a cidade, mas tinha gente ainda, então me escondi na tanoaria abandonada para esperar todo mundo ir embora. Bem, isso levou a noite inteira. Sempre tinha alguém por perto. Até que umas seis da manhã os esquifes começaram a sair e, umas oito ou nove, todos esquifes que passavam estavam falando que o seu pai apareceu na cidade falando que você estava morto. Os últimos esquifes estavam cheio de senhoras e senhores indo ver o lugar. Às vezes eles paravam na margem para descansar antes de atravessar, e assim fiquei sabendo da sua morte. Fiquei muito triste que você morreu, Huck, mas agora não estou mais.

“Fiquei ali no meio dos cavacos o dia inteiro. Estava com fome, mas não estava com medo, porque eu sabia que a senhora e a viúva iam sair para o encontro da igreja depois do café da manhã e iam ficar fora o dia inteiro, e elas sabem que levo o gado logo que amanhece o dia, então não iam mesmo me

encontrar por lá aquela hora, e só iam dar falta de mim à noitinha. Os outros empregados não iam nem peceber, porque iam folgar assim que as senhoras saíssem.

“Bem, quando escureceu segui pelo caminho do rio e continuei mais uns três quilômetros até onde não tem mais casa. Decidi o que eu ia fazer. Sabe, se eu continuasse andando, os cachorros iam seguir o meu rastro. Se eu roubasse um esquife para atravessar, iam dar falta do esquife, sabe, e iam saber que eu estava do outro lado, e iam achar meu rastro. Então, pensei que precisava de uma jangada, porque jangada não deixa rastro.

“Avistei uma lanterna lá no meio do rio, então entrei na água e agarrei um tronco que veio boiando e nadei até o meio do rio, e me escondi no meio da madeira boiando, e fiquei com a cabeça baixa, e nadei contra a corrente até chegar na jangada. Depois, nadei até a popa e me atraquei nela. O céu fechou e ficou bem escuro por um tempo. Então embarquei e deitei nas tábuas. Os homens estavam bem para lá do meio do rio, era isso a lanterna. O rio estava enchendo, e a correnteza estava forte. Achei que pensei que de manhã eu ia estar uns quarenta quilômetros rio abaixo, e lá eu ia sair antes de amanhecer e nadar para a terra firme, e sumir nas matas do lado de Illinois.

“Mas dei azar. Quando eu estava quase passando a ponta da ilha, um homem veio com a lanterna, e vi que não adiantava esperar, de modo que saltei da jangada e nadei até a ilha mesmo. Bem, achei que ia ser fácil subir em qualquer lugar da ilha, mas não foi, a ribanceira é muito em pé. Só quase passando da ilha achei um lugar para montar nela. Entrei na mata e achei que não ia mais precisar de jangada, porque as lanternas sumiram. Eu estava com o meu cachimbo e um rolo de fumo, e alguns fósforos no chapéu, que não tinham molhado, então eu estava bem.”

— Quer dizer que você não comeu carne nem pão esse tempo todo? Por que você não comeu cágado?

— Como eu ia pegar cágado? Você não acha e pega cágado assim... e como eu ia rachar o cágado com uma pedra à noite? E eu não podia aparecer na margem de dia.

— Bem, isso é verdade. Você tinha que ficar dentro da mata o tempo todo, claro. Você ouviu o canhão?

— Oh, ouvi, sim. Eu sabia que estavam procurando você. Eu vi eles passando aqui, fiquei de tocaia na moita.

Alguns filhotes de passarinho apareceram, voando um ou dois metros de cada vez e pousando. O Jim disse que era sinal de chuva. Ele falou que era sinal de chuva quando os pintinhos de galinha voavam assim, e ele achava que era a mesma coisa com passarinho filhote. Quis pegar alguns, mas o Jim não deixou. Ele falou que era fatal. Falou que o pai dele ficou muito doente uma vez, e eles foram pegar um passarinho, e a avó falou que o pai ia morrer, e ele morreu mesmo.

E o Jim falou que não podia contar as coisas que você faz para comer, porque isso dava azar. A mesma coisa sacudir a toalha da mesa depois que escurece. E ele falou que se um homem tem uma colmeia e esse homem morre, as abelhas precisam ser avisadas antes do nascer do sol do dia seguinte, do contrário as abelhas todas ficam fracas e param de trabalhar e morrem. O Jim falou que abelha não pica idiota, mas não acreditei nisso, porque provoquei muita abelha, e elas nunca me picavam.

Eu já tinha ouvido algumas dessas coisas antes, mas não todas. O Jim conhece todos os sinais de coisas. Falou que conhece praticamente tudo. Falei que parecia que todos os sinais eram de azar, então perguntei se não tinha nenhum sinal de sorte.

— Muito pouco — falou ele — e não servem para nada. Por que você vai querer saber se a sorte está vindo? Para afastar ela? Se você tem pelo no braço e pelo no peito, é sinal que vai ficar rico. Bem, esse sinal serve para alguma coisa? Porque vai demorar muito. Sabe, talvez você fique pobre ainda por muito tempo, e começa a perder a esperança e se mata, se não sabe o sinal de que vai ficar rico algum dia.

— Você tem pelo no braço e pelo no peito, Jim?

— Que pergunta é essa? Você não está vendo que eu tenho?

— Bem, e você está rico?

— Não, eu já fui rico, e vou ser rico de novo. Eu tive catorze dólares, mas investi e perdi.

— Você investiu onde, Jim?

— Bem, primeiro investi em gado.

— Que gado?

— Ora, cabeça de gado, gado, sabe. Pus dez dólares numa vaca. Mas não invisto mais em gado. A vaca morreu.

— Então você perdeu os dez dólares.

— Não, não perdi nada. Só perdi uns nove. Vendi o couro por um dólar e dez centavos.

— Sobraram então cinco dólares e dez centavos. Você investiu mais?

— Investi. Sabe aquele escravo pernetá do velho Bradish? Bem, ele montou um banco, e falou que quem puser um dólar vai ganhar cinco depois de um ano. Bem, todos os escravos entraram, mas não era muito dinheiro. Eu não quis investir mais que quatro dólares, e falei que se não ganhasse de volta os meus dólares ia montar um banco eu mesmo. Bem, claro que aquele escravo não quer que eu faça o meu banco, porque ele falou que não tem dinheiro suficiente para dois bancos, de modo que ele falou para eu investir meus cinco dólares e ia me pagar trinta e cinco depois de um ano.

“Então investi para ter esses trinta e cinco dólares e a coisa dar certo. Era um escravo chamado Bob, que tinha roubado uma barca de lenha, sem o senhor saber. E comprei dele e falei para ele ficar com os trinta e cinco dólares no final do ano, mas alguém roubou a barca de lenha naquela noite, e no dia seguinte o escravo pernetá falou que o banco tinha fechado. Então não deram dinheiro nenhum a ninguém.

— O que você fez com os dez centavos, Jim?

— Bem, eu ia acabar gastando, mas tive um sonho, e o sonho me falou para dar para um escravo chamado Balaão, chamam ele de Jumenta. Ele é um desses retardados, sabe. Mas tem sorte, dizem, e eu sabia que eu não tinha sorte. O sonho falou para deixar o Balaão investir os dez centavos e ele ia fazer o dinheiro crescer. Bem, o Balaão pegou o dinheiro, e quando ele estava na igreja ouviu o pastor dizer que quem dá aos pobres empresta a Deus, e que isso fazia o dinheiro voltar cem vezes. De modo que o Balaão deu os dez centavos para os pobres, e se abaixou para ver o dinheiro voltar cem vezes.

— Bem, e o dinheiro voltou cem vezes mais, Jim?

— Nunca saiu nada dali. E não ia dar para eu pegar o dinheiro de volta, nem o Balaão. Não vou dar mais dinheiro nenhum sem alguma segurança. Dinheiro que

volta cem vezes mais, o pastor falou! Se eu conseguisse só os meus dez centavos de volta, já estava bom, eu ia me dar por satisfeito.

— Bem, de todo jeito está tudo bem, Jim, porque você vai ficar rico de novo alguma hora.

— Vou, eu estou rico já, vem ver. Sou dono de mim, e eu valho oitocentos dólares. Quem dera eu tivesse esse dinheiro, não ia querer mais nada.

9.

Eu queria dar uma olhada naquele lugar bem no meio da ilha que eu tinha encontrado quando estava explorando. Então fomos e logo chegamos lá, porque a ilha tinha menos de cinco quilômetros de comprimento e menos de meio de largura.

Esse lugar era uma colina ou uma serra um tanto comprida, íngreme, de uns doze metros de altura. Foi duro chegar lá em cima, a encosta era muito empinada e as moitas eram muitas. Fomos pisando firme e escalando para subir, até que achamos uma caverna grande na pedra, quase no topo, voltada para Illinois. A caverna era do tamanho de dois ou três quartos juntos, e o Jim conseguia ficar de pé lá dentro. Era fresco. O Jim quis levar todas as nossas coisas logo para lá, mas falei que não ia ser bom ficar subindo e descendo tudo aquilo toda hora.

O Jim falou que se escondêssemos bem a canoa, e guardássemos as coisas todas na caverna, podíamos subir correndo sempre que alguém estivesse vindo para a ilha, e eles nunca iam nos encontrar sem cachorro. E, além do mais, ele falou que os passarinhos eram sinal de chuva, e eu não ia querer molhar as coisas, certo?

Então voltamos e pegamos a canoa, e remamos até a altura da caverna, e subimos com todas as tralhas lá para cima. Depois procuramos um lugar próximo para esconder a canoa, no meio de muitos salgueiros. Pescamos um pouco com as linhas e depois deixamos mais iscas, e começamos a preparar o jantar.

A entrada da caverna era grande o bastante para rolar um barril, e de um lado da entrada o chão era um pouco mais alto e plano, e era um bom lugar para fazer uma fogueira. Então, acendemos uma ali mesmo e fizemos a comida.

Esticamos os cobertores no chão como um tapete, e comemos ali dentro. Pusemos todas as coisas no fundo da caverna. Logo escureceu, e começou a

trovejar e relampejar — os passarinhos tinham razão. Na mesma hora, caiu a chuva, uma chuva furiosa, e nunca vi um vento daquele antes. Foi uma dessas tempestades de verão. Ficou tão escuro que lá fora parecia tudo preto azulado, e bonito. E a chuva batia tão grossa que as árvores tortas pareciam apagadas e cobertas de teias de aranha, e aí uma ventania dobrou as árvores e virou as folhas mostrando seu lado mais pálido. E então uma rajada arrasadora veio e fez os galhos balançar os braços como se estivessem loucos e depois, quando estava tudo no máximo de azul e de preto — FSSST! Um clarão glorioso, e deu para ver um lampejo das copas mergulhadas lá longe no meio da tempestade, centenas de metros além do que dava para ver antes, e no segundo seguinte estava escuro como o pecado, e agora você ouvia um trovão desabar com um estrondo terrível, e depois ficar roncando, resmungando, rolando o céu em cima do mundo, como barris vazios escada abaixo — quando a escada é alta, eles pulam um bocado, sabe?

— Jim, estou gostando daqui — falei. — Não quero ir para nenhum outro lugar. Agora me passe outro pedaço de peixe e um pouco mais de broa de milho.

— Bem, você não queria vir, se não fosse o Jim aqui. Você ia estar lá embaixo na mata sem comida, e morrendo afogado, isso sim, meu amigo. Filho de galinha sabe quando vem chuva, e de passarinho também, meu filho.

O rio não parou mais de encher por dez ou doze dias, até cobrir as margens. Na ilha a água subiu um metro, um metro e meio nos trechos mais baixos e no lado de Illinois. Naquele lado, o rio ficou quilômetros e quilômetros mais largo, mas do lado do Missouri a distância continuou a mesma — pouco mais de um — porque a margem do Missouri era uma muralha de ribanceiras altas.

Durante o dia remamos pela ilha toda de canoa, estava bem fresco e sombreado na mata fechada, mesmo com o sol forte lá fora. Fomos entrando e saindo do meio das árvores, e às vezes tinha tantos cipós emaranhados que tínhamos que voltar e seguir por outro caminho. Bem, em todas aquelas árvores velhas derrubadas, você via coelhos e cobras e esse tipo de coisa. E depois de um ou dois dias na ilha inundada, eles ficaram tão mansos, com fome, que você podia remar até eles e passar a mão se quisesse, mas não nas cobras e nos cágados — esses fugiam para dentro d'água. A serra onde ficava a nossa caverna estava cheia deles. Podíamos ter vários animais de estimação, se quiséssemos.

Uma noite pegamos um pedaço de uma jangada de troncos — de nove pranchas inteiras. Tinha uns três metros e meio por quatro e meio ou cinco de comprimento, e o convés ficava uns quinze, vinte centímetros acima da água — um convés sólido, liso. Às vezes, víamos toras serradas passando durante o dia, mas deixávamos passar, não saíamos de dia.

Outra noite, quando estávamos quase na ponta da ilha, um pouco antes de amanhecer, vimos a oeste uma casa de madeira. Tinha dois andares, e era muito torta. Remamos até lá e entramos — por uma janela do andar de cima. Mas estava muito escuro para enxergar ainda, então amarramos a canoa e entramos para esperar amanhecer.

A luz começou a aparecer antes de chegarmos na ponta da ilha. Depois olhamos pela janela. Dava para ver uma cama, e uma mesa, e duas cadeiras velhas, e muitas coisas jogadas no chão, e roupas penduradas na parede. Tinha alguma coisa no chão no outro canto que parecia um homem.

— Ô de casa! — gritou Jim.

Mas ele não se mexeu. Então gritei de novo.

— Ele não está dormindo, está é morto. Fica aqui — falou Jim —, vou lá ver.

Ele foi e abaixou e olhou.

— O homem está morto. Sim, de fato, e sem roupa. Levou um tiro pelas costas. Acho que morreu há dois ou três dias. Entra, Huck, mas não olha para ele, está medonho.

Não olhei para ele de jeito nenhum. O Jim jogou uns trapos velhos em cima dele, mas nem precisava ter feito isso, eu não queria olhar. Tinha montes de cartas velhas enebadas espalhadas no chão, e garrafas vazias de uísque, e algumas máscaras de pano preto — e nas paredes o tipo mais ignorante de palavras e imagens feitas com carvão. Tinha dois vestidos estampados velhos e sujos, e uma touca, e algumas roupas de baixo de mulher penduradas na parede. Pusemos tudo na canoa — podia ser útil. Tinha um velho chapéu de palha de menino no chão. Peguei também. E tinha uma garrafa sem leite dentro, mas com uma tampa de pano amarrado para bebê mamar. Pegamos a garrafa, mas estava quebrada. Tinha um gaveteiro velho e gasto, e um velho baú de couro com as dobradiças quebradas. Estavam abertos, mas não tinha nada dentro que

prestasse. Pelo jeito como as coisas estavam espalhadas, achamos que as pessoas tinham fugido às pressas, e não tinham conseguido levar muita coisa.

Pegamos uma lanterna velha de lata, e uma faca de açougueiro sem cabo, e um canivete Barlow legítimo desses de vinte e cinco centavos em qualquer loja, e um monte de velas de sebo, e um castiçal de lata, e uma cabaça, e uma caneca de lata, e uma manta maltrapilha de cama, e uma bolsinha com agulhas e alfinetes e cera de abelha e botões e linha e todo esse tipo de coisa dentro, e uma machadinha e alguns pregos, e uma linha de pesca grossa como o meu dedinho, com anzóis gigantes, e um rolo de couro, e uma coleira de couro, e uma ferradura, e uns frascos de remédio sem rótulo. E, quando estávamos de saída achei uma escova de cavalo razoável, e o Jim achou um velho arco de violino sujo, e uma perna de pau. As amarras estavam arrancadas dela, mas, tirando isso, era uma perna boa mesmo, embora muito comprida para mim e muito curta para o Jim, e não achamos a outra, mesmo tendo mexido em tudo.

E assim, somando tudo, fizemos uma boa limpa. Quando chegamos na canoa, estávamos a menos de quinhentos metros abaixo da ilha, e estava dia claro. Então mandei o Jim se deitar no fundo da canoa e se cobrir com a manta, porque se ele aparecesse as pessoas iam saber que era um escravo de muito longe. Remei para a margem do Illinois, e deixei a canoa descer quase um quilômetro. Segui pela água parada da margem, e não tive nenhum acidente nem vi ninguém. Chegamos em casa sãos e salvos.

10.

Depois do café da manhã quis falar sobre o morto e imaginar como ele teria morrido, mas o Jim não deixou. Ele falou que dava azar e, além do mais, ele disse, o morto podia vir nos assombrar. Ele falou que morto que não era enterrado costumava vir assombrar mais fácil que morto bem plantado e bem confortável. Parecia razoável, então fiquei quieto, mas não consegui evitar de pensar e querer saber quem atirou naquele homem, e por quê.

Procuramos nas roupas que pegamos e achamos oito dólares de prata costurados no forro de um velho sobretudo. O Jim falou que achava que as pessoas daquela casa tinham roubado o sobretudo, porque se soubessem que tinha dinheiro não teriam deixado lá. Falei que achava que essas pessoas tinham matado o homem, mas o Jim não quis falar disso.

— Agora você fala que dá azar mas o que você falou quando peguei a pele de cobra no alto da serra antes de ontem? — falei. — Você falou que tocar pele de cobra na mão é a coisa que dá o maior azar do mundo. Bem, que tipo de azar é esse? Fizemos toda essa limpa e ainda ficamos com oito dólares. Quem dera eu tivesse esse azar todo dia, Jim.

— Nem pense nisso, meu amigo, nem pense nisso. Não seja impertinente. O azar está por vir. Ouve o que estou te falando, está por vir.

E o azar veio mesmo. Era uma terça-feira quando falamos disso. Bem, depois do jantar na sexta-feira, estávamos descansando na grama no alto da serra, e acabou nosso tabaco. Voltei para a caverna para buscar, e achei uma cascavel lá dentro. Matei a cascavel, e enrolei a cascavel morta no cobertor do Jim, naturalmente, achando que ia ser engraçado quando o Jim visse ela. Bem, à noite eu tinha esquecido da cobra, e quando o Jim deitou no cobertor, acendi um fósforo e vi que o marido da cascavel estava lá, e mordeu ele.

Ele pulou aos berros, e a primeira coisa que o fósforo mostrou foi a desgraçada que estava enrolada e pronta para outro bote. Acertei ela no mesmo segundo com um pau, e o Jim pegou a garrafa de uísque do meu pai e começou a beber.

Ele estava descalço, e a cascavel mordeu bem no calcanhar dele. Isso tudo porque fui um burro de não lembrar que sempre que se deixa uma cobra morta, o parceiro dela sempre vem e se enrola em volta dela. O Jim me mandou cortar a cabeça da cascavel e jogar fora, e depois esfolar o resto e assar um pedaço. Fiz o que ele mandou, e ele comeu e falou que ia ajudar a curar. Ele mandou tirar o guizo e amarrar no pulso dele também. Falou que ia ajudar. Então eu saí com cuidado e joguei as duas cobras longe no meio das moitas, pois eu não ia deixar o Jim saber que tinha sido tudo minha culpa, não se eu pudesse evitar.

O Jim mamou bem a garrafa, e de vez em quando perdia a cabeça e falava sozinho e berrava, mas toda vez que voltava a si mamava outra vez a garrafa. O pé dele inchou muito, assim como a perna, mas aos poucos a bebida fez efeito, e achei que ele estava bem, porque eu preferia a mordida da cascavel que a do uísque do meu pai.

O Jim ficou deitado por quatro dias e noites. Depois o inchaço passou e ele voltou a ficar de pé. Resolvi que nunca mais ia pegar em pele de cobra com a mão, agora que vi o que acontece. O Jim falou que talvez assim eu acreditasse nele na próxima. E falou que azar de pele de cobra é tão ruim que talvez não tivesse passado ainda. Falou que nem olhar para a lua nova por cima do ombro esquerdo mil vezes era pior que pegar pele de cobra na mão. Bem, eu também já estava me sentindo assim, mesmo achando que olhar para a lua nova por cima do ombro esquerdo fosse uma das coisas mais sem sentido e idiotas que alguém podia fazer. O velho Hank Bunker fez isso uma vez e se gabou disso — e menos de dois anos depois ele ficou bêbado e caiu da chaminé, e ficou todo esmagado no chão, parecia uma camada de carne espalhada. Puseram ele no meio de duas portas de celeiro, em vez de caixão, e enterraram assim, segundo dizem, mas não vi. O meu pai me contou. Mas, de todo jeito, tudo isso só por olhar para a lua assim, como um idiota.

Bem, os dias foram passando, e o rio voltou para dentro das margens. E a primeira coisa que fizemos foi pegar um daqueles anzóis grandes e espetar um coelho esfolado e pescar um bagre do tamanho de um homem, quase um metro e

noventa de altura, e mais de noventa quilos. Claro, não íamos conseguir dominar esse bagre — ele ia nos puxar para Illinois. Só ficamos ali assistindo ele puxar e se rasgar até morrer afogado. Achamos um botão de latão na barriga do bagre e um bezoar perfeito, e um monte de lixo. Rachamos o bezoar no meio com a machadinha, e tinha um carretel dentro do bezoar. O Jim falou que devia estar lá dentro há muito tempo, para ficar coberto daquele jeito e formar uma bola perfeita. Foi o maior peixe que eu já pesquei no Mississippi, eu acho. O Jim falou que nunca tinha visto um bagre daquele tamanho. Daria um bom dinheiro na cidade. Eles vendem esse tipo de bagre por quilo no mercado da vila. Todo mundo compra um pedaço, a carne desse bagre é branca como a neve e fica uma delícia frita.

Na manhã seguinte, falei que estava tudo devagar e sem graça, e eu queria agitar as coisas um pouco de alguma maneira. Falei que achava que ia pegar o rio e ver o que estava acontecendo. O Jim gostou da ideia, mas falou que eu tinha que ir no escuro e ficar de olho. Depois ele pensou melhor e falou que eu não podia usar as coisas que roubamos e me vestir de mulher? Essa também foi outra boa ideia. Então, cortamos um dos vestidos estampados, e arregacei as pernas da calça até os joelhos e vesti. O Jim prendeu atrás com anzóis, e ficou bem justo. Pus a touca e amarrei embaixo do queixo. Assim, se alguém me visse e quisesse ver meu rosto, seria como olhar dentro de uma chaminé de fogão. O Jim falou que ninguém ia me reconhecer, mesmo de dia, dificilmente.

Ensaiei o dia inteiro para pegar o jeito da coisa, e acabei conseguindo me sair bem, só que o Jim falou que eu não sabia andar como uma menina, e me mandou parar de levantar o vestido para mexer no bolso da calça. Obedeci e fiz melhor.

Parti de canoa em direção à margem de Illinois logo que escureceu.

Cruzei para a cidade um pouco abaixo do ancoradouro, e a correnteza me levou até a saída da cidade. Atraquei e corri pela margem. Tinha uma luz acesa em um barraco que estava abandonado fazia muito tempo, e me perguntei quem estaria morando lá. Cheguei perto e espiei pela janela. Tinha uma mulher de uns quarenta anos tricotando à luz de uma vela sobre uma mesa de pinho. Nunca tinha visto aquela mulher. Era uma forasteira, pois não tinha um rosto naquela cidade que eu não conhecesse. Ora, foi a sorte, porque eu já estava fraquejando, estava ficando com medo que alguém reconhecesse a minha voz e me

descobrisse. Mas se aquela mulher só estava naquela cidadezinha há poucos dias ela ia poder me dizer tudo o que eu queria saber, de modo que bati na porta e fiz força para não esquecer que eu era uma menina.

11.

— Entra — falou a mulher, e eu entrei. Ela continuou: — Puxa uma cadeira.

Puxei. Ela me olhou de cima a baixo com seus olhinhos brilhantes.

— Como você se chama, menina?

— Sarah Williams.

— Onde você mora? Na região?

— Não, dona. Em Hookerville, sete milhas rio abaixo. Vim andando de lá e estou bem cansada.

— Aposto que faminta também. Vou buscar alguma coisa, menina.

— Não, dona, estou sem fome. Fiquei com muita fome e parei a uns três quilômetros daqui em uma fazenda; então passou a fome. Foi por isso que me atrasei tanto. Minha mãe está doente, e sem dinheiro e sem nada, e vim avisar o meu tio Abner Moore. Ele mora do outro lado da cidade, ela falou. Mas nunca estive aqui antes. A senhora conhece ele?

— Não, mas eu ainda não conheço todo mundo. Mudei para cá há duas semanas. É uma boa caminhada até o outro lado da cidade. Melhor você passar a noite aqui. Tire essa touca, menina.

— Não, vou descansar um pouco, eu acho, e vou embora. Não tenho medo do escuro.

Ela falou que não ia me deixar ir embora, que o marido estava para chegar, dali uma hora e meia talvez, e ela ia mandar ele me levar. Então, ela começou a falar do marido, e dos parentes rio acima, e os parentes rio abaixo, e como eles tinham sido ricos, e que não sabiam mas tinham cometido um erro de vir para aquela cidade, em vez de deixar para lá — e assim por diante, a ponto de eu achar ter cometido um erro ao vir tentar saber o que estava acontecendo na cidade. Mas enfim ela falou do meu pai e do crime, e então fiquei contente de deixar ela falar sem parar. Ela me contou que eu e o Tom Sawyer tínhamos achado seis mil

dólares (só que ela falou dez mil) e que o meu pai era um desgraçado, e que eu era um desgraçado, e enfim chegou no ponto em que eu era assassinado.

— Quem matou? — perguntei. — Ouvimos muitas histórias sobre esse crime em Hookerville, mas não sabemos quem afinal matou Huck Finn.

— Bem, acho que muita gente aqui também gostaria de saber quem foi. Tem gente que acha que foi o próprio pai dele.

— Não... será?

— Foi o que a maioria pensou primeiro. Ele nem imagina como chegou perto de ser linchado. Mas antes do fim do dia mudaram de ideia e acham que foi um escravo fugitivo chamado Jim.

— Mas por que ele...

Parei. Percebi que era melhor ficar quieto. Ela continuou tagarelando, e nem ouviu o que eu estava dizendo:

— O escravo fugiu na mesma noite que Huck Finn foi morto. Então puseram uma recompensa por ele: trezentos dólares. E também uma recompensa pelo pai — duzentos dólares. Sabe, menina, ele veio para a cidade na manhã seguinte ao crime, e contou, e foi com todo mundo na barca procurar o menino, e logo depois disso ele se levantou e foi embora. Antes de anoitecer, queriam linchar o pai do menino, mas ele tinha ido embora, sabe, menina? Bem, no dia seguinte descobriram que o escravo tinha fugido. Perceberam que não viam o escravo desde as dez horas da noite do crime. Então foram atrás dele, sabe, e quando já estava todo mundo cheio daquilo, no dia seguinte, voltou o velho Finn, e foi brigar com o juiz Thatcher para receber algum dinheiro para caçar o escravo até Illinois. O juiz deu algum dinheiro ao pai do menino, e na mesma noite ele ficou bêbado, e ficou até meia-noite com dois forasteiros mal-encarados, e depois foi embora com eles. Bem, ele não voltou mais depois disso, e não vão mais procurar por ele até isso passar, pois as pessoas agora acham que ele mesmo matou o filho e disfarçou para as pessoas pensarem que foram ladrões, e assim pôr a mão no dinheiro do filho sem se preocupar com nenhum processo. Dizem que ele já não era grande coisa. Oh, malandro eu admito que ele é. Se ele ficar um ano fora, ainda vai se sair bem. Não se pode provar nada contra ele, sabe, menina, e a poeira já terá baixado, e ele vai ficar com o dinheiro do filho na maior facilidade do mundo.

— É, acho que vai, dona. Não vejo o que poderia impedir. As pessoas já desistiram de achar que foi o escravo, então?

— Oh, não, nem todo mundo. Muita gente ainda acha que foi o escravo que matou o menino. Mas logo vão pegar esse escravo, e talvez consigam assustá-lo e ele confesse.

— Ora, ainda estão procurando ele?

— Menina, como você pode ser tão inocente! Quando alguém tem uma chance de ganhar trezentos dólares assim? Algumas pessoas acham que o escravo não deve estar longe. Eu sou uma delas, mas ainda não comentei com ninguém. Alguns dias atrás, eu estava passeando com um velho casal que mora aqui do lado na cabana de troncos, e eles acabaram falando que quase ninguém vai àquela ilha lá que chamam de ilha Jackson. “Ninguém mora lá?”, perguntei. “Não, ninguém”, falaram. Fiquei quieta, mas pensei. Eu tinha quase certeza que tinha visto fumaça lá, perto da ponta da ilha, um ou dois dias antes, então pensei comigo mesma se o escravo não estaria escondido lá. De todo modo, falei que valeria a pena procurar lá. Não vi mais fumaça desde então, ele deve ter ido embora, mas o meu marido vai lá ver, ele mais um homem. Ele estava rio acima, mas voltou hoje, e contei para ele assim que ele chegou não faz duas horas.

Fiquei tão nervoso que não consegui parar quieto. Tinha que fazer alguma coisa com as mãos, então peguei uma agulha da mesa e quis passar uma linha. As minhas mãos estavam tremendo tanto que não consegui. Quando a mulher parou de falar, olhei para ela, e ela estava olhando para mim com um sorrisinho curioso. Deixei a agulha e a linha na mesa, e quis parecer interessado — e eu estava mesmo.

— Trezentos dólares é um bocado de dinheiro. Quem dera a minha mãe ganhasse. O seu marido vai lá hoje à noite?

— Oh, vai, sim. Ele foi para a cidade com o outro homem como eu estava dizendo, para buscar um barco e ver se conseguiam outra arma. Eles vão depois da meia-noite.

— Não era melhor ir de dia para poder enxergar?

— Era. Para o escravo também, não? Depois da meia-noite, ele deve dormir, e eles vão se esgueirar pela mata e atacar o acampamento dele no escuro, se ele estiver mesmo acampado.

— Eu não tinha pensado nisso.

A mulher continuou me olhando curiosa, e eu não estava nada à vontade.

— Como você disse mesmo que se chamava, meu bem?

— Ma... Mary Williams.

De algum jeito não parecia que eu tinha dito que era Mary antes, então fiquei olhando para baixo, acho que eu tinha dito que era Sarah. Então me senti um pouco encurralado, e fiquei com medo de estar parecendo encurralado. Quis que a mulher falasse mais alguma coisa. Quanto mais ela ficava quieta, mais inquieto eu ficava.

— Meu bem, acho que você tinha dito Sarah quando chegou, não foi?

— Oh, sim, dona, foi. Sarah Mary Williams. Sarah é o meu primeiro nome. Tem gente que me chama de Sarah, tem gente que me chama de Mary.

— Oh, é mesmo?

— É, sim, dona.

Comecei a me sentir melhor assim, mas ainda queria ir embora logo. Continuei olhando para o chão.

Bem, a mulher começou a falar como a vida estava dura, e como eles viviam na pobreza, e como os ratos ficavam à vontade como se fossem os donos da casa, e assim por diante, e voltei a ficar calmo. Ela estava certa sobre os ratos. Toda hora aparecia um focinho de rato num canto. Ela falou que tinha que deixar coisas perto da mão para jogar nos ratos quando ficava sozinha em casa, ou os ratos não a deixavam em paz. Ela me mostrou uma barra de chumbo moldada em um nó, e falou que tinha boa pontaria com aquilo em geral, mas tinha machucado o braço fazia um ou dois dias, e não sabia se ia acertar agora. Mas ficou esperando uma oportunidade, e logo jogou o chumbo em um rato, mas errou feio, e falou “Ai!” de dor no braço. Depois ela mandou eu tentar. Eu queria ir embora antes que o marido dela voltasse, mas claro que não deixei a mulher perceber. Busquei o chumbo, e no primeiro rato que pôs o focinho para fora joguei o chumbo, e se ele tivesse continuado no lugar onde estava seria um rato muito doente. Ela falou que foi uma jogada de primeira, e que apostava que eu ia acertar na próxima. Ela buscou o chumbo e trouxe de volta, e trouxe junto um novelo de barbante, que ela queria que eu ajudasse a enrolar. Levantei as mãos e

ela pôs o barbante em volta, e continuou falando dos problemas dela e do marido. Mas de repente parou e falou:

— Fique de olho nos ratos. Melhor deixar o chumbo no colo.

Então ela soltou o chumbo no meu colo nesse momento, e juntei os joelhos para segurar o chumbo e ela continuou falando. Mas só mais um minuto. Depois ela tirou o barbante e olhou bem nos meus olhos, e muito suavemente, ela falou:

— Ora, vamos, qual é o seu nome de verdade?

— O... o quê?

— Qual é o seu nome de verdade? Bill, Tom ou Bob? Qual?

Acho que eu estava tremendo feito uma vara, e sem saber o que fazer. Mas falei:

— Por favor, não se brinca assim como uma menina pobre como eu, dona. Se eu estiver atrapalhando, eu vou...

— Não, você não vai. Sente-se aí mesmo onde está. Não vou te machucar, e também não vou te entregar. Basta você me contar o seu segredo e confiar em mim. Vou guardar o seu segredo; e, mais do que isso, vou te ajudar. E o meu marido também, se você quiser. Sabe, você é um aprendiz de fugitivo, só isso. Isso não é nada. Não há nada de mal nisso. Alguém te tratou mal, e você resolveu fugir. Deus te proteja, menino, eu jamais te entregaria. Agora conte toda a verdade, como um bom menino.

De modo que eu falei para a mulher que não adiantava continuar fingindo, e que eu ia contar tudo para ela, mas que ela tinha que manter a palavra. Então falei que meu pai e minha mãe tinham morrido, e a lei me mandou para a casa de um velho fazendeiro malvado a cinquenta quilômetros do rio, e ele me tratou tão mal que eu não pude suportar. Ele viajou por dois dias, e aproveitei a oportunidade e roubei algumas roupas velhas da filha dele e fugi, e estava há três noites andando aqueles cinquenta quilômetros. Eu só viajava à noite, e de dia me escondia e dormia, e o saco de pão e carne que eu trouxe de casa durou o caminho inteiro, e eu ainda tinha muita comida. Falei que eu achava que o meu tio Abner Moore ia cuidar de mim, e era por isso que eu estava ali na cidade dele, Goshen.

— Goshen, menino? Aqui não é Goshen. Aqui é St. Petersburg. Goshen fica uns quinze quilômetros rio acima. Quem falou que aqui era Goshen?

— Ora, um homem que encontrei hoje de madrugada, quando eu estava voltando para a mata para dormir como sempre. Ele falou que quando tivesse uma bifurcação era para eu pegar a direita, e dali mais oito quilômetro eu ia chegar em Goshen.

— Acho que ele estava bêbado. Ele falou justamente o contrário.

— Bem, parecia mesmo que ele estava bêbado, mas agora não importa. Preciso ir embora, dona. Quero chegar a Goshen antes de clarear o dia.

— Espera um minuto. Vou preparar um lanche para você levar. Talvez você sinta fome no caminho.

Então ela me deu um lanche.

— Menino, quando a vaca está deitada, que parte da vaca levanta primeiro? Responda logo, sem pensar muito. Que parte da vaca levanta primeiro?

— O traseiro, dona.

— Bem, e o cavalo?

— A dianteira, dona.

— De que lado da árvore cresce o musgo?

— Norte.

— Se quinze vacas pastam na colina, quantas vacas mascam com a cabeça virada para o mesmo lado?

— As quinze, dona.

— Bem, acho que você realmente é da roça. Pensei que talvez estivesse tentando me enganar de novo. Agora me diga o seu nome verdadeiro?

— George Peters, dona.

— Bem, tente se lembrar disso, George. Não vá se esquecer e me dizer que é Elexander antes de ir embora, e depois dizer que é George Elexander quando for pego no flagra. E não deixe que as mulheres te vejam nesse velho vestido estampado. Você como menina não é grande coisa, mas talvez você consiga enganar os homens. Deus te proteja, menino, mas quando você for tentar passar a linha na agulha não deixe a linha parada e movimente a agulha. Deixe a agulha parada e enfie a linha, é assim que a maioria das mulheres faz, mas os homens fazem ao contrário. E quando for jogar alguma coisa em um rato, fique na ponta do pé e jogue por cima da cabeça o mais desajeitadamente que puder, e erre o rato por dois ou três metros. Atire com o braço duro na altura do ombro, como se

fosse uma alavanca, como uma menina, não mirando com o punho e o cotovelo, e o braço ao lado do corpo, como um menino. E não se esqueça: quando uma menina tenta pegar alguma coisa no colo ela abre os joelhos; ela não junta os joelhos, como você fez para pegar o chumbo. Ora, vi que você era um menino quando tentou passar a linha na agulha; e fui juntando as outras coisas para ter certeza. Agora vá correndo para o seu tio, Sarah Mary Williams George Elexander Peters, e se tiver algum problema mande avisar a sra. Judith Loftus, que sou eu, e vou fazer o possível para ajudar. Continue pela estrada do rio até o final, e da próxima vez que for fugir leve sapatos e meias. A estrada do rio é pedregosa, e acho que seus pés vão estar acabados quando chegar em Goshen.

Segui pela margem menos de cinquenta metros, e depois voltei sobre os meus passos e voltei para onde estava a canoa, bem depois da casa. Pulei na canoa e parti às pressas. Subi contra a corrente o suficiente para passar a ponta da ilha, e depois comecei a atravessar. Tirei a touca, pois não queria tampar minha visão. Quando eu estava no meio, ouvi o relógio bater, então parei e fiquei ouvindo. O som chegou fraco sobre a água, mas claro — onze horas. Quando cheguei na ponta da ilha nem descansei, embora estivesse bem ofegante, mas fui direto para o meu antigo acampamento, e fiz outra fogueira em um ponto alto e seco.

Depois pulei de volta na canoa e fui remando até o nosso acampamento, quase dois quilômetros e meio rio abaixo, o mais depressa que consegui. Desembarquei, corri através da mata e subi a serra até a caverna. Lá estava o Jim, dormindo pesado no chão. Acordei ele e falei:

— Levanta e se prepara, Jim! Não temos um minuto a perder. Eles estão vindo atrás de nós!

O Jim não perguntou nada, não disse nada, mas o jeito como ele trabalhou na meia hora, uma hora seguinte mostrou o tanto que estava apavorado. Nessa hora, tudo o que tínhamos no mundo estava na nossa jangada, e ela estava pronta para zarpar da angra de salgueiros onde estava escondida. Apagamos primeiro a fogueira da caverna, e não acendemos mais nenhuma vela lá fora depois disso.

Afastei a canoa da margem um pouco, e olhei, mas se tivesse algum barco por perto eu não ia ver, porque não dá para enxergar direito com estrelas e sombras. Depois puxamos a jangada e nos esgueiramos pela sombra, até passar a ponta da ilha, no maior silêncio — sem falar nada.

12.

Devia ser quase uma hora quando chegamos finalmente na ponta da ilha, e a jangada parecia ir bem devagar. Se viesse um barco, íamos pegar a canoa e remar depressa para a margem de Illinois — e ainda bem que não veio nenhum barco, pois tínhamos esquecido de pôr a arma na canoa, e a linha de pesca, e a comida. Estávamos muito ocupados para pensar em tanta coisa. Não foi uma boa ideia colocar tudo na jangada.

Se os homens fossem à ilha, eu só esperava que encontrassem a fogueira que fiz e ficassem a noite inteira esperando o Jim aparecer. De todo jeito, eles ficaram longe de nós, e se a minha fogueira não os enganou não foi culpa minha. Joguei o mais sujo que podia com eles.

Quando o primeiro raio de sol começou a aparecer, atracamos em uma coroa em uma enseada larga do lado do Illinois, e cortamos galhos de choupo com a machadinha, e cobrimos a jangada com eles para parecer que tinha uma entrada ali na margem. Coroa é um banco de areia com choupos da grossura de um dente de arado.

Tínhamos montanhas na margem do Missouri e árvores enormes do lado de Illinois, e o canal ficava mais para o lado do Missouri naquele trecho, então não estávamos com medo que alguém fosse nos ver. Ficamos ali o dia inteiro, e assistimos as jangadas e os barcos a vapor descerem pelo lado do Missouri, e vapores subindo contra a corrente pelo meio do grande rio. Conteí ao Jim o tempo que passei falando com aquela mulher, e o Jim falou que ela era esperta, e se ela mesma fosse vir atrás de nós ela não ia ficar esperando ao lado de uma fogueira — não, senhor, ela ia vir com um cachorro. Bem, então, falei, por que ela não pode ter mandado o marido levar um cachorro? O Jim falou que apostava que ela só tinha pensado nisso na hora que os homens já estavam de saída, e ele achava que os homens deviam ter ido à cidade buscar um cachorro e assim

perderam todo esse tempo, do contrário não íamos estar ali em uma coroa do rio a mais de vinte e cinco quilômetros da vila rio abaixo. Não, não mesmo, íamos estar na mesma velha cidade outra vez. Aí falei que não importava por que eles não tinham nos achado contanto que eles não nos achassem.

Quando estava começando a escurecer, enfiamos a cabeça para fora dos choupos e olhamos para o rio, para cima, para baixo, e para a outra margem. Ninguém por perto. Então o Jim tirou algumas tábuas do convés da jangada e fez uma tendinha para nos proteger do sol e da chuva, e para manter tudo seco. O Jim fez um piso para a tenda, uns trinta centímetros mais alto que a jangada, de modo que agora os cobertores e as outras coisas não molhavam quando os vapores faziam onda. Bem no meio da tenda, pusemos uma camada de barro de uns quinze centímetros de profundidade com uma moldura de madeira para manter a posição, era para fazer uma fogueira no tempo ruim ou no frio — a tenda impedia que o fogo fosse visto. Fizemos um remo reserva também, pois os outros dois podiam quebrar em alguma raiz ou coisas assim. Fizemos uma vara curta com forquilha para pendurar a velha lanterna, porque ela tem que estar sempre acesa quando vinha um barco a vapor descendo o rio, para evitar que o vapor passasse por cima de nós, mas não precisava estar acesa para os barcos que subiam o rio, a não ser que víssemos que estávamos no meio do que chamam de “cruzamento”, pois o rio ainda estava bem cheio e as margens muito baixas ainda estavam um pouco cobertas de água — e barcos subindo o rio nem sempre iam pelo canal, mas procuravam águas mais paradas.

Nessa segunda noite, seguimos rio abaixo por sete ou oito horas, com uma correnteza de seis, sete quilômetros por hora. Pescamos, conversamos, nadamos um pouco de vez em quando para espantar o sono. Foi um pouco solene, descendo o rio, largo e parado, à deriva, deitados olhando as estrelas, e sem nenhuma vontade de falar alto, nem de rir muito — só aquele risinho baixo. Pegamos tempo muito bom em geral, e não aconteceu nada de ruim nenhuma hora — naquela noite, nem na próxima, nem na próxima.

Toda noite passamos por cidades, algumas bem longe nas serras escuras, só uma linha brilhante de luzes — não dava para ver nenhuma casa. Na quinta noite, passamos por St. Louis, e parecia que o mundo inteiro estava aceso. Em St. Petersburg falavam que tinha vinte ou trinta mil pessoas morando em St.

Louis, mas nunca acreditei até ver aquela maravilha de luzes espalhadas às duas horas da madrugada. Não se ouvia um pio, estava todo mundo dormindo.

Agora, toda noite eu me esgueirava em terra firme por volta das dez da noite em alguma vila, e comprava dez ou quinze centavos de farinha de milho ou toucinho ou outra coisa para comer, e às vezes eu pegava uma galinha que não estava confortável no poleiro e levava comigo. O meu pai sempre falava: galinha você rouba sempre que tiver uma oportunidade, porque, se não quiser, sempre tem alguém para dar, e ninguém esquece um gesto nobre. Nunca vi o meu pai dar galinha a ninguém, mas ele sempre falava isso mesmo assim.

De manhã, antes de raiar o dia, eu me esgueirava nos milharais e pegava emprestado uma melancia, ou um melão, ou uma abóbora, ou umas espigas, ou coisas assim. O meu pai sempre falava que não fazia mal pegar emprestado se você fosse pagar depois, mas a viúva falou que isso era o mesmo que roubar, nenhuma pessoa decente fazia isso. O Jim falou que a viúva tinha uma parte de razão e que o meu pai tinha outra parte — então a melhor coisa era tirar duas ou três coisas da nossa lista e não levar mais essas duas ou três coisas. Depois ele concluiu que pegar emprestadas as outras da lista não fazia mal. Então ficamos conversando a noite inteira sobre isso, pensando se desistíamos das melancias, dos cantalupos, dos melões, ou do que mais. Mas quando estava raiando o dia chegamos a um acordo satisfatório, e resolvemos deixar as maçãzinhas bravas e os caquis. Não estávamos achando certo antes, mas então ficou mais confortável. Fiquei contente com o resultado também porque maçã brava nem sempre está doce, e os caquis iam levar dois ou três meses para amadurecer ainda.

De vez em quando, atirávamos em marrecos que acordavam muito cedo ou ainda não tinham ido dormir. Somando tudo, vivíamos muito bem.

Na quinta noite depois de St. Louis, caiu uma grande tempestade depois da meia-noite, com muito trovão e raio, e a chuva parecia um véu maciço. Ficamos na tendinha e deixamos a jangada se arranjar sozinha. Quando veio o clarão do relâmpago, vimos um trecho grande e reto do rio na nossa frente, e ribanceiras altas, de pedra, dos dois lados.

— Ooo-lá, Jim, olha lá! — falei.

Era um vapor que tinha se chocado contra uma pedra. Estávamos indo direto na direção dele. O relâmpago mostrou bem o vapor naufragado. Ele estava

afundando, só uma parte do convés de cima aparecia fora d'água, e deu para ver direitinho cada cabo das chaminés, e uma cadeira perto do sino grande, e um velho chapéu de aba mole atrás, quando relampejou.

Bem, sendo tarde da noite, no meio de uma tempestade, e tudo tão misterioso, eu me senti como qualquer outro menino que visse aquele naufrágio ali, tão triste e solitário no meio do rio. Eu queria subir a bordo do vapor e ficar lá um pouco, e ver o que tinha lá.

— Vamos atracar no vapor, Jim — falei.

Mas o Jim foi totalmente contra a princípio.

— Não quero subir em naufrágio nenhum. Estamos indo bem, e é melhor deixar isso lá como está, como diz a escritura. E deve ter sentinela nesse naufrágio.

— Sentinela é a sua vó, ali só sobrou a cabine do capitão e o castelo da popa. E você acha que alguém ia arriscar a vida por uma cabine e um castelo numa noite dessas, sendo que a qualquer momento aquilo tudo vai afundar e ser levado pelo rio?

O Jim não tinha o que falar depois disso, de modo que nem tentou.

— E além do mais — continuei —, podemos pegar alguma coisa útil na cabine do capitão. Charutos, eu aposto, desses de cinco centavos cada, dinheiro na certa. Capitão de vapor é sempre rico, ganham sessenta dólares por mês e não se importam com o preço das coisas, sabe, quando querem a coisa. Leva uma vela no bolso. Não vou sossegar, Jim, enquanto não der uma boa olhada nesse vapor. Você acha que o Tom Sawyer ia deixar passar uma chance dessa? Por nada nesse mundo. Ele ia chamar de aventura, é assim que ele falava, e ia subir nesse naufrágio nem que fosse a última coisa que ia fazer na vida. E você acha que ele não ia dar mais estilo na coisa? Ele não ia exagerar, nem nada? Ora, quem ouvisse ia pensar que era o Cristóvão Colombo descobrindo o Reino dos Céus. Eu queria que o Tom Sawyer *estivesse* aqui.

O Jim resmungou um pouco, mas concordou. Ele falou para só falar o que não desse para evitar, e mesmo assim bem baixinho. O relâmpago mostrou o naufrágio do vapor mais uma vez bem na hora, e agarramos o pau de carga de estibordo e atracamos ali.

O convés estava levantado ali. Fomos nos esgueirando para bombordo, no escuro, até a cabine, Tateando com os pés bem devagar, e com as mãos espalmadas para afastar os cabos das chaminés, pois estava tão escuro que não conseguíamos ver nada. Logo chegamos ao fim do convés superior e subimos nele, e mais um passo encontramos a porta da cabine do capitão, que estava aberta, e por tudo o que é mais sagrado, lá dentro vimos uma luz! e no mesmo segundo parecia que eram vozes vindo de lá!

O Jim sussurrou que estava muito apavorado e me chamou para ir embora. Falei, está bem, e já estava voltando para a jangada, mas nesse instante ouvi uma voz gemer.

— Oh, rapazes, por favor, não, juro que não vou entregar ninguém!

— É mentira, Jim Turner — falou bem alto outra voz. — Você já tentou me enganar assim. Você sempre quer mais do que a sua parte, e você sempre conseguia, porque sempre jurava que ia entregar todo mundo se não ficasse com mais. Mas essa foi a última vez. Você é um cachorro mais malvado e traiçoeiro da região.

A essa altura, o Jim já tinha voltado para a jangada. Eu estava morrendo de curiosidade e pensei comigo: “Tom Sawyer não ia recuar agora, e então também não vou. Vou ver o que está acontecendo aqui.” Então engatinhei pelo corredor estreito e continuei, no escuro, até chegar a um camarote antes da cabine do capitão. Lá vi um homem estendido no chão, com as mãos e os pés amarrados, e dois homens de pé olhando para ele, e um deles tinha uma lanterna na mão, e o outro uma pistola. Esse ficava apontando a pistola para a cabeça do homem no chão.

— Bem que eu queria! E bem que eu devia também, esse gambá desgraçado!

O homem no chão se retorceu.

— Oh, por favor, Bill — implorou —, não vou contar para ninguém nunca.

E toda vez que ele dizia isso o homem com a lanterna dava risada.

— Pois não vai mesmo! — comentava, rindo. — Você nunca disse nada mais verdadeiro, pode apostar que não vai. Olha só como ele implora agora! Mas se não tivéssemos dominado e amarrado ele, ele teria matado nós dois. E por quê? Por nada. Só porque quisemos o que era o nosso *direito*, isso sim. Mas agora você não vai mais ameaçar ninguém, Jim Turner. Guarde essa pistola, Bill.

— Não vou guardar, Jake Packard — retrucou Bill. — Por mim, matamos ele, ele não matou o velho Hatfield assim também? E ele não merece morrer da mesma maneira?

— Mas não quero ele morto, e tenho meus motivos.

— Deus lhe abençoe por essas palavras, Jake Packard! Nunca vou me esquecer disso enquanto eu viver! — falou o homem no chão, tentando agradar.

Esse Packard nem se importou com aquilo, mas pendurou a lanterna em um prego e veio na direção onde eu estava no escuro, e chamou o tal Bill para vir junto. Voltei de costas menos de dois metros o mais depressa que consegui, mas o vapor estava inclinado demais para ir depressa, então, para evitar que me vissem e me pegassem, me arrastei para dentro de um camarote mais alto.

— Aqui, entre aqui — falou o tal Packard quando o outro chegou.

E então ele entrou, e Bill atrás dele. Mas antes de eles entrarem, subi no beliche de cima e fiquei no canto, arrependido de ter vindo. Depois eles ficaram ali parados, com as mãos apoiadas no beliche, conversando. Eu não conseguia ver os dois, mas sabia que estavam ali pelo cheiro do uísque que andaram bebendo. Fiquei contente por não beber uísque, se bem que não ia fazer muita diferença, porque a maior parte do tempo eles não iam me farejar porque nem respirar eu respirava, de tão apavorado. E, além do mais, ninguém ia conseguir respirar e ouvir aquela conversa. Eles falavam baixo e sério. O tal do Bill queria matar Turner.

— Ele falou que ia contar, e ele vai — afirmou Bill. — Se déssemos a nossa parte para ele agora, nem assim ia fazer diferença, depois da briga e do que fizemos com ele. Com toda certeza, ele vai testemunhar contra nós, agora você escuta o que estou dizendo. Por mim, acabamos logo com o sofrimento dele.

— Por mim, também — falou Packard, bem baixinho.

— Maldição, eu estava começando a achar que você não queria isso. Bem, então está tudo acertado. Vamos lá e acabamos logo com isso.

— Espera um minuto, não acabei de falar. Você escuta o que estou dizendo. Uma bala resolveria, mas tem jeitos mais discretos, se a coisa tiver que ser feita mesmo. O que estou querendo dizer é o seguinte: não faz sentido arriscar uma condenação se é possível arranjar outro jeito tão bom quanto e que ao mesmo tempo é sem riscos. Não é?

— Pode apostar. Mas como você vai fazer isso agora?

— Bem, a minha ideia é a seguinte: vamos recolher tudo o que sobrou nos camarotes, e remar para a margem e esconder tudo. Depois esperamos. Ora, acho que não vai demorar nem duas horas antes desse vapor afundar de vez. Você entendeu? Ele vai morrer afogado aqui, e ninguém vai ser culpado, além dele mesmo. Acho bem melhor do que matarmos ele. Sou contra matar um homem se você puder evitar. Não faz sentido, é moralmente errado. Não é verdade?

— Sim, acho que é. Mas e se o vapor não afundar mais?

— Bem, podemos esperar duas horas e ver se o vapor afunda, não podemos?

— Está certo, então, vamos.

Então eles foram, e eu saí do beliche, suando frio, e me esgueirei de volta. Estava escuro como breu ali fora, mas falei, com uma espécie de sussurro rouco “Jim!”, e ele logo respondeu, na altura do meu cotovelo, com uma espécie de gemido.

— Depressa, Jim, não temos tempo de zanzar e gemer. Ali tem um bando de assassinos, e se não acharmos o bote deles e soltarmos rio abaixo para que eles não consigam escapar do naufrágio, um deles vai estar em apuros. Mas, se acharmos o bote deles, podemos deixar todos eles em apuros, pois o xerife vai prender os três. Depressa, vamos logo! Vou procurar a bombordo, você a estibordo. Vai desamarrando a jangada e...

— Oh, meu Jesus, Jesuzinho! Jangada? Não tem mais jangada nenhuma; ela se soltou sozinha e foi embora, e nós ficamos aqui!

13.

Bem, tentei respirar e quase desmaiei. Preso naquele naufrágio com um bando daquele! Mas não havia tempo para ser sentimental. Tínhamos que achar logo o bote deles — e fugir nele. Então, fomos tremendo e tropeçando pelo convés de estibordo, e demorou um bocado — parece que passou uma semana até chegar na popa. Nem sinal de bote. O Jim falou que achava que não ia conseguir continuar, estava tão apavorado que nem tinha mais força, falou. Mas falei “vamos, se ficarmos aqui e o vapor afundar estaremos mesmo em apuros, sem dúvida”. Então seguimos procurando mais um pouco. Procuramos a cabine do capitão, e achamos, depois fomos nos esgueirando até o convés da cabine, pendurados de escotilha em escotilha, pois a borda daquele convés estava dentro d’água. Quando chegamos bem perto da porta da cabine, lá estava o esquife deles! Mal dava para ver. Fiquei muito agradecido. No segundo seguinte eu ia embarcar no esquife, mas nesse momento uma porta se abriu. Um dos homens enfiou a cabeça para fora a um metro de mim, e achei que estava perdido, mas ele voltou para dentro.

— Tire essa maldita lanterna daí onde podem ver, Bill! — falou.

Ele jogou um saco com alguma coisa dentro no bote, e depois embarcou e sentou. Era o tal do Packard. Depois Bill veio e embarcou também.

— Tudo pronto, vamos embora! — falou Packard, em voz baixa.

Eu mal conseguia me segurar nas escotilhas, de tão fraco que estava.

— Espere aí, você revistou ele? — perguntou Bill.

— Não. E você?

— Não. Então ele ainda está com a parte dele do dinheiro.

— Bem, nesse caso, vamos buscar, não faz sentido levar tudo e deixar o dinheiro para trás.

— Ei, será que ele não desconfia do nosso plano?

— Talvez não. Mas vamos levar o plano a cabo mesmo assim. Vamos lá.
Então eles desembarcaram e nós embarcamos.

A porta bateu porque estávamos no lado levantado do vapor e, em meio segundo, eu estava no bote, e o Jim veio cambaleando atrás de mim. Saquei minha faca e cortei a corda, e zarpamos!

Nem usamos remo, e também não falamos nada, nem sussurramos — nós mal respiramos, na verdade. Fomos deslizando com pressa em frente, naquele silêncio mortal, passamos a roda de pás, e passamos a popa. Depois de um ou dois segundos, estávamos cem metros do naufrágio rio abaixo, e o escuro engoliu o vapor, até o último vestígio, e estávamos salvos, e sabíamos disso.

Quando estávamos uns duzentos, trezentos metros rio abaixo, vimos a lanterna aparecer feito uma fagulha na porta da cabine por um segundo, e eram os bandidos vendo que estavam sem bote, e começando a entender que estavam agora no mesmo apuro que o tal do Jim Turner.

Depois o Jim pegou os remos e fomos procurar nossa jangada. Foi aí que me preocupei com os homens, acho que não tive tempo antes. Comecei a pensar que horror ia ser, mesmo para aqueles assassinos, passar aquele apuro. Pensei: “Quem diria que eu talvez virasse assassino também, o que eu ia pensar de mim mesmo?”

— Na primeira luz que aparecer, vamos atracar cem metros antes ou depois, onde tiver um bom esconderijo para você e para o esquife, e depois vou tentar arranjar uma corda e chamar alguém para tirar aquele bando de lá, para eles serem enforcados na hora certa.

Mas essa ideia fracassou, pois logo em seguida a tempestade desabou de novo, e dessa vez foi ainda pior. Com uma chuva pesada, nenhuma luz acendeu — todo mundo devia estar dormindo, imaginei. Descemos o rio a esmo, procurando luzes acesas e a nossa jangada. Depois de muito tempo, a chuva passou, mas as nuvens ficaram e continuaram os relâmpagos, de vez em quando, até que um clarão mostrou uma coisa preta na nossa frente, boiando, e fomos até lá.

Era a jangada, e ficamos muito contentes de embarcar de novo nela. Vimos então uma luz mais adiante à direita, na margem. Então falei que ia ver o que era. O esquife estava pela metade carregado de coisas roubadas que o bando tirou do naufrágio. Passamos tudo para a jangada formando uma pilha, e mandei

o Jim continuar mais um pouco no esquife, e acender uma vela quando achasse que tinha passado uns três quilômetros, e deixasse acesa até eu chegar. Depois peguei meus remos e remei na direção da luz. Conforme fui me aproximando, apareceram mais três ou quatro, em um morro. Era uma vila. Atraquei perto da luz da margem, e descansei os remos e fui boiando. Quando passei pela luz vi que era uma lanterna pendurada no mastro da proa de uma barca de casco duplo. Procurei o sentinela, imaginando onde ele devia dormir, até que o encontrei cochilando na amurada da proa, com a cabeça abaixada entre os joelhos. Empurrei de leve o ombro dele, duas ou três vezes, e comecei a chorar.

Ele acordou muito agitado, mas, quando viu que era só eu, bocejou e se espreguiçou.

— Olá, o que foi? Não chore assim, benzinho. O que aconteceu?

— O meu pai, e a minha mãe, e a minha irmã, e... — Então abri o berreiro.

— Oh, diabos, o que foi agora? Não fique assim, todo mundo tem problemas, e nem tudo dá certo. O que houve com eles?

— Eles estão... eles estão... o senhor é o sentinela dessa barca?

— Sou — falou ele, parecendo muito satisfeito. — Sou o capitão e o proprietário e o imediato e o piloto e sentinela e marinheiro; e às vezes sou a carga e os passageiros. Não sou rico como o velho Jim Hornback, e não posso ser desgraçadamente generoso e bom com Tom, Dick e Harry como ele é, e esbanjar dinheiro como ele faz... mas já disse muitas vezes que não troco de lugar com ele, pois vida de marujo para mim é que é vida, e juro que não ia querer morar três quilômetros da cidade, onde nunca acontece nada, nem por todo cascalho dele e mais ainda. Eu falei...

— Eles estão em apuros, e... — interrompi.

— *Quem?*

— Ora, o meu pai e a minha mãe e a minha irmã e a srta. Hooker. E se o senhor pudesse levar sua barca até lá...

— Lá onde? Onde eles estão?

— No naufrágio.

— Que naufrágio?

— Ora, só tem um.

— Ora, você não quer dizer o Walter Scott?

— Sim.

— Santo Deus! O que eles ainda estão fazendo lá, por tudo o que é mais sagrado?

— Bem, eles não foram lá por querer.

— Aposto que não! Ora, santo Deus, eles não vão conseguir escapar se não saírem de lá bem depressa! Ora, como diabos eles foram parar lá?

— Foi fácil. A srta. Hooker estava visitando a cidade...

— Sim, Booth's Landing. Continue.

— Ela estava visitando Booth's Landing e, quando estava quase escurecendo, ela embarcou com a escrava dela naquele barco movido a cavalos para passar a noite na casa da amiga, srta. Fulana-de-tal esqueci o nome, e perderam o leme, e começaram a rodar e afundar, primeiro a popa, e foram assim uns três quilômetros, e aconteceu naufrágio, e o barqueiro e a escrava e os cavalos todos morreram, mas a srta. Hooker conseguiu se segurar e subiu. Bem, uma hora depois que escureceu, nós chegamos na nossa escuna, e estava tão escuro que só reparamos no vapor naufragado quando estávamos em cima dele. Assim nós também fomos parar lá, mas todo mundo se salvou menos Bill Whipple. E, oh, ele era uma criatura sem igual! Quem dera tivesse sido eu, juro...

— Minha nossa! Isso é a coisa mais extraordinária que eu já ouvi. E depois o que vocês fizeram?

— Bem, ficamos gritando e segurando as pontas, mas é tão ermo que ninguém ouvia. Então o meu pai mandou alguém nadar até a margem e tentar chamar ajuda. Só eu sabia nadar, então vim logo, e a srta. Hooker falou que se eu não conseguisse ajuda logo, para vir aqui procurar o tio dela, e ele ia resolver. Cheguei na margem menos de dois quilômetros rio abaixo, e estou andando a esmo desde lá, tentando chamar alguém para ajudar, mas todos falam: “Ora, com um tempo desse e uma correnteza dessa? Nem adianta, vá chamar o barqueiro.” Agora se o senhor puder ir e...

— Meu Deus, bem que eu gostaria, e... dane-se, não sei como mas vou, mas quem vai pagar por isso? Você acha que o seu pai...

— Ora, está tudo certo. A srta. Hooker falou, em segredo, que o tio Hornback...

— Canhões! Ele é o tio dela? Escute, menino, se você seguir aquela luz lá longe, e virar para oeste quando chegar lá, e andar mais uns quatrocentos metros,

você vai chegar na taberna. Peça para levarem você correndo até a casa de Jim Hornback, e diga que ele vai pagar a conta. E não se demore por aí, porque ele vai querer ouvir essa notícia. Conte que vou salvar a sobrinha dele antes mesmo de ele chegar na cidade. Agora vá logo, vou virar aqui e começar a ligar o motor.

Eu fui na direção da luz, mas, assim que ele virou a esquina, voltei e entrei no meu esquife e fui embora. Depois remei perto da margem na água parada por uns quinhentos e tantos metros, e me enfiei no meio de alguns botes de madeira, pois não descansei enquanto não vi a barca zarpar. Mas, no final das contas, me senti bem por ter todo aquele trabalho só para pegar aquele bando, pois muita gente não faria isso. Eu queria que a viúva soubesse. Achei que ela ia ficar orgulhosa de mim por ajudar aqueles salafrários, porque salafrários e canalhas são o tipo de gente em quem a viúva e as pessoas boas mais têm interesse.

Bem, logo cheguei ao lugar do naufrágio, escuro e sombrio, afundando de lado! Um calafrio passou nas minhas costas, e remei até o vapor. Já estava bem afundado, e dali um minuto não ia sobrar ninguém vivo lá dentro. Dei a volta e gritei, mas ninguém respondeu — aquele silêncio mortal. Senti um peso no coração pelos bandidos, mas não muito, pois pensei que, se eles podiam aguentar, eu também podia.

Então veio a barca. Remei para o meio do rio e deslizei na correnteza por um bom pedaço. Quando achei que ninguém podia mais me ver, parei de remar, e olhei para trás e vi a barca contornando o naufrágio em busca dos restos mortais da srta. Hooker, porque o capitão sabia que o tio Hornback ia querer encontrar o corpo da sobrinha. Logo a barca desistiu e voltou para a margem, e voltei a remar e fui depressa rio abaixo.

Parece que passou muito tempo até a luz do Jim aparecer e, quando apareceu, parecia que estava a mais de mil quilômetros. Quando cheguei lá, o céu já estava começando a ficar um pouco cinza no leste, então fomos atrás de uma ilha, e escondemos a jangada, e afundamos o esquife, e nos viramos e dormimos feito dois defuntos.

14.

Pouco depois, quando acordamos, reviramos o butim que o bando roubou do naufrágio, e achamos botas, cobertores e roupas, e todo tipo de coisas, e um bocado de livros, e uma luneta, e três caixas de charutos. Nunca tínhamos sido tão ricos nas nossas vidas. Os charutos eram de primeira. Ficamos descansando a tarde inteira na mata, conversando, e eu lendo os livros, e aproveitando bem em geral. Conte para o Jim tudo o que tinha acontecido no naufrágio e na barca, e falei que esse tipo de coisa era aventura, mas ele falou que não queria saber de aventura, que quando entrei na cabine e ele voltou para a jangada e ela não estava mais lá, ele quase morreu, porque achou que para *ele* estava tudo acabado de qualquer jeito. Se não viesse ninguém salvar, ele ia morrer afogado, e quem viesse salvar ia entregar ele para receber a recompensa, e aí a srta. Watson ia vender ele para o sul, sem dúvida. Bem, ele estava certo, ele estava quase sempre certo — ele era muito lúcido para um escravo.

Eu li bastante para o Jim sobre reis e duques e condes e esse tipo de coisa, e sobre as roupas elegantes que eles usavam, e como tinham estilo, e se chamavam de sua majestade, e sua graça, vossa senhoria, e assim por diante, em vez de senhor. Os olhos do Jim ficaram arregalados, e ele se interessou.

— Eu não sabia que tinha mais de um rei. Só ouvi falar de um, mal sabia, só o velho Rei Salomão, a não ser que conte rei de baralho. Quanto ganha rei?

— Ganha? Ora, rei ganha até mil dólares por mês se quiser. Eles podem ter tudo o que quiserem, é tudo deles.

— Não é uma maravilha? E o que eles têm que fazer, Huck?

— Eles não têm que fazer nada! Ora, você não sabe?! Eles só ficam lá sentados.

— Não, é mesmo?

— Claro que é mesmo. Eles só ficam sentados, a não ser, talvez, quando tem guerra. Aí eles vão para a guerra. Mas tirando isso eles só ficam ali na preguiça, ou vão soltar falcão... Ficam lá com o falcão deles e... Psiu! Você ouviu esse barulho?

Fomos ver, mas não era nada, só o som da roda de um vapor lá longe, manobrando para atracar.

— Sim — continuei —, e outras vezes, quando está tudo parado, eles brigam com o parlamento. E se não sai tudo como ele quer, o rei manda cortar a cabeça deles. Mas a maior parte do tempo eles ficam no harém lá deles.

— Ficam onde deles?

— No harém.

— O que é harém?

— O lugar onde o rei guarda as mulheres. Você nunca ouviu falar de harém? O Salomão tinha um harém, ele tinha um milhão de esposas.

— Ora, sim, é mesmo, eu... eu tinha esquecido. Harém é um tipo de pensão, eu acho. Deve ser uma barulheira danada com as crianças. Acho que as esposas devem ficar brigando um bocado, e o barulho só aumenta. E mesmo assim falam que Salomão foi o homem mais sábio que já existiu. Não acredito nisso. Porque, ora, você acha que um homem sábio ia querer viver no meio dessa confusão o tempo todo? Não, aposto que não. Um sábio ia fazer uma fábrica de menino, e depois ia fechar essa fábrica quando quisesse descansar.

— Bem, mas ele foi o homem mais sábio, de todo jeito, porque a viúva me falou isso, pessoalmente.

— Não me importa o que a viúva falou, ele não era sábio coisa nenhuma. Ele tinha os modos mais desgraçados que já vi. Você não sabe da história da criança que ele ia cortar no meio?

— Sei, a viúva me contou essa.

— Pois então! Não foi a ideia mais louca do mundo? Pensa um pouco. O cepo ali, lá é uma das esposas, esse cepo aqui é você. Você é a outra mulher, eu sou Salomão e essa nota de um dólar é a criança. Vocês duas falam que são a mãe. E o que faço eu? Vou perguntar para os vizinhos para descobrir de quem é a nota, e não descanso até achar a dona certa, em sã consciência, como qualquer pessoa com um pingão de consciência? Não, mando cortar a nota em duas, e dou metade

para você, e a outra metade para a outra mulher. Era assim que Salomão queria fazer com a criança. Agora eu pergunto: de que serve meia nota? Não se compra nada com isso. E de que adianta meia criança? Nem que eu tivesse um milhão delas.

— Mas espere aí, Jim, você não entendeu o sentido da história. Desgraça, você passou longe.

— Quem? Eu? Sai daqui. Não me venha com seus alvos. Sei entender um sentido quando vejo um sentido, e não faz sentido nenhum uma coisa dessas. A disputa não era por meia criança, a disputa era pela criança inteira, e um sujeito que acha que resolve uma disputa por uma criança inteira com meia criança não sabe nem sair da chuva. Não me venha com Salomão, Huck, esse eu já conheço de trás para frente.

— Mas estou falando que você não entendeu o sentido.

— Dane-se o sentido! Acho que sei o que sei. E saiba você também que o verdadeiro sentido é mais do que esse — é bem mais fundo. É o jeito que Salomão foi criado. Pega um sujeito que só tem um ou dois filhos... esse homem vai esbanjar filho? Não, não vai, ele não tem como. Ele sabe valorizar os filhos. Mas pega um sujeito que tem uns cinco milhões de filhos correndo pela casa, é diferente. Ele corta um filho no meio como se fosse um gato. Ele tem mais um monte de filho. Matar uma criança ou duas, mais ou menos, não fazia diferença para o Salomão, aquele desgraçado!

Eu nunca tinha conhecido um escravo assim. Se ele metia uma coisa na cabeça, não tinha jeito de tirar de lá. Ele era o escravo que mais odiava Salomão que já conheci. Então comecei a falar de outros reis, e deixar Salomão de lado. Conteí do Luís XVI, que teve a cabeça cortada na França muito tempo atrás; e do filhinho dele, o delfim, que ia ser rei, mas pegaram o menino e trancaram na cela, e dizem que ele morreu lá.

— Pobrezinho.

— Mas outros acham que ele fugiu, e veio para a América.

— Essa é boa! Mas ele ia ficar um bocado sozinho... não tem mais rei aqui, não é, Huck?

— Não.

— Então ele não ia ter posição. O que ele ia fazer?

— Bem, sei lá. Alguns entram na polícia, e alguns ensinam as pessoas a falar francês.

— Ora, Huck, francês não fala igual nós, não?

— Não, Jim, não dá para entender nada do que eles falam, nem uma palavra.

— Bem, agora me deu nojo! Como assim?

— Sei lá, mas é assim. Eu li um pouco da língua deles num livro. Imagina um homem chega para você e fala *Polly-vu-franssê*. O que você ia achar?

— Eu não ia achar nada, ia bater na cabeça dele. Quero dizer, se não fosse branco. Eu que não ia deixar um escravo me falar assim.

— Besteira, não é nada demais. Ele estava só perguntando se você fala francês...

— Bem, então por que ele não falou logo?

— Ora, ele está falando isso. É o jeito francês de falar isso.

— Bem, pois é um jeito ridículo, e não quero mais ouvir falar disso. Não faz o menor sentido.

— Escuta, Jim: gato fala como gente?

— Não, gato não.

— Bem, e vaca?

— Não, vaca também não.

— Gato fala como vaca ou vaca fala como gato?

— Não, não fala, não.

— E não é o mais natural e certo que cada um fale do seu jeito?

— Claro.

— E não é o mais natural e certo que o gato e a vaca falem diferente de nós?

— Ora, mas é claro que é.

— Pois então, por que não seria o mais natural e certo que um francês falasse diferente? Só me responda isso.

— Huck, gato é gente?

— Não.

— Bem, pois então não faz sentido um gato falar como gente. Vaca é gente? Ou vaca é gato?

— Não, não é nem uma coisa nem outra.

— Bem, então, a vaca não tem nada que falar como uma coisa ou outra.
Francês é gente?

— É.

— Pois bem! Desgraça, por que ele não fala como gente? Responda agora *você* só isso!

Vi que não adiantava gastar saliva — você não consegue ensinar um escravo a raciocinar. Então eu desisti.

15.

Nós calculamos que com mais três noites íamos chegar em Cairo, no pé de Illinois, onde o rio Ohio se encontrava, e era isso que estávamos procurando. Íamos vender a jangada e embarcar num vapor e subir por Ohio até os estados livres, e lá não íamos ter mais problemas.

Bem, na segunda noite veio vindo um nevoeiro, e fomos para uma coroa no meio do rio atracar, pois não adiantava ir depressa para dentro do nevoeiro. Mas, quando remei em frente, com a corda para atracar nas mãos, não tinha nenhuma árvore, só uns brotinhos. Passei a corda em volta de uma plantinha dessas bem na beira da margem alta, mas passou uma correnteza, e a jangada começou a virar com tanta força que arrancou a arvorezinha com raiz e tudo e foi embora. Vi que o nevoeiro estava fechando, e passei tão mal, fiquei tão apavorado que não consegui me mexer por meio minuto, pelo visto — e quando olhei não vi mais a jangada. Não dava para ver vinte metros adiante. Saltei na canoa e corri para a popa, e agarrei o remo e comecei a remar de ré. Mas a canoa não voltava. Eu estava com tanta pressa que tinha esquecido de desamarrar. Levantei e tentei soltar a corda, mas eu estava tão excitado que as minhas mãos tremiam e não conseguia fazer nada com elas.

Assim que me soltei, saí atrás da jangada, com pressa e com força, lá no meio da coroa. Estava tudo certo até aí, mas a coroa não tinha nem sessenta metros de comprido, e no minuto que passei da ponta entrei naquela brancura pesada do nevoeiro. Como um morto, eu não fazia mais ideia de onde estava indo.

Pensei: “Não vou mais remar, quando for ver estou em cima da margem ou na coroa ou coisa parecida.” Fiquei quieto e tentei boiar, mas é muito difícil ficar com a mão parada nessas horas. Dei um grito e fiquei ouvindo. Lá embaixo ouvi um gritinho, e me animei. Fui remando na direção do grito, de orelhas em pé para ouvir de novo. No próximo grito vi que eu não estava indo na direção do

grito, mas para a direita do grito. E no outro grito vi que eu estava indo bem para a esquerda — e não estava chegando mais perto também, não, pois eu ficava remando, para cá e para lá, mas continuava indo reto o tempo todo.

Eu queria que aquele louco lembrasse de bater na panela de lata, e ficasse batendo sem parar, mas ele não lembrou disso, e eram os silêncios entre os gritos que estavam dificultando para mim. Bem, continuei pelejando, e logo ouvi o grito atrás de mim. Agora eu estava perdido. Ou aquele era o grito de outro, ou eu tinha virado totalmente para o outro lado.

Larguei o remo. Ouvi o grito de novo, ainda estava atrás de mim, mas em outro lugar. Continuei gritando, e o grito continuou mudando de lugar, e continuei respondendo, até que o grito ficou na minha frente de novo, e vi que a correnteza tinha virado a frente da canoa para rio abaixo, e ia dar tudo certo se fosse mesmo o Jim e não outro barqueiro gritando. Eu não tinha como saber de quem eram as vozes no nevoeiro, pois nada parece natural ou soa natural em um nevoeiro.

O grito continuou, e dali um minuto dei com tudo em uma margem alta com árvores altas como fantasmas de fumaça, e a correnteza me jogou para a esquerda e com força, no meio de uns tocos com raízes, que pareciam até rosnar, de tão forte que as águas passavam por eles arrancando tudo.

Depois de um segundo ou dois, ficou tudo branco e parado outra vez. Fiquei ali mesmo sem me mexer mais, ouvindo o meu coração bater forte, e acho que só voltei a respirar depois de umas cem batidas daquelas.

Nessa hora eu desisti. Eu sabia qual era o problema. A margem alta era uma ilha, e o Jim tinha ido parar do outro lado dela. Não era uma coroa que você passava em dez minutos. Tinha árvores altas de uma ilha mesmo — podia ter uns oito ou dez quilômetros de comprimento e mais de um quilômetro de largura.

Fiquei quieto, de orelhas em pé, uns quinze minutos, acho. Só boiando, é claro, a menos de dez quilômetros por hora, mas você nunca pensa nessas coisas. Não, você acha que está só deitado parado na água, e se não é um toco passar de repente, você não faz ideia de como está indo depressa, só respira fundo e pensa “Meu Deus! Como esse toco está rápido...” Se você acha que não é triste e solitário ficar no meio do nevoeiro sozinho no meio da noite, experimente — você vai ver.

Depois, por quase meia hora, fiquei gritando de vez em vez, até que ouvi uma resposta bem longe e tentei ir atrás, mas não consegui. Logo achei que estava no meio de um ninho de coroas, pois via lampejos fracos delas dos dois lados — às vezes só com um canal estreito entre elas, e algumas que eu não via mas sabia onde estavam porque ouvia a correnteza passando entre os arbustos mortos e os restos que ficavam agarrados nas margens. Bem, não perdi muito tempo caçando gritos ali. Só tentei ir atrás deles um pouquinho, porque era pior que correr atrás de fogo-fátuo. Não dá para saber porque o som desvia muito, e muda muito, de lugar e depressa e demais.

Tive que remar para longe da margem com toda força quatro ou cinco vezes, para não bater nas ilhas. Então, imaginei que a jangada devia ter ido parar na margem afinal, do contrário já ia estar muito longe e não ia mais me ouvir — a jangada ia um pouco mais depressa que eu.

Bem, parecia que estava agora de novo no rio aberto, mas não ouvi mais nada de grito. Imaginei que o Jim devia ter se enroscado naqueles tocos arrancados e, talvez, estivesse tudo acabado para ele. Eu estava era bem cansado, então deitei na canoa e falei que não ia mais me importar com nada. Eu não queria dormir, é claro, mas estava com tanto sono que não pude evitar. Então, pensei em dar só uma cochilada.

Mas acho que foi mais que uma cochilada, pois quando acordei as estrelas estavam brilhantes, o nevoeiro tinha passado, e eu estava rodopiando para uma curva do rio com a popa para a frente. Na hora eu não sabia onde estava, achei que tinha sido um sonho, e quando as coisas começaram a voltar parecia que tinha sido há uma semana.

O rio ali era monstruoso, com as árvores mais altas e mais grossas nas duas margens — uma verdadeira muralha sólida, pelo que eu podia ver com a luz das estrelas. Olhei rio abaixo e vi uma mancha preta na água. Fui ver o que era, mas quando cheguei perto não passava de dois tocos serrados amarrados juntos. Depois vi outra mancha e fui ver o que era, e dessa vez eu estava certo. Era a jangada.

Quando cheguei, o Jim estava sentado lá com a cabeça entre os joelhos, dormindo, com o braço direito em cima do remo. O outro remo estava quebrado,

e a jangada estava toda suja de folhas e galhos e barro. Ela também passou por um mau momento.

Corri para a jangada e me deitei bem embaixo do nariz do Jim, e comecei a bocejar, e a me espreguiçar com as mãos empurrando ele.

— Olá, Jim, peguei no sono. Por que você não me acordou?

— Santo Deus, é você, Huck? Você não morreu, não afogou... você voltou, é? É bom demais pra ser verdade, meu amigo, é bom demais. Deixa eu olhar pra você, menino, deixe eu tocar em você. Não, não morreu mesmo! Você voltou, são e salvo, justinho o mesmo velho Huck, o mesmo Huck de sempre, graças a Deus!

— O que foi, Jim? Andou bebendo?

— Bebendo? Se eu andei bebendo? Como eu ia ter a chance de beber?

— Bem, então por que está falando desse jeito comigo?

— Como assim? Estou falando de que jeito?

— Como? Ora, você acabou de falar que voltei e essas coisas, como se eu tivesse ido para algum lugar...

— Huck, Huck Finn, olha bem pros meus olhos. Me olha no olho, menino. E você não tinha ido embora?

— Ido embora? Ora, que diabos você quer dizer com isso? Não fui embora coisa nenhuma. Aonde eu fui?

— Bem, olha, patrão, aí tem coisa errada, tem sim. Eu sou eu ou quem? Estou aqui ou estou onde? Ora, é só isso que eu quero saber.

— Bem, acho que você está aqui, isso é verdade, mas acho que você está ficando um velho louco, Jim.

— Será que tô? Bem, você me responde o seguinte: você não foi de canoa levar a corda pra atracar a jangada naquela coroa?

— Não, não fui. Que coroa? Não estou vendo nenhuma coroa.

— Você não viu a coroa? Olha, a corda não soltou e a jangada não disparou rio abaixo, e você não ficou na canoa no meio do nevoeiro?

— Que nevoeiro?

— Ora, o nevoeiro! O nevoeiro que ficou aqui a noite inteira. E você não gritou, e eu não gritei, porque ficamos perdido nas ilha e um não se perdeu do outro, e o outro não se perdeu do um, porque um não sabia onde o outro estava?

E eu não vim bater de novo nessas ilha e não passei um apuro danado e quase me afoguei? Agora não foi isso, patrão? Não foi assim? Só me responde isso.

— Bem, isso é demais para mim, Jim. Não vi nevoeiro nenhum, nem ilha nenhuma, nem apuro nenhum, nem nada. Fiquei aqui conversando com você a noite inteira até você pegar no sono dez minutos atrás, e pelo visto eu também peguei no sono. Você não podia ficar bêbado tão depressa, então é claro que você sonhou tudo isso.

— Desgraça, como eu fui sonhar tudo isso em dez minutos?

— Ora, dane-se, você sonhou, porque nada disso aconteceu.

— Mas, Huck, para mim foi claro como se...

— Não faz diferença se foi claro, não foi nada. Sei disso, porque fiquei aqui o tempo inteiro.

O Jim ficou sem falar nada por uns cinco minutos, mas ficou pensando.

— Bem, então acho que sonhei, Huck; mas, macacos me mordam se não foi o sonho mais poderoso que já tive. E nunca tive um sonho que me deixou cansado assim.

— Oh, bem, isso é verdade, porque o sonho cansa como se fosse verdade às vezes. Mas esse sonho foi uma verdadeira luta. Conte como foi, Jim.

Então o Jim começou a me contar a história toda desde o começo, exatamente como aconteceu, só que ele exagerou um bocado. Depois ele falou que ia tentar “interpretar”, porque aquilo só podia ser um sinal. Ele falou que a primeira coroa era um homem que ia tentar fazer o bem para nós, mas a correnteza era outro homem que ia nos levar para longe do primeiro homem. Os gritos eram os sinais que iam vir de vez em quando e, se não entendêssemos, eles dariam azar, em vez de nos ajudar a afastar o azar. As coroas eram apuros que íamos ter com pessoas violentas e todo tipo de gente cruel, mas, se cuidássemos da nossa vida e não revidássemos e piorássemos a situação, íamos conseguir atravessar e passar pelo nevoeiro e chegar no rio grande e claro, que eram os estados livres, e não íamos mais ter apuro nenhum.

As nuvens tinham ficado bem escuras depois que cheguei na jangada, mas agora estavam clareando de novo.

— Oh, bem, até aqui tudo está bem interpretado, Jim, mas o que querem dizer essas coisas aí?

Eram as folhas e a sujeira na jangada e o remo quebrado. Agora dava para ver bem essas coisas.

O Jim olhou para aquele lixo todo, e depois olhou para mim, e depois voltou a olhar para o lixo. Ele estava com o sonho tão fixo na cabeça que não conseguia se livrar mais e voltar a pôr os fatos no lugar de novo. Mas quando ele entendeu tudo me olhou firme sem sorrir.

— O que querem dizer essas coisas? Vou te dizer o quê. Quando fiquei cansado de te procurar, e de ficar chamando você, e fui dormir, o meu coração estava quase partido porque tinha te perdido, e eu não queria mais saber de mim e dessa jangada. E quando acordei e vi você de novo, a lágrima veio com tudo, e quis me ajoelhar e beijar os seus pés, de tão agradecido que eu estava. E você só conseguia pensar em inventar uma mentira para enganar o velho Jim. Essas coisas querem dizer lixo, e lixo é uma pessoa que põe sujeira na cabeça do amigo e faz ele passar vergonha.

Depois ele levantou devagar e andou até a tendinha, e entrou lá sem falar mais nada. Mas foi o bastante. Fiquei me sentindo tão cruel que quase fui eu mesmo beijar os pés dele para voltar atrás.

Demorei quinze minutos até conseguir me preparar para ir lá me humilhar diante de um escravo, mas fui e nunca me arrependi disso, nem depois. Nunca mais preguei peça nele, e eu nunca ia ter pregado essa se soubesse que ele ia se sentir daquele jeito.

16.

Nós dormimos quase o dia inteiro e saímos à noite, um pouco depois de uma jangada monstruosa de comprida passar devagar como uma procissão. Ela tinha quatro remos compridos em cada ponta, de modo que imaginamos que pudesse levar até uns trinta homens, provavelmente. Tinha cinco tendas grandes a bordo, espalhadas, e uma fogueira ao ar livre no meio, e um mastro alto de bandeira em cada ponta. Essa jangada tinha um bocado de estilo. Ser jangadeiro em uma jangada daquelas não era pouca coisa.

Nós fomos descendo e chegamos a uma grande curva, e a noite ficou cheia de nuvens e abafada. O rio era muito largo ali e fechado com um paredão de árvores grossas dos dois lados — não dava para ver quase nenhuma clareira, nem luz passava. Conversamos sobre Cairo, e ficamos pensando se íamos saber quando chegasse. Falei que provavelmente não íamos ver, porque eu tinha ouvido falar que só eram umas dez casas e, se por acaso não tivesse luz acesa, como íamos saber se era uma cidade? O Jim disse que se os dois rios grandes se juntassem lá, isso era o sinal. Mas falei que talvez estivéssemos passando pela ponta de uma ilha e depois voltando para o mesmo rio. Isso deixou o Jim perturbado — e eu também. Então a pergunta era: o que fazer? Falei:

— Vamos remar para a margem assim que aparecer uma luz acesa, e falar que o meu pai está vindo atrás, com a escuna, e que ele é novato no negócio, e queria saber quanto faltava para chegar em Cairo.

O Jim achou uma boa ideia, então ficamos fumando e pensando nisso e esperamos.

Não tinha mais nada a fazer a não ser ficar de olho para ver a cidade, e não deixar ela passar sem ver. Ele falou que tinha certeza que ia ver, porque ia ser livre no minuto que visse, mas, se a cidade passasse, ele ia continuar nessa terra

de escravo e podia esquecer a liberdade. A todo instante ele dava um pulo e falava:

— Será que é aqui?

Mas não era. Era fogo-fátuo, ou vagalume. Então o Jim tornava a sentar e continuava vigiando, como antes. Ele falou que já estava tremendo e febril só de estar tão perto da liberdade. Bem, devo dizer, eu também estava tremendo e febril só de ouvir ele falar, porque comecei a pensar na minha cabeça que ele já *estava* livre — e quem era o culpado disso? Ora, eu mesmo. Eu não conseguia tirar isso da minha consciência, de jeito nenhum. Isso começou a me perturbar, de modo que eu não conseguia descansar, não conseguia nem ficar parado no lugar. Eu não tinha pensado nisso antes, no que eu estava fazendo. Mas agora eu estava pensando, e esse pensamento ficou comigo, e começou a me queimar cada vez mais. Tentei me convencer que a culpa não era minha, porque eu não tinha roubado o Jim da dona legítima, mas não adiantou, a consciência vinha e falava: “Mas você sabia que ele estava fugindo para ser livre, e você podia ter remado para a margem e falado para alguém.” Foi uma coisa assim tão... não consegui evitar de jeito nenhum. Era isso que me doía. A minha consciência vinha e falava: “O que a pobre da srta. Watson te fez para você deixar o escravo dela fugir bem debaixo dos seus olhos e não falar nada? O que aquela pobre mulher te fez para você tratar ela tão mal? Ora, ela tentou te ensinar a ler, ela tentou te ensinar bons modos, ela tentou ser boa para você de todos os jeitos que podia. Foi isso que ela fez.

Comecei a me sentir tão cruel e tão infeliz que quase quis morrer. Fiquei agitado, indo para lá e para cá na jangada, me xingando sozinho, e o Jim ficava passando por mim para lá e para cá. Nenhum de nós conseguia parar quieto. Toda vez que ele vinha e falava “Lá está Cairo!”, essas palavras me acertavam como um tiro, e eu pensava que se fosse mesmo Cairo eu ia morrer de infelicidade.

O Jim ficou falando em voz alta o tempo todo que fiquei falando sozinho. Ele estava falando que a primeira coisa que ia fazer quando chegasse em um estado livre ia ser guardar dinheiro e não gastar nenhum centavo, e quando tivesse dinheiro suficiente ia comprar a esposa, que era de uma fazenda perto de onde a srta. Watson morava antes, e depois os dois iam trabalhar para comprar os dois

filhos, e se o dono dos filhos não vendesse eles, iam arranjar um abolicionista para ir lá e roubar as crianças.

Quase congelei ao ouvir essa história. Ele não ousaria falar assim antes. Para você ver a diferença que fez nele aquele minuto que achou que estava quase livre. Era como dizia o velho ditado: “Você dá a um escravo um dedo, e ele vai querer o braço.” Pensei comigo: “Isso é o que dá eu não pensar direito.” Ali estava um escravo, que eu tinha ajudado a fugir, de cara lavada vindo falar que ia roubar crianças — crianças cujo dono era um homem que eu nem conhecia; um homem que nunca fez nada de mal para mim.

Lamentei ouvir o Jim falar daquele jeito, ele caiu muito no meu conceito. A minha consciência começou a provocar mais do que nunca, até que enfim falei para ela: “Já chega! Ainda não é tarde demais. Vou remar para a margem assim que aparecer uma luz e contar tudo.” No mesmo instante, eu me senti mais tranquilo e feliz e leve como uma pluma. Todos os meus problemas acabaram. Até que apareceu uma luz. O Jim gritou:

— Estamos salvos, Huck, estamos salvos! — gritou Jim. — Dá um pulo e bate os calcanhares! Lá tá a boa e velha Cairo finalmente, tenho certeza!

— Vou pegar a canoa e remar até lá para ver, Jim. Pode não ser, sabe.

Ele deu um pulo, aprontou a canoa, pôs o velho casaco dele no fundo para eu sentar em cima e me deu o remo.

— Logo mais vou gritar de alegria, e vou falar, é tudo graças a Huck — falou ele quando eu estava saindo. — Sou livre, e jamais seria livre se não fosse Huck. Huck que fez isso. Jim não vai te esquecer nunca, Huck, você é o melhor amigo que o Jim já teve. E você é o único amigo que o Jim tem agora.

Eu já estava indo com pressa para entregar ele, mas, quando ele falou isso, foi como se a vontade sumisse. Então perdi a pressa, e não tinha mais certeza se estava contente com a ideia ou não.

— Lá vai ele, o bom e velho Huck — disse Jim, quanto eu já estava a uns cinquenta metros. — O único cavalheiro branco que manteve sua palavra com o velho Jim.

Bem, eu me senti mal. Mas pensei: “Tenho que fazer isso, não posso evitar.” Justo nessa hora passou um esquife com dois homens armados, e eles pararam e eu parei.

— O que é aquilo ali? — perguntou um deles.

— Uma jangada quebrada — respondi.

— Essa jangada é sua?

— Sim, senhor.

— Tem alguém nela?

— Só um homem, senhor.

— Bem, cinco escravos fugiram essa noite por aqui, perto da curva do rio. Esse homem da jangada é branco ou negro?

Eu não respondi na hora. Tentei, mas as palavras não vinham. Tentei um ou dois segundos me controlar e falar, mas não tive coragem, nem a coragem de um coelho. Vi que estava fraquejando. Então desisiti.

— Branco — respondi.

— Acho que vamos lá ver com nossos próprios olhos.

— Seria muito bom, porque é o meu pai que está lá, e talvez os senhores possam me ajudar a rebocar a jangada para a margem ali onde tem uma luz acesa. Ele está doente, assim como minha mãe e a Mary Ann.

— Oh, diabos! Estamos com pressa, menino. Mas acho que temos que ajudar. Venha, reme, vamos logo.

Comecei a remar e eles também.

— O meu pai vai ficar muito agradecido, isso eu garanto — falei, depois de uma ou duas remadas. — Todo mundo foge quando peço ajuda para rebocar a jangada, e não consigo sozinho.

— Bem, isso é uma crueldade infernal. Além de ser estranho. Diga, menino, o que o seu pai tem?

— Ele está com... bem... não é nada grave.

Eles pararam de remar. Faltava pouquinho para chegar na jangada.

— Menino, isso é mentira. Que doença o seu pai tem? Responda sem rodeios agora, e vai ser melhor para você.

— Eu vou, senhor, eu vou, juro, mas, por favor, não nos abandone. Ele está com.. com... Cavalheiros, se os senhores puderem passar na frente, e eu passo a corda, vocês nem precisam chegar perto da jangada... por favor.

— Vamos voltar, John, vamos voltar! — falou um deles. Eles remaram de ré.
— Afaste-se, menino, vá para lá. Ora essa, só espero que o vento não tenha

soprado a doença para cá. O seu pai tem é varíola, e você sabe muito bem disso. Por que não disse logo? Quer que a doença se espalhe?

— Bem — eu estava fingindo um choro —, falei antes para todo mundo, e todo mundo foi embora e nos deixou.

— Pobre diabo, você tem razão. Sentimos muito por você, mas nós... bem, dane-se, nós não queremos pegar varíola, sabe... Escute, vou lhe dizer o que fazer. Não tente atracar sozinho, ou a jangada vai se despedaçar. Siga rio abaixo mais uns trinta quilômetros, e você vai chegar a uma cidade na margem esquerda. O sol já vai ter nascido, e quando pedir ajuda diga que os seus pais estão com calafrios e febre. Não seja bobo de novo, e deixe que as pessoas adivinhem a doença. Ora, estamos tentando fazer uma gentileza. Então siga mais trinta quilômetros e seja um bom menino. Não ia adiantar desembarcar lá onde tem aquela luz acesa, é só uma madeireira. Ora, imagino que o seu pai seja pobre, e devo dizer que ele está com muito azar. Aqui, vou deixar uma moeda de vinte dólares de ouro nessa prancha, e vou soltar para ela ir boiando e você pega. Eu me sinto muito mal de deixar você sozinho, mas, por tudo o que é mais sagrado! Não queremos pegar varíola, entende?

— Espere aí, Parker — disse o outro —, aqui tem mais vinte meus. Adeus, menino, faça o que o sr. Parker falou, e vai dar tudo certo.

— É isso mesmo, menino. Adeus, adeus. Se encontrar esses escravos fujões, procure ajuda para capturá-los, e você ainda vai ganhar dinheiro com isso.

— Adeus, senhor — respondi —, não vou deixar nenhum escravo fujão passar por mim se eu puder impedir.

Eles foram embora e voltei para a jangada, me sentindo mal e triste, porque eu sabia muito bem que tinha agido errado, e vi que não adiantava tentar me ensinar o certo. Quando a pessoa não começa certo de pequeno, não adianta — na hora do aperto, não tem ninguém para apoiar e mandar fazer as coisas, e assim a pessoa se dá mal. Depois pensei um minuto, e falei para mim mesmo: “Espera aí, e se eu agisse certo e entregasse o Jim, será que ia me sentir melhor que agora?” Não, percebi, eu ia me sentir mal, ia me sentir como agora. Então, eu pensei: “Bem, de que adianta aprender a agir certo se isso é um problema e se agir errado não é problema nenhum, e a recompensa é a mesma?” Fiquei sem

saída. Eu não sabia a resposta para isso. Então achei melhor não me preocupar mais com isso, e depois disso sempre fazer o que fosse mais fácil na hora.

Entrei na tendinha. O Jim não estava lá. Olhei tudo em volta, e ele não estava em lugar nenhum.

— Jim!

— Aqui, Huck. Eles já foram? Não fala alto.

Ele estava dentro do rio embaixo do remo da popa, só com o nariz para fora d'água. Falei que eles tinham ido embora, então ele subiu na jangada.

— Fiquei ouvindo a conversa toda, e entrei no rio e ia nadar para a margem se eles viessem. Depois eu ia nadar de volta para a jangada quando eles fossem embora. Mas, Jesus, como você enganou eles, Huck! Foi a escapada mais esperta que já vi! Vou te dizer, menino, acho que isso salvou a vida do velho Jim, o velho Jim aqui não vai esquecer isso, meu amigo.

Depois falamos sobre o dinheiro. Era uma boa quantia: vinte dólares para cada um. Jim falou que agora podíamos comprar a passagem do vapor, e o dinheiro ia durar até chegar nos estados livres. Ele falou que trinta quilômetros não era longe para a jangada, mas ele queria mesmo era já estar lá.

Nós atracamos quando o dia estava raiando, e o Jim fez questão de esconder bem a jangada. Depois ele ficou o dia inteiro arrumando as coisas em trouxas e aprontando tudo para deixar a jangada.

Naquela noite, por volta das dez, vimos as luzes de uma cidade lá adiante em uma curva à esquerda.

Fui de canoa até lá para ver. Logo encontrei um homem no rio com um esquife, preparando um chicote com vários anzóis. Eu me aproximei.

— Senhor, essa cidade é Cairo? — perguntei.

— Cairo? Não. Você deve ser um maldito idiota.

— Que cidade é essa, senhor?

— Se você quer sabe, vá lá e descubra sozinho. Se você ficar aqui me incomodando mais meio minuto, não vai gostar do que vou fazer.

Remei até a jangada. O Jim ficou muito decepcionado, mas falei: “Não importa, Cairo deve ser a próxima”, eu achava.

Passamos por outra cidade antes de amanhecer, e fui de novo de canoa, mas a margem era muito alta, então não desembarquei. Em Cairo a margem é baixa,

explicou o Jim. Eu tinha esquecido. Paramos em uma coroa perto da margem esquerda do rio. Comecei a desconfiar de uma coisa. E o Jim também.

— Talvez Cairo tenha passado naquela noite do nevoeiro — comentei.

— Não vamo falar disso, Huck. Pobre escravo não tem sorte mesmo. Sempre achei que o azar daquela pele de cobra não tinha passado ainda.

— Queria nunca ter visto aquela pele de cobra, Jim. Quem me dera nunca tivesse posto os olhos nela.

— Não foi culpa sua, Huck, você não sabia. Não se culpe por isso.

Quando raiou o dia, lá estava a água clara do Ohio correndo na margem, sem dúvida, e longe da margem continuava a água barrenta do velho Mississippi! Então desistimos de Cairo.

Conversamos sobre isso. Não ia adiantar ir para a terra firme, não podíamos subir contra a corrente, é claro. Não tínhamos outra saída senão esperar escurecer, e tentar subir o rio de canoa e correr o risco. Então, dormimos o dia inteiro no bosque de choupo, para estarmos recuperados para trabalhar, e quando voltamos, já quando estava escurecendo, a canoa tinha sumido!

Não falamos nada por um bom tempo. Não tínhamos o que falar. Nós dois sabíamos muito bem que aquilo era ainda obra da pele de cascavel. Então de que adiantava falar? Só ia parecer que estávamos tentando pôr a culpa no outro, e isso ia atrair mais azar — e continuar atraindo azar, até que percebêssemos que era melhor ficar quieto.

Aos poucos, conversamos sobre o que era melhor fazer e descobrimos que não havia outro jeito senão descer o rio de jangada até termos como comprar uma canoa para voltar. Não íamos conseguir pegar uma canoa emprestada quando não tivesse ninguém por perto, como o meu pai faria, pois as pessoas iam acabar vindo atrás de nós.

Então continuamos na jangada depois que escureceu.

Qualquer pessoa que ainda não acredita que é loucura segurar pele de cobra, depois de tudo o que aquela pele de cobra fez, agora vai acreditar, se continuar lendo, ao ver o que mais ela nos causou.

O lugar de comprar canoa é onde ficam as jangadas que estão paradas na margem. Mas não vimos nenhuma jangada no caminho, então seguimos rio abaixo por mais três horas e pouco. Bem, a noite ficou cinza e fechada, o que é a

segunda pior coisa depois de um nevoeiro. Não dá para saber a forma do rio e não se vê nada. Começou a ficar muito tarde e silencioso, e depois veio um vapor subindo o rio. Acendemos a lanterna, e achamos que o vapor fosse nos ver. Os barcos que subiam o rio geralmente não chegavam perto de nós — eles passam por fora, seguem as barras e procuram águas mais paradas embaixo dos recifes —, mas em noites como aquela iam bem pelo meio do canal enfrentando a correnteza do rio inteiro.

Podíamos ouvir o vapor batendo as pás, mas não conseguimos ver direito até que ele chegou bem perto. Veio vindo bem na nossa direção. Muitas vezes fazia isso só para ver até que ponto conseguia chegar perto sem encostar — às vezes a roda arrancava um pedaço de remo, e aí o piloto punha a cabeça para fora e dava risada e se achava muito esperto. Bem, aí vem o vapor, e falamos que ia tentar passar raspando, mas ele não parecia estar nem desviando. Era um vapor grande, e estava vindo depressa também, parecendo uma nuvem preta com faixas de vagalumes em volta. Mas, de repente, ele ficou enorme, grande e assustador, com uma fileira comprida de fornalhas abertas brilhando como dentes vermelhos de fogo, e a proa medonha e as amuradas bem em cima de nós. Alguém berrou para nós, e ouvimos sinos tocando para parar as caldeiras, uma gritaria de xingamentos e um assobio de fumaça — e o Jim foi para um lado e eu para o outro, e o vapor passou esmagando a jangada.

Mergulhei — e tentei chegar no fundo do rio, pois a roda de mais de nove metros tinha que passar por cima de mim, e eu queria dar bastante espaço para ela. Sempre consegui ficar embaixo d'água um minuto, mas dessa vez acho que fiquei um minuto e meio. Depois subi depressa para a superfície, pois estava quase desmaiando. Tirei os braços da água, tirei a água do nariz e respirei um pouco. Claro que a correnteza estava forte, e claro que o vapor ligou a caldeira de novo dez segundos depois de desligar, pois eles nunca se importavam muito com jangadeiros. Então agora o vapor estava subindo outra vez o rio, sumindo naquele tempo fechado — se bem que continuei ouvindo seu barulho.

Chamei o Jim uma dúzia de vezes, mas não veio resposta. Então agarrei uma tábua que encostou em mim quando eu estava “tentando boiar” e fui batendo perna até a margem, com a madeira na minha frente. Mas consegui perceber que

a correnteza estava levando para a margem esquerda, o que queria dizer que eu estava em uma encruzilhada. Então desviei e segui para lá.

Foi uma dessas travessias demoradas, esforçadas, de uns três quilômetros — levei um bom tempo para conseguir. Cheguei na margem e subi na ribanceira. Não dava para enxergar quase nada, mas fui tateando o terreno por uns quinhentos metros ou mais, e então, quando eu menos esperava, cheguei a uma casa de troncos grande e antiga com dois andares. Pensei em sair correndo e ir embora, mas vários cachorros apareceram e vieram uivando e latindo para mim, e achei melhor não me mexer.

17.

Um minuto depois alguém se aproximou da janela sem colocar a cabeça para fora.

— Preparem-se, rapazes! Quem vem lá? — falou a pessoa.

— Sou eu — respondi.

— Eu quem?

— George Jackson, senhor.

— O que você quer?

— Não quero nada, não, senhor. Só quero passar, mas os cachorros não deixam.

— O que você veio fazer aqui a essa hora da noite, hein?

— Não vim fazer nada, não, senhor, eu caí do vapor.

— Oh, você caiu, foi? Alguém aí acenda a luz. Como você disse que se chamava?

— George Jackson, senhor. Sou apenas um menino.

— Escute, se você está falando a verdade, não precisa ter medo, ninguém vai machucar você. Mas não se mexa, fique parado onde está. Alguém aí, acorde o Bob e o Tom, e traga as armas. George Jackson, tem alguém aí com você?

— Não, senhor, ninguém.

— Tire essa luz daí, Betsy, sua velha idiota — gritou o homem. — Você não tem nada na cabeça? Ponha a luz no chão atrás da porta. Bob, se você e o Tom já estiverem prontos, assumam suas posições.

— Tudo pronto.

— Agora, George Jackson, você conhece os Shepherdson?

— Não, senhor, nunca ouvi falar.

— Bem, isso pode ser verdade, mas pode não ser. Ora, todos prontos. Dê um passo à frente, George Jackson. E, lembre-se, devagar, bem devagar. Se tem

alguém aí com você, ele que se afaste. Se ele aparecer, vai levar um tiro. Agora venha. Devagar, deixe a porta aberta, só o bastante para passar, está me ouvindo?

Não me apressei, não ia conseguir mesmo que quisesse. Dei um passo de cada vez, bem devagar, e não havia nenhum som, e achei que conseguia ouvir meu coração batendo. Os cachorros estavam quietos como os humanos, mas vieram um pouco atrás de mim. Quando cheguei na escada de troncos, ouvi a fechadura abrir, depois a trava e depois a tranca. Pus a mão na porta e empurrei um pouquinho e mais um pouquinho, até que alguém falou: “Pronto, já chega, entre primeiro com a cabeça.” Fiz isso, mas achei que fossem arrancá-la.

A vela estava no chão, e lá estavam todos eles, olhando para mim, e eu para eles, durante uns quinze segundos: três grandes homens armados, mirando em mim, o que me fez piscar, devo confessar. O mais velho, grisalho e com uns sessenta anos, os outros dois de trinta ou mais — todos elegantes e bonitos — e uma delicada senhora grisalha. Atrás dela duas mulheres jovens que não pude ver direito.

— Pronto, acho que está tudo certo — falou o velho cavaleiro. — Entre.

Assim que entrei, o velho cavalheiro fechou a porta e travou e trancou, e mandou os rapazes entrarem com suas armas, e foram todos para uma sala grande que tinha um tapete novo no chão, e se acomodaram em um canto que ficava longe das janelas da frente — não tinha janelas dos lados. Eles ergueram a vela, e deram uma boa olhada em mim, e todos falaram: “Ora, ele não é um Shepherdson — não há nada de Shepherdson nesse menino.” Depois o velho falou que esperava que eu não me importasse de ser revistado para ver se eu tinha alguma arma, porque ele não ia fazer isso por mal, era só para garantir. Então não enfiou a mão nos meus bolsos, mas só apalpou por fora, e falou que estava tudo certo. Ele me mandou ficar tranquilo e à vontade.

— Ora, benza Deus, Saul, esse pobrezinho está todo ensopado — comentou a senhora. — Não vê que ele deve estar com fome?

— É verdade, Rachel, me esqueci.

— Betsy — a velha senhora chamou uma escrava —, vá correndo buscar alguma coisa para ele comer o mais depressa que puder, coitadinho. E, meninas, uma de vocês vá acordar Buck e chamá-lo para vir aqui... Oh, aí está ele. Buck,

pegue esse pequeno forasteiro, tire essas roupas molhadas dele e vista ele com algumas suas que estejam secas.

Esse Buck parecia ter a mesma idade que eu — treze ou catorze ou por aí —, embora fosse um pouco mais alto. Ele usava só uma camisa, e parecia ainda estar tonto de sono. Chegou bocejando e coçando os olhos, e trazia uma arma na outra mão.

— Não eram os Shepherdson? — perguntou ele.

Eles falaram que não, alarme falso.

— Bem, se fossem eles, acho que eu ia acertar um.

Todos deram risada.

— Ora, Buck, eles já teriam escalpelado todo mundo aqui, de tanto que você demorou para chegar — brincou Bob.

— Bem, ninguém me chamou, e não é certo sempre me deixarem de fora, nunca posso me divertir.

— Não se preocupe, Buck, meu filho — falou o velho —, você ainda vai se divertir muito, tudo a seu tempo, não se preocupe com isso. Agora vá, e faça o que a sua mãe mandou.

Quando subimos a escada até o quarto dele, ele me deu uma camisa áspera e uma jaqueta e calça, e vesti. Enquanto me vestia, ele perguntou meu nome, mas antes que eu falasse começou a me contar de um gaio-azul e de um coelhinho que tinha caçado na mata antes de ontem, e me perguntou onde estava Moisés quando a vela se apagou. Falei que não sabia — eu nunca tinha ouvido falar nisso antes.

— Bem, adivinhe — falou ele.

— Como vou adivinhar se nunca ouvi falar disso?

— Mas você é capaz de adivinhar, não é? É muito fácil.

— *Qual* vela?

— Ora, qualquer vela.

— Eu não sei onde ele estava. Onde?

— Ora, ele estava no *escuro*! Essa é a resposta!

— Bem, se você já sabia onde ele estava, por que me perguntou?

— Ora, dane-se, é um enigma, não sabe? Diga, quanto tempo vai ficar aqui? Você tem que ficar para sempre. Podemos nos divertir muito, não tem escola

agora. Você tem cachorro? Eu tenho um cachorro, e ele entra no rio e traz o pau que você joga. Você gosta de se arrumar para o domingo, e toda essa besteira? Pode apostar que não gosto, mas a minha mãe me obriga. Ah, essa maldita calça curta! Acho melhor eu vestir logo, mas prefiro não usar, elas são muito quentes. Você já está pronto? Tudo bem. Agora vamos, pangaré.

Broas de milho frias, carne salgada fria, manteiga e nata batida — isso foi o que me serviram lá embaixo, e foi a melhor coisa que já me ofereceram até então. Buck e a mãe dele e todos os outros fumaram cachimbo de sabugo, menos a escrava, que tinha ido embora, e as duas moças. Todo mundo fumou e conversou, e comeu e conversou. As moças usavam mantas nas costas, e seus cabelos eram compridos. Todos me fizeram perguntas, e contei como o meu pai e eu e toda a família estavam morando em um sítio no sul de Arkansa, e que a minha irmã Mary Ann tinha fugido e casado e nunca mais ninguém teve notícias dela, que o Bill tinha ido atrás dos noivos e nunca mais ninguém tinha ouvido falar dele, e que o Tom e o Mort tinham morrido, e então não tinha sobrado ninguém além de mim e do meu pai, e que ele já estava bem acabado, depois de tantos problemas. Quando ele morreu, peguei o que sobrou, porque o sítio não era nosso, e resolvi subir o rio, comprei uma passagem no vapor e caí na água. E era assim que eu tinha ido parar ali. Depois eles falaram que eu podia morar lá o tempo que quisesse. Então estava quase raiando o dia e todo mundo foi dormir, e fui para a cama com o Buck. Quando acordei de manhã, desgraça, tinha esquecido qual era o meu nome. Aí fiquei deitado uma hora tentando lembrar, e quando o Buck acordou eu falei: — Você sabe soletrar, Buck?

— Sei.

— Aposto que você não sabe soletrar o meu nome.

— Pode apostar que sei.

— Está certo, então soletra.

— G-e-o-r-g-e J-a-x-o-n. Pronto.

— Bem, sabe mesmo, mas achei que não soubesse. Não é um nome tão fácil de soletrar, assim de primeira.

Anotei, sem ninguém ver, porque alguém podia querer que eu soletrasse, e então tentei decorar para repetir depressa como se estivesse acostumado.

Era uma família muito simpática, e uma casa muito simpática também. Nunca vi uma casa no interior tão bonita e com tanto estilo. Não tinha um trinco de ferro na porta da frente, nem de madeira amarrado com couro, mas uma maçaneta de latão para girar, igual às casas da cidade. Não tinha cama na sala, nem sinal de cama, mas várias salas nas cidades têm camas. Tinha uma lareira grande com tijolos embaixo, e os tijolos eram limpos e vermelhos, porque passavam água neles e esfregavam com outro tijolo — às vezes, lavavam com uma tinta vermelha que chamavam de marrom espanhol, igual às lareiras da cidade. Eles tinham grelhas de lareira grandes de latão que podiam acomodar uma tora serrada. Tinha um relógio no meio do aparador, com uma pintura de uma cidade na metade de baixo do vidro, e um lugar redondo no meio que era o sol, e dava para ver o pêndulo balançando atrás. Era uma beleza ouvir o barulho daquele relógio, e às vezes vinha um relojoeiro ambulante acertar o relógio e ele voltava a funcionar, e batia cento e cinquenta vezes antes de parar. Eles não iam vender aquele relógio por dinheiro nenhum.

Bem, tinha um grande papagaio estrangeiro de cada lado do relógio, feito de alguma coisa que parecia gesso e pintado em cores vivas. Ao lado de um dos papagaios, tinha um gato de louça e um cachorro de louça do outro. Quando você apertava eles, eles guinchavam, mas não abriam a boca, nem pareciam diferentes ou interessados. Guinchavam por baixo. Tinha dois leques grandes de penas de peru selvagem abertos atrás deles. Na mesa no meio da sala tinha uma linda fruteira de louça com maçãs e laranjas e pêssegos e uvas empilhadas, que eram muito mais vermelhas e amarelas e bonitas do que as de verdade, mas dava para ver pedacinhos lascados mostrando o gesso por baixo, ou o material que fosse.

Essa mesa tinha uma bela toalha impermeável, com uma águia vermelha e azul pintada, e uma barra pintada em volta. Essa toalha veio de Philadelphia, disseram. Tinha também alguns livros, empilhados com perfeição, em cada canto da mesa. Um era uma Bíblia da família cheia de figuras. Um era *O caminho do peregrino*, sobre um homem que abandonava a família, não explicava por quê. Eu lia um bocado desse livro, de vez em quando. As frases eram interessantes, mas duras. Outro livro era *Oferenda de amizade*, cheio de coisas bonitas e poesia; mas não li a parte da poesia. Outro era *Discursos* de Henry Clay, e outro

era *Medicina familiar* do dr. Gunn, que explicava tudo o que você devia fazer se ficasse doente ou morresse. Tinha um hinário, e um monte de outros livros. E tinham belas cadeiras com assento de palha trançada, em perfeito estado — não afundadas no meio e tortas, como uma cesta velha.

Eles tinham quadros pendurados nas paredes — principalmente Washingtons e Lafayettes, e batalhas, e Highland Marys, e um chamado “Assinatura da Declaração”. Tinha alguns que eles chamavam de carvão, que uma das filhas que tinha morrido fez dela mesma quando tinha só quinze anos. Esses eram diferentes de todos os quadros que eu já tinha visto na vida — mais preto, em geral, do que o comum. Um era uma mulher com um vestido preto justo, com uma faixa embaixo dos braços, com bolas que pareciam repolhos no meio das mangas, e uma touca preta grande que parecia um balde de carvão com véu preto, e tornozelos brancos finos trançados com fita preta, e chinelos pretos muito pequenos, como miniaturas, e ela estava triste, apoiada com o cotovelo direito em uma sepultura, embaixo de um salgueiro, e a outra mão ao lado segurava um lenço branco e uma bolsinha, e embaixo do quadro estava escrito “Não te verei mais, infelizmente”. Outro era uma mocinha com o cabelo penteado para o topo da cabeça, e amarrado com um pente que parecia um encosto de cadeira, e ela estava chorando no lenço e tinha um passarinho morto deitado de costas na outra mão com as patas para cima, e embaixo do quadro estava escrito “Não ouvirei mais teu doce gorjeio, infelizmente”. Tinha um que era uma moça perto de uma janela olhando para a lua, e as lágrimas escorrendo no rosto; e ela tinha uma carta aberta na mão com um lacre de cera preto no canto, e estava segurando um cadeado com uma chave na boca, e embaixo do quadro estava escrito “E partiste, sim, partiste, infelizmente.” Eram todos quadros bonitos, acho, mas por algum motivo, pelo jeito, eu não chegava a gostar deles, porque toda vez que eu estava um pouco triste eles sempre me davam faniquitos. Todo mundo ficou triste quando ela morreu, porque ela ainda tinha muitos quadros desses para fazer, e dava para ver pelos que ela fez o tanto que eles perderam. Mas achei que pelo jeito ela devia estar gostando mais da sepultura. Ela estava trabalhando no que eles falaram que ia ser seu melhor quadro quando ficou doente, e todo dia e toda noite ela rezava para poder continuar viva até terminar, mas não teve essa chance. Era um quadro de uma

mocinha com uma longa camisola branca, parada em uma ponte, prestes a pular, com o cabelo todo para trás e olhando para a lua, com lágrimas no rosto, e dois braços cruzados no peito, e dois braços esticados para a frente, e mais dois levantados para a lua — e a ideia era ver qual par de braços ia ficar melhor, e depois apagar os outros, mas, como eu ia dizendo, ela morreu antes de decidir, e hoje eles puseram esse quadro em cima da cabeceira da cama do quarto dela, e todo aniversário dela eles põem flores no quadro. Nos outros dias, o quadro ficava atrás de uma cortininha. A mocinha do quadro tinha um rosto simpático e delicado, mas tinha tantos braços que parecia demais uma aranha, achei.

Essa mocinha tinha um álbum de recortes quando estava viva, e ela costumava colar obituários e acidentes e casos de sofrimento que saíam no *Presbyterian Observer*, e escrevia poesias inspiradas nessas notícias. Eram poesias muito boas. Esta é a que ela escreveu sobre um menino chamado Stephen Dowling Bots, que caiu no poço e morreu afogado: Ode a Stephen Dowling Bots, in memoriam Acaso o jovem Stephen adoeceu,

Acaso o jovem Stephen está morto?
Acaso algum coração se entristeceu,
Acaso alguém chorou no horto?

Não; não foi a sina do finado
Menino Stephen Dowling Bots;
Embora o coração tenha se amofinado,
Não foi doença a *causa mortis*.

Nem coqueluche o consome,
Nem sarampo, fraco ou forte;
Nada disso mancha o nome
De Stephen Dowling Bots.

Nem amor recusado feriu
A cabeça de cachos com seu bote,
Nenhuma úlcera deprimiu,
Stephen Dowling Bots.

Oh não. Então com lágrimas ouve,
A triste história desse moço.
Sua alma do mundo frio voou
Ao cair dentro de um poço.

Tiraram do poço, tiraram a água;
Pena, foi tarde demais;
Seu espírito se foi, sem mágoa,
Ao reino do bem e da paz.

Se Emmeline Grangerford já fazia poesia assim antes dos catorze anos, sem dúvida ia acabar fazendo muito mais depois. Buck falou que ela fazia poesia como se não fosse nada. Que nem precisava parar para pensar. Ele falou que ela escrevia um verso, e se não conseguia encontrar nada que rimasse, ela apagava e escrevia outro, e seguia em frente. Ela não era muito exigente — podia escrever sobre qualquer coisa que as pessoas quisessem que escrevesse, desde que fosse triste. Toda vez que morria um homem, ou uma mulher, ou uma criança, ela já estava com o “tributo” pronto antes que o defunto esfriasse. Ela chamava essas poesias de tributo. Os vizinhos falaram que era primeiro o doutor, depois Emmeline, e depois o agente funerário — o agente funerário nunca chegava antes de Emmeline, a não ser uma vez, e dessa vez ela demorou para achar a rima para o nome do morto, que era Whistler. Ela nunca mais foi a mesma depois disso. Nunca reclamou, mas foi aos poucos definhando e não viveu muito mais. Pobrezinha, muitas vezes eu ia até o quartinho onde ela dormia e pegava o velho álbum e lia quando os quadros dela ficavam insuportáveis para mim e eu ficava um pouco irritado com ela. Eu gostava daquela família inteira, os mortos também, e não ia deixar nada nos separar. A pobre Emmeline fazia poesia sobre mortos quando estava viva, e não parecia certo que ninguém fizesse uma poesia sobre ela agora que ela tinha morrido. Então, suei para tentar escrever um ou dois versos para ela, mas de algum jeito parecia impossível para mim. Eles deixavam o quarto de Emmeline todo arrumado e limpo, e todas as coisas do jeito que ela gostava quando estava viva, e ninguém nunca mais dormiu lá. A velha senhora cuidava pessoalmente do quarto, embora tivessem muitos escravos, e ali ela costurava um bocado e lia sua Bíblia quase sempre.

Bem, como eu ia dizendo sobre a sala, tinha belas cortinas nas janelas: brancas, com pinturas de castelos cobertos de parreiras, e bois vindo beber água. Tinha também um velho pianinho, que tinha dentro pratinhos de lata, acho, e era a coisa mais linda do mundo ouvir as mocinhas cantando “O último elo se rompeu” e tocando “A batalha de Praga”. As paredes de todos os cômodos eram de gesso, e a maioria tinha tapetes no chão, e a casa inteira era caiada por fora.

Era uma casa de dois andares, separada ao meio por um grande terraço coberto e com piso de madeira, e às vezes a mesa era servida ali no meio do dia, e era um lugar fresco, confortável. Nada podia ser melhor. E não só a comida era boa, como era farta!

18.

O coronel Grangerford era um cavalheiro, sabe? Ele era um cavalheiro em tudo; e a família dele também. Ele era bem-nascido, como dizem, e isso valia tanto para um homem quanto para um cavalo, como a viúva Douglas falava, e ninguém podia negar que ela era da mais fina aristocracia da nossa cidade — e o meu pai também falava isso, se bem que ele não tinha mais qualidades que um bagre amarelo. O coronel Grangerford era muito alto e muito magro, e tinha uma pele morena pálida, sem nenhum pingote de vermelho em lugar nenhum. Ele estava com aquele rosto magro barbeado toda manhã, e tinha os lábios mais finos, e as narinas também, e um nariz grande, e sobrancelhas grossas, e os olhos mais pretos que já vi, tão fundos na cabeça que parecia que ele estava olhando de dentro de uma caverna, digamos assim. Ele tinha a testa alta, e o cabelo preto grisalho e liso até os ombros. As mãos dele eram compridas e finas, e a vida inteira cada dia ele vestia uma camisa limpa e um terno completo feito da cabeça aos pés de linho tão branco que doía os olhos só de olhar, e aos domingos ele vestia uma casaca azul com botão de latão. Ele usava uma bengala de cedro com punho de prata. Ele não tinha um pingote de frivolidade, nada, e nunca levantava a voz. Ele era bom que só ele — dava para sentir isso, sabe, então dava para confiar. Às vezes ele ria, e era bom ver ele rindo, mas quando ele se endireitava e ficava reto feito um mastro, e os raios começavam a lampejar embaixo daquelas sobrancelhas, você queria subir numa árvore primeiro e descobrir o que estava errado depois. Ele nunca tinha que falar para ninguém ter modos — todo mundo se comportava bem onde ele estivesse. Todo mundo adorava ficar perto dele também, porque com ele não tinha tempo ruim — quero dizer, ele fazia parecer que estava sempre tudo bem. Quando você via nuvens se formando em volta dele, ficava tudo escuro por meio minuto, mas depois não tinha mais nenhum problema durante uma semana.

Quando ele e a senhora desciam de manhã, a família inteira levantava da cadeira e dava bom dia, e só sentava de novo depois que eles se ajeitassem. Aí o Tom e o Bob iam até a mesinha onde ficava a garrafa, e preparavam um copo de amaro e serviam para ele, e ele levantava o copo e esperava os copos do Tom e do Bill ficarem prontos, e então eles abaixavam a cabeça e falavam: “Nossos respeitos, ao senhor e à senhora.”. *Eles* abaixavam só um pouquinho a cabeça e agradeciam, e então todos bebiam, os três, e o Bob e o Tom punham um pouco de água com açúcar no resto de uísque ou aguardente de maçã de seus copinhos, e davam para mim e para Buck, e fazíamos o brinde aos velhos também.

O Bob era o mais velho e o Tom o segundo — homens altos, bonitos, com ombros largos e rostos morenos, e cabelos pretos compridos e olhos pretos. Eles se vestiam com linho branco da cabeça aos pés, como velhos cavalheiros, e usavam chapéus-panamá largos.

Depois vinha a srta. Charlotte. Ela tinha vinte e cinco anos, e era alta e orgulhosa e grandiosa, mas bondosa que só ela quando não estava atacada. Mas, quando ela estava atacada, fazia uma cara que fazia você derreter onde estava, igual o pai. Ela era bonita.

Assim como a irmã era a srta. Sophia, mas de um tipo diferente. Ela era delicada e meiga como uma pomba, e tinha só vinte anos.

Cada pessoa da casa tinha seu próprio escravo para cuidar dela — Buck também. O meu escravo tinha uma vida muito mansa, porque eu não estava acostumado a ter ninguém para fazer nada para mim, mas o escravo de Buck estava quase o tempo todo ocupado.

Isso era só o que tinha sobrado da família, mas havia mais — três filhos foram assassinados; e Emmeline morreu.

O velho cavalheiro tinha um monte de fazendas e mais de cem escravos. De vez em quando vinham pessoas visitar, a cavalo, de um raio de quinze ou vinte quilômetros, e passavam cinco ou seis dias, e era uma festança na casa e no rio, e bailes e piqueniques na mata durante o dia, e bailes na casa à noite. Essas pessoas eram quase sempre parentes da família. Os homens traziam as armas. Era uma família bonita e de qualidade, devo dizer.

Tinha outro clã de aristocrata naquela região — cinco ou seis famílias —, quase todos com o sobrenome Shepherdson. Eles eram tão elegantes e bem-

nascidos e ricos e grandiosos quanto a tribo dos Grangerford. Os Shepherdson e os Grangerford usavam o mesmo ancoradouro do vapor, que ficava uns três quilômetros rio acima da nossa casa, de modo que às vezes, quando eu ia lá com vários dos nossos, costumava ver vários Shepherdson com seus belos cavalos.

Um dia, Buck e eu estávamos caçando na mata, e ouvimos um cavalo chegando. Estávamos atravessando a estrada.

— Depressa! Pula pro mato! — falou Buck.

Nós pulamos, e depois ficamos espiando no meio das folhas. Logo veio galopando um rapaz esplêndido, montando o cavalo com jeito e parecendo um soldado. Vinha com a arma atravessada na sela. Eu já tinha visto ele antes. Era o jovem Harney Shepherdson. Eu ouvi a arma de Buck disparar perto da minha orelha, e o chapéu de Harney voou da cabeça dele. Ele pegou a arma dele e veio galopando bem para o lugar onde estávamos escondidos. Mas não esperamos parados. Começamos a correr pela mata. A mata não era muito fechada, então olhei para trás para desviar de bala, e duas vezes vi Harney mirar em Buck. Depois ele foi embora galopando pelo mesmo caminho em que veio — para buscar o chapéu, eu acho, mas não consegui ver. Só paramos de correr quando chegamos em casa. Os olhos do velho cavalheiro faiscaram por uns minutos — principalmente de prazer, imaginei —, depois o rosto dele ficou calmo.

— Não gosto disso de atirar detrás da moita. Por que não atirou da estrada mesmo, meu filho? — perguntou, num tom até gentil.

— Os Shepherdson não fazem isso, pai. Eles sempre tiram vantagem.

A srta. Charlotte levantou a cabeça como uma rainha enquanto o Buck contava a história, e as narinas dela aumentaram e os olhos dela piscaram. Os dois rapazes não gostaram, mas não falaram nada. A srta. Sophia ficou pálida, mas a cor voltou quando ela descobriu que o outro sujeito não tinha se machucado.

Assim que fiquei sozinho com o Buck lá no paiol embaixo das árvores, eu perguntei:

— Você quis matar ele?

— Bem, pode apostar que sim.

— O que ele fez para você?

— Ele? Ele nunca fez nada.

— Bem, então, por que quis matar ele?

— Ora, por nada, só por causa da rixa.

— O que é rixa?

— Ora, onde você foi criado? Você não sabe o que é rixa?

— Nunca ouvi falar... Fale mais.

— Bem, rixa é o seguinte: um homem tem uma desavença com outro homem, e mata ele. Aí os outros irmãos, dos dois lados, vão atrás dos outros, depois entram os primos — até que depois de algum tempo todo mundo se mata, e acaba a rixa. Mas é um pouco lento, e demora muito.

— Essa rixa já tem faz tempo, Buck?

— Bem, acho que sim! Acho que começou há uns trinta anos, ou algo assim. Teve um problema por alguma coisa, e depois alguém processou alguém para resolver. O processo condenou um dos homens, e então ele levantou e atirou no homem que ganhou o processo, o que ele ia fazer naturalmente, é claro. Qualquer um ia fazer a mesma coisa.

— E qual tinha sido o problema, Buck? Terra?

— Acho que sim, talvez. Não sei.

— Bem, e quem foi que atirou primeiro? Foi um Grangerford ou um Shepherdson?

— Ah, como vou saber? Faz muito tempo.

— Será que alguém sabe?

— Oh, sim, o meu pai sabe, acho, e alguns dos outros mais velhos, mas eles já não lembram qual foi o motivo da primeira desavença.

— Muita gente morreu, Buck?

— Sim. Temos um bocado de funerais por aqui. Mas nem sempre eles se matam. O meu pai tem um bocado de chumbo no corpo, mas não se importa porque não é muito pesado mesmo. Bob já levou vários cortes de faca bowie, e o Tom já se machucou uma ou duas vezes.

— Alguém morreu esse ano, Buck?

— Sim, um nosso e um deles. Há uns três meses, o meu primo Bud, de catorze anos, estava andando a cavalo na mata do outro lado do rio, e estava desarmado, o que foi uma loucura da parte dele, e num lugar ermo ele ouviu um cavalo vindo atrás dele, e viu o velho Baldy Shepherdson vindo atrás dele com a arma na mão e a cabeleira branca voando no vento. Em vez de pular na moita, Bud

achou que ia conseguir correr mais que ele, e eles foram assim, galopando, por quase dez quilômetros, o velho cada vez mais perto. Até que enfim Bud viu que não ia dar, então ele parou e se virou para receber os tiros de frente, sabe, e o velho chegou e atirou nele. Mas não teve muito tempo para aproveitar, pois na mesma semana nós acabamos com ele.

— Acho que aquele velho foi um covarde, Buck.

— Acho que não. Nem de longe. Não tem covarde entre os Shepherdson, nem um único covarde. E também não tem covarde entre os Grangerford. Ora, aquele velho um dia lutou durante meia hora contra três Grangerford e saiu vencedor. Eles estavam a cavalo; ele desceu do dele e se escondeu atrás de uma pilha de lenha, e deixou o cavalo na frente dele para se proteger das balas; mas os Grangerford continuaram montados nos cavalos e deram a volta, e mandaram bala, e ele mandou bala neles também. Ele e o cavalo dele voltaram para casa sangrando e aleijados, mas os Grangerford tiveram que ser carregados para casa, e um morreu, e outro morreu no dia seguinte. Não, senhor. Quem quiser caçar covarde nem adianta perder tempo procurando entre os Shepherdson, porque eles não fazem homem desse tipo.

No domingo seguinte, fomos todos na igreja, a quase cinco quilômetros de casa, todo mundo, cada um com um cavalo. Os homens levaram as armas, e Buck também, e deixaram as armas entre os joelhos ou apoiadas na parede ao lado do banco. Os Shepherdson fizeram a mesma coisa. Foi um sermão bem comum — sobre o amor de irmãos, e esse tipo de embromação, mas todo mundo falou que achou um bom sermão, e ficou conversando sobre o sermão na volta para casa, e tinha um bocado de coisas para falar sobre fé e boas ações e a graça e a *preordenação* divina, e não sei o que mais, que achei o domingo mais duro que já passei.

Uma hora depois de comer, estava todo mundo cochilando na casa, alguns na cadeira e alguns nos quartos, e ficou tudo muito parado. Buck e um dos cachorros ficaram deitados na grama no sol dormindo pesado. Subi para o nosso quarto, e achei que ia cochilar também. Encontrei a doce srta. Sophia parada na porta do quarto dela, que ficava do lado do nosso, e ela me levou para o quarto dela e fechou a porta devagar, e me perguntou se eu gostava dela, e falei que sim; e ela perguntou se eu podia fazer uma coisa para ela e não contar para

ninguém, e falei que podia. Então ela falou que tinha esquecido a Bíblia dela, que tinha ficado no banco da igreja no meio de outros dois livros, e se eu podia ir até lá, discretamente, buscar a Bíblia para ela, e não contar nada para ninguém. Falei que ia. Saí discretamente e discretamente peguei a estrada, e não tinha ninguém na igreja, exceto talvez um porco ou dois, porque não tinha trinco na porta, e porco adora chão de madeira no verão porque é fresquinho. Se você pensar bem, a maioria das pessoas só vai na igreja porque é obrigado, mas o porco é diferente.

Pensei comigo: “Aí tem coisa... Não é natural uma menina se preocupar tanto com uma Bíblia.” Então sacudi a Bíblia, e caiu um pedacinho de papel escrito “DUAS E MEIA” a lápis. Sacudi mais a Bíblia, só que não encontrei mais nada. Não entendi o que era aquilo, então guardei o papel no livro de volta, e quando cheguei em casa e subi a escada, lá estava a srta. Sophia na porta do quarto me esperando. Ela me puxou para dentro e fechou a porta. Abriu a Bíblia e procurou até achar o papel, e assim que ela leu ficou contente; e quando eu vi ela me agarrou e me abraçou apertado, e falou que eu era o melhor menino do mundo, e que não podia contar para ninguém. Ela ficou com o rosto bem vermelho por um minuto, e os olhos brilhando, e isso deixou ela muito linda. Fiquei muito impressionado, mas quando recuperei o fôlego perguntei o que era aquele papel. Ela quis saber se eu tinha lido, e falei que não, e ela me perguntou se eu sabia ler, e falei “não, só letra de forma”. Ela falou que o papel não era nada, só um marcador para ela saber onde estava na leitura, e que podia ir brincar agora.

Fui até o rio, pensando naquilo, e logo vi que o meu escravo estava me seguindo logo atrás. Quando não dava para ninguém nos ver da casa, ele olhou para trás e para os lados por um segundo, e depois começou a correr, e falou:

— Seu George, se o senhor vier no pântano comigo te mostro um monte de cobra d’água.

Pensei: “Que estranho... Ele falou isso ontem.” Ele devia saber que ninguém gosta de cobra d’água a ponto de querer caçar cobra d’água. O que será que ele queria?

— Tudo bem; vai na frente — falei.

Segui mais ou menos um quilômetro, então ele parou na beira do pântano, e entrou até os tornozelos e seguimos depois vadeando mais ou menos outro

quilômetro. Chegamos no trecho de terra seca e coberta de árvores e arbustos e cipós.

— Agora, o senhor entra aí nessa mata mais alguns passos, seu George. Lá que as cobras estão. Já vi essas cobras antes, e não quero ver mais.

Depois ele deu meia-volta com os pés na água e foi embora, e logo sumiu no meio das árvores. Andei um pouco naquele lugar e cheguei em uma pequena clareira do tamanho de um quarto toda coberta de cipó, e encontrei um homem dormindo ali deitado — e, Jesus, era o meu velho Jim!

Acordei ele, e achei que ia ser uma grande surpresa para ele me ver, mas não foi. Ele quase chorou de tão contente, mas não estava surpreso. Ele contou que nadou atrás de mim naquela noite, e me ouviu chamar todas as vezes, mas não respondeu, porque não queria ser pego e levado de volta para a escravidão.

— Machuquei um pouco, e não consegui nadar depressa, então fiquei bem pra trás de você. Quando você chegou em terra firme, achei que ia conseguir alcançar você sem ter que gritar pra te chamar, mas, quando vi aquela casa, comecei a ir mais devagar. Eu estava longe demais para ouvir o que estavam falando para você. Fiquei com medo daqueles cachorros, mas quando tudo ficou quieto de novo vi que você tinha entrado, então voltei pra mata para esperar o dia amanhecer. Bem de manhãzinha alguns escravos deles vieram, foram para os campos, e eles me viram e me mostraram esse lugar, onde os cachorros não me farejavam por causa da água, e eles me traziam comida toda noite, e me contavam como você estava.

— Por que você não pediu ao meu Jack para me trazer aqui antes, Jim?

— Bem, não adiantava incomodar você lá, Huck, enquanto não dava para fazer nada, mas agora estamos bem. Comprei umas panelas e umas frigideiras e mantimentos e fiquei consertando a jangada à noite, quando...

— *Qual* jangada, Jim?

— A nossa velha jangada.

— Você quer dizer que a nossa velha jangada não foi despedaçada pelo vapor?

— Não, não foi, não. Ela ficou bem estropiada, uma das pontas dela, mas não estragou muito, só as nossas coisas que perdeu quase tudo. Se nós não mergulhasse tão fundo e nadasse tanto embaixo d'água, e se a noite não fosse tão escura, e nós não assustasse tanto, e não fosse tão cabeça de abóbora, como diz,

ia ter visto a jangada. Mas foi até bom que não vimos, porque agora ela está consertada de novo, boa como se fosse nova, e temos coisas novas, no lugar das velhas que se perderam.

— Ora, como você encontrou a jangada depois, Jim? Você achou?

— Como eu ia achar se estava escondido na mata? Não, foi uns escravos que acharam no meio de uns tocos aqui perto da curva do rio, e esconderam ela em um córrego no meio dos salgueiros, e ficaram falando tanto de quem ia ser o dono dela que logo acabei ouvindo. Então resolvi o problema contando que a jangada não era de nenhum deles, mas sua e minha, e perguntei se eles ia arriscar ficar com uma propriedade de um jovem cavalheiro branco, e depois apanhar por isso. Depois dei dez centavos para cada um, e eles ficaram bem satisfeitos, e falaram que queriam que viesse mais jangadas para eles ficar ricos. Esses escravos foram muito bons comigo, e tudo que preciso eles faz, nem preciso pedir duas vezes, meu bem. Esse Jack é um bom escravo, e muito esperto.

— Sim, ele é. Ele nem me falou que você estava aqui, falou para eu vir que ele ia me mostrar umas cobras d'água. Se acontece alguma coisa, ele não se mistura. Ele pode falar que nunca viu nós dois juntos, e não vai ser mentira.

Não quero falar muito sobre o dia seguinte. Acho que vou encurtar um bocado. Acordei quando raiou o dia, e estava quase virando de lado de novo e voltando a dormir quando reparei o silêncio que estava fazendo — parecia que não tinha ninguém se mexendo na casa inteira. Isso não era comum. Em seguida, reparei que Buck já tinha acordado e saído. Bem, levantei, fiquei pensando, e descii a escada — não tinha ninguém mesmo, tudo parado feito um camundongo. Lá fora estava igual. Pensei: “O que será?” Perto da pilha de lenha, encontrei o meu Jack.

— O que aconteceu? — perguntei.

— O senhor não sabe, seu George?

— Não, não sei, não.

— Bem, então, a srta. Sophia fugiu de casa! Fugiu mesmo. Ela fugiu no meio da noite, ninguém viu nada, ninguém sabe que horas foi. Ela fugiu pra casar com aquele rapazinho Harney Shepherdson, sabe? Pelo menos, é o que estão achando. A família descobriu faz meia hora, talvez um pouco mais, e vou dizer que não perderam tempo. Foi uma correria de armas e cavalos como nunca se

viu! As mulheres foram avisar os parentes, e o velho seu Saul e os meninos pegaram as armas e foram a cavalo pela estrada do rio para tentar pegar o rapazinho e matar ele antes que atravessasse o rio com a srta. Sophia. Acho que vai ser uma desgraça dos infernos.

— Buck foi e não me acordou.

— Bem, acho que sim! Eles não querem misturar o senhor na história. O seu Buck carregou a arma e falou que ia matar um Shepherdson ou morrer. Bem, acho que vão morrer vários deles, e pode apostar que ele vai matar um se tiver uma chance.

Segui pela estrada do rio o mais depressa que pude. Até que comecei a ouvir tiros bem lá para frente. Quando avistei o depósito de toras e a pilha de lenha onde os vapores atracam, segui por baixo das árvores e das moitas até achar um bom lugar, e depois subi nos galhos de um choupo que ninguém podia ver, e fiquei assistindo. Tinha uma pilha de lenha de quase um metro e meio de altura na frente da árvore, e antes eu ia me esconder atrás dela, mas acho que, por sorte, não fui.

Tinha quatro ou cinco homens rodeando a cavalo aquele espaço aberto na frente do depósito de toras, xingando e berrando, e tentando acertar dois meninos que estavam atrás da pilha de lenha do lado do ancoradouro do vapor; mas não conseguiam chegar lá. Toda vez que um deles aparecia do lado do rio da pilha de lenha levava um tiro. Os dois meninos estavam agachados um de costas para o outro atrás da pilha, de modo que podiam ver dos dois lados.

Até que os homens pararam de rodear e berrar. Eles começaram a galopar em direção ao depósito. Então um dos meninos levantou, mirou bem apoiado na lenha e derrubou um dos homens da sela. Todos desceram dos cavalos e pegaram o ferido e correram com ele até o depósito. Nesse minuto, os dois meninos começaram a correr. Eles chegaram na metade do caminho até a árvore onde eu estava quando os homens perceberam. Então os homens viram eles, e subiram nos cavalos e foram atrás deles. Estavam se aproximando dos meninos, mas não adiantava, pois os dois tinham uma boa vantagem. Chegaram na pilha de lenha que estava na frente da minha árvore e deslizaram no chão atrás dela, e então ficaram com vantagem sobre os homens outra vez. Um dos meninos era Buck, e um rapaz magrinho de uns dezenove anos.

Os homens ficaram rodeando mais um pouco e depois foram embora. Assim que sumiram, chamei Buck e falei com ele. Na hora ele não entendeu como a minha voz estava vindo da árvore. Ele levou um susto medonho. Ele me mandou ficar de olho e avisar quando eu avistasse os homens de novo, falou que eles deviam estar aprontando alguma maldade — e não ia demorar muito. Eu queria não estar naquela árvore, mas não arrisquei descer. Buck começou a chorar e a xingar, e jurou que ele e o primo Joe (era o outro rapaz) ainda iam se vingar desse dia. Ele falou que o pai e os dois irmãos tinham morrido, e dois ou três dos inimigos. Ele falou que os Shepherdson tinham armado uma emboscada para eles. Buck falou que o pai e os irmãos tinham que ter esperado os parentes — os Shepherdson eram fortes demais para eles sozinhos. Perguntei o que aconteceu com o rapazinho Harney e a srta. Sophia. Ele falou que eles atravessaram o rio e estavam bem. Fiquei contente por isso, mas o jeito que Buck ficou por não ter conseguido matar Harney naquele dia quando atirou nele... nunca ouvi nada igual.

De repente, bang! bang! bang! Dispararam três ou quatro armas — os homens tinham dado a volta pela mata e vieram por trás a cavalo! Os meninos foram correndo para o rio — os dois feridos — e enquanto nadavam rio abaixo os homens correram pela margem atirando neles e gritando: “Mata eles, mata eles!” Isso me deixou tão mal que quase caio da árvore. Não vou contar tudo que aconteceu, porque eu ia ficar mal de novo se contasse. Quem dera eu nunca tivesse vindo para a terra firme naquela noite para não ver essas coisas. Eu nunca vou conseguir me livrar disso — muitas vezes sonho com isso.

Fiquei na árvore até começar a escurecer, com medo de descer. De vez em quando, eu ouvia tiros lá longe na mata, e duas vezes vi bandos menores de homens passando a galope armados em frente do depósito de toras. Achei que a confusão continuava. Eu estava muito arrasado, e decidi que nunca mais ia chegar perto daquela casa outra vez, porque eu achava que de algum jeito a culpa era minha. Entendi que aquele pedaço de papel queria dizer que a srta. Sophia ia encontrar Harney em algum lugar às duas e meia e ia fugir; e achei que devia ter contado para o pai dela sobre aquele papel e o jeito estranho como ela agiu, e talvez ele pudesse ter trancado ela no quarto, e essa desgraça horrível nunca ia acontecer.

Quando desci da árvore, fui me arrastando um pouco pela margem do rio e encontrei os dois corpos na beira d'água. Puxei até trazer eles para terra firme, depois cobri o rosto deles e fui embora o mais depressa que consegui. Chorei um pouco quando estava cobrindo o rosto de Buck, porque ele era muito bom para mim.

Agora estava escuro. Nunca mais cheguei perto da casa, mas saí correndo pela mata e fui até o pântano. O Jim não estava lá, então fui correndo até o córrego e passei no meio dos salgueiros, com pressa de embarcar e ir embora daquela região horrível. A jangada tinha ido embora! Meu Deus, como fiquei apavorado! Fiquei quase um minuto tentando respirar. Depois soltei um berro.

— Jesus! É você, meu Senhor? — ouvi uma voz a menos de dez metros de mim dizer. — Não faz barulho.

Era a voz do Jim, que nunca nada souu tão bem antes. Corri pela margem e embarquei, e o Jim me agarrou e me abraçou, de tão contente que estava de me ver.

— Deus abençoe, menino, eu tinha certeza que você tinha morrido de novo. O Jack veio aqui e contou que achava que você tinha levado um tiro, porque não voltou mais pra casa. Então eu estava agora mesmo começando a puxar a jangada pra boca do córrego, para deixar tudo pronto pra descer o rio quando Jack voltasse pra me confirmar que você tava morto. Jesus, como tô contente de ter você de volta, meu bem.

— Tudo bem, isso é muito bom. Eles não vão me achar, e vão pensar que morri, e fui boiando rio abaixo. Tem uma coisa lá que também vai fazer eles acharem isso... Não vamos perder tempo, Jim, vamos logo para o rio o mais depressa que der.

Não sosseguei enquanto a jangada não chegou a uns três quilômetros rio abaixo e bem no meio do Mississippi. Então, penduramos nossa lanterna, e achei que estava livre e salvo outra vez. Eu não comia nada desde o dia anterior, então o Jim pegou uns bolinhos de milho e um pouco de nata batida, e carne de porco e repolho e verduras — nada no mundo é tão bom quanto verdura bem-cozida. Enquanto eu comia, conversamos e nos divertimos. Eu estava muito contente de escapar daquelas rixas, e o Jim de escapar daquele pântano. Falamos que, afinal, não existe lar melhor que uma jangada. Os outros lugares parecem apertados e

abafados, mas a jangada não. A pessoa se sente muito livre e à vontade e confortável numa jangada.

19.

Passaram dois ou três dias e noites. Acho que posso dizer que passaram nadando, deslizando tranquilos e suaves e deliciosos. Foi assim que passamos o tempo. O rio lá embaixo era monstruoso de grande — às vezes com mais de dois quilômetros de largura. Descíamos de noite, e dormíamos e ficávamos escondidos de dia. Assim que a noite estava quase acabando, parávamos de navegar e atracávamos — quase sempre na água parada junto de uma coroa, e aí cortávamos uns choupos e salgueiros novos e escondíamos a jangada com eles. Então preparávamos as linhas de pesca. Depois entrávamos no rio e nadávamos um pouco, para nos refrescar e relaxar. E ficávamos parados no fundo de areia, com água até os joelhos, e víamos a luz do dia chegar. Não tinha nenhum som — era um silêncio total — como se o mundo inteiro estivesse dormindo, só às vezes as rãs tagarelavam. A primeira coisa que se via, olhando para longe sobre a água, era como uma linha meio apagada — isso era a mata do outro lado. Não dava para ver nada muito bem lá, depois aparecia um lugar claro no céu, e essa claridade ia se espalhando. O rio ficava mais suave lá adiante, e não permanecia preto, mas cinza. Dava para ver pequenas manchas escuras boiando bem lá longe — escunas de mercadores e essas coisas e riscos pretos compridos, que eram jangadas —, e de vez em quando se ouvia um remo ranger, ou uma confusão de vozes, de tão quieto que estava, e os sons vinham de muito longe. De vez em quando dava para ver uma faixa de água que você sabia pelo jeito dela que ali tinha um toco em uma corrente rápida quebrando nele e que fazia ele parecer daquele jeito; e dava para ver a névoa esfumaçando da água, e o horizonte avermelhado no leste, e o rio, e você vê uma cabana de troncos na borda da mata, na margem do outro lado, que provavelmente era uma madeireira, e as pilhas que eles fazem enganam porque eles deixam muito espaço entre uma tora e outra; então soprava uma boa brisa, que vinha de lá refrescar, tão fresca e nova

e com um cheiro muito doce por causa das árvores e das flores; mas às vezes não era assim, porque as pessoas deixam peixe morto por perto, bocas-de-jacaré e outros desses peixes, e eles ficam muito fedorentos e, quando você vai ver, está em pleno dia, e tudo fica sorridente ao sol, e os passarinhos estão cantando!

Nessa hora, ninguém reparava em um pouco de fumaça, então pegávamos alguns peixes das nossas linhas e fazíamos um café da manhã quente. E depois ficávamos olhando a solidão do rio, e nos deixávamos um pouco na preguiça, e depois de um tanto de preguiça pegávamos no sono. Até que acordávamos e dávamos uma olhada para ver o que tinha acontecido, e talvez víssemos um vapor tossindo rio acima, tão longe na direção da outra margem que não dava para dizer nada a respeito, só se a roda de pás era na popa ou se eram dos lados. Então, durante uma hora mais ou menos, não se ouvia mais nada, nem se via — só aquela sólida solidão. Depois você via uma jangada passando, bem lá longe, e talvez um brutamontes rachando lenha a bordo, porque é o que a pessoa mais faz em uma jangada. Você via um machado cintilar e descer — não se ouvia nada. Você via o machado subir de novo, e quando o machado estava acima da cabeça do homem só aí você ouvia o *k'chunk!* — levava todo esse tempo para o som atravessar por cima d'água. Então passávamos o dia assim, na preguiça, ouvindo aquele silêncio. Uma vez veio um nevoeiro fechado, e as jangadas e as coisas iam passando e batendo panelas de lata para que os vapores não passassem por cima. Uma escuna ou uma jangada passou tão perto que ouvimos eles conversarem e xingarem e darem risada — ouvimos direitinho, mas não vimos nem sinal deles. Isso era um pouco assustador, pareciam espíritos passando daquele jeito no ar. O Jim falou que achava que eram mesmo espíritos.

— Não, espírito não ia falar: “Desgraça, maldito nevoeiro...” — comentei.

Assim que anoitecia, começava o nosso trabalho: levar a jangada até perto do meio, depois deixar ela boiar para onde a correnteza quisesse; depois acendíamos os cachimbos e deixávamos as pernas dentro d'água, e conversávamos sobre todo tipo de coisa. Ficávamos sempre nus, dia e noite, sempre que os mosquitos deixavam — a roupa nova que os pais do Buck mandaram fazer para mim era boa demais para ficar confortável, e além do mais eu nunca gostei muito de roupa mesmo.

De vez em quando, tínhamos o rio inteiro só para nós por muito tempo. As margens e as ilhas ficavam lá longe, por cima da água; e às vezes se via uma centelha — que era uma vela na janela de uma cabine. Às vezes você ouvia uma rabeca ou uma cantoria vindo de um daqueles barcos. É uma delícia viver numa jangada. Tínhamos o céu lá no alto, todo pintado de estrela, e ficávamos deitados e olhando lá para cima, e perguntando se alguém tinha feito as estrelas, ou se elas já estavam lá o tempo todo. O Jim achava que alguém fez, mas eu achava que elas já estavam lá, porque achei que ia demorar demais para fazer tanta estrela. O Jim falou que achava que a lua *botou* as estrelas... Bem, pareceu razoável, então não contrariei, porque já vi uma rã botar tanto ovo quanto aquilo tudo de estrela, de modo que é claro que era possível. Também vimos muita estrela cadente, fazendo aqueles riscos para baixo. O Jim achava que essas eram as estrelas que ficavam podres e tinham sido jogadas fora do ninho.

Uma ou duas vezes por noite, víamos um vapor deslizando no escuro, e de vez em quando o vapor cuspiam um mundo de fagulhas pelas chaminés, e chovia fagulha no rio que era uma beleza incrível; aí o vapor virava numa curva e as luzes do vapor piscavam e parava aquele estardalhaço todo e deixava o rio quieto de novo; e aos poucos as ondas do vapor chegavam em nós, muito tempo depois do vapor passar, e balançavam um pouco a jangada, e depois disso você não ouvia mais nada por não sei quanto tempo, com exceção talvez das rãs ou coisas assim.

Depois da meia-noite, as pessoas em terra iam dormir, e então durante duas ou três horas as margens ficavam pretas — sem centelhas nas janelas das cabines. Essas centelhas eram o nosso relógio — a primeira que aparecesse de novo queria dizer que a manhã estava chegando, então íamos atrás de um lugar para esconder e atracar na mesma hora.

Um dia, bem cedo, achei uma canoa e atravessei uma corredeira até a margem principal — foram menos de duzentos metros — e remei quase dois quilômetros subindo um córrego que passava por um bosque de ciprestes, para ver se encontrava umas framboesas ou coisas assim. Quando eu estava passando por um lugar onde uma trilha de gado cruzava o riacho, vieram dois homens abrindo caminho pela trilha o mais depressa que podiam. Achei que era o meu fim, porque sempre que alguém estava atrás de alguém eu achava que era de mim —

ou talvez do Jim. Eu estava prestes a remar para longe dali depressa, mas eles já estavam muito perto de mim, e gritaram e me imploraram para salvar a vida deles — falaram que não tinham feito nada, e que estavam sendo perseguidos mesmo assim, que homens e cachorros estavam atrás deles. Eles quiseram logo embarcar na canoa.

— Não façam isso — falei. — Não estou ouvindo cachorro nem cavalo ainda. Dá tempo de se esconder nas moitas e subir um pouco o córrego. Dali vocês chegam no rio e descem até me encontrar e embarcam. Isso vai fazer os cachorros perderem o rastro.

Eles fizeram assim, e logo que embarcaram remei para nossa coroa, e em cinco ou dez minutos ouvimos os cachorros e os homens lá longe, berrando. Ouvimos eles correrem para o riacho, mas não vimos — parecia que tinham parado e se demorado um pouco ali —, até que, conforme avançamos e avançamos sem parar, não dava quase nem para ouvir os homens e os cachorros. Quando passamos mais de um quilômetro de bosques e chegamos no rio, estava tudo quieto, e remamos até a coroa e nos escondemos nos choupos, a salvo.

Um dos sujeitos tinha uns setenta anos ou mais, e era careca e tinha bigode bem grisalho. Ele usava um velho chapelão poído, e uma camisa azul de lã ensebada, e calça de brim azul rasgada enfiada nas botas, e suspensórios improvisados — não, ele tinha um só. Ele estava com um paletó com cauda de brim com botões de latão sebosos no braço, e os dois tinham malas grandes de viagem, gordas, surradas, feitas de tapete.

O outro sujeito tinha uns trinta anos e se vestia de um jeito comum. Depois de comer, descansamos e conversamos, e a primeira coisa que descobrimos era que aqueles dois sujeitos não se conheciam.

— Por que você está fugindo? — falou o careca para o outro sujeito.

— Bem, eu estava vendendo um produto para tirar tártaro do dente, e que tira mesmo o tártaro do dente, e em geral dá uma esmaltada também, mas fiquei mais uma noite além do que devia na cidade, e estava prestes a escapular de lá quando encontrei você na trilha deste lado da cidade, e você me falou que eles estavam vindo, e me implorou para ajudar você a fugir. Então falei para você que estava prevendo problemas para o meu lado, e que ia fugir com você. Essa foi minha a história... e você?

— Bem, eu estava fazendo um evento contra o álcool, uma vez por semana, e as mulheres estavam me adorando, todas elas, pois eu falava mal dos pinguços, isso lhe garanto, e arrecadando uns cinco ou seis dólares por noite, dez centavos por cabeça, crianças e escravos não pagavam. O negócio não parava de crescer, até que de um jeito ou de outro acabou circulando uma história ontem à noite que eu tinha uma garrafa escondida comigo e que bebia em segredo. Um escravo me acordou hoje cedo e me contou que as pessoas estavam vindo discretamente com cachorros e cavalos, que logo estariam ali e iam me dar uma meia hora de vantagem, e depois iriam correndo acabar comigo. E se me pegassem iam me cobrir de alcatrão e de penas e me amarrar num pau e me expulsar da cidade, sem dúvida. Não esperei pelo café da manhã... eu nem estava com fome.

— Meu velho — disse o mais jovem —, acho que podemos formar uma boa dupla. O que acha?

— Não tenho nada contra. Qual a sua profissão... principal?

— Impressor itinerante por ofício. Fabrico um pouco de remédio, ator teatral... tragédia, sabe? Avanço um pouco no mesmerismo e na frenologia sempre que tenho uma oportunidade, geografia-cantada para variar às vezes, arrisco uma palestra de vez em quando... oh, faço várias coisas, praticamente qualquer coisa que apareça, de modo que nem considero um trabalho. Qual é a sua linha?

— Já pratiquei um bocado de medicina na minha época. Imposição de mãos é a minha melhor área, para câncer e paralisia, e essas coisas; e já fui muito bom em ler sorte, quando tem alguém junto para levantar os fatos para mim. Outra linha minha é pregação e trabalho bem em eventos de igreja, e como missionário por aí.

Ninguém falou nada por algum tempo, então o homem mais jovem soltou um suspiro.

— Ai, que dó! — falou o homem mais novo.

— Dó de quê? — perguntou o careca.

— De pensar que eu ia chegar tão baixo na vida, decair tanto assim, a tais companhias. — E ele começou a enxugar o canto do olho com um trapo.

— Maldito, a companhia não é boa o bastante para você? — falou o careca, impertinente e arrogante.

— Sim, é boa o bastante para *mim*, é o que eu mereço, pois quem me jogou tão baixo quando eu vivia tão alto? Eu mesmo. A culpa não é dos senhores, cavalheiros, longe disso. Não culpo ninguém. Mereço tudo isso. Que o mundo cruel faça o pior. Uma coisa eu sei: haverá uma sepultura para mim em algum lugar. O mundo pode continuar como sempre foi, e tirar tudo de mim: entes queridos, propriedades, tudo. Mas não pode tirar isso. Algum dia vou me deitar nessa sepultura e esquecer tudo, e o meu pobre coração vai descansar. — Ele continuou se enxugando.

— Dane-se o seu pobre coração partido — falou o careca. — Por que está se lamentando para *nós* do seu pobre coração partido? Não fizemos nada.

— Não, sei que não fizeram. Não estou culpando vocês, cavalheiros. Eu mesmo perdi tudo sozinho. Sim, eu mesmo. É certo que eu sofra, perfeitamente certo. Não estou reclamando.

— Perdeu tudo o quê? O que você tinha para perder?

— Ah, vocês não iam acreditar em mim. Ninguém no mundo acredita... Deixe estar, não importa. O segredo do meu nascimento...

— O segredo do seu nascimento! Ora, quer dizer que você...

— Cavalheiros — disse o rapaz, muito solene —, vou revelar, pois sinto que posso confiar em vocês. Eu nasci duque!

Os olhos do Jim arregalaram ao ouvir isso — e acho que os meus também.

— Não! Não pode ser... — comentou o careca.

— Sim. Meu bisavô, filho mais velho do duque de Bridgewater, fugiu para cá no final do século passado, para respirar o ar puro da liberdade. Aqui ele se casou e morreu, deixando um filho, e o pai dele morreu na mesma época. O segundo filho do falecido duque usurpou os títulos e as propriedades. O verdadeiro duque, o infante, foi ignorado. Eu descendo da linhagem daquele infante. Sou, por direito, o verdadeiro duque de Bridgewater. E aqui estou eu, abandonado, arrancado da minha alta posição, perseguido por homens, desprezado pelo mundo cruel, maltrapilho, exausto, magoado e decaído, na companhia de criminosos em uma jangada!

O Jim ficou com muita pena dele, e eu também. Tentamos consolar, mas ele falou que não adiantava, que não podia ser muito consolado, que se não nos importássemos de tratar ele de acordo, isso já seria a melhor coisa para ele.

Então falamos que íamos, se ele nos falasse como. Respondeu que era só se curvar um poquinho para falar com ele, e dizer “Sua Graça”, ou “Meu Senhor”, ou “Vossa Senhoria” — e que ele não ia se incomodar se o chamássemos só de “Bridgewater”, porque isso, ele falou, já era um título, e não um nome; e um de nós devia servir a comida para ele, e fazer cada coisinha que ele quisesse.

Bem, isso era fácil, então fizemos o que ele queria. Todo jantar, o Jim ficava por perto e servia ele e falava: “Será que a sua graça quer um pouco disso e daquilo?”. E, assim por diante, e dava para ver que era uma satisfação para ele.

Mas o velho foi ficando calado aos poucos — não tinha muita coisa para falar, e não parecia à vontade com tantos mimos em torno daquele duque. Ele parecia estar pensando em alguma coisa.

— Escuta aqui, Bilgewater — falou, em uma tarde —, sinto muito por você e tal, mas você não foi o único que passou por problemas.

— Não?

— Não, não foi. Você não é o único aqui de quem roubaram maldosamente uma posição nobre.

— Ora!

— Não, não é só você que tem um segredo de nascimento. — E, Jesus, ele também começou a chorar.

— Espere aí! O que quer dizer com isso?

— Bilgewater, posso confiar em você? — disse o velho, ainda soluçando um pouco.

— Até o amargo fim! — Ele pegou a mão do velho e a apertou, falando: — Esse segredo da sua pessoa: conte!

— Bilgewater, eu sou o falecido delfim!

Você pode apostar: o Jim e eu ficamos olhando para eles.

— Você é o quê? — perguntou o duque.

— Sim, meu amigo, é a mais pura verdade! Você está olhando nesse exato momento para o pobre e desaparecido delfim, Luís XVII, filho de Luís XVI e Marry Antonette.

— Você?! Com essa idade?! Não! Você deve estar querendo dizer o falecido Carlos Magno... Você deve ter uns seiscentos ou setecentos anos de idade, no mínimo.

— As dificuldades da vida me causaram isso, Bilgewater. As dificuldades trouxeram esses cabelos grisalhos e essa calvície prematura. Sim, cavalheiros, este que estão vendo diante de vocês, de brim azul e na miséria, andarilho, exilado, tripudiado e sofrido, é por direito o verdadeiro Rei da França.

Bem, ele chorou e ficou tão sentido que eu e o Jim nem sabíamos o que fazer, de tanto que sentimos por ele — e de tão contentes e orgulhosos que ficamos de ter ele ali também na nossa jangada. Então começamos, como tínhamos feito antes com o duque, a tentar consolar ele também. Mas ele falou que não adiantava, nada além da morte e do fim de tudo podia fazer algum bem para ele — se bem que ele se sentia muitas vezes melhor e mais à vontade por algum tempo quando as pessoas tratavam ele de acordo com seus direitos, e se ajoelhavam em um joelho para falar com ele, e o chamavam de “Sua Majestade”, e serviam primeiro ele na hora de comer, e não sentavam na presença dele enquanto ele não mandava. De modo que o Jim e eu começamos a tratar ele de majestade, e fazer isso e aquilo e aquilo outro por ele, e a ficar de pé até ele mandar sentar. Isso fez muito bem para ele, e então ele ficou alegre e confortável. Mas o duque azedou um pouco com ele, e não parecia nem um pouco satisfeito com o jeito que as coisas iam. Mesmo assim, o rei agia amigavelmente com ele, e falou que o bisavô do duque e todos os outros duques de Bilgewater eram um bocado considerados pelo pai *dele*, e tinham permissão de ir sempre ao palácio, mas o duque continuou melindrado por um bom tempo.

— É mais provável que fiquemos juntos por um tempo desgraçadamente longo nesta jangada aqui, Bilgewater, então de que adianta esse azedume? — falou o rei, depois de um tempo. — Isso só vai deixar as coisas mais desagradáveis. Não é minha culpa se não nasci duque, não é sua culpa que você não nasceu rei, então de que adianta ficar preocupado com isso? Faça o melhor que puder com as coisas que tem, é o que sempre digo. Esse é o meu lema. Não foi nada mal termos parado aqui. Tem bastante comida e levamos uma vida fácil. Ora, vamos dar as mãos, duque, e ser amigos.

O duque apertou a mão do rei, e o Jim e eu ficamos muito contentes com aquilo. Isso acabou com todo desagrado e ficamos nos sentindo muito bem, porque ia ser negócio infeliz ter qualquer tipo de inimizade na jangada, pois o

que você quer, acima de todas as coisas, numa jangada, é que todo mundo fique satisfeito, e se sinta bem e seja bom com os outros.

Não demorei muito para entender que aqueles dois eram mentirosos e não eram reis nem duques nem nada, eram só fraudes, dois vigaristas. Mas não falei nada, nem deixei que eles percebessem. Guardei aquilo comigo — é a melhor coisa; assim não tem briga, não arruma confusão. Se eles queriam ser chamados de reis e duques, eu não tinha nada contra, se isso fosse manter a paz e não adiantava contar para o Jim, então não contei. Se tem uma coisa que aprendi com o meu pai é que o melhor jeito de lidar com esse tipo de gente é deixar eles fazerem tudo do jeito deles.

20.

Eles fizeram um bocado de perguntas. Quiseram saber por que cobríamos a jangada daquele jeito, por que dormíamos de dia em vez de seguir viagem — se o Jim era um escravo fujão?

— Por tudo que é mais sagrado! — falei. — Você acha que um escravo fujão ia fugir para o sul?

Não, eles concordaram que não. Tive que explicar as coisas de algum jeito

— A minha família estava morando em Pike County, Missouri, quando nasci, e morreu todo mundo menos eu e o meu pai e o meu irmão Ike — falei. — O meu pai resolveu largar tudo e ir para o sul morar com o tio Ben, que tem um pedacinho de terra na beira do rio, uns setenta quilômetros depois de Orleans. O meu pai era muito pobre e tinha dívidas. Então, quando ele acertou tudo, sobraram só dezesseis dólares e o nosso escravo, o Jim aqui. Não era o suficiente para levar todo mundo a mais de dois mil e duzentos quilômetros, de vapor ou qualquer outro jeito. Bem, quando o rio encheu meu pai deu sorte um dia, e encontrou essa jangada. Pensamos em descer para Orleans de jangada. A sorte do meu pai não durou muito. Um vapor passou por cima daquele canto da popa uma noite, e todo mundo caiu na água e mergulhou por baixo da roda do vapor. O Jim e eu escapamos, mas o meu pai estava bêbado, e Ike só tinha quatro anos, de modo que eles não subiram mais para respirar. Bem, nos dois dias seguintes passamos maus bocados, porque as pessoas sempre passavam de esquife e queriam tirar o Jim de mim, falando que achavam que ele era um escravo fujão. Não viajamos mais de dia agora. De noite ninguém vem incomodar.

— Deixe-me pensar uma maneira de fugir de dia se quisermos — falou o duque. — Vou refletir um pouco, inventar um plano que vai resolver isso. Não vamos tentar nada hoje, porque é claro que não queremos passar por aquela cidade em plena luz do dia... pode não ser saudável.

Mais tarde começou a escurecer e parecia que ia chover. Os relâmpagos sem trovão eram bem baixos no céu, e as folhas estavam começando a tremer — ia ser feio, isso era fácil de ver. Então o duque e o rei foram revistar nossa tenda, para ver como eram as camas. A minha cama era de uma palha melhor que a do Jim, que era de palha de milho. Sempre tem sabugo nessas palhas, e eles espetam e machucam, e quando você vira nessa palha seca faz um som como se rolasse em uma pilha de folhas mortas — faz tanto barulho que você acorda. Bem, o duque resolveu que ia ficar na minha cama, mas o rei resolveu que não.

— Achei que a diferença de posição ia sugerir que uma cama de palha de milho não ia ser apropriada para mim — comentou o rei. — Sua graça vai ficar mesmo com a cama de milho.

O Jim e eu ficamos outra vez preocupados por um minuto, com medo que fosse começar outro problema entre eles. Então ficamos muito contentes com a resposta do duque.

— É a minha sina estar sempre enfiado na lama sob o tacão de ferro da opressão. O infortúnio alquebrou meu espírito outrora altivo. Eu me rendo, me submeto, é a minha sina. Sou sozinho no mundo. Deixe-me sofrer, sou capaz de suportar.

Fomos em frente assim que o tempo melhorou e escureceu. O rei mandou ir mais para o meio do rio, e não acender nenhuma luz até estar bem longe da cidade. Até que avistamos algumas luzinhas — era a cidade, sabe — e passamos, quase um quilômetro, tudo bem. Quando passamos de um quilômetro da cidade, penduramos a lanterna, e por volta das dez começou a chover e a ventar e a trovejar e relampejar que não foi brincadeira. Então o rei mandou ficar vigiando até o tempo melhorar, e ele e o duque foram engatinhando para a tendinha e ali passaram a noite. Eu tinha que ficar vigiando até meia-noite, mas não ia dormir mesmo que tivesse cama, porque não é todo dia que se vê uma tempestade dessa, não mesmo. Meu Deus, como o vento passava gritando! E a cada um ou dois segundos, vinha um clarão que iluminava a espuma das ondas em um raio de quilômetro, e você via as ilhas parecendo empoeiradas através da chuva, e as árvores agitadas no vento. De repente vem um TCHACA! — bum! bum! bumbumbo-bumbo-um-bum-bum-bum-bum — e o trovão ia ecoando e roncando embora, e parava — e de repente um RIP... outro clarão e outra daquelas

cravadas. As ondas quase me jogavam fora da jangada às vezes, mas eu não estava de roupa mesmo, nem me importei. Não tivemos problema com tocos, os raios eram tão claros e foram tantos que dava para ver muito bem a tempo de desviar para cá ou para lá e passar por eles.

Eu estava no meu turno de vigia, sabe, mas já estava com muito sono naquela hora, então o Jim falou que ele fazia a primeira metade do meu turno por mim; ele era sempre muito bom, era mesmo. Engatinhei até a tendinha, mas o rei e o duque estavam com as pernas tão espalhadas e não tinha espaço para mim. Então deitei do lado de fora — não me incomodei com a chuva, porque era uma chuva quente, e as ondas também já não estavam mais tão altas. Só que, por volta das duas, as ondas voltaram, e o Jim ia me chamar, mas mudou de ideia, porque ele achou que ainda não estavam tão altas e não ia ter perigo. Só que ele se enganou dessa vez, porque de repente veio uma onda assassina e me jogou para longe da jangada. O Jim quase morre de rir. Se bem que ele era o escravo com o riso mais fácil que já vi.

Voltei a vigiar, e o Jim deitou e começou a roncar, até que a tempestade parou de vez. Quando avistei a primeira luz de cabine acesa, acordei ele, e recolhemos a jangada para o primeiro esconderijo que achamos e encerramos o dia.

O rei sacou um velho baralho sujo depois de comer, e ele e o duque jogaram um pouco de paciência, valendo cinco centavos. Depois eles cansaram de jogar, e resolveram que iam “lançar uma campanha”, como chamavam. O duque procurou na mala de tapete e sacou um bolo de folhetinhos impressos e começou a ler em voz alta. Um folheto dizia: “O famoso doutor Armand de Montalban, de Paris”, ia fazer uma “palestra sobre a Ciência da Frenologia” em tal e tal lugar, no dia tal do tal, ingresso dez centavos, e iam fazer “mapas do caráter por vinte e cinco centavos.” O duque falou que era ele. Em outro folheto, ele era o “mundialmente conhecido trágico shakespeariano, Garrick, O Moço, de Drury Lane, Londres”. Em outros folhetos ele tinha vários outros nomes e fazia outras coisas mirabolantes, como encontrar água e ouro com uma “varinha mágica”, “desfazer feitiços” e assim por diante.

— Porém, a musa favorita é histriônica — falou ele. — Você já pisou nos tablados, Alteza?

— Não.

— Você precisa, então, antes que envelheça mais três dias, Grandeza Decaída — disse o duque. — Na primeira cidade boa que chegarmos, vamos alugar um teatro e encenar a luta de espadas de Ricardo III e a cena da sacada de Romeu e Julieta. O que acha?

— Estou dentro, em todas, desde que pague, Bilgewater. Mas, sabe, não sei nada de teatro e nunca nem frequentei muito. Eu era muito pequeno quando o meu pai incentivava peças no palácio. Acha que consegue me ensinar?

— Fácil!

— Está bem. Estou louco para arriscar alguma coisa nova, seja como for. Vamos começar já.

Então o duque contou tudo, quem era Romeu e quem era Julieta, e falou que ele costumava ser Romeu, de modo que o rei podia ser Julieta.

— Mas se Julieta é uma menina tão nova, duque, a minha careca e os meus bigodes brancos talvez pareçam muito estranhos.

— Não, não se preocupe com isso. Esses broncos do interior não vão nem pensar nisso. Além do mais, você vai estar fantasiado, e isso faz toda diferença do mundo. Julieta está numa sacada, aproveitando o luar antes de dormir, e está de camisola e touca rendada. Aqui estão as fantasias dos papéis.

Ele tirou dois ou três paletós de calicô, que falou que eram armaduras medievais de Ricardo III e o outro sujeito, e uma camisola branca comprida de algodão e uma touca de dormir branca de renda para combinar. O rei ficou satisfeito. Então o duque sacou o livro e leu as falas do jeito mais esplêndido e bombástico, andando e falando ao mesmo tempo, para mostrar como era para fazer, depois deu o livro para o rei e mandou ele decorar a parte dele.

Tinha uma cidadezinha a uns cinco quilômetros depois da curva, e depois de comer o duque falou que tinha pensado um jeito de viajar de dia sem ser perigoso para o Jim, então decidiu descer na cidade e resolver isso logo. O rei falou que ia também, para ver se conseguia arranjar alguma coisa. Estávamos sem café, então o Jim falou que era melhor ir com eles na canoa e trazer um pouco.

Quando chegamos lá não tinha ninguém. As ruas vazias, tudo parado e morto, como se fosse domingo. Vimos um escravo doente tomando sol num quintal, e ele falou que todo mundo que não era novo demais ou doente demais ou velho

demais tinha ido no encontro da igreja, no acampamento, uns três quilômetros mata adentro. O rei perguntou o caminho, e falou que ia lá trabalhar um pouco, e que eu podia ir junto também.

O duque falou que queria achar uma tipografia. Achamos uma — achei um pouco estranho, em cima de uma carpintaria —, e os carpinteiros e tipógrafos tinham todos saído para o acampamento da igreja, e as portas estavam destrancadas. Era um lugar sujo, cheio de coisa espalhada, e manchado de tinta, e cheio de folhetos e cartazes de cavalos e escravos fugitivos, em todas as paredes. O duque tirou o paletó e falou que ia ficar bem ali. Então, eu e o rei fomos para o acampamento.

Nós chegamos lá depois de uma meia hora pingando de suor, porque estava um calor medonho. Tinha umas mil pessoas ali, de toda a região, de um raio de uns trinta quilômetros. A mata estava cheia de tropas e carroças, amarradas em todo canto, comendo dos cochos das carroças e batendo os cascos para espantar as moscas. Tinha tendas com mastros e tetos de galhos, onde vendia limonada e gengibirra, e pilhas de melancias e milho verde e coisas assim.

O culto acontecia embaixo desse mesmo tipo de tenda, só que maior e cabia uma multidão de gente. Os bancos eram de toras serradas, com buracos no lado redondo para enfiar paus para fazer os pés. Não tinham encosto. Os pastores ficavam no palco mais alto na ponta de uma das tendas. As mulheres usavam touca — algumas estavam com vestidos de algodão, outras de guingão, e algumas mais moças de calicô. Alguns moços estavam descalços, e algumas crianças não usavam roupa nenhuma, só uma camisa grossa de linho. Algumas mulheres mais velhas estavam costurando, e alguns jovens paqueravam sem que elas vissem.

Na primeira tenda onde chegamos o pastor estava passando um hino. Ele ensinava dois versos, todo mundo cantava, e aquilo era uma coisa até grandiosa de ouvir, tinha tanta gente e eles cantavam de um jeito inflamado. Aí ele ensinava mais dois para o povo cantar — e assim por diante. O povo começou a ficar cada vez mais animado, e a cantar cada vez mais alto, e quando foi chegando no final já tinha gente gemendo, e outros começando a berrar. Aí o pastor começou a pregar — e começou firme mesmo. Ia primeiro para um lado do palco e depois para o outro, e aí se inclinava para a frente, com os braços e o

corpo se mexendo o tempo todo, e berrando palavras com todas as forças. De vez quando ele erguia a Bíblia e abria, e passava para lá e para cá, berrando” “Eis a serpente de bronze no deserto! Olhem para ela e vivam!” (Números 21: 9). E o povo gritava: “Glória! A-a-mém!” E então seguimos em frente, e o povo gemendo e chorando e falando amém.

— Oh, venham para o banco das lamentações, venham, os negros de tanto pecado! (*Amém!*) Venham, os doentes e feridos! (*Amém!*) Venham, os fracos, aleijados e cegos! (*Amém!*) Venham, pobres e desvalidos, afundados na vergonha! (*A-A-mém!*) Venham, todos os cansados e sujos e sofredores! Venham com o espírito abatido! Venham com o coração contrito! Venham em seus trapos e pecados e imundícies! A água que limpa é gratuita, a porta do céu fica sempre aberta... Oh, entrem e fiquem à vontade! (*A-A-mém! Glória, glória, aleluia!*)

E assim por diante. Não dava mais para entender o que o pastor estava falando, de tanto grito e choro. O povo todo levantou e a multidão foi na direção do banco das lamentações, com lágrimas escorrendo no rosto. E quando todos aqueles lamentadores chegaram lá nos bancos da frente, eles cantaram e gritaram e se atiraram na palha, feito loucos e selvagens.

Bem, quando vi, o rei estava lá no meio, e dava para ouvir ele passando pelas pessoas. Em seguida, ele já estava subindo no palco, e o pastor pediu para ele falar com a congregação, e ele falou. O rei contou que era pirata — tinha sido pirata por trinta anos no oceano Índico — e sua tripulação tinha diminuído um bocado em um combate na primavera passada, e ele tinha voltado agora para recrutar novos homens, e graças ao bom Deus ele tinha sido roubado ontem à noite e posto para fora de um vapor sem um centavo, e ele estava contente por isso. Era a coisa mais abençoada que já aconteceu com ele, porque agora ele era um homem mudado, e feliz pela primeira vez na vida. E, mesmo pobre como estava, ele ia começar tudo de novo e trabalhar para voltar ao oceano Índico e dedicar o resto da vida a converter piratas para o verdadeiro caminho, pois ele podia fazer isso melhor do que ninguém, já que conhecia todas as tripulações piratas daquele oceano. Mesmo que demorasse muito tempo para chegar lá sem dinheiro, ele ia de qualquer jeito, e toda vez que ele convertesse um pirata ia falar: “Não me agradeça, não mereço crédito nenhum. Isso tudo se deve às pessoas queridas do acampamento da igreja em Pokeville, irmãos e benfeitores

da humanidade, e àquele querido pastor deles, o melhor amigo que um pirata podia ter na vida!”

E depois ele começou a chorar, e todo mundo também chorou. Aí alguém falou alto: “Façam uma coleta para ele, façam uma coleta!” Bem, meia dúzia de pessoas começaram a passar recolhendo, mas alguém falou mais alto: “Deixe que ele mesmo passe o chapéu!” Então todo mundo falou isso também, e o pastor também falou isso.

Então, o rei foi para o meio da multidão com seu chapéu, enxugando os olhos, e abençoando as pessoas, e elogiando e agradecendo por serem tão boas com os pobres piratas lá de longe. Toda hora as meninas mais lindas, com lágrimas no rosto, chegavam e perguntavam se podiam dar um beijo nele para se lembrarem dele, e ele sempre deixava. Algumas ele abraçou e beijou umas cinco ou seis vezes. E foi convidado para se hospedar com elas uma semana, e todo mundo queria que ele ficasse em suas casas, e falaram que era uma honra, mas ele falou que era o último dia de acampamento e ele não podia, e além do mais ele estava com pressa de chegar logo no oceano Índico e começar a converter os piratas.

Quando voltamos para a jangada e ele começou a contar, descobriu que tinha coletado oitenta e sete dólares e setenta e cinco centavos. E depois ele tinha surrupiado uma garrafa grande de uísque também, que ele achou embaixo de uma carroça na volta pelo meio da mata. O rei falou que, somando tudo, aquilo superava todos os seus trabalhos de missionário. Ele falou que não importava o que falassem, pagão nem se compara com pirata em termos de enganação de acampamento de igreja.

O duque estava achando que tinha se dado bem até o rei chegar, mas depois não achou que foi tão bem assim. Ele compôs e imprimiu dois pequenos trabalhos para sitiantes naquela tipografia — documentos de venda de cavalos — e recebeu o dinheiro por eles, quatro dólares. E cobrou dez dólares de anúncio para o jornal, que ele falou que podia fazer por quatro se pagassem adiantado —, então as pessoas pagaram. O valor do jornal era dois dólares por ano, mas ele aceitou duas assinaturas por cinquenta centavos, desde que pagassem adiantado — as pessoas quiseram pagar em lenha e cebolas como sempre, mas ele falou que tinha acabado de comprar a firma e abaixou o preço até eles conseguirem pagar, mas preferia em dinheiro. Ele compôs um pequeno poema, que ele mesmo

fez, sozinho, da cabeça dele mesmo — três estrofes — delicadas e tristonhas — que chamava: “Sim, destrói, mundo cruel, um coração quase partido”. Ele deixou tudo isso composto e pronto para imprimir no jornal, e não cobrou nada por isso. Bem, ele conseguiu nove dólares e cinquenta centavos, e falou que tinha sido um dia de trabalho muito bom.

Depois ele mostrou outro trabalhinho que imprimiu sem cobrar nada, porque era para nós mesmos. Tinha um desenho de um escravo fujão com uma trouxa amarrada em um pau em cima do ombro, e escrito embaixo “recompensa \$200”. Os dizeres eram sobre o Jim, descrevendo ele direitinho. Dizia que ele tinha fugido de uma fazenda em St. Jacques, sessenta e quatro quilômetros depois de New Orleans, no inverno passado, e provavelmente tinha ido para o norte, e quem o pegasse e mandasse de volta ia receber a recompensa mais os gastos.

— Agora — falou o duque —, depois dessa noite, vamos poder viajar de dia se quisermos. Toda vez que aparecer alguém podemos amarrar as mãos e os pés do Jim com uma corda, e colocar ele na tendinha e mostrar esse papel e falar que pegamos ele rio acima, e éramos pobres para viajar de vapor, então pegamos emprestada essa jangadinha a crédito com nossos amigos e estamos descendo o rio para buscar a recompensa. Algemas e correntes ficariam melhores no Jim, mas não iam combinar com a história de sermos tão pobres. Ia ser muita joalheira. O certo seria corda — para preservar a unidade da cena, como dizemos no teatro.

Todo mundo falou que o duque era muito esperto, e que não teria problema agora viajar de dia. Achamos que ia dar para descer muitos quilômetros naquela noite, para nos safar da confusão que o trabalho do duque na tipografia ia causar naquela cidadezinha, depois ia dar para continuar viajando se quiséssemos.

Ficamos ali quietos, e não saímos antes de umas dez da noite. Só então zarpamos, bem para longe da cidade, e só penduramos a lanterna quando já não dava mais para ver nenhum sinal de luz.

— Huck, você acha que ainda vamos encontrar muitos reis nessa viagem? — quis saber Jim, quando me acordou para vigiar às quatro da madrugada.

— Não, acho que não.

— Bem, então tudo bem. Não me incomodo com um ou dois reis, mas aí já chega. Esse aí é um bêbado, e o duque também não fica muito atrás.

Descobri que o Jim tinha pedido para o rei falar francês, para ele ouvir como era, mas o rei falou que já estava há tanto tempo aqui, e tinha passado tanta dificuldade, que tinha esquecido.

21.

Agora o sol já tinha nascido, mas continuamos em frente e não atracamos. O rei e o duque apareceram dali a pouco parecendo bem fora de forma, mas depois que pularam na água e nadaram um pouco ficaram mais animados. Depois do café da manhã, o rei sentou no canto da jangada, e tirou as botas e arregaçou a calça, e deixou as pernas soltas na água, até ficar bem confortável, e acendeu seu cachimbo, e ficou decorando seu *Romeu e Julieta*. Quando ele já tinha decorado bem, ele e o duque começaram a ensaiar juntos. O duque teve que ficar ensinando várias vezes como o rei devia falar cada fala, e mandou o rei suspirar, e pôr a mão no coração, e depois de um tempo falou que o rei tinha falado muito bem. “Só que”, falou ele, “você não pode berrar *Romeu!* desse jeito, feito um boi. Você tem que falar suavemente, com fraqueza e languidez, algo como *R-o-o-meu!* Essa é a ideia, porque a Julieta é só uma jovem adorável e doce, sabe, ela não zurra feito um burro.”

Bem, em seguida eles pegaram duas espadas compridas que o duque fez de ripas de carvalho e começaram a ensaiar a luta de espadas — o duque ficou se chamando de Ricardo III; e o jeito que ficaram na posição e correndo pela jangada foi uma beleza de se ver. Mas uma hora o rei tropeçou e caiu na água, e depois disso eles descansaram um pouco, e conversaram sobre todo tipo de aventuras que já tinham passado em outras épocas no mesmo rio.

Depois de comer o duque falou:

— Bem, capetiano, queremos fazer um espetáculo de primeira, você sabe, então acho que vamos acrescentar mais alguma coisa. Vamos precisar de algo mais para o bis, de qualquer jeito.

— O que é bis, Bilgewater?

O duque explicou, e depois falou:

— Posso fazer uma dança escocesa ou uma dança de marinheiro. E você... Bem, deixa ver... Oh, já sei! Você pode fazer o monólogo do Hamlet.

— O mono-o-quê do Hamlet?

— O monólogo do Hamlet, a passagem mais famosa de Shakespeare. Ah, é sublime, sublime! Sempre conquista a plateia. Não tenho aqui no meu livro, só estou com um volume, mas acho que consigo escrever de memória. Vou ficar andando para lá e para cá um minuto, e ver se consigo resgatá-la dos cofres da lembrança.

Então ele ficou andando para lá e para cá, pensando, e franzindo o rosto de um jeito horrível de vez em quando. Depois ergueu as sobrancelhas, apertou a testa com a mão e cambaleou para trás e soltou um gemido. Depois ele suspirou, e então derramou uma lágrima. Foi bonito ver aquilo. Ele mandou prestar atenção. Então, fez uma pose nobre, com uma perna esticada para a frente, e os braços esticados para cima, e a cabeça torta para trás, olhando para o céu. E depois ele começou a xingar e esbravejar e ranger os dentes; e, durante a fala inteira, ele uivou, e se espalhou, e encheu o peito, e simplesmente superou todas as interpretações que eu já tinha visto antes. Essa é a fala — eu decorei, foi fácil, enquanto ele estava ensinando para o rei:

Ser, ou não ser; eis a adaga nua
Que torna em calamidade tão longa vida;
Pois quem suportaria os fardos, até Birnam Wood vir a Dunsinane,
Mas que o medo de algo após a morte
Assassina o sono inocente,
O segundo prato da grande natureza,
E nos faz disparar flechas da sorte ultrajante
Em vez de nos refugiar em outros que desconhecemos.
Eis o respeito que deve nos dar pausa:
Acordar Duncan com tuas pancadas! Quem dera se pudesses;
Pois quem suportaria os golpes e o escárnio do tempo,
O erro do opressor, o desdém dos orgulhosos,
A lei tardia, e as injúrias que seus ataques podem sofrer.
Na hora morta do meio da noite, quando os cemitérios bocejam

Nos trajes de costume em preto solene,
Mas aquele país desconhecido de cujos campos nenhum viajante retorna,
Sopra o contágio no mundo,
E assim a cor natural da coragem, como o pobre gato do adágio,
Adoece inteira de melancolia.
E todas as nuvens que ameaçavam nossas casas,
Com esse pensamento suas correntes se agitam,
E perdem o nome de ação.
É uma consumação que bem merece ser desejada.
Mas silêncio agora, bela Ofélia:
Não abra tuas mandíbulas de mármore.
Mas vai para um convento — vai! [6]

Bem, o velho gostou dessa fala, e logo decorou para falar bem. Parecia que ele tinha nascido para aquilo, e quando ele mexia as mãos e estava excitado, ficava perfeito, era lindo o jeito como ele esbravejava e chorava e se virava quando estava falando aquela fala.

Na primeira oportunidade que tivemos, o duque imprimiu alguns cartazes do espetáculo, e depois disso, durante dois ou três dias, enquanto descemos o rio, a jangada virou um lugar animado até demais, porque foi um tal de luta de espada e ensaios — como o duque chamava — acontecendo o tempo inteiro. Um dia de manhã, quando já estávamos bem para dentro do estado do Arkansas, avistamos uma cidadezinha em uma curva do rio, então atracamos quase um quilômetro antes, na boca de um córrego que era fechado como um túnel de ciprestes, e fomos, sem o Jim, de canoa até lá para ver se tinha alguma chance de fazer um espetáculo ali.

Demos muita sorte — ia ter um circo lá naquela tarde, e o pessoal do interior já estava chegando, vindo em carroças velhas e barulhentas e a cavalo. O circo ia embora antes do anoitecer, de modo que o nosso espetáculo ia ser numa boa hora. O duque alugou o tribunal, e fomos andar pela cidade e colar nossos cartazes. Estava escrito assim nos cartazes:

Festival Shakspeareano!!!

Maravilhosa Atração!

*Única Apresentação! Os trágicos mundialmente famosos,
David Garrick, O Moço, do Teatro Drury Lane de Londres,*

e

*Edmund Kean, O Velho, Teatro Real de Haymarket, Whitechapel,
Pudding Lane, Piccadilly, Londres e dos Teatros Reais Continentais, em
seu sublime Espetáculo Shakspeareano intitulado A Cena da Sacada em
Romeu e Julieta!!!*

Romeu..... Sr. Garrick.

Julieta..... Sr. Kean.

Auxiliados por toda a companhia!

Novos figurinos, novos cenários, novas datas!

Também:

*O conflito frenético, magistral e arrepiante da luta de espadas em
Ricardo III!!!*

Ricardo III..... Sr. Garrick.

Richmond..... Sr. Kean.

também:

(a pedidos)

O Imortal Monólogo de Hamlet!!

Pelo Ilustre Kean!

Apresentado por ele em 300 noites consecutivas em Paris!

Única Apresentação Hoje

Por conta de compromissos inadiáveis na Europa!

Ingresso 25 centavos; crianças e criadagem, 10 centavos.

Depois fomos vadiar na cidade. As lojas e casas eram quase todas velhas e caindo aos pedaços, e nunca foram pintadas. Eram construídas a mais ou menos um metro do chão sobre palafitas, ficando longe do alcance da água quando o rio enchia demais. As casas tinham hortinhas em volta, mas não pareciam plantar nada nelas, além de estamônio, girassol e montes de cinzas, e botas e sapatos velhos e tortos, e pedaços de garrafas, e trapos, e utensílios de lata estragados. As cercas eram feitas de tipos diferentes de tábuas, pregadas em momentos diferentes, e todas eram tortas, cada uma para um lado, e tinham portões

geralmente com uma dobradiça só — e de couro. Algumas cercas foram caiadas, uma vez ou outra, mas o duque falou que foi no tempo de Colombo, provavelmente. Geralmente entravam porcos nas hortas, e as pessoas tinham que expulsar os porcos.

Todas as lojas ficavam na mesma rua. Tinham toldos brancos na frente, e o povo da roça amarrava os cavalos nos postes dos toldos. Embaixo dos toldos ficavam as caixas vazias dos produtos, e os vagabundos ficavam de olho nelas o dia inteiro, entalhando a madeira com seus canivetes Barlow, mascando tabaco, e abrindo a boca e bocejando e se espreguiçando — um pessoal bastante vulgar. Em geral usavam chapéus de palha grandes do tamanho de um guarda-chuva, mas não usavam paletó nem colete, e se chamavam de Bill, e Buck, e Hank, e Joe, e Andy, e falavam devagar e arrastado, e um bocado de palavrão. Tinha praticamente um vagabundo em cada poste de toldo, e quase sempre com as mãos no bolso, exceto quando tiravam para oferecer um naco de tabaco ou se coçar. O que se ouvia no meio deles o tempo todo era o seguinte:

— Me dá um naco de tabaco, Hank.

— Não dá, só tenho um naco. Pede para o Bill.

Talvez esse Bill desse um naco, talvez mentisse e falasse que não tinha mais nenhum. Alguns desses vagabundos nunca tiveram um centavo na vida, nem um naco de tabaco. Tudo o que eles mascam é emprestado. Falavam com um colega deles: “Você não tem um naco de tabaco para emprestar, Jack? Acabei de dar ao Ben Thompson o último naco que eu tinha.” O que é quase sempre mentira — isso só engana forasteiro, mas Jack não é nenhum forasteiro.

— Você deu um naco para ele, foi? — perguntou Jack. — E a vó do gato da sua irmã? Você que me pague primeiro os nacos de tabaco que pegou de mim, Lafe Buckner, depois eu empresto uma tonelada de tabaco, e não cobro mais nada.

— Bem, uma vez eu devolvi um pouco.

— Sim, devolveu, uns seis naquinhos. Você pegou meu tabaco de fábrica e pagou fumo de corda.

Tabaco de fábrica é aquele rolo preto liso, mas esses sujeitos em geral mascavam as folhas torcidas. Quando emprestavam um naco, geralmente não cortavam com o canivete, mas punham o rolo na boca e mordiam e arrancavam

puxando com a mão até soltar o naco. Aí às vezes o dono do tabaco fazia uma cara de pena quando lhe devolviam o rolo e falava, com sarcasmo:

— Eita, me dá o naco, e fica logo com o rolo.

Todas as ruas e vielas eram só barro. Não eram nada além de barro — um barro preto como alcatrão e fundo uns trinta centímetros em alguns lugares, e cinco ou dez centímetros em todos os lugares. Os porcos ficavam vadiando e grunhindo em todo canto. Você via uma porca enlameada e uma vara de porquinhos vindo devagar e parar à toa no meio da rua, e as pessoas tinham que desviar dela, e ela se esticava e fechava os olhos e balançava as orelhas enquanto os porquinhos mamavam nela, e ela parecia feliz como se recebesse um salário por aquilo. E logo você ouvia um vagabundo gritar, “Oi! *filhote!* Ataca, Tigre!” e a porca fugia, soltando guinchos horríveis, com um cachorro ou dois em cada orelha, e três ou quatro dúzias de outros cachorros vindo atrás. E quando você ia ver todos os vagabundos levantavam e ficavam escondidos assistindo aquilo, e riam e achavam graça e pareciam agradecidos pela barulheira. Depois eles sentavam de novo e esperavam começar uma briga de cachorro. Nada deixava aqueles vagabundos mais animados e felizes que briga de cachorro — a não ser jogar aguarrás em cão sem dono e pôr fogo nele, ou amarrar uma panela de lata no rabo do cachorro e ver ele correr até morrer.

Na beira do rio, algumas casas estavam tortas para o lado da margem, inclinadas e abaixadas, como se estivessem prontas para cair na água. Os moradores tinham ido embora dessas casas. A margem tinha deslizado no canto de algumas outras casas, e esses cantos ficavam soltos no ar. As pessoas ainda moravam nessas casas, mas era perigoso, porque às vezes um pedaço de terra largo como uma casa deslizava de uma vez só. Às vezes, num único verão, uma faixa de terra de quinhentos metros de profundidade deslizava e descia desbarrancando tudo até que tudo ia parar dentro do rio. Uma cidade como aquela tinha que estar sempre indo mais para trás, mais para trás, mais para trás, porque o rio está sempre mordendo um pedaço.

Quanto mais foi chegando perto do meio-dia, mais carroças e cavalos iam chegando nas ruas, e iam chegando mais o tempo todo. As famílias tinham levado comida da roça, e comiam nas carroças. Muita gente estava bebendo uísque, e eu vi três brigas.

— Lá vem o velho Boggs! — gritou alguém. — Vindo da roça para sua carraspana do mês. Lá vem ele, rapazes!

Todos os vagabundos ficaram contentes. Entendi que eles tinham costume de zombar desse Boggs.

— Quem será que ele vai querer matar dessa vez? — perguntou um deles. — Se ele tivesse matado todos os homens que falou que ia matar nos últimos vinte anos ia ter uma reputação e tanto hoje em dia.

— Quem dera Boggs me ameaçasse, porque aí eu ia saber que ia viver mais mil anos — brincou outro vagabundo.

O tal Boggs veio montado em seu cavalo, gritando e uivando feito um índio.

— Sai da frente, aí — falou ele, alto. — Estou querendo guerra, e o preço do caixão vai subir.

Ele estava bêbado e balançando na sela. Tinha mais de cinquenta anos, e um rosto muito vermelho. Todo mundo gritou e riu dele e provocou ele, e ele provocou de volta, e falou que já ia cuidar deles e ia acabar com um de cada vez, mas não podia ser agora porque ele tinha vindo matar o velho coronel Sherburn, e o lema dele era: “Primeiro a carne, depois os acompanhamentos.”

— De onde você é, menino? — perguntou depois de me ver. — Está preparado para morrer?

E depois ele foi embora. Fiquei apavorado.

— Ele não está falando sério — disse um homem. — Ele sempre fica assim quando bebe. É um louco, mas tem o melhor coração do Arkansas. Nunca machucou ninguém, bêbado ou sóbrio.

O tal de Boggs galopou até a maior loja da cidade e abaixou a cabeça para enxergar por baixo do toldo.

— Vem aqui fora, Sherburn! — berrou ele. — Vem aqui e enfrente o homem que você trapaceou. Seu cachorro, vim te pegar, e vou te matar também!

E assim ele ficou, chamando o tal do Sherburn de todos os nomes que apareciam na língua dele, e a rua inteira ficou cheia de gente ouvindo e rindo e passando. Até que um homem de porte orgulhoso de uns 55 anos — e ele era de longe também o homem mais bem vestido daquela cidade — saiu da loja, e a multidão recuou para os lados e deixou ele passar. Ele falou com o tal Boggs, com muita calma e devagar.

— Estou cansado disso, mas vou suportar até uma da tarde. Até uma hora da tarde, não se esqueça, nem um minuto a mais. Se você abrir a boca contra mim mais uma vez depois de uma da tarde, você pode correr mas vou te encontrar.

Então ele virou e entrou. A multidão esfriou um bocado. Ninguém se mexeu, e ninguém mais deu risada. Boggs saiu galopando e xingando Sherburn o mais alto que conseguia gritar, até o fim da rua; e em seguida ele voltou e parou na frente da loja, e continuou. Alguns homens se aproximaram dele e tentaram fazer ele calar a boca, mas ele não calava. Eles falaram que faltavam uns quinze minutos para uma da tarde, e então ele tinha que ir para casa — tinha que ir embora agora mesmo. Mas não adiantou. Ele continuou xingando com todas as forças, e jogou o chapéu na lama e passou com o cavalo por cima, e em seguida galopou aos berros pela rua outra vez, com os cabelos grisalhos voando. Todo mundo que tinha uma chance tentava ao máximo convencer Boggs a descer do cavalo para conseguirem prender ele numa cela até passar a bebedeira, mas não adiantou — lá vinha ele de novo pela rua, sempre xingando Sherburn.

— Vai buscar a filha dele! Depressa, tragam ela, às vezes ele ouve a filha. Se tem alguém capaz de convencer Boogs, é ela — falou alguém.

Então alguém foi correndo. Desci a rua e parei. Dali cinco ou dez minutos lá veio de novo Boggs, mas sem o cavalo. Ele veio pela rua na minha direção, sem chapéu, com um amigo de cada lado segurando os braços dele, como se obrigassem ele a se apressar. Ele veio calado, e parecia incomodado, e não estava nada se arrastando, mas sim com uma certa pressa e puxando os outros dois.

— Boggs! — gritou alguém.

Olhei para ver quem tinha falado, e era o tal coronel Sherburn. Ele estava parado no meio da rua, e tinha uma pistola erguida na mão direita — não apontada, mas com o cano virado para o céu. No mesmo segundo, vi uma garotinha vindo correndo, e dois homens com ela. Boggs e os homens viraram para ver quem tinha chamado ele, e quando viram a pistola os homens pularam de banda, e o cano abaixou devagar até se aprumar — os dois canos engatilhados. Boggs levantou as mãos para cima e falou: “Oh, Deus, não atire!” *Bang!*, foi o primeiro tiro, e ele cambaleou para trás, agarrando o ar. *Bang!*, foi o segundo, e ele tombou para trás no chão, pesado e sólido, com os braços abertos.

Aquela garotinha deu um grito e foi correndo, e se atirou sobre o pai, chorando, e falando: “Oh, ele matou ele, ele matou ele!” A multidão acudiu em volta deles, e se acotovelaram e se espremeram ali, esticando o pescoço, tentando ver, e as pessoas do lado de dentro tentando empurrar os outros para trás e berrando: “Para trás, para trás! Deixem ele respirar, deixem ele respirar!”

O coronel Sherburn largou a pistola no chão, deu meia volta e foi embora.

Levaram Boggs até uma mercearia, a multidão continuou empurrando, e a cidade inteira foi atrás, e corri e consegui um bom lugar na vitrine, onde fiquei perto e consegui ver lá dentro. Deitaram ele no chão e puseram uma Bíblia grande embaixo da cabeça dele, e abriram outra Bíblia e puseram sobre o peito dele, mas primeiro rasgaram a camisa dele, e vi onde uma das balas entrou. Ele tentou respirar algumas vezes, o peito levantou a Bíblia quando o ar entrou, e desceu de novo quando o ar saiu — e depois disso ele não se mexeu mais, estava morto. Então tiraram a filha de perto dele, gritando e chorando, e levaram ela para fora. Ela tinha uns dezesseis anos, e era muito delicada e bonita, mas estava terrivelmente pálida e apavorada.

Bem, logo a cidade inteira estava lá, espremida e pedindo licença e empurrando e passando para chegar na vitrine e poder ver, mas as pessoas que já tinham lugar não quiseram sair de onde estavam, e o povo de trás ficava falando sem parar:

— Ora, vamos, vocês já viram bastante, amigos. Não é justo e não é certo que só vocês fiquem aí o tempo todo, sem dar chance para mais ninguém. Os outros têm tanto direito quanto vocês.

Começou um grande bate-boca, então saí, pensando que talvez fosse dar briga. As ruas estavam cheias, e todo mundo estava agitado. Todo mundo que viu os tiros agora estava contando como tinha sido, e ficava uma multidão espremida em volta de cada testemunha, esticando o pescoço e prestando atenção. Um homem alto e magro, de cabelo comprido e cartola branca de pele virada para trás, e com uma bengala de punho retorcido, marcou no chão os lugares onde Boggs estava e onde Sherburn estava, e as pessoas seguiram ele de um lugar para o outro e prestaram atenção em tudo que ele fazia, e balançavam a cabeça para mostrar que tinham entendido, e se inclinavam um pouco e apoiavam as mãos nos quadris para ver ele marcar os lugares no chão com a bengala; e aí ele

se levantou e ficou parado e duro onde o tal Sherburn tinha ficado, franzindo o rosto e abaixando a aba do chapéu sobre os olhos, e gritou “Boggs!” e depois abaixou a bengala devagar até mirar, e falou “Bang!”. Cambaleou para trás, falou “Bang!” de novo e caiu duro de costas. O povo que viu isso falou que ele fez igualzinho; falaram que foi exatamente do jeito que tudo aconteceu. Então várias pessoas pegaram suas garrafas e ofereceram para ele beber.

Bem, depois de algum tempo alguém falou que o tal de Sherburn devia ser linchado. No minuto seguinte todo mundo estava falando isso. Então, eles saíram na rua, loucos e berrando, e pegando todas as cordas de varal que encontravam no caminho para fazer uma forca.

22.

Eles foram em bando até a casa de Sherburn, gritando e uivando como índios, e tudo que estava no caminho ou saía ou era atropelado e pisoteado até virar mingau, foi uma coisa horrível de se ver. As crianças iam na frente da multidão, berrando e tentando sair da frente; e todas as janelas que davam para a rua estavam cheias de cabeças de mulheres, e tinham meninos escravos em todas as árvores, e moços e moças olhando em cada cerca — e, assim que a multidão chegava perto deles, eles saíam correndo e sumiam dentro de casa. Muitas mulheres e meninas iam chorando, mas seguiam em frente, quase mortas de medo.

Eles se amontoaram na frente da cerca de Sherburn e ficaram o mais apinhados que puderam, e não dava para ouvir nem os próprios pensamentos de tanto barulho que faziam. Era um pequeno lote de uns seis metros de frente. Alguém berrou: “Vamos derrubar a cerca! Derruba a cerca!” Então foi um rebuliço de quebrar e rasgar e esmagar tudo, e lá se foi a cerca, e a muralha da multidão começou a se mexer como uma onda.

Nesse momento, Sherburn saiu para o alpendre da frente da casa, com uma espingarda de dois canos na mão, e ficou ali parado, calmo e decidido, sem falar nada. O rebuliço parou, e a onda voltou para trás.

O tal Sherburn não falou nada — só ficou ali parado, olhando para baixo. O silêncio foi assustador e incômodo demais. Sherburn passou a vista devagar pela multidão, e onde o olhar dele parava as pessoas tentavam devolver para ele desviar a vista, mas não conseguiam. Elas baixavam os olhos e tentavam disfarçar. Aí, Sherburn soltou uma risada; não uma risada gostosa, mas uma risada que faz parecer que você está comendo pão com areia.

Então ele falou, devagar e com desdém:

— E pensar que *vocês* querem linchar alguém! Que engraçado... Só de pensar que acham que têm coragem suficiente para linchar um *homem*! Porque vocês são valentes para cobrir de alcatrão e penas uma pobre mulher desprezada e sem família que aparece na cidade, só por isso acham que têm valentia suficiente para pôr as mãos em um *homem*? Ora, um *homem* de verdade não corre nenhum risco nas mãos de dez mil da laia de vocês, desde que seja de dia e vocês não o peguem pelas costas.

“Será que conheço vocês? Conheço vocês muito bem. Nasci e fui criado no sul, e já morei no norte, então conheço a média geral. O homem médio em geral é um covarde. No norte, ele deixa qualquer um passar por cima dele se quiser, e vai para casa e reza para ter o espírito humilde para suportar tudo. No sul, um homem sozinho parou uma diligência cheia de gente em pleno dia, e roubou todo mundo. Os jornais de vocês dizem tanto que vocês são um povo heroico que acham que são *mais* heroicos que os outros, só que não são mais heroicos, no máximo são tão heroicos *quanto* os outros. Por que os júris de vocês não enforcam assassinos? Porque têm medo que os amigos do sujeito lhes metam bala pelas costas, no escuro, e eles também *fariam* exatamente a mesma coisa.

“Então, sempre absolvem. E depois *alguém* vai de noite, com cem covardes mascarados, pelas costas, e lincha o desgraçado. O erro de vocês é que não trouxeram nenhum homem agora. Esse é um dos erros de vocês, e o outro é que não vieram de noite, nem mascarados. Trouxeram *metade* de um homem, o Buck Harkness aí, e se não fosse ele ter atizado vocês, vocês já teriam dado para trás.

“Vocês nem queriam vir. O homem médio não quer saber de confusão e de perigo. *Vocês* não gostam de confusão e de perigo. Mas se *metade* de um homem, como o Buck Harkness aí, grita ‘Vamos linchar ele! Lincha ele!’, vocês têm medo de recuar, medo que descubram o que vocês são, uns *covardes*, e então levantam a voz, e gritam, e se agarram na casaca dessa metade de homem, e vêm gritando até aqui, jurando que vão fazer grandes coisas. A coisa mais deplorável do mundo é uma multidão. Eis o que é um exército, uma multidão. Eles não lutam com a coragem que nasceu com eles, mas com a coragem emprestada da massa, e dos oficiais. Mas uma multidão sem um único *homem* inteiro à frente é ainda *menos* que deplorável. Agora, o que *vocês* vão fazer é abaixar o rabo e voltar para casa e rastejar para dentro de suas tocas. Se fosse acontecer mesmo

um linchamento de verdade, seria à noite, à maneira sulista. E quando eles chegam, trazem suas máscaras, e trazem junto um *homem* de verdade. Agora vão *embora*, e levem essa metade de homem com vocês.”

Ele jogou a espingarda sobre o braço esquerdo e engatilhou ao falar aquilo.

A multidão se espalhou de repente, e acabou se desfazendo, e todos foram correndo embora e sumiram, e o tal de Buck Harkness foi atrás deles, de um jeito bem ordinário. Eu podia ter ficado se eu quisesse, mas não quis.

Fui para o circo e fiquei vadiando por ali, nos fundos, até o vigia passar, e depois me enfiei embaixo da tenda. Eu estava com a minha moeda de ouro de vinte dólares e mais algum dinheiro, mas achei melhor economizar, porque não dá para saber quando você vai precisar, longe de casa e no meio de uma gente estranha daquele jeito. Cuidado nunca é pouco. Não tenho nada contra gastar dinheiro em circo se não tem outro jeito, mas também não tem porquê gastar dinheiro com circo.

Era um circo muito bom. Foi a coisa mais esplêndida de se ver quando todo mundo entrou a cavalo, em duplas, um cavalheiro e uma dama, lado a lado, os homens só de ceroula e camiseta, e sem sapato nem espora, e com as mãos na cintura à vontade e confortáveis — deviam ser uns vinte — e todas as damas com uma pele linda, e muito bonitas, e parecendo um bando de rainhas de verdade, e vestidas com roupas que deviam custar milhões de dólares, e cobertas de diamantes. Foi uma visão e tanto, nunca vi nada tão lindo. E então, uma por uma, elas ficavam de pé e paradas, e iam correndo pelo picadeiro tão suaves e graciosas, os homens pareciam muito altos e altivos e direitos, com as cabeças balançando e pulando junto, lá no alto do teto da tenda, e os vestidos de pétalas de rosas das damas roçando macios e sedosos nas coxas delas, parecendo os guarda-sóis mais lindos do mundo.

E então depois iam cada vez mais depressa, todas dançando, primeiro um pé no ar e depois o outro, os cavalos cada vez mais inclinados, e o apresentador dando a volta no mastro, estalando o chicote e berrando “Ei! Ei!” e o palhaço fazendo graça atrás dele. Depois de algum tempo todas tiraram as mãos das rédeas, e todas as damas puseram as costas das mãos nos quadris e todos os cavalheiros cruzaram os braços, e aí até os cavalos se inclinaram para a frente e se curvaram! E depois, um atrás do outro, todos pularam para dentro do picadeiro, e fizeram o

cumprimento mais delicado que já vi, e depois pularam fora, e todo mundo bateu palma e ficou praticamente fora de si.

Bem, o circo todo teve coisas muito incríveis, e a toda vez que o palhaço aparecia as pessoas quase morriam de rir. O apresentador não podia falar nada que ele devolvesse num piscar de olhos falando as coisas mais engraçadas que alguém já falou na vida, e como ele era capaz de pensar em tantas coisas daquelas, e tão de repente e tão em cima, era o que eu não conseguia entender de jeito nenhum. Ora, eu não ia pensar em tudo aquilo nem em um ano inteiro. E algum tempo depois um bêbado tentou entrar no picadeiro — falou que queria montar num cavalo, que montava melhor que qualquer um ali. Eles reclamaram e tentaram tirar ele de lá, mas ele não quis nem ouvir, e o espetáculo teve que fazer uma pausa. Então as pessoas começaram a berrar com ele e a zombar dele, e isso deixou ele maluco, e ele começou a esbravejar e a xingar. Então isso provocou o povo, e muitos homens começaram a levantar dos bancos e se amontoar em volta do picadeiro, dizendo: “Vamos acabar com ele! Acaba com ele!”. Uma ou duas mulheres começaram a gritar. Então, aí, o apresentador levantou a voz, e falou que esperava que não tivesse confusão, e se o sujeito jurasse que ia parar de criar confusão, ele ia deixar ele montar se conseguisse ficar parado em cima do cavalo. Então todo mundo deu risada e falou tudo bem, e o sujeito montou no cavalo. No minuto que ele montou no cavalo, o cavalo começou a escoicear e a sacudir e a pular e a se exhibir, com dois homens do circo segurando pelo arreio, tentando deter o cavalo, e o bêbado agarrado no pescoço do cavalo, e os pés dele voavam no ar a cada pulo, e a multidão de gente de pé gritando e chorando de rir. E enfim, sem dúvida, mesmo com tudo o que os homens do circo fizeram, o cavalo se soltou, e saiu correndo desembestado como o próprio país, correndo sem parar em volta do picadeiro, com aquele bêbado deitado atrás agarrado no pescoço, primeiro com uma perna quase encostando no chão de um lado, e depois do outro, e o povo todo ficando maluco. Mas eu não estava achando graça, fiquei tremendo de ver o perigo que ele estava correndo. Mas logo ele conseguiu se equilibrar e sentou e tomou as rédeas, correndo para lá e para cá. No momento seguinte, ele se endireitou e soltou as rédeas e ficou de pé nas costas do cavalo! E o cavalo continuou correndo como uma casa em chamas. Ele ficou em pé no cavalo, passando pelo picadeiro tão tranquilo e à

vontade como se nunca tivesse ficado bêbado na vida, e começou a tirar a roupa e a jogar longe. Ele tirou tanta roupa que formou uma pilha, e no total foram dezessete paletós tirados. E, então, lá estava ele, magro e bonito, e vestido com a maior elegância e beleza que você já viu, e ele bateu no cavalo com o chicote e fez o cavalo quase zunir — e enfim saltou do cavalo, e fez seu cumprimento e saiu dançando para o camarim, e todo mundo uivando de prazer e espanto.

Então o apresentador viu que tinha sido enganado, ele era o apresentador mais fingido que já vi, acho. Ora, era um dos empregados dele! Ele mesmo tinha inventado aquela piada, e não deixou ninguém perceber. Bem, me senti um burro de ter caído, mas eu que não ia querer estar no lugar daquele apresentador, nem por mil dólares. Não sei, pode ser que tenha circo melhor que aquele, mas nunca encontrei. Seja como for, para mim, era bom o bastante, e sempre que eu encontrar esse circo de novo, eles podem contar comigo para assistir.

Bem, naquela noite fizemos também o nosso espetáculo, mas só tinham umas doze pessoas assistindo — só o suficiente para pagar as despesas. E eles riram o tempo inteiro, e isso deixou o duque maluco, e todo mundo saiu, de todo jeito, antes do espetáculo acabar, todo mundo menos um menino que dormiu. Então o duque falou esse povo bronco do Arkansas não está à altura de Shakespeare, o que eles queriam era comédia chula — e talvez coisa pior ainda que comédia chula, segundo ele. Ele falou que conhecia bem o estilo deles. E, na manhã seguinte, ele veio com grandes folhas de papel de embrulho e um pouco de tinta preta, e escreveu alguns cartazes, e colou na cidadezinha inteira. Os cartazes eram assim: **No Tribunal!**

Apenas 3 Apresentações!
Os Trágicos Mundialmente Famosos
David Garrick, O Moço!
E
Edmund Kean, O Velho!
Dos Teatros
Londrinos e Europeus,
Na Excitante Tragédia
O Cameleopardo do Rei,

ou
O Nunca-Visto Real!!!
Ingresso 50 centavos.

Depois embaixo a linha mais comprida, que dizia:

Proibido para Senhoras e Crianças.

— Pronto — falou —, se isso não físgar essa gente, não conheço mesmo esse lugar!

23.

Bem, o dia inteiro o duque e o rei trabalharam duro naquilo, montando um palco e uma cortina e uma fileira de velas para fazer a ribalta; e à noite a casa ficou lotada de homens em dois minutos. Quando não cabia mais ninguém, o duque saiu da porta de entrada e deu a volta pelos fundos e apareceu no palco e ficou de pé na frente da cortina e fez um discursinho, e elogiou aquela tragédia, e falou que era a mais excitante que já foi feita; e então ele continuou se gabando da tragédia, e do tal Edmund Kean, O Velho, que ia fazer o papel principal. Enfim, quando ele conseguiu deixar bem alta a expectativa de todo mundo, ele levantou a cortina, e no minuto seguinte o rei entrou engatinhando, nu; e ele estava todo pintado, riscado e listrado, com todas as cores, esplêndido como um arco-íris. E, mas não importa a aparência dele, estava estranho, mas um bocado engraçado. As pessoas quase morreram de rir; e quando o rei parou de se sacudir e foi se sacudir nos bastidores, todo mundo gritou e bateu palma e agitou os braços e gargalhou até ele voltar e fazer de novo, e depois disso fizeram ele repetir mais uma vez. Bem, até uma vaca daria risada vendo as coisas que aquele velho idiota fazia.

Depois o duque desceu a cortina, e se curvou para as pessoas, e falou que a grande tragédia vai ser apresentada só mais duas noites, por causa dos compromissos urgentes deles em Londres, onde os ingressos já tinham sido todos vendidos em Drury Lane. Então ele se curvou de novo, e falou que se ele tinha conseguido agradar e instruir as pessoas, ele ia ficar muito agradecido se as pessoas comentassem com os amigos e levassem os amigos para assistir também.

— Como assim? Já acabou? Era só isso? — falaram umas vinte pessoas.

O duque falou sim. Aí começou a bagunça. Todo mundo falando alto “Enganação!” e levantaram loucos da vida, e começaram a ir para o palco para

pegar os trágicos. Mas um homem grande e bonito pulou no banco e gritou:

— Espere aí! Só uma coisa, cavalheiros. — Eles pararam para ouvir. — Fomos enganados, muito enganados. Mas não queremos ser motivo de chacota da cidade inteira, e nem ouvir pelo resto da vida que fomos enganados. Não. O que queremos é sair daqui sossegados, e comentar o espetáculo com os outros, e enganar o resto da cidade! Assim estaremos no mesmo barco. Não parece razoável? — “Pode apostar que é! O juiz tem razão!”, falou todo mundo. — Então está certo, nenhuma palavra sobre enganação. Vão para casa, e aconselhem todo mundo para vir assistir à tragédia.

No dia seguinte a única coisa que se ouviu na cidade era como o espetáculo era esplêndido. A casa ficou lotada de novo naquela noite, e enganamos o povo do mesmo jeito. Quando eu e o rei e o duque voltamos para a jangada, todos nós comemos. E depois, por volta da meia-noite, eles mandaram o Jim e eu levar a jangada até o meio do rio, e descer mais e esconder a jangada uns três quilômetros depois da cidade.

Na terceira noite a casa lotou de novo — e não eram outros homens dessa vez, mas os mesmos que já tinham visto o espetáculo nas outras duas noites. Fiquei ao lado do duque na entrada, e vi que todos os homens que entravam tinham um volume no bolso, ou alguma coisa escondida embaixo do paletó — e vi que não era perfume, não mesmo. Senti um cheiro de ovo podre, e repolho estragado, e esse tipo de coisa — e se sei os sinais de um gato morto por perto, e aposto que sei, devia ter uns 64 deles lá dentro. Entrei um minuto, mas o cheiro estava demais para mim, não consegui suportar. Bem, quando não cabia mais ninguém lá dentro, o duque deu uma moeda de vinte e cinco centavos a um sujeito e mandou ele cuidar da entrada um pouco, e então foi correndo para o palco, comigo atrás; mas no minuto que nós chegamos ali e ficou escuro, ele falou:

— Agora vá andando depressa até passar as casas, e depois corra para a jangada como se o diabo estivesse atrás de você!

Fiz o que ele mandou, e ele fez a mesma coisa. Chegamos na jangada ao mesmo tempo, e em menos de dois segundos estávamos descendo o rio, tudo escuro e quieto, e fomos chegando no meio da correnteza, sem ninguém falar nada. Achei que o coitado do rei ia passar por maus bocados com a plateia, mas nada disso; logo ele saiu engatinhando da tendinha, e falou:

— Bem, como foi que terminou dessa vez, duque? Ele nem tinha ido para a cidade.

Não acendemos nenhuma luz até passar uns quinze quilômetros da cidadezinha. Aí acendemos e comemos, e o rei e o duque riram até sacudir os ossos do jeito que enganaram aquela gente.

— Novatos, broncos! — gritou o duque. — Eu sabia que a primeira leva ia ficar quieta e deixar o resto da cidade cair no truque, e que iam querer nos pegar na terceira, achando que seria a vez deles. Bem, foi a vez deles, e eu queria até saber o que eles levaram para jogar no palco. Queria mesmo saber como vão aproveitar a situação. Eles podem até fazer um piquenique se quiserem, parece que levaram bastante comida.

Aqueles malandros levantaram 465 dólares naquelas três noites. Eu nunca tinha visto um dinheiro tão grande ganho tão fácil. Depois de algum tempo, quando eles dormiram e estavam roncando, o Jim falou:

— Você não tá espantado de ver como esses reis leva a vida, Huck?

— Não, não estou, não.

— Por que não, Huck?

— Bem, não me espanta, porque é da raça deles. Acho que eles são todos assim.

— Mas, Huck, esses rei são canalha, isso sim que eles são. São uns canalha.

— Bem, é isso que estou falando. Todos os reis são quase sempre canalhas, pelo que sei.

— É mesmo?

— Lê sobre eles que você vai ver. É só ver Henrique VIII, esse nosso é um superintendente de escola dominical perto *dele*. É só ver Carlos II, e o Luís XIV, e o Luís XV, e o Jaime II, e o Eduardo II, e o Ricardo III; e mais uns quarenta. Sem falar em toda heptarquia dos saxões que aprontavam demais antigamente e eram uns verdadeiros Cains. Meu Deus, você precisava ver o velho Henrique VIII quando era moço. Esse era um coelho. Ele casava com uma esposa por dia, e cortava a cabeça delas depois, de manhã. E fazia isso com uma indiferença, como se pedisse ovo frito. “Tragam a Nell Gwynn”, ele falava. Eles traziam para ele. Na manhã seguinte, “Cortem a cabeça dela!”. E eles cortavam. “Tragam a Jane Shore”, ele falava; e lá vinha ela. Dia seguinte de manhã, ele, “Cortem a

cabeça dela”, e eles cortavam. “Vai chamar a bela Rosamund.” A bela Rosamund vem. Na manhã seguinte, “Cortem a cabeça dela”. E ele mandava cada uma contar uma história toda noite; e ele foi juntando até chegar em mil e uma histórias dessas, e aí ele pôs todas em um livro, e chamou de Livro de Registro do Juízo Final, que foi um bom nome e já explica o que é. Você não sabe nada de rei, Jim, mas eu sei, e esse nosso velho canalha é um dos mais mansos que já vi na história toda. Bem, Henrique VIII resolveu causar confusão com esta terra. E o que ele fez? Mandou avisar? Fez um espetáculo aqui? Não. Ele de repente jogou todo o chá que tinha no porto de Boston no rio, e tirou uma declaração de independência, e mandou todo mundo obedecer. Esse era o estilo dele, ele nunca dava nenhuma chance para ninguém. Ele desconfiava do pai, o duque de Wellington. Bem, e o que ele fez? Pediu para o pai visitar? Não, afogou o pai num barril de vinho, como se fosse um gato. Imagina se alguém deixava dinheiro perto dele, o que ele fazia? Ele pegava. Imagina que você contratava ele para fazer uma coisa, e pagava para ele, e não ficava ali esperando para ver se ele fez, o que ele fazia? Ele não fazia nada. Imagina que ele abria a boca, o que é que tem? Se ele não fechava logo, saía uma mentira. Esse é o tipo de sujeito que era o Henrique VIII; e se ele estivesse aqui em vez dos nossos reis, ele ia enganar aquela cidade muito pior que os nossos. Não vou dizer que os nossos são cordeirinhos, porque não são, pensando friamente nos fatos, mas eles nem se comparam com aquele bode velho, pelo menos. O que eu queria dizer é, rei é rei, e você tem que dar um desconto. Pensando bem, eles são gente bem comum. É só o jeito que eles são criados.

— Mas esse aí tem um *cheiro* desgraçado, Huck.

— Bem, eles são todos assim, Jim. Não tem o que fazer com o cheiro dos reis, a história não fala nada sobre isso.

— Já o duque é até razoável às vezes.

— Sim, duque é diferente. Mas não muito diferente. Esse é um bocado duro para um duque. Quando ele está bêbado mal dá para diferenciar de um rei.

— Bem, seja como for, não quero conhecer mais outro desses, Huck. Esses aí são o máximo que posso aguentar.

— É o que acho também, Jim. Mas são os que temos, e temos que lembrar o que eles são, e dar um desconto. Quem dera um país sem reis, é o que penso às

vezes.

De que ia adiantar contar para o Jim que eles não eram rei e duque de verdade? Não ia adiantar nada, e, além do mais, é como falei: eles não eram muito diferentes dos de verdade.

Fui dormir, e o Jim não me acordou quando chegou a hora do meu turno de vigia. Ele costumava fazer isso. Quando acordei, com o dia raiando, ele estava lá sentado com a cabeça no meio dos joelhos, gemendo e lamentando sozinho. Não falei nada nem deixei ele perceber. Eu sabia o que era aquilo. Ele estava pensando na mulher e nos filhos, lá para trás, estava triste e com saudade, porque ele nunca tinha ficado longe de casa na vida, e acho que ele gostava tanto da família dele quando os brancos gostam das deles. Não parece natural, mas acho que é assim mesmo. Ele ficava muitas vezes gemendo e lamentando daquele jeito à noite, quando achava que eu estava dormindo, e falava: “Pobrezinha da Lizabeth! Pobrezinho do Johnny! É muito duro, acho que nunca mais vou ver vocês de novo, nunca mais!” O Jim era um escravo muito bom.

Mas dessa vez de algum jeito comecei a conversar com ele sobre a mulher e as crianças, e depois de algum tempo ele falou:

— O que me fez sentir tão mal dessa vez é porque ouvi lá na margem uma pancada, ou uma batida, algum tempo atrás, e me lembrou uma vez que tratei mal a minha pequena Lizabeth. Ela não tinha nem quatro anos, e teve escarlatina, e foi uma febre feia, mas ela melhorou, e um dia ela tava perto, e falei pra ela, falei: “Fecha a porta”. Ela não fechou; só ficou parada ali, rindo para mim. Fiquei louco, e falei de novo, bem alto: “Você não está me ouvindo? Fecha a porta!”. Ela continuou do mesmo jeito parada, rindo para mim. Fiquei maluco! Falei: “Agora você vai aprender a *me* obedecer!” E nisso dei um tapa no lado da cabeça dela que derrubou ela no chão. Aí fui pro outro quarto, e fiquei lá uns dez minutos, e quando voltei lá a porta ainda tava aberta, e a menina parada ali mesmo, olhando pra baixo e chorando, e as lágrimas correndo no rosto dela. Meu Deus, como *fiquei* bravo! Fui pra cima dela, mas nesse momento, era uma porta que abria para dentro, nesse momento, veio um vento e bateu a porta, atrás dela, ca-BLAM! Meu Deus, a menina nem se mexeu! Quase fiquei sem ar; e me senti tão... tão... nem sei COMO eu me senti. Fui me arrastando, tremendo, e abri a porta bem devagarinho, pus a cabeça pra dentro por trás dela, sem fazer

barulho, e de repente eu gritei POW!, berrando o mais alto que consegui. *Ela nem se mexeu!* Oh, Huck, comecei a chorar e abracei ela, e falei: “Oh, pobrezinha, minha queridinha! Senhor Deus Todo Poderoso, perdoa o velho Jim, porque ele nunca vai se perdoar enquanto viver!” Oh, ela estava surda e muda, Huck, totalmente surda e muda — e eu tinha tratado ela tão mal!

24.

No dia seguinte, quando estava anoitecendo, paramos embaixo de uns salgueiros de uma coroa bem no meio, onde tinha um vilarejo de cada lado do rio, e o duque e o rei começaram a bolar um plano para aplicar nas cidades. O Jim falou com o duque, e falou que esperava que fossem só algumas horas, porque era muito duro e cansativo para ele ter que ficar o dia inteiro deitado na tendinha amarrado com a corda. Sabe, sempre que deixávamos ele sozinho tínhamos que amarrar o Jim, porque se por acaso alguém encontrasse ele sozinho desamarrado ia parecer muito que ele era um escravo fugitivo. De modo que o duque falou que *era* um pouco duro ter que ficar deitado amarrado o dia inteiro, e ele ia pensar em um jeito de resolver aquilo.

Ele era de uma inteligência rara, o duque, e logo teve uma ideia. Ele vestiu o Jim com a roupa de Rei Lear — era uma camisola de pano de cortina, e uma peruca de crina de cavalo branca e bigode, e pegou a maquiagem de teatro e pintou o rosto e as mãos do Jim e as orelhas e o pescoço com um azul claro de morto, sem graça, pesado, como um homem afogado há nove dias. Desgraça, ele ficou a coisa mais horrível de se olhar que já vi. Depois o duque pegou e escreveu um cartaz em uma tábua assim: “Árabe Doente, mas inofensivo quando em seu juízo perfeito”.

E ele pregou a tábua em uma ripa, e fincou a ripa a um metro, um metro e meio da frente da tendinha. O Jim ficou satisfeito. Ele falou que era melhor que ficar amarrado todo dia, que pareciam anos, e tremendo de medo sempre que ouvia um barulho. O duque mandou ele ficar livre e à vontade, e, se alguém viesse, era para saltar fora da tendinha e fingir um pouco, e uivar uma ou duas vezes feito um animal selvagem, e ele achava que os curiosos iam acabar indo embora e deixando ele em paz. O que era uma ideia razoável, mas imagina um homem

médio, ele não ia nem esperar o Jim uivar. Ora, o Jim não parecia só que estava morto, ele parecia muito mais que morto.

Aqueles canalhas queriam tentar o golpe do Nunca-Visto outra vez, porque dava muito dinheiro, mas acharam que não ia ser seguro, porque talvez a notícia tivesse corrido naquele tempo. Eles não encontraram nenhum projeto que servisse exatamente. Enfim, o duque falou que achava que ia deitar e deixar o cérebro trabalhar por uma hora ou duas e ver se não pensava em alguma coisa para aquele vilarejo, e o rei achou melhor descer no vilarejo da outra margem sem plano nenhum, e só confiar na Providência para levar ele no caminho do lucro — querendo dizer do diabo, eu acho. Tínhamos comprado roupas de loja na última parada, e agora o rei estava vestido com sua roupa nova, e mandou eu pôr a minha. Eu pus, é claro. O terno do rei era todo preto, e ele ficou elegante e engomado. Nunca tinha visto a roupa mudar tanto uma pessoa. Ora, antes, ele parecia o próprio velho mendigo que sempre foi, mas agora, quando ele tirava a cartola branca, e se inclinava e dava um sorriso, ele parecia tão grandioso e generoso e bom que você ia achar que ele tinha acabado de sair da arca, e talvez fosse o próprio Levítico em pessoa. O Jim esvaziou a canoa, e deixei meu remo pronto. Tinha um grande vapor atracando mais adiante, uns cinco quilômetros da cidade — o vapor estava lá fazia algumas horas, sendo carregado.

— Do jeito que estou vestido, acho melhor talvez eu estar vindo de St. Louis ou de Cincinnati, ou alguma outra cidade grande — falou o rei. — Reme para o vapor, Huckleberry, vamos chegar na cidade com o vapor.

Ele não precisou pedir duas vezes para remar e pegar uma carona no vapor. Cheguei na margem quase um quilômetro antes da vila, e aí fui remando perto da ribanceira em águas mais calmas. Logo vimos um simpático moço da roça, com um olhar inocente, sentado em um cepo, tirando o suor do rosto, pois estava muito quente, e ele estava com duas malas grandes feitas de tapete.

— Vire para a margem — falou o rei. Eu virei. — Aonde você vai, meu rapaz?

— Vou pegar o vapor, estou indo para Orleans.

— Seja bem-vindo a bordo — respondeu o rei. — Espere um minuto, meu criado vai te ajudar com a bagagem. Pule para a terra firme e ajude o cavalheiro, Adolphus — querendo dizer eu, eu entendi.

Fui, e aí nós três seguimos na canoa até o vapor. O moço ficou muito agradecido, falou que estava duro levar a bagagem naquele calor. Perguntou aonde o rei estava indo, e o rei contou que estava descendo o rio e tinha parado de manhã em outra vila, e agora estava subindo alguns quilômetros para visitar um velho amigo em uma fazenda rio acima.

— Logo quando vi o senhor, pensei comigo: “Deve ser o sr. Wilks, com certeza, e ele quase chegou a tempo.” Mas depois pensei melhor. “Não, acho que não pode ser ele, ele não ia vir remando rio acima.” O senhor não é ele, não é? — perguntou o mocinho.

— Não, meu nome é Blodgett, Elexander Blodgett, *reverendo* Elexander Blodgett, acho que devo dizer, pois sou um pobre servidor do Senhor. Mas ainda assim posso dizer que lamento pelo sr. Wilks não ter chegado a tempo, se é que ele perdeu alguma coisa, o que espero que não tenha acontecido.

— Bem, ele não perdeu nenhuma propriedade por isso, porque vai receber tudo direitinho, mas perdeu a chance de ver o irmão dele, Peter, morrer... O que talvez ele nem se importe, ninguém sabe uma coisa dessas, mas Peter teria dado tudo no mundo para ver o *irmão* antes de morrer. Ele não falava de outra coisa nas últimas três semanas. Eles não se viam desde o tempo de menino, e nem o outro irmão, William, que é o irmão surdo-mudo... Esse William deve ter uns trinta ou trinta e cinco no máximo. Peter e George foram os únicos que continuaram na cidade. George era o irmão casado, ele e a esposa morreram ano passado. Harvey e William são os únicos que sobraram, e, como eu ia dizendo, não chegaram a tempo.

— Alguém mandou avisar?

— Oh, sim, um mês ou dois atrás, quando Peter ficou doente, porque Peter falou que achava que dessa vez não ia mais ficar bom. O senhor sabe, ele estava muito velho, e as filhas de George eram muito novas para fazer companhia, menos Mary Jane, a ruiva. E então ele ficou mais solitário depois que George e a esposa morreram, e ele já não estava mais querendo muito viver. Ele queria desesperadamente ver Harvey, e William também, aliás, porque ele era do tipo que não suporta a ideia de fazer um testamento. Ele deixou uma carta para Harvey, e falou que na carta ele contava onde tinha escondido o dinheiro, e como ele queria que o resto das propriedades fossem divididas para que as filhas de

George ficassem bem de vida, porque o George não deixou nada para elas. E essa carta foi a única coisa que conseguiram fazer ele pôr no papel.

— Por que você acha que Harvey não veio? Onde ele mora?

— Oh, ele mora na Inglaterra, em Sheffield, ele é pastor lá, nunca veio para cá. Ele não tinha muito tempo, e além disso pode nem ter recebido a carta, o senhor sabe.

— Que pena, que pena que ele não viveu para encontrar os irmãos, pobre alma. E você falou que está indo para Orleans?

— Sim, mas essa é só a primeira parte da viagem. Vou pegar um navio, quarta-feira que vem, para o Rio de Janeiro, onde mora o meu tio.

— É uma viagem bem longa. Mas vai ser bonito... Quem dera eu fosse também. Mary Jane é a mais velha? Qual é a idade das outras?

— Mary Jane tem dezenove, Susan tem quinze, e Joanna, uns catorze... Essa é a que se dedica à caridade e tem lábio leporino.

— Coitadinhas! Serem deixadas assim sozinhas nesse mundo cruel.

— Bem, elas podiam ter ficado pior. O velho Peter tinha amigos, e eles não vão deixar nada de mal acontecer com elas. Tem Hobson, o pastor batista; e o diácono Lot Hovey, e o Ben Rucker, e o Abner Shackelford, e o Levi Bell, o advogado; e o doutor Robinson, e as esposas deles, e a viúva Bartley, e... bem, tem um bocado de gente, mas esses são os que eram mais íntimos de Peter, e ele costumava escrever sobre eles, quando ele escrevia. De modo que Harvey saberá onde encontrar os amigos quando chegar aqui.

Bem, o velho continuou fazendo pergunta até quase esvaziar aquele mocinho. Desgraça, ele praticamente perguntou sobre todo mundo e cada coisa naquela bendita cidade, tudo sobre os Wilks; e sobre os negócios do tal Peter — que era dono de um curtume —, e sobre os negócios de George — que era carpinteiro —, e sobre os negócios de Harvey — que era pastor reformista. E assim por diante, e tal e coisa.

— Por que você queria ir andando até o vapor?

— Porque esse vapor grande vai para Orleans, e fiquei com medo que o vapor não parasse aqui. Quando eles já estão pesados, não param para pegar mais gente. O vapor de Cincinnati para, mas esse é de St. Louis.

— Peter Wilks era rico?

— Oh, sim, muito. Ele tinha várias casas e terras, e dizem que ele deixou três ou quatro mil em dinheiro escondido em algum lugar.

— Quando você disse que ele morreu?

— Eu não disse, mas foi ontem à noite.

— E o funeral deve ser amanhã, provavelmente, não?

— Sim, por volta do meio-dia.

— Bem, é uma tristeza terrível, mas alguma hora todos precisamos partir, cedo ou tarde. Então o que se quer é estar preparado, assim vamos ficar bem.

— Sim, senhor, é o melhor a fazer. A minha mãe também sempre dizia isso.

Quando chegamos lá, o vapor estava quase terminando de carregar, e logo zarpou. O rei não falou nada sobre subir a bordo, então perdi o meu passeio, afinal. Quando o vapor foi embora, o rei me fez remar mais quase dois quilômetros até um lugar isolado, e então ele pulou para a margem.

— Agora reme de volta, agora mesmo, e traga o duque aqui, e as novas malas feitas de tapete. E se ele tiver ido para a outra margem, vá até lá e traga o duque aqui. E fale para ele parar o que estiver fazendo já e vir de qualquer jeito. Depressa, agora.

Entendi o que ele estava querendo, mas não falei nada, é claro. Quando voltei com o duque, escondemos a canoa, e então eles sentaram em um tronco, e o rei contou tudo para ele, do mesmo jeito que o mocinho falou — palavra por palavra. E tentando o tempo todo falar como um inglês, e ele fez isso muito bem, por sinal, para um malandro. Não consigo imitar ele, e então nem vou tentar, mas ele fazia isso muito bem.

— Você faz um bom surdo-mudo, Bilgewater? — quis saber ele.

O duque falou “deixa comigo”, que já tinha feito surdo-mudo nos palcos cômicos. Então, ficaram esperando algum vapor.

Lá pelo meio da tarde, dois pequenos barcos passaram, mas não eram de cidades longe o bastante rio acima. Enfim veio um vapor grande, e eles fizeram sinal. O vapor mandou o bote, e nós embarcamos, e era um vapor de Cincinnati. Quando eles viram que íamos só uns cinco ou dez quilômetros, ficaram malucos e nos xingaram, e falaram que não iam parar. Mas o rei estava calmo.

— Se um cavalheiro puder pagar um dólar por quilômetro, cada um de nós, para sermos levados e desembarcados em um bote, o vapor pode nos levar, não

pode? — perguntou o rei.

Então eles aliviaram e falaram “tudo bem”. E quando chegamos no vilarejo eles nos desembarcaram de bote. Veio uma dúzia de homens, quando viram o bote chegando.

— Cavalheiros, algum de vocês saberia me dizer onde mora o sr. Peter Wilks? — perguntou o rei. Eles olharam um para o outro, e balançaram a cabeça, como se dissessem: “Eu não disse?”

— Sinto muito, senhor, mas o melhor que podemos fazer é dizer onde ele *morava* até ontem à noite — respondeu um deles, com a voz baixa e delicada.

De repente, num piscar de olhos, a velha criatura se jogou nos braços do homem, e pôs o queixo no ombro dele, e chorou pelas costas dele.

— Ai, ai, nosso pobre irmão... foi embora, e não tivemos oportunidade de falar com ele; oh, é muito, muito duro! — falou o rei.

Então ele virou, soluçando, e fez vários sinais esquisitos para o duque com as mãos, e não é que o duque largou a mala de tapete e começou a chorar? Eles eram a dupla mais esperta que já vi, aquelas duas fraudes.

Bem, os homens vieram e deram pêsames, e falaram todo tipo de gentileza para eles, e subiram a colina levando as malas deles, e deixaram eles se encostar neles e chorar, e contaram tudo para o rei sobre os últimos momentos do irmão, e o rei contou com as mãos tudo de novo para o duque, e os dois choraram aquele falecido dono de curtume como se tivessem morrido os doze apóstolos. Bem, quero ser *preto* se já vi coisa parecida com aquilo. Foi o bastante para deixar a pessoa com vergonha da raça humana.

25.

A notícia se espalhou pela cidade em dois minutos, e você via pessoas vindo correndo de todo lado, algumas ainda vestindo o paletó no caminho. Logo estávamos no meio de uma multidão, e o barulho dos pés no chão parecia uma marcha de soldados. As janelas e portas ficaram cheias de gente, e toda hora alguém dizia, por cima da cerca:

— São *eles*?

E alguém correndo com um bando de gente respondia:

— Pode apostar que sim.

Quando chegamos na casa, a rua em frente estava lotada, e as três meninas estavam paradas na porta. Mary Jane *era* mesmo ruiva, mas isso não faz diferença, ela era de uma beleza terrível, e o rosto e os olhos dela eram acesos que era uma glória, ela ficou muito contente porque os tios chegaram. O rei abriu os braços, e Mary Jane se atirou sobre ele, a do lábio leporino se atirou no duque, e pronto! Todo mundo, ainda mais as mulheres, chorou de alegria de ver aquele encontro e aquela alegria.

Depois o rei pegou o duque pelo braço — vi ele fazer isso —, e então olhou para dentro e viu o caixão, no canto, em cima de duas cadeiras. Ele e o duque, com uma mão no ombro um do outro, e a outra mão cobrindo os olhos, foram andando devagar e solenes até lá, todo mundo abrindo passagem para eles, e todo mundo parou de falar, as pessoas fazendo “Psiu!” e todos os homens tirando o chapéu e baixando a cabeça, e dava para ouvir um alfinete cair no chão. E quando chegaram lá, eles se inclinaram e olharam dentro do caixão, e deram uma olhada, e começaram a chorar tão alto que dava para ouvir em Orleans, quase. Depois eles dois se abraçaram, e puseram o queixo no ombro um do outro, e aí por três minutos, ou talvez quatro, nunca vi dois homens chorarem tanto quando aqueles dois. E, veja você, todo mundo começou a chorar também,

e o lugar ficou uma tristeza como nunca vi igual. Depois um ficou de um lado do caixão, e o outro do outro lado, e eles ajoelharam e encostaram a testa no caixão, e começaram a rezar sozinhos. Bem, isso mexeu com a multidão, como nunca se viu nada parecido, e todo mundo desatou a chorar e a soluçar alto — as pobres meninas também, e todas as mulheres, praticamente, foram até elas, sem falar nada, e beijaram elas, solenes, na testa, e puseram a mão na cabeça delas, e olharam para o céu, com lágrimas no rosto, e saíram soluçando e enxugando os olhos, dando lugar à próxima mulher da fila. Nunca vi nada tão asqueroso.

Bem, aos poucos, o rei levantou e foi mais para a frente um pouco, e se esforçou e murmurou um discurso, cheio de lágrimas e bobagens, de que era uma provação dolorosa para ele e seu pobre irmão perder o falecido, e ter perdido a chance de ver o falecido vivo depois da longa viagem de quase sete mil quilômetros, mas uma provação aliviada e santificada pela compaixão e as lágrimas sagradas daquelas pessoas, e então ele agradeceu a todos do fundo do coração dele e do irmão, porque suas bocas não conseguiam, as palavras eram muito fracas e frias, e todo esse tipo de lorota e baboseira, a ponto de dar nojo. Depois ele murmurou um amém piegas e meloso, e se deixou cair num acesso de choro que não acabava mais.

E no minuto que essas palavras saíram da boca dele, alguém na multidão começou a cantar um hino, e todo mundo cantou junto com todas as forças, e isso esquentou um pouco a cena e deu uma sensação boa de saída de igreja. A música é uma coisa boa, e depois de tanta xaropada e lavagem de porco nunca vi nada refrescar tanto as coisas, e soar tão honesto e bom.

Então o rei começou com sua lábia outra vez, e falou que ele e suas sobrinhas ficariam contentes se alguns dos principais amigos da família pudessem jantar com eles aquela noite, e ajudar a decidir o que fazer com as cinzas do falecido, e que seu pobre irmão ali deitado saberia quem convidar, pois eram nomes que eram queridos para ele, e mencionava sempre em suas cartas. Assim, ele ia chamar os mesmos nomes, para jantar, que eram: o reverendo doutor Hobson, e o diácono Lot Hovey, e o sr. Ben Rucker, e Abner Shackelford, e Levi Bell, e o doutor Robinson, e as esposas, e a viúva Bartley.

O reverendo Hobson e o doutor Robinson estavam do outro lado da cidade caçando juntos — isto é, quero dizer, o doutor estava despachando um doente

para o outro mundo, e o pastor estava mostrando para ele o caminho. O advogado Bell tinha ido a Louisville a trabalho. Mas o resto estava todo mundo ali, e então vieram e cumprimentaram o rei e agradeceram e conversaram com ele. Depois cumprimentaram o duque e não falaram nada, mas continuaram sorrindo e balançando a cabeça como um bando de bocós enquanto ele fazia sinais com as mãos e falava “Gu-gu, gu-gu-gu” o tempo inteiro, como um bebê que não fala ainda.

Aí o rei tagarelou à vontade, e deu um jeito de deixar escapar praticamente tudo o que sabia sobre cada pessoa e cada cachorro da cidade, pelo nome, e mencionou todo tipo de detalhes que algum dia aconteceu por lá, ou com a família do tal George, ou com Peter. E ele falava que Peter escrevia essas coisas para ele, mas isso era mentira: ele descobriu tudo com aquele mocinho tonto que levamos de canoa até o vapor.

Então Mary Jane pegou a carta que o pai tinha deixado, e o rei leu em voz alta e chorou. Ele deixou a casa e três mil dólares, de ouro, para as meninas, e o curtume (que era um bom negócio), além de mais outras casas e terras (no valor de sete mil), e três mil dólares em ouro para Harvey e William, e contou onde estavam escondidos os seis mil dólares em dinheiro no porão. Aí os dois trapaceiros falaram que iam lá pegar, e depois contar e dividir tudo certinho, e mandaram eu buscar uma vela. Fechamos a porta do porão e, quando achamos a mala, eles derrubaram tudo no chão e foi uma visão linda, todos aqueles amarelinhos. Meu Deus, como os olhos do rei brilharam! Ele deu um tapa no ombro do duque.

— Oh, não é uma maravilha?! — falou o rei. — Oh, não, acho que não! *Ora*, maravilha é pouco, não é ainda melhor que o Nunca-Visto?

O duque concordou que era. Eles cataram os amarelinhos, e deixaram escorrer entre os dedos e cair no chão.

— Nem adianta falar — contiuiu o rei. — Somos irmãos de um defunto rico e representantes de herdeiras de um curtume que só têm você e eu de parentes, Bilge. Isso é o que dá confiar na Providência. É a melhor coisa, no longo prazo. Já tentei de tudo, e não existe nada melhor.

A maioria das pessoas ia ficar satisfeita com aquela pilha, e confiado que o valor estava certo, mas não, eles quiseram contar. Eles contaram e descobriram

que faltavam 415 dólares.

— Desgraçado, o que será que ele fez com esses 415 dólares? — perguntou o rei.

Eles ficaram preocupados um pouco, e procuraram em tudo no porão.

— Bem, ele era um homem muito doente, e provavelmente se enganou, acho que deve ter sido isso — comentou o duque. — A melhor coisa é deixar para lá e não comentar nada. Não vai nos fazer falta.

— Oh, Jesus, sim, não vai mesmo. Eu não estou nem aí, estou pensando é na conta. Queremos ser muito justos e dividir tudo às claras, sabe. Vamos levar esse dinheiro lá para cima e contar na frente de todo mundo, para não ter nada suspeito. Mas quando o falecido falou seis mil dólares, você sabe, não vamos querer que...

— Espere um pouco — falou o duque. — Vamos cobrir a diferença. — E ele começou a tirar amarelinhos do bolso.

— Que ideia maravilhosa, duque, você é uma cabeça brilhante. Quem diria que o Nunca-Visto ia nos ajudar de novo... — E ele também começou a tirar amarelinhos do bolso e empilhar as moedas.

Isso deixou os dois quase sem nada, mas eles completaram os seis mil direitinho.

— Olha — falou o duque —, tive outra ideia. Vamos lá em cima e contamos o dinheiro, e depois pegamos e *damos para as meninas*.

— Santo Deus, duque, deixa eu te dar um abraço! É a ideia mais incrível que alguém já teve. Você tem mesmo a cabeça mais impressionante que já vi. Oh, esse é o golpe dos golpes, sem dúvida. Só quero ver eles ficarem desconfiados de nós agora, isso vai acabar com eles.

Quando subimos de novo todo mundo estava reunido em volta da mesa, e o rei contou e empilhou três mil dólares — vinte elegantes pilhinhas. Todo mundo parecia querer comer aquilo, e lamberam os beiços. Depois eles rastelaram o dinheiro de volta no saco, e vi o rei começar a se inchar de novo para fazer um discurso.

— Amigas e amigos — começou ele —, meu pobre irmão que partiu para o além fez um gesto generoso para aqueles que ficaram para trás neste vale de lágrimas. Ele foi generoso com essas pobres cordeirinhas que ele amava e

protegia, e que ficaram sem pai nem mãe. Sim, e nós, que conhecíamos ele, sabemos que ia ser ainda *mais* generoso com elas se não tivesse medo de prejudicar seu querido William e eu. Ora, não é *mesmo*? Não tenho nenhuma dúvida que sim. Bem, então, que tipo de irmão ia contrariar ele numa hora dessa? E que tipo de tio ia roubar, sim, *roubar*, essas pobres e doces cordeirinhas que ele amava tanto numa hora dessa? Se eu bem conheço William, e *acho* que conheço, ele... bem, deixa eu perguntar para ele. — Ele virou e começou a fazer vários sinais com as mãos, e o duque olhou para ele por algum tempo como um estúpido e abestalhado. Aí de repente parece que ele captou a mensagem, e se jogou nos braços do rei, gaguejando de alegria com toda força, e abraçou o rei umas quinze vezes antes de soltar. — Eu sabia, acho que *isso* vai convencer qualquer um do que ele achou da ideia. Aqui está, Mary Jane, Susan, Joanna, fiquem com o dinheiro, fiquem com *tudo*. É um presente daquele que foi para o além, frio mas feliz.

Mary Jane foi abraçar o rei, Susan e a do lábio leporino foram abraçar o duque, e aí ficaram num tal de abraça e beija como nunca vi na vida. E todo mundo se juntou com lágrimas nos olhos, e quase todo mundo veio apertar a mão daqueles trambiqueiros.

— Vocês são almas boas e *caridosas*! — falavam. — Que *beleza*! Como *podem* ser tão generosos!

Bem, logo todo mundo começou a conversar outra vez sobre o falecido, e como ele era bom, e que perda tinha sido, e tudo isso. E, não demorou muito, um homem grande e de queixo duro entrou na casa, e ficou parado ouvindo e olhando, e não falando nada, e ninguém falando nada com ele também, porque o rei estava falando e estava todo mundo ouvindo. O rei estava falando — no meio de uma coisa que ele começou a falar...

— ... são amigos especiais do padecido. Por isso, foram convidados hoje à noite, mas amanhã queremos que venham todos, todo mundo, pois ele respeitava todo mundo, ele gostava de todo mundo, e assim é justo que as *orgias* fúnebres sejam públicas.

E assim ele continuou se exibindo sem parar, gostando de ouvir a própria voz, e toda hora ele falava de novo nessas orgias fúnebres, até que o duque não aguentou mais. Então o duque escreveu um bilhetinho — “*Exéquias*, seu velho

burro” — e dobrou, e foi gaguejando e passou o papel por cima da cabeça das pessoas até o rei. O rei leu e guardou no bolso.

— Pobre William, mesmo aflito como ele está, o coração dele está com a razão. Ele me pediu para convidar todo mundo para o funeral, quer que eu fale que todos são bem-vindos. Mas ele nem precisava se preocupar, era justamente o que eu ia dizer.

Aí ele voltou a falar, perfeitamente calmo, e soltando de vez em quando suas “orgias fúbebres” de novo, como tinha feito antes. E quando soltou essa pela terceira vez, o rei falou:

— Eu falo orgias, não porque é o termo comum, porque não é. Exéquias é o termo comum, mas porque orgias é o termo certo. Não se fala mais exéquias na Inglaterra agora, saiu de moda. Hoje em dia falamos orgias na Inglaterra. Orgia é melhor, porque quer dizer mais exatamente o que se quer. É uma palavra formada do grego *orgo*, fora, aberto, estrangeiro; e do hebraico *jeesum*, plantar, cobrir... Daí enterrar. De modo que, veja, orgias fúnebres são funerais públicos e abertos.

Ele era o *pior* tipo que já vi. Bem, o homem de queixo duro deu risada na cara dele. Todo mundo ficou chocado. Todo mundo falou “Ora, doutor!”.

— Ora, Robinson, você não está sabendo? — falou Abner Shackleford. — Este aí é Harvey Wilks.

O rei sorriu ansioso, e estendeu a mão, e falou:

— O senhor seria o bom amigo médico do meu querido irmão? Eu...

— Tire essa mão de perto de mim! — falou o doutor. — *Você* fala como se fosse inglês, *não* é? Pois saiba que essa é a pior imitação que já ouvi. *Você*, irmão de Peter Wilks!? *Você* é uma fraude, isso sim!

Bem, como todos reagiram! As pessoas se amontoaram em volta do doutor e tentaram acalmar ele, e tentaram explicar para ele e contar para ele como Harvey tinha provado de quarenta maneiras que ele era mesmo Harvey, e conhecia todo mundo pelo nome, e sabia até os nomes dos cachorros, e imploraram e imploraram para ele não magoar os sentimentos de Harvey e os sentimentos das pobres meninas, e tudo isso. Mas não adiantou, ele continuou esbravejando, e falou que um sujeito que fingia ser inglês e não conseguia imitar o linguajar

melhor que ele era uma fraude e um mentiroso. As pobres meninas estavam penduradas no rei e chorando, e de repente o médico se levanta e vira para elas.

— Eu era amigo do pai de vocês, e sou amigo de vocês — falou ele —, e estou avisando como amigo, e um amigo honesto que quer proteger vocês e evitar qualquer perigo e problema com vocês, desistam desse safado e não queiram nada com ele, esse vagabundo ignorante, falando estupidamente em grego e hebraico desse jeito. Ele é o pior tipo de impostor, chegou aqui com nomes e fatos vazios que deve ter ouvido de alguém, e vocês consideram isso prova, e são ajudadas na trapaça por esses amigos ingênuos aqui, que deviam saber das coisas... Mary Jane Wilks, você sabe que sou seu amigo, e um amigo desinteressado. Agora, ouça o que estou dizendo: mande esse larápio deplorável embora. Estou implorando. Você vai mandar?

Mary Jane se endireitou, e meu Deus, como ela era linda!

— *Aqui* está a minha resposta — respondeu, pegando o saco de dinheiro e pôs nas mãos do rei, e continuou: — Tome os seis mil dólares, e invista para mim e para as minhas irmãs como o senhor quiser, e não precisa nos dar nem recibo.

Então ela passou o braço em volta do rei por um lado, e Susan e a do lábio leporino fizeram a mesma coisa do outro. Todo mundo bateu palmas e bateu pés no chão como uma verdadeira tempestade, e o rei levantou a cabeça e riu com orgulho.

— Está certo — disse o médico. — Lavo as minhas mãos sobre esse assunto. Mas estou avisando que vai chegar um dia em que você vai se sentir mal só de pensar no dia de hoje. — E lá se foi ele embora.

— Está certo, doutor — falou o rei, zombando um pouco dele. — Vamos ver se ela passar mal, depois mandamos chamar o senhor... — O que fez todo mundo dar risada, e falaram que foi uma resposta de primeira.

26.

Bem, quando todo mundo foi embora, o rei perguntou para Mary Jane como elas estavam de quartos de hóspedes, e ela falou que tinha um quarto de hóspede, que serviria para o tio William, e ela ia dar o quarto dela para o tio Harvey, que era um pouco maior, e ia para o quarto das irmãs dormir no catre, e no sótão tinha um quartinho, com um estrado. O rei falou que o quartinho do sótão bastava para o valete — querendo dizer eu.

Então Mary Jane nos levou lá para cima, e mostrou para eles os quartos, que eram simples mas bons. Ela falou que podia tirar os vestidos e outras coisas do quarto para não incomodar o tio Harvey, mas ele falou que não incomodava. Os vestidos estavam pendurados na parede, atrás de uma cortina estampada que ia até o chão. Tinha um baú de couro velho no canto, e um estojo de violão no outro, e todo tipo de bibelôs e bugigangas, que as meninas gostam de ter para enfeitar seus quartos. O rei falou que era ainda mais aconchegante e agradável com aquelas coisas, e que ela podia deixar. O quarto do duque era bem pequeno, mas também bom o bastante, assim como o meu quartinho no sótão.

Naquela noite eles fizeram um grande jantar, e todo mundo, homens e mulheres, estava lá, e fiquei atrás das cadeiras do rei e do duque e servi os pratos deles, e as escravas serviram os outros. Mary Jane ficou na cabeceira da mesa, com Susan do lado, e falou que os biscoitos estavam ruins, e que as conservas estavam péssimas, e o frango frito estava sem graça e duro — e todo esse tipo de besteira, como as mulheres sempre fazem para forçar elogio, e as pessoas todas sabiam que era tudo conversa fiada, e falaram assim: “Como você faz para o biscoito ficar tão gostoso assim queimadinho?” e “Onde, por tudo que é mais sagrado, você conseguiu esses pickles incríveis?”, e todo esse tipo de falatório enrolador, como fazem no jantar, sabe.

E depois que acabou tudo, eu e a do lábio leporino jantamos na cozinha as sobras, enquanto as outros foram ajudar as escravas a limpar tudo. A do lábio leporino ficou me perguntando sobre a Inglaterra, e admito que achei que o gelo estava ficando fino algumas vezes.

— Você já viu o rei? — quis saber ela.

— Quem? O Guilherme IV? Bem, pode apostar que sim, ele frequenta a nossa igreja. — Eu sabia que ele tinha morrido muito tempo atrás, mas não deixei que ela percebesse. Aí quando eu falei que ele frequentava a nossa igreja, ela falou: — Como assim? Ele sempre vai?

— Sim, sempre. O banco dele é do lado do nosso, do outro lado do púlpito.

— Eu achava que o rei morasse em Londres...

— Bem, ele mora. Onde mais ele podia morar?

— Mas vocês não moravam em Sheffield?

Vi que estava enrascado. Precisava fingir engasgar com um osso de frango, para ter tempo de pensar em como sair dessa. Então eu falei: — Quero dizer que o rei vai sempre na nossa igreja quando ele está em Sheffield. Isso é só no verão, quando ele vai tomar banho de mar.

— Ora, o que você está falando? Sheffield não tem praia.

— Bem, quem falou que tinha?

— Ora, você falou.

— Não falei nada.

— Falou sim!

— Não falei.

— Falou.

— Não falei nada disso.

— Bem, o que você falou então?

— Falei que ele ia tomar banho de mar, foi isso que falei.

— Pois bem, então como ele toma banho de mar se não tem praia lá?

— Olha, você já viu água de fonte?

— Já.

— Bem, você precisa ir sempre até a fonte para beber?

— Bem, nem sempre.

— Bem, nem o rei Guilherme IV precisa ir até o mar para tomar banho de mar.

— Como ele faz então?

— Do mesmo jeito que as pessoas bebem água da fonte: em barris. Lá no palácio de Sheffield, eles têm essas caldeiras, e o rei gosta da água bem quente. Não tem como esquentar tanta água lá no mar. Não tem lugar próprio para isso.

— Oh, agora eu entendi. Você podia ter dito isso antes e poupado tempo.

Quando ela falou isso, vi que estava a salvo, e então fiquei à vontade e contente.

— Você também vai à igreja? — perguntou ela.

— Vou, sempre.

— Onde você senta?

— Ora, no nosso banco.

— De quem?

— Ora, nosso, do seu tio Harvey.

— Dele? Para que ele precisa de banco?

— Para sentar. Para que você achava que era?

— Ora, eu achava que ele ficava no púlpito.

Desgraça, esqueci que ele era pastor. Vi que estava em outra enrascada, então fingi engasgar com outro osso de galinha e pensei mais um pouco. Aí eu falei:

— Ora, você acha que só tem um pastor por igreja?

— Sim, por que precisa de mais de um?

— O quê?! Para pregar diante de um rei?! Nunca vi menina assim. Lá cada igreja tem pelo menos dezessete pastores.

— Dezessete! Senhor! Ora, eu não ia aguentar uma fila desse tamanho, nem que eu nunca alcance a glória. O culto deve demorar uma semana.

— Jesus, nem *todos* eles pregam no mesmo dia, é só um pastor por dia.

— Bem, então o que os outros fazem?

— Oh, não fazem muita coisa. Ficam à toa, passam a coleta, uma coisa ou outra. Mas praticamente não fazem nada.

— Bem, então para que eles *servem*?

— Ora, é mais pelo *estilo*. Você não sabe nada de nada?

— Bem, nem quero saber de uma tolice tão grande... Como os criados são tratados na Inglaterra? Tratam eles melhor do que nós tratamos os nossos escravos?

— *Não!* Os criados não são ninguém lá. Eles tratam os criados pior que os cachorros.

— Não dão férias, como nós, no Natal e na semana do Ano Novo, e no Dia da Independência?

— Oh, quem dera! Dá para ver que você nunca foi para a Inglaterra. Ora, Lepor... ora, Joanna, os criados não têm folga nenhum dia do ano. Nunca vão no circo, teatro, espetáculos de brancos pintados de negros, nem nada.

— Nem na igreja?

— Nem na igreja.

— Mas você falou que sempre vai na igreja...

Bem, eu me enrasquei outra vez. Esqueci que eu era o criado do velho. Mas no minuto seguinte me enrolei com uma explicação que o valete era diferente do criado comum e tinha que ir na igreja mesmo quando não queria e sentar com a família, porque era a lei. Mas não me saí muito bem, e quando terminei vi que ela não estava satisfeita.

— Palavra de honra, agora, você não está me contando um monte de mentiras, não? — falou ela.

— Palavra de honra que não — respondi.

— Nada disso é mentira mesmo?

— Nada mesmo. Nenhuma mentira.

— Põe a mão nesse livro e repete.

Eu vi que o livro não passava de um dicionário, então pus a mão em cima e repeti. Aí ela pareceu um pouquinho mais satisfeita.

— Bem, sendo assim, vou acreditar um pouco, mas Deus sabe que não acreditei em tudo...

— No que você não acredita, Joe? — falou Mary Jane, entrando com Susan atrás dela. — Não é certo, nem gentil, da sua parte falar assim com ele, ainda mais sendo ele estrangeiro e estando tão longe da família. Você gostaria de ser tratada assim?

— Você é sempre assim, sempre vindo salvar os outros antes que se magoem. Não fiz nada para ele. Ele me contou alguns exageros, acho, e falei que não engoli tudo o que ele disse. E isso foi tudo o que eu disse, palavra por palavra. Acho que ele não vai se magoar por um pequeno detalhe desse, será?

— Não importa se é pequeno ou grande. Ele está aqui na nossa casa e é estrangeiro, e não foi bonito o que você disse. Se você estivesse no lugar dele, ia ficar envergonhada, portanto não devia falar nada para outra pessoa que a deixe envergonhada.

— Ora, ele falou que...

— Não importa o que ele falou, essa não é a questão. A questão é você tratar ele bem e não ficar falando coisas para ele lembrar que não está na terra dele e com o povo dele.

Eu pensei comigo: “Essa é a menina que vou deixar aquele velho réptil roubar?!”.

Aí Susan entrou saltitando, e, acredite se quiser, ela passou uma descompostura na Leporina!

Pensei comigo: “E essa é a outra menina que estou deixando ele roubar!”.

Aí Mary Jane começou a falar de novo, e de novo com aquele jeito suave e bonito, que era o jeito dela, mas quando ela acabou de falar não tinha sobrado nada para a pobre Leporina falar. De modo que ela só deu um berro.

— Então está certo — falaram as outras meninas. — Só falta você pedir desculpas para ele.

Ela pediu, e pediu de um jeito bonito. Ela falou bonito e foi bom ouvir, e quis contar mil mentiras para ela, para ela pedir desculpa daquele jeito de novo.

Pensei comigo: “Essa é *mais uma* que vou deixar ele roubar tudo.” E quando ela acabou de falar, elas saíram para me deixar à vontade e sabendo que estava em casa amiga. Eu me senti tão vulgar e triste e cruel que pensei: “Já decidi. Vou pegar esse dinheiro para elas, nem que eu me lasque.”

Depois apaguei a luz — para dormir, quero dizer, talvez mais tarde. Quando fiquei sozinho, comecei a pensar em tudo. “Será que vou procurar aquele doutor, em particular, e entrego esses trapaceiros? Não, não ia dar certo. Ele podia contar quem contou para ele, aí o rei e o duque iam esquentar para o meu lado. Será que eu conto, em particular, só para Mary Jane? Não, não vou fazer isso. Eles iam perceber na cara dela, sem dúvida. O dinheiro está com eles, e eles iam fugir e se safar. Se ela chamar ajuda eles vão descobrir que fui eu que falei e vão me pegar, acho. Não, não tem outro jeito. Tenho que roubar esse dinheiro, de algum jeito, tenho que roubar de algum jeito que eles nem desconfiem que fui eu. As coisas

estão dando certo para eles aqui, e eles não vão embora enquanto não enganarem essa família e essa cidade e levarem tudo o que têm, de modo que vou esperar a hora certa. Vou roubar e esconder o dinheiro, e depois, quando já estiver rio abaixo, vou escrever uma carta e contar para Mary Jane onde está escondido.” Mas o melhor ia ser roubar hoje à noite, se der, porque o doutor acho que não se convenceu como fez parecer... talvez ele espante eles daqui antes do tempo.

“Aí”, pensei, “vou procurar nos quartos deles.” O corredor de cima estava apagado, mas achei o quarto do duque, e comecei a procurar com as mãos no escuro e lembrei que nunca que alguém como o rei ia deixar outro cuidar do dinheiro sem ser ele mesmo. Então fui no quarto do rei e comecei a procurar lá com as mãos no escuro. Mas vi que não ia dar para achar nada sem uma vela, e não acendi nenhuma vela, é claro. Então achei melhor fazer outra coisa — esperar eles chegarem e ficar ouvindo escondido. Nisso ouvi os passos deles vindo, e fui me esconder embaixo da cama. Fui, mas não era onde eu achava que era, mas encostei na cortina que escondia os vestidos de Mary Jane, pulei atrás e me escondi no meio dos vestidos, e fiquei totalmente parado e quieto.

Eles entraram e fecharam a porta, e a primeira coisa que o duque fez foi abaixar e olhar embaixo da cama. Depois fiquei contente de não ter achado a cama quando quis me esconder lá. E mesmo assim, sabe, é natural se esconder embaixo da cama quando quer ouvir uma conversa particular. Eles sentaram.

— Bem, o que foi? — falou o rei. — E fale logo, porque é melhor ficar lá embaixo de manhã do que aqui dando uma chance para falarem de nós pelas costas.

— Bem, já chega, capetiano. Não estou gostando, não está bom. Aquele doutor não me sai da cabeça. Eu queria saber quais são os seus planos. Tive uma ideia, e acho que é boa.

— Que ideia, duque?

— Que é melhor dar o fora daqui antes das três da madrugada, e descer o rio com o que temos. Especialmente por ter sido tão fácil, praticamente dado de volta na nossa mão, tendo caído na nossa cabeça, como se diz, porque é claro que íamos precisar roubar de volta. Por mim, vamos dar por encerrado e dar o fora.

Isso me deixou muito mal. Uma ou duas horas atrás ia ser um pouquinho diferente, mas agora aquilo me deixou mal e decepcionado. O rei não gostou de ouvir aquilo.

— Como assim?! E não vender a propriedade? Dar o fora como um bando de brancos, e deixar oito ou nove mil dólares em escravos pedindo para ser surrupiados? E coisas boas, material altamente vendável...

O duque resmungou, falou que o saco de ouro era o bastante, e que não queria ir mais fundo, não queria roubar aquelas órfãs de *tudo* o que elas tinham.

— Ora, do que você está falando?! — falou o rei. — Não vamos roubar nada delas além desse dinheiro. Quem comprar a propriedade é que vai levar o golpe, porque assim que descobrirem que não era nossa, o que vai acontecer quando já estivermos longe, a venda vai ser anulada, e tudo vai voltar para o espólio. Essas suas órfãs vão ter a casa de volta, e a casa já é o bastante para elas, que são jovens e ativas, e para elas é fácil ganhar a vida. Elas nem vão sofrer. Ora, pensa bem, tem milhares e milhares que estão muito pior do que elas. Por Deus, elas não têm nada do que reclamar.

Bem, o rei falou até não poder mais, de modo que enfim o duque concordou e falou tudo bem, mas que ele achava loucura ficar, que aquele médico estava de olho neles.

— Dane-se o médico! — falou o rei. — Por que ter medo dele? Todos os outros trouxas da cidade estão do nosso lado! E os trouxas não são sempre a grande maioria em qualquer cidade?

Então, eles se preparam para descer de novo.

— Acho que não pusemos o dinheiro num bom lugar — comentou o duque.

Isso me animou. Eu estava começando a achar que não ia ter nenhuma pista para me ajudar.

— Por que não? — retrucou o rei.

— Porque Mary Jane vai ficar de luto a partir de agora, e logo a escrava que arruma os quartos vai ter que encaixotar esses vestidos aí e guardar; e você acha que se a escrava encontra o dinheiro não vai querer um pouco emprestado?

— A sua cabeça está voltando a funcionar, duque. — O rei veio passando a mão embaixo da cortina a menos de um metro de onde eu estava. Fiquei bem rente da parede e tentei ficar o mais parado e quieto possível, apesar de estar

tremendo; e me perguntei o que aqueles sujeitos iam falar se me pegassem ali, e tentei pensar o que seria melhor fazer se me pegassem. Mas o rei pegou o saco antes de eu pensar metade disso, e nem desconfiou que eu estava ali. Eles pegaram o saco e enfiaram dentro de um rasgo no colchão de palha que ficava embaixo do de pena, e enfiaram fundo quase meio metro para dentro da palha e falaram que agora estava tudo bem, porque a escrava só arrumava o de pena, e só mexia no de palha umas duas vezes por ano, de modo que não ia ter risco de serem roubados.

Mas eu já sabia o que fazer. Tirei o saco dali quando eles estavam descendo a escada. Subi para o meu quartinho no sótão, e escondi o saco até ter uma oportunidade de esconder melhor. Achei melhor depois esconder o saco em algum lugar fora da casa, porque se eles dessem falta iam vasculhar a casa inteira até achar. Isso eu sabia muito bem. Então me deitei, de roupa e tudo, mas não consegui dormir, nem que eu quisesse. Tive que suar para conseguir fazer aquilo tudo. Algum tempo depois ouvi o rei e o duque subindo, então saí do meu estrado e deitei com o queixo no alto da escadinha para o sótão, e esperei para ver se acontecia alguma coisa. Mas não aconteceu nada.

Então esperei até que os últimos sons da noite parassem e os primeiros sons da madrugada ainda não tivessem começado. Só aí descí a escadinha.

27.

Eu me esgueirei até a porta deles e fiquei ouvindo — eles estavam roncando. Então fui na ponta dos pés e descii a escada sem problemas. Não tinha nenhum som em lugar nenhum. Espiei por uma fresta na porta da sala de jantar, e vi os homens que estavam velando o corpo todos dormindo pesado nas cadeiras. A porta estava aberta para a sala de visitas, onde o corpo estava deitado, e tinha uma vela em cada sala. Passei, e a porta da sala de visitas estava aberta, mas vi que não tinha ninguém, só os restos mortais de Peter. Então fui, mas a porta da frente estava trancada, e a chave não estava lá. Foi quando ouvi alguém descendo a escada, atrás de mim. Corri para a sala de visitas e procurei logo um lugar, mas o único lugar que achei para esconder o saco foi o caixão. A tampa estava aberta uns trinta centímetros, mostrando o rosto do falecido ali, com um pano úmido por cima, e a mortalha. Enfiei o saco de dinheiro lá dentro por baixo da tampa, bem na altura onde as mãos dele estavam cruzadas, o que me deixou arrepiado, porque as mãos dele estavam frias, e aí voltei correndo pela sala e me escondi atrás da porta.

A pessoa que estava vindo era Mary Jane. Ela foi até o caixão, bem devagar, e se ajoelhou e olhou para ele, então pegou o lenço, e sei que ela começou a chorar, se bem que não ouvi ela chorar, e também porque ela estava de costas. Saí de fininho, e quando passei pela sala de jantar pensei que precisava tomar cuidado para os homens que velavam o corpo não me vissem. Olhei pela fresta, e estava tudo certo. Eles nem se mexeram.

Subi para dormir, sentindo uma tristeza, por causa do jeito que as coisas estavam, mesmo depois de tanto trabalho e tanta correria e tantos riscos que corri. Pensei “Se o dinheiro ficar onde está, tudo bem”, porque quando estivermos uns duzentos ou trezentos quilômetros rio abaixo eu podia escrever para Mary Jane, e ela ia poder tirar o caixão da terra e pegar o dinheiro, mas não

era isso que ia acontecer; o que ia acontecer é que o dinheiro ia ser achado quando eles viessem aparafusar a tampa. Aí o rei vai pegar o dinheiro de volta, e vai demorar muito até alguém ter outra chance de tirar dele. É claro que eu queria descer agora e tirar o dinheiro de lá, mas não arrisquei. Já estava clareando, e logo os homens que estavam velando o corpo iam começar a acordar, e podiam me pegar — me pegar com seis mil dólares que ninguém me contratou para cuidar. “Não quero me meter nesse tipo de coisa”, pensei.

Quando desci no dia seguinte de manhã, a sala de visitas estava trancada, e os homens que velavam o corpo tinham ido embora. Não tinha ninguém na casa além da família e da viúva Bartley e a nossa tribo. Olhei para a cara deles para ver se tinha acontecido alguma coisa, mas não consegui perceber nada.

Perto do meio-dia veio o homem da funerária com o ajudante, e eles puseram o caixão no meio da sala em cima de duas cadeiras, e então puseram todas as cadeiras em fileiras, e trouxeram mais cadeiras emprestadas dos vizinhos, até que o corredor e a saleta e a sala de jantar ficaram cheios. Vi que a tampa do caixão estava igual antes, mas não fui olhar lá embaixo, com tanta gente em volta.

Depois as pessoas começaram a chegar em bando, e os patifes e as meninas sentaram na primeira fileira na cabeceira do caixão, e durante meia hora as pessoas foram passando em volta bem devagar, e olhavam um minuto a cara do morto, e algumas pessoas choravam um pouco, e foi tudo muito parado e quieto e solene, só as meninas e os patifes passavam o lenço nos olhos e ficavam de cabeça baixa, e soluçavam um pouquinho. Não tinha nenhum som além dos pés arrastando no chão e as pessoas assoando o nariz — porque as pessoas sempre assoam mais o nariz em funeral do que em outros lugares, exceto na igreja talvez.

Quando o lugar ficou lotado, o homem da funerária passou com suas luvas pretas e seu jeito suave e delicado, dando os retoques finais, e vendo se as pessoas e as coisas estavam no lugar e confortáveis, silencioso como um gato. Ele não falou nada, levava as pessoas para os lugares, espremia os atrasados, abria passagens, e tudo mexendo só a cabeça, e fazendo sinais com as mãos. Aí ele sentou no lugar dele perto da parede. Ele era o homem mais suave, escorregadio e dissimulado que já vi — e não sorria mais que um presunto.

Trouxeram um acordeão emprestado — um acordeão quebrado —, e quando estava tudo pronto uma moça sentou e tocou, e o som era agudo e chorado como um bebê com cólica, e todo mundo começou a cantar junto, e Peter foi o único que ficou bem ali, na minha opinião. Aí o reverendo Hobson começou a falar, devagar e solene. Na mesma hora uma barulheira infernal começou lá embaixo no porão, como nunca se ouviu igual — era só um cachorro, mas ele estava fazendo a maior barulheira, e não parava mais. O pastor teve que ficar ali parado, perto do caixão, e esperar — não dava para ouvir os próprios pensamentos. Era muito incômodo, e parecia que ninguém sabia o que fazer. Mas logo viram o homem da funerária mexer suas pernas compridas e fazer um sinal para o pastor como quem diz “Não se preocupe, deixe comigo”. Aí ele foi deslizando rente da parede, com os ombros passando acima das cabeças das pessoas. Foi saindo, e a zoeira selvagem continuou, cada vez mais insuportável. Enfim, depois que passou rente das duas paredes da sala, ele desceu para o porão e sumiu. Dali uns dois segundos, ouvimos uma pancada, e o cachorro deu um ou dois uivos incríveis e parou, e ficou aquele silêncio mortal, e o pastor começou o discurso solene do ponto onde tinha parado. Dali um ou dois minutos, as costas e os ombros do homem da funerária voltaram e deslizaram rente a parede, e então ele deslizou pelas três paredes da sala, e se endireitou, e cobriu a boca com as mãos, e esticou o pescoço para o pastor, por cima das cabeças das pessoas, e falou, com um sussurro rouco: “O cachorro achou um rato!” Aí se curvou de novo e voltou deslizando de novo até o lugar dele. Dava para ver que foi uma grande satisfação para as pessoas, porque todo mundo queria saber o que era. Um detalhe desse que não custa nada — são justamente esses detalhes que fazem um homem ser admirado e amado. Não tinha ninguém mais popular na cidade que o homem da funerária.

Bem, o sermão do funeral foi muito bom, mas longo e cansativo. Depois o rei tomou a frente e mandou aquela baboseira de sempre, e enfim o serviço acabou, e o homem da funerária começou a aparafusar o caixão com sua chave de fenda. Suei frio nessa hora, e fiquei olhando muito atento para ele. Mas ele não mexeu em nada, só deslizou a tampa fácil como se fosse mingau, e aparafusou bem apertado e depressa. E o que seria de mim agora! Eu não tinha como saber se o dinheiro ainda estava lá ou não. “Porque”, pensei, “e se alguém surrupiou o saco

sem ninguém ver?”, agora como eu ia saber se escrevia para Mary Jane ou não? Imagina se ela tira o tio da cova e não acha nada, o que ia pensar? “Desgraça, posso acabar sendo perseguido e preso.” Era melhor eu ficar quieto e na moita, e não escrever nada. Estava tudo uma confusão medonha. Tentando melhorar, piorei cem vezes mais, e me arrependi de não ter deixado quieto, e que se danasse tudo!

Enterraram ele, e voltamos para casa, e fiquei olhando para a cara deles de novo — não conseguia evitar, e também não conseguia ficar sossegado. Mas isso não deu em nada, as caras deles não entregaram nada.

O rei fez visitas no fim da tarde, e foi simpático com todo mundo, como se fosse mesmo um velho amigo, e deixou escapar a ideia de que a congregação dele lá na Inglaterra estava sofrendo com a falta dele, de modo que ele precisava se apressar e acertar todas as contas e ir embora para casa. Ele falou que lamentava muito estar com pressa, e todo mundo também lamentou. Queriam que ele ficasse mais, mas falaram que sabiam que não ia dar. E ele falou que é claro que ele e William iam levar as meninas para morar com eles, e todo mundo gostou dessa ideia, porque assim as meninas iam ficar bem instaladas e com gente da família, e elas gostaram da ideia também — gostaram tanto que esqueceram de todos os problemas que já tiveram na vida e falaram para ele vender tudo o mais depressa que ele quisesse, porque elas iam se aprontar. As coitadinhas ficaram tão contentes e felizes que doeu meu coração ver como estavam sendo enganadas e trapaceadas, mas não encontrei nenhum jeito seguro de meter minha colher e mudar o rumo daquela toada.

Bem, o desgraçado do rei deu um jeito de vender a casa e os escravos e todos os bens em leilão na mesma hora — a venda ia ser dois dias depois do funeral, mas quem quisesse podia comprar em particular direto com ele antes disso.

Assim, no dia seguinte ao funeral, por volta do meio-dia, a alegria das meninas teve o primeiro solavanco. Vieram uns compradores de escravo, e o rei conseguiu vender por um bom preço, com cheques para dali três dias, como se dizia, e os escravos foram embora, os dois filhos para Memphis, rio acima, e mãe rio abaixo para Orleans. Achei que as pobres meninas e os escravos iam morrer de tristeza. Choraram abraçados, e ficaram tão arrasados que passei mal só de olhar. As meninas falaram que nunca tinham imaginado que um dia iam

ver a família separada e vendida assim para outra cidade. Nunca vou conseguir tirar da cabeça, aquelas pobres meninas e os escravos infelizes chorando abraçados — e acho que eu não ia ter aguentado, e ia ter desmascarado o nosso bando, se eu não soubesse que a venda não ia valer e os escravos iam voltar para casa dali uma semana ou duas.

A história causou um alvoroço na cidade, e muita gente veio sem graça falar que era um escândalo separar a mãe dos filhos daquele jeito. Não ficou bem para os malandros, mas o velho insistiu em continuar, por mais que o duque falasse ou fizesse, e vou lhe dizer que o duque ficou muito incomodado.

No dia seguinte era o leilão. Antes do meio-dia, o rei e o duque vieram no sótão me acordar, e vi pela cara deles que era problema.

— Você foi no meu quarto antes de ontem à noite? — perguntou o rei.

— Não, majestade. — Eu chamava ele assim sempre que não tinha ninguém de fora por perto.

— Você entrou lá ontem de dia ou ontem à noite?

— Não, majestade.

— Palavra de honra, agora, sem mentir.

— Palavra de honra, majestade, estou falando a verdade. Não passo perto do seu quarto desde que a srta. Mary Jane levou o senhor e o duque para mostrar o quarto.

— Você viu mais alguém entrar lá? — falou o duque.

— Não, sua graça, que eu me lembre não, acredito que não.

— Pare e pense.

Pensei um pouco e vi que era minha chance.

— Bem, vi os escravos entrando várias vezes.

Os dois levaram um susto, e parecia que não esperavam por isso, mas depois parecia que esperavam.

— Como assim? Todos eles? — quis saber o duque.

— Não, pelo menos, não todos ao mesmo tempo. Quero dizer, acho que só vi todos saindo do quarto uma vez.

— Ora! E quando foi isso?

— Foi no dia do funeral. De manhã. Não acordei cedo, porque perdi a hora. Eu estava começando a descer a escadinha, e vi eles.

— Bem, continue, *continue!* O que eles fizeram? Como eles estavam agindo?

— Eles não fizeram nada. E não estavam agindo muito, pelo que vi. Mas eles saíram na ponta dos pés, isso eu vi, com certeza, que eles devem ter entrado no quarto da majestade, ou algo assim, imaginando que o senhor estava de pé e viram que não estava, então eles quiseram sair de fininho para não ter problema de acordar o senhor, se é que já não tinham acordado.

— Santo Deus, então foi *isso!* — falou o rei. Os dois ficaram com uma cara de enjoo e de bobo. Eles ficaram ali pensando e coçando a cabeça um minuto, e o duque começou a cacarejar com voz rouca.

— O melhor de tudo foi como os escravos fizeram bem o papel. Eles fingiram que estavam *tristes* por ir embora daqui! E acreditei que eles *estava* tristes, e você também, e todo mundo também... Isso é para você nunca mais falar que escravo não tem talento histriônico. Ora, do jeito que eles interpretaram *qualquer um* caía. Na minha opinião, esses escravos nos trariam uma fortuna. Se eu tivesse capital e um teatro, eu não ia querer outro esquema, só eles, e agora nós vendemos eles e vendemos por uma gaitinha de nada. Sim, e uma gaita que ainda nem usamos, aliás. Aliás, onde ficou a gaita, aquele cheque?

— Pus no banco para descontar. Onde *mais?*

— Bem, menos mal, graças a Deus.

— Aconteceu alguma coisa? — falei, com a voz tímida.

O rei virou para mim.

— Não é da sua conta! — esbravejou. — Você fique calado, e cuide dos seus assuntos, se tem algum. Enquanto estiver nesta cidade não se esqueça disso, está me ouvindo? — Aí ele falou para o duque: — Vamos ter que engolir seco e não falar nada: a ordem agora é manter *segredo*.

Quando eles estavam descendo do sótão, o duque cacarejou de novo, e falou:

— Venda rápida e lucro baixo! Que bom negócio... sei...

O rei rosnou para ele.

— Eu estava fazendo o melhor possível vendendo depressa. Se o lucro foi pouco, ou deixou a desejar, ou nada que se possa carregar, a culpa é mais minha do que sua?

— Bem, os escravos ainda iam estar aqui e nós *não*, se você ouvisse o meu conselho.

O rei ficou retrucando com o duque o máximo que pôde, e depois se virou e ralhou comigo de novo. Ele me xingou porque não fui contar que vi os escravos saindo do quarto dele daquele jeito — ele falou que qualquer tonto ia perceber que alguma coisa estava acontecendo. E depois desceu depressa, xingou ele mesmo um pouco, e falou que era só porque ele não tinha ido dormir tarde e não tinha ficado descansando de manhã como sempre fazia, e jurou que nunca mais ia fazer aquilo de novo. Depois eles saíram se xingando, e fiquei muito contente porque consegui pôr a culpa nos escravos, e sem prejudicar os escravos.

28.

Aos poucos foi chegando a hora. Então desci do sótão e ia correr lá para baixo, mas quando passei pelo quarto das meninas a porta estava aberta, e vi Mary Jane parada na frente do velho baú de couro, que estava aberto e ela estava arrumando as coisas lá dentro — se preparando para se mudar para a Inglaterra. Mas agora ela estava parada com uma camisola dobrada no colo, e com as mãos cobrindo o rosto, chorando. Fiquei muito mal ao ver aquilo, e é claro que qualquer pessoa ia ficar. Entrei.

— Srta. Mary Jane, a senhorita não suporta ver gente sofrendo, e eu também não, quase sempre. Pode falar.

Então ela falou. E eram os escravos — eu já esperava. Ela falou que a bela viagem para a Inglaterra tinha quase perdido a graça para ela. Ela não sabia como ia ser feliz lá sabendo que a mãe e os meninos não iam mais se ver — e aí caiu no choro, pior que antes, e balançou as mãos.

— Oh, Deus, Deus, e pensar que eles nunca *mais* vão ver a mãe!

— Mas eles *vão*, e daqui duas semanas, tenho *certeza*!

Deus, aquilo saiu sem eu pensar! E antes que eu conseguisse me mexer ela abraçou o meu pescoço e falou para eu falar *de novo*, fala *de novo*, fala *de novo*!

Vi que tinha falado depressa demais e falado demais, e estava encurralado. Pedi para ela me deixar pensar um minuto, e ela ficou ali sentada, muito impaciente e excitada e linda, mas com uma cara mais feliz e aliviada, como uma pessoa que acabou de arrancar um dente. Então comecei a pensar. Pensei: “Acho que quem vem e fala a verdade quando está em apuros corre muitos riscos”, se bem que eu não tinha experiência disso, e não podia saber com certeza. Mas parecia, pelo menos. Mesmo assim aquele caso parecia muito o caso de falar a verdade ser melhor e na verdade mais seguro que mentir. Tive que deixar aquilo na minha cabeça, e pensar melhor e mais um pouco, de tão

estranho e diferente que era aquilo. Nunca vi nada assim. “Bem”, pensei comigo, “vou arriscar. Vou lá e vou falar a verdade dessa vez, mesmo que seja como sentar em um barril de pólvora e acender o pavio só para ver o que acontece”.

— Srta. Mary Jane, tem algum lugar um pouco afastado da cidade onde você possa ir e passar três ou quatro dias?

— Sim, a casa do senhor Lothrop. Por quê?

— Não importa por que ainda. Se eu contar como sei que os seus escravos vão se encontrar daqui duas semanas, aqui nesta casa, e *provar* como sei disso, a senhorita vai para a casa do senhor Lothrop e fica lá quatro dias?

— Quatro dias!? Eu fico um ano, se for preciso!

— Combinado, não quero nada seu além da sua palavra, para mim isso vale mais do que beijar a Bíblia. — Ela riu e ficou um pouco vermelha, muito delicada. — Se a senhorita não se incomodar, prefiro fechar a porta e passar o trinco.

Então voltei e sentei de novo.

— Não grite. Só fique aí parada e agente firme como um homem. Tenho que contar a verdade, e a senhorita tem que ser firme, srta. Mary, porque a verdade não é nada boa, e vai ser dura, mas não tem outro jeito. Esses tios da senhorita não são tios coisa nenhuma. São dois trapaceiros, patifes da pior espécie. Pronto, agora que já contei o pior, a senhorita pode ouvir o resto mais sossegada.

Aquilo deu um solavanco nela, é claro, mas aí eu já tinha passado da água rasa, então segui em frente, e os olhos dela foram se acendendo e se arregalando cada vez mais, e acabei contando tudo para ela, desde quando nós encontramos aquele mocinho tonto indo para o vapor, até a hora que ela abraçou o rei na porta da frente e beijou ele dezesseis ou dezessete vezes — e nisso ela deu um pulo, com o rosto todo vermelho como um por do sol.

— Que cafajeste! Vamos, não temos um minuto a perder, nem um segundo! Eles têm que ser cobertos de alcatrão e penas, e jogados no rio!

— Sem dúvida — concordei. — Mas a senhorita quer fazer isso antes de ir para a casa do senhor Lothrop, ou...

— Oh, que cabeça a minha! — falou ela, e sentou de novo. — Esqueça o que eu disse, por favor... Você vai, não vai? — Com aquela mão sedosa na minha, falei que preferia morrer primeiro. — Falei sem pensar, fiquei muito abalada.

Agora vá, e não vou mais falar isso. Você vai me dizer o que fazer, e o que disser para fazer, eu faço.

— Bem, é um bando perigoso, esses dois patifes, e tenho que viajar mais um pouco com eles, queira ou não, eu tenho. Prefiro não contar por que, e se a senhorita desmascarar eles agora, as pessoas da cidade podem até me livrar das garras deles, e eu ia ficar bem, mas tem outra pessoa que a senhorita não conhece que não ia ficar bem. Bem, temos que salvar essa pessoa, não temos? É claro que temos. Bem, então, não vamos desmascarar eles ainda.

Quando falei essas palavras, tive uma boa ideia. Entendi como talvez conseguisse me salvar e o Jim daqueles patifes, como fazer eles serem presos, para depois eu ir embora. Mas eu não queria fugir de jangada durante o dia e sem ninguém a bordo além de mim. Eu só queria que o plano começasse a funcionar bem mais tarde naquela noite.

— Srta. Mary Jane, vou dizer o que vamos fazer, e a senhorita nem vai precisar ficar no senhor Lothrop muito tempo. A que distância daqui ele mora?

— Um pouco menos de sete quilômetros, em direção do interior, para lá.

— Bem, é o bastante. Agora, a senhorita vai para lá, e fica lá escondida *até* nove, nove e meia da noite, e aí manda eles irem buscar a senhorita lá. Fala que teve uma ideia. Se a senhorita voltar para casa *antes* das onze, põe uma vela nesta janela, e se a senhorita não voltar até as onze da noite, e se eu não aparecer, vai ser porque fui embora, e já vou estar longe, e salvo. Depois a senhorita pode contar para todo mundo, e mandar esses patifes para a cadeia.

— Ótimo, vou fazer isso.

— E se acontecer de eu não conseguir escapar, se me pegarem junto com eles, a senhorita tem que falar que contei tudo antes, e a senhorita vai ter que me defender o máximo que puder.

— Vou ficar do seu lado! Claro que vou. Eles não vão tocar em um fio de cabelo seu! — falou ela, e as narinas dela se abriram e os olhos dela piscaram ao falar aquilo.

— Se eu escapar, não vou poder vir aqui para provar que esses canalhas não são seus tios, e nem se eu *estivesse* aqui eu ia conseguir. Posso jurar que eles são trapaceiros e vagabundos, só isso, se bem que isso já vale alguma coisa. Bem, tem outras pessoas que podem provar melhor que eu, e ninguém vai duvidar

dessas pessoas como podem duvidar de mim. Vou dizer como a senhorita pode encontrar essas pessoas. Me dê um lápis e um papel. Aqui está: “Nunca-Visto Real, Bricksville.” Esconda esse papel, e não perca. Quando o tribunal quiser descobrir alguma coisa sobre esses dois, mande procurarem em Bricksville e dizerem que prenderam os homens que aplicaram o golpe do Nunca-Visto Real, e peça algumas testemunhas. Ora, todos os homens daquela cidade vão vir para cá num piscar de olhos, srta. Mary. E eles vão vir com sangue nos olhos.

Achei que assim daria tudo certo.

— Deixa fazerem o leilão, e não se preocupe. Ninguém vai precisar pagar até o dia seguinte do leilão por ter sido tão em cima da hora, e eles não vão embora enquanto não estiverem com esse dinheiro, e do jeito que combinamos essa venda não vai valer, e eles não vão conseguir pôr a mão no dinheiro. É do mesmo jeito que foi com os escravos, não valeu a venda, e os escravos logo vão voltar. Ora, eles não vão conseguir descontar o cheque dos escravos ainda. Eles vão se lascar feio, srta. Mary.

— Bem, vou correr para o café da manhã, e em seguida vou direto para a casa do senhor Lothrop.

— Não, srta. Mary Jane, não é assim que funciona, mas de jeito nenhum. A senhorita tem que ir *antes* do café.

— Por quê?

— Porque quero que a senhorita vá para lá afinal, srta. Mary?

— Bem, nunca pensei nisso, e pensando bem, não sei. Por quê?

— Ora, é que a senhorita não é uma dessas pessoas com cara de pau. Não conheço livro melhor para ler que o seu rosto. A pessoa pode sentar e ler o seu rosto como se fosse letra de forma. A senhorita acha que vai conseguir descer e encarar os seus tios quando eles vierem dar beijo de bom dia, sem que...

— Pronto, não precisa falar mais nada! Sim, vou antes do café, vou com prazer. Mas deixo as minhas irmãs com eles?

— Sim, não se preocupe com elas. Elas vão precisar aguentar mais um pouco. Eles podem desconfiar se vocês todas saírem. Não quero que a senhorita encontre com eles, nem com as suas irmãs, nem com ninguém da cidade. Se um vizinho perguntar como vão os tios, o seu rosto vai acabar revelando alguma coisa. Não, vai direto, srta. Mary Jane, e vou arranando um jeito aqui com elas.

Vou falar para a srta. Susan que a senhorita mandou beijos para os tios e que saiu para descansar e mudar de ares, ou visitar uma amiga, e vai voltar hoje à noite ou amanhã de manhã.

— Visitar uma amiga, tudo bem, mas não quero mandar beijo para eles.

— Bem, pois então, vai sem beijo. — Não era nada demais falar para *ela* isso, não tinha nada de errado naquilo. Faltava fazer só uma coisinha, nada demais. E são essas coisinhas que deixam a estrada lisa para as pessoas, quase sempre, por essas bandas de cá. Isso deixaria Mary Jane à vontade, e não ia custar nada. — Só tem mais uma coisa, o saco de dinheiro.

— Bem, ficou com eles, e me sinto muito estúpida de pensar como eles conseguiram.

— Não, a senhorita não sabe de nada. Não está com eles.

— Ora, com quem está então?

— Eu também queria saber, mas não sei. *Estava* comigo, porque roubei deles, e roubei para dar para a senhorita, e sei onde escondi, mas talvez não esteja mais lá. Eu sinto muito mesmo, srta. Mary Jane, sinto o máximo que posso, mas fiz o melhor que pude. Fiz mesmo, sinceramente. Quase fui pego, e tive que esconder no primeiro lugar que achei, e fugi correndo, e não era um bom lugar.

— Oh, pare de se culpar, é muito ruim fazer isso, e não vou permitir. Você não teve opção, não foi sua culpa. Onde você escondeu?

Eu não queria que ela começasse a pensar nos problemas dela de novo. Eu não conseguia convencer a minha boca a contar de um jeito que ela não tivesse que imaginar de novo aquele cadáver deitado no caixão com o saco de dinheiro em cima da barriga. Então por um minuto não falei nada; aí eu falei:.

— Prefiro não contar onde pus o dinheiro, srta. Mary Jane, se a senhorita não se importar e me deixar, mas vou escrever em um pedaço de papel para a senhorita ler no caminho para a casa do sr. Lothrop, se a senhorita quiser. A senhorita acha que assim está bem?

— Oh, sim.

Então escrevi: “Eu pus o dinheiro no caixão. Estava lá quando a senhorita estava chorando, no meio da noite. Eu estava atrás da porta, e fiquei muito triste por você, srta. Mary Jane.”

Os meus olhos ficaram um pouco molhados de lembrar dela chorando lá sozinha no meio da noite, e aqueles demônios ali dormindo na casa dela, envergonhando e roubando ela. Quando dobrei o papel e dei para ela, vi que os olhos dela também estavam um pouco molhados. Ela apertou a minha mão, firme, e falou:

— Adeus. Vou fazer tudo como você mandou, e se eu nunca mais te ver de novo, nunca vou te esquecer e vou pensar em você muitas e muitas vezes, e vou rezar por você, também! — E ela foi embora.

Rezar por mim! Acho que se ela me conhecesse ia escolher uma tarefa mais fácil. Mas aposto que ela rezou mesmo assim — esse era o jeito dela. Ela ia ter força para rezar até por Judas se quisesse — ela não era do tipo que voltava atrás, acho. Você pode falar o que quiser, mas na minha opinião ela tinha mais estofamento que qualquer garota que já vi. Na minha opinião, ela era puro estofamento. Isso pode parecer bajulação, mas não é bajulação nenhuma. E em questão de beleza — e bondade também —, ela supera todas elas. Nunca mais vi ela desde que saiu por aquela porta. Não, nunca mais vi, mas acho que pensei nela muitos e muitos milhões de vezes, e nela falando que ia rezar por mim. E se eu achasse que ia adiantar alguma coisa rezar por ela, pode apostar que eu ia rezar ou morrer tentando.

Bem, Mary Jane saiu pelos fundos, acho, porque ninguém viu ela sair. Quando encontrei Susan e a do lábio leporino, falei:

— Como chama aquela família do outro lado do rio que vocês vão visitar às vezes?

— Tem várias; mas principalmente, os Proctor.

— Isso mesmo, quase esqueci. Bem, a srta. Mary Jane pediu para eu avisar vocês que ela teve que ir lá numa pressa terrível, alguém da família está doente.

— Quem?

— Eu não sei. Pelo menos, acho que esqueci, mas eu acho que era...

— Por tudo que é mais sagrado, espero que não seja *Hanner*...

— Eu sinto muito, mas é justamente *Hanner*.

— Meu deus, ela estava tão bem semana passada! Ela está muito mal?

— Nem me fale. Parece que ficaram com ela a noite inteira acordados, a srta. Mary Jane falou, e não sabem se ela vai durar muitas horas.

— Era só que faltava agora! Mas que doença ela tem?

Não consegui pensar em nada razoável, na pressa, daquele jeito.

— Caxumba — falei.

— Caxumba, uma ova! Ninguém passa a noite em claro com alguém com caxumba.

— Não passa, não é mesmo? Pois pode apostar que passa com esse tipo de caxumba. É uma caxumba diferente. É um tipo novo, a srta. Mary Jane falou.

— Como assim um tipo novo?

— Porque é uma caxumba misturada com outras coisas.

— Que outras coisas?

— Bem, sarampo, tosse comprida, erisipela, tuberculose e icterícia, e febre, e não sei mais o quê.

— Jesus! E chamam só de *caxumba* mesmo?

— Foi o que a srta. Mary Jane falou.

— Bem, então por que diabos chamam de caxumba?

— Ora, porque é caxumba. Começa com caxumba.

— Bem, mas isso não faz nenhum sentido. Ninguém dá uma topada com o dedão, e toma veneno, e cai no poço, e quebra o pescoço, e esmaga o cérebro, e alguém vem e pergunta a causa da morte e um cabeça de vento fala: “Ora, ele deu uma topada com o dedão.” Faz sentido isso? Não. E essa sua história também não faz. E pega?

— Se *pega*? Ora, você nem faz ideia. Sabe o que é um verdadeiro *rastelo*, que pega até no escuro? Se um dente não pega, o outro pega, não é assim? E você não se solta desse dente sem soltar o rastelo inteiro, não é mesmo? Bem, esse tipo de caxumba é igual um rastelo, como se diz, e não é um rastelinho rastaquera, não, é um que pega e pega bem.

— Bem, isso é péssimo, acho — falou a leporina. — Vou avisar o tio Harvey e...

— Oh, sim, sei... É claro. Eu não perderia um minuto.

— Bem, por que você não avisaria?

— Pense só um minuto, e talvez você entenda sozinha. Os seus tios não são obrigados a ir para Inglaterra o mais depressa possível? E acha que eles iam ser malvados a ponto de deixar vocês viajarem sozinhas? *Sabe* que iam esperar

vocês. Até aí, tudo bem. O seu tio Harvey é pastor, não é? Muito bem, pois então, um *pastor* ia enganar o funcionário do vapor? E depois ele vai mentir para o *funcionário do navio*? Para a srta. Mary Jane poder embarcar? Você já *sabe* que ele não vai. Então o que ele vai fazer? Ora, ele *vai* falar: “É uma grande lástima, porém os negócios da minha igreja vão ter que se resolver como puderem, pois minha sobrinha foi exposta à terrível caxumba *pluribusunum*, e portanto é meu dever ficar aqui e esperar três meses para ver se ela pegou”. Mas, tudo bem, se você acha que é melhor avisar o tio Harvey...

— Jesus, e ficar aqui à toa sendo que podíamos estar nos divertindo na Inglaterra enquanto esperamos para ver se Mary Jane pegou ou não? Ora, você fala como um bocó.

— Bem, de qualquer jeito, talvez seja melhor você avisar os vizinhos.

— Agora você é que não sabe o que está falando. A sua estupidez natural me superou. Você não percebe que os *vizinhos* vão contar para os tios? O único jeito é não contar nada para *ninguém*.

— Bem, talvez você esteja certa... Sim, acho que você *tem* razão.

— Mas acho que devemos avisar o tio Harvey que ela teve que sair, pelo menos, para ele não ficar preocupado com ela, não?

— Sim, a srta. Mary Jane pediu para vocês fazerem isso. Ela falou: “Diga a elas para mandar um beijo ao tio Harvey e ao tio William, e falar que atravesssei o rio para visitar o senhor...” Senhor... como chama aquela família rica que o seu tio Peter costumava falar tanto? Aquela que...

— Ora, você deve estar falando dos Apthorps, não?

— Claro, esse tipo de nome, não é fácil lembrar todos, às vezes. Sim, ela falou, fala que ela foi avisar os Apthorps para ter certeza que eles vêm para o leilão da casa, porque ela achava que o tio Peter ia preferir que eles comprassem, e que ela vai ficar lá com eles até eles falarem que vêm para o leilão, e aí, se ela não estiver muito cansada, volta hoje. E, se ela estiver, volta amanhã de manhã. Ela falou, não fala nada dos Proctors, mas só dos Apthorps, o que também vai ser verdade, porque ela vai lá falar para eles comprarem a casa. Sei, porque ela mesma me disse.

— Tudo certo — falaram elas, e foram correndo contar para os tios, e dar o beijo da irmã, e passar o recado.

Agora estava tudo certo. As meninas não iam falar nada porque elas queriam ir logo para a Inglaterra; e o rei e o duque iam até gostar que Mary Jane estivesse fora avisando sobre o leilão em vez de em casa ao alcance do doutor Robinson. Eu me senti muito bem, achei que fiz tudo muito bem feito — pensei que Tom Sawyer não ia ter feito melhor. Claro que ele ia colocar mais estilo na coisa, mas não tenho muita facilidade para colocar estilo, não fui criado para isso.

Bem, eles fizeram o leilão em praça pública, mais para o fim da tarde, e demorou, e demorou, e o velho ficou ali de olho, com aquela cara venenosa de sempre, no palanque ao lado do leiloeiro, e sapecando um pouco de Bíblia aqui e ali, ou algum ditado meloso qualquer, e o duque ficou gaguejando no meio das pessoas para conquistar o máximo de dó que podia, simplesmente se espalhando pela praça.

Até que a coisa se arrastou mas terminou, e tudo foi vendido — tudo menos um pequeno lote velho no cemitério. Então eles tiveram que resolver isso, nunca vi girafa igual ao rei para querer engolir tudo. Bem, enquanto eles estavam nisso, um vapor atracou, e dali dois minutos chegou uma multidão gritando e berrando e dando risada, e falando alto:

— Agora chegou a concorrência! Aqui temos dois pares de herdeiros do velho Peter Wilks. Tragam seu dinheiro e façam suas apostas!

29.

Eles estavam trazendo um velho cavalheiro de excelente aparência, e um mais jovem de boa aparência, com o braço direito em uma tipoia. E, meu Deus, como as pessoas gritavam e gargalhavam, e não paravam. Mas não achei graça nenhuma naquilo, e achei que ia ser difícil para o duque e para o rei também achar. Achei que eles iam ficar pálidos. Mas não, nem pálidos eles ficaram. O duque parecia nem desconfiar do que estava acontecendo, mas continuou gaguejando pela praça, feliz e satisfeito, como uma garrafa derramando leite pelo gargalo; e o rei, ele ficou olhando e olhando parado com uma cara triste para os recém-chegados, como se ele estivesse sentindo uma dor de estômago no coração, só de pensar como podia existir gente trapaceira e canalha daquele jeito nesse mundo. Oh, ele estava impressionante nesse papel. Muita gente importante da cidade ficou do lado do rei, para que todo mundo soubesse. O velho cavalheiro que tinha acabado de chegar ficou muito intrigado. Logo ele começou a falar, e vi na hora que a pronúncia dele era mesmo de um inglês — não como o rei, se bem que a do rei era muito boa como imitação. Não vou saber usar as palavras do velho cavalheiro, nem consigo imitar, mas ele se virou para a multidão e falou, mais ou menos assim:

— Isso é uma surpresa que eu não esperava. E devo admitir, cândida e francamente, não estou preparado para enfrentar e resolver isso agora, pois meu irmão e eu tivemos imprevistos. Ele quebrou o braço, e a nossa bagagem foi descarregada uma cidade antes ontem à noite por engano. Sou o irmão de Peter Wilks, Harvey, e este é o irmão dele, William, que não ouve nem fala, e agora não consegue nem se comunicar por sinais, pois só está com uma mão livre. Nós somos quem dizemos que somos, e dentro de um ou dois dias, quando a bagagem chegar, poderei provar. Mas até lá não direi mais nada, e ficarei no hotel esperando.

Então ele e o novo surdo-mudo foram embora. O rei deu risada e soltou:

— Braço quebrado! Até parece, *não é?* Bastante conveniente também para um trapaceiro que precisa se comunicar com sinais, e ainda não aprendeu. Bagagem perdida! Essa é *muito* boa! E muito engenhosa, nas atuais *circunstâncias*!

Então ele deu risada de novo, e todo mundo riu também, com exceção de uns três ou quatro, ou talvez meia dúzia. Um desses era o doutor. Outro era um cavalheiro de olhos inteligentes, com uma mala antiga feita de tapete, que tinha acabado de desembarcar do vapor e estava conversando com o médico em voz baixa, e olhando de relance para o rei de vez em quando e balançando a cabeça — era Levi Bell, o advogado que tinha ido a Louisville. E um outro que era um grandalhão brusco que veio e ficou ouvindo tudo o que o velho cavalheiro falava, e agora estava ouvindo o rei. E quando o rei acabou, esse brutamontes veio e falou:

— Ei, escuta, se você é Harvey Wilks, quando foi que você chegou na cidade?

— Um dia antes do funeral, amigo — falou o rei.

— Mas a que horas?

— À tarde, uma hora ou duas antes do sol se pôr.

— E *como* chegou aqui?

— Vim no vapor Susan Powell de Cincinnati.

— Bem, então como você estava no ancoradouro de *manhã*, numa canoa?

— Eu não estava no ancoradouro de manhã.

— É mentira.

Várias pessoas foram para cima dele e pediram para ele não falar assim com um velho pastor.

— Pastor uma ova, ele é um trapaceiro e mentiroso. Ele estava no ancoradouro de manhã. Eu moro lá, não moro? Bem, eu estava lá, e ele estava lá também. Vi ele lá. Ele veio de canoa, com Tim Collins e um menino.

O médico se virou para ele.

— Hines, você reconheceria o menino se o visse de novo? — falou o médico.

— Acho que sim, mas não sei. Ora, ali está ele, agora. Me lembro perfeitamente dele.

Era para mim que ele estava apontando.

— Vizinhos, não sei se os outros dois são fraudes ou não, mas, se *esses* dois aqui não são, eu sou um idiota, é só isso. Acho que não podemos deixar eles irem embora enquanto não apurar essa história. Vamos, Hines, venham, venham todos. Vamos levar esses sujeitos para a taberna e confrontar os dois pares, e acho que vamos descobrir *alguma coisa* em pouco tempo.

Foi um alvoroço para a maioria ali, mas talvez não para os amigos do rei. Então foi todo mundo para lá. O sol estava quase se pondo. O médico me levou pela mão, e foi muito gentil, mas não me soltava.

Entramos em um salão enorme no hotel, e acendemos algumas velas, e trouxeram os novos herdeiros. Primeiro, o médico falou:

— Não quero ser grosseiro com esses dois sujeitos, mas acho que eles são impostores, e eles podem ter cúmplices e nem sabemos. Se tiverem, os cúmplices não vão fugir com o saco de ouro que Peter Wilks deixou? É mais provável que sim. Se eles não forem impostores, eles vão mandar buscar o dinheiro e deixar conosco até provarem quem são, não é verdade?

Todo mundo concordou. Então vi que eles tinham encurralado o nosso bando e estávamos sem saída. Mas o rei só olhou com pena.

— Cavalheiros, quem me dera o dinheiro estivesse onde estava, pois a minha intenção é justamente fazer uma investigação limpa, honesta e franca desse caso miserável. Mas, infelizmente, o dinheiro não está lá. Podem mandar alguém lá ver, se quiserem.

— E onde está guardado?

— Bem, quando a minha sobrinha me deu para guardar, escondi dentro do colchão de palha, pois não quis depositar no banco nos poucos dias que passamos aqui, e considerando que era um lugar seguro, e não estando acostumados com escravos, e supondo que eram honestos, como os criados na Inglaterra. Os escravos roubaram o dinheiro na manhã seguinte depois que descí. Quando os vendi ainda não tinha dado falta do dinheiro, de modo que eles foram embora com tudo. O meu criado aqui pode explicar aos cavalheiros.

O médico e vários outros homens falaram “Jesus!” e vi que ninguém ali acreditou nele. Um deles me perguntou se eu tinha visto os escravos roubando. Falei que não, mas que vi eles saindo do quarto e indo embora, e nem pensei nada, só achei que estavam com medo de acordar o meu patrão e estavam

tentando sair antes que ele criasse problemas para eles. Só me perguntaram isso. Aí o médico virou para mim e perguntou:

— Você também é inglês?

Eu falei que sim; e ele e outros homens deram risada, e falaram “Essa é boa!”.

Bem, então eles começaram a tal investigação, e ficamos ali, horas e horas, e ninguém falou nada sobre comida, nem pareciam pensar em comer — e continuaram investigando sem parar mais, e foi a coisa mais complicada que você já viu. Eles mandaram o rei contar sua história, e mandaram o velho cavalheiro contar a dele. E qualquer um com exceção de uns tantos chucros e tacanhos via que o velho cavalheiro estava falando verdades e o outro mentiras. E a certa altura eles me mandaram contar o que eu sabia. E o rei me olhou de esguelha, e assim vi que era melhor eu falar bem dele. Comecei contando sobre Sheffield, e como era a nossa vida lá, e contei sobre os Wilkes ingleses, e assim por diante, mas eu mal tinha começado e o médico começou a rir. Levi Bell, o advogado, falou:

— Pode parar, meu garoto, eu não me esforçaria tanto se fosse você. Vejo que você não está acostumado a mentir, parece que não é muito fácil para você, precisa praticar mais. Você mente muito mal ainda.

Não gostei nada desse elogio, mas fiquei contente por terem me soltado mesmo assim.

O médico começou a falar alguma coisa e se virou.

— Se você tivesse chegado antes na cidade, Levi Bell...

O rei interrompeu o médico e estendeu a mão.

— Ora, o senhor é o velho amigo do meu pobre falecido irmão sobre quem ele me escrevia tanto? — falou o rei.

O advogado e o rei apertaram as mãos, e o advogado sorriu e pareceu satisfeito, e eles conversaram por algum tempo, e aí foram para um canto e conversaram baixinho. Enfim o advogado falou alto:

— Isso vai resolver o caso. Vou levar o documento e avaliar, assim como o do seu irmão, e assim todos vão saber que está tudo certo.

Então eles pegaram papel e pena, e o rei sentou e virou a cabeça de lado, e mordeu a língua, e rabiscou alguma coisa. Depois passou a pena para o duque —

e aí pela primeira vez o duque fez uma cara de dor. Mas ele pegou a pena e escreveu. Então o advogado virou para o velho cavalheiro e falou:

— Agora o senhor e o seu irmão, por favor, escrevam uma ou duas linhas e assinem seus nomes.

O velho cavalheiro escreveu, mas ninguém conseguiu ler a letra. O advogado ficou muito espantado.

— Bem, essa letra nem *eu* consigo ler — disse o advogado, sacando várias cartas velhas do bolso, e examinou elas, e examinou a letra do velho cavalheiro, e depois as cartas velhas de novo. — Essas cartas velhas são do verdadeiro Harvey Wilks, e aqui nós temos essas duas letras, e qualquer um vê que nenhum deles escreveu as cartas. — O rei e o duque ficaram com cara de bobos, isso vou dizer, ao ver como foram enganados pelo advogado. — Aqui está a letra deste velho cavalheiro, e qualquer um vê, com facilidade, que ele também não escreveu essas cartas. Verdade seja dita, esses garranchos dele nem chegam a ser escrita de verdade. Agora, aqui temos algumas cartas do...

O novo velho cavalheiro falou:

— Se o senhor me permitir, deixe-me explicar. Ninguém consegue ler a minha letra além do meu irmão aqui, de modo que ele faz cópias para mim. É a letra dele que você tem aí nessas cartas, não a minha.

— *Que coisa!* — disse o advogado — Que situação curiosa... Tenho aqui também algumas cartas do próprio William, então se você pedir a ele para escrever uma ou duas linhas, nós vamos poder com...

— Ele não escreve com a mão esquerda — falou o velho cavalheiro. — Se ele pudesse usar a direita, vocês veriam que foi ele que escreveu as próprias cartas e as minhas. Veja as duas letras, por favor, são idênticas.

O advogado comparou.

— Acredito que são. E, e se não são, a semelhança é muito maior do que eu tinha percebido, pelo menos. Bem, bem, bem! Achei que estava quase chegando a uma solução, mas pelo visto não, em parte. Mas, seja como for, uma coisa está provada. Nenhum desses dois é Wilks. — E ele balançou a cabeça para o rei e o duque.

Bem, o que você acha? Aquele velho louco teimoso como uma mula não ia dar o braço a torcer agora! E de fato não deu. Ele falou que o teste não tinha sido

justo. Ele falou que o irmão William era o maior brincalhão do mundo, e não tinha nem tentado escrever nada — ele viu que William ia fazer uma de suas piadas no minuto em que ele pôs a pena no papel. E aí ele começou a aquecer e continuou tagarelado e tagarelado sem parar até começar ele mesmo a acreditar que estava falando a verdade, mas logo o novo cavalheiro interrompeu.

— Eu tive uma ideia. Alguém aqui ajudou a enterrar o meu ir... ajudou a vestir o falecido Peter Wilks para o enterro?

— Sim — falou alguém —, eu e o Ab Turner. Estamos bem aqui.

Então o velho se virou para o rei.

— Talvez esse cavalheiro possa me dizer o que estava tatuado no peito dele?

O rei teve que se segurar depressa, ou ia ser varrido para o chão feito uma ribanceira que o rio cortou por baixo, de tão de repente que aquilo bateu nele. E, fique sabendo, foi uma coisa calculada para esmagar qualquer um levar um baque daquele sem aviso, por que como ele ia saber o que estava tatuado no homem? Ele ficou um pouco branco, não conseguiu evitar, e ficou todo mundo em silêncio ali dentro, e todo mundo inclinou um pouquinho para a frente olhando para ele. Pensei: “Agora ele vai jogar a toalha, não tem mais o que fazer.” Bem, e ele jogou? Mal deu para acreditar, mas ele não jogou. Acho que ele pensou em levar aquilo adiante até todo mundo cansar, e que aí eles poderiam sair sem ninguém ver, e ele e o duque iam escapar e fugir. De qualquer jeito, ele ficou ali sentado, e logo começou a sorrir.

— Arre! É uma questão muito dura, não é mesmo?! Sim, senhor, vou lhe dizer o que tem tatuado no peito dele. É uma pequena flechinha azul bem fininha, é isso que tem tatuado nele. E se você não olhar de perto, você nem vê. Bem, o que me diz, hein?

Bem, nunca vi ninguém como aquele velho bexiguento para ter uma cara de pau tão escancarada.

O novo velho cavalheiro virou bruscamente para o tal Ab Turner e seu parceiro, e o olho dele brilhou quando ele achou que dessa vez tinha encurralado o rei, e falou:

— Aí está, você ouviu o que ele falou! Tinha essa marca no peito do Peter Wilks?

Os dois levantaram e falaram.

— Nós não vimos essa marca.

— Bem! — falou o velho cavalheiro. — Ora, o que vocês viram no peito dele foi um pequeno e apagado P e um B (que é a inicial do nome que ele abandonou quando era jovem), e um W, com traços entre eles, assim: PBW. — E ele escreveu em um pedaço de papel. — Vamos, não foi isso que você viu?

Ambos vieram de novo para a frente, e falaram:

— Não, nós não vimos. Não vimos tatuagem nenhuma.

Bem, todo mundo ficou naquele embaraço, e eles falaram alto:

— Todos são um *bando* de impostores! Vamos enfiar todos eles no barril de alcatrão! Vamos afogar eles! Vamos amarrar todos no pau! — E todo mundo estava gritando ao mesmo tempo, e foi uma barulheira dos infernos. Mas o advogado pulou na mesa e berrou.

— Cavalheiros! Cavalheiros! Escutem só uma palavra, só uma palavra, por favor! Tem um jeito ainda. Vamos lá desenterrar o cadáver e dar uma olhada.

Isso ia ser o fim deles.

— Hurra! — gritaram todos eles, e foram logo saindo, mas o advogado e o médico falaram alto.

— Esperem, esperem! Amarrem esses quatro e o menino, e levem *com* vocês também!

— Vamos lá! — gritaram todos. — E se não acharmos a tatuagem vamos linchar todos do bando!

Fiquei apavorado, devo confessar. Mas não tinha como escapar, você sabe. Eles nos agarraram, e nos mandaram marchar direto para o cemitério, que ficava a uns três quilômetros rio abaixo, e a cidade inteira veio atrás de nós, e fizeram um bocado de barulho, e eram só nove horas da noite.

Quando passamos pela nossa casa, me arrependi de ter mandado Mary Jane sair da cidade, porque agora se eu fizesse um sinal para ela, ela ia vir me salvar e desmascarar os pilantras.

Bem, fomos todos em bando pela estrada do rio, sendo levados como gatos selvagens. E para deixar tudo mais assustador, o céu foi escurecendo, e os relâmpagos começaram a piscar e tremeluzir, e o vento a tremular no meio das folhas. Esse foi o apuro mais terrível e mais perigoso que já passei, e fiquei meio tonto. Tudo estava saindo tão diferente do que eu tinha pensado. Em vez de estar

a salvo para poder fazer as coisas no meu tempo se quisesse, e assistir toda a diversão, e ter Mary Jane para me apoiar e me salvar e me libertar quando chegasse a hora, ali não tinha nada no mundo me separando da morte súbita além daquelas tatuagens. Se não achassem a tatugagem...

Eu não conseguia nem pensar nisso. E, mesmo assim, de algum jeito, eu não conseguia pensar em outra coisa. Foi ficando cada vez mais escuro, e era um bom momento para escapulir daquela multidão, mas aquele brutamontes — o tal do Hines — me agarrou pelo pulso e era mais fácil tentar escapulir das mãos de Golias. Ele me arrastou o caminho inteiro, e ele estava tão excitado, que tive que correr para acompanhar o passo dele.

Quando eles chegaram lá, eles se espalharam pelo cemitério e ocuparam tudo como uma enchente. E quando chegaram na sepultura, viram que tinham cem pás além do que precisavam, mas ninguém pensou em levar uma lanterna. Mas eles começaram a cavar mesmo assim com os clarões dos relâmpagos, e mandaram um homem na casa mais próxima, a quase um quilômetro, para pedir uma emprestada.

Então eles cavaram e cavaram como nunca. E ficou um escuro medonho, e começou a chover, e o vento vibrou e revirou tudo, e os raios foram ficando cada vez mais bruscos, e estourou um trovão, mas as pessoas nem ligaram, de tão ocupadas que estavam. E num minuto dava para ver tudo e todas as caras da multidão, e as pás de terra voando de dentro da cova, e no segundo seguinte o escuro cobria tudo, e não dava para ver nada.

Enfim eles tiraram o caixão e começaram a desaparafusar a tampa, e aí outra vez a multidão veio se acotovelando e empurrando, para forçar passagem e dar uma olhada, como eu nunca vi igual, e no escuro, daquele jeito, foi medonho. O tal do Hines machucou feio o meu pulso de tanto puxar e empurrar, e acho que ele esqueceu totalmente que eu existia, de tão excitado e ofegante que estava.

De repente um relâmpago formou uma fatia perfeita de clarão branco, e alguém gritou:

— Jesus, o saco de ouro está aqui no peito dele!

O tal do Hines soltou um grito, como todo mundo, e soltou o meu pulso e foi correndo dar uma olhada, e a velocidade que corri em disparada pela estrada no escuro ninguém pode calcular.

Eu estava sozinho na estrada, e praticamente voei — pelo menos, não vi ninguém além de mim, a não ser a escuridão sólida, e os clarões de vez em quando, e o barulho da chuva, e as pancadas do vento, e o estrondo das trovoadas, e tão certo quanto você nasceu eu fui a toda velocidade!

Quando cheguei na cidade, vi que não tinha ninguém na tempestade, então nem quis seguir pelas vielas, mas continuei reto pela rua principal. Quando fui chegando perto da casa, mirei bem e achei. Não tinha nenhuma vela acesa, a casa estava toda escura — o que me deixou triste e decepcionado, nem sei bem por quê. Mas enfim, quando eu ia indo embora, um lampejo de luz apareceu na janela da Mary Jane! E o meu coração se encheu de repente, como se fosse estourar. E no mesmo segundo a casa e tudo mais ficou para trás de mim no escuro, e nunca mais eu ia ver aquela casa na minha frente nesse mundo. Ela foi a melhor garota que já conheci, e a que tinha mais estofo.

No minuto que passei da cidade o bastante para ver que daria para chegar na coroa, comecei a procurar um bote para pegar emprestado, e no primeiro raio que me mostrou um bote que não estava com corrente, peguei e remei. Era uma canoa, e só estava amarrada com uma corda. A coroa estava a uma distância e tanto, bem lá para o meio do rio, mas não perdi tempo; e quando cheguei na jangada enfim estava tão cansado que só queria deitar para respirar e tomar fôlego se pudesse. Mas não fiz isso. Assim que cheguei na jangada, falei alto:

— Sai daí logo, Jim, pode desamarrear a jangada! Glória a Deus, estamos livres daqueles dois!

O Jim saiu da tendinha, e estava vindo na minha direção com os braços abertos, ele estava muito alegre, mas quando vi ele de relance no clarão do raio, o meu coração veio na boca e corri para a popa e pulei na água, pois eu tinha esquecido que ele estava de Rei Lear e Árabe louco ao mesmo tempo, e quase ponho para fora o fígado e os pulmões com o susto que tomei. Mas o Jim me pescou de volta, e estava indo me abraçar e agradecer a Deus, e assim por diante, de tão alegre que ele ficou porque eu tinha voltado e porque estávamos livres do rei e do duque.

— Agora não — falei. — Deixe para o café da manhã, deixe para o café da manhã! Desamarre e deixe a jangada seguir!

Então dali dois segundos estávamos descendo o rio, e foi bom estar livre de novo e só nós dois no grande rio, sem ninguém para incomodar. Tive que diminuir um pouco o ritmo, e pular e coçar o pé algumas vezes — não deu para evitar. Mas na terceira coçada reparei num barulho que eu conhecia muito bem, e preendi a respiração e apurei os ouvidos e esperei; e sem dúvida, quando o próximo clarão explodiu sobre a água, lá estavam eles! — e remando e fazendo o esquife gemer! O rei e o duque.

Então, deitei nas tábuas da jangada, e desisti — e isso foi tudo o que eu pude fazer para não chorar.

30.

Quando eles subiram a bordo, o rei veio para cima de mim, e me sacudiu pelo pescoço.

— Tentando nos deixar para trás, não é, novato?! Cansou da nossa companhia, hein? — falou ele.

— Não, sua majestade, não estávamos, não. Por favor, pare, sua majestade! — respondi.

— Depressa, então, diga logo qual era o seu plano, ou vou te virar do avesso na pancada!

— Sinceramente, vou contar tudo como aconteceu, sua majestade. O homem que estava me segurando foi muito bom comigo, e ficou falando que tinha um filho da minha idade que morreu ano passado, e que lamentava ver um menino naquela situação arriscada. Quando todo mundo ficou surpreso de acharem o ouro e correram para o caixão, ele me soltou e sussurrou: “Agora corra, ou vão te enforcar, com certeza!” E eu fugi. Não me pareceu uma boa ideia ficar lá — não tinha nada que eu podia fazer, e não queria ser enforcado se desse para fugir. Aí não parei mais de correr até achar uma canoa, e quando cheguei aqui falei para o Jim se apressar, ou eles iam me pegar e me enforcar, e falei que estava com medo que o senhor e o duque talvez não estivessem vivos agora, e fiquei muito triste, e o Jim também, e fiquei muito contente quando vi vocês vindo. Pode perguntar para o Jim se não fiquei.

O Jim falou que foi isso mesmo, e o rei mandou ele calar a boca, e falou “Oh, sei, até parece!” e me sacudiu de novo, e falou que achava que ia me afogar.

— Deixa o menino em paz, seu velho idiota! — gritou o duque. — Você teria feito diferente? Procurou saber onde ele estava quando conseguiu escapar? Eu não me lembro disso.

Então o rei me soltou e começou a xingar aquela cidade e todo mundo que morava lá.

— Desgraçado, é bom você esbravejar bastante é consigo mesmo, pois você é quem merece ser mais xingado — disse o duque. — Você não fez nada desde o começo que fizesse algum sentido, com exceção de ter tirado da cachola, sem se abalar ou vacilar, aquela tatuagem de flecha azul imaginária. Essa foi brilhante, foi totalmente genial, e foi o que nos salvou. Pois se não fosse essa da tatuagem da flecha, íamos ficar na cadeia até chegar a bagagem dos ingleses e, de lá, pode apostar, ia ser penitenciária na certa! Mas esse truque levou todo mundo ao cemitério, e o ouro ali também nos fez uma gentileza ainda maior, pois se aqueles tontos entusiasmados não tivessem soltado todo mundo e corrido para ver o ouro, íamos dormir de gravata essa noite, gravatas bem apertadas no pescoço, por mais tempo do que eu gostaria.

Eles ficaram quietos um minuto, pensando. Aí o rei falou, como se estivesse pensando em outra coisa:

— Humpf! E nós achando que os escravos tinham roubado!

Eu me contorci quando ele falou isso!

— Sim — falou o duque, devagar e sem pressa e com sarcasmo —, *nós* dois caímos.

— Pelo menos, eu caí — resmungou o rei, depois de meio minuto.

— Pelo contrário, eu que caí — falou o duque, do mesmo jeito.

— Olha, Bilgewater, do que você está falando? — retrucou o rei, estufando o peito.

— Já que você tocou no assunto — começou o duque, muito brusco —, talvez seja melhor você deixar que eu pergunte, do que você está falando?

— Diabos! — falou o rei, muito sarcástico —, mas eu não sei. Talvez você estivesse dormindo, e não sabia o que estava fazendo.

O duque se arrepiou, e falou:

— Oh, pare com essa bobagem de esbravejar! — disse o duque, se arrepiando. — Você acha que sou bobo? Acha que eu não sei quem escondeu o dinheiro no caixão?

— *Sim*, senhor! Justamente, sei que você sabe, porque foi você que escondeu lá!

— Mentira! — E o duque foi para cima dele.

— Tire suas mãos de mim! Solte meu pescoço! Eu retiro o que eu disse!

— Bem, primeiro admita que você escondeu o dinheiro no caixão, com intenção de me deixar para trás nos próximos dias, e voltar depois e abrir de novo a cova e ficar com tudo só para você.

— Espere um minuto aí, seu duque. Só me responda uma coisa, sinceramente e sem mentir: se não foi você que pôs o dinheiro no caixão, é só dizer, e vou acreditar, e retirar tudo o que eu disse.

— Seu velho safado, não fui eu, e você sabe que não fui eu. Pronto, aí está!

— Bem, então acredito. Mas só me responda mais uma coisa, e não *fique* furioso. Você não pensou em surrupiar o dinheiro e esconder?

O duque não falou nada por algum tempo, mas depois falou:

— Bem, não importa se pensei, eu não fiz, seja como for. Mas você não só pensou, como *fez*.

— Quero nunca morrer se o fiz, duque! É a verdade. Não vou dizer que não pensei nisso, porque pensei, mas você... quero dizer, alguém, agiu antes de mim.

— Que mentira! Foi você, e você tem que assumir que foi, ou...

O rei começou a engasgar, e então deixou escapar:

— Chega! Eu admito, fui eu!

Fiquei muito contente de ouvir aquilo. Eu me senti muito mais à vontade do que estava me sentindo antes. Então o duque tirou as mãos do pescoço dele e falou:

— Se você negar isso de novo, eu te afogo. Seria melhor você ficar lá falando feito um bebê, era o que você merecia, depois de se comportar daquele jeito. Nunca vi avestruz como você para querer engolir tudo, e eu lá confiando em você o tempo todo, como se fosse o meu pai. Você devia ter vergonha de deixar a culpa com aqueles pobres escravos, sem dizer uma palavra a favor deles. Eu me sinto ridículo de pensar que fui frouxo a ponto de acreditar naquela besteira. Desgraçado, agora entendo porque você quis logo cobrir a diferença. Você queria ficar com o dinheiro que fiz com o Nunca-Visto e mais um pouco, e surrupiar *tudo*!

O rei falou, tímido, e ainda fungando:

— Ora, duque, foi você que sugeriu cobrir a diferença, não eu.

— Cale-se! Não quero ouvir mais a sua voz! — falou o duque. — E agora você viu o que conseguiu com isso. Elas ficaram com todo o dinheiro de volta, e todo o nosso com exceção de uma ou duas moedas. Vá dormir, não me fale mais em diferença nenhuma, pelo resto da vida!

Então o rei foi para a tendinha e pegou sua garrafa para se consolar, e logo o duque pegou a garrafa dele; e assim depois de uma meia hora eles estavam íntimos de novo, e quanto mais pesado dormiam mais amorosos ficavam, e começaram a roncar um nos braços do outro. Eles dois ficaram muito mansinhos, mas reparei que o rei não amansou a ponto de esquecer que tinha que se lembrar de não negar nunca mais ter escondido o saco de dinheiro. Isso me deixou à vontade e satisfeito. Claro que quando eles começaram a roncar nós tagarelamos um bocado, e contei tudo para o Jim.

31.

Nós não paramos mais em nenhuma cidade durante dias e dias — continuamos só descendo o rio direto. Ali já era bem mais o sul e estava calor, e muito longe de casa. Começamos a ver árvores com barba-de-velho, musgos compridos, pendurados nos galhos como barbas grisalhas. Foi a primeira vez que vi esses musgos, e eles deixavam a mata solene e triste. Então por ali os patifes concluíram que estavam livres do perigo, e começaram a trabalhar nas vilas outra vez.

Primeiro eles fizeram uma palestra sobre abstinência, mas não arrecadaram o bastante para os dois se embriagarem. Depois em outra vila começaram a dar aulas de dança, mas não sabiam dançar melhor que um canguru, de modo que no primeiro passo que deram o público em geral deu um passo à frente e colocaram os dois para fora da cidade. Da outra vez eles tentaram dar aulas de oratória, mas não conseguiram orar alto o suficiente e o público levantou e xingou os dois, e mandou embora. Eles arriscaram ainda missionário, hipnotizador, médico, adivinho e um pouquinho de tudo junto, mas parecia que estavam sem sorte. Então, enfim eles estavam falidos e ficavam deitados na jangada que ia descendo o rio, pensando e pensando, e sem falar nunca nada, metade de um dia inteiro, todo dia, e numa tristeza terrível e desesperada.

E enfim eles mudaram um pouco e começaram a deitar com as cabeças juntas na tendinha e a conversar baixinho em segredo duas ou três horas seguidas. O Jim e eu ficamos desconfiados. Não gostamos nada daquilo. Achamos que eles estavam tramando algum tipo de ruindade pior de todas. Ficamos pensando muito o que ia ser, e enfim concluímos que eles iam invadir alguma casa ou algum comércio, ou iam começar a falsificar dinheiro, ou coisa assim. De modo que nessa altura ficamos muito apavorados, e combinamos que nós dois nunca íamos participar daquelas coisas, e na primeira oportunidade que desse íamos dar

o fora e sumir e deixar eles para trás. Bem, um dia bem cedo escondemos a jangada em um lugar bem seguro uns três quilômetros depois de um vilarejo caindo aos pedaços chamado Pikesville, e o rei desembarcou na margem e mandou esconder enquanto ele ia na cidade e farejava para ver se alguém ali já tinha ouvido falar no Nunca-Visto Real. (“Farejar alguma casa para roubar, você quer dizer”, pensei, “e depois de roubar você vai voltar aqui e se perguntar onde eu e o Jim e a jangada fomos — e vai ter que continuar se perguntando porque ninguém vai saber”.) E ele falou que se ele não voltasse até meio-dia, o duque e eu podíamos saber que estava tudo bem e era para irmos também.

Então ficamos onde estávamos mesmo. O duque ficou agitado e nervoso, andando pela jangada, e de um jeito muito mal-humorado. Ele ralhava por qualquer coisa, e nada que fazíamos estava direito para ele, e ele estava achando defeito em tudo. Ali tinha coisa, com certeza. Fiquei bem contente quando deu meio-dia e o rei não voltou, íamos mudar de ares, pelo menos — e talvez fosse uma chance *da* mudança mais importante além de tudo. Então eu e o duque fomos para a vila, e ficamos procurando o rei, e depois de um tempo achamos ele nos fundos de um bar bem pobre, muito bêbado, e com vários vagabundos provocando ele de brincadeira, e ele xingando e ameaçando todo mundo com todas as forças, e tão bêbado que nem conseguia andar, e não conseguia fazer nada contra eles. O duque começou a xingar ele de velho burro, e o rei começou a retrucar, e no instante em que eles começaram com isso e me esgueirei e saí correndo que gastei a sola dos pés, e fugi para o rio como um veado, pois vi ali a nossa chance, e decidi ali que ia demorar um bocado até aqueles dois verem eu e o Jim de novo. Cheguei na beira do rio sem fôlego mas cheio de alegria.

— Desamarre a jangada, Jim! — gritei. — Agora estamos salvos!

Mas não teve resposta, e ninguém saiu da tendinha. O Jim tinha ido embora! Comecei a gritar — depois gritei de novo, e depois de novo. Corri para lá e para cá na mata, gritando e assobiando, mas não adiantou — o velho Jim tinha ido embora. Aí sentei e chorei, não consegui evitar. Mas eu não podia ficar muito tempo parado. Logo eu voltei para a estrada, e tentei pensar no que era melhor fazer, e enquanto corria encontrei um menino caminhando, e perguntei se ele tinha visto um escravo vestido assim e assado.

— Vi.

— Onde foi? — falei.

— Lá no sítio do Silas Phelps, uns três quilômetros rio abaixo. Era um escravo fugitivo, e eles pegaram ele. Você estava procurando ele?

— Claro que não! Eu estava correndo na mata uma ou duas horas atrás quando cruzei com ele, e ele falou que se eu gritasse ele rasgava as minhas tripas, e mandou eu deitar no chão e ficar lá, e fiquei. Estava lá deitado até agora, com medo de sair dali.

— Bem, não precisa mais ter medo, porque prenderam ele. Ele fugiu de algum lugar lá do sul.

— Que bom que prenderam ele.

— Bem, eu acho! Tem duzentos dólares de recompensa por ele. É como achar dinheiro na rua.

— Sim, é mesmo... E eu podia ter ganhado se eu fosse grande o bastante, vi ele primeiro. Quem foi que pegou ele?

— Foi um velho esquisito, um forasteiro, e ele já vendeu o escravo por quarenta dólares, porque ele tinha que subir logo o rio e não podia esperar. Imagine só! Você pode apostar que eu ia esperar nem que fosse sete anos.

— Eu também, eu também. Mas talvez esse escravo não valha mais que isso, se ele vendeu tão barato. Talvez tenha alguma coisa errada nessa história.

— Mas vale, sim, a história é reta como um fio. Eu mesmo vi o cartaz. Descreve direitinho ele, dá detalhes, é como um retrato, e fala de que fazenda ele veio, lá depois de *Newrleans*. Não, não, senhor, não tem nada de errado nessa especulação, pode apostar. Ei, você pode me dar um pouco de tabaco?

Eu estava sem, então ele foi embora. Fui para a jangada, e deitei na tendinha para pensar. Mas não consegui pensar em nada. Achei que ia gastar os miolos até doer, mas não vi saída nenhuma. Depois de toda aquela longa jornada, e depois de tudo que fizemos para aqueles canalhas, tudo aquilo deu em nada, tudo estava estragado e arruinado, porque eles tiveram coragem de aplicar aquele golpe com o Jim, e fazer dele escravo de novo pelo resto da vida, e entre estranhos, por quarenta dólares sujos.

Uma vez pensei comigo que seria mil vezes melhor para o Jim ser escravo em casa com a família dele, uma vez que ele tinha que ser escravo, e então achei melhor escrever uma carta para o Tom Sawyer e pedir para ele contar para a srta.

Watson onde o Jim estava. Mas logo desisti dessa ideia por dois motivos: ela ia ficar furiosa e indignada com a canalhice e a ingratidão dele de ir embora, e então ia vender o Jim rio abaixo outra vez; e se ela não fizesse isso, todo mundo naturalmente despreza um escravo ingrato, e eles iam fazer o Jim sofrer por isso para sempre, e ele ia se sentir sempre vulgar e infeliz. E depois pensei um pouco em mim! Todo mundo ia saber que Huck Finn ajudou um escravo a conseguir a liberdade, e se eu um dia visse alguém da cidade de novo eu ia ter que ajoelhar e lamber as botas da pessoa de vergonha. As coisas são assim mesmo: a pessoa faz uma coisa ruim, e depois não quer sofrer as consequências. A pessoa acha que, enquanto conseguir disfarçar, não vai acontecer nenhuma desgraça. Foi exatamente o que me danou. Quanto mais eu pensava nisso, mais a minha consciência me roía, e mais cruel e ruim e vulgar eu me sentia. E enfim, quando de repente tive um estalo, e vi que era a mão da Providência me batendo na cara e me mostrando que a minha maldade estava sendo assistida o tempo todo lá no céu, enquanto eu estava roubando um escravo de uma pobre mulher que nunca me fez nenhum mal, e agora estava me mostrando que existe um Ser que está sempre de tocaia, e que não vai deixar essas misérias passarem batido além de certo ponto e nem mais um passo. Quase desabei onde estava de tão apavorado que fiquei. Bem, tentei o melhor que podia me aliviar pensando que eu tinha sido mal criado, e portanto não tinha tanta culpa, mas alguma coisa dentro de mim continuava insistindo. “Mas tinha a escola dominical, você podia ter ido, e se tivesse ido ia saber que pessoas que agem como você agiu no caso desse escravo vão para o fogo eterno.”

Isso me fez tremer. E praticamente me fez decidir rezar, e ver se eu não conseguia deixar de ser o tipo de menino que eu era e ser melhor. Então me ajoelhei. Mas as palavras não vieram. Por que não? Não adiantava tentar esconder nada Dele. Nem de mim, também. Eu sabia muito bem por que as palavras não vinham. Era porque o meu coração não estava certo; era porque eu não estava sendo justo; era porque eu estava fazendo jogo duplo. Eu estava fingindo que ia desistir do pecado, mas lá dentro de mim estava insistindo no maior pecado de todos. Eu estava tentando fazer a minha boca falar que eu ia fazer a coisa certa e pura, e que eu ia escrever para a dona do escravo e contar

onde ele estava, mas lá no fundo eu sabia que era mentira, e Ele sabia também. Não dá para rezar mentindo — descobri isso.

De modo que eu estava cheio de problemas, o mais cheio que podia estar, e eu não sabia o que fazer. E enfim tive uma ideia e pensei: “Vou escrever a carta, e depois ver se consigo rezar.” Ora, foi impressionante, o jeito que me senti leve como uma pluma na mesma hora, e todos os meus problemas sumiram. Então peguei papel e lápis, todo contente e animado, e sentei e escrevi:

Srta. Watson, o seu escravo fugitivo Jim está a três quilômetros rio abaixo depois de Pikesville, e o sr. Phelps comprou ele e vai devolver se a senhorita enviar a recompensa.

Huck Finn.

Eu me senti bem e limpo de todo pecado pela primeira vez na minha vida, e eu sabia que agora ia conseguir rezar. Mas não rezei na hora, só deixei o papel de lado e fiquei sentado pensando — pensando em como ia ser bom se tudo acontecesse daquele jeito, e como eu tinha chegado perto de me perder para sempre e ir para o inferno. E continuei pensando. E comecei a pensar na nossa viagem rio abaixo, e eu via o Jim na minha frente o tempo todo: de dia e de noite, às vezes embaixo do luar, às vezes embaixo da tempestade, e nós dois boiando juntos, conversando e cantando e dando risada. Mas de algum jeito parecia que eu não conseguia encontrar nada que pudesse me colocar contra ele, mas só a favor. Eu via ele fazendo o meu turno de sentinela depois do dele, em vez de me acordar, para eu poder continuar dormindo; e via como ele tinha ficado contente quando voltei do nevoeiro; e quando encontrei ele no pântano, lá onde aquelas famílias estavam brigando; e outras vezes também; e como ele sempre me chamava de meu bem, e cuidava de mim e fazia tudo o que pudesse por mim, e como ele sempre tinha sido bom; e enfim lembrei de quando salvei ele falando para aqueles homens que estávamos com varíola na jangada, e ele ficou tão agradecido, e falou que eu era o melhor amigo que o velho Jim já teve na vida, e o único que ele tinha agora; e aí por acaso olhei para o lado e vi aquele papel.

Estava perto. Peguei o papel, segurei na mão. Eu estava tremendo, porque eu tinha que decidir, para sempre, entre duas coisas, e eu sabia disso. Pensei mais

um minuto, prendendo um pouco a respiração, e então falei comigo mesmo:

— Está certo, então, vou mesmo para o inferno — e rasguei o papel.

Foram pensamentos medonhos e palavras medonhas, mas foi o que falei. E não voltei atrás depois de falar, e nunca mais pensei em me regenerar. Tirei tudo da cabeça, e falei comigo que ia voltar a viver na maldade, que era mais a minha linha, sendo criado para aquilo, e não de outro jeito. E para começar eu ia me empenhar para sequestrar o Jim de volta da escravidão; e se eu conseguisse pensar em coisa pior, eu podia também, porque já que eu estava nessa linha, era para valer, e por que não ir direto para o brejo?

Então comecei a pensar como agir, e revirei um bocado de planos na minha cabeça, e enfim escolhi um que me pareceu bom. De modo que aí avistei uma ilha coberta pela mata que ficava um pouco adiante rio abaixo, e assim que ficou escuro suficiente eu me aproximei com a jangada e cheguei lá, e escondi a jangada, e depois dormi lá. Dormi a noite inteira, e acordei antes de clarear, e comi alguma coisa, e pus minhas roupas de reserva, e amarrei outras e mais algumas coisas em uma trouxa, e peguei a canoa e remei até a margem. Cheguei em terra firme mais abaixo de onde eu achava que era o sítio do tal Phelps, e escondi minha trouxa na mata, e depois enchi a canoa de água, e carreguei com pedras e afundei a canoa num lugar onde podia encontrar depois quando precisasse, menos de quinhentos metros abaixo de uma pequena serraria a vapor que ficava na ribanceira.

Dali caminhei até a estrada, e quando passei a serraria vi uma placa, “Serraria do Phelps” e, quando cheguei nas fazendas, uns vinte ou trinta metros adiante, fiquei de olhos atentos, porque eu não queria ver ninguém ainda — eu só queria entender o jeito da propriedade. Pelo meu plano, eu ia aparecer no sítio vindo da vila, não lá de baixo. Então só dei uma espiada, e segui em frente, direto para a cidade. Bem, a primeira pessoa que vi quando cheguei lá foi o duque. Ele estava colando um cartaz do Nunca-Visto Real — três únicas apresentações — como da outra vez. Eles tinham essa cara de pau, aqueles patifes! Eu estava bem na frente dele antes de conseguir desviar. Ele ficou espantado, e falou:

— O-lá! De onde você veio? — falou, contente e ansioso. — Cadê a jangada? Você escondeu em um lugar seguro?

— Ora, era justamente isso que eu ia perguntar para sua graça.

— E por que você ia *me* perguntar? — falou, nada contente.

— Bem, quando vi o rei bêbado ontem pensei: “Não vamos poder levar ele para casa por algumas horas, até ele ficar sóbrio”, então fui vadiar na cidade para passar o tempo e esperar. Um homem veio e me ofereceu dez centavos para ajudar ele a remar um esquife até o outro lado do rio e voltar, para buscar uma ovelha, e então eu fui, mas quando estávamos puxando a ovelha para o esquife, e o homem soltou a corda e foi por trás para empurrar o animal, a ovelha era forte demais para mim e se soltou e fugiu correndo, e fomos atrás dela. Fomos sem cachorro, e então tivemos que cercar a ovelha por toda a região até ela cansar. Só conseguimos cercar ela quando estava escuro, aí trouxemos ela para cá, e fui direto para a jangada. Quando cheguei lá e vi que ela tinha sumido, pensei: “Eles devem ter arranjado confusão e tiveram que fugir, e levaram o meu escravo, que é o único escravo que tenho na vida, e agora estou aqui em terra alheia, e sem nada de meu, nem nada de nada, e sem ter como ganhar a vida.” Então sentei e chorei. Dormi a noite inteira na mata. Mas o que aconteceu com a jangada então? E o Jim? Pobre Jim!

— Desgraça, como vou saber, quero dizer, o que aconteceu com a jangada... Aquele velho louco tinha feito um negócio e conseguido quarenta dólares, e quando achamos ele bêbado os vagabundos tinham apostado moedas de cinquenta centavos com ele e tiraram cada centavo menos o que ele tinha gastado com uísque. E quando levei ele embora ontem tarde da noite e vi que a jangada tinha sumido, falamos: “Aquele malandrinho roubou a nossa jangada e nos deixou na mão, e fugiu rio abaixo.”

— Eu não ia deixar o meu *escravo* para lá, não é? O único escravo que já tive na vida, e minha única propriedade.

— Não tínhamos pensado nisso. A verdade é que acho que começamos a considerar ele também *nosso* escravo. Sim, considerávamos ele assim. Deus sabe como ele nos deu trabalho... Então quando vimos que a jangada tinha sumido e estávamos falidos, não tínhamos mais o que fazer além de aplicar o Nunca-Visto Real mais uma vez. E estou na batalha desde então, duro como uma rocha. Onde estão aqueles dez centavos? Passe para cá.

Eu tinha um bocado de dinheiro, então dei para ele dez centavos, mas insisti que ele gastasse com comida, e me desse um pouco, porque era todo o dinheiro

que eu tinha, e eu não tinha comido nada desde ontem. Ele não falou nada. No minuto seguinte ele virou para mim e falou:

— Você acha que aquele escravo vai nos denunciar? Vamos esfolar ele vivo se ele fizer isso!

— Como ele ia poder denunciar vocês? Ele não fugiu?

— Não! Aquele velho maluco vendeu o escravo, e não dividiu comigo, e o dinheiro acabou.

— *Vendeu?* — falei, e comecei a chorar. — Ora, aquele escravo era meu, e aquele dinheiro devia ser meu. Onde ele está? Quero o meu escravo de volta.

— Bem, não *dá* para ter o seu escravo de volta, então pare com essa choradeira. Olha, *acha* que correria o risco de nos denunciar? Desgraça, não confio em você. Ora, se você nos entregar...

Ele parou, mas nunca vi o duque com uns olhos tão feios antes. Continuei choramingando.

— Não vou entregar ninguém, e não tenho tempo para isso. Tenho que ir e encontrar o meu escravo.

Ele pareceu um pouco chateado, e ficou ali com seus folhetos no braço, pensando, e franzindo a testa.

— Vou te falar uma coisa. Vamos ficar aqui por três dias. Se você jurar que não vai nos entregar, e que não vai deixar o escravo nos entregar, vou te dizer onde encontrar ele.

Então eu jurei.

— Um fazendeiro chamado Silas Ph... — E aí ele parou. Você sabe, ele ia a falar a verdade, mas quando parou daquele jeito, e começou a pensar e repensar, acho que ele mudou de ideia. E mudou mesmo. Ele não quis mais confiar em mim, quis ter certeza que eu ia ficar fora do caminho durante três dias inteiros. Então falou: — O homem que comprou ele se chama Abram Foster, Abram G. Foster, e ele mora a menos de setenta quilômetros daqui no interior, no caminho para Lafayette.

— Tudo bem, consigo caminhar essa distância em três dias. E vou hoje à tarde mesmo.

— Não, não vai, você vai *agora* mesmo. E não perca tempo, nem fique de papo no caminho. Só mantenha a boca fechada e vá direto, que assim você não

arruma confusão *conosco*, está me entendendo?

Essa era a ordem que eu queria receber, e o motivo de eu ter fingido. Eu queria ficar livre para trabalhar nos meus planos.

— Então dê o fora — falou — e você pode contar ao sr. Foster o que bem entender. Talvez você consiga fazer ele acreditar que o Jim é seu escravo, alguns idiotas não exigem documentos... Pelo menos ouvi dizer que tem alguns assim aqui no sul. E quando você contar que o cartaz e a recompensa eram mentira, talvez ele acredite se você explicar qual era a nossa intenção. Agora vá, e conte para ele o que quiser, mas lembre-se de não abrir o bico no caminho daqui *até* lá.

De modo que fui embora, na direção do interior. Não olhei para trás, mas podia sentir que ele estava me olhando. Eu sabia que uma hora ele ia se cansar daquilo. Fui direto para o interior menos de dois quilômetros e parei, aí voltei pela mata na direção do sítio de Phelps. Achei melhor começar logo o meu plano sem demora, porque não queria que o Jim falasse nada até os trapaceiros irem embora. Eu não queria nenhuma confusão com aquele tipo de gente. Eu já tinha visto o bastante daqueles dois, e queria me livrar deles para sempre.

32.

Quando cheguei lá ainda parecia um domingo, parado e quente e ensolarado. Os homens tinham ido para os campos, e tinha aquele zumbido fraco de insetos e moscas no ar que deixa tudo tão solitário como se todo mundo tivesse morrido e ido embora. E se uma brisa sopra e faz tremer as folhas você fica tristonho, porque sente como se fossem espíritos sussurrando — espíritos que já morreram há muitos anos —, e sempre acha que eles estão falando de você. Em geral, isso faz a pessoa também querer estar morta e desistir de tudo.

A propriedade do tal Phelps era um desses sítios pequenos de algodão, e eles são todos iguais. Uma cerca de madeira em volta de oito mil metros quadrados; uma escada de troncos serrados e virados como degraus, como barris de tamanhos diferentes, para passar pela cerca, e para as mulheres pisarem quando forem montar num cavalo; uns trechos gramados abandonados no quintal grande, mas quase tudo sem grama e liso, como um chapéu velho com pelo gasto; uma casa grande de troncos de dois andares para os brancos — toras serradas, com as pontas firmadas com barro ou massa, e essas faixas de lama caiadas de vez em quando; uma cozinha de troncos redondos, com uma passagem grande, aberta mas coberta, junto da casa; um defumador de madeira atrás da cozinha; três cabanas de troncos de escravos enfileiradas do lado do defumador; uma cabaninha isolada junto da cerca dos fundos, e alguns cercados do outro lado; um tonel de lixívia e uma chaleira grande para fazer sabão do lado da cabaninha; um banco do lado da porta da cozinha, com um balde de água e uma abóbora; um cachorro dormindo no sol; mais cachorros dormindo em volta; umas três árvores de sombra em um canto; algumas moitas de groselha e amora perto da cerca; do lado de fora da cerca, uma horta e um plantio de melancia; dali em diante começava o algodão, e depois do algodão era a mata.

Dei a volta e passei pela cerca dos fundos perto do tonel de lixívia, e corri para a cozinha. Quando eu estava a caminho, ouvi um gemido fraco de uma roca de fiar girando, gemendo e sumindo de novo, e aí tive certeza de que preferia estar morto — pois esse é o som mais sorumbático que tem no mundo.

Segui em frente, sem me prender em nenhum plano em particular, mas só confiando que a Providência ia pôr as palavras certas na minha boca quando chegasse a hora, pois eu já tinha reparado que ela sempre punha as palavras certas na minha boca se eu deixava ela sossegada.

Quando cheguei na metade do caminho, primeiro um cachorro veio e depois outro apareceu e veio em mim, e parei e fiquei de frente para eles, sem me mexer. E que festa selvagem eles fizeram! Em menos de um minuto eu era um eixo de uma roda, pode se dizer — os raios eram os cachorros —, uma roda de unz quinze deles bem juntos em volta de mim, com o pescoço e o focinho levantados para mim, latindo e uivando, e tinha mais cachorros ainda vindo — dava para ver outros cachorros pulando as cercas e vindo de todos os cantos.

Uma escrava veio xingando da cozinha com um rolo na mão, gritando “Xô, Tigre! Spot! Sai!” e pegou primeiro um e depois outro pela corrente e eles foram uivando, e o resto foi atrás; e em seguida metade deles voltaram, abanando o rabo em volta de mim, e ficando amigos. Cachorro não tem maldade, na verdade.

E atrás da mulher escrava vinha uma menina escrava com dois meninos escravos pequenos sem roupa nenhuma além de camisas de algodão barato, e eles se agarraram no vestido da mãe, e me espiaram por trás dela, envergonhados, como sempre fazem. E lá veio correndo a mulher branca, com seus 45 ou cinquenta anos, sem chapéu, saindo da casa, com o fuso na mão. E atrás dela os filhinhos brancos dela, agindo do mesmo jeito que os filhinhos escravos. Ela vinha sorrindo tanto que mal conseguia parar de pé.

— É você, finalmente! Você chegou enfim? — falou ela.

Soltei um “Sim, senhora” sem pensar.

Ela me agarrou e me abraçou bem apertado, e então me segurou com as duas mãos e sacudiu e sacudiu, e vieram lágrimas nos olhos dela, que escorreram pelo rosto. Parecia que ela não ia parar nunca mais de abraçar e sacudir.

— Acho que você não ficou muito parecido com a sua mãe como achei que ia ficar — continuou ela. — Mas, por tudo que é mais sagrado, não me importo, estou tão contente de te ver! Querido, meu querido, tenho vontade até de te engolir! Crianças, este é o seu primo Tom! Venham cumprimentar.

Mas as crianças abaixaram a cabeça, e puseram o dedo na boca, e se esconderam atrás dela.

— Lize, depressa, vá preparar um café da manhã bem quente para ele agora mesmo. Ou você comeu no vapor?

Falei que tinha comido no vapor. Aí ela se virou e foi voltando para casa, me levando pela mão, e as crianças vindo atrás. Quando chegamos lá, ela me sentou em uma cadeira de vime, e sentou em um banquinho na minha frente, segurando as minhas mãos, e falou:

— Agora posso dar uma *boa* olhada em você. Meu Deus, estou esperando por isso faz muito, muito tempo, todos esses anos, e finalmente chegou a hora! Estávamos esperando você chegar há uns dois dias. Por que demorou? O vapor encalhou?

— Sim, senhora, o vapor...

— Não me chame de senhora, chame de tia Sally. Onde o vapor encalhou?

Eu não sabia bem o que dizer, porque não sabia se o vapor vinha subindo ou descendo o rio. Mas muitas vezes sigo o instinto, e o meu instinto dizia que era subindo — lá de Orleans. Mas isso também não ajudou muito; pois eu não sabia o nome dos bancos de areia desde lá debaixo. Vi que ia ter que inventar um banco de areia, ou esquecer o nome do banco de areia onde o vapor tinha encalhado... ou... Então me veio uma ideia, e lancei:

— Não foi isso que demorou tanto, isso foi rápido. Acontece que estourou um cilindro.

— Santo Deus! Alguém se machucou?

— Não, senhora. Só matou um escravo.

— Bem, que sorte, porque às vezes machuca alguém. Dois anos trás, no Natal, o seu tio Silas estava vindo de *Newleans* no velho vapor Lally Rook, e estourou um cilindro da caldeira e aleijou um homem. Acho que ele morreu depois. Era batista. O seu tio Silas conhecia uma família em Baton Rouge que conhecia bem a família desse senhor. Sim, agora me lembrei, ele acabou morrendo. A gangrena

espalhou, e tiveram que amputar. Mas nem isso salvou. Sim, foi gangrena — foi, sim. Ele ficou todo roxo e morreu na esperança de renascer na glória. Falaram que foi uma coisa espantosa de se ver. O seu tio foi à cidade todos esses dias para te buscar. E ele foi hoje de novo, não faz nem uma hora. Ele deve estar voltando a qualquer momento. Você deve ter passado por ele na estrada, não passou? Um homem mais velho, com uma...

— Não, não vi ninguém, tia Sally. O vapor parou assim que amanheceu, e deixei minha bagagem no escaler e fui passear na cidade e um pouco pelo interior, para passar o tempo e não chegar aqui muito cedo, e então acabei vindo por trás.

— Com quem você deixou a sua bagagem?

— Com ninguém.

— Ora, menino, vão te roubar!

— Não, onde escondi acho que ninguém vai achar.

— Como você conseguiu tomar café da manhã tão cedo no vapor?

Eu estava pisando em gelo fino.

— O capitão me viu parado ali, e falou que era melhor eu comer alguma coisa antes de desembarcar. Então ele me levou para a cabine dos oficiais, e me deixou comer tudo o que eu quis.

Eu estava ficando tão incomodado que nem conseguia mais ouvir direito. Ficava pensando nas crianças o tempo todo — minha vontade era levar as crianças para um canto e descobrir quem eu era afinal. Mas ninguém podia perceber, e a sra. Phelps continuou falando e falando sem parar. Logo ela me fez sentir um calafrio nas costas, porque ela falou:

— Mas aqui estamos falando, e você ainda não falou nada sobre a minha irmã, nem sobre ninguém. Agora vou guardar a costura um pouco, e vai ser a sua vez. Conte tudo, fale tudo sobre cada um deles, e como estão, e o que andam fazendo, e o que pediram para você me contar, e cada coisinha que lembrar de falar.

Bem, vi que estava em apuros — e dos bons. A Providência vinha do meu lado até ali, mas agora era um banco de areia difícil. Vi que não adiantava nada tentar seguir em frente — eu ia precisar escapar. Então pensei: “Aqui mais uma vez é hora de arriscar e falar a verdade.” E abri a boca para começar, mas ela me agarrou e me escondeu atrás da cama.

— Ele está chegando! Abaixa um pouco mais a cabeça... Assim está bom, não dá para ver você agora. Não deixe ele perceber que você chegou. Vou fazer uma brincadeira com ele. Crianças, não falem nada.

Eu vi que agora sim eu estava enrascado. Mas também não adiantava me preocupar; a única coisa a fazer era ficar quieto, e tentar não estar onde caísse o raio.

Só vi de relance o velho cavalheiro entrando. Depois a cama escondeu ele de mim. A sra. Phelps correu para ele.

— Ele chegou? — perguntou ela.

— Não.

— Santo De-eus! O que será que aconteceu com aquele menino?

— Eu nem imagino — falou o velho cavalheiro. — E devo dizer que estou muito preocupado.

— Preocupado!? Estou quase desesperada! Ele *tem* que ter chegado, e você deve ter passado por ele na estrada sem perceber. Tenho *certeza* disso, alguma coisa me diz que foi isso...

— Ora, Sally, eu *não teria* como não perceber na estrada, *você* sabe disso.

— Mas, oh, meu bem, meu bem, o que a minha irmã vai falar! Ele *tem* que ter chegado. Você que não deve ter visto. Ele...

— Oh, não me deixe mais aflito do que já estou. Não sei mais o que fazer. Já estou perdendo a cabeça, e não tenho vergonha de admitir que estou apavorado. Mas não é possível que ele tenha chegado, pois ele não pode ter vindo sem que eu visse. Sally, é terrível, simplesmente terrível! Sem dúvida aconteceu alguma coisa com o vapor!

— Ora, Silas! Olhe lá, lá na estrada! Não é alguém vindo?

Ele correu até a janela perto da cabeceira, e isso foi a deixa que a sra. Phelps queria. Ela abaixou depressa no pé da cama e me puxou, e eu apareci. E quando ele se virou de volta da janela, lá estava ela, sorridente e corada como uma casa em chamas, e eu parado sem graça e suado do lado. O velho cavalheiro olhou firme para nós.

— Ora, quem é esse?

— Quem você acha que é?

— Eu não faço ideia. Quem é?

— É o *Tom Sawyer*!

Jesus, quase afundo no chão! Mas não deu tempo de trocar duas palavras, o velho me agarrou pela mão e sacudiu, e ficou sacudindo. E o tempo todo a mulher ficou dançando em volta e rindo e chorando, e depois os dois dispararam perguntas sobre Sid, e Mary, e o resto.

Mas se eles estavam alegres, isso não foi nada perto do que eu estava, pois foi como se eu nascesse de novo, de tão alegre que fiquei de saber quem eu era ali. Bem, eles me seguraram ali por duas horas, e enfim, quando o meu queixo já estava cansado que não conseguia mais falar, eu já tinha falado tanto da minha família — quero dizer, da família Sawyer —, como se tivessem seis famílias Sawyer. E expliquei tudo do cilindro que estourou na boca do rio White, e levou três dias para consertar. O que foi bom, e funcionou certinho, porque eles não sabiam o que é que ia levar três dias para consertar na verdade. Se eu tivesse falado que era um parafuso quebrado, ia ter funcionado do mesmo jeito.

Agora eu estava me sentindo muito à vontade por um lado, e muito incomodado por outro. Ser Tom Sawyer era fácil e confortável, e continuou sossegado e confortável até eu ouvir um vapor tossindo rio abaixo. Então pensei comigo mesmo, imagina se o Tom Sawyer desembarca desse vapor agora? E imagina se ele entra aqui dali um minuto, e fala alto o meu nome antes que eu pisque o olho para ele ficar quieto?

Bem, eu não ia aguentar se acontecesse isso, não ia dar certo. Eu tinha que correr para a estrada e encontrar ele no caminho. Então falei para eles que ia até a cidade buscar minha bagagem. O velho cavalheiro quis ir comigo, mas falei que não, eu podia ir de carroça sozinho, e que eu não queria dar mais trabalho para ele.

33.

Então parti na carroça na direção da cidade, e quando eu estava na metade do caminho vi um carroça vindo, e sem dúvida era o Tom Sawyer, e parei e esperei ele chegar. Falei “Espera!” e a carroça parou do lado, e a boca dele ficou aberta feito um baú, e ficou assim. Ele engoliu duas ou três vezes como uma pessoa com a garganta seca.

— Eu nunca te fiz nada de mal — falou ele. — Você sabe disso. Sendo assim, por que quer voltar e me assombrar?

— Eu não voltei nada, nem morri.

Quando ele ouviu a minha voz, ele ficou muito eriçado, mas ainda não ficou satisfeito.

— Não tente me enganar, porque eu não faria isso com você. Palavra de honra agora, você não é um fantasma mesmo?

— Palavra de honra, não sou.

— Bem... eu.... eu... bem, agora está explicado, é claro, mas pelo jeito não dá para entender nada mesmo. Olha, você então nem foi assassinado nem nada?

— Não. Eu nem fui assassinado nem nada. Enganei todo mundo. Vem cá e me belisca se não acredita em mim.

Então ele me beliscou, e aí sim ficou satisfeito, e ficou tão contente de me ver de novo que nem sabia o que fazer. E ele quis saber tudo na mesma hora, porque era uma grande aventura, misteriosa, o tipo de coisa que ele adorava. Mas falei para deixar para depois que eu contava com calma, e falei para o cocheiro da carroça dele esperar. Fomos juntos por um trecho, e falei para ele que estava em apuros, e o que ele achava melhor fazer? Ele falou para deixar ele sozinho um minuto e não interromper. Então ele pensou e pensou.

— Tudo certo, já sei. Leve o meu baú na sua carroça, e finja que é seu, e volte e fique demorando, bem devagar, para só chegar em casa na hora certa. Vou para

a cidade, e depois para a casa deles, para chegar lá uns quinze minutos, meia hora depois de você. E quando eu chegar lá você não precisa demonstrar logo que me conhece.

— Está certo, mas espera um minuto. Tem mais uma coisa, uma coisa que ninguém sabe, só eu. E é o seguinte, tem um escravo aqui que estou tentando sequestrar e libertar da escravidão, e o nome dele é Jim, o Jim da velha srta. Watson.

— O quê!? Ora, Jim está...

Ele parou de falar e ficou pensando.

— Eu já sei o que você vai falar — disse eu. — Você vai falar que isso é uma coisa suja, errada, mas se for, e daí? Sou errado, e vou sequestrar o Jim, e quero que você guarde segredo e não deixe ninguém saber. Vai fazer isso?

O olho dele arregalou.

— Vou te *ajudar* a sequestrar o Jim!

Bem, aí larguei de mão, como se tivesse tomado um tiro. Foi a coisa mais impressionante que já ouvi — e devo dizer que o Tom Sawyer caiu um bocado no meu conceito. Tanto que não acreditei na hora. O Tom Sawyer *ladrão de escravo!*

— Oh, diabos! Você está brincando.

— Não estou brincando coisa nenhuma.

— Bem, então, brincando ou não brincando, se ouvir alguma coisa sobre um escravo fugitivo, não esqueça de lembrar que você não sabe nada sobre ele, e eu não sei nada sobre ele.

Aí pegamos o baú e pusemos na minha carroça, e ele foi na carroça dele e eu fui na minha. Mas, é claro, esqueci de ir devagar porque estava contente e cheio de pensamentos. Então cheguei em casa um pouco depressa demais para a distância da viagem. O velho cavalheiro estava na porta.

— Ora, que maravilha! Quem iria pensar que essa égua fosse capaz disso? Eu devia ter cronometrado o tempo dela — falou ele. — E ela não suou nem na crina, nem na crina. É uma maravilha. Ora, eu não venderia essa égua agora nem por cem dólares, não mesmo, juro. E antes eu teria vendido até por quinze, e acharia justo pelo que ela vale.

Ele só falou isso. Era a melhor alma, a mais inocente que já vi. Mas não foi surpresa, porque ele não era só fazendeiro, era pastor também, e tinha uma igrejinha de troncos nos fundos do sítio, que ele mesmo construiu do próprio bolso, para ser capela e escola, e nunca cobrou nada nos cultos, e isso tinha seu valor também. Bem no sul tinha muito pastor fazendeiro como ele, que faziam a mesma coisa.

Dali meia hora a carroça do Tom parou na escada da frente, e a tia Sally viu pela janela, porque era uma distância de uns cinquenta metros.

— Ora, chegou alguém! Quem será? — perguntou ela. — Ora, acho que é um forasteiro. Jimmy — era o filho dela —, corre e avisa a Lize para pôr outro prato na mesa.

Todo mundo foi correndo para a porta da frente, porque, é claro, nem todo ano chega alguém de fora, e quando chega é uma febre. O Tom já tinha subido a escada e estava indo na direção da casa. A carroça já estava pegando a estrada para a vila, e nós estávamos apertados na porta da frente. O Tom estava usando a roupa comprada, e tinha uma plateia — e isso sempre foi a loucura do Tom Sawyer. Naquela circunstância foi fácil para ele jogar um pouco de estilo, e ele se saiu bem. Ele não era um menino que atravessava um jardim com timidez, feito uma ovelha. Não, ele vinha imponente e importante, como um carneiro. Quando ele chegou na nossa frente, tirou o chapéu com graça e elegância, como se fosse a tampa de uma caixa com borboletas dormindo e ele não quisesse acordar elas.

— Sr. Archibald Nichols, eu presumo? — falou Tom.

— Não, meu garoto — disse o velho cavalheiro —, lamento, mas o cocheiro te enganou. O sítio do Nichols fica uns cinco quilômetros adiante. Entre, entre.

Tom olhou para trás.

— Tarde demais, ele já foi.

— Sim, ele já foi, meu filho, e é melhor você entrar e comer conosco; e depois vamos de carroça levar você até Nichols.

— Oh, não *posso* dar todo esse trabalho, não posso nem pensar nisso. Vou caminhando, não me importa a distância.

— Mas não *vamos* deixar você caminhar, não seria a hospitalidade do sul fazer isso. Entre agora mesmo.

— Oh, *sim*, venha — falou a tia Sally —, não é trabalho nenhum para nós, não é incômodo algum. Você tem que aceitar. São cinco longos quilômetros de terra, e não vamos deixar você ir andando. E, além do mais, já mandei pôr outro prato na mesa quando vi você chegar. Então, você não pode me decepcionar agora. Vamos, venha e sinta-se em casa.

Então o Tom agradeceu com muito carinho e consideração, e se deixou levar, e entrar. E quando ele entrou, falou que era um forasteiro, de Hicksville, Ohio, e que se chamava William Thompson — e aí ele abaixou a cabeça de novo.

Bem, ele continuou falando, e falando, inventando coisas sobre Hicksville e todas as pessoas de lá que ele conseguiu inventar, e fui ficando um pouco nervoso e pensando em como aquilo ia me ajudar a sair da lama. Enfim, ainda falando sem parar, ele chegou perto da tia Sally e deu um beijo bem na boca dela, e então voltou a sentar bem confortável na cadeira, e continuou falando, mas ela levantou e limpou a boca com as costas da mão.

— Seu cãozinho audacioso! — gritou ela.

Ele pareceu um pouco sentido.

— Essa sua reação é uma surpresa, dona.

— Surpresa?! Ora, o que você pensa que eu sou? Tenho um nome a zelar e... Diga, o que você tem na cabeça para me beijar desse jeito?

Ele ficou um pouco humilhado.

— Não foi por mal, dona. Não foi minha intenção. Não foi por mal. Eu... eu... achei que a senhora ia gostar.

— Ora, seu maluco! — Ela pegou o fuso, e ficou olhando para ele como se fosse a única coisa que a impedisse de bater nele com aquilo. — O que te fez pensar isso?

— Bem, sei lá... Só que... me falaram que você ia gostar.

— Falaram que eu ia gostar. Quem falou isso deve ser *outro* maluco. Não tem o menor cabimento. Quem falou isso?

— Ora, todo mundo. Todo mundo falou isso, dona.

Ela fez o que pôde para se controlar, mas piscou os olhos, e os dedos ficavam se mexendo como se ela quisesse arranhar ele.

— Quem é todo mundo? Diga logo nomes, ou o mundo terá um idiota a menos agora mesmo.

Ele levantou e ficou aflito, e pegou o chapéu.

— Sinto muito, não era o que eu esperava. Falaram para eu fazer isso. Foi o que me falaram para fazer. Todo mundo falou: dê um beijo nela. E falaram que você ia gostar. Foi o que todo mundo me falou, todo mundo. Mas sinto muito, dona, não faço mais isso. Juro, sinceramente.

— Não vai mais fazer, vai? Bem, quero crer que não vai mesmo!

— Não, dona, juro, não vou mais beijar a senhora nunca mais. Só se a senhora pedir.

— Se eu *pedir*?! Bem, essa é a primeira vez que ouço isso em todos esses anos! Você vai ser velho como Matusalém, sua mula manca, antes que eu peça um beijo seu, ou de outros da sua laia.

— Bem, isso é uma surpresa para mim. Não consigo entender mesmo. Falaram que a senhora ia gostar, e achei que a senhora ia gostar. Mas... — Ele parou e olhou devagar para os lados, como se quisesse encontrar um olhar amigo na sala, e falou para o velho cavalheiro: — O *senhor* não achou que ela ia gostar do meu beijo?

— Ora, não. Eu... Eu... Bem, não, acho que eu não gostei. — Aí ele olhou para mim do mesmo jeito, e falou: — Tom, *você* também não achava que a tia Sally ia abrir os braços e falar “Sid Sawyer...”

— Meu Deus! — falou ela, levantando e correndo até ele —, seu malandrinho abusado, me enganar desse jeito... — E ia abraçar ele, mas ele afastou ela.

— Não, só se você me pedir outro beijo primeiro.

Então, ela não perdeu tempo e pediu logo, e abraçou e beijou ele muitas e muitas vezes, e depois passou ele para o velho, e ele pegou a sobra. E depois que eles ficaram quietinhos de novo, ela falou:

— Ora, pobre de mim, nunca imaginei uma surpresa dessas. Nós dois ficamos espantados. Não estávamos sabendo que você vinha, só o Tom. A minha irmã não me escreveu dizendo que você também vinha.

— É porque não era mesmo para eu vir, só o Tom, mas insisti e insisti, e no último minuto ela me deixou vir também. Então, quando estávamos descendo o rio, eu e o Tom achamos que ia ser uma bela surpresa ele chegar primeiro, e eu vir um pouco depois e aparecer de repente, e fingir ser um forasteiro. Mas foi um erro, tia Sally. Aqui não é um lugar seguro para forasteiros.

— Não, nem para cãesinhos atrevidos, Sid. É melhor antes você pôr uma mordança nessa boca. Nem me lembro a última vez que fiquei tão alterada. Mas não me importo, não faz diferença, prefiro cair em mil piadas dessas e ter vocês dois aqui. Bem, e que atuação! Não vou negar, fiquei quase podre de espanto quando você me deu aquele beijo estalado.

Comemos na passagem aberta entre a casa e a cozinha, e naquela mesa tinha comida suficiente para sete famílias — e tudo quente, ainda por cima. Nada daquelas carnes feias que ficaram no armário de um porão úmido a noite inteira e tem gosto de perna de canibal fria do dia seguinte. O tio Silas fez uma oração um bocado comprida para a comida, mas ela merecia, e não esfriou nem um pouquinho, como eu já vi acontecer com esse tipo de demora muitas vezes. Todo mundo conversou um bocado aquela tarde inteira, e eu e o Tom ficamos atentos o tempo todo, mas não adiantou, eles não tocaram no assunto de escravo fugitivo, e ficamos com medo de falar nisso. Mas, no jantar, um dos garotinhos falou:

— Papai, o Tom e o Sid e eu podemos ver o espetáculo?

— Não — falou o velho—, acho que não vai ter mais espetáculo nenhum, e mesmo que tivesse vocês não iam porque o escravo fugitivo contou para Burton e para mim sobre esse espetáculo escandaloso, e Burton falou que ia contar para todo mundo. Então, acho que expulsaram aqueles vagabundos abusados da cidade antes da estreia.

Então era isso! Mas eu não pude fazer nada. O Tom e eu íamos dormir no mesmo quarto e na mesma cama, então, quando ficamos cansados, demos boa-noite e fomos deitar logo depois de comer, e pulamos pela janela e descemos pelo para-raio, e corremos para a cidade, pois eu sabia que ninguém ia dar uma chance para o rei e para o duque, e se eu não fosse depressa e desse apenas uma chance para eles, eles iam estar perdidos, sem dúvida.

No caminho, o Tom me contou tudo, que achavam que eu tinha sido assassinado, e que logo o meu pai sumiu da cidade, e nunca mais voltou, e o alvoroço que foi quando o Jim fugiu. E contei tudo para o Tom, dos nossos canalhas do Nunca-Visto Real, e o máximo que deu da viagem de jangada. E quando chegamos na cidade e passamos pelo centro, já eram umas oito e meia da noite, e aí veio um bando de gente com tochas, e uma gritaria e um berreiro

medonho, e panelas batendo e cornetas tocando, e pulamos de lado para deixar o povo passar, e quando eles passaram vi que eles tinham amarrado o rei e o duque num pau — isto é, eu sabia que era o rei e o duque, mas eles estavam cobertos de alcatrão e penas, e não parecia uma criatura humana desse mundo — eles pareciam duas plumas gigantes de chapéu de soldado. Bem, fiquei mal só de ver aquilo, e senti pena daqueles pobres patifes desgraçados, parecia que eu não tinha mais nada contra eles. Foi uma coisa pavorosa de se ver. O ser humano é capaz de ser de uma crueldade medonha um com o outro.

Vimos que chegamos tarde demais, não tinha nada que desse para fazer. Perguntamos a alguns homens que chegavam depois na multidão, e eles falaram que todo mundo tinha ido assistir o espetáculo na maior inocência, e todo mundo sentou e ficou tudo escuro até aparecer o rei no meio dando piruetas no palco, aí alguém deu um sinal, e o povo todo levantou e foi para cima deles.

Então voltamos para casa, e eu já não estava mais me sentindo tão mal quanto antes, mas estava me sentindo como sempre, e humilhado, e culpado de algum jeito — mesmo sem ter feito nada. Mas é sempre assim, não faz diferença se você faz o certo ou o errado, a consciência de uma pessoa não faz o menor sentido, ela sempre vem amolar não importa o que a pessoa fez. Se eu tivesse um cachorro amarelo que tivesse a mesma consciência de uma pessoa, eu matava ele envenenado. Ela ocupa mais espaço que todo o resto das tripas dentro da pessoa, e ainda assim não adianta nada, mesmo. O Tom Sawyer falou a mesma coisa.

34.

Nós paramos de falar e começamos a pensar. Até que o Tom falou:

— Olha, Huck, como fomos burros de não pensar nisso antes! Aposto que sei onde está o Jim.

— Jura?! Onde?

— Naquela cabaninha perto do barril de lixívia. Ora, olha só. Onde sentamos para comer, você não viu um escravo entrar lá com comida?

— Vi.

— Para quem você acha que era aquela comida?

— Para o cachorro.

— Foi o que pensei também. Bem, não era para o cachorro.

— Por que não?

— Porque uma das comidas era melancia.

— Era mesmo, reparei. Bem, essa foi a melhor de todas, nunca pensei que cachorro não come melancia... Isso mostra como a pessoa pode ver e não ver ao mesmo tempo.

— Bem, o escravo abriu um cadeado quando entrou, e trancou de novo quando saiu. Ele trouxe uma chave quando nos levantamos da mesa, aposto que é a mesma chave. A melancia indica um homem, o cadeado um prisioneiro, e não é provável que tenha dois prisioneiros em uma fazendinha pequena dessa, onde as pessoas são tão gentis e bondosas. O prisioneiro é o Jim. Tudo bem, fico contente porque descobrimos isso como detetives, eu não ia gostar de descobrir isso de outro jeito. Agora pense um pouco, e imagine um plano para salvar o Jim, e vou imaginar outro também, e aí escolhemos o que acharmos melhor.

Que cabeça aquele menino tinha! Se eu tivesse a cabeça do Tom Sawyer, eu não trocava nem para ser um duque ou um imediato de vapor, nem para ser palhaço de circo, por nada que consigo pensar. Comecei a bolar um plano, mas

só para fazer alguma coisa, porque eu sabia muito bem de onde ia sair o melhor plano.

— Pronto? — perguntou Tom.

— Pronto.

— Está certo, pode falar.

— O meu plano é o seguinte. Vai ser fácil descobrir se é o Jim que está lá dentro. Aí vou pegar a minha canoa amanhã à noite, e trazer a minha jangada lá da ilha. Aí na primeira noite sem lua roubamos a chave da cinta do velho depois que ele dormir, e fugimos rio abaixo na jangada com o Jim, escondendo de dia e viajando de noite, do jeito que eu e o Jim fazíamos antes. Você não acha que o meu plano vai funcionar?

— *Funcionar?* Ora, sem dúvida que funcionar funciona, feito uma briga de ratos. Mas é de uma simplicidade desgraçada: não tem nenhuma graça. De que adianta um plano que só tem isso de difícil? É sem graça como leite de ganso. Ora, Huck, ia ter tanta aventura quanto invadir uma fábrica de sabão.

Nem falei nada, porque eu não estava esperando nada diferente daquilo, mas eu sabia muito bem que assim que o plano dele ficasse pronto, não ia ter nenhuma objeção desse tipo.

E não teve mesmo. Ele me contou o plano dele, e vi na hora que era quinze vezes melhor que o meu em termos de estilo, e o Jim ia acabar livre como no meu plano, e além do mais talvez nós três acabássemos mortos. De modo que fiquei satisfeito, e falei que ia entrar de cabeça. Não quis contar aqui qual era o plano dele, porque eu sabia que o plano não ia continuar o mesmo até o fim. Eu sabia que o plano ia mudar a toda hora conforme as coisas fossem acontecendo, e ele ia ficar acrescentando mais valentia sempre que tivesse uma chance. E foi exatamente isso que ele fez.

Bem, uma coisa era certeza absoluta, e era que o Tom Sawyer estava falando sério, e ia mesmo ajudar a salvar um escravo da escravidão. Isso para mim foi um pouco demais da conta. Ali estava aquele menino respeitável e bem educado, e que tinha uma reputação a perder, e uma família respeitável em casa, e que era brilhante e não um cabeça de bagre, e sabido e não ignorante, e que não era malvado, mas bondoso, e mesmo assim ali estava ele, sem mais nenhum orgulho, ou virtude, ou compaixão, largando o que tinha que fazer, e

envergonhando a si mesmo, e a família dele, na frente de todo mundo. Isso eu não *conseguia* entender de jeito nenhum. Era uma barbaridade, e eu sabia que tinha que falar isso para ele; e ser assim um amigo de verdade, e pedir que ele largasse o plano no ponto onde estava e se salvasse. E comecei a falar isso para ele, mas ele me calou a boca.

— Você acha que não sei o que estou prestes a fazer? Geralmente não sei o que estou fazendo?

— Sabe.

— Já não falei que ia ajudar a salvar esse escravo?

— Falou.

— *Pois bem*, então.

Isso foi a única coisa que ele falou, e foi a única coisa que falei. Não adiantava falar mais nada, porque quando ele falava que ia fazer uma coisa, ele sempre fazia essa coisa. Mas eu não conseguia entender como ele ia fazer aquilo. Então deixei andar, e não me preocupei mais com isso. Se ele estava decidido a agir assim, eu não tinha mais o que fazer.

Quando voltamos a casa estava escura e quieta, então descemos até a cabana ao lado do barril de lixívia para dar uma olhada. Passamos pelo quintal para ver o que os cachorros iam fazer. Eles já nos conheciam, e só fizeram aquele barulho que os cachorros do interior sempre fazem quando alguém chega à noite. Quando chegamos na cabana, demos uma olhada na frente e dos dois lados. E no lado que eu ainda não tinha visto — que era o norte — achamos um buraco de janela quadrado, bem no alto, só com uma tábua grossa pregada atravessada.

— Aí está nossa entrada — falei. — Esse buraco é grande o bastante para o Jim passar se arrancarmos a tábua.

— É fácil como fazer três seguidos no jogo da velha, fácil como matar aula. Espero que achemos um jeito um pouco mais complicado que esse, Huck Finn.

— Bem, então, que tal eu serrar por dentro, como fiz quando fui assassinado daquela vez?

— Agora melhorou. É um jeito realmente misterioso, e complicado e bom, mas aposto que podemos achar um jeito que demore o dobro disso. Não há pressa nenhuma, vamos continuar tentando.

Entre a cabana e a cerca, nos fundos, tinha uma cobertura que juntava a cabana pelo beiral, e era feita de tábuas. Era comprida como a cabana, mas estreita — menos de dois metros de largura. A porta ficava no lado sul, e tinha um cadeado. O Tom foi até a chaleira de fazer sabão e procurou em volta, e trouxe um pedaço de ferro que usavam para tirar a tampa. Então ele pegou e arrombou um dos elos. A corrente caiu, e abrimos a porta e entramos, e fechamos, e riscamos um fósforo, e vimos que a cabana só tinha sido construída encostada na outra mas não tinha nenhuma conexão com ela, e não tinha piso na cabana, nem nada ali além de enxadas e pás e picaretas velhas e um arado quebrado. O fósforo apagou, e saímos, e colocamos a corrente de volta, e a porta ficou tão bem trancada como antes. O Tom ficou animado.

— Agora está tudo certo. Vamos tirar ele de lá cavando. Vai levar mais ou menos uma semana!

Aí fomos de volta para a casa, e fui pela porta dos fundos — era só puxar um trinco de couro, porque eles não trancavam as portas, mas isso não era romântico o bastante para o Tom Sawyer. Ele não ia ficar satisfeito se não escalasse pelo para-raios. Depois de três tentativas, que ele falhou e caiu nas três, e na última quase caiu de cabeça e esmaga os miolos, pensou em desistir, mas depois de descansar um pouco ele resolveu tentar mais uma vez para dar sorte, e dessa vez conseguiu.

De manhã, acordamos quando raiou o dia, e descemos para as cabanas dos escravos para cuidar dos cachorros e fazer amizade com o escravo que levava comida para o Jim — se é que aquela comida era para o Jim. Os escravos ainda estavam fazendo o café da manhã e saindo para trabalhar nos campos, e o escravo que cuidava do Jim estava enchendo uma panela de lata com pão e carne e coisas. Enquanto os outros iam saindo, alguém da casa chegou com a chave.

Esse escravo tinha uma cara boa, risonho, e o cabelo dele era todo amarrado em tufo com linha. Isso era para afastar bruxaria. Ele falou que as bruxas estavam terríveis com ele nas últimas noites, fazendo ele ver todo tipo de coisas estranhas, e ouvir todo tipo de palavras e barulhos estranhos, e que ele achava que nunca tinha ficado tanto tempo enfeitado antes. Ele ficou tão agitado e começou a falar sem parar dos problemas dele, que esqueceu o que tinha ido fazer.

Então o Tom perguntou:

— Para quem é essa comida? Você vai dar para os cachorros?

O escravo deu um sorriso que foi aumentando aos poucos no rosto, como quando você atira uma pedra em uma poça da lama.

— Sim, seu Sid, um cachorro. Um cachorro curioso, também. Vocês querem entrar para ver?

— Queremos.

Eu puxei o Tom de lado.

— Você vai entrar lá agora em plena luz do dia? — sussurrei. — Não era esse o plano.

— Não, não era, mas *agora* é.

Então, dane-se, fomos em frente, mas não gostei muito daquilo. Quando entramos não dava para ver quase nada, de tão escuro que estava, mas o Jim estava lá, com certeza, e podia nos ver.

— Ora, *Huck*! E, meu Deus! Esse não é o sr. Tom? — falou Jim.

Eu sabia que ia ser assim, eu já estava esperando. Eu não sabia o que fazer, e se eu soubesse não ia conseguir fazer, porque aquele escravo interrompeu.

— Ora, por tudo que é mais sagrado! Ele conhece os senhores? — quis saber o escravo.

Nessa hora já dava para enxergar bem. O Tom olhou para o escravo, firme e pensativo.

— *Quem* nos conhece?

— Ora, esse escravo fugitivo.

— Acho que não; mas por que você acha isso?

— Por que *acho* isso? Ele não acabou de falar que conhecia?

— Bem, isso é muito estranho. *Quem* falou o quê? *Quando* ele falou? *O que* foi que ele falou? — E ele virou para mim, calmo, e falou: — Você ouviu alguém falar alguma coisa?

É claro que não tinha outra coisa que falar além do que eu falei, que foi:

— Não, eu não ouvi ninguém falar nada.

Então, ele virou para o Jim, e olhou para ele como se nunca tivesse visto ele antes.

— Você falou alguma coisa?

— Não, senhor — disse Jim —, não falei nada, senhor.

— Nem uma palavra?

— Não, senhor, não falei nada.

— Você já nos conhecia?

— Não, senhor, que eu saiba, não.

Aí o Tom virou para o escravo, que estava com uma cara de desesperado e aflito, e falou, um pouco severo:

— Qual será o seu problema, afinal? O que te fez pensar que alguém falou alguma coisa?

— Oh, são essas malditas bruxas, senhor, quero morrer, quero mesmo. Elas sempre faz isso, senhor, e quase me matam de tanto susto. Por favor, não fala pra ninguém sobre isso, senhor, ou o seu Silas vai ralhar comigo, porque ele fala que *não* tem bruxa. Como eu queria que ele estivesse aqui agora... Aí o que ele ia falar?! Aposto que ele não ia ter como escapar *dessa* agora. Mas é sempre assim. Homem direito continua direito. Nunca aparece nada pra eles sozinhos, e quando você vê uma coisa e vai contar pra eles, eles não acreditam.

O Tom deu uma moedinha para ele, e falou que não íamos contar para ninguém, e mandamos ele comprar mais linha para amarrar o cabelo. Aí olhou para o Jim.

— Estou pensando se o tio Silas vai enforcar esse escravo. Se eu pegasse um escravo ingrato o bastante para fugir, eu não ia desistir até enforcar. — E quando o escravo chegou perto da porta para olhar para a moedinha e morder para ver se era de verdade, o Tom sussurrou para o Jim: — Não deixe ninguém perceber que você nos conhece. E se você ouvir alguém cavando à noite, somos nós. Vamos te libertar.

O Jim só teve tempo de agarrar a nossa mão e apertar. Aí o escravo voltou, e falamos que íamos voltar outra hora se ele quisesse. E ele falou especialmente se estiver escuro, porque as bruxas atacavam ele quase sempre no escuro, e era bom ter companhia nessas horas.

35.

Ainda ia demorar quase uma hora para o café da manhã, então saímos e fomos até a mata, porque o Tom falou que íamos precisar de luz para ver como cavar, e uma lanterna era luz demais, e talvez criasse problemas para nós — o que precisávamos era de um monte de pedaços de madeira podre com cogumelos luminosos, e que têm um brilho suave quando ficam no escuro. Pegamos uma braçada cada um e escondemos na moita, e sentamos para descansar, e o Tom falou, meio insatisfeito: — Desgraça, está tudo muito fácil e sem graça demais. E assim fica muito difícil pensar em um plano difícil. Nenhum sentinela para ser envenenado, aqui devia ter um sentinela. Não tem nem um cachorro para dar uma poção sonífera. E o Jim ali só está com corrente em uma perna, e uma corrente de três metros, presa no pé da cama. Ora, é só levantar um pouco a cabeceira e soltar a corrente. E o tio Silas confia em todo mundo, deixa aquele escravo cabeça de abóbora ficar com a chave, e não põe ninguém para vigiar. O Jim até pode ser que saia pela janela antes disso, só que não adianta tentar viajar com três metros de corrente na perna. Ora, dane-se, Huck, é o plano mais estúpido que já vi. Temos que inventar todas as dificuldades. Bem, não tem o que fazer, temos que fazer o melhor possível com o material que temos. Seja como for, uma coisa é certa: é mais honrado tirar ele com muitas dificuldades e perigos, mas eles é que tinham obrigação de criar as dificuldades, e não nós mesmos inventar tudo da nossa própria cabeça. Por exemplo, essa coisa da lanterna. Pensando friamente, vamos fingir que a lanterna é arriscada. Ora, daria para trabalhar aqui com uma procissão de tochas, se quiséssemos, acho. Agora, pensando nisso, vamos precisar de alguma coisa para fazer uma serra na primeira oportunidade que aparecer.

— Para que vamos precisar de uma serra?

— Para que vamos precisar? Não vamos precisar serrar o pé da cama do Jim para soltar a corrente?

— Ora, você acabou de falar que dava para levantar a cabeceira e soltar a corrente...

— Bem, isso é bem típico da sua parte, Huck Finn. Você sempre quer fazer as coisas do jeito mais escolar e infantil. Ora, nunca leu um livro? O Barão Trenck, ou Casanova, nem o Benvenuto Chelleeny, nem Henrique IV, nem nenhum desses heróis? Onde já se viu soltar um prisioneiro desse jeito como se fôssemos duas velhas criadas? Não, o jeito mais autorizado é serrar o pé da cama em dois, e deixar na posição, e comer a serragem, para ninguém perceber, e sujar um pouco com barro e cera no lugar serrado para que nem o mais sagaz senescal possa notar nenhum sinal de ter sido serrado, e pense que o pé da cama está perfeito. Aí, na noite em que estiver tudo pronto, você dá um chute no pé da cama, e ela cai. Você tira a corrente, e está livre. A única coisa a fazer é prender a sua escada de cordas nas ameias, descer, quebrar a perna no fosso, porque a escada de cordas é quase seis metros mais curta, sabe, e lá estarão os seus cavalos e seus vassalos leais, e eles te pegam e te jogam em cima de uma sela, e lá vai você para a sua terra natal, Languedoc ou Navarra, ou onde quer que seja. É uma beleza, Huck. Quem dera tivesse um fosso nessa cabana. Se der tempo, na noite da fuga, vamos cavar um...

— Para que fosso se vamos tirar ele por baixo da cabana?

Mas ele nem me ouviu. Ele esqueceu de mim e de tudo. Ele estava com a mão no queixo, pensando. Logo, deu um suspiro e balançou a cabeça, aí suspirou de novo.

— Não, não ia adiantar, não há tanta necessidade disso.

— Disso o quê?

— Ora, de serrar a perna do Jim.

— Jesus! Ora, não tem mesmo nenhuma necessidade de uma coisa dessas. E para que você ia querer serrar a perna dele, aliás?

— Bem, muitas autoridades no assunto fizeram isso. Eles não conseguiam soltar a corrente, então cortavam fora a mão e fugiam. E uma perna me parece até melhor. Mas vamos deixar para lá. Não tem tanta necessidade nesse caso, e, além do mais, o Jim é escravo, e não ia entender os motivos, e que é costume na

Europa. Então vamos deixar para lá. Mas uma coisa é certa: ele pode usar uma escada de corda. Podemos rasgar os nossos lençóis e fazer uma escada de corda para ele, é fácil. E podemos mandar para ele dentro de uma torta, quase sempre fazem assim. E já comi tortas piores.

— Ora, Tom Sawyer, do que você está falando? O Jim não vai precisar de escada de corda nenhuma.

— Ele *vai* precisar, sim. “Do que *you* está falando”, você devia ter dito. Não sabe nada desse assunto. Ele precisa ter uma escada de corda, todos eles usam.

— Mas o que diabos ele vai fazer com essa escada de corda?

— *Fazer*? Ele pode esconder embaixo da cama, não pode? É isso que todos fazem, e ele tem que fazer também. Huck, você parece que nunca quer fazer nada direito, quer começar do zero toda vez. Vamos supor que ele não use a escada de corda? Ela não vai ficar embaixo da cama para servir de pista quando ele for embora? E você não acha que eles vão precisar de pistas? Claro que vão. E você não vai deixar nenhuma para eles? Isso não ia ser muito simpático, não é?! Onde já se viu uma coisa dessas...

— Bem, se essas são as regras, e se ele precisa mesmo disso, tudo bem, que tenha, porque não vou querer contrariar nenhuma regra, mas uma coisa é certa, Tom Sawyer: se vamos rasgar lençol para fazer uma escada de corda para o Jim, vamos arrumar confusão com a tia Sally, você pode ter certeza, tão certo como você está aí vivo. Agora, do jeito que vejo a coisa, uma escada de casca de noqueira não custa nada, e não desperdiça nada, e também cabe dentro de uma torta, e no meio de um colchão de palha, como qualquer escada de trapos que você quer fazer. E no caso do Jim, ele não tem nenhuma experiência nisso, de modo que não vai se importar com que tipo de...

— Oh, meu Deus, Huck Finn, se eu fosse ignorante como você eu ficava quieto, é o que eu faria. Onde já se viu prisioneiro escapar com escada de casca de noqueira? Ora, é ridículo.

— Bem, está certo, Tom, faça do seu jeito, mas se quiser meu conselho, espere eu pegar emprestado um lençol do varal.

Ele falou que esperava. E com isso ele teve outra ideia.

— Pegue emprestada uma camisa também.

— Para que vamos precisar de uma camisa, Tom?

— Para o Jim escrever um diário na camisa.

— Diário é a sua vó. *Jim* não sabe escrever.

— Vamos supor que ele não saiba escrever... Ele pode fazer marcas na camisa, não pode? Se fizermos para ele uma pena com uma velha colher de estanho ou um pedaço de um velho aro de barril de ferro?

— Ora, Tom, podemos arrancar uma pena de um ganso e fazer coisa melhor, e mais depressa também.

— *Prisioneiros* não costumam ter gansos correndo na masmorra para arrancar pena, seu tonto. Eles sempre fazem as penas deles de pedaços velhos duros, resistentes e difíceis de candelabros de latão, ou coisas assim que encontram por lá, e demoram semanas e semanas e meses e meses para conseguir, porque eles têm que raspar da parede. Eles nem iam usar uma pena de ganso se tivessem. Não costuma ser assim.

— Bem, pois então, do que vamos fazer a tinta?

— Muitos usam ferrugem e lágrimas, mas isso os mais comuns e as mulheres... As maiores autoridades no assunto usam o próprio sangue. O Jim pode usar sangue, e quando ele quiser enviar um bilheteinho comum misterioso para que o mundo saiba onde é seu cativo, ele pode escrever no fundo de um prato de lata com um garfo e jogar o prato pela janela. O Máscara de Ferro sempre fazia isso, e é um jeito muito bom.

— Jim não tem prato de lata. Eles trazem a comida dele numa panela.

— Isso não é nada, podemos arranjar alguns para ele.

— Ninguém consegue ler esses pratos.

— Isso não tem nada a ver com o caso, Huck Finn. A única coisa que ele tem que fazer é escrever no prato e jogar pela janela. Você não precisa conseguir ler o prato. Ora, metade das vezes não se consegue ler o que um prisioneiro escreve em um prato de lata, nem em nenhum outro lugar.

— Bem, então, qual é o sentido de desperdiçar pratos?

— Ora, dane-se, não são do prisioneiro esses pratos.

— Mas são pratos de alguém, não?

— Bem, e se for? Por que o prisioneiro ia se importar de quem...

Ele parou a frase no meio, porque ouvimos o chamado para o café da manhã. Então voltamos correndo para a casa.

Naquela mesma manhã, peguei um lençol e uma camisa branca emprestado do varal, e achei um velho saco para guardar dentro, e fomos lá para a mata e pegamos cogumelos luminosos, e pusemos dentro do saco também. Falei “emprestado” porque é como o meu pai sempre falava, mas o Tom falou que não era emprestado, era roubado. Ele falou que estávamos interpretando prisioneiros, e prisioneiros não se importam como eles pegam uma coisa desde que consigam pegar essa coisa, e ninguém pode culpar eles por isso. Não é crime para um prisioneiro roubar aquilo que ele precisa para escapar, explicou o Tom. É um direito dele, e assim, como estávamos fazendo papel de prisioneiro, tínhamos todo o direito de roubar qualquer coisa daquele lugar que precisássemos para ajudar a fugirmos da prisão. Ele falou que sem ser prisioneiro ia ser muito diferente, e que só alguém muito cruel e vulgar ia roubar sem ser prisioneiro. Então concordamos em roubar tudo que tivesse por perto. E mesmo assim ele criou caso, um dia, depois, porque roubei uma melancia da horta dos escravos e comi. Ele me mandou voltar lá e dar uma moedinha para os escravos sem explicar porquê. O Tom falou que o que ele queria dizer era que podíamos roubar coisas que precisássemos. Bem, falei, eu precisava daquela melancia. Mas ele falou que eu não precisava dela para escapar da prisão, e essa era a diferença. Ele falou que se eu quisesse esconder uma faca na melancia, e passar a melancia para o Jim, para ele matar o senescal com faca, seria tudo bem. Então deixei para lá, se bem que eu não via nenhuma vantagem em fazer papel de prisioneiro se precisava sentar e pensar em todas aquelas letrinhas miúdas gravadas a ouro toda vez que tinha uma chance de devorar uma melancia.

Bem, como eu ia dizendo, esperamos naquela manhã até todo mundo começar com seus afazeres, e até não ter mais ninguém à vista no quintal. Aí o Tom levou o saco para a cobertura ao lado da cabana enquanto eu ficava vigiando. Até que ele saiu, e fomos e ficamos conversando na pilha de lenha.

— Está tudo certo agora, menos as ferramentas — comentou Tom. — E isso é fácil de resolver.

— Ferramentas?

— Sim.

— Ferramentas para quê?

— Ora, para cavar. Não vamos cavar com a unha, vamos?

— Mas já não temos picaretas velhas e outras coisas suficientes para cavar e salvar um escravo?

Ele virou para mim com tanta pena que dava vontade de chorar.

— Huck Finn, onde já se viu prisioneiro ter picaretas e pás, e todas as conveniências modernas no guarda-roupa para cavar e escapar? Agora quero que você me responda, se é que você pode ser razoável, que tipo de espetáculo isso seria para um herói? Ora, era melhor dar logo a chave para ele e pronto. Picaretas e pás... Ora, não iam dar isso nem para um rei.

— Bem, então, se não vamos usar picareta nem pá, o que vamos usar?

— Duas facas de cozinha.

— Para cavar por baixo da fundação da cabana?

— Sim.

— Desgraça, isso é loucura, Tom.

— Não faz diferença se é loucura ou não, é o jeito certo, e é o tradicional. E não existe nenhum *outro* jeito, que eu saiba, e já li todos os livros que dão informações sobre essas coisas. Eles sempre cavam com uma faca de cozinha, e nem é por terra, fique sabendo. Geralmente é através de rochas sólidas. E eles levam semanas e semanas e semanas, e ficam nisso eternamente. Ora, veja o prisioneiro do calabouço do Castelo d’If, no porto de Marselha, que escapou cavando assim... Quanto tempo você calcula que ele demorou?

— Eu não sei.

— Bem, tente adivinhar.

— Sei lá... Um mês e meio?

— *Trinta e sete anos*, e ele foi sair na China. Aí sim. Quem dera o chão dessa nossa fortaleza fosse de rochas sólidas.

— *Jim* não conhece ninguém na China.

— O que é que isso tem a ver? Nem o outro sujeito. Mas você está sempre desviando do assunto. Por que você não se concentra no ponto principal?

— Está certo. Não me importa onde ele vai sair, desde que ele saia, e *Jim* também não vai se importar, acho. Mas de qualquer jeito tem um problema aí: *Jim* é velho demais para esperar tanto tempo cavando com faca de cozinha. Ele não vai durar tanto assim.

— Sim, ele vai durar sim. Você não acha que vai levar 37 anos para cavar nesse chão de terra, acha?

— Quanto tempo vai levar, Tom?

— Bem, não podemos correr o risco de demorar o tanto que devia, porque não vai demorar muito para o tio Silas ter notícias de New Orleans. Ele vai saber que o Jim não é de lá. Aí o movimento seguinte vai ser anunciar a venda do Jim, ou coisa parecida. Então não vamos poder arriscar de cavar muito tempo. No mínimo, eu acho, devíamos cavar uns dois anos, mas não podemos. Nesse estado de incerteza, o que eu recomendo é o seguinte: vamos cavar logo, o mais depressa que der, e depois vamos *fingir*, entre nós mesmos, que foram 37 anos. Aí podemos pegar ele e levar ele correndo daqui assim que soar o primeiro alarme. Sim, acho que vai ser o melhor jeito.

— Agora faz *sentido* — falei. — Fingir não custa nada, não causa confusão, e, se não for problema, não me importo de fingir que levou 150 anos. Não me custa nada, desde que funcione. Então agora vou entrar e surrupiar duas facas de cozinha.

— Surrupie três, vamos precisar de uma para serrar.

— Tom, se não for muito feio ou errado sugerir, tem um serrote velho enferrujado ali embaixo da cabana atrás do defumador.

Ele fez uma cara de cansaço e desgosto.

— Não adianta tentar te ensinar nada, Huck. Vai lá dentro e traz logo as facas. Três.

Aí eu fui.

36.

Assim que achamos que todo mundo tinha dormido aquela noite, descemos pelo para-raio, e nos escondemos na cobertura ao lado da cabana, e sacamos nossos punhados de cogumelos luminosos e começamos a trabalhar. Tiramos tudo o que tinha na frente, um metro ou um metro e meio no meio do tronco mais baixo. O Tom falou que ali era logo atrás da cama do Jim, e cavamos ali embaixo, e quando passássemos ninguém na cabana ia perceber que tinha um buraco ali, porque a cobertura da cama do Jim ia quase até o chão, e você ia ter que levantar a cobertura e olhar embaixo da cama para ver o buraco. Então cavamos e cavamos com as facas de cozinha quase até meia-noite, e aí ficamos exaustos, e com as mãos cheias de bolhas, e mesmo assim não parecia que tínhamos cavado quase nada.

— Esse trabalho não vai levar 37 anos, Tom Sawyer, vai levar 38 — comentei.

Ele não falou nada. Mas suspirou e logo parou de cavar, e aí por algum tempo vi que ele estava pensando.

— Não adianta, Huck, não vai dar certo. Se fôssemos prisioneiros de verdade, ia dar certo, porque íamos ter quantos anos quiséssemos, sem pressa. E só íamos ter alguns minutos por dia para cavar, todo dia, quando eles trocassem a guarda, e aí nossas mãos não iam ficar cheias de bolhas, e íamos conseguir continuar cavando, ano após ano, e fazer do jeito certo, e do jeito que tem que ser feito. Mas não podemos ficar de bobeira; temos pressa. Não temos tempo a perder. Se vamos trabalhar mais uma noite desse jeito, vamos precisar esperar uma semana até as nossas mãos sararem... Não vamos conseguir segurar uma faca de cozinha antes disso.

— Bem, então, o que vamos fazer, Tom?

— Eu vou te dizer o que vamos fazer. Não é o certo, e não é moral, e não vou querer que ninguém fique sabendo, mas só tem um único jeito: vamos ter que

cavar com as picaretas para tirar ele de lá, e vamos fingir que são facas de cozinha.

— Agora você está falando a minha língua! A sua cabeça está cada vez mais no lugar, Tom Sawyer. Picareta é o melhor, moral ou não moral. E, para mim, estou me lixando para a moral dessa história agora. Se quero roubar um escravo, ou uma melancia, ou um catecismo, não faço questão de como seja feito, desde que seja feito. O que quero é o meu escravo, ou o que eu quero é a minha melancia, ou o que eu quero é o meu catecismo. E, se o mais fácil é com picareta, é com ela que vou cavar o meu escravo ou a minha melancia ou o meu catecismo, e não dou um rato morto para o que as autoridades no assunto acham disso.

— Bem, em um caso como esse temos desculpa para picareta e para fingir. Se não fosse assim, eu não ia aceitar, e nem ia ficar só olhando e deixar as regras serem quebradas, porque o certo é o certo, e errado é errado, e ninguém tem nada que fazer errado se não é ignorante e sabe das coisas. Talvez você possa cavar com picareta, sem fingir que é faca, porque você não sabe das coisas, mas eu não poderia, porque eu sei. Passe para cá a faca.

Ele já estava com a faca dele na mão, mas mesmo assim passei a minha para ele. Ele jogou no chão.

— Passe para cá a *faca*.

Fiquei sem saber o que fazer, mas aí pensei melhor. Procurei nas velhas ferramentas, e peguei uma picareta e dei para ele, e ele pegou e começou a trabalhar, e não falou mais nada.

Ele era sempre assim detalhista. Cheio de princípios.

Então peguei uma pá, e cavamos e cavamos, reviramos a terra e fizemos a poeira subir. Ficamos naquilo uma meia hora, que foi o máximo que conseguimos, mas fizemos um belo buraco enfim. Quando subi a escada, olhei pela janela e vi o Tom dar tudo de si para escalar o para-raio, mas ele não conseguiu, com as mãos cheias de bolhas.

— Não adianta, não dá. O que acha melhor eu fazer? Acha que tem algum outro jeito? — perguntou.

— Acho que tem, mas não sei se é muito certo. Sobe pela escada, e finge que é o para-raio.

E foi o que ele fez.

No dia seguinte, o Tom roubou uma colher de estanho e um castiçal de latão na casa, para fazer penas de escrever para o Jim, e seis velas de sebo. E fiquei perto das cabanas dos escravos esperando uma oportunidade, e roubei três pratos de lata. O Tom falou que não era o suficiente, mas falei que ninguém nem ia ver os pratos que o Jim jogava, porque eles iam cair nas moitas de erva-doce e embaixo da janela — aí podíamos jogar de volta para ele e ele podia usar os mesmos pratos de novo. Então o Tom ficou satisfeito.

— Agora, o que precisamos estudar é como fazer as coisas chegarem até ele.

— Podemos passar as coisas pelo buraco, quando acabar de cavar.

Ele fez uma cara de desprezo, e falou que nunca tinha ouvido uma ideia tão idiota, e aí ele começou a pensar. Até que ele falou que tinha pensado em dois ou três jeitos, mas não precisava decidir agora qual dos dois era melhor. Ele falou que primeiro tínhamos que avisar o Jim.

Naquela noite, descemos pelo para-raio um pouco depois das dez, e levamos uma das velas, e ficamos escutando embaixo da janela, e ouvimos o Jim roncando. Então jogamos a vela pela janela, e ele não acordou. Então começamos a cavar de novo com a picareta e com a pá, e depois de umas duas horas e meia terminamos o serviço. Entramos pelo buraco e saímos embaixo da cama do Jim do lado de dentro da cabana, e tateamos no escuro e achamos a vela e acendemos, e paramos em pé ao lado do Jim, e vimos que ele parecia forte e saudável, e aí acordamos ele devagar e com delicadeza. Ele ficou tão contente de nos ver que quase chorou, e nos chamou de benzinho, e todos os apelidos carinhosos que consegui pensar, e quis que procurássemos uma talhadeira para cortar a corrente da perna dele ali mesmo na hora, e ir embora sem perder mais tempo. Mas o Tom mostrou para ele como aquilo ia ser errado, e sentou e explicou para ele os nossos planos, e como também podíamos mudar tudo assim que soasse um alarme, e que era para ele não ter medo, porque íamos libertar ele, com certeza. Então o Jim falou que tudo bem, e sentamos ali e ficamos conversando sobre os velhos tempos um pouco, e aí o Tom fez várias perguntas, e quando o Jim falou para ele que o tio Silas vinha todo dia ou dia sim, dia não rezar com ele, e que a tia Sally vinha sempre ver se ele estava confortável e se tinha comida suficiente, e que os dois eram muito bons para ele, o Tom falou:

— Agora já sei como resolver isso. Vamos mandar as coisas para você através deles.

— Não faça isso de jeito nenhum, é uma das ideias mais burras que eu já vi — falei, mas ele nem prestou atenção. Era o jeito dele, quando ele tinha um plano.

Então ele falou para o Jim que íamos esconder a escada de corda na torta e íamos mandar coisas maiores através de Nat, o escravo que trazia a comida, e ele devia ficar atento, e não demonstrar surpresa, e não deixar Nat ver ele abrindo as coisas, e que íamos colocar coisas pequenas nos bolsos do paletó do tio e que ele ia ter que roubar sem o tio perceber, e que íamos amarrar coisas no avental da tia ou esconder no bolso do avental dela, se tivéssemos uma oportunidade. E falou para ele o que iam ser e para que iam servir essas coisas. E falou para ele fazer um diário escrito com sangue no pano da camisa, e tudo isso. Falou tudo para ele. O Jim não entendeu o motivo da maioria dessas coisas, mas admitiu que éramos brancos e sabíamos mais das coisas que ele. Então ele ficou satisfeito, e falou que ia fazer tudo o que o Tom tinha falado.

O Jim tinha um bocado de cachimbos de sabugo e tabaco, então ficamos um bom tempo conversando e fumando. Depois engatinhamos de volta pelo buraco, e fomos dormir, com as mãos parecendo que tinham sido mastigadas. Tom estava bem animado. Ele falou que era a maior diversão que ele já tinha tido na vida, e a mais *intelecutural*, e que por ele podíamos continuar com aquilo pelo resto da vida e deixar o Jim para os nossos filhos salvarem, pois ele achava que o Jim ia começar a gostar cada vez mais daquilo conforme fosse se acostumando. Ele falou que podíamos continuar com aquilo por oitenta anos, e ia ser o salvamento mais longo já registrado. E ele falou que íamos ficar famosos por termos participado disso.

De manhã, fomos até a pilha de lenha e cortamos o castiçal de latão em pedaços que cabiam na mão, e o Tom colocou os pedaços e a colher de estanho no bolso. Então fomos até as cabanas dos escravos, e enquanto eu chamava atenção do Nat, o Tom enfiou um pedaço do castiçal no meio de uma broa de milho que estava na panela do Jim, e fomos com o Nat para ver se ia dar certo, e deu perfeitamente certo. Quando o Jim mordeu a broa, quase quebra todos os dentes, e eu nunca vi nada dar tão certo antes. O Tom também falou a mesma coisa. O Jim não falou nada, só que era um pedacinho de pedra ou coisa assim,

que sempre acaba caindo no pão, sabe. Mas depois disso ele nunca mais mordida nada sem primeiro espetar com o garfo em três ou quatro lugares.

E, enquanto estávamos ali parados na penumbra, dois cachorros vieram pelo buraco debaixo da cama do Jim. E eles continuaram chegando até que ficaram onze cachorros ali, e mal tinha lugar para todo mundo respirar. Jesus, tínhamos esquecido de fechar a porta da cobertura da cabana! O escravo Nat só gritou uma vez “Bruxas”, e ajoelhou no chão no meio dos cachorros, e começou a gemer como se fosse morrer. O Tom abriu a porta e jogou um pedaço da carne do Jim, e os cachorros foram atrás, e em dois segundos ele também saiu e depois voltou e fechou a porta, e sei que ele tinha fechado a outra porta também. Aí ele foi falar com o escravo, elogiando e lisonjeando, e perguntando se ele tinha imaginado coisas outra vez. Ele levantou e piscou os olhos.

— Seu Sid, o senhor vai achar que sou louco, mas se não acho que vi um milhão de cachorros, ou demônios, ou alguém, quero morrer agora mesmo onde estou. Vi, tenho quase certeza. Sr. Sid, senti... senti a presença deles, senhor. Eles tavam bem em cima de mim. Desgraça, eu só queria conseguir pôr as mãos nessas bruxa maldita uma vez só, só uma vez, é só o que eu quero. Mas ainda mais que tudo eu queria que elas me deixasse em paz, juro.

— Bem, vou te dizer o que acho — falou Tom. — O que faz as bruxas virem aqui justo na hora do café da manhã desse escravo fugitivo? É porque elas estão com fome, esse é o motivo. É só você fazer uma torta de bruxa para elas. É a única coisa a fazer.

— Mas, meu Deus, seu Sid, como vou fazer uma torta de bruxa? Não sei fazer isso. Nunca ouvi nem falar numa coisa dessa.

— Bem, então, vou ter que fazer eu mesmo.

— O senhor faz mesmo, meu bem? O senhor vai fazer? Vou adorar o chão que o senhor pisa, se o senhor fizer isso!

— Está certo, vou fazer, por você, e porque você tem sido bom para nós e nos mostrou o escravo fugitivo. Mas você tem que tomar cuidado. Quando voltar, fique de costas. E, enquanto estivermos pondo coisas na panela, finja que não está vendo. E também não olhe quando o Jim for tirar as coisas da panela, pode acontecer alguma coisa, não sei o quê... E mais do que tudo, não mexa nas coisas das bruxas.

— *Mexer nelas*, seu Sid? Do que o senhor está falando? Não vou encostar o dedo nelas, nem por dez cem mil bilhões de dólares.

37.

Estava tudo acertado. Então primeiro saímos e fomos até a pilha de lixo no quintal, onde jogavam botas velhas, e trapos, e garrafas quebradas, e utensílios de lata velhos, e esse tipo de coisa, e procuramos e achamos um tacho velho de lata, e tampamos os furos o melhor que deu, para assar a torta no tacho, e levamos para o porão e enchemos de farinha e corremos de volta para o café da manhã. Depois achamos alguns pregos que o Tom falou que iam ser úteis para o prisioneiro rabiscar o nome e deixar suas tristezas escritas nas paredes da cela, e deixamos um prego no bolso do avental da tia Sally que estava pendurado na cadeira, e o outro enfiamos na fita do chapéu do tio Silas, que estava no escritório, quando ouvimos as crianças falando que o papai e a mamãe tinham ido visitar a cabana do escravo fugitivo de manhã, e fomos para o café da manhã, e o Tom deixou a colher de estanho no bolso do paletó do tio Silas, e a tia Sally ainda não tinha voltado, então tivemos que esperar um pouquinho.

E, quando ela chegou, ela estava vermelha e suada e irritada, e mal esperou fazerem a oração. Ela começou a servir o café com uma mão e a cutucar com o dedal a cabeça da criança mais próxima com a outra.

— Já procurei em toda parte, e não consigo descobrir o que aconteceu com a sua outra camisa.

O meu coração caiu no meio dos pulmões e fígados e coisas assim, e um pedaço de casca de milho entalou na minha garganta e no caminho encontrou uma tosse, e foi lançado por cima da mesa e acertou no olho de uma das crianças. O menino se encolheu feito uma minhoca, e soltou um grito que parecia um grito de guerra, e o Tom ficou meio azul de enjoo, e isso tudo levou no máximo um quarto de um minuto, e eu teria me vendido por metade do preço só para estar longe dali na hora. Mas depois disso ficou tudo bem de novo — foi só a surpresa da coisa que nos deu calafrios.

— É muito curioso, não consigo entender — comentou o tio Silas. — Sei que *tirei* a camisa, porque...

— Porque você está *vestindo* a outra. Do que você está falando... Sei que você tirou, e sei melhor do que a sua memória confusa, porque ontem a camisa estava no varal, vi com meus próprios olhos. Mas agora não está mais, foi isso que aconteceu, em suma, e você vai ter que trocar pela de flanela vermelha até eu ter tempo de fazer outra. E essa vai ser a terceira camisa que faço para você em dois anos. Não é fácil acompanhar o seu ritmo em se tratando de camisas, e como você consegue dar cabo de tanta camisa é algo que não consigo entender também. A essa altura da vida você já devia ter aprendido a ser mais cuidadoso.

— Eu sei, Sally, e faço o melhor que posso. Mas a culpa não é minha de jeito nenhum, porque, sabe, nem vejo as minhas camisas e só mexo nelas quando estou vestido com elas. E acho que nunca perdi uma camisa que estivesse vestindo.

— Bem, a culpa não é sua se não foi você, Silas, mas acho que você teria feito isso se pudesse. E não é só a camisa que sumiu. Sumiu também uma colher, e não é só isso. Antes eram dez, e agora só temos nove. A vaca levou a camisa, talvez, mas a vaca não levaria a colher, *isso é certeza*.

— Ora, o que mais sumiu, Sally?

— Sumiram seis *velas*, isso sim. Os ratos podem ter comidos elas, e acho que foi isso mesmo. Não sei como eles não acabam logo com a casa toda, do jeito que você sempre fala que vai tampar os buracos deles mas nunca tampa. E se os ratos fossem mais espertos eles podiam dormir na sua cabeça, Silas, e *você* nunca ia descobrir, mas não pode culpar os ratos pela *colher*, isso eu sei.

— Bem, Sally, estou em falta com a casa, admito. Tenho sido relapso, mas de amanhã não passa, vou tampar os buracos desses ratos sem falta.

— Oh, não tenha pressa, pode ser no ano que vem... Matilda Angelina Araminta *Phelps*!

O dedal veio zunindo, e a menina tirou a mão do açucareiro e parou de fazer graça. Nesse momento, a escrava veio pelo corredor.

— Senhora, tem um lençol faltando — avisou ela.

— Um *lençol* faltando! Bem, por tudo o que é mais sagrado!

— Vou agora mesmo tampar os buracos dos ratos — falou o tio Silas, tristonho.

— Oh, cale essa boca! Você acha que os ratos levaram o *lençol*? Onde foi que sumiu, Lize?

— Deus sabe que não faço ideia, sra. Sally. O lençol estava no varal ontem mesmo, mas agora sumiu de vez, não está mais lá.

— Acho que é o fim do mundo. Nunca vi nada parecido em todos esses meus anos de vida. Uma camisa, um lençol, uma colher, e seis ve...

— Senhora — veio uma escrava mais moça e mais clara —, sumiu também um castiçal de latão.

— Suma daqui, mocinha, ou te acerto com essa frigideira!

Bem, ela estava furiosa. Comecei a esperar uma oportunidade, achei melhor escapar e ir para a mata até o tempo melhorar. Ela continuou esbravejando sem parar, fazendo a própria revolta sozinha, e todo mundo ficou quieto e cabisbaixo. Enfim o tio Silas, com uma cara de bobo, pescou a colher de dentro do bolso. Ela parou, com a boca aberta e as mãos para o alto. E eu, eu quis estar em Jerusalém ou outro lugar qualquer. Mas não demorou muito.

— Como eu já *esperava*. Quer dizer que estava no seu bolso o tempo todo? É provavelmente as outras coisas também estão aí com você? Como essa colher foi parar aí?

— Eu não sei, Sally — falou ele, como se pedisse desculpas —, ou você sabe que eu falaria. Eu estava estudando o meu sermão, lendo Atos 17 antes do café da manhã, e acho que pus ali, sem perceber, achando que estivesse guardando o meu Novo Testamento no bolso, e deve ser isso, porque o Testamento não está aqui. Mas vou procurar. E se o Testamento estiver onde deixei, vou saber que não fui eu que pus a colher no meu bolso, e isso vai mostrar que deixei o Testamento lá e guardei a colher, e...

— Oh, pelo amor de Deus! Poupe-me! Vá embora daqui, saiam vocês todos daqui, e não chegue perto de mim até eu recuperar a minha paz de espírito.

Dava para ouvir os pensamentos dela — ainda mais porque ela ficou pensando em voz alta —, e levantei e obedeci como se estivesse morto. Quando estávamos saindo da sala, o velho pegou o chapéu, e o prego caiu no chão, e ele recolheu o

prego e deixou no aparador, sem falar nada, e saiu. O Tom viu ele fazer isso e lembrou da colher.

— Bem, não adianta mais enviar coisas para o Jim através *dele*, ele não é confiável — falou ele. — Mas ele nos ajudou com a colher, pelo menos, sem perceber, e então vamos fazer alguma coisa por ele sem que *ele* perceba. Vamos tampar os buracos de rato para ele.

Tinha um bocado de ratos no porão, e ficamos uma hora inteira naquilo, mas fizemos um bom trabalho, limpo e sem falhas. Então ouvimos passos na escada, e apagamos a vela e nos escondemos. E lá veio o velho, com uma vela numa mão e um monte de coisas na outra, com aquela mesma cara alheia como se estivesse pensando no ano retrasado. Ele foi devagar, primeiro até um dos buracos de rato e depois até o outro, até percorrer todos eles. Aí ele parou por uns cinco minutos, recolhendo gotas escorridas da vela e pensando. Aí ele virou devagar e sonhador para a escada.

— Bem, por tudo que é mais sagrado, eu não me lembrava que já tinha feito isso — falou. — Agora eu podia mostrar para ela que a culpa não era minha no caso desses ratos. Mas vamos deixar para lá, já passou. Acho que não ia adiantar nada mesmo.

E lá se foi ele resmungando escada acima, e aí saímos. Ele era um velho muito simpático. Sempre foi e ainda é.

O Tom ficou muito incomodado com a colher, mas falou que íamos precisar dela, então ele começou a pensar. Quando pensou numa solução, ele me contou como íamos fazer. Depois fomos e esperamos perto do cesto onde a tia Sally guardava as colheres, até que vimos ela chegando, e aí o Tom começou a contar as colheres e deixar de lado, e surrupiei uma na manga da camisa, e o Tom falou:

— Ora, tia Sally, ainda tem só nove colheres.

— Vão lá fora brincar, e não me incomodem — disse ele. — Eu sei quantas tem, acabei de contar.

— Bem, contei duas vezes, titia, e das duas vezes deu nove.

Ela parecia sem paciência, mas é claro que veio contar — qualquer um ia querer contar de novo.

— Meu Deus, só tem nove mesmo! — falou ela. — Ora, que diabos! Desgraça de coisas, vou contar de novo.

Então devolvi a que tinha surrupiado.

— Perdoem a confusão, agora tem dez! — disse ela quando acabou de contar.

E fez uma cara melindrada e incomodada.

— Ora, titia, não acho que tenha dez aí.

— Seu tonto, você não me viu contando?

— Eu sei, mas...

— Bem, vou contar mais uma vez.

Então surrupiei uma colher, e a conta deu nove, como da outra vez. Bem, ela estava esbravejando e toda tremendo — ela ficou maluca. Mas ela contou e contou até ficar tão atrapalhada que começou a contar às vezes uma colher a mais no cesto. Assim, três vezes a conta deu dez, e três vezes deu nove. Aí ela pegou o cesto e jogou longe e acertou o gato, que ficou zozzo. E ela falou para todo mundo sair e deixar ela em paz, e que se viéssemos incomodar ela de novo até a hora de comer ela ia nos esfolar vivos. Então ficamos com a colher a mais, e deixamos a colher no bolso do avental enquanto ela nos dava ordens aos berros, e o Jim recebeu a colher, assim como o prego, antes do meio-dia. Ficamos muito satisfeitos com esse negócio, e o Tom admitiu que aquilo valia duas vezes o trabalho que estava dando, porque ele falou que agora ela nunca mais ia conseguir contar as colheres duas vezes com o mesmo resultado por nada nesse mundo, e não ia mais acreditar quando contasse certo. E ele falou que depois que ela contasse até perder a cabeça nos próximos três dias, ele achava que ela ia desistir e querer matar se alguém quisesse que ela contasse de novo.

Então devolvemos o lençol no varal naquela noite, e roubamos um do armário dela, e continuamos devolvendo e roubando de novo por dois dias, até ela não saber mais quantos lençóis tinha em casa, e nem se importar mais, e não querer mais perder a alma naquilo, e não querer mais contar nem que fosse para salvar a própria vida. Ela ia preferir morrer sem contar.

De modo que agora estava tudo certo, quanto à camisa e à colher e às velas, com ajuda da vaca e dos ratos e das contas atrapalhadas; e quanto ao castiçal, não tinha muita importância, ia acabar dando certo.

Mas fazer a torta deu trabalho. Foi uma dificuldade sem fim fazer aquela torta. Resolvemos fazer a torta na mata e assar lá mesmo. Acabamos fazendo, e ficou muito satisfatória, mas não conseguimos fazer tudo em um dia só, e precisamos

usar três panelas cheias de farinha até conseguir, e queimamos a torta toda, em alguns lugares, e enchemos os nossos olhos de fumaça, porque, sabe, só queríamos a crosta de cima, e não era fácil conseguir uma crosta firme, e a crosta sempre murchava e afundava. Mas, é claro, enfim pensamos do jeito certo — que era assar com a escada de corda dentro da torta. Então fomos visitar o Jim na segunda noite, e rasgamos o lençol em tirinhas e trançamos todas as tiras juntas, e muito antes de amanhecer já tínhamos uma bela corda que daria até para enforcar uma pessoa. Fingimos que levou nove meses para fazer.

E um pouco antes do meio-dia levamos a corda para a mata, mas a corda não entrava na torta. Sendo feita de um lençol inteiro, daquele jeito, tinha corda o bastante para quarenta tortas se quiséssemos, e mais um bocado de corda para a sopa, ou salsicha, ou coisa que o valha. Podíamos ter uma refeição inteira de corda.

Mas não precisávamos. Só precisávamos do suficiente para uma torta, e jogamos o resto da corda fora. Não assamos a torta na panela — com medo que a solda derretesse —, mas o tio Silas tinha uma caçarola elegante de latão que ele gostava muito, porque tinha sido de um antepassado dele, com um cabo de madeira comprido, que tinha vindo da Inglaterra com o Guilherme Conquistador a bordo do Mayflower ou um daqueles primeiros navios, e que ficava guardada no sótão com várias outras panelas e coisas de valor, não por terem preço, porque não tinham, mas por serem relíquias, sabe, e surrupiamos a caçarola, sem ninguém ver, e levamos lá para a mata, mas ela falhou nas primeiras tortas, porque não sabíamos como fazia, mas acabou dando certo na última torta. Pegamos a caçarola e cobrimos de massa, e pusamos em cima do carvão, e recheamos com a corda de trapos, e pusamos um teto de massa, e fechamos com a tampa, e pusamos brasas em cima, e recuamos um metro e meio, com o cabo comprido, e ficamos frescos e confortáveis, e em quinze minutos a caçarola virou uma torta que dava gosto só de olhar. Mas a pessoa que fosse comer ia precisar de barris de palitos de dente, porque se aquela escada de corda não lhe desse indigestão não sei o que daria, além de uma dor de estômago que ia durar um bocado.

Nat nem olhou quando pôs a torta de bruxa na panela do Jim, e pusamos os três pratos de lata embaixo da caçarola por baixo da comida. Assim o Jim recebeu

tudo certinho e, quando ele ficou sozinho, enfiou o dedo na torta e escondeu a escada de corda no meio do colchão de palha, e rabiscou algumas marcas em um prato de lata e jogou pelo buraco da janela.

38.

Fazer aquelas penas foi um trabalho aflito e duro, assim como fazer a serra. E o Jim achava que as inscrições iam ser a coisa mais difícil. Era aquilo que o prisioneiro tem que rabiscar na parede. Mas ele tinha que fazer — o Tom falou que ele tinha, não era possível um prisioneiro do estado não rabiscar suas inscrições para deixar sua marca, e o seu brasão de armas.

— Veja por exemplo a Lady Jane Grey — falou ele. — Veja o Gilford Dudley. Veja o velho Northumberland! Ora, Huck, e daí se for muito difícil? O que você vai fazer? Como é possível evitar fazer isso? O Jim vai ter que fazer suas inscrições e o brasão de armas. Todos eles fazem assim.

— Ora, seu Tom, eu não tenho brasão nenhum — contou Jim. — Só tenho essa camisa velha, e o senhor sabe que ainda tenho que escrever o diário nela.

— Oh, você não entende, Jim. O brasão é muito diferente.

— Bem — falei —, seja como for, o Jim tem razão quando ele falou que não tem brasão de armas, é porque ele não tem mesmo.

— Acho que já sabia disso — comentou Tom —, mas pode apostar que ele vai ter um brasão antes de escapar dessa, porque ele vai escapar do jeito *certo*, e não vai ter nenhuma falha na atuação dele.

Então, enquanto eu e o Jim ficamos fazendo penas de lascas duras, o Jim de latão e eu de colher, o Tom se pôs a trabalhar pensando no brasão de armas. Até que uma hora ele falou que tinha inventado vários bons e mal sabia qual escolher, mas tinha um que ele achava o melhor.

— No escudo teremos uma curva em *or* na base dextra, um sautor morado na partição, com um cão, deitado, para a carga comum, e embaixo da pata do cão uma corrente crenada, da escravidão, com *chevron vert* em chefe recortado, e três linhas acanaladas em campo *azure*, com os pontos do nombril rampantes em dentado desramificado. No timbre, um escravo fugitivo, *sable*, com a trouxa no

ombro em uma barra sinistra, e um par *gules* de suporte, que é você e eu. Lema: *Maggiore Fretta, Minore Otto*. Tirei isso de um livro, quer dizer: quanto maior a pressa, menor a velocidade.

— Jesus Cristo, mas o que quer dizer todo o resto?

— Não temos tempo para perder com isso — falou ele. — Agora temos que cavar para valer.

— Bem, seja como for — falei —, o que quer dizer qualquer *um* desses nomes? O que é partição?

— Partição... partição é... você não precisa saber o que é partição. Vou mostrar para ele quando chegar a hora.

— Diabos, Tom. Acho que você podia explicar primeiro. O que é uma barra sinistra?

— Oh, sei lá. Mas ele tem que ter isso. Toda a nobreza tem.

Ele era assim mesmo. Se ele não queria explicar uma coisa, ele não explicava. Você podia insistir com ele uma semana, não fazia a menor diferença.

Ele terminou a coisa do brasão toda, então começou a finalizar o resto da outra parte do trabalho, que era planejar uma inscrição triste — ele falou que o Jim ia precisar de uma, todos eles tinham uma. Ele inventou várias, e escreveu todas em um pedaço de papel, e leu em voz alta, assim:

1. Aqui um coração cativo sucumbiu.
2. Aqui um pobre prisioneiro, esquecido pelo mundo e pelos amigos, amargou sua vida triste.
3. Aqui um coração solitário se partiu, e um espírito exausto descansou, depois de trinta e sete anos de cativo solitário.
4. Aqui, sem lar e sem amigos, após 37 anos de amargo cativo, pereceu um nobre forasteiro, filho natural de Luís XIV.

A voz do Tom tremia enquanto ele estava lendo aquilo, e ele quase chorou. Quando terminou, ele mesmo não conseguiu decidir qual inscrição o Jim devia rabiscar na parede, porque todas eram muito boas, mas enfim ele achou melhor deixar que o Jim rabiscasse todas elas. O Jim falou que ia levar um ano para rabiscar tudo aquilo nos troncos com um prego — ele não sabia fazer letras,

além do mais. Só que o Tom falou que podia recortar as letras para ele, e aí ele só ia precisar preencher as linhas. Aí, logo depois, ele falou:

— Pensando bem, não pode ser em troncos, eles não tinham troncos nas masmorras: vamos ter que fazer as inscrições na rocha. Vamos arranjar uma rocha.

O Jim falou que rocha era pior que tronco, que ia levar tanto tempo para ele escavar as palavras na rocha que ele não ia sair dali nunca. Mas o Tom falou que ia me deixar ajudar ele a escrever. Aí ele veio ver como eu e o Jim estávamos nos saindo com as penas. Era um trabalho muito entediante e demorado, e as minhas mãos não pareciam ter melhorado das bolhas, e parecia que não estávamos avançando nada.

— Já sei como resolver isso. Vamos precisar de uma pedra para fazer o brasão de armas e as inscrições tristes, e podemos matar dois pássaros com a mesma pedra. Tem uma mó grande lá no moinho, e vamos surrupiar essa mó, e inscrever tudo nela, e afiar as penas e a serra também nela.

Não era má ideia a mó — e era uma mó nada má. Resolvemos ir buscar. Ainda não era meia-noite, e fomos até o moinho, e deixamos o Jim trabalhando. Pegamos a mó, e rolamos a mó até a casa, mas foi um trabalho duríssimo. Às vezes, por mais que fizéssemos, não conseguíamos evitar que a mó tombasse, e ela quase nos esmaga toda vez. O Tom falou que daquele jeito a mó ia acabar matando algum de nós antes de terminar o serviço. Rolamos a mó até metade do caminho, e aí já estávamos esgotados, e quase encharcados de suor. Vimos que não dava, tivemos que buscar o Jim para ajudar. Então ele levantou da cama, soltou a corrente levantando o pé da cama e enrolou a corrente no pescoço, e saímos engatinhando pelo nosso buraco, e o Jim e eu pegamos a mó e carregamos como se fosse leve, e o Tom ficou supervisionando. Ele supervisionava melhor que qualquer menino que já vi. Ele sabia fazer tudo.

O nosso buraco era bem grande, mas não era grande o bastante para passar a mó, mas o Jim pegou a picareta e logo o buraco ficou grande o bastante. Aí o Tom marcou as coisas na mó com o prego, e mandou o Jim começar a trabalhar, com o prego como cinzel e um pino de ferro que estava no lixo da cabana como martelo, e mandou ele trabalhar até o resto da vela acabar, e aí ele podia dormir, e esconder a mó embaixo do colchão de palha e dormir em cima. Aí ajudamos

ele a consertar de volta a corrente no pé da cama, e ficamos prontos para dormir também. Mas o Tom pensou em outra coisa.

— Tem aranha aí dentro, Jim?

— Não, senhor, graças a Deus, não tem não, seu Tom.

— Está certo, vamos trazer algumas.

— Mas, Deus abençoe, meu bem, não quero aranha. Tenho medo de aranha. Melhor ter logo cascavel.

O Tom pensou um minuto ou dois.

— Essa é uma boa ideia — falou. — E acho que até já foi feita. Precisamos fazer isso, é o mais sensato. Sim, é uma ótima ideia. Onde podemos guardar?

— Guardar o quê, seu Tom?

— Ora, uma cascavel.

— Santíssimo sacramento, seu Tom! Ora, se entrar um cascavel aqui dentro eu saio arrombando esses tronco da parede, juro, e com a cabeça.

— Ora, Jim, depois de algum tempo você não ia mais ter medo. Você podia amansar a cascavel.

— *Amansar cascavel?!*

— Sim, é muito fácil. Todo animal sente gratidão pela bondade e pelo carinho, e nem pensa em machucar a pessoa que cuida dele. Todo livro fala isso. É só você experimentar, é só o que eu peço. Simplesmente experimente uns dois ou três dias. Ora, você consegue amansar uma cascavel, em pouco tempo, e a cascavel vai passar a te adorar, e vai dormir com você e não vai ficar um minuto longe de você, e vai deixar você enrolar ela no pescoço e pôr a cabeça na sua boca.

— *Por favor*, seu Tom, não fale uma coisa dessa! Eu não *quento!* A cascavel vai deixar eu enfiar a cabeça dela na minha boca? Como um favor? A cascavel pode esperar pra sempre que nunca vou querer fazer isso. E não só isso, não quero cascavel dormindo comigo.

— Jim, não seja bobo. Um prisioneiro precisa ter algum tipo de animal de estimação, e se nunca foi tentado com cascavel, ora, a glória ainda é maior em ser o primeiro a tentar, do que de qualquer outro jeito que você imagine de salvar a sua vida.

— Ora, seu Tom, não quero essa glória pra mim, não. A cobra morde a cara do Jim, e aí cadê a glória? Não, senhor, não quero saber dessas maluquice.

— Desgraça, você não pode experimentar? Só quero que você experimente, você não precisa ficar com a cascavel se não der certo.

— Mas o problema é justamente a cobra me morder enquanto tô experimentando. Seu Tom, posso suportar qualquer coisa razoável, mas se o senhor e o Huck puserem uma cascavel aqui pra eu amansar, vou embora, juro que vou.

— Bem, então, deixa para lá, deixa para lá, se você é tão teimoso. Podemos arranjar para você umas cobras sem veneno, e pode amarrar botões no rabo delas, e fingir que são cascavéis, e acho que isso serve.

— Eu odeio cobra, seu Tom, mas que desgraça, não vou conseguir me dar bem com cobra, garanto. Nunca imaginei que ser prisioneiro dava tanto trabalho e era tanta confusão.

— Bem, sempre é, quando se faz tudo direito. Tem rato aí dentro?

— Não, senhor, não vi nenhum.

— Bem, vamos arranjar uns ratos.

— Ora, seu Tom, não quero rato nenhum. Eles são as criaturas mais desgraçada pra incomodar, e que mais passa raspando, e morde o pé, quando a pessoa quer dormir, que já vi. Não, senhor, prefiro cobra de jardim mesmo, se não tem outro jeito, mas rato não. Eu não ia saber o que fazer com eles.

— Mas, Jim, você *tem* que ter rato. Todos os prisioneiros têm. E não crie caso com isso. Não existe prisioneiro sem rato. Nunca teve nenhum caso. E eles treinam os ratos, e cuidam deles, e ensinam truques, e os ratos ficam sociáveis como moscas. Mas você tem que tocar música para os ratos. Você tem alguma coisa para tocar música?

— Só tenho um pente velho e um pedaço de papel, e um berimbau de boca, mas acho que eles não vai gostar do berimbau de boca.

— Vão sim, eles não se importam que tipo de música é. Um berimbau de boca é bom o bastante para um rato. Todo animal gosta de música, nas prisões eles adoram. Especialmente música sofrida. E não tem como tocar outra coisa em berimbau de boca. Eles sempre se interessam, saem para ver o que tem de errado com você. Sim, você está bem servido, está muito bem arranjado. O que tem que

fazer é sentar na cama à noite antes de dormir, e de manhã cedinho, e tocar o teu berimbau de boca. Toca “O Último Elo se Rompeu”, é o tipo de música que atrai rato mais depressa que qualquer outra coisa. E depois que você tocar dois minutos, você vai ver todos os ratos, e cobras e aranhas, e coisas, começarem a ficar preocupados com você, e eles vêm. E vão praticamente subir em você, e você vai se divertir muito.

— Sim, *eles* vão, acho que vão, seu Tom, mas como o velho Jim vai se divertir com isso? Desgraça, não vejo como. Mas toco se for preciso. Acho melhor deixar os animais satisfeito, e não criar problema dentro de casa.

Tom esperou para pensar melhor, e ver se não faltava mais nada.

— Oh, só mais uma coisa que esqueci. Acha que consegue plantar uma flor aqui dentro?

— Não sei, mas talvez consiga, seu Tom. Mas é muito escuro aqui dentro, e não preciso de flor nenhuma também, e daria um bocado de trabalho.

— Bem, tente, de todo jeito. Outros prisioneiros fizeram isso também.

— Um verbasco grande daqueles que parece rabo de gato ia crescer bem aqui, seu Tom, mas ela não vale metade do trabalho que dá.

— Não acredite muito nisso. Vamos trazer uma dessas para você e você planta ali no canto, e cuida dela. E não chame de verbasco, chame de Picciola, é o nome certo dessa flor de prisão. E você tem que regar com as suas lágrimas.

— Ora, tenho bastante água da fonte, seu Tom.

— Você não vai usar água da fonte, tem que aguardar com as próprias lágrimas. É desse jeito que sempre fazem.

— Ora, seu Tom, acho que eu posso ir cuidar de um verbasco com água da fonte, e outro homem vai cuidando de outro verbasco com lágrimas.

— A ideia não é essa. Você tem que regar com lágrimas.

— O verbasco vai morrer, seu Tom. Com certeza, vai, porque quase nunca choro.

Então, o Tom ficou espantado. Mas ele avaliou o caso, e aí falou que o Jim ia ter que se virar o melhor que pudesse com uma cebola. Ele prometeu que ia voltar para as cabanas dos escravos e deixar uma cebola, em segredo, na cafeteira do Jim, pela manhã. O Jim falou que “preferia tabaco no café” e achou tudo aquilo tão errado, e todo aquele trabalho e o incômodo de plantar verbasco,

e tocar berimbau de boca para os ratos, e cuidar e amansar cobras e aranhas e outras coisas, além de todo o trabalho que já tinha que fazer com as penas, as inscrições, os diários, e coisas, que ser prisioneiro dava muito mais trabalho e preocupação que qualquer outra coisa que ele já tinha feito, que o Tom quase perdeu a paciência de vez com ele. E falou que ele estava mais cheio de oportunidades de ficar famoso que qualquer prisioneiro já esteve no mundo, e no entanto ele não estava sabendo apreciar aquilo tudo, e que ele estava desperdiçando aquelas oportunidades. De modo que o Jim lamentou e falou que não ia mais se comportar assim, e aí eu e o Tom fomos correndo dormir.

39.

De manhã, fomos até a vila e compramos uma ratoeira e armamos, e destampamos o melhor buraco de rato, e em uma hora pegamos quinze ratões dos grandes. Aí levamos e pusemos num lugar seguro embaixo da cama da tia Sally. Mas, enquanto fomos caçar aranha, o pequeno Thomas Franklin Benjamin Jefferson Elexander Phelps achou os ratos, e abriu a porta para ver se os ratos saíam, e eles saíram; e a tia Sally entrou, e quando voltamos ela estava em cima da cabeceira da cama fazendo escarcéu, e os ratos estavam fazendo o máximo que podiam para não dar um minuto de sossego. Então ela nos enxotou com um pau de nogueira, e ficamos umas duas horas caçando outros quinze ou dezesseis ratos, maldito fedelho enxerido, e esses nem eram dos melhores, porque a primeira leva foram os melhores do bando. Nunca vi um grupo de ratos tão bonitos como os daquela primeira leva.

Caçamos um lote esplêndido de aranhas variadas, e besouros, e rãs, e lagartas, e mais uma coisa ou outra, e tentamos pegar um vespeiro, mas não pegamos. A família estava em casa. Não desistimos logo, mas ficamos ali com as vespas o máximo que deu, porque concluímos que ou cansávamos elas ou elas nos cansavam, e elas se cansaram antes. Depois, passamos erva-campeira e esfregamos nas picadas, e ficou quase tudo bem de novo, mas não dava para sentar direito. Então, fomos caçar cobras, e pegamos umas duas dúzias de cobra de jardim e cobrinha de casa e pusemos num saco, e pusemos no nosso quarto, e quando foi a hora do jantar, depois de um bom dia de trabalho honesto: fome? Oh, não, acho que não! E não tinha mais nenhuma maldita cobra lá em cima quando voltamos — nos esquecemos de amarrar direito o saco, e elas conseguiram sair de algum jeito, e foram embora. Mas não foi problema, porque elas ainda estavam na casa em algum lugar. Achamos que íamos conseguir pegar algumas de volta. Não, não faltou cobra pela casa durante um tempo

considerável. Você via cobras descendo pelas vigas e outros lugares a toda hora, e geralmente elas caíam nos pratos, ou na nuca das pessoas — e a maioria das vezes quando você não queria que isso acontecesse. Bem, eram cobras bonitas e listradas, e nenhuma delas tinha veneno, mas isso não fez diferença para a tia Sally. Ela detestava cobra, fosse da raça que fosse, e não tinha que se pudesse fazer sobre isso. E toda hora caía uma cobra em cima dela, não importava o que ela estava fazendo — ela largava a costura e saía de casa. Nunca vi uma mulher assim. E dava para ouvir ela gritando até em Jericó. Ela não conseguia segurar a cobra com uma pinça e jogar fora. E se ela virava e via uma na cama, ela saía correndo e dava um uivo que você ia pensar que a casa pegou fogo. Ela deixou o velho tão perturbado que ele falou que quase desejou que as cobras nunca tivessem sido criadas. Ora, depois que a última cobra foi tirada da casa, durante uma semana a tia Sally não descansou. Ela não estava nem perto de estar satisfeita. Quando ela estava sentada pensando alguma coisa, você podia passar uma pena na nuca dela e ela dava um pulo nos tamancos. Era muito curioso. Mas o Tom falou que todas as mulheres eram assim, que elas foram feitas assim por algum motivo.

Levávamos uma surra toda vez que uma das nossas cobras aparecia no caminho dela, e ela falou que aquelas surras não eram nada perto do que ela ia fazer se enchêssemos a casa de novo de cobras. Não me importei com as surras, porque nem foram nada, mas me importei com o trabalho que tivemos para arranjar outro lote de cobras. Mas conseguimos levar todas para a cabana, e todas as outras coisas, e você nunca viu uma cabana mais animada que a do Jim quando todas as cobras entraram e foram atrás da música e subiram nele. O Jim não gostava de aranhas, e as aranhas não gostavam dele. Então elas foram para cima dele, e ele teve que suar para se livrar delas. E ele falou que entre os ratos e as cobras e a mó não tinha sobrado espaço na cama para ele, quase. E, quando tinha, não dava para dormir, de tão cheio de bichos, e estava sempre cheio de bichos, ele falou, porque eles nunca dormiam ao mesmo tempo, mas faziam turnos, de modo que quando as cobras estavam dormindo, os ratos estavam trabalhando, e quando os ratos dormiam as cobras assumiam a ronda, então ele sempre tinha um bando embaixo dele, na frente, e outro bando fazendo um circo em cima dele, e se ele tentava mudar de lugar as aranhas arriscavam picar

quando ele se mexia. Ele falou que se um dia ele conseguir escapar dali nunca mais ia querer ser prisioneiro de novo, nem por salário.

Bem, depois de três semanas estava tudo certo. A camisa foi enviada de manhã, dentro de uma torta, e toda vez que um rato mordida o Jim ele levantava e escrevia um pouco seu diário enquanto a tinta estava fresca. As penas ficaram prontas, as inscrições e assim por diante foi tudo gravado na mó. O pé da cama foi serrado em dois, e tivemos que comer a serragem, e ficamos com uma dor de barriga incrível. Achamos que íamos morrer, mas não morremos. Foi a serragem mais indigesta que já vi — e o Tom concordou.

Mas, como eu ia dizendo, todo o nosso trabalho tinha terminado agora, finalmente. E ficamos um bocado acovardados também, principalmente o Jim. O velho tinha escrito duas vezes para a fazenda depois de Orleans para eles virem buscar seu escravo fugitivo, mas não teve nenhuma resposta, porque não existia aquela fazenda. Então ele achou melhor pôr anúncio nos jornais de St. Louis e New Orleans. E, quando ele falou em St. Louis, senti um calafrio, e vi que não tínhamos mais tempo a perder. Então o Tom falou que iríamos usar as cartas *amonimas*.

— O que é isso? — perguntei.

— Avisando as pessoas que tem alguma coisa acontecendo. Às vezes fazem assim, às vezes diferente. Mas sempre tem alguém espionando que avisa o dono do castelo. Quando Luís XVI estava fugindo das Tulherias, uma criada avisou. É um jeito muito bom, e as cartas *amonimas* também. Vamos fazer as duas coisas. Outra coisa que costuma acontecer também é a mãe do prisioneiro trocar de roupa com ele, e ela fica presa, e ele escapa com a roupa dela. Vamos fazer essa também.

— Mas, olha, Tom, por que vamos querer que as pessoas sejam avisadas de que alguma coisa vai acontecer? Deixa que descubram sozinhos. O prisioneiro é deles.

— Sim, eu sei, mas não se pode contar com eles. Eles agiram assim desde o começo, deixaram para nós dois fazer tudo. Eles são tão confiantes e brancos que nem repararam em nada mesmo. Então, se não avisarmos, não vai ter ninguém para interferir, e aí depois de todo esse trabalho duro e das dificuldades

para essa fuga, vai ser tudo sem a menor graça. Não vai ser nada, não vai ter nenhum interesse.

— Bem, por mim, Tom, eu ia preferir que fosse desse jeito.

— Jesus! — falou, e fez cara de desgosto.

— Mas não vou reclamar. Do jeito que for melhor para você, vai ser melhor para mim. O que vai fazer com a criada?

— Você vai ser a criada. Você vai, no meio da noite, e surrupia o vestido daquela menina escrava mais clara.

— Ora, Tom, isso vai dar confusão na manhã seguinte, é claro, ela só deve ter aquele.

— Eu sei, mas você só vai precisar dele por uns quinze minutos, para levar a carta *amonima* e enfiar por baixo da porta da frente.

— Está bem, então, eu faço, mas podia levar essa carta da mesma forma com a minha roupa.

— Você não ia ficar parecendo uma criada *assim*, ia?

— Não, mas não vai ter ninguém para ver como estou *de qualquer jeito*.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. A nossa questão é cumprir o nosso *dever*, e não se importar se tem alguém vendo ou não. Você não tem nenhum princípio?

— Está certo, não vou falar nada, vou ser a criada. E quem vai ser a mãe do Jim?

— A mãe dele sou eu. Vou surrupiar um vestido da tia Sally também.

— Bem, então, você tem que estar na cabana quando eu sair com o Jim.

— Não exatamente. Vou encher a roupa do Jim de palha e pôr deitada na cama para fingir que é a mãe disfarçada, e o Jim vai tirar o meu vestido de escrava e vestir, e vamos fugir todo mundo junto. Quando um prisioneiro com estilo escapa, chama evasão. Sempre falam assim quando um rei foge, por exemplo. E é a mesma coisa com o filho do rei, não faz diferença se é legítimo ou ilegítimo.

Então, o Tom escreveu a tal carta *amonima*, e surrupiei o vestido da escrava mais clara aquela noite, e vesti, e enfiei a carta por baixo da porta da frente, do jeito que o Tom mandou eu fazer. Estava escrito: “cuidado”. Problemas pela frente. Fiquem bem atentos. Um amigo desconhecido.

Na noite seguinte, colamos um desenho que o Tom fez com sangue, de uma caveira com ossos cruzados na porta da frente. E na noite depois dessa um de um caixão na porta dos fundos. Nunca vi uma família passar tamanho sufoco. Eles ficaram mais apavorados do que se a casa estivesse cheia de fantasmas espreitando por trás de tudo e embaixo das camas e tremendo no ar. Se uma porta batia, a tia Sally dava um pulo e falava “afe!”. Se caía alguma coisa, ela dava um pulo e falava “afe!”. Se você por acaso esbarrasse nela, quando ela não estava vendo, ela fazia a mesma coisa; ela não podia ficar de frente e ficar à vontade, porque achava que tinha alguma coisa atrás dela o tempo inteiro. Então ela ficava o tempo todo se virando de repente, e falando “afe”, e antes de completar dois terços da volta ela já girava de volta de novo e falava outra vez. E ficava com medo de dormir, mas não arriscava ficar de pé. De modo que as coisas estavam indo bem, segundo o Tom. Ele falou que nunca tinha visto uma coisa dar tão certo, que isso era prova de que estava sendo feito do jeito certo.

Aí ele falou para irmos ao grande ato final! Então logo na manhã seguinte ao raiar do dia aprontamos outra carta, e estávamos pensando o que ia ser melhor fazer com ela, porque ouvimos eles falando no jantar que iam deixar um escravo vigiando as duas portas a noite inteira. Tom desceu pelo para-raio para dar uma espiada. E o escravo da porta dos fundos tinha dormido, e ele enfiou a carta por baixo da nuca do escravo e voltou. Essa carta dizia:

Não me traiam, quero ser seu amigo. Tem um bando de degoladores desesperados vindo lá do território índio para roubar o seu escravo fugitivo esta noite, e eles estavam tentando assustar vocês para vocês ficarem em casa e não mexerem com eles. Faço parte desse bando, mas tenho religião e quero largar essa vida e levar outra vez uma vida honesta, e vou revelar o desígnio maligno. Eles vão entrar pelo norte, perto da cerca, meia-noite em ponto, com uma chave falsa, e vão entrar na cabana do escravo para salvar ele. Eles mandaram eu ficar um pouco longe e soprar uma corneta se tiver algum perigo, mas em vez disso vou fazer *bée* como uma ovelha quando eles entrarem e ninguém vai perceber nada. Aí quando eles estiverem soltando a corrente dele, vocês chegam e trancam eles lá dentro, e podem matar eles até, se preferirem. Não façam nada diferente do que estou mandando. Se fizerem diferente, eles vão desconfiar que

tem alguma coisa e vão começar a dar seus gritos de guerra. Não quero nenhuma recompensa mas apenas saber que fiz a coisa certa. *Amigo desconhecido.*

40.

Estávamos sentindo muito bem depois do café da manhã, e pegamos a minha canoa e fomos para o rio pescar, levando um almoço, e nos divertimos, e dei uma olhada na jangada e vi que ela estava bem, e voltamos tarde para jantar, e vimos que eles estavam tão nervosos e preocupados que nem sabiam em que pé estavam, e nos mandaram direto para a cama no minuto que o jantar ficou pronto, e não quiseram falar qual era o problema, e não falaram nada sobre a carta, mas nem precisava, porque sabíamos tanto quanto eles sobre a carta, e assim que chegamos na metade da escada, nos esgueiramos até o armário do porão e pegamos comida suficiente e levamos para o nosso quarto e deitamos na cama, e levantamos umas onze e meia, e o Tom pôs o vestido da tia Sally que ele roubou e ia começar a comer, mas falou antes:

— Cadê a manteiga?

— Eu tirei um naco — falei — e pus em uma broa de milho.

— Bem, você deve ter deixado lá, então. Aqui não está.

— Podemos passar sem manteiga.

— Nós podemos passar *com*, também. É só você correr para o porão e buscar. E então descer pelo para-raio e vir atrás de mim. Vou indo encher de palha as roupas do Jim para fingir que é a mãe, e fique pronto para fazer *béé* como uma ovelha e sair correndo assim que chegar lá.

Então ele foi, e corri para o porão. O naco de manteiga, do tamanho de um punho, estava onde eu tinha deixado, então peguei o prato de broa com o naco em cima, e apaguei minha vela, e comecei a subir na ponta dos pés, e cheguei bem no corredor, mas aí veio a tia Sally com uma vela, e pus o prato no chapéu, e pus o chapéu na cabeça, e no segundo seguinte ela me viu; e ela falou:

— Você estava no porão?

— Sim, senhora.

— O que foi fazer lá embaixo?

— Nada.

— *Nada!*

— Sim, senhora.

— Bem, então, o que foi que te deu para ir lá embaixo a essa hora da noite?

— Eu não sei.

— Você não *sabe*? Não fale assim comigo. Tom, quero saber o que você estava fazendo lá embaixo.

— Eu não estava fazendo nada lá, tia Sally, juro por Deus.

Achei que ela ia me deixar passar, como em geral ela deixava, mas pelo visto tinha tanta coisa estranha acontecendo que ela estava nervosa com cada coisinha que não fosse certa como uma régua. Então ela falou, muito decidida:

— Vá andando para a sala e fique lá até eu voltar. Você andou fazendo coisas que não era para fazer, e aposto que vou descobrir o que era antes de deixar você dormir.

Então, ela saiu e eu abri a porta e entrei na sala. Meu Deus, tinha uma multidão na sala! Quinze fazendeiros, e todos eles armados. Fiquei muito enjoado, e sentei numa cadeira e fiquei lá. Eles estavam sentados em roda, alguns conversando um pouco, baixinho, e todos agitados e inquietos, mas tentando parecer que não estavam, mas eu sabia que estavam, porque eles ficavam toda hora tirando e pondo o chapéu, e coçando a cabeça, e mudando de lugar, mexendo nos botões. Eu também não estava à vontade, mas não tirei o chapéu mesmo assim.

Quis que a tia Sally viesse logo, e acabasse logo comigo, e me desse uma surra, se quisesse, e me deixasse ir embora e contar para O Tom que tínhamos exagerado aquela história, e o vespeiro em que tínhamos entrado, de modo que podíamos parar de graça agora mesmo e dar o fora com o Jim antes que aquela gente perdesse a paciência e quisesse vir para cima de nós.

Enfim ela chegou e começou a me fazer perguntas, mas eu não podia responder a verdade, não sabia em que pé eu estava, porque aqueles homens estavam tão agitados agora que alguns deles queriam começar AGORA mesmo e partir para cima dos facínoras, e falando que faltavam poucos minutos para a meia-noite. Outros estavam tentando acalmar eles e esperar o sinal da ovelha, e ali estava a titia insistindo com aquelas perguntas, e eu tremendo inteiro e pronto para

afundar no chão de tão apavorado, e o lugar ficando cada vez mais quente, e a manteiga começando a derreter e escorrer pelo meu pescoço e atrás das orelhas, e logo, quando um deles falou: “Estou indo e vou entrar naquela cabana, antes da hora, agora mesmo, para pegar eles quando eles entrarem”, eu quase caí no chão. E um fio de manteiga derretida começou a pingar da minha testa, e a tia Sally viu, e ficou branca como um lençol.

— Por tudo que é mais sagrado, o que esse menino tem? Ele está com febre cerebral, tenho certeza, e o cérebro dele está vazando!

E todo mundo correu para ver, e ela tirou o meu chapéu, e apareceu a broa e o resto da manteiga, e ela me abraçou, e me apertou.

— Oh, que susto você me deu! E como estou contente e agradecida por que não é nada grave, porque a sorte está contra nós, e a desgraça nunca vem desacompanhada, e quando vi essa gosma pensei que íamos perder você, pois vi pela cor e era como se o seu cérebro estivesse... Querido, meu querido, se você tivesse me dito que era por isso que você estava lá no porão, eu não ia me importar. Agora já para a cama, e só quero ver você amanhã de manhã!

Subi em um segundo, e desci pelo para-raio em outro, e voei no escuro até a cobertura ao lado da cabana. Eu mal conseguia falar, de tão ansioso, mas falei para O Tom o mais depressa que pude que tínhamos que agir agora, e sem perder um minuto — a casa estava cheia de homens, e armados!

Os olhos dele brilharam.

— Não pode ser! É mesmo? *Não é uma maravilha!* Ora, Huck, se desse para fazer tudo de novo, aposto que eu ia trazer uns duzentos homens! Se desse para adiar até...

— Depressa! *Depressa!* Cadê o Jim?

— Aí do seu lado, se você esticar a mão vai encostar nele. Ele está vestido, e está tudo pronto. Agora saímos pelo buraco e damos o sinal da ovelha.

Mas então ouvimos passos de homens chegando na porta, e ouvimos quando eles mexeram no cadeado, e ouvimos um homem falar:

— Falei que era muito cedo, ainda não chegaram, a porta está trancada. Já sei, vou trancar alguns de vocês na cabana, e vocês pegam eles no escuro e matam quando eles chegarem. O resto se espalha por aqui, e fica atento para ouvir quando eles vierem.

Aí eles entraram, mas não nos viram no escuro, e quase tropeçaram em nós enquanto estávamos entrando embaixo da cama. Mas conseguimos entrar sem problemas, e saímos pelo buraco, depressa mas com calma — primeiro o Jim, depois eu, e Tom por último, conforme as ordens do Tom. Agora estávamos na cobertura ao lado da cabana e ouvimos os passos perto de nós lá fora. Então nos arrastamos até a porta, e O Tom mandou pararmos ali e pôs o olho na fresta, mas não conseguiu ver nada, de tão escuro que estava. E sussurrou que ia ficar ouvindo até os passos irem embora, e quando ele fizesse um sinal o Jim tinha que sair primeiro, e ele por último. Aí ele pôs o ouvido na fresta e ficou ouvindo, e ouvindo, e ouvindo, e os passos se arrastando por ali o tempo todo. Enfim, ele fez o sinal para nós, e saímos de fininho, e paramos, sem respirar, e sem fazer nenhum barulho, e fomos agachados nos esgueirando até a cerca em fila indiana, e deu tudo certo, e eu e o Jim passamos, mas a calça do Tom enroscou numa farpa da ripa da cerca, e então ele ouviu os passos chegando, então ele teve que puxar para soltar, o que lascou a farpa e fez um barulho. E quando ele nos alcançou e começou a correr alguém gritou:

— Quem está aí? Responda ou vou atirar!

Mas não respondemos, só metemos sebo nas canelas e fugimos. Ouvimos um alvoroço, e um *bang-bang-bang!* e as balas zuniram do nosso lado!

— Eles estão ali! Estão correndo para o rio! Atrás deles, rapazes, e soltem os cachorros! — berraram.

Então eles vieram, a toda velocidade. Dava para ouvir porque eles usavam botas e berravam, e não usávamos botas nem berrávamos. Estávamos na trilha do moinho e, quando eles chegaram bem perto de nós, nos escondemos na moita e deixamos eles passarem, e então ficamos para trás deles. Eles tinham deixado os cachorros presos para não espantar os ladrões, mas quando alguém mandou soltar os cachorros, eles vieram, fazendo um escarcéu dos diabos. Mas eram os nossos cachorros, então paramos de correr até eles nos acharem, e quando viram que éramos nós e não tínhamos nada para oferecer de excitante para eles, nos cumprimentaram e voltaram correndo na direção dos gritos e das conversas. Aí voltamos a correr, e corremos até chegar perto do moinho, e ali desviamos pelos arbustos até onde a minha canoa estava amarrada, e embarcamos e remamos com todas as forças na direção do meio do rio, mas não fizemos mais nenhum

barulho que não fosse obrigatório. Aí seguimos, sem esforço e à vontade, para a ilha onde estava a minha jangada, e dava para ouvir eles berrando e latindo uns com os outros na ribanceira, até ficar tão longe que o som foi ficando fraco e morreu. E quando nós embarcamos na jangada eu falei:

— *Agora*, velho Jim, você é um homem livre outra vez, e aposto que nunca mais vai ser escravo.

— E que beleza de trabalho que foi, também, hein, Huck? Foi um plano lindo, e feito de um jeito lindo; e eles não têm ninguém capaz de fazer um plano tão confuso e esplêndido como esse.

Ficamos muito contentes mesmo, mas o Tom ficou mais contente de todos porque ele tinha ficado com um bala cravada na barriga da perna.

Quando eu e o Jim vimos isso, não ficamos tão alegres quanto antes. Estava doendo muito, e sangrando. Então deitamos ele na tendinha e rasgamos uma camisa do duque para fazer um curativo, mas ele falou:

— Passe para cá esses trapos, eu mesmo faço. Não parem agora, não percam tempo aqui, e enquanto a nossa evasão está tão linda... Força nos remos, e desamarrem essa jangada! Rapaz, fomos elegantes! Fomos mesmo. Quem dera tivéssemos conseguido soltar Luís XVI, não teria nada de “Filho de São Luís, ascenda aos céus!” escrito na biografia dele. Não, senhor, íamos conseguir atravessar com ele pela fronteira, isso sim, íamos fazer com ele, e íamos fazer isso como se não fosse nada ainda por cima. Mão no remo! Mão no remo!

Mas eu e o Jim ficamos na dúvida — e pensamos melhor.

— Fala, Jim — falei.

— Bem, então, acho desse jeito, Huck. Se fosse *ele* que nós tivesse salvando, e um de nós dois levasse um tiro, o que ele ia falar: “Vamos embora, nem precisa chamar médico para salvar esse aí”? Isso parece o seu Tom Sawyer falando? Ele ia falar uma coisa dessa? Pode *apostar* que não ia! *Bem*, então, o Jim é que vai falar isso? Não, senhor. Não vou embora enquanto não achar um *médico*, nem que demore quarenta ano!

Eu sabia que ele era branco por dentro, e achei que ele ia mesmo falar o que falou — então agora estava tudo certo, e falei para O Tom que ia buscar um médico. Ele foi muito contra, mas eu e o Jim insistimos e não quisemos partir.

Então ele que arrastasse para fora e desamarrasse a jangada sozinho, mas não íamos deixar. Então ele sossegou, mas não adiantou muito.

Aí quando ele me viu aprontando a canoa, ele falou:

— Bem, já que é assim, e você vai mesmo, vou te dizer o que fazer quando chegar na vila. Feche a porta e amarre uma venda bem apertada no médico, e faça ele jurar que não vai abrir o bico, e ponha um saco de dinheiro na mão dele, e depois pegue ele e leve pelas vielas escuras, e aí ponha ele na canoa, contornando pelas ilhas, e reviste o médico e tire o giz dele, e não devolva o giz até levar ele de volta na vila, porque ele vai fazer um xis com giz para poder encontrar a jangada de novo. É assim que eles fazem.

Falei que ia fazer aquilo, e fui embora, e era para o Jim ficar escondido na mata quando visse o médico chegando e ficar lá até ele ir embora de novo.

41.

O médico era um velho — um velho muito simpático, bem-apegoado, quando acordei ele. Falei para ele que eu e o meu irmão estávamos caçando na Ilha Espanhola ontem à tarde, e acampamos em uma jangada que achamos lá, e por volta da meia-noite ele deve ter chutado a arma no meio do sonho, pois a arma disparou e acertou um tiro na perna dele, e queríamos que ele fosse lá e cuidasse dele e não falasse nada, nem avisasse ninguém, porque queríamos voltar para casa aquela noite e surpreender a família.

— Quem são seus parentes?

— Os Phelps, aqui do lado.

— Oh! — E depois de um minuto, ele falou: — Como disse que ele levou esse tiro?

— Ele estava sonhando, e a arma disparou.

— Que sonho estranho.

Então ele acendeu sua lanterna e pegou seus alforjes, e saímos. Mas quando viu a canoa, ele não gostou da cara dela. Ele falou que só cabia uma pessoa, e que não parecia muito segura para dois.

— Oh, o senhor não precisa ter medo, ela trouxe nós três sem problemas.

— Que três?

— Ora, eu e Sid, e... e... e as armas, foi isso que quis dizer.

— Oh.

Mas ele pôs o pé na borda da canoa, e mexeu um pouco nela, e balançou a cabeça, e falou que ia procurar uma maior. Mas as canoas estavam todas amarradas com correntes e cadeados. Então, ele pegou a minha canoa, e falou para eu esperar até ele voltar, ou eu podia procurar outra, ou talvez fosse melhor eu voltar para casa e preparar a família para a surpresa. Mas falei que não ia, então expliquei para ele como achar a jangada, e aí ele partiu.

Logo tive uma ideia. Então pensei: “Vamos supor que ele não consiga consertar a perna em dois tempos como diz que vai conseguir? Vamos supor que leve três ou quatro dias? O que vamos fazer? Ficar por aqui até que o gato saia da tuba? Não, senhor, já sei o que vou fazer. Vou esperar, e se ele voltar e falar que vai precisar voltar, volto nadando atrás dele. E vamos pegar e amarrar ele, e ficar com ele, e descer o rio. E depois quando ele tiver curado o Tom, vamos pagar o médico, ou damos tudo o que tiver, e deixamos ele em terra firme.”

Aí então me esgueirei até uma pilha de toras para dormir um pouco e, quando acordei, o sol já estava em cima da minha cabeça! Saí correndo e fui até a casa do médico, mas me falaram que ele devia ter saído de casa no meio da noite, porque ainda não tinha voltado. “Bem”, pensei, “aquilo parecia uma péssima notícia para o Tom”, e resolvi voltar para a ilha na mesma hora. Então saí correndo e virei uma esquina, e quase dei com a cabeça na barriga do tio Silas!

— Ora, *Tom!* Por onde você andou todo esse tempo, seu malandro?

— Não andei em lugar nenhum, só fui caçar o escravo fugitivo, eu e Sid.

— Ora, até onde você foi? A sua tia ficou um bocado preocupada.

— Pois não precisava ficar, porque estamos bem. Fomos atrás dos homens e dos cachorros, mas não conseguimos alcançar o grupo, e nos perdemos deles. Mas achamos que tínhamos ouvido eles na água, então pegamos uma canoa e fomos atrás deles e atravessamos o rio, mas não achamos nem sinal deles. Então fomos subindo o rio pelo raso até ficarmos cansados e exaustos, e amarramos a canoa e fomos dormir, e só acordamos uma hora atrás; aí remamos para cá para saber das novidades, e Sid foi até o correio para ver se descobre alguma coisa, e eu estava indo buscar alguma coisa para comermos, e depois vamos para casa.

Aí então fomos até o correio para buscar “Sid”, mas como eu já desconfiava, ele não estava lá. O velho pegou uma carta na agência, e esperamos mais um pouco, mas Sid não apareceu. Daí o velho falou: “Vamos, deixa Sid voltar andando, ou de canoa, quando ele acabar de vadiar por aí, vamos de carroça.” Não consegui convencer o velho a me deixar ali esperando Sid, e ele falou que não adiantava nada, e que eu tinha que ir com ele, e mostrar para a tia Sally que estava tudo bem.

Quando chegamos em casa, a tia Sally ficou tão contente de me ver que deu risada e chorou ao mesmo tempo, e me abraçou, e me deu uma daquelas

surrinhas dela que não eram de nada, e falou que ia fazer a mesma coisa com Sid quando ele voltasse.

E o lugar estava lotado de fazendeiros e mulheres de fazendeiros, para comer — e outra turma de gente que eu nunca tinha visto. A velha sra. Hotchkiss era a pior, a língua dela não parava um segundo.

— Bem, irmã Phelps, vasculhei aquela cabana inteira, e acho que o escravo ficou louco. Falei isso para a irmã Damrell, não falei, irmã Damrell? Falei: “Ele enlouqueceu”. Foram essas palavras que usei. “Vocês todos estão me ouvindo: ele enlouqueceu. Tudo indica isso. Olha só aquela mó, vocês acham que uma criatura em sã consciência ia rabiscar aquelas loucuras em uma pedra de moinho? Aqui sucumbiu o coração de fulano de tal e tal, e aqui fulano passou apuros por 37 anos, e tudo aquilo, filho legítimo de Luís não-sei-o-quê, e tal, tudo besteira da grossa. Ele está maluco, acho”, e foi logo a primeira coisa que falei, e é o que falei no meio, e é o que vou falar até o fim. Esse escravo está maluco, maluco como Nabucodonosor.

— E aquela escada feita de trapos, irmã Hotchkiss — falou a velha sra. Damrell. — O que em nome de Deus ele ia querer com a...

— Foram as palavras exatas que eu estava dizendo não faz um minuto à irmã Utterback, e ela mesma pode confirmar. E-ela, aquela escada de trapos, e-ela, e falei: “Sim, olha só, o que ele ia querer com aquilo?” E-ela, irmã Hotchkiss, e-ela...

— Mas como diabos conseguiram levar aquela mó até lá dentro antes de mais nada? E quem cavou aquele buraco? E quem...

— Minhas palavras exatas, irmão Penrod! Eu estava justamente dizendo. Passe-me o pote de melaço, por favor? Eu estava dizendo à irmã Dunlap, nesse exato minuto, como levaram a mó até lá... E sem ajuda, não se esqueça, sem ajuda! Esse é o ponto. “Não venha me dizer que não teve ajuda”, falei. “Ele deve ter tido um bocado de ajuda, devem ter sido uma dúzia ajudando aquele escravo”, e eu juro que esfolava até o último escravo dessa fazenda mas eu ia encontrar quem foi que ajudou. E não só isso, eu...

— Uma dúzia você acha! Nem *quarenta* conseguiriam fazer tudo o que eles fizeram. Olha essa serra de faca de cozinha, como deve ter dado trabalho para

fazer isso. Olha aquele pé da cama serrado, é um trabalho semanal de seis homens. Olha aquela escrava feita de palha deitada na cama, e olha só o...

— Que bom que você também falou isso, irmão Hightower! É exatamente o que eu estava dizendo para o próprio irmão Phelps em pessoa. Ele falou: “O que você acha, irmã Hotchkiss?”. “Acho do quê, irmão Phelps?”, falei. “O que acha daquele pé de cama serrado daquele jeito?”, ele falou. “O que acho? Eu acho que ele nunca teria se serrado sozinho. Alguém serrou.” Essa é a minha opinião, acredite se quiser, pode não ter importância, mas é assim que é, é a minha opinião, e se alguém tiver outra melhor, que tenha, só isso. Falei para a irmã Dunlap, falei...

— Ora, macacos me mordam, seria preciso uma cabana cheia de escravos toda noite durante quatro semanas para fazer tudo aquilo, irmã Phelps. Olha aquela camisa — cada centímetro dela está coberto de escritas secretas africanas feitas com sangue! Devia ter toda uma tripulação de escravos ali dentro, o tempo todo, quase. Ora, eu pagaria dois dólares para alguém ler para mim o que está escrito; e quanto aos escravos que escreveram aquilo, acho que eu ia castigar todos eles até...

— Ele teve *ajuda*, irmão Marples! Bem, você ia achar também se estivesse aqui em casa alguns dias atrás. Ora, eles roubaram tudo o que conseguiram apanhar, e vigiamos o tempo todo, fique sabendo. Roubaram aquela camisa do varal! E quanto ao lençol que usaram para fazer a escada de trapos, nem sei dizer quantas vezes eles roubaram e devolveram. E mais farinha, e velas, e castiçais, e colheres, e a velha caçarola, e mais mil coisas que não lembro agora, e o meu vestido novo estampado... E eu e Silas e o meu Sid e o meu Tom sempre vigiando noite e dia, como eu ia dizendo, nenhum de nós encontrou o esconderijo nem vestígio nem ouviu nenhum barulho deles. E aí no último minuto, quem diria, eles se esgueiram debaixo dos nossos narizes e nos enganam, e não só enganaram a nós, mas enganaram também os bandidos do território índio, e na verdade fugiram com aquele escravo são e salvo, e com dezesseis homens e 22 cachorros correndo atrás deles ao mesmo tempo! Vou dizer, isso supera tudo o que já ouvi na vida. Ora, espíritos não teriam feito melhor nem mais discretamente. E acho que devem ter sido espíritos, porque, você conhece os nossos cachorros, e não existem cachorros melhores; bem, eles

não encontraram nem o rastro de nenhum deles! Explique isso se puder, *qualquer um* de vocês!

— Bem, isso supera...

— Cruz credo, eu nunca...

— Deus me livre, eu não queria se...

— E ladrões de casas também...

— Santíssimo sacramento do céu, eu ia ter medo de morar numa c...

— Medo de viver! Ora, fiquei tão apavorada que mal conseguia dormir, ou levantar, ou deitar, ou sentar, irmã Ridgeway. Ora, eles iam roubar até... ora, por tudo o que é mais sagrado, pode imaginar a agitação que eu estava onde à noite quando chegou meia-noite. Deus sabe como eu estava com medo que roubassem alguém da família! Estava quase naquele ponto em que as faculdades racionais já não funcionam. *Agora* pode parecer tolice, de dia, mas pensei: “Ali estão os meus pobres garotos dormindo, lá em cima, naquele quarto isolado”, e juro por Deus que estava tão inquieta que subi lá e tranquei com chave o quarto deles! Tranquei *mesmo*. E qualquer um faria a mesma coisa. Porque, sabe, quando a pessoa está apavorada desse jeito e a coisa não para nunca, e vai piorando e piorando o tempo todo, e o raciocínio vai piorando, e você começa a fazer todo tipo de loucura, e depois de algum tempo você pensa, imagine que eu fosse um menino, e estivesse lá em cima, e a porta não estivesse trancada e você... — Ela parou, com uma cara um pouco espantada, e então virou a cabeça devagar e, quando o olhar dela cruzou com o meu, levantei e comecei a andar.

Pensei: “Vou conseguir explicar melhor por que não estávamos no quarto de manhã se eu sair um pouco e pensar mais no caso.” Então fui. Mas não fui muito longe, ou ela podia mandar me chamar. E quando ficou tarde naquele dia todo mundo foi embora, e aí entrei e contei para ela que o barulho e os tiros me acordaram e acordaram o “Sid”, e a porta estava trancada, e não quisemos perder a diversão, então descemos pelo para-raio, e nos machucamos um pouquinho, e nunca mais íamos tentar fazer aquilo de novo. E aí virei e falei tudo o que eu tinha falado para o tio Silas antes. Ela falou que nos perdoava, e que talvez aquilo não tivesse tanto problema, e que era o que se esperava de dois meninos, pois todos os meninos eram um bando de baderneiros na opinião dela. E, assim, já que não tinha acontecido nada grave, ela achou melhor passar o tempo

agradecendo porque estávamos vivos e bem e por ela ainda nos ter com ela, em vez de continuar irritada com o que já tinha acontecido e passado. Então, ela me beijou e me fez carinho na cabeça, entrou numa espécie de devaneio e logo teve um sobressalto.

— Ora, misericórdia, já está quase de noite, e Sid ainda não voltou! O que será que aconteceu com aquele menino?

Aí eu vi uma oportunidade.

— Vou correndo agora até a cidade para buscar ele — falei.

— Não, não vai não — falou ela. — Você vai ficar bem aí onde está. Já basta um menino perdido por vez. Se ele não voltar até o jantar, o seu tio vai lá.

Bem, ele não voltou para o jantar, então logo depois de comer o tio foi.

Ele voltou por volta das dez um pouco preocupado, não tinha encontrado nem sinal do Tom. A tia Sally ficou *bastante* preocupada, mas o tio Silas falou que não era para tanto — meninos eram assim mesmo, e você vai ver que esse vai aparecer de manhã são e salvo. Então ela teve que se dar por satisfeita. Mas falou que ia ficar acordada esperando ele mesmo assim mais um pouco, e ia deixar uma vela acesa para ele conseguir ver a casa.

Então, quando subimos para dormir, ela veio comigo e trouxe a vela, e me ajeitou na cama e me fez carinhos de mãe, tão bons que me senti cruel, e assim nem consegui olhar para os olhos dela. Ela sentou na cama comigo e conversou comigo por muito tempo, e falou que Sid era um menino esplêndido, e parecia que ela não ia mais parar de falar dele e ficou me perguntando a toda hora se eu achava que ele tinha se perdido, ou machucado, ou quem sabe afogado, e se ele podia estar naquele exato minuto em algum lugar sofrendo ou morto, e sem ela do lado para ajudar ele. Então as lágrimas rolaram em silêncio, e falei para ela que Sid estava bem, e ia estar de volta de manhã, com certeza. Ela apertou a minha mão, ou talvez até tenha me beijado, e pediu para eu falar aquilo de novo, e continuar falando aquilo, porque fazia bem para ela, de tão aflita que estava. E, quando estava saindo, ela olhou para os meus olhos firme e delicadamente.

— Tom, a porta vai ficar destrancada, e aí está a janela e o para-raio, mas você vai ser bonzinho, não vai? E *não* vai sair, não é? Por *mim*.

Deus sabe que eu queria muito ir logo saber como estava o Tom, e tinha toda intenção de sair, mas depois disso eu não ia mais ir, nem por todos os reinos do

mundo.

Mas eu estava com ela na cabeça e o Tom estava também na minha cabeça, de modo que tive um sono muito agitado. E duas vezes desci pelo para-raio no meio da noite, e me esgueirei pela frente da casa, e vi ela sentada lá junto da vela na janela com os olhos fixos na estrada e cheios de lágrimas. Quis fazer alguma coisa por ela, mas não podia, eu só podia jurar que nunca mais ia fazer nada para deixar ela triste. E na terceira vez acordei de madrugada, e desci pelo para-raio, e ela ainda estava lá, e a vela estava quase apagando, e a velha cabeça grisalha dela estava apoiada na mão, e ela estava dormindo.

42.

O velho voltou para a cidade antes do café da manhã, mas nem sinal do Tom; e eles dois ficaram sentados em volta da mesa pensando, e com caras tristes, e o café esfriando, e sem comer nada.

— Eu te dei a carta? — perguntou o velho.

— Que carta?

— A carta que busquei ontem no correio.

— Não, você não me deu nenhuma carta.

— Bem, devo ter esquecido.

Então ele procurou nos bolsos, e saiu e foi buscar onde tinha deixado, e trouxe a carta, e deu para ela.

— Ora, é de St. Petersburg. É a minha irmã.

Concluí que outro passeio lá fora ia me fazer bem, mas não consegui me mexer. Mas antes que ela abrisse o envelope, deixou a carta cair e saiu correndo, pois tinha visto alguma coisa. E eu também. Era o Tom Sawyer numa maca; e o velho doutor; e o Jim, usando o vestido estampado dela, com as mãos amarradas nas costas; e um monte de gente. Escondi a carta atrás da primeira coisa que tinha perto, e saí correndo. Ela se atirou nos braços do Tom, chorando.

— Oh, ele morreu, ele morreu, sei que ele morreu! — gritou ela.

E o Tom virou um pouquinho a cabeça e resmungou alguma coisa qualquer, que mostrou que ele não estava em seu juízo perfeito. Aí ela levantou as mãos para o céu.

— Ele está vivo, graças a Deus! E isso é o que importa! — E ela roubou um beijo dele, e foi correndo para dentro de casa para arrumar a cama, e distribuindo ordens para todo lado para os escravos e todo mundo, o mais depressa que sua língua podia, a cada passo do caminho.

Fui atrás dos homens para ver o que eles iam fazer com o Jim; e o velho doutor e o tio Silas foram com o Tom para dentro de casa. Os homens estavam muito bravos, e alguns deles queriam enforcar o Jim para dar exemplo aos outros escravos da região, para não tentarem fugir como ele tinha feito e causado tanta confusão, deixando uma família inteira morta de medo durante dias e noites. Mas outros falaram, não faça isso, não vai resolver nada. Não é nosso escravo, e o dono pode aparecer e nos mandar pagar por ele, com certeza. De modo que isso esfriou um pouco as coisas, porque aqueles mais ansiosos para enforcar um escravo que não fez a coisa certa são sempre aqueles menos ansiosos para pagar por ele quando vierem tirar satisfação.

Eles xingaram um bocado o Jim mesmo assim, e davam uns tapas na cabeça dele de vez em quando, mas o Jim não falou nada, e não deixou ninguém saber que me conhecia, e levaram ele para a mesma cabana, e puseram as roupas dele de volta nele, e acorrentaram ele de novo, e dessa vez não foi no pé da cama, mas num gancho grosso fincado no tronco de baixo, e acorrentaram também as mãos dele e as duas pernas, e falaram que ele não ia receber nada além de pão e água depois disso até o dono dele aparecer — ou ele ia ser vendido em leilão se o dono não viesse depois de um certo tempo. Eles tamparam o nosso buraco e falaram que dois fazendeiros armados iam ficar vigiando a cabana toda noite, e um buldogue ia ficar amarrado na porta durante o dia. Nessa hora eles já estavam terminando o serviço e se despedindo, esbravejando com um adeus geral, e aí o velho médico veio e deu uma olhada.

— Não sejam mais duros com ele do que o necessário, porque ele não é um mau escravo. Quando cheguei lá onde encontrei o menino, vi que não ia conseguir tirar a bala sem alguém para ajudar, e o menino não estava em condições de ser levado ou deixado ali enquanto eu fosse chamar ajuda. Ele foi ficando cada vez pior, e depois de muito tempo perdeu a razão, e não me deixou mais chegar perto dele, e falava que se eu fizesse um xis com giz na jangada ele ia me matar, e um sem fim de loucuras e tolices desse tipo, e vi que não ia conseguir fazer nada por ele. Então falei que precisaria de alguma ajuda e, no minuto que falei isso, saiu esse escravo da moita e falou que ia ajudar, e ele ajudou mesmo, e muito bem. É claro, achei que ele devia ser um escravo fugitivo, mas já estava lá! E lá eu teria que continuar pelo resto do dia e a noite

inteira. Foi uma enrascada, isso eu garanto! Eu tinha dois pacientes com febre, e claro que quis correr para a cidade para trabalhar, mas não fui, porque o escravo podia escapar, e aí eu seria culpado. No entanto, não passou nenhum esquife perto o bastante para eu acenar. De modo que tive que ficar lá plantado até amanhecer, e nunca vi um escravo que fosse tão bom enfermeiro ou que fosse tão leal, arriscando a própria liberdade ao fazer aquilo, e que estava exausto também, e pude ver que ele devia ter trabalhado duro ultimamente. Gostei desse escravo por isso. Eu garanto, cavalheiros, um escravo desses vale mil dólares, e merece um bom tratamento. Tive tudo o que precisei, e o menino passou bem ali como se estivesse em casa — talvez até melhor, porque lá é muito silencioso, mas fiquei lá, com os dois sob minha responsabilidade, e lá tive que ficar até a madrugada de hoje. Então passou um esquife com alguns homens, e por sorte o escravo estava sentado na jangada com a cabeça apoiada nos joelhos dormindo profundamente. Fiz sinal para eles em silêncio, e eles vieram devagar em volta dele e agarraram e amarraram antes que ele entendesse o que estava acontecendo, e não tivemos nenhum problema. E como o menino estava com o sono agitado, não usamos os remos e amarramos a jangada no esquife, e rebocamos ela bem e em silêncio, e o escravo não criou nenhum caso nem falou nada desde o início. Ele não é um mau escravo, cavalheiros. É isso que acho.

— Bem, parece muito bom, doutor, devo dizer — concordou alguém.

Então, os outros aliviaram também, e fiquei muito agradecido pelo velho doutor por aquelas boas palavras a favor do Jim. Fiquei contente por serem de acordo com o meu julgamento sobre ele também, porque achei que ele tinha um bom coração e era um homem bom desde a primeira vez que vi ele. Então, todos concordaram que o Jim tinha agido muito bem e merecia algum reconhecimento por isso, e recompensa. De modo que todos ali prometeram, na mesma hora e com animação, que não iam xingar mais ele.

Então, vieram e trancaram ele. Eu esperava que eles fossem falar que ele ia poder tirar uma ou duas correntes, porque eram muito grossas, e que ele fosse receber carne e verdura além de pão e água, mas nem pensaram nisso, e achei que não era bom para mim me meter, mas achei que devia passar a história do doutor logo para a tia Sally de algum jeito, assim que eu atravessasse aqueles obstáculos que tinha logo na minha frente — as explicações, quero dizer, sobre

como esqueci de avisar que Sid tinha levado um tiro quando eu tinha falado que ele e eu tínhamos passado a noite remando atrás do escravo fugitivo.

Mas eu tinha um bocado de tempo. A tia Sally ficou ao lado da cama do doente o dia e a noite inteiros, e toda vez que eu via o tio Silas passando me desviava dele.

Na manhã seguinte, ouvi que o Tom estava bem melhor, e falaram que a tia Sally tinha ido tirar um cochilo. Então entrei no quarto, e se ele estivesse acordado acho que podíamos combinar de contar uma história que colasse para a família. Mas ele estava dormindo, e dormindo muito sossegado, e pálido, não corado do jeito que chegou. Aí sentei e fiquei esperando ele acordar. Dali meia hora, a tia Sally entrou no quarto, e lá estava eu, encurralado outra vez! Ela fez sinal para eu não falar nada, e sentou do meu lado, e começou a sussurrar, e falou que agora todos podíamos ficar felizes, porque os sintomas estavam ótimos, e ele estava dormindo fazia muito tempo, e parecia melhor e mais pacífico a cada hora, e era quase certo que ele ia acordar com a cabeça no lugar outra vez.

De modo que ficamos sentados ali assistindo, e aos poucos ele começou a se mexer de leve, e abriu os olhos como se não tivesse acontecido nada e deu uma olhada.

— Olá! Ora, estou em casa! Como foi? Cadê a jangada?

— Está tudo bem.

— E o *Jim*?

— Também — falei, mas não podia ser muito brusco. Mas ele nem reparou, e continuou:

— Ótimo! Esplêndido! Agora estamos bem e seguros! Você contou para a titia?

Eu ia falar que sim, mas ela veio e falou primeiro:

— Contar o que, Sid?

— Ora, sobre como foi a coisa toda.

— Que coisa toda?

— Ora, *a única* coisa toda. Só existe uma, como fizemos para libertar o escravo fugitivo, eu e o Tom.

— Santo Deus! Libertar o es... Do que esse menino está falando!? Ai, ai, coitado, está delirando de novo!

— *Não*, não estou delirando nada. Sei muito bem do que estou falando. Nós soltamos ele, eu e o Tom. Planejamos e fizemos. E fizemos bonito ainda por cima. — Ele começou a falar, e ela não impediu, só ficou ali sentada e olhou e olhou, e deixou ele falar, e vi que não adiantava eu me meter. — Ora, titia, isso nos custou um bocado de trabalho, semanas, horas e horas, toda noite, enquanto vocês todos dormiam. E tivemos que roubar velas, lençol, camisa, vestido, colheres, facas, caçarola, mó, farinha, um sem fim de coisas, e a senhora não sabe o trabalho que deu fazer serra, penas, inscrições, e uma coisa e outra, e a senhora não imagina metade da diversão que foi. E tivemos que fazer os desenhos de caixões e essas coisas, e cartas *amominas* como se fosse de bandidos, e subir e descer pelo para-raio, e cavar o buraco para dentro da cabana, e a escada de corda e esconder a escada na torta assada, e mandar as colheres e as coisas para trabalhar no bolso do avental da...

— Jesus amado!

— ... e encher a cabana de ratos e cobras e assim por diante, para o Jim ter companhia. A senhora segurou o Tom aqui tanto tempo com a manteiga no chapéu que quase arruina tudo, porque os homens chegaram antes de nós sairmos da cabana, e tivemos que correr, e eles nos ouviram e foram atrás de nós, e levei o tiro, nós saímos da trilha e deixamos eles passarem, e quando os cachorros vieram não quiseram ficar ali do nosso lado, mas foram aonde tinha mais barulho, e pegamos a canoa, e fomos até a jangada, e ficamos salvos, e o Jim virou um homem livre, e fizemos tudo sozinhos, *não foi* incrível, titia!

— Bem, nunca ouvi nada parecido em todos esses anos que vivi! Então eram vocês, seus malandrinhos, que causaram toda essa confusão e enlouqueceram todos nós e quase mataram todo mundo de susto. Estou pensando aqui que devia bater em vocês dois nesse exato minuto. E pensar que fiquei aqui, noites e noites, e... você, trate de melhorar logo, seu safado, e depois vou arrancar o Bode Velho de dentro de vocês dois!

Mas o Tom, ele estava tão orgulhoso e animado, que não conseguia se controlar, e a língua não parou dentro da boca — ela esbravejando, e cuspidando fogo, e os dois ao mesmo tempo, como uma conversa de gatos.

— Bem, você pode se divertir o quanto quiser com isso *agora*, pois fique sabendo, se eu pego você mexendo com ele de novo...

— Mexendo com *quem*? — falou Tom, parando de sorrir e parecendo surpreso.

— Com *quem*? Ora, com o escravo fugitivo, é claro. Com quem seria?

O Tom olhou para mim com gravidade no olhar.

— Tom, você não acabou de me dizer que estava tudo bem? Ele acabou não fugindo?

— *Ele*? — falou a tia Sally. — O escravo fugitivo? Claro que não. Eles pegaram ele de volta, são e salvo, e está de novo na cabana, a pão e água, e todo acorrentado, até alguém vir buscar ou ele ser vendido!

O Tom ficou bem reto na cama, com os olhos vermelhos, e as narinas abrindo e fechando como guelra de peixe.

— Eles não têm direito de prender ele! CORRE LÁ! E não perca um minuto. Solte ele! Ele não é escravo. Ele é livre como qualquer criatura desse mundo!

— O que esse menino *está* falando?

— É o que estou dizendo, tia Sally, e se não for alguém lá agora, vou eu. Conheço ele desde que nasci, e o Tom aqui também. A velha srta. Watson morreu dois meses atrás, e com vergonha de um dia ter pensado em vender ele em Orleans, ela falou isso, e no testamento ela libertou ele.

— Então por que diabos você queria libertar ele, sabendo que ele já era livre?

— Bem, eis a questão, devo dizer, típica de uma mulher! Ora, eu queria a aventura, e eu andaria com sangue até o pescoço para... santo Deus, *tia Polly*!

Se não era ela ali parada perto da porta, delicada e contente como um anjo que comeu torta, não sei de mais nada!

A tia Sally correu para abraçar ela, e abraçou tanto que quase arranca a cabeça dela, e chorou no ombro dela, e achei um bom lugar para mim embaixo da cama, porque a coisa ia ficar feia para o nosso lado, parecia. E espiei, e dali a pouco a tia Polly do Tom se soltou e ficou ali olhando para ele por cima dos óculos — como se estivesse moendo ele em pó com os olhos, sabe.

— Sim, é bom mesmo você virar a cara, eu virava se fosse você, Tom.

— Oh, meu bem! — falou a tia Sally. — Ele está tão mudado assim? Ora, esse não é o *Tom*, é Sid. O Tom está... O Tom está... Ora, onde está ele? Estava aqui um minuto atrás.

— Você quer dizer onde está *Huck Finn*, isso sim! Acho que não criei esse malandro do meu Tom todos esses anos para não reconhecer quando estou olhando para ele. Isso seria muita maluquice. Saia já debaixo dessa cama, Huck Finn.

Saí. Mas não muito animado.

A tia Sally estava com a cara de mais espantada que já vi — tirando uma, que era o tio Silas, quando ele entrou e elas contaram tudo para ele. Foi como se ele tivesse ficado bêbado, vamos dizer assim, e ele não entendeu mais nada o resto do dia, e fez um sermão naquela noite que lhe deixou com a reputação abalada, porque nem o homem mais velho do mundo ia conseguir entender. Então a tia Polly contou quem eu era, e o que eu era lá, e tive que virar e falar o apuro que eu estava quando a sra. Phelps achou que eu era o Tom Sawyer — ela interrompeu e falou: “Oh, continue, pode continuar me chamando de tia Sally, eu já me acostumei, não precisa mudar”. Quando a tia Sally achou que eu era o Tom Sawyer, tive que continuar fingindo que era — não tinha outro jeito, e eu sabia que ele não ia achar ruim, porque ia achar incrível na verdade, por ser um mistério, e para ele ia ser uma aventura, e ele ia ficar totalmente satisfeito. E foi assim que acabou ficando, e ele fingiu que era Sid, e deixou tudo mais fácil para mim.

E a tia Polly falou que o Tom tinha falado a verdade sobre a velha srta. Watson, que ela tinha libertado o Jim no testamento. Sendo assim, sem dúvida, o Tom Sawyer tinha se dado todo aquele trabalho e causado toda aquela confusão para libertar um escravo livre! Por que não tinha conseguido entender antes, até aquele minuto e aquela conversa, como ele podia ter ajudado a libertar um escravo tendo sido bem criado daquele jeito.

Bem, a tia Polly falou que quando a tia Sally escreveu para ela avisando que o Tom e o Sid tinham chegado bem.

— Ora, vejam só! Eu já devia saber, isso é que dá deixar ele sozinho sem ninguém vigiando — falou a tia Polly. — Agora vou ter que viajar mil e setecentos quilômetros rio abaixo, e descobrir o que aquela criatura está aprontando dessa vez, uma vez que você não parecia saber pela carta.

— Ora, não recebi nenhuma carta sua — falou a tia Sally.

— Bem, eu imagino! Ora, eu escrevi duas vezes perguntando o que você queria dizer com Sid estava aqui.

— Bem, pois não recebi nenhuma, minha irmã...

A tia Polly virou devagar e brava.

— Seu... Tom!

— Bem... o *quê*? — respondeu, meio petulante.

— Não me venha com o *quê*, seu descarado. Passe para cá as cartas.

— Que cartas?

— *Minhas* para ela. Ora, se eu tiver que procurar aí, eu vou te...

— Estão no baú. Ali. E estão fechadas como quando peguei no correio. Não abri, não li. Mas eu sabia que elas iam criar problemas, e achei que se a senhora não estivesse com pressa, eu só ia precisar...

— Bem, você precisa é levar uma sova, quanto a isso não há dúvida. E escrevi outra carta para avisar que estava vindo, e imagino que ele...

— Não, essa chegou ontem. Ainda não li, mas essa chegou bem, está comigo.

Eu pensei em apostar dois dólares que não estava com ela, mas achei melhor e mais seguro não falar nada. Então não falei nada.

Último capítulo

Na primeira hora que fiquei sozinho com o Tom, perguntei o que ele tinha na cabeça com aquela história da evasão? Qual era o plano se a evasão desse certo e ele conseguisse libertar um escravo que já era livre? E ele falou — o que ele tinha cabeça desde o começo, se conseguíssemos salvar o Jim, era descer o rio de jangada com ele, e ter um bocado de aventuras até a boca do rio, e depois falar que ele era livre, e depois voltar com ele de vapor, em grande estilo, e pagar a ele pelo tempo perdido, e escrever para casa avisando antes e reunir todos os escravos das redondezas e levar para festejar com ele, com uma procissão de tochas e uma banda de metais, e aí ele ia ser um herói, e nós também. Mas ter sido do jeito que foi era bom também.

Fomos tirar as correntes do Jim na hora, e quando a tia Polly, o tio Silas e a tia Sally ficaram sabendo como ele tinha ajudado o médico como enfermeiro do Tom, foi uma festa para o Jim, e fizeram de tudo, e deram de tudo para ele comer, e vida boa, e nada para fazer. E nós levamos ele até o quarto, e conversamos muito. Tom deu quarenta dólares para o Jim por ter tido tanta paciência como nosso prisioneiro, e por ter se saído tão bem, e o Jim quase morre de satisfação.

— Ora, essa, Huck, o que foi que falei? O que falei lá atrás na ilha Jackson? Eu disse que tinha pelo no peito, e que isso era um sinal. Falei que tinha sido rico um dia, e ia ser rico outra vez, e aconteceu agora. Aqui está! Ora, não me vem falar que não... Sinal é sinal, ouve o que digo. Eu tinha tanta certeza que ia ser rico outra vez como estou aqui de pé nesse minuto!

E depois o Tom falou e falou, e disse: “Vamos nós três sair daqui uma noite dessa e vestir uma fantasia, e sair em busca de aventuras uivantes com os índios, lá no território, durante uma semana ou duas.” Falei que estava combinado, mas que não tinha dinheiro para comprar fantasia, e achava que em casa também não

ia ter mais, porque o meu pai provavelmente voltou, e deve ter tirado tudo do juiz Thatcher e gastado tudo em bebida.

— Não, ele não gastou — falou Tom —, ainda está tudo lá, seis mil dólares e mais um pouco. E o seu pai não voltou mais desde aquela vez. Não tinha voltado até antes de eu vir para cá, pelo menos.

— Ele não vai mais voltar, Huck — falou Jim, meio solene.

— Por quê, Jim?

— Não interessa por quê, Huck, mas ele não vai mais voltar.

Eu insisti.

— Você lembra da casa que passou boiando no rio, e tinha um homem lá dentro, coberto, e quando entrei descobri a cara dele e não deixei você entrar? Bem, então, você pode ficar com o seu dinheiro, porque aquele era ele.

O Tom já está quase bom agora, e anda com a bala pendurada no pescoço na correntinha do relógio, e está sempre vendo que horas são, e então não tenho mais nada para escrever, e estou muito contente por isso, porque se soubesse o trabalho que dá fazer um livro, eu não ia nem ter começado, e não vou mais escrever nada. Mas acho que vou fugir para o território antes deles, porque a tia Sally vai querer me adotar e me *sivilizar*, e não aguento mais. Já passei por isso.

Fim.

Sinceramente,

Huck Finn

**MARK
TWAIN**



**AS VIAGENS DE
TOM
SAWYER**



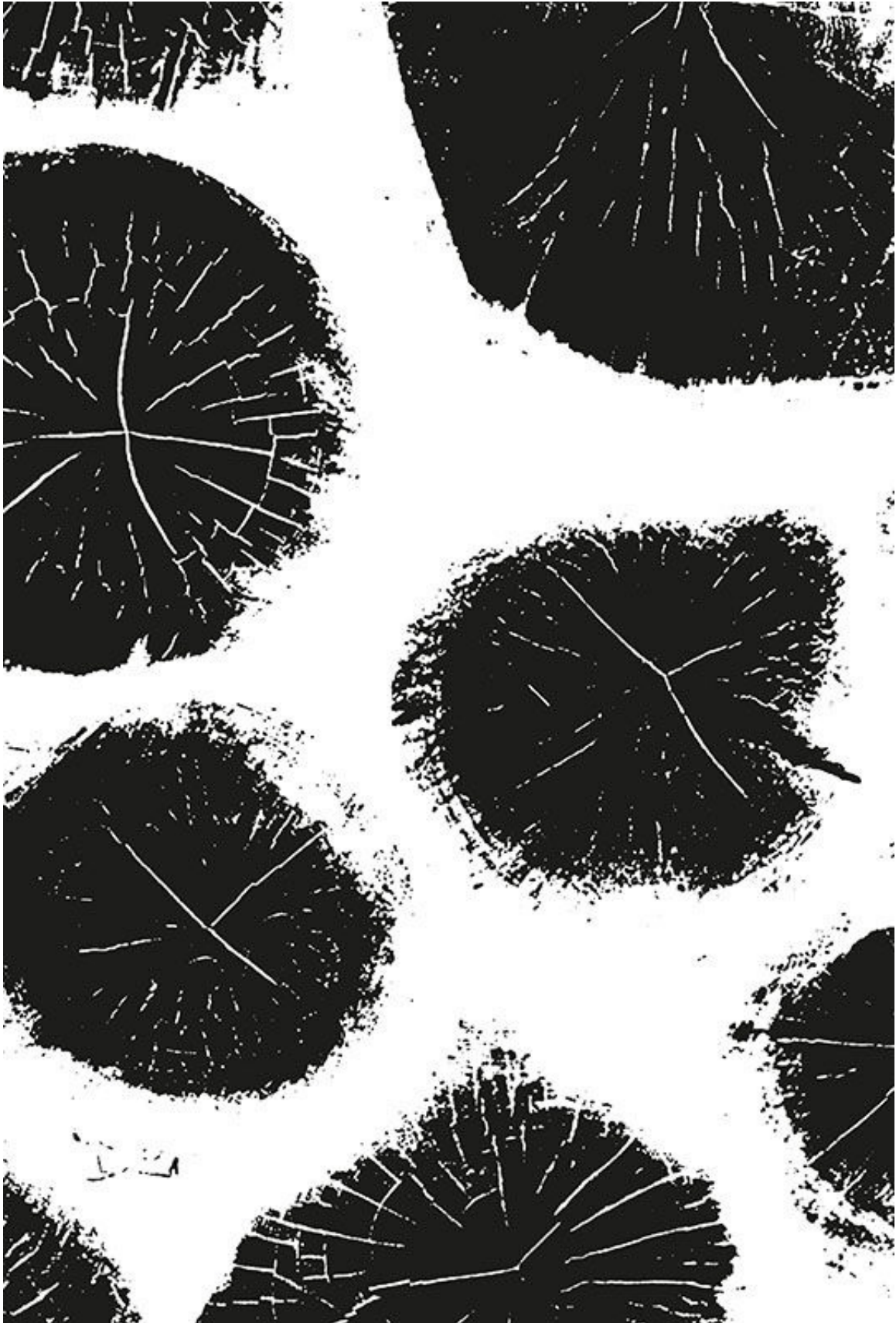
**TOM
SAWYER,
DETECTIVE**


EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

tradução de Bruno Gambarotto

AS VIAGENS DE

**TOM
SAW
YER**



1. Tom busca novas aventuras

Vocês acham que o Tom Sawyer sossegou depois de tantas aventuras? Estou falando das aventuras de quando nós descemos o rio e libertamos o Jim, o negro, e o Tom tomou aquele tiro na perna. Claro que ele não sossegou! Aquilo tudo só deixou ele ainda mais doido. Foi só disso que adiantou aquela correria toda. Vejam vocês: quando voltamos pelo rio daquela viagem que não tinha fim — os três, tão gloriosos, e o vilarejo nos recebendo com discurso e honrarias, as tochas acesas, e os *viva* e os gritos —, lá nós éramos heróis, e herói era tudo que o Tom Sawyer sempre foi louco para ser.

Tudo bem, até que por um tempo ele sossegou. Todo mundo ficava cheio de orgulho do Tom, e ele empinava o nariz e zanzava pela cidade como se fosse o dono dela. Tinha gente que chamava ele de “Tom Sawyer, o Viajante”, e ele ficava muito cheio de si, louco para aprontar mais alguma. Vejam vocês que ele estava muito na frente de nós, eu e Jim, porque a gente desceu o rio de bote e só voltou de vapor, mas ele fez o caminho inteiro de vapor, ida e volta. Os meninos tinham muita inveja de mim e do Jim, mas na frente do Tom era demais, só faltavam rastejar.

Bom, o negócio é que eu não sei. Até pode ser que ele tivesse sossegado, não fosse o velho Nat Parsons, o chefe do correio, um sujeito comprido e magrelo, meio que bobo e gente boa, careca, que era coisa da idade, e talvez a criatura mais tagarela que eu vi na vida. Tinha uns trinta anos que ele era o único sujeito de reputação na cidade — quero dizer, reputação de ser viajante, e é claro que ele tinha muito orgulho disso, e era sabido que naqueles trinta anos ele tinha contado o caso daquela viagem um milhão de vezes sem se cansar. E agora aparece um moleque que nem quinze anos tem e deixa todo mundo admirado e babando, de boca aberta das viagens *dele* — é lógico que isso mexeu com os brios do homem. Ele queria morrer quando ouvia Tom falar e o povo dizer “Meu

Deus!”, “Mas tudo isso!”, “Como é que você está vivo!?”, e coisa assim; mas ele não conseguia escapar de jeito nenhum — parecia uma mosca com as patas traseiras presas no melão. E sempre que o Tom parava um pouco, o coitado se metia para falar das velhas viagens de sempre e fazia de tudo para contar bem contado; mas suas histórias já estavam gastas, não valiam muita coisa, dava até pena. E então era de novo a vez do Tom, e depois lá vinha o sujeito de novo — e tudo aquilo demorava horas, um tentando bater o outro.

Vejam vocês que as viagens do Parsons foram assim: bem quando ele tinha virado o chefe do correio, sem saber de nada do negócio, chegou uma carta de uma pessoa que ele não conhecia, e não havia ninguém com aquele nome na vila. Bom, ele não sabia o que fazer, nem como agir, e ali a carta ficou, semana após semana, até que ele começou a ficar muito nervoso só de olhar para ela. Ainda por cima, a postagem não estava paga, e isso só deixava o homem mais angustiado. Não tinha jeito de cobrar os dez centavos, e ele começou a achar que o governo ia acabar jogando a culpa nas costas dele e até mandá-lo embora quando descobrisse que ele não tinha como cobrar nada. Bom, a coisa chegou num ponto que ele não aguentava mais. Já não dormia de noite, já não comia, ficou muito, muito magro — e nem pensar pediria o conselho de alguém, porque a pessoa para quem ele pedisse podia ser duas-caras e contar tudo para o governo. Ele tinha a carta debaixo do piso, mas não dava certo: calhasse de ele ver alguém parado em cima do lugar, tinha calafrios e ficava todo desconfiado e não ia se deitar até depois que a vila inteira ficasse quieta e escura, e aí ele ia até lá, pegava a carta e enterrava em outro lugar. Claro que as pessoas começaram a fugir dele e a balançar a cabeça e a cochichar, porque, daquele jeito, todo mundo concluiu que ele tinha matado alguém ou feito alguma coisa horrível, não sabiam o quê. Mas se ele fosse um estranho, já tinham até linchado.

Bem, como eu estava dizendo, teve uma hora que ele não aguentou mais; então decidiu viajar até Washington e ir até o presidente dos Estados Unidos e confessar tudo, tim-tim por tim-tim, e daí sacar a carta e colocar ela na cara do governo inteiro e dizer: “Bom, aí está a bendita — agora vocês podem fazer comigo o que quiserem; Deus é meu juiz e sabe que eu sou inocente e não mereço a punição da lei, nem deixar uma família que vai morrer de fome sem ter nada com isso, porque essa é a verdade verdadeira e eu juro.”

E foi o que ele fez. Pegou um barquinho a vapor, entrou mais um trechinho numa diligência, e todo o resto da viagem foi no lombo do cavalo, e levou três semanas até chegar a Washington. Ele viu terra que não acabava mais, vilarejo atrás de vilarejo, e quatro cidades. Ficou fora, no máximo, umas oito semanas, e quando voltou não tinha homem mais orgulhoso no vilarejo. As viagens fizeram dele o homem mais famoso de toda a região, só se falava dele; e as pessoas andavam mais de trinta milhas, ou vinham dos confins de Illinois, só para olhar para a cara dele — e elas ficavam ali, babando, e ele tagarelava. Vocês nunca viram algo assim.

Bem, não tinha jeito de decidir quem era o maior viajante; uns diziam que era o Nat, outros que era o Tom. Todo mundo reconhecia que o Nat tinha visto a maior longitude, mas tinham também que concordar que o que Tom não conhecia de longitude ele compensava em clima e latitude. A coisa estava se tornando um impasse, então os dois tiveram que botar lenha no perigo das aventuras e tentar ganhar desse jeito. A marca da bala na perna do Tom era coisa que o Nat Parsons não tinha como superar, mas ele lutou do jeito que pôde; e ainda com uma desvantagem, porque o Tom, e a gente tem que ser justo, nunca ficava quieto depois de terminar e sempre levantava e ficava mancando de um lado para o outro para todo mundo ver enquanto o Nat contava a aventura *dele* em Washington; porque o Tom nunca parou de mancar depois que a perna ficou boa, ficava treinando em casa à noite e nunca perdia o jeito.

A aventura do Nat era mais ou menos isso; não sei se é muito verdadeira; pode ser que ele tenha tirado de algum jornal, de algum lugar, mas eu digo uma coisa em sua defesa: ele *sabia* como contar. O sujeito era capaz de fazer a pele das pessoas formigar, e ele ficava branco e prendia a respiração enquanto contava, e às vezes as mulheres e as meninas ficavam tão assustadas que não conseguiam acompanhar. Bem, era assim, se bem me lembro:

Ele entrou a galope em Washington, guardou o cavalo e correu para a casa do presidente com a carta, e disseram para ele que o presidente estava no Capitólio e pronto para viajar para a Filadélfia — então, se quisesse mesmo se encontrar com ele, era melhor não perder um minuto! Nat quase que caiu duro, aquilo acabou com ele. O seu cavalo estava no estábulo, e ele não sabia o que fazer. Foi

quando apareceu um jovem negro montado numa carruagem caindo aos pedaços, e ele viu ali a oportunidade. Correu e gritou:

— Meio dólar se você me levar ao Capitólio em meia hora e mais um quarto se você conseguir em vinte minutos!

— Feito! — respondeu o rapaz.

O Nat entrou, bateu a porta, e os dois saíram naquele carro que estalava, se desmontava e fazia uns rangidos medonhos numa rua que ruim daquele jeito vocês nunca viram. Nat se agarrou ali dentro nas argolas como se lutasse pela própria vida, mas não demorou e o carro acertou uma pedra e voou, e as tábuas do piso caíram, e quando ela desceu os pés do Nat estavam quase no chão, e ele viu que estaria enrascado se não conseguisse ficar dentro do carro. Ele estava morrendo de medo, mas se agarrou nas argolas com toda a força e deixou as pernas voando no ar. Berrava e gritava para o condutor parar, e do mesmo jeito a multidão na rua, porque todo mundo via as pernas do Nat rodando debaixo da carruagem, e a cabeça e os ombros dele sacolejando do lado de dentro pelas janelas, e ele estava em grande perigo; mas quanto mais todo mundo gritava, mais o condutor berrava e chicoteava os cavalos, gritando “Não se preocupe, que vou te deixar lá bem na hora, chefe, vou conseguir, pode acreditar!”, porque, vejam vocês, ele estava achando que todo mundo estava lhe apressando, e, é claro, ele não ouvia nada por causa da barulheira que a carruagem fazia. E estalando desse jeito eles continuaram, e todo mundo ficava boquiaberto de ver; e quando eles por fim chegaram no Capitólio tinha sido a corrida mais rápida que já se tinha visto, e foi o que todo mundo disse. Os cavalos pararam, e o Nat saltou, morto de cansado, coberto de poeira e farrapos e sem sapato; mas chegou bem na hora, e ele alcançou o presidente e lhe entregou a carta, e estava tudo certo, e o presidente perdoou ele ali mesmo, e o Nat deu para o jovem negro dois quartos extras em vez de um, porque ele podia ver que se não tivesse pegado a carruagem nunca teria chegado ali a tempo, nem perto disso.

Aquele *era* um baita de um caso bom, e o Tom Sawyer teve que trabalhar muito naquele buraco de bala para superar a aventura do Nat.

Bem, também não demorou muito para a glória do Tom perder a força, por causa de outras coisas que foram aparecendo para o povo comentar: primeiro uma corrida de cavalo, e depois uma casa que pegou fogo, e depois o circo, e

depois o eclipse; e o eclipse fez todo mundo correr para rezar na igreja, que é o que sempre acontece, e a essas alturas ninguém mais falava do Tom, por assim dizer, e não havia sujeito mais amuado e insatisfeito.

Ele logo ficou irritado e angustiado, todo dia sem parar, e quando eu perguntei por que ele estava naquele estado, ele disse que acabava com ele pensar em como o tempo estava passando, e ele estava ficando cada vez mais velho, sem guerra para guerrear e sem pensar em uma forma de fazer seu nome. É desse jeito que os garotos pensam, mas ele foi o primeiro que eu ouvi falar isso.

Foi quando ele começou a arquitetar um plano para ficar conhecido; e logo ele terminou e nos chamou, eu e o Jim, para participar. O Tom Sawyer sempre era nobre e generoso desse jeito. Muitos garotos são muito bons e simpáticos quando você tem uma coisa boa, mas quando uma coisa boa aparece no caminho deles, não vão contar uma palavra para você e vão querer ficar com tudo. Mas o Tom Sawyer não era assim, isso eu posso dizer. O que não falta é rapaz que vai ficar rastejando e babando em você quando você tem uma maçã e todo mundo quer um pedaço; mas quando eles têm uma e você pede um pedaço e lembra que você fez o mesmo, eles dizem “muito, muito obrigado, mas não vai ter nenhum pedacinho, não”. Estou dizendo: eles sempre aparecem; tudo que você tem que fazer é esperar.

Bem, nós fomos até o bosque na colina, e o Tom nos revelou seu plano. Era uma cruzada.

— O que é uma cruzada? — perguntei.

Ele me olhou com desprezo nos olhos, que é como ele sempre olha quando alguém o ofende, e disse:

— Huck Finn, quer dizer que você não sabe o que é uma cruzada?

— Não sei — falei. — E nem ligo de saber. Vivi até hoje sem saber, e estou aqui vivo. Mas assim que você me contar, eu vou saber, e vai ser em boa hora. Não vejo nenhum sentido de descobrir coisas e ficar com elas pesando na cabeça quando nem vou ter oportunidade de usá-las. Veja o Lance Williams, ele aprendeu a falar choctaw aqui até que um choctaw veio e cavou a cova dele. Mas o que é uma cruzada? Só te digo uma coisa, antes de você começar: se tem direito de patente, não vai dar dinheiro. O Bill Thompson...

— Direito de patente! — disse ele. — Mas que idiota. Uma cruzada é um tipo de guerra.

Achei que ele estivesse ficando louco. Mas não, ele estava falando sério e continuou calmamente.

— Cruzada é uma guerra para recuperar a Terra Santa dos muçulmanos pagãos.

— Que Terra Santa?

— A Terra Santa, ué! Só existe uma.

— Mas o que gente vai fazer com isso?

— Você não entendeu? Ela está com os pagãos, e a gente tem a obrigação de tirar ela deles.

— Mas como a gente deixou eles ficarem com ela?

— A gente não deixou. Ela sempre ficou com eles.

— Bom, Tom, então é deles, não é?

— Claro que é. Mas quem disse que não é?

Eu pensei na coisa toda, mas não conseguia enxergar sentido naquilo, de jeito nenhum.

— Não consigo entender, Tom Sawyer. Se eu tivesse uma fazenda e ela fosse minha, e outra pessoa quisesse ficar com ela, com certeza...

— Mas que coisa! Parece que você não é capaz de juntar lé com cré, Huck Finn. Não é uma fazenda, é outra coisa. É mais ou menos assim. A terra é deles, só a terra, é tudo que eles têm; mas foi a nossa gente, os judeus e os cristãos, que fizeram com que ela fosse sagrada, então eles não podem ficar lá corrompendo ela. É um horror, e a gente não pode aceitar isso de jeito nenhum. A gente tem que marchar contra eles e tomar sua terra.

— Mas isso está parecendo uma bagunça. Se eu tenho uma fazenda e outra pessoa...

— Mas eu não acabei de falar que não tem nada a ver com fazenda? Fazenda é negócio, coisa simples, comum... só, é o que dá para dizer; mas isso é coisa mais elevada, é religião, totalmente diferente.

— Religião de ir e tirar a terra de gente que é dona dela?

— Isso mesmo. E sempre foi assim.

Jim balançou a cabeça e disse:

— Ô seu Tom, acho que tem confusão de algum jeito aí... ô se tem. Eu mesmo sou religioso e conheço um monte de gente religiosa, mas nunca que cruzei com ninguém que agisse desse jeito.

O Tom se irritou e disse:

— Ah, mas se não é de deixar o sujeito maluco essa ignorância de cabeça oca! Se vocês tivessem lido alguma coisa de história, iam saber que o Ricardo Coração de Leão e o Papa e o Godofredo de Montão e mais um bocado de gente no mundo, gente de coração nobre e temente a Deus, aleijaram e arrebutaram com os pagãos por mais de duzentos anos, tentando arrancar a terra deles, nadando em sangue até o pescoço o tempo todo. E ainda assim existem dois burros caipiras, cabeças de vento no fim do mundo do Missouri achando que sabem mais do que é certo e errado do que eles! Que coragem!

Bom, é claro que isso colocou tudo em outra perspectiva, e eu e o Jim ficamos bastante envergonhados e nos sentindo ignorantes — queria que a gente tivesse ficado de bico calado. Eu não conseguia falar mais nada, e o Jim a mesma coisa, até que ele disse:

— Tá certo, então... porque se eles não sabiam, eles também não prestam para gente ignorante feito a gente para tentar saber; e então, se é nosso dever, temos que ir e enfrentar a coisa e fazer o melhor possível. Mas também me dói no coração pensar nesses pagãos, assim como dói no seu Tom. A parte ruim vai ser matar esse povo que nem nunca se viu e que não fez mal nenhum. É isso, entendeu? Se a gente tivesse com eles, a gente os três, e se a gente tivesse com fome, digamos, e pedisse um bocadinho de comida para eles, bom, talvez eles sejam como gente normal. Entende? Eles podiam nos dar, sei que podiam, e então...

— Então o quê?

— Então, seu Tom, minha ideia é essa. Não faz sentido, a gente não *consegue* matar esses estranhos, coitados, que não fizeram nada contra nós, até que a gente tenha prática na coisa... tô bem certo disso, seu Tom... tô mesmo. Mas se a gente pegasse uns machados, só eu, você e o Huck, e atravessasse o rio de noite depois da lua ter descido, e matasse aquela família doente que tá em Sny e queimasse a casa deles e...

— Ai, vocês me cansam! — disse o Tom. — Não quero mais discutir com gente como vocês, que estão sempre desviando do assunto, e pensam que conseguem entender uma coisa que é pura teologia com as leis que protegem a propriedade!

Foi aí que o Tom Sawyer não foi justo. O Jim não queria fazer mal, e eu também não. A gente sabia muito bem que ele estava certo, e a gente errado, e tudo que a gente queria era entender o *como* da coisa, só isso; e a única razão de ele não conseguir explicar era que a gente era ignorante — é, muito burro, também, não vou negar; mas, credo! Isso não é crime, eu acho.

Mas ele não ouviu mais nada: só disse que se a gente tivesse encarado tudo como devia, ele chamava uns mil cavaleiros e colocava todos eles de armadura no corpo todo e me fazia lugar-tenente e o Jim vivandeiro e assumia o comando ele mesmo e varria todo o exército pagão para o mar como moscas e voltava pelo mundo numa glória brilhante feito um pôr do sol.

Mas eu não dei bola. Sou sujeito de paz, não quero encrenca com gente que não me fez nada. Se o pagão está bem, eu também estou, e a gente fica nisso mesmo.

O Tom aprendeu todo aquele monte de coisa no livro do Walter Scott, que ele sempre andava lendo. E essa era uma ideia de doido, porque na minha opinião ele nunca que ia juntar tanto homem, e se juntasse, era provável que perdesse. Peguei o livro e li tudo, e, pelo que deu para entender, a maioria do povo que deixa a fazenda para ir para a cruzada acaba vivendo um tempo bem difícil.

2. O balão sobe

Bem, o Tom vinha com uma coisa depois da outra, mas todas tinham alguma fraqueza em algum ponto, e ele acabava desistindo delas. No fim das contas, ele estava a ponto de se desesperar. Foi quando os jornais de St. Louis começaram a falar muito sobre um balão que ia voar até a Europa, e o Tom meio que pensou que queria ir até lá e ver do que se tratava, mas estava na dúvida. Mas os jornais continuavam falando, e então ele chegou à conclusão de que se não fosse até lá, talvez não tivesse outra oportunidade de ver um balão; e depois ele descobriu que o Nat Parsons ia viajar para ver, e aí ele decidiu que ia, é claro. Ele que não ia deixar o Nat Parsons voltar cheio de histórias do balão e depois ter que escutar e ficar quieto. Então quis que eu e o Jim fôssemos junto, e nós fomos.

Era um balão enorme, bonito, e tinha asa e hélice e todo o tipo de coisa, e não era como um balão desses que se veem em desenhos. Estava bem longe, no fim da cidade, em um terreno aberto, na esquina da rua Doze; e tinha uma multidão imensa em torno dele, fazendo troça dele e fazendo troça do homem — um sujeito magro e pálido com uns olhos que brilhavam, claros como a lua, sabe —, e eles ficavam dizendo que ele não ia conseguir. Ele estava muito bravo de ouvir essa gente, e se virava para eles e mostrava o punho fechado e dizia que eram uns cegos, uns animais, mas que um dia eles iam descobrir que tinham ficado cara a cara com um daqueles homens capazes de elevar a nação e fazer uma civilização, e eram muito estúpidos para entender algo tão grande assim; e bem ali naquele lugar os próprios filhos deles e os netos iam fazer um monumento para ele, que ia durar uns mil anos, mas o nome dele ia durar mais do que o monumento. E aí a multidão caía na gargalhada de novo e berrava na cara dele e perguntava para ele qual era mesmo seu nome de solteiro e quanto ele queria para desistir e qual era o nome da irmã do gato da avó dele e todo o tipo de coisa que uma multidão diz quando encontra um sujeito para atazanar. Bom, algumas

coisas que eles disseram eram engraçadas, e bem espirituosas também, não vou negar, mas mesmo assim não é justo, nem digno, ver todo mundo achincalhando um sujeito, aquelas línguas tão falantes e afiadas, e ele sem nenhum dom de fala para responder de volta. Mas, ô meu Deus!, por que ele quis responder? Vejam vocês: que bem isso ia fazer para ele? Ia só divertir ainda mais o povo. Eles tinham o pobre homem na mão, sabe? Mas esse era o jeito dele. Acho que ele não conseguia se controlar; ele era assim, julgo eu. Era uma criatura muito boa, não tinha maldade, e era só um gênio, como falavam os jornais, o que não era culpa dele. A gente não consegue sempre ficar calmo e inabalável: a gente tem que ser do jeito que a gente é. Tanto que eu consigo entender, os gênios acham que sabem tudo, e então eles não ouvem o conselho dos outros, sempre fazem as coisas do jeito deles, e isso faz todo mundo desistir deles e desprezá-los. E isso é perfeitamente natural. Se eles fossem mais humildes e escutassem e tentassem aprender, seria melhor para eles.

O lugar em que o professor estava parecia um barco, e era grande e espaçoso, e tinha uns baús à prova d'água no interior para guardar todo tipo de coisa, e dava para sentar neles e também usar de cama. Embarcamos, e tinha umas vinte pessoas ali dentro, bisbilhotando e examinando tudo, e o velho Nat Parsons estava lá também. O professor fazia espalhafato de um lado para o outro se aprontando para a viagem, e o pessoal todo desembarcou, uma de cada vez, e o velho Nat era o último. Claro que a gente não podia deixar que ele saísse atrás *da gente*. Não íamos arredar pé até ele sair; tínhamos que sair por último.

Mas ele já tinha saído, e era a nossa vez. Escutei um baita grito, e olhei ao redor — a cidade estava caindo debaixo da gente, rápido como um tiro! Comecei a passar muito mal, fiquei muito assustado. O Jim ficou cinza, mudo, e o Tom não disse nada, mas dava para ver que estava animado. A cidade continuava caindo, e caindo e caindo; parecia que a gente não podia fazer nada, só ficar pendurado no ar, parado. As casa ficaram pequenininhas, pequenininhas, e a cidade era uma coisa só, tudo juntinho, e os homens e as carroças pareciam formiguinhas e besourinhos andando de lá para cá, e as ruas uns fiozinhos, umas rachaduras; e então era como se tudo tivesse derretido, e já não havia mais cidade — era só uma casquinha de ferida na terra, e eu achei que dava para ver o rio de cima a baixo numas mil milhas, apesar de, é claro, não ser tudo isso. De

pouco em pouco a terra virou uma bola: uma bola redonda e opaca, com umas faixas brilhantes serpenteando e se contorcendo por toda parte, que eram os rios. A viúva Douglas sempre me disse que a Terra era redonda como uma bola, mas eu não dava trela para muita das superstições dela, e é claro que não prestei atenção nessa também, porque eu podia ver, eu mesmo, que o mundo parecia uma bandeja, bem chata. Eu tinha o costume de subir a colina e dar uma olhada em torno e provar isso eu mesmo, porque acho que a melhor forma de saber se uma coisa é verdade ou não é ir lá e examinar pessoalmente, e não ficar dando ouvido ao que se fala só porque está dito. Mas eu tive que aceitar que a viúva estava certa. Quer dizer, ela estava certa no que se via do mundo, mas não estava certa sobre a parte em que o nosso vilarejo estava — e que tem a forma de uma bandeja e é chata, juro para vocês!

O professor tinha ficado quieto o tempo todo, como se estivesse dormindo; mas de repente ele desembestou a falar, todo amargurado. Disse uma coisa mais ou menos assim:

— Idiotas! Eles disseram que não daria certo; e quiseram examinar o balão, espiar por toda a parte e tirar o segredo de mim. Mas eu acabei com eles. Ninguém conhece o segredo, só eu. Ninguém sabe o que faz ele se mover, só eu; e isso é um novo poder... um novo poder, e mil vezes mais forte que o mais forte da Terra! O vapor é bobagem perto disso! Eles disseram que eu não ia conseguir ir à Europa. Para a Europa! Ora, tenho força a bordo para durar cinco anos, e comida para três meses. Estúpidos! O que sabem sobre isso? Sim, e disseram que meu barco aéreo não era sólido. Ora, vai durar cinquenta anos! Posso navegar pelos céus a minha vida inteira se eu quiser, e rumar para onde quiser, embora tenham rido de mim e dito que não ia conseguir. Não ia conseguir navegar! Vem cá, menino, vamos ver. Aperte esses botões quando eu disser.

Ele fez o Tom manobrar o navio por toda a parte e para qualquer direção, e ensinou a ele tudo muito rapidinho; e o Tom disse que era muito, muito simples. Ele fez o balão descer até quase a terra, e fez o balão correr até chegar perto das pradarias de Illinois, tão perto que a gente podia falar com os fazendeiros e escutar direitinho o que eles diziam; e ele jogou panfleto para eles contando do balão e disse que estava indo para Europa. O Tom pegou tanto o jeito que era capaz de rumar na direção de uma árvore até chegar perto dela e depois guinar

para cima e arrancar as folhas da copa. Isso mesmo, e ele mostrou para o Tom o que precisava ser feito para pousar; e Tom aprendeu bem direitinho também, e fez ele descer nas pradarias que pareciam uma pluma. Mas na hora que a gente tentou zarpar dali, o professor disse “Não, vocês não vão!” e botou o balão no ar de novo. Foi horrível. Comecei a implorar, o Jim também; mas isso só fez o homem ficar irritado e ele se pôs furioso, e os olhos dele pareciam faiscar. Fiquei com medo dele.

Bem, ele então montou nos problemas dele de novo e se lamentou e resmungou sobre como tinha sido tratado e que não parecia que ia conseguir e especialmente sobre as pessoas dizerem que o barco dele não era sólido. Ele ficou fazendo ridículo delas, e de elas dizerem que o barco não era simples e que podia dar defeito. Dar defeito! Aquilo doeu nele feito se ralar na areia: ele dizia que a chance de aquele balão dar defeito não era maior que a do assistente solar quebrar.

Ele foi ficando cada vez pior, e eu nunca tinha visto pessoa tão agastada. Ele me dava calafrios, e o Jim estava do mesmo jeito. No fim, começou a berrar e gritar, e então ele jurou que o mundo nunca ia conhecer o segredo dele, porque o tratou muito mal. Ele disse que ia navegar com o balão dele dando a volta no mundo só para mostrar o que era capaz de fazer, e então ele ia afundar no mar, e afundar a gente com ele também. Que dificuldade horrorosa era estar ali dentro... e a noite estava chegando!

Ele nos deu de comer e fez a gente ir para o outro lado do barco, e deitou em cima de um baú, onde podia tomar conta de toda a máquina, e colocou o pimenteiro dele debaixo da cabeça e disse que se alguém fosse se meter a besta de tentar fazer o balão descer, ele mandava bala.

A gente ficou bem encolhidinho num canto e pensando um bocado, mas sem falar muito — só uma palavrinha de vez em quando, quando um de nós tinha coisa para dizer ou desabafar; a gente estava muito assustado e preocupado. A noite se arrastou lenta e solitária. A gente estava muito desanimado, e a luz da lua deixava tudo suave e bonito, e as fazendas pareciam bem confortáveis, com cara de lar, e a gente conseguia ouvir todos os sons da fazenda, e deu muita vontade de estar lá embaixo; mas que droga! Nós deslizávamos por cima delas como fantasmas, não deixávamos nem rastro.

Mais tarde, quando só havia os sons da madrugada, e o ar tinha o gosto e o cheiro da madrugada — parecia que eram umas duas da manhã, acho que perto disso —, o Tom disse que o professor estava tão quieto que devia estar dormindo, e talvez fosse melhor...

— Melhor o quê? — perguntei num sussurro, morrendo de medo, porque eu sabia o que ele estava pensando.

— Melhor a gente ir devagarinho ali e amarrar ele e pousar o balão — respondeu ele.

Eu disse:

— Nem pensar! Não vai aprontar, Tom Sawyer.

E o Jim... bom, o Jim estava meio que arfando, de tão assustado que estava.

— Ô seu Tom, não! — disse ele. — Se você toca nele, a gente tá frito, frito fritinho! Nem quero chegar perto, por nada nada nesse mundo. Seu Tom, ele é um doido de pedra.

Tom sussurrou e disse:

— É por isso que a gente tem que fazer alguma coisa. Se ele não fosse doido, eu não dava nem bola de estar aqui mais do que em qualquer outro lugar, agora que eu me acostumei a esse balão e não estou mais com medo de estar longe do chão firme. Mas não é boa coisa navegar desse jeito com gente doida que diz que vai dar uma volta no mundo e afogar a gente depois. *Precisamos* fazer alguma coisa, é o que eu estou dizendo, e antes que ele acorde, ou é possível que a gente não tenha outra chance. Vamos!

Mas dava calafrios de medo só de pensar na ideia, e a gente disse que não ia ajudar de jeito nenhum. Então o Tom decidiu deslizar até lá sozinho para ver se conseguia alcançar o leme e pousar o balão. A gente pediu muito para ele não ir, mas não adiantou de nada; então ele se pôs de quatro e engatinhou de pouquinho em pouquinho, a gente prendendo a respiração, só vendo. Depois de chegar no meio do barco ele engatinhou ainda mais devagar, para mim parecia que tinha passado um ano inteiro. Mas no fim a gente viu ele chegando na cabeça do professor e levantando devagarinho e dando uma olhada no rosto dele e escutando. Então ele começou a ir bem devagarinho na direção dos pés do professor, onde estava os botões de navegação. Bom, ele chegou lá são e salvo, e estava chegando devagar e calmo perto dos botões, mas bateu em alguma coisa

que fez barulho, e a gente viu ele se deitar inteirinho, sem fazer barulho, no fundo, e ficar quieto. O professor se agitou, perguntou “Que foi?”, mas todo mundo fez um silêncio total, e ele começou a murmurar e grunhir e se mexer, como uma pessoa que vai acordar, e eu pensei que eu fosse morrer, de tanto medo e preocupação.

Foi quando uma nuvem cobriu a lua, e eu quase gritei de alegria. A lua se enterrou cada vez mais fundo na nuvem, e ficou tão escuro que a gente não conseguia ver o Tom. Então começou a choviscar, e a gente escutava o professor se agitar no meio dos cabos e das coisas todas e xingando o tempo. A gente estava com medo que a qualquer momento ele encostasse no Tom, e que a gente acabasse se lascando, e sem ajuda nenhuma; mas o Tom já estava voltando, e quando a gente sentiu as mãos dele nos joelhos, minha respiração parou na hora, e meu coração encolheu no meio do corpo, porque eu não sabia dizer, naquele breu que fazia, se não era o professor! E eu pensei que fosse!

Jesus do céu! Eu fiquei tão contente de ter Tom de volta... era uma felicidade que só podia caber numa pessoa que está daquele jeito no céu com um doido de pedra. Não dá para pousar um balão no escuro, então eu torci para continuar chovendo, porque eu não queria que o Tom ficasse fuçando e deixasse a gente naquele desconforto todo. Bom, a torcida deu certo. Choveu uma chuva fina o resto da noite toda, que estava no fim, apesar de não parecer; e quando nasceu o dia, a chuva parou, e o mundo parecia muito, mas muito tranquilo e cinza e bonito, e as florestas e os campos davam gosto de ver, e os cavalos e o gado, tudo parecia sério e pensativo. Depois, o sol começou a brilhar feliz e maravilhoso, e a gente começou a sentir o corpo duro, com vontade de espreguiçar, e a gente percebeu então que tinha pegado no sono.

3. Tom explica

Pegamos no sono mais ou menos às quatro da manhã, e quando acordamos já eram oito. O professor estava no canto dele e parecia bem acabrunhado. Ele nos serviu um café da manhã, mas disse que não devíamos ficar atrás da bússola, que estava no meio do convés. Bem, quando o sujeito tá com muita fome e come e fica satisfeito, tudo fica bem diferente do que estava antes. A gente se sente bem mais confortável, mesmo quando está no céu em um balão com um gênio. Começamos a conversar.

Tinha uma coisa que estava me incomodando, e no fim das contas eu disse: — Ô Tom, a gente não tá indo para leste?

— Tá.

— Quão rápido a gente tá indo?

— Bem, você escutou o que o professor disse quando ele estava feito um louco no convés. Às vezes, a gente estava fazendo cinquenta milhas por hora, outras vezes noventa ou cem; ele disse também que com um vendaval para ajudar ele conseguia chegar a trezentas, e disse que se quisesse uma ventania, e quisesse que ela soprasse na direção certa, ele só tinha que ir um pouco mais para cima ou um pouco mais para baixo para encontrar.

— Bem, foi o que eu achei. O professor mentiu.

— Por quê?

— Porque se a gente estivesse indo tão rápido, a gente já tinha que ter passado por Illinois, não tinha?

— Isso.

— Mas a gente não passou.

— Mas por que não?

— É a cor. A gente ainda está em cima de Illinois. E você mesmo pode ver que Indiana ainda não está à vista.

— Mas eu não entendo qual é o seu problema, Huck. Você sabe pela *cor*?

— Claro que sim.

— E o que a cor tem a ver com isso?

— Tem tudo a ver. Illinois é verde, Indiana é rosa. Me mostra onde está o rosa ali. Não tem, é verde.

— Indiana rosa? Mas que bobagem!

— Não é bobagem; vi no mapa, é rosa.

Nunca vi na vida uma pessoa mais contrariada e aborrecida.

— Olha, Huck Finn — disse ele —, se eu fosse a besta que você é, juro que pulava lá embaixo. Viu no mapa! Huck Finn, você acha que os estados têm a mesma cor na realidade e no mapa?

— Tom Sawyer, para que serve um mapa? Não é para ensinar os fatos?

— Claro.

— Bom, então como é que ele ia fazer isso se fosse mentira? É o que eu quero saber.

— Mas sua mula! Ele não conta mentira.

— Não conta?

— Não, não conta.

— Está bom, então; se não conta, não tem dois estados da mesma cor. Sai *dessa* se você conseguir, Tom Sawyer.

Vi que ele ficou sem palavras, e o Jim viu também; e, olha, eu estava me sentindo muito bem, porque o Tom Sawyer sempre era um sujeito muito duro de bater. O Jim deu um tapa na perna e disse: — Tá aí! Mas foi muito esperto, muito esperto mesmo. Não tem jeito, ô seu Tom; dessa vez ele te pegou! — Ele bateu na perna de novo e prosseguiu: — Mas meu *Deus*, foi muito esperto!

Nunca me senti tão bem na vida; e eu não achei que estivesse dizendo muita coisa até que saiu. Eu só estava falando, nada demais, sem ligar muito, e sem *esperar* que nada fosse acontecer, quando, de repente, saiu. Vejam vocês: foi uma surpresa para mim tanto quanto foi para eles. E foi do mesmo jeito que quando uma pessoa está mastigando um naco de pão de milho, sem pensar em nada, e de repente morde um diamante. Tudo que a gente sabe primeiro é que mordeu uma coisa dura feito pedra; mas não sabe que é um diamante até que tira da boca e limpa a areia e as migalhas ou uma coisa ou outra e dá uma olhada e

então fica surpreso e feliz — sim, e também orgulhoso; mesmo que, quando você analisa direitinho os fatos, não tem como se dar muito crédito, como se você fosse um caçador de diamantes. Dá para ver fácil a diferença, se pensarmos bem. Veja: um acidente, desse jeito, não é uma coisa tão grande como quando você faz algo com um objetivo. Qualquer um podia achar aquele diamante no pão; mas tem uma coisa: tem que ser alguém que *está com aquele tipo de pão de milho*. É ali que está o crédito do sujeito; e era onde estava o meu. Não quero coisas grandes para mim — não acho que ia conseguir de novo — mas eu consegui daquela vez; é só o que eu digo que é certo. E eu não tinha ideia de conseguir de novo, nem pensei ou tentei pensar a respeito, não mais do que você agora mesmo. Eu estava muito tranquilo, não tinha como estar mais tranquilo, e de repente saiu. Penso muito naquela hora, e eu consigo lembrar bem do jeito que tudo estava, como se tivesse acontecido na semana passada. Vejo tudo direitinho: aquele campo todo passando, com plantação, bosque e lago a perder de vista por centenas e centenas de milhas e cidades e vilarejos espalhados por toda a parte debaixo da gente, aqui e ali e além; e o professor falando em cima de um mapa na mesinha dele, e o gorro do Tom balançando preso no cordame onde ele tinha pendurado para secar. E uma coisa curiosa era um passarinho bem do nosso lado, não estava nem dez pés longe, seguindo na nossa direção e tentando ficar perto, mas perdendo terreno toda hora; e um trem que estava fazendo a mesma coisa debaixo da gente, correndo no meio das árvores e das fazendas e cuspidando uma nuvem comprida de fumaça preta e de vez em quando uma baforadinha de fumaça branca; e quando a branca já tinha acabado e você já tinha esquecido dela, você escutava um assovio bem fraquinho, e esse era o apito. E a gente deixou o passarinho e o trem para trás, bem para trás, e sem esforço também.

Mas o Tom, ele estava ofendido, e disse que eu e o Jim éramos dois tagarelas ignorantes, e então ele disse: — Imaginem que tem uma vaca marrom e um cachorro marrom, dos grandes, e um pintor está fazendo um retrato dos dois. O que é a coisa mais importante que o pintor tem que pintar? Ele tem que pintar eles de um jeito que você pode dizer o que eles são na hora que você vê, não é? É claro. Bom, então você quer que ele vá lá e pinte os dois de marrom? Claro que não. Ele pinta um então de azul, e então você não erra. É a mesma coisa com

os mapas. É por isso que eles fazem cada estado de uma cor; não é para te enganar, é para não deixar você se enganar.

Mas eu não conseguia ver a razão nisso, nem o Jim. O Jim balançou a cabeça e disse: — Bem, seu Tom, se você soubesse como os pintores são uns cabeças de bagre, você ia esperar um bocado até achar *um* certo da cabeça. Vou contar pro senhor, e o senhor vai ver por si. Tinha um desses sujeitos pintor pintando, um dia, lá no quintal do velho Hank Wilson, e fui lá ver, e ele estava lá pintando aquela vaquinha malhada sem o chifre esquerdo. O senhor sabe de qual eu tô falando. E eu perguntei para ele por que ele estava pintando, e ele me disse que, quando a pintura tivesse pronta, a pintura ia valer cem dólares. Ô seu Tom: ele podia comprar a vaca por quinze, e eu disse pra ele. Bom, senhor, acredita em mim, mas ele balançou a cabeça, aquele pintor, e continuou pintando. Juro, seu Tom, *eles* não sabem de nada.

O Tom ficou possesso. É assim que a gente quase sempre fica quando está perdendo uma discussão. Ele mandou a gente calar a boca, que talvez a gente fosse se sentir melhor. Então ele viu o relógio de uma cidade bem longe, e ele pegou a luneta e olhou para ele e depois olhou no cebolão dele e depois para o relógio da cidade e depois para o cebolão dele de novo e disse: — Mas que engraçado! Aquele relógio está uma hora adiantado.

Então ele pegou o cebolão. Então encontrou outro relógio, deu uma olhada, e estava uma hora na frente também. Ele ficou intrigado.

— Mas é uma coisa muito engraçada — comentou. — Não entendo.

Na mesma hora ele pegou a luneta e ficou caçando outro relógio, e ele também estava uma hora adiantado. Então ele arregalou os olhos, começou a arfar e disse: — Por meu Scott, é a *longitude*!

Eu perguntei, bastante assustado:

— O que foi que aconteceu agora?

— Ora, o que aconteceu é que essa bexiga aqui já passou Illinois e Indiana e Ohio como se fosse nada, e a gente está na ponta leste da Pensilvânia ou de Nova York, ou de algum lugar perto disso.

— Você só pode estar brincando, Tom Sawyer!

— Opa se eu estou! A gente correu uns quinze graus de longitude desde que a gente saiu de St. Louis ontem à tarde, e os relógios estavam certos. A gente

andou mais ou menos umas oitocentas milhas.

Eu não acreditei, mas sentia o suor frio correr nas minhas costas do mesmo jeito. Na minha experiência, eu sabia que não levava menos de duas semanas para correr tudo aquilo no Mississippi de jangada. O Jim estava pensando e organizando as ideias. Logo ele disse: — Ô seu Tom, o senhor disse que os relógios tavam certos?

— Disse.

— Seu relógio não tá certo também?

— Certo para St. Louis, mas uma hora atrasado aqui.

— Seu Tom, o senhor tá querendo inventar que a hora não é a mesma em todo lugar?

— Não é, não é mesmo.

Jim parecia muito incomodado.

— Me dói ouvir o senhor dizer uma coisa assim, ô seu Tom; estou muito triste de ouvir o senhor falar assim, sabendo como o senhor foi criado. O coração da sua tia Polly ia ficar despedaçado de ouvir isso.

O Tom estava pasmo. Ele olhou para o Jim perplexo, e não disse nada, e o Jim continuou: — Ô Seu Tom, quem botou as pessoas lá em St. Louis? O Senhor. Quem pôs o povo aqui onde nós estamos? O Senhor. Não são todos filhos dele? São. Tá *aí*, então! Ele ia fazer *diferença* deles?

— Fazer diferença! Mas haja burrice! Não tem diferença nenhuma nisso. Quando ele fez você e mais um monte de filhos negros dele, e fez o resto de nós brancos, o que é isso?

O Jim entendeu. Ele estava amarrado, não conseguia responder.

— Ele discrimina quando Ele quer, percebe? — disse Tom. — Mas esse caso aqui não é discriminação Dele, é do homem. Deus fez o dia e fez a noite; mas Ele não inventou as horas, e Ele não distribuiu elas por aí. Foi o homem.

— Ô seu Tom, é assim? Foram os homens?

— Claro.

— Quem disse que os homens podiam?

— Ninguém. Eles nunca perguntaram se podia.

Jim pensou um pouco e disse:

— Bem, isso me derruba. Eu que não ia me arriscar assim... mas tem gente que não tem medo de nada, sai derrubando tudo que tem pela frente e não liga para o que acontece. Então é assim? Eles tão sempre uma hora de diferença em todo lugar, seu Tom?

— Uma hora? Não! São quatro minutos de diferença para cada grau de longitude. Quinze graus são uma hora, trinta são duas, e assim por diante. Quando é uma hora na manhã da terça-feira na Inglaterra, é oito da noite anterior em Nova York.

Jim se afastou um pouquinho para junto do baú, e dava para ver que aquilo era um insulto para ele. Ele balançava a cabeça e murmurava, e então eu fui até perto dele e dei um tapinha em sua perna e tentei animar ele e ver se tirava ele do meio daquele sentimento tão ruim, e então ele disse: — O seu Tom fica falando essas coisas! Terça-feira em um lugar e segunda-feira no outro, os dois no mesmo dia! Huck, a gente não tá aqui para brincar... aqui em cima onde a gente tá. Dois dias em um dia! Como você vai ter dois dias dentro de um dia? Você pode ter duas horas dentro de uma hora? Você pode ter dois negros na pele de um negro? Dois galões de uísque em um galão de uísque? Não! Vai estufar o galão! E mesmo assim, não ia conseguir, não acredito. Ora, olha aqui, Huck, imagina que a terça-feira é do ano novo... e aí? Você vai me dizer que é o ano novo em um lugar e o ano passado no outro, os dois no mesmo minuto? É a bobagem mais sem propósito! Não aguento... não aguento escutar essas coisa.

Então ele começou a tremer e ficou cinza, e o Tom disse: — O que está acontecendo agora? Qual é o problema?

Jim mal conseguia falar, mas disse:

— Ô seu Tom, você não tá brincando? É mesmo assim?

— Não, não estou, e é assim.

Jim tremeu de novo e disse:

— Então aquela segunda-feira pode ser o dia do Juízo, e então não tem dia do Juízo na Inglaterra, e não tem como chamar os mortos. A gente não pode ir lá, seu Tom. Faz o favor de fazer ele dar meia-volta; eu quero estar onde...

De repente a gente viu uma coisa e todo mundo deu um pulo, e esqueceu de tudo e começou a olhar.

— Aquilo lá não é... — disse Tom. Ele tomou fôlego. — Mas é mesmo, pela nossa vida! É o oceano!

Eu e o Jim ficamos boquiabertos também. A gente estava feito pedra, mas feliz, porque nenhum de nós tinha visto o oceano, nem achava que ia ver. O Tom continuou murmurando: — O oceano Atlântico... o Atlântico. Deus, não soa grande? E é *ele...* e *a gente* está olhando para ele... a gente! Nossa, é bom demais para acreditar!

Então a gente viu uma parede enorme de fumaça preta; e quando chegamos mais perto, era uma cidade — e era um monstro de cidade, com uma franja grossa de navios numa margem, e a gente ficou pensando se não era Nova York, e começou a tagarelar e discutir sobre isso e, assim que a gente soube, ela escapou debaixo da gente e ficou lá para trás, e ali a gente estava, em cima do próprio oceano, e correndo feito um ciclone. Aquilo despertou a gente, vou dizer!

A gente ficou quieto um minuto e soltou um gemido e começou a implorar para o professor dar meia-volta e desembarcar a gente, mas ele balançou a pistola e fez a gente recuar, e a gente recuou e ninguém nunca vai imaginar como a gente se sentiu mal.

A terra tinha ficado para trás, era só um filezinho, como uma cobra, bem longe na margem da água, e debaixo da gente tudo era oceano, oceano, oceano — milhões de milhas dele, crescendo e ondulando e se ouriçando, e a crista das ondas estourando feito uma névoa branca, e só um ou outro navio à vista, jogando e parando, primeiro de um lado, depois do outro, embicando com a proa e depois a popa; e logo já não tinha mais navio, e a gente estava com todo o céu e todo o oceano só para gente, e o lugar mais espaçoso e solitário que eu já vi.

4. Tempestade

E ficou cada vez mais solitário. Era o céu imenso no alto, um profundo e terrível vazio; e o oceano embaixo, que era só onda, mais nada. Ao redor da gente, havia um anel, que era onde o céu e a água se encontravam. Era isso mesmo: um anel monstruoso de grande, e a gente bem no centro dele — exatamente no centro. A gente corria como fogo na pradaria, mas era feito nada, parecia que a gente nunca passava desse centro. Era de dar calafrio nosujeito, era muito curioso e inexplicável.

Bom, o silêncio de tudo era tão terrível que a gente tinha que conversar muito baixinho, e ia ficando cada vez mais esquisito e solitário, e cada vez menos dava para falar, até que no fim a prosa secou de vez, e a gente ficou ali só “bensando”, como dizia o Jim, e ficamos sem trocar uma palavra por um bom tempo.

O professor só se agitava quando o sol ficava bem em cima da nossa cabeça, e nessa hora ele se levantava e colocava um tipo de triângulo no olho, que o Tom disse que era um sextante, e que ele estava usando o sol para ver onde o balão estava. Então ele escrevia uns números e olhava em um livro, e então começava a variar de novo. Ele dizia um bocado de coisas malucas, e entre elas dizia que ele ia manter aquele galope de cem milhas até o meio da tarde do dia seguinte, e depois iria pousar em Londres.

A gente disse que ia ficar muito, muito gracinha.

Ele estava se virando, mas deu meia-volta quando a gente disse aquilo e deu uma bela olhada na gente, uma olhada bem feia — ruim e suspeitosa como eu nunca tinha visto. E então ele disse:

— Vocês querem me deixar. Não tentem negar.

Ninguém sabia o que dizer, então ficamos de bico fechado.

Ele foi para a proa e se sentou, mas ele não parecia que tinha tirado aquilo da cabeça. Toda hora ele explodia falando alguma coisa daquilo e tentava fazer a

gente responder, mas ninguém respondia.

Ia ficando cada vez mais solitário, e eu tinha a impressão de que ia chegar uma hora que eu não ia aguentar mais. Ficou ainda pior quando a noite caiu. Não demorou para o Tom me dar um cutucão e sussurrar:

— Olha!

Dei uma olhada para a proa e vi o professor dar um gole de alguma coisa. Não gostei daquilo. Logo depois ele deu outro gole e não demorou para começar a cantar. Já estava escuro, e ficando um negrume com cara de tempestade. Ele continuou cantando, cada vez mais louco, e o trovão começou a murmurar, e o vento a assoviar e uivar no cordame, e tudo estava bem horrível. Ficou um breu de um jeito que a gente não conseguia mais ver o homem, e seria melhor que a gente não conseguisse ouvir também, mas ouvia. Então ele ficou quieto; mas ele não estava quieto fazia dez minutos até a gente começar a ficar ressabiado e torcer para ele começar a fazer barulho de novo, porque assim a gente sabia onde ele estava. Não demorou e houve um clarão de raio, e a gente viu ele começar a se levantar, mas ele cambaleou e caiu. A gente escutou ele gritar no escuro:

— Eles não querem ir à Inglaterra. Tudo bem, vou mudar a rota. Eles querem me deixar. Eu sei que querem. Então eles vão... e vão *agora!*

Quase caí duro quando ouvi aquilo. Mas ele ficou quieto de novo — e tanto tempo que não dava para aguentar, e pareceu para mim que o raio *nunca mais* ia aparecer. Mas no fim veio um raio abençoado, e lá estava ele, se arrastando de quatro, e bem pertinho da gente. Deus, que olhos terríveis! Ele mergulhou na direção do Tom e disse: “Você vai *saltar!*”, mas ficou escuro feito piche de novo, e eu não conseguia ver se ele tinha alcançado o Tom ou não, e o Tom não fez um barulho.

Houve mais um intervalo medonho de comprido; e deu um raio de novo, e eu vi a cabeça do Tom afundar do lado de fora do barco e sumir. Ele estava na escada de corda que balançava no ar presa na amurada. O professor deu um grito e saltou na direção dele, e de novo ficou escuro feito breu, e o Jim gritou, choroso, “Coitado do seu Tom, ele se foi!” e saltou na direção do professor, mas o professor não estava lá.

Então a gente escutou um grito horrível, e depois outro não tão alto, e então outro lá embaixo, que só dava para ouvir; e eu escutei o Jim dizer: “Coitado do

seu Tom!”

Então fez um silêncio horroroso, e acho que deu para contar até quatro mil até o outro clarão brilhar. Quando ele veio, eu vi o Jim de joelho, com os braços no baú e o rosto enterrado nele, e ele estava chorando. Antes de eu poder olhar para fora, tudo ficou escuro de novo, e eu fiquei aliviado, porque eu não queria ver. Mas quando o outro clarão veio, eu estava vendo, e lá embaixo eu vi alguém balançando no vento, preso na escada, e era o Tom!

— Sobe! Sobe, Tom! — gritei.

A voz dele estava tão fraca, e o vento uivava tanto, que eu não conseguia entender o que ele dizia, mas achei que ele tinha perguntado se o professor estava no barco.

— Não, ele caiu no oceano! — gritei. — Sobe! A gente pode ajudar?

Claro que tudo isso no escuro.

— Huck, você está berrando para quem?

— Para o Tom.

— Ai, Huck, como você pode fazer uma coisa dessa, se você sabe que o coitado do seu Tom...

E então ele soltou um grito horrível, lançou os braços e a cabeça para trás e deu mais um berro, porque veio um clarão branco naquela mesma hora, e ele levantou a cabeça bem a tempo de ver a do Tom, branca feito neve, subindo pela amurada e olhando para ele bem nos olhos. Ele pensou que era o fantasma do Tom, entendeu?

O Tom subiu a bordo, e quando o Jim descobriu que era ele, e não o fantasma, ele abraçou o Tom e só disse palavras bonitas para ele e ficou variando como um louco, de tão feliz que estava.

— O que você estava esperando, Tom? — falei. — Por que você não subiu de uma vez?

— Não dava, Huck. Eu sabia que alguém tinha mergulhado passando por mim, mas no escuro não dava para saber quem era. Podia ser você, podia ser o Jim.

Assim era o Tom — sempre esperto. Ele não subiu até saber onde estava o professor.

A tempestade explodiu nesse momento com todo o poder; era horrível o modo como o trovão chiava e troava, e o raio clareava, e o vento cantava e gritava no

cordame, e a chuva caía. Em um segundo você não conseguia ver a própria mão, e no seguinte você conseguia contar os fios da manga do casaco, e ver um deserto imenso de ondas quebrando e espirrando através de um véu de chuva. Uma tempestade feito aquela é a coisa mais gostosa que tem, mas não é lá muito boa quando você está perdido no alto do céu, e tudo está molhado e solitário e acabou de acontecer uma morte na família.

A gente ficou ali encolhido na popa e falando baixo sobre o coitado do professor; e todo mundo estava com pena dele, e triste que o mundo tinha feito graça dele e o tratado com tanta dureza, quando ele estava fazendo o melhor que podia, e não tinha um amigo nem ninguém para incentivar ele e não deixar que ficasse deprimido e doido. Tinha bastante roupa e cobertor e tudo do outro lado, mas a gente achou melhor ficar na chuva a se meter a voltar lá.

5. Terra

Tentamos fazer uns planos, mas não conseguimos chegar a um acordo. Eu e o Jim queríamos dar meia-volta e ir para casa, mas o Tom achava que lá pelo amanhecer, quando já ia dar para ver o nosso rumo, a gente ia estar tão longe na direção da Inglaterra que a gente bem podia ir lá e voltar em um navio. E teríamos a glória de dizer que conseguimos.

Pela meia-noite a tempestade parou e a lua apareceu e iluminou o oceano, e a gente começou a se sentir confortável e sonolento; então a gente se esticou nos baús e caiu no sono e só acordou quando o sol já estava raiando. O mar reluzia como se fosse feito de diamantes, e o tempo estava bom, e não demorou para todas as nossas coisas estarem secas.

Fomos até a proa para procurar um desjejum, e a primeira coisa que percebemos foi que tinha uma luzinha ardendo numa bússola ali atrás, debaixo de um gorro. Na hora o Tom ficou preocupado.

— Vocês sabe o que isso significa, é bem simples — disse ele. — Significa que alguém tem que ficar de vigília e conduzir essa coisa como se faz com um navio, senão ela vai ficar vagando e indo para onde o vento quiser.

— Bom, mas para onde ela está indo... hum... desde o acidente? — perguntei.

— Vagando — respondeu ele, um pouco preocupado. — Vagando, sem dúvida. O vento agora está soprando a sudeste. E a gente também não sabe quanto tempo faz que isso está acontecendo.

Então ele fez o balão rumar para leste e disse que ia segurar naquela direção até que a gente desse um jeito no desjejum. O professor tinha estoque de tudo que um sujeito podia querer — mais fornido, não dava para ser. Não tinha leite para o café, mas tinha água, e tudo que se quisesse, e um forno de carvão e o que precisava para acender ele, e cachimbo e charuto e fósforo; e vinho e uísque, que não era do nosso gosto; e livro e mapa e carta de navegação e um acordeão; e

pele e cobertor e um monte de tranqueira, como contas de lata e joias de metal, que o Tom disse que eram um sinal de que ele tinha ideia de visitar selvagens. Também havia dinheiro. É, o professor estava bem preparado.

Depois do café da manhã o Tom nos ensinou como navegar e dividiu a gente em vigílias de quatro horas, uma depois da outra; e quando a vigília dele acabou, eu fiquei no lugar e ele pegou os papéis e as penas do professor e escreveu uma carta para a tia Polly, dizendo para ela tudo que tinha acontecido com a gente e pôs na data “No firmamento, perto da Inglaterra”. Depois dobrou e selou com massa de panqueca vermelha e colocou o endereço e escreveu em cima dele, bem grande, “De Tom Sawyer, o Aeronauta”, e disse que isso ia acabar com o velho Nat Parsons, o chefe da agência dos correios, quando chegasse lá.

— Tom Sawyer, isso não é um firmamento, é um balão — falei.

— Bom, e quem disse que era um firmamento, hein?

— Você escreveu isso na carta.

— E daí? Isso não significa que o balão é o firmamento.

— Ah, eu pensei que era. Então o que é um firmamento?

Vi que ele não sabia o que dizer. Remexeu e raspou as ideias e não achava nada. Então ele disse:

— Não sei e ninguém sabe. É só uma palavra, e uma bela duma palavra. Não tem muitas melhores que ela. Não acho que tenha alguma.

— Tsc! — eu fiz. — Mas o que ela significa? Esse é o ponto.

— Não sei o que significa, é isso. É uma palavra que o povo usa para... para... bom, é um enfeite. Não se faz prega em camisa para pessoa ficar aquecida, se faz?

— Claro que não.

— Mas fazem mesmo assim, não fazem?

— Fazem.

— Então é isso: a carta que eu escrevi é a camisa, e o firmamento é a prega.

Achei que isso ia deixar o Jim confuso, e não deu outra.

— Ô seu Tom, não tem sentido de falar assim, não... mais que isso, é até pecado. Você sabe que carta não é camisa, e elas não têm prega, também. Elas não são lugar de botar prega. O senhor até que pode botar, mas não vai ficar.

— Ah, cala a boca e espera até que apareça alguma coisa sobre a qual você saiba.

— Mas seu Tom, você não tá querendo dizer que não sei nada de camisa, quando, Deus sabe, eu carrego para casa desde sempre a roupa lavada...

— Estou dizendo que isso não tem nada a ver com camisa. Eu só...

— Mas seu Tom, você mesmo disse que a carta...

— Você quer me deixar louco? Fica quieto. Só usei como metáfora.

Essa palavra meio que paralisou a gente um minuto. Então o Jim disse, um pouco tímido, porque ele viu que o Tom estava ficando bem irritado:

— Seu Tom, o que é uma metáfora?

— Uma metáfora é... Bom, é... Uma metáfora é uma ilustração.

Ele viu que aquilo não tinha esclarecido nada, então tentou de novo.

— Quando eu digo “passarinho que anda com morcego acorda de cabeça pra baixo”, é um modo metafórico de dizer que...

— Mas eles não andam, seu Tom. Não, senhor, não mesmo. Não tem coisa mais diferente que passarinho e morcego, e nunca que o senhor vai ver passarinho acordando...

— Dá um tempo! Você não é capaz nessa cabeça oca de entender a mínima coisa. Para de me perturbar

O Jim gostou daquilo. Ele estava muito, mas muito contente com ele mesmo por ter feito o Tom errar. No minuto que o Tom começou a falar de passarinho eu vi que ele estava lascado, porque o Jim sabia mais de passarinho do que nós dois juntos. Veja você, ele tinha matado passarinho de perder a conta, e é assim que se aprende sobre passarinho. É assim que faz o povo que escreve sobre passarinho e que gosta tanto deles que passa fome e cansa e enfrenta um bocado de dificuldades para descobrir um passarinho novo e depois matar. O nome dessa gente é ornitólogo, e eu mesmo podia ter virado um, porque sempre amei passarinho e bicho; e eu comecei a aprender a ser como um, e eu vi um passarinho parado em um galho de uma árvore enorme, cantando com a cabeça inclinada para trás e a boca aberta, e antes de pensar eu atirei, e a música dele parou e ele caiu do galho na hora, todo molinho, molinho feito um trapo, e eu corri e peguei ele e ele estava morto, e o corpo dele estava quentinho na minha mão, e a cabeça dele caía prum lado e para o outro, feito o pescoço tivesse

quebrado, e tinha uma pelezinha branca cobrindo o olho dele e uma gotinha de sangue do lado da cabeça; e, ai!, não conseguia ver mais nada por causa das lágrimas; e eu nunca mais matei nenhuma criatura que não tivesse me fazendo mal e nunca mais vou matar.

Mas eu estava bem irritado por causa daquele firmamento. Eu queria saber. Eu levantei o assunto de novo, e então o Tom explicou, da melhor maneira que pôde. Ele disse que quando uma pessoa faz um discurso daqueles, os gritos das pessoas fazem eco no firmamento. Ele disse que eles sempre dizem isso, mas nenhum deles nunca disse o que isso era, então ele considerou que só significava do lado de fora e bem alto. Bom, aquilo me pareceu bem razoável, então eu fiquei satisfeito e disse que tudo bem. O Tom gostou disso e ficou de bom humor de novo.

— Então tá bom — disse ele —, a gente passa uma régua nisso. Não sei direito o que é um firmamento, mas quando a gente desembarcar em Londres a gente vai fazer eco nele, de todo jeito, guarda bem isso.

Ele disse que um aeronauta era um sujeito que navegava de balão e que era coisa muito mais forte ser Tom Sawyer, o Aeronauta, do que Tom Sawyer, o Viajante, e as pessoas iam ouvir isso ao redor do mundo, se a gente sobrevivesse direitinho, e por isso ser um viajante não estava com nada.

Mais ou menos no meio da tarde a gente deixou tudo pronto para pousar, e a gente estava se sentindo muito bem, também, e orgulhoso. Ficamos de vigília com as lunetas, feito o Colombo descobrindo a América. Mas a gente só via o oceano. A tarde passou, o sol se pôs, e ainda não tinha terra em parte alguma. A gente ficou matutando qual era o problema, mas achou que ia dar tudo certo, então a gente continuou viajando a leste, mas subiu bastante para não bater em nenhum pico ou montanha no escuro.

Minha vigília durava até a meia-noite, e depois era a vez do Jim; mas o Tom ficava de pé, porque ele dizia que capitão de navio fazia isso quando estava se chegando perto da terra firme, e não fazia a vigília normal.

Bom, o dia raiou, o Jim deu um grito, e a gente pulou de pé e olhou. Lá estava a terra — terra por toda a parte, terra até onde o olho alcançava, e perfeitamente plana e marronzinha. A gente não sabia há quanto tempo a gente estava em cima dela. Não tinha árvore, colina, rocha ou vilarejo, e o Tom e o Jim tinham achado

que era o mar. Eles acharam que era o mar na calmaria; mas também a gente estava tão alto, de todo modo, que se fosse só o mar, ia parecer daquele jeito suave e liso à noite também.

A gente ficou muito, muito animado naquela hora, e pegou as lunetas e ficou procurando Londres por toda a parte, mas não achava nem crina nem couro dela, nem de qualquer outra cidade — nem sinal de lago ou rio, também. O Tom ficou decepcionado. Ele disse que não era a ideia que tinha da Inglaterra; ele sempre achou que a Inglaterra parecia a América. Então ele disse que era melhor a gente fazer o desjejum e então descer e perguntar qual era o caminho mais rápido para Londres. A gente comeu bem rapidinho, estávamos bem impacientes. A gente foi descendo, a temperatura começou a moderar, e logo a gente tirou as peles. Mas a temperatura continuou a moderar, e não demorou e ficou moderada demais. Estávamos perto do chão e parecia que estávamos torrando!

Paramos mais ou menos a uns trinta pés da terra — quer dizer, era terra como a areia é terra; porque tudo era areia pura. O Tom e eu descemos pela escada e demos uma corrida para esticar as pernas, e foi muito bom — quer dizer, a esticada, mas a areia queimou os nossos pés como se fosse carvão em brasa. Depois a gente viu alguma coisa chegando e se preparou para encontrar com ela; mas Jim soltou um grito e deu meia-volta. Ele fazia uns sinais e gritava. Parecia que estava dançando. Não dava para entender o que ele estava dizendo, mas de todo jeito dava medo, e a gente começou a andar de volta para o balão para escutar. Quando a gente chegou perto, a gente entendeu as palavras, e eu quase desmaiei:

— Corram! Corram! Salvem suas vidas! É um leão; consigo ver na luneta! Corram, meninos; corram com todas as forças. Ele fugiu da jaula, e ninguém vai parar a fera!

Isso fez o Tom voar e me tirou toda a dureza das pernas. Corri de botar a língua para fora, feito quando a gente está em um sonho e tem um fantasma nos perseguindo.

O Tom chegou na escada e subiu um pedaço e me esperou; e assim que eu botei o pé nela ele gritou para o Jim subir com ele. Mas o Jim tinha perdido a cabeça e disse que tinha esquecido de como fazer. Então o Tom começou a subir e pediu para eu seguir ele; mas o leão estava chegando, dando uns rugidos

horríveis a cada salto, e minhas pernas tremiam tanto que eu nem tentava tirar elas do degrau, com medo de uma me faltar quando tirasse a outra.

Mas o Tom já tinha subido a bordo, e ele ergueu o balão um pouquinho, e parou de novo quando a ponta da escada já estava uns dez ou doze pés acima do chão. E lá estava o leão correndo em torno de mim debaixo da escada, e rugindo e pulando no ar para pegá-la, sem alcançar assim por um quarto de polegada, parecia. Era uma delícia estar fora do alcance dele, muito mesmo, e eu fiquei feliz e grato por um lado; mas, por outro, eu estava pendurado ali indefeso e não conseguia subir, e isso fez com que eu me sentisse completamente azarado e desesperado. É muito raro uma pessoa se sentir assim tão misturada; e também não é recomendável.

O Tom me perguntou o que ele podia fazer, mas eu não sabia. Ele me perguntou se eu conseguia me segurar enquanto ele navegava para um lugar a salvo e deixava o leão para trás. Eu disse que conseguia se ele não fosse mais alto do que já estava; mas se ele fosse mais alto eu podia ficar zozó e cair, certeza. Então ele disse “Segura firme!” e começou.

— Não vai muito rápido! — gritei. — Eu fico tonto.

Ele tinha disparado feito um entregador relâmpago. Ele diminuiu a velocidade, e a gente deslizou sobre a areia mais lentamente, mas ainda dando um pouco de enjoo; porque é desconfortável ver as coisas deslizando e voando debaixo de você daquele jeito, e nenhum som.

Mas logo fez muito som, porque o leão estava no nosso encalço. O barulho dele chamou os outros. Dava para ver os bichos vindo de tudo quanto era direção, e logo tinha quase uns vinte debaixo de mim, pulando na direção da escada e se enrolando e batendo uns nos outros; e a gente foi flutuando sobre a areia, e esses sujeitos fazendo o que podiam para ajudar a gente a não esquecer a ocasião; e então outras bestas vinham sem convite e começavam a criar tumulto lá em baixo.

A gente viu que esse plano estava furado. A gente nunca que ia conseguir se afastar deles naquele passo, e eu não ia conseguir me segurar para sempre. Então o Tom se pôs a pensar e veio com uma outra ideia: matar um leão com o pimenteiro, e depois fugir enquanto os outros leões parassem para disputar a carcaça. Então ele parou o balão e atirou, e a gente fugiu enquanto a confusão

começava e desceu um quarto e milha mais longe. Eles me ajudaram a subir, mas quando a gente já estava fora de alcance de novo, o bando já estava perto mais uma vez. E quando eles viram que não tinha mais como alcançar a gente, que a gente tinha escapado, eles se sentaram e olharam para cima tão desapontados que não dava para não ver o ponto de vista *deles* do assunto.

6. É uma caravana

Eu estava tão fraco que a única coisa que queria era uma chance de descansar, então fui direto para o meu baú e me estiquei lá. Mas um sujeito não consegue recuperar as forças em um forno como aquele, então o Tom deu ordem de ir para o alto, e o Jim fez o balão subir.

A gente precisou subir uma milha até encontrar um clima confortável, onde tinha brisa e era agradável e bom, e eu fiquei inteiro rapidinho. O Tom tinha ficado sentado, quieto e matutando; então ele se pôs de pé e disse:

— Aposto mil para um que eu sei onde a gente está. A gente está no grande Saara, tenho certeza!

Ele estava tão animado que não conseguia ficar parado; mas eu não estava.

— Tá bom, mas onde fica o grande Saara? — perguntei. — Na Inglaterra ou na Escócia?

— Em nenhum dos dois; fica na África.

Os olhos do Jim quase pularam para fora, e ele começou a olhar para baixo com um interesse que não tinha fim, porque era dali que o povo dele vinha; mas eu não botava muita fé, não. Não conseguia, sabe; parecia um horror de distância para nossa viagem.

Mas o Tom estava completamente mergulhado na descoberta dele — era assim que ele chamava —, e disse que os leões e a areia faziam parte do grande Deserto, certeza. Ele disse que teria conseguido descobrir antes de a gente avistar a terra, que a gente estava avançando pela terra em algum lugar, se ele tivesse pensado numa coisa; e quando a gente perguntou o que era, ele disse:

— Esses relógios. São cronômetros. A gente sempre lê sobre eles nas viagens marítimas. Um deles fica marcando a hora de Greenwich, e o outro a de St. Louis, feito meu relógio. Então, quando a gente foi embora de St. Louis era quatro da tarde no meu relógio e nesse, e era dez da noite nesse relógio de

Greenwich. Bom, a essa altura do ano o sol se põe lá pelas sete horas. Eu prestei atenção na hora ontem à noite quando o sol se pôs, e eram cinco e meia no relógio de Greenwich, e onze e meia da manhã no meu relógio e nesse outro. Vejam vocês: o sol nasce e se põe pelo meu relógio em St. Louis, e o relógio de Greenwich está seis horas na frente; mas a gente viajou tão para leste que o relógio de Greenwich está marcando um pouco mais de meia hora depois do pôr do sol, e eu estou muito na frente, mais de quatro horas e meia. Vejam, isso significa que a gente estava perto da longitude da Irlanda, e a gente tinha chegado nela faz tempo, se estivesse rumando certo, mas não estamos. Não, senhor, a gente ficou vagando... vagando a sudeste, e na minha opinião estamos na África. Olha para esse mapa. Vocês veem como o ombro da África se estica para oeste. Pensa como a gente viajou rápido; se a gente tivesse ido direto para leste, já tinha até passado a Inglaterra a essa altura. Vocês prestem atenção no meio-dia, vocês dois, e a gente vai ficar de pé, e quando a gente não lançar mais sombra vocês vão ver que esse relógio de Greenwich vai estar chegando bem perto do meio-dia. Sim, senhor, a gente está na África; isso é fabuloso.

Jim estava observando lá embaixo com a luneta. Ele balançou a cabeça e disse: — Seu Tom, eu acho que tem algum problema em alguma coisa, não estou vendo negro lá embaixo.

— Isso não significa nada; eles não vivem no deserto. O que é aquilo, bem longe? Me dá a luneta.

Ele deu uma bela olhada e disse que era feito um cordão preto que se estendia na areia, mas ele não conseguia explicar o que era.

— Bom — falei —, acho que talvez você tenha uma chance agora de descobrir por onde anda esse balão, porque é provável que essa seja uma dessas linhas aqui, que estão no mapa, que você diz que se chama meridiano de longitude, e a gente pode descer e ver o número e...

— Ai, Huck Finn, nunca vi uma besta feito você. Você acha que tem meridianos de longitude na terra?

— Tom Sawyer, eles estão no mapa, e você sabe muito bem, e eles estão aqui, e você pode ver por você mesmo.

— É claro que eles estão no mapa, mas não é nada; não tem nenhum deles no chão.

— Você tem certeza, Tom?

— Claro que eu tenho.

— Tá bom, então: o mapa está mentindo de novo. Nunca vi coisa mais mentirosa que mapa.

Tom ficou inflamado, mas eu estava pronto para discutir, e o Jim estava aquecendo a opinião dele também, e no minuto seguinte a gente bem que podia ter começado outra briga, se o Tom não tivesse deixado a luneta e começado a bater palmas como um maníaco e a exclamar:

— Camelos! Camelos!

Eu peguei uma luneta e o Jim também, e a gente deu uma olhada, mas eu fiquei decepcionado e disse:

— Camelo, sua vovozinha! São aranhas.

— Aranhas no deserto, seu jumento? Aranhas caminhando em um cortejo? Você nunca pensa, Huck Finn, e eu acho que você realmente não tem nada para ajudar a pensar. Você não sabe que a gente está a mais de uma milha do chão, e que aquela corrente que rasteja está a duas ou três milhas daqui? Aranhas, meu Deus do céu! Aranhas do tamanho de uma vaca? Por que você não desce lá para ordenhar uma? São só camelos. É uma caravana, é o que é, e tem uma milha.

— Tá bom, então, vamos descer e dar uma olhada nela. Eu não acredito, e não vou acreditar até ver e saber.

— Tá bom — disse ele, e deu a ordem: — Descer.

Ao mesmo tempo que a gente ia descendo para o clima quente, era possível ver que eram camelos, era certo, caminhando, uma fileira sem fim deles, com sacos amarrados neles, e muitas centenas de homens nuns robes compridos e brancos, e uma coisa chamada xale enrolando as cabeças deles e descendo com borlas e franjas; e alguns deles tinham armas longas e outros não, e alguns seguiam em cima dos camelos, e outros caminhavam. E a temperatura — bom, estava de torrar. E como eles iam lentos! A gente desceu de repente e parou mais ou menos umas cem jardas em cima das cabeças deles.

Todos os homens começaram a berrar, e alguns deitaram no chão, e outros começaram a atirar na gente, e o resto se separou e se pôs a correr para todo lado, do mesmo jeito que os camelos.

Percebemos que estávamos causando problema, e então decidimos subir de novo mais uma milha, para o clima fresco, e ficamos observando eles dali. Levou uma hora para eles se juntarem e refazerem o desenho da caravana; depois eles começaram a caminhar, mas a gente via pelas lunetas que praticamente só prestavam atenção na gente. A gente avançava devagar, olhando lá para baixo com as lunetas, e por fim vimos um monte enorme de areia, e uma coisa que parecia gente do outro lado dela, e tinha uma coisa parecida com um homem no topo do monte que levantava a cabeça de vez em quando, e parecia observar a caravana, ou a gente, a gente não sabia o quê. Quando a caravana foi chegando perto, ele rastejou para o outro lado e correu na direção dos outros homens e cavalos — porque era o que eles eram —, e a gente viu eles montarem muito rápido; e depois eles avançaram feito fogo, alguns deles armados de lança e outros munidos de arma longa, e todos eles berrando tudo que podiam.

Eles foram com toda a força para cima da caravana, e no minuto seguinte os dois lados lutavam, estava tudo misturado, e tinha uma coisa de disparar arma como vocês nunca viram, e o ar ficou tão cheio de fumaça que mal dava para eles lutarem. Devia haver uns seiscentos homens na batalha, e era horrível de ver. Então todos eles se separaram em grupo e bando, lutando com unhas e dentes, e correndo e disparando por todo lado, e atacando uns aos outros feito loucos; e sempre que a fumaça dissipava um pouco dava para ver gente morta e ferida e os camelos espalhados por toda a parte e correndo em toda direção.

No fim, os ladrões viram que não podiam vencer, então o chefe deles fez soar um sinal, e todos que restavam deles se afastaram e correram pelo plano. O último que correu pegou uma criança e carregou ela na frente de si sobre o cavalo, e uma mulher correu gritando e implorando atrás dele, e seguiu eles pelo plano até que ela se separou um bocado da gente dela; mas não adiantou nada, e ela teve que desistir, e nós vimos quando ela caiu na areia e cobriu o rosto com as mãos.

Então o Tom pegou o leme e saiu atrás daquele bruto, e a gente remeteu para baixo e o atacou e o fez cair da sela, com criança e tudo; e ele ficou bem machucado, mas a criança não, só ficou ali de braços e pernas no ar como se fosse um besouro de barriga para cima sem conseguir virar. O homem saiu

mancando para pegar o cavalo e não soube o que o acertou, porque a gente já estava umas trezentas ou quatrocentas jardas no ar.

A gente achou que a mulher ia lá pegar a criança, mas ela não foi. A gente conseguia ver ela pela luneta, ainda parada lá, com a cabeça curvada sobre os joelhos; é claro que ela não tinha visto nosso espetáculo e pensou que a criança tinha ido embora com o homem. Ela estava quase meia milha do povo dela, então a gente pensou que a gente podia descer até a criança, que estava mais ou menos um quarto de milha na frente dela, e levar ela para a mulher sem fazer alarde antes que o pessoal da caravana pudesse chegar até a gente e fazer algum mal; e além disso a gente achou, de todo modo, que eles tinham muito o que fazer com os feridos. A gente achou que tinha que tentar, e foi o que a gente fez. Descemos, e o Jim foi pela escada e pegou o garotinho, que era uma coisinha linda e gorducha, e que estava num baita bom humor também, considerando que tinha acabado de sair de uma batalha e caído de um cavalo; e então a gente foi até a mãe e parou atrás dela e mais ou menos perto, e o Jim desceu e rastejou de mansinho, e quando estava perto dela o menininho fez um guguzinho, do jeito que criança faz, e ela escutou, e virou e deu um grito de alegria, e num pulo foi até a criança e a pegou e abraçou e deixou ela e abraçou o Jim e então tirou um cordão de ouro e colocou ao redor do pescoço do Jim, e abraçou ele de novo e pegou a criança de novo, soluçando e agradecendo o tempo todo; e daí o Jim deixou a mulher para pegar a escada e subiu e em um minuto a gente estava de volta no céu e a mulher ficou olhando, com a parte de trás da cabeça entre os ombros e a criança abraçada no pescoço dela. E ali ela ficou, tanto quanto a gente estava a vista cruzando o céu.

7. Tom respeita a pulga

“Meio-dia!”, o Tom disse, e era mesmo. A sombra dele era só um borrão em torno dos pés. A gente olhou, e o relógio de Greenwich estava tão perto do meio dia que a diferença era quase nada. Então o Tom disse que Londres ou estava ao norte ou ao sul da gente, uma coisa ou outra, e ele achava que pelo clima e pela areia e pelos camelos, estava a norte; e um bocado de milhas ao norte; quase que nem de Nova York até a Cidade do México, ele suspeitava.

O Jim disse que achava um balão a coisa mais rápida do mundo, a não ser por alguns tipos de passarinho — uma pomba selvagem, talvez, ou um trem.

Mas o Tom disse que tinha lido sobre os trens na Inglaterra chegarem perto de cem milhas por hora em trechos curtos, e nunca houve um passarinho no mundo capaz disso — exceto um, que era a pulga.

— Uma pulga. Mas ô seu Tom, em primeiro lugar pulga não é passarinho, assim na ponta no lápis...

— Não é um passarinho? Bom, então o que é?

— Saber bem eu não sei, seu Tom, mas eu suspeito que seja só um animal. Não, acho que também não é, não é grande para ser assim um animal. Deve ser inseto. É isso, senhor, é um inseto.

— Aposto que não é, mas deixa pra lá. E em segundo lugar?

— Bom, em segundo lugar, os passarinhos são criaturas que viajam uma boa distância, e a pulga não.

— Não? Ah, vá! O que é uma longa distância? Será que você sabe?

— Ora, são milhas, um monte delas, todo mundo sabe.

— Um homem não pode caminhar milhas?

— Sim, senhor, pode.

— Tanto quanto um trem?

— Sim, senhor, se ele tiver tempo.

— E uma pulga não?

— Bom... acho que sim... se você der para ela um bocado de tempo.

— Agora você começa a ver, não?, que a *distância* não serve de referência para o juízo; é o tempo que leva para percorrer a distância que *conta*, não é?

— Bom, meio que parece isso, mas eu não acredito, seu Tom.

— É uma questão de *proporção*, isso sim; e quando você vai medir a velocidade de uma coisa pelo tamanho dela, onde tá o seu passarinho e o seu homem e o seu trem, perto de uma pulga? O homem mais rápido não consegue correr mais do que dez milhas por hora, não muito mais do que dez mil vezes seu próprio comprimento. Mas os livros dizem que qualquer pulgazinha de nada consegue pular cento e cinquenta vezes a sua própria altura; sim, e ela consegue dar cinco pulos por segundo também, setecentos e cinquenta vezes sua própria altura, em um segundinho, porque ela não vai ficar perdendo tempo parando e pulando. Ela faz os dois ao mesmo tempo; você percebe, se tentar colocar o dedo nela. Esse é o passo de uma pulgazinha de nada, ordinária, de quinta categoria; mas se você pega uma italiana de *primeira* categoria, que passou a vida inteira sendo um animalzinho de estimação da nobreza e nunca soube o que era necessidade, ou doença ou exposição, ela consegue pular trezentas vezes a própria altura e ficar pulando o tempo todo, cinco pulos desses por segundo, que são mil e quinhentas vezes o próprio tamanho em um segundo, digamos, uma milha e meia. Onde está o seu homem agora, hein? E o seu passarinho, e o seu trem, e o seu balão? Ora, não são nada de nada perto de uma pulga. Uma pulga é um cometa que ferveram até ele ficar pequeno.

O Jim ficou bem pasmo, e eu também.

— Esses números estão certinhos, sem brincadeira e sem mentira, seu Tom? — perguntou.

— Sim, estão; todos são perfeitamente reais.

— Bom, então todo mundo tem que respeitar a pulga. Eu não tinha respeito por ela antes, nem um pouco, mas não tem como ignorar, é certo que elas merecem mesmo.

— Tenho certeza que sim. Elas têm mais sensibilidade e esperteza e brilhantismo, em proporção ao seu tamanho, do que qualquer outra criatura do mundo. Dá para ensinar quase tudo para elas; e elas aprendem mais rápido que

qualquer criatura, também. As pessoas têm ensinado elas a arrastar umas carruagzinhas, e ir para cá ou para lá a serviço recebendo ordem; e marchar e fazer exercícios militares feito soldado, com tanta precisão, segundo as ordens, como eles fazem. O pessoal tem ensinado elas a fazer todo tipo de coisa dura e difícil. Imagine que você pudesse cultivar uma pulga para ficar do tamanho de um homem e manter a esperteza natural dela crescendo e crescendo, cada vez maior e cada vez mais esperta, na mesma proporção. O que seria da raça humana, você percebe? Essa pulga se tornaria Presidente dos Estados Unidos, e ia ser tão impossível de impedir isso quanto de impedir um raio de cair.

— Meu Deus, seu Tom, não sabia que elas eram bichos assim. Não, senhor, não mesmo, não tinha ideia, é fato.

— Sem dúvida, é mais curiosa que qualquer outra criatura, homem ou besta, em proporção ao tamanho. É a mais interessante de todas. O povo diz tanta coisa sobre a força da formiga, e a de um elefante ou de uma locomotiva. Bobagem, eles não pensaram na pulga. Ela consegue levantar duzentas ou trezentas vezes o peso dela. E nenhum dos outros chega perto disso. Além disso, ela tem um pensamento próprio, e é muito notável, e você não consegue enganar ela; os instintos, ou o pensamento dela, ou o que quer que seja, são perfeitamente precisos e claros, e ela nunca comete erros. As pessoas acham que todos os humanos são iguais para uma pulga. Não é assim. Tem gente que ela nunca vai chegar perto, com fome ou sem fome, e eu sou um deles. Nunca tive uma delas na minha vida.

— Seu Tom!

— É isso mesmo. Não estou brincando.

— Tá bom, senhor, nunca tinha escutado essas coisas antes.

O Jim não conseguia creditar, e eu também não; então a gente teve que descer até a areia e arrumar umas e ver. O Tom estava certo. Elas ficaram em mim e no Jim, para mais de cem, mas nenhuma delas encostou no Tom. Não tinha explicação para isso, mas era assim e não tinha jeito de ignorar. Ele disse que sempre tinha sido assim, e ele podia estar no meio de um milhão delas, elas nunca encostavam nele, nem incomodavam.

A gente subiu para o clima frio para congelar todas elas e ficou lá um pouquinho, e então desceu para o clima confortável e ficou bem preguiçoso por

umas vinte ou vinte e cinco milhas, do jeito que a gente estava fazendo nas últimas horas. A razão era que, quanto mais a gente ficava naquele deserto pacífico e majestoso, mais a pressa e a agitação dentro da gente pareciam se acalmar, e mais feliz e contente e satisfeito a gente ficava, e mais a gente começava a se afeiçoar ao deserto e a gostar dele. Então a gente tinha dado uma desacelerada, como eu estava dizendo, e estava em um belo momento de preguiça, às vezes dando uma olhada pelas lunetas, às vezes se esticando nos baús para ler, às vezes dando uma cochilada.

Não parecia que a gente era o mesmo bando que estava naquela loucura de procurar terra firme e pousar, mas era. Só o que tinha acontecido é que a gente tinha superado essa ideia. Nós estávamos livres dela. Estávamos acostumados ao balão e não tínhamos mais medo, e não queríamos ir a lugar nenhum. Ora, era como estar em casa; quase parecia que a gente tinha nascido e sido criado ali, e o Jim e o Tom achavam o mesmo. E sempre eu tinha tido aquele monte de gente odiosa ao redor, me irritando, me incomodando e brigando e achando defeito e chateando e grudando em mim e me prendendo e me fazendo fazer isso e aquilo e aquilo mais e sempre escolhendo e pedindo as coisas que eu não queria fazer e depois quase me fazendo comer capim pela raiz porque eu enrolei e fiz outra coisa e só fazendo a minha vida mais chata o tempo todo; mas aqui em cima no céu tudo era tão calmo e ensolarado e adorável e com tudo para comer e dormir e coisa curiosa para ver e sem amolação e incômodo e gente ruim, feriado o tempo todo. Deus, eu não estava com a mínima pressa de sair e lutar com a civilização de novo. Ora, uma das piores coisas sobre a civilização é que todo mundo que recebe uma carta com problemas nela vem e conta tudo e faz você se sentir mal, e os jornais despejam em você os problemas de todo mundo no mundo inteiro e deixam você desanimado e chateado quase o tempo todo, e é um peso enorme para qualquer um. Eu odeio jornal; e odeio carta; e se eu tivesse tudo do meu jeito, não ia deixar ninguém despejar os próprios problemas em cima de gente que não conhece, do outro lado do mundo, desse jeito. Bem, lá em cima, em um balão não tem essas coisas, e é o lugar mais gostoso que tem.

A gente comeu, e aquela noite foi uma das noites mais bonitas que eu já vi. A lua estava clara que fazia parecer dia, só um pouquinho mais suave; e a gente chegou a ver um leão sozinho sem ninguém, como se tivesse sozinho na Terra, e

a sombra dele na areia parecia uma poça de tinta. Era esse o tipo de luar que nós víamos.

Geralmente a gente ficava deitado de barriga para cima e conversava; a gente não queria dormir. O Tom disse que a gente estava numa das *Mil e uma noites*. Ele disse que era bem ali que uma das coisas mais bonitas daquele livro aconteciam; então a gente olhou para baixo e ficou vislumbrando enquanto ele contava, porque não tem nada mais interessante para ver que um lugar falado em um livro. Era uma história sobre um cameleiro que tinha perdido o camelo dele, e ele vinha pelo deserto e encontrava um homem e dizia: — Você topou com um camelo perdido hoje?

E o homem respondia:

— Ele era cego do olho esquerdo?

— Sim.

— Ele tinha perdido um dente da frente?

— Sim.

— A pata traseira direita é manca?

— Sim.

— Ele estava carregado com semente de milhete de um lado e mel do outro?

— Sim, mas você não precisa entrar em mais detalhes: é ele mesmo, e eu estou com pressa. Onde você viu ele?

— Eu não vi — respondeu o homem.

— Você não viu? Como você descreve ele tão bem, então?

— Porque quando uma pessoa sabe usar os olhos, tudo tem um sentido para ela; mas os olhos da maioria dos homens não fazem nenhum bem para eles. Eu sei que um camelo passou porque eu vi o caminho que ele deixou. Sei que ele está manco da perna traseira direita porque ele pisa leve nessa pata, e o caminho mostra. Eu sei que ele está cego do lado esquerdo porque ele só mordiscava o mato do lado direito da trilha. Sei que ele perdeu o dente da frente porque onde ele morde no mato ele deixa a marca dos dentes. As sementes de milhete caíam de um lado, as formigas me contaram; o mel vazava do outro, as moscas me contaram. Eu sei tudo sobre seu camelo, mas não vi ele.

Então o Jim disse:

— Conte mais, seu Tom, é um baita de uma história boa, e muito interessante.

— Acabou — disse o Tom.

— Acabou? — respondeu o Jim, surpreso. — Mas o que aconteceu com o camelo?

— Não sei.

— Seu Tom, a história não conta?

— Não.

O Jim ficou confuso por um instante e então disse: — Ora, mas se não é a história mais sem graça que já contaram. Vai chegando no ponto onde o interesse está fervendo, e então acaba. Ora, seu Tom, não tem *sentido* uma história que faz desse jeito. O senhor não tem *ideia* se o homem achou o camelo ou não?

— Não, não tenho.

Eu mesmo vi que não tinha sentido na história, para terminar daquele jeito, naquele corte seco antes de chegar a algum lugar, mas eu não ia dizer, porque eu podia ver que o Tom estava azedando bem rápido pelo modo como a história tinha acabado e pelo modo como o Jim tinha tocado no ponto fraco dela, e eu não acho justo para ninguém cair em cima de um sujeito que está no chão. Mas o Tom se virou para mim e perguntou: — O que você achou da história?

Claro, então, que eu tinha que dar as caras e ser sincero e disse que parecia para mim o mesmo que parecia para o Jim, que já que a história acabava do nada no meio e não ia a lugar nenhum, ela não valia o trabalho de contar.

O queixo do Tom foi parar no chão, e em vez de ficar doido, como achei que ele ia ficar, por me ver fazendo pouco do conto daquele jeito, ele só pareceu triste e disse: — Tem gente que consegue ver e gente que não consegue... Do jeito que o homem disse. Esquece o camelo; se um ciclone tivesse passado, seus picaretas, vocês não iam ter notado o rastro.

Não sei o que ele quis dizer com aquilo, e ele não disse; era só uma das irrelevâncias dele, eu acho — ele era cheio delas às vezes, quando estava em um beco sem saída e não sabia como sair dele —, mas não liguei. A gente tinha tocado bem no ponto fraco daquela história, e ele não podia se safar desse pequeno detalhe. Isso irritou demais o Tom, apesar de ele não querer demonstrar.

8. O lago que desaparecia

A gente fez o desjejum de manhã cedinho e ficou olhando lá para baixo no deserto, e o tempo estava muito gostoso e tranquilo, apesar de a gente não estar no alto. Você precisa descer cada vez mais baixo depois do pôr do sol no deserto, porque fica frio muito rápido; e então, quando chega a hora de o sol nascer, você está deslizando bem pertinho da areia.

A gente estava vendo a sombra do balão deslizando pelo chão, e de vez em quando observando o deserto para ver se tinha alguma coisa se mexendo, e depois vendo a sombra de novo, e de repente quase debaixo da gente, vimos um monte de homens e camelos espalhados, todos muito quietos, como se estivessem dormindo.

Desligamos a máquina, recuamos e ficamos em cima deles, e então vimos que estava todo mundo morto. Nos subiu um calafrio sem tamanho, que nos deixou menos agitados e falando mais baixo, como se estivéssemos em um enterro. A gente desceu devagar e parou, e eu e o Tom descemos e ficamos no meio deles. Tinha homem, mulher e criança. Estava todo mundo seco do sol e escuro e enrugado como couro, como nos desenhos de múmia que a gente vê em livro. Mas eles ainda pareciam humanos, não dava para acreditar; era como se todos estivessem dormindo.

Parte dos humanos e dos bichos estava meio coberta de areia, mas a maioria deles não, porque a areia era fina ali, e o chão, cheio de pedras e duro. A maioria das roupas estava rota e podre; e quando você segurava um pedaço de pano, ele rasgava como uma teia de aranha. O Tom achava que eles estavam ali há mais de um ano.

Alguns deles tinham umas armas enferrujadas do lado, outros tinham espadas, uns cintos de xale com umas pistolas longas e de cabo de prata. Os camelos ainda tinham a carga, mas os pacotes tinham estourado ou apodrecido, e a carga

estava toda espalhada no chão. A gente achou que as espadas não tinham mais serventia para o morto, então pegamos uma para cada, e umas pistolas. E também levamos uma caixinha, porque ela era bonita e tinha uns ornamentos bonitos na tampa; e então a gente quis enterrar os mortos; mas não tinha jeito de fazer o que passasse pela nossa cabeça. E não tinha com o que fazer, só havia areia, que ia de todo jeito fugir com o vento.

Então a gente subiu no balão e foi embora, e loguinho aquele ponto negro na areia já estava longe da vista, e a gente nunca mais ia ver aqueles coitados de novo nesse mundo. A gente pensou e raciocinou e tentou entender como eles foram parar ali e como aquilo aconteceu com eles. Primeiro pensamos que eles tinham se perdido e perambulado até que a comida e a água acabaram e eles morreram de fome e sede; mas o Tom disse que nenhum animal selvagem nem abutre tinha mexido neles, então aquele palpite não servia. Depois a gente acabou desistindo e achou que não ia mais pensar naquilo, porque era uma história que deixava os três bem tristes.

Então abrimos a caixa, e tinha pedras preciosas e joias nela, um bocado, e uns veuzinhos daqueles que as mulheres mortas usam, com franja feita de umas moedas de ouro curiosas que a gente não conhecia. A gente ficou pensando se não era bom voltar e tentar achar eles de novo e devolver; mas o Tom concluiu que não, que aquela era uma terra cheia de ladrão, e eles iam lá roubar tudo; e então o pecado ia ficar na gente, que tinha colocado a tentação no caminho deles. Então a gente seguiu; mas eu então tive vontade que a gente tivesse levado tudo que eles tinham, porque aí a gente não ia deixar tentação nenhuma.

Ficamos umas duas horas naquele calor medonho, e estávamos com uma sede horrível quando voltamos a bordo. A gente foi direto na água, mas ela estava estragada e amarga, além de estar tão quente que queimava a boca. Não dava para beber. Era a água do rio Mississipi, a melhor do mundo, e a gente agitou a lama dentro dela para ver se ajudava, mas não, a lama não estava melhor que a água. Bom, a gente não tinha ficado com tanta sede na hora que a gente estava interessado em gente perdida, mas estava agora, e assim que a gente viu que não tinha o que beber, a sede aumentou umas mil vezes em relação a como estava dez segundos antes. Não demorou para começarmos a ficar de boca aberta, resfolegando, como três cachorros.

O Tom disse que tínhamos que ficar de olho lá fora, por toda a parte, porque precisávamos encontrar um oásis, ou não dava para saber o que ia acontecer. Foi o que fizemos. Olhamos na luneta de um lado para o outro todo o tempo, até que o braço cansou de segurar. Duas horas — três horas — só olhando e olhando, e nada, só areia, areia, areia, e dava para ver aquele calor que brilha e treme brincando por cima dela. Deus, meu Deus, o sujeito não sabe o que é o horror de verdade até ficar com sede o caminho inteiro e ter certeza que nunca mais vai ver água na vida. No fim eu não aguentava mais ficar olhando ao redor daquele monte de areia fervendo; eu deitei no baú e desisti.

Mas no fim, Tom deu um grito — lá estava! Um lago, grande e brilhante, com uma palmeira dormindo inclinada em cima dele, e as sombras dela na água numa delicadeza e tranquilidade impressionantes. Nunca vi uma coisa tão boa. Estava muito longe, mas isso não era nada para a gente; foi só botar o balão a cem milhas por hora, e a gente calculou que chegava lá em sete minutos; mas o lago continuava sempre na mesma distância; parecia que a gente não chegava perto — sim, senhor, sempre longe e brilhante, e feito sonho; mas a gente não chegava perto; e no fim, de repente, sumiu!

Tom deu uma bela olhada ao redor e disse:

— Rapazes, era miragem!

Ele falou como se estivesse feliz. Não vi nada para ficar feliz.

— Talvez — falei. — Não ligo nada para o nome, a coisa que eu quero saber é o que aconteceu com o lago.

O Jim estava tremendo feito vara verde, com um medo que estava até mudo, mas ele queria fazer a mesma pergunta, só não conseguia.

— O que *aconteceu* com o lago? — disse o Tom. — Ora, você viu que sumiu.

— Tá, eu sei; mas para onde ele foi?

Ele me deu uma olhada e disse:

— Mas meu Deus, Huck Finn, para *onde* podia ter ido! Você não sabe o que é uma miragem?

— Não, não sei. O que é?

— É coisa da imaginação. É *nada*.

Fiquei um pouco irritado de ouvir ele falar daquele jeito. E eu disse:

— Mas para que falar esse tipo de coisa, Tom Sawyer? Eu não vi o lago?

— Você acha que viu.

— Não acho coisa nenhuma, eu *vi*.

— Estou dizendo que você *não* viu também, porque não estava lá para ver.

Ouvir isso deixou o Jim muito assustado, e ele entrou na conversa e disse, angustiado e meio que em tom de protesto:

— Ô seu Tom, faz favor de não dizer esse tipo de coisa numa hora ruim dessa. Tá botando o senhor em risco e a gente também... feito o Nianas e a Sifira. O lago estava lá. Eu vi tão visto como estou vendo o senhor e o Huck agorinha.

— Ora, ele mesmo viu! — falei. — Ele foi o primeiro a ver. E *agora*?

— É, seu Tom, é isso, não dá pro senhor negar. Todo mundo viu, e isso prova que estava lá.

— Prove! Como dá para provar?

— Do mesmo jeito que dá para provar em toda parte, seu Tom. Uma pessoa podia estar bêbada, ou sonhando ou sei lá o quê; duas, talvez; mas vou dizer, senhor, quando três pessoas viram a coisa, bêbadas ou sóbrias, é porque a coisa estava lá. Não tem como sair disso, e o senhor sabe, seu Tom.

— Não sei nada disso. Costumava haver quatrocentos milhões de pessoas que viam o sol se mover de um lado para outro do céu todos os dias. Isso prova que o sol fez isso?

— Claro que prova. E além disso, eles não tinha ocasião de provar. Qualquer sujeito que tem algum senso não vai botar em dúvida. Tá ali, olha, ele navegando pelo céu, como sempre faz.

O Tom virou para mim e disse:

— O que você diz? O sol está parado?

— Tom Sawyer, para que fazer essas perguntas sem pé nem cabeça? Qualquer um que não é cego pode ver que não tá parado.

— Bom — disse ele—, estou perdido no céu na companhia de dois animais absolutamente estúpidos que não sabem sequer o mesmo que um reitor de universidade sabia trezentos ou quatrocentos anos atrás.

Não era jogo limpo, e eu me manifestei:

— Melar o jogo não é argumentar, Tom Sawyer.

— Ai, Deus, ai meu Deus do céu, é o lago de novo! — gritou o Jim no mesmo instante. — E agora, seu Tom, o que você vai dizer?

Sim, senhor: era o lago de novo, bem longe no deserto, completamente claro, árvore e tudo, igualzinho era antes.

— Está satisfeito agora, Tom Sawyer?

Mas ele disse, perfeitamente calmo:

— Sim, satisfeito que não tem lago ali.

— Não fala assim, seu Tom — disse Jim —, me dá medo de ouvir isso. Tá tão quente, e o senhor tá com tanta sede que o senhor tá é variando, seu Tom. Mas não tá bonito? Não sei mesmo como eu vou esperar até chegar lá, é uma sede danada.

— Bom, você vai ter que esperar; e não vai te fazer bem, de todo jeito, porque não tem nenhum lago lá, estou dizendo.

— Jim, não tira o olho de lá, que eu também não vou — falei.

— Ô se não vou. Não conseguia nem que eu quisesse.

A gente foi numa corrida na direção do lago, atravessando milha e mais milha, mas não chegava perto nem uma polegada — e de repente tinha desaparecido de novo! O Jim cambaleou e quase caiu. Quando recuperou o fôlego, ele disse, ainda arfando feito um peixe:

— Seu Tom, é um fantasma, é o que isso é, e eu espero por tudo que é mais sagrado que a gente não veja mais. Era um lago, e uma coisa aconteceu, e o lago morreu, e a gente viu um fantasma; a gente viu sumir, e essa é a prova. O deserto é assombrado, é assombrado, é fato; ai, Seu Tom, vamos sair daqui; prefiro morrer do que ser pego pela noite e o fantasma daquele lago vir atormentar a gente no meio do sono, sem saber o perigo que a gente tá vivendo.

— Fantasma, seu estúpido! É só ar e calor e sede tudo junto na imaginação do sujeito. Se eu... me dá a luneta!

Ele pegou a luneta e começou a mirar a direita.

— É um bando de passarinho — disse ele. — Eles estão indo em direção ao sol poente e estão em um rumo direto atravessando nosso caminho para algum lugar. Aí tem coisa. Talvez eles estejam buscando comida ou água ou os dois. A estibordo! Guinar a bombordo! Descer! Ali, devagar. Assim!

A gente tirou um pouco da força, para não ultrapassar os pássaros, e seguiu no encalço. O balão flutuou um quarto de milha atrás deles, e quando a gente já

tinha seguido mais de uma hora e meia e estava ficando bem desanimado, e a sede estava perto de insuportável, o Tom disse:

— Pegue a luneta, um de vocês, e veja o que é aquilo, ali na frente dos passarinhos.

Jim deu a primeira olhadinha e caiu passando mal no baú. Ele estava quase chorando, e disse:

— Tá lá de novo, seu Tom, tá lá de novo, e eu sei que eu vou morrer, porque quando um sujeito vê um fantasma pela terceira vez, significa que vai morrer. Nunca que eu queria ter entrado nesse balão, que foi o que eu fiz.

Ele não olhou mais, e o que ele disse me fez sentir medo também, porque eu sabia que era verdade, porque sempre foi assim com fantasmas; então eu também não olhei mais. Nós dois imploramos para o Tom para desviar e tomar outro rumo, mas ele não quis e disse que nós éramos uns tagarelas ignorantes. É, e ele vai acabar um dia desses, eu disse para mim mesmo, insultando fantasma desse jeito. Eles vão aguentar um tempo, talvez, mas não sempre, porque todo mundo que conhece fantasma sabe que eles são bem sensíveis e vingativos.

Então tudo estava muito quieto e silencioso, e eu e o Jim muito assustados, e o Tom ocupado. No fim o Tom fez o balão parar e disse:

— Olhem agora, bando de cabeça de bagre.

A gente olhou, e lá estava a água bem debaixo da gente, certeza! — clarinha, azul e fresca e funda e ondulando com a brisa, a coisa mais linda que eu já vi. E em torno dela umas margens cobertas de mato e flor e um bosque com sombra e árvore alta, toda enrolada em trepadeira, e tudo parecendo muito pacífico e confortável — quase que dava para o sujeito chorar, de tão bonito.

O Jim chorou *mesmo* e deu um salto e começou a dançar e se agitar. Ele estava muito agradecido e louco de alegria. Era a minha vigília, então eu tinha que ficar cuidando do balão, mas o Tom e o Jim desceram e beberam um barril de água cada um, e subiram para mim um bocado. E veja, eu já experimentei muita coisa boa na vida, mas nada que se comparasse com aquela água.

Então a gente desceu e nadou, e o Tom veio e ficou no meu lugar, e eu e o Jim nadamos, e então o Jim ficou no lugar do Tom, e eu e o Tom apostamos corrida e brincamos de luta e eu não lembro de ter tido um momento tão bom na minha vida. Não estava tão quente, porque estava perto de anoitecer, e a gente tinha

ficado sem roupa, de todo jeito. Roupa é bom em escola, nos vilarejos e nos bailes também, mas não faz sentido de ter elas quando não tem civilização nem outros tipos de incômodo e ostentação por nada ao redor.

— Leão! Tem leão vindo! Rápido, seu Tom! Corre, Huck!

Ah, e como a gente correu! A gente não parou para pegar roupa, e subiu pulando escada acima daquele jeito. O Jim ficou louco na hora: ele sempre perdia a cabeça quando ficava muito assustado ou agitado; por causa disso, em vez de subir a escada um pouquinho do chão, para os animais não alcançarem, ele botou muita força no balão, e a gente ficou girando e balançando no ar até que ele botou a cabeça no lugar e viu a bobagem que estava fazendo. Aí ele parou o balão, mas tinha esquecido completamente do que fazer depois; então a gente ficou lá, tão alto que os leões pareciam uns gatinhos, e a gente estava lá ao sabor do vento.

Mas o Tom subiu e foi até as máquinas e começou a descer o balão de volta para o lago, onde os animais estavam reunidos como se estivessem numa festa de batismo, e eu achei que ele tinha perdido a cabeça também; porque ele sabia que eu tinha medo de subir, e ele ia querer me jogar no meio daqueles tigres?

Mas não: ele estava bom da cabeça, ele sabia o que queria. Desceu mais ou menos uns quarenta pés do lago e parou bem no centro dele e gritou:

— Solta e cai!

Foi o que eu fiz, os pés primeiro, e parecia que tinha mergulhado uma milha até o fundo; e quando eu subi, ele disse:

— Agora fica de costas e flutua até descansar e recuperar a força, então eu mergulho a escada na água e você sobe a bordo.

Foi o que eu fiz. O Tom era sempre muito esperto, porque se ele tivesse ido para algum outro lugar para descer na areia, os bichos iam ter chegado perto também e iam ficar fazendo a gente procurar um lugar a salvo até eu ficar cansado e cair.

E todo esse tempo os leões e os tigres estavam fuçando nas roupas e tentando dividir elas para ter um pouquinho para todo mundo, mas aconteceu um desentendimento sobre isso em alguma hora, por causa de alguns tentarem ficar com mais do que o combinado; então aconteceu outra insurreição, e você nunca viu uma coisa daquelas no mundo. Devia ter uns cinquenta deles, tudo junto e

misturado, rosnando e rugindo e pulando e mordendo e rasgando, pata e rabo no ar, e não dava para saber quem era quem, e areia e pelo voando. E quando acabou, tinha uns mortos e outros mancando para longe, todos aleijado, e o resto ficou parado pelo campo de batalha, uns lambendo os machucados e uns outros nos encarando como se estivessem nos convidando para descer e brincar um pouco, o que a gente não queria de jeito nenhum.

Das roupas, já não tinha sobrado nenhuma. Não tinha pedaço de trapo que não tivesse no bucho dos animais; e sem combinar muito com eles, eu acho, porque tinha muito botão de lata nelas, e tinha faca nos bolsos, e tabaco e prego e giz e bolinha de gude e anzol de peixe e coisas. Mas eu não estava ligando. Tudo que estava me incomodando era que tudo que a gente tinha eram as roupas do professor, que eram muitas, mas não nos serviam muito, porque os culotes dele eram compridos feito tonel, e os paletós e o resto tudo igual. Mas também tinha tudo que um alfaiate precisava, e o Jim era mais ou menos alfaiate, e garantiu que ia arrumar um paletó ou dois que serviriam em nós.

9. Tom discursa no deserto

Ainda assim, a gente decidiu descer mais um minuto, mas para outra coisa. A maior parte do carregamento de comida do professor estava dentro de latas, esse jeito novo que alguém inventou; o resto era tudo fresco. Se você leva um filé do Missouri para o Grande Saara, você vai querer ser cuidadoso e fica lá no alto no clima frio. Então a gente considerou descer lá na feira dos leões e ver o que a gente podia conseguir lá.

A gente içou a escada e só desceu com ela quando já estávamos bem longe do alcance dos animais, então a gente jogou uma corda com um nó de força e içou para bordo um leãozinho morto, um pequenininho e macio, depois um filhote de tigre. A gente teve que manter a congregação longe com o revólver, ou eles iam acabar pegando um pouco para eles também, então a arma ajudou.

Cortamos um suprimento dos dois, guardamos as peles e jogamos fora o resto. Então prendemos a carne fresca nos ganchos do professor e fomos pescar. A gente ficou em cima do lago a uma distância boa da água, e vieram uns peixões de primeira, coisa que você nunca viu. Foi uma janta boa demais: bife de leão, bife de tigre, peixe frito e pão de milho quente. Não quero coisa melhor que aquilo.

Para terminar o banquete, colhemos umas frutas no topo de uma árvore monstruosa de grande. Era uma árvore bem fina que não tinha galho da raiz até topo, e dali saíam infinitas folhas que pareciam um espanador de pó. Era uma palmeira, claro; todo mundo sabe o que é uma palmeira na hora que vê, nos desenhos. A gente foi procurar coco nela, mas não tinha. Só tinha um monte de cacho de umas coisas que pareciam umas uvas grandes, e o Tom disse que eram tâmaras, só porque ele disse que nas *Mil e uma noites* e nos outros livros apareciam umas frutas assim. Claro que podia não ser, que podia ser veneno;

então a gente teve que esperar um pouco para ver se os passarinhos comiam. Eles comiam; então a gente comeu também, e elas eram uma delícia.

Mais ou menos nessa hora uns pássaros enormes se aproximaram dos animais mortos. Eram umas criaturas de muita coragem; eram capazes de se agarrar na ponta de um leão que estava sendo mastigado na outra ponta por outro leão. Se o leão espantava o bicho, nem adiantava; ele voltava no minuto que o leão se ocupava de novo.

Aqueles pássaros imensos vinham de tudo quanto era parte do céu — dava para ver eles com a luneta quando estavam ainda tão longe que não dava para ver de olho nu. O Tom disse que os pássaros não adivinhavam onde a carne estava pelo cheiro; eles tinham de descobrir vendo. Ah, mas não é simples assim! O Tom dizia que a uma distância de cinco milhas uma mancha de leão morto não parecia maior que uma unha, e ele não conseguia imaginar como os pássaros conseguiam notar uma coisinha dessas tão longe.

Era estranho, muito esquisito, ver leão comendo leão, e a gente pensou que talvez eles não fossem parentes. Mas o Jim disse que isso não fazia diferença. Ele disse que um porco gostava dos filhotes dele, e a aranha também, e ele achava que talvez um leão fosse possível de não ter princípios, mesmo que até pudesse ter algum. Ele achava possível que o leão não comia o próprio pai, se soubesse que era, mas achava que ele podia comer o cunhado, se tivesse com muita fome, e a sogra a qualquer hora. Mas *achar* não resolve nada. Você pode achar até morrer de velho, mas isso não faz você chegar a nenhuma conclusão. Então a gente desistiu e deixou o assunto pra lá.

Geralmente era muito quieto na noite do deserto, mas dessa vez tinha música. Um bocado de animal de outros tipos foi jantar lá; uns bichos furtivos que uivavam e que o Tom dizia que eram chacais, e outros de lombo meio corcunda que ele disse que eram hienas; e eles juntos faziam um alvoroço sem parar. Formavam uma imagem no luar que era diferente de qualquer imagem que eu tivesse visto. A gente tinha uma corda amarrada no topo de uma árvore, e não ficou fazendo vigília, só viramos para dormir; mas eu acordei umas duas ou três vezes para olhar os animais e escutar a música. Era como estar com o melhor lugar em um zoológico, o que eu nunca tinha tido na vida, então parecia uma bobagem dormir e não aproveitar; eu nunca que ia ter uma chance daquelas de novo.

A gente saiu para pescar de manhã cedinho, e depois ficou de preguiça o dia todo em um retiro fundo numa ilha, dando umas voltas ao redor para prestar atenção e ver se nenhum animal vinha bisbilhotar ali depois de ficar vagando por comida. A gente ia embora no dia seguinte, mas não teve vontade, estava uma delícia.

No dia seguinte, quando subimos e navegamos a leste, a gente olhou para baixo e ficou admirando aquele lugar até ele virar não mais do que uma manchinha no deserto, e eu digo que foi como dizer adeus para um amigo que você nunca mais vai ver.

O Jim estava pensando lá com os botões dele e enfim disse:

— Seu Tom, a gente tá quase no fim do deserto agora, eu acho.

— Por quê?

— Bom, me parece que faz sentido que esteja. O senhor sabe quanto tempo a gente tá voando em cima dele. Deve tá quase sem areia. Estou espantado que durou tanto assim.

— Que bobagem, tem areia que não acaba mais, você não precisa se preocupar.

— Ah, mas eu não tô preocupado, não, seu Tom, só matutando. Deus nosso senhor fez muita areia, não tenho dúvida disso; mas Ele que não ia gastar ela só aqui; e eu tenho certeza que esse deserto é bem do grande, desse jeito que ele é, e você não pode estender ele mais do que isso com areia.

— Ah! Para com isso! A gente só *começou* a viajar por esse deserto. Nosso país é bem grande, não é? Não é, Huck?

— É, não tem outro maior, não acho mesmo — respondi.

— Bom, esse deserto tem quase a forma dos Estados Unidos, e se você colocar ele em cima dos Estados Unidos, ele ia cobrir a terra da liberdade a perder de vista como um cobertor. Ia ter um cantinho saindo para fora, lá no Maine e lá longe no noroeste, e a Flórida que ia ficar pendurada feito um rabo de tartaruga, e só. A gente tomou a Califórnia dos mexicanos faz dois ou três anos, então aquela parte do Pacífico também é nossa agora, e se você estendesse o Grande Saara com uma ponta no Pacífico, ele ia cobrir os Estados Unidos e passar Nova York umas seiscentas milhas para dentro do oceano Atlântico.

— Deus do céu! — falei. — E você tem os documentos que provam isso, Tom Sawyer?

— Sim, e eles tão todos aqui, e eu estou estudando eles. Pode olhar. De Nova York até o Pacífico, são duas mil e seiscentas milhas. De uma ponta do Grande Deserto até a outra são três mil e duzentas. Os Estados Unidos têm três milhões e seiscentas mil milhas quadradas, o Deserto quatro milhões, cento e sessenta e duas mil. Com o tamanho do Deserto, você podia cobrir cada polegada dos Estados Unidos, e onde as pontas se projetam para fora, você podia enfiar a Inglaterra, a Escócia, a Irlanda, a França, a Dinamarca e toda a Alemanha. Sim, senhor: você podia esconder o lar dos bravos e todos esses outros países debaixo do Grande Saara, e você ainda tinha duas mil milhas quadradas de areia sobrando.

— Bom, isso realmente me deixa espantado. Ora, Tom, isso mostra que Deus teve tanto trabalho para fazer esse deserto quanto para fazer os Estados Unidos e todos os outros países.

— Ô Huck, isso não faz sentido — disse Jim. — Eu acho que o Deserto não foi feito. Dá uma olhada nisso tudo, olha e vê se não estou certo. Para que serve um Deserto? Serve para nada. não tem jeito de fazer ele ter utilidade. Não é, Huck?

— É, eu acho.

— Não é, seu Tom?

— Eu também acho. Continua.

— Se uma coisa não tem serventia de nada, ela é feita em vão, não é?

— É.

— Ora, então! Deus vai fazer alguma coisa em vão? Responde isso.

— Bom... não. Não vai.

— Então como ele foi fazer um deserto?

— Bom, prossegue. Como ele foi fazer um deserto?

— Seu Tom, eu acho que é que nem quando você faz uma casa: tem sempre um bocado de entulho e lixo que sobra. O que você faz com isso? Você não pega e põe numa carroça e joga fora em um terreno baldio? Claro. Então, é minha opinião que o deserto é assim também: o Grande Saara não foi feito, ele aconteceu.

Eu disse que era uma baita argumentação boa, e acredito que foi a melhor que o Jim fez. O Tom disse o mesmo, mas falou que o problema dos argumentos é que eles só são teorias, e as teorias não provam nada, elas só dão para você um

lugar para descansar, um tempinho, quando você tá cansado dando cabeçada tentando descobrir uma coisa que não tem jeito de descobrir.

— Tem um outro problema sobre as teorias — disse ele. — E sempre têm um buraco em alguma parte, é certo, se você prestar atenção. É o que acontece com essa aí do Jim. Olha para quantos bilhões de estrelas sem fim existem. Como foi que aconteceu que tinha a quantidade exata de material para fazer estrela e não sobrou nada? O que aconteceu que não tem uma pilha de areia lá em cima?

Mas o Jim estava afiado e disse:

— O que é a Via Láctea? É o que eu quero saber. O que é a Via Láctea? Responde essa.

Na minha opinião, esse era o golpe final. É só uma opinião, é a minha opinião e os outros podem pensar diferente; mas eu disse isso ali e continuo afirmando — foi o golpe final. E, além disso, ela deixou o Tom Sawyer travado. Ele não dizia uma palavra. Ele ficou com aquele olhar parado de quem tomou uma facada nas costas. Tudo que ele disse foi que, com gente feito eu e o Jim, ele preferia ter um diálogo intelectual com um bagre. Mas qualquer um pode dizer isso — e eu notei que eles sempre dizem, quando alguém pega eles. Tom Sawyer disse que estava cansado daquele fim de assunto.

Então a gente voltou a falar do tamanho do deserto, e quanto mais a gente comparava com isso ou com aquilo e aquilo outro, mais incrível e enorme e grande ele ficava quando a gente olhava. E assim, caçando pelos números, o Tom descobriu, enfim, que era do mesmo tamanho que o Império chinês. Então ele mostrou para a gente o tamanho do império da China no mapa, e o espaço que ele ocupava no mundo. Bom, era formidável pensar nisso, e eu disse:

— Ora , eu ouvi falar desse deserto muitas vezes, mas nunca soube que era tão importante.

Então o Tom disse:

— Importante! O Saara, importante! Do mesmo jeito que algumas pessoas. Se uma coisa é grande, ela é importante. É tudo que elas entendem. Tudo que elas conseguem ver é o *tamanho*. Ora, olhe pra Inglaterra. É o país mais importante do mundo; mas você podia colocar ela dentro do bolso do colete da China; e não só isso: você ia levar um tempo do inferno para encontrar ela de novo quando quisesse. E olhe pra Rússia. Ela se espalha por toda a parte, e não é mais

importante nesse mundo do que Rhode Island, e não tem dentro dela nem metade do que ela e que valha salvar.

Bem longe, nessa hora, a gente avistou uma colinazinha, de pé bem no que nos parecia a quina do mundo. Tom parou de falar e pediu a luneta, muito animado, então deu uma olhada e disse:

— É ela... É a que eu estava procurando. Se eu estou certo, foi ali que o dervixe levou o homem e mostrou para ele todos os tesouros.

A gente então começou a olhar, e ele começou a falar daquilo a partir das *Mil e uma noites*.

10. A colina do tesouro (Tom disse que aconteceu mais ou menos assim)

Um dervixe estava atravessando o deserto a pé, um dia bem quente, e ele tinha caminhado mil milhas e estava fraco e faminto e mal-humorado e cansado, e bem por onde a gente está agora ele topou com um cameleiro com cem camelos e pediu uma esmola. Mas o cameleiro disse que não podia ajudar.

— Mas esses camelos não são seus? — perguntou o dervixe.

— Sim, são meus.

— Você tá em dívida?

— Quem? Eu? Não.

— Bom, um sujeito que tem cem camelos e não tem dívida é rico. Mais que rico, *muito* rico. Não é?

O cameleiro reconheceu que era verdade. Então o dervixe disse:

— Deus fez você rico e me fez pobre. Ele tem as razões Dele, e elas são sábias, Seu nome seja louvado. Mas Ele quer que os ricos Dele ajudem os pobres Dele, e você me deu as costas, um irmão necessitado, e Ele vai lembrar disso, e você vai perder por causa disso.

Essas palavras deixaram o cameleiro bem balançado, mas mesmo assim ele era um sujeito bem mesquinho e não queria perder um centavo; então ele começou a reclamar e explicar e disse que o tempo estava difícil, e que apesar de ele estar levando um carregamento inteiro para Balsora e estar para receber um dinheiro gordo por isso, não tinha carregamento para volta e por isso não estava fazendo grande coisa da viagem.

Então o dervixe começou a caminhar de novo e disse:

— Tudo bem, se você quer correr o risco, mas eu acho que você está cometendo um erro dessa vez, e perdeu uma oportunidade.

É claro que o camaleiro queria saber que tipo de oportunidade ele estava perdendo, porque talvez tivesse dinheiro nela; então ele correu atrás do dervixe e implorou com tanta força e paixão para ele se apiedar dele que no fim o dervixe desistiu e disse:

— Está vendo aquela colina ali? Bom, naquela colina ficam todos os tesouros da terra, e eu estava procurando um homem de coração muito bom e de disposição nobre e generosa, porque se eu encontrasse esse homem, tem um tipo de poção que eu podia colocar nos olhos dele, e ele ia poder ver os tesouros e ficar com eles.

Então o camaleiro ficou não apenas nervoso. Ele chorou e implorou e se descontrolou e se ajoelhou e disse que era exatamente aquele tipo de homem e disse que podia encontrar umas mil pessoas que iam dizer que ele nunca tinha sido descrito com tanta precisão antes.

— Tudo bem, então — disse o dervixe. — Se a gente carregar os cem camelos, posso ficar com metade deles?

O condutor estava tão feliz que mal conseguia se conter.

— Feito! — disse.

Então eles apertaram as mãos no acordo, e o dervixe tirou a caixa e esfregou a poção no olho direito do camaleiro, e a colina se abriu e ele entrou, e lá, claro, tinha umas pilhas imensas de ouro e joias que brilhavam como se todas as estrelas do céu tivessem caído lá dentro.

Então ele e o dervixe botaram as mãos em tudo e carregaram todos os camelos até que não dava mais; então eles disseram tchau, e cada um saiu com a sua metade.

Mas logo o camaleiro veio correndo e alcançou o dervixe e disse:

— Você não vive em sociedade, sabe, e você não precisa de tudo que pegou. Você não quer ser bom e me deixar com dez desses seus camelos?

— Bem, não sei, mas o que você disse faz bastante sentido — disse o dervixe.

Então ele deu os dez camelos, e eles se separaram, e o dervixe partiu de novo com os seus quarenta camelos. Mas logo reapareceu o camaleiro gritando atrás dele, e ele choramingou e reclamou e implorou por outros dez camelos, dizendo que trinta camelos cheios de tesouro estavam de bom tamanho para um dervixe,

porque eles vivem com simplicidade, sabe, não sustentam casa, mas pernoitam por aí e gastam o que têm.

Mas isso não era o fim ainda. Aquele cão bravo continuava voltando e voltando até que tinha pedido de volta todos os camelos e tinha os cem de volta. Então ele ficou satisfeito e tão grato e disse que nunca ia se esquecer do dervixe enquanto vivesse, e ninguém tinha sido tão bom e generoso para ele antes. Então eles se despediram com um aperto de mãos e se separaram e partiram de novo.

Mas você sabe, não tinham passado dez minutos até o cameleiro ficar de novo insatisfeito — ele era o réptil mais asqueroso dos sete continentes —, e veio correndo de novo. E dessa vez o que ele queria era fazer o dervixe esfregar um pouco da poção no outro olho.

— Por quê? — perguntou o dervixe.

— Ah, você sabe — disse o cameleiro.

— Sei o quê?

— Bom, você não pode me enganar — disse o cameleiro. — Você está tentando esconder alguma coisa de mim, você sabe muito bem. Você sabe, eu acho, que se eu tivesse a poção no outro olho eu ia poder ver mais coisas que têm valor. Por favor... esfregue.

— Eu não estava escondendo nada de você — disse o dervixe. — Eu não ligo de dizer o que ia acontecer se eu colocasse. Você nunca mais ia enxergar. Você ia ficar cego para o resto da vida.

Mas vocês sabem que o cameleiro não acreditaria naquele horror. Não, ele implorou e implorou, e reclamou e chorou, até que no fim das contas o dervixe abriu a caixa e disse para ele esfregar, se quisesse. Então o homem fez e não deu outra: num estalar de dedos ele ficou cego feito um morcego.

Então o dervixe riu dele e caçoou dele e fez troça.

— Adeus! — disse. — Um homem cego não vai achar serventia para joias.

E ele foi embora com os cem camelos e deixou o homem vagar pobre e miserável e sem amigo para o resto da vida no deserto

O Jim disse que apostava que tinha sido uma lição para ele.

— Sim, como muitas lições que um sujeito aprende — disse Tom. — Não tem serventia, porque a coisa não acontece mais do mesmo jeito de novo, e nem dá. Da vez que Hen Scovil caiu da chaminé e arrebentou as costas para o resto da

vida, todo mundo disse que tinha sido uma lição para ele. Mas que tipo de lição? Como ele ia usar a lição? Ele não conseguia subir mais as chaminés, e não tinha mais costas para arrebentar.

— Mesmo assim, seu Tom, tem essa coisa que é aprender pela experiência. O livro sagrado diz que os filhos chamuscados têm medo do fogo.

— Bom, não vou negar que a lição é diferente se é uma coisa que pode acontecer duas vezes do mesmo jeito. Tem um monte de coisas assim, e elas educam um sujeito, que é o que o tio Abner sempre diz; mas tem quarenta *milhões* de outras coisas do outro jeito, do tipo que não acontecem do mesmo jeito duas vezes, e elas não têm utilidade real, elas não são mais instrutivas do que a varíola. Quando você pega, não faz nenhum bem descobrir que você tinha que ter sido vacinado, e não faz bem ser vacinado depois, porque a varíola só acontece uma vez. Mas, por outro lado, o tio Abner disse que uma pessoa que pegou o touro pelo rabo uma vez aprendeu mil vezes do mesmo jeito que uma pessoa que não pegou, e disse que um sujeito que puxa um gato pelo rabo até a própria casa estava adquirindo conhecimento que era útil para ela e que nunca ia ficar duvidoso ou obscuro. Mas eu posso dizer, Jim, o tio Abner estava sempre irritado com gente que estava todo tempo tentando tirar uma lição de tudo que acontecia, não importasse o quê...

Mas o Jim tinha dormido. O Tom parecia meio irritado, porque você sabe que um sujeito sempre se sente mal quando ele está falando umas coisas boas que ninguém fala e acha que a outra pessoa está admirada, e de repente ela começa a dormir desse jeito. Claro que o Jim não podia dormir, porque é desfeita; mas quanto melhor uma pessoa fala é mais certo que ela vai fazer você dormir, e, pensando desse jeito, você vê que não é culpa de ninguém em particular; os dois são culpados.

Jim começou a roncar — fraquinho e borbulhante, no começo, depois comprido e feito lixa, depois mais alto, depois uma meia dúzia de umas roncadas medonhas feito o fim da água que desce pelo ralo da banheira, depois com ainda mais força, e umas tossidas barulhentas com umas fungadas no meio, do mesmo jeito que uma vaca começa a engasgar quando está morrendo; e quando o sujeito chegou naquele ponto máximo que é capaz de acordar alguém com uma dose de láudano na cachola a um quarteirão de distância, mas não consegue acordar ele

mesmo assim, apesar de todo aquele som horrível dele não estar a três centímetros das próprias orelhas. E essa é coisa mais curiosa do mundo, na minha opinião. Mas se você risca um fósforo para acender uma vela, aquele barulhinho de nada acorda ele. Eu queria saber a razão disso, mas não me parece ter como descobrir. Agora o Jim tinha acordado o deserto inteiro, chacoalhando os animais por milhas sem fim para saber que raio estava acontecendo ali; e não tinha ninguém nem nada mais perto daquele barulho do que ele, e ele era a única criatura que não se incomodava com aquilo. A gente berrou e gritou na cara dele, mas de nada adiantou; mas da primeira vez que apareceu um barulhinho que não era do tipo usual, Jim acordou. Não, senhor, a gente pensou em tudo, eu e o Tom, e não tinha jeito de saber por que um roncador não escuta o próprio ronco.

O Jim disse que não estava dormindo; só tinha fechado os olhos para escutar melhor.

O Tom disse que ninguém estava acusando ele.

Dava a impressão de que a situação fez o Jim preferir ter ficado de bico calado. Ele quis sair do assunto, eu acho, porque começou a xingar o cameleiro do mesmo jeito que uma pessoa faz quando é pega numa coisa e quer descontar em outra. Ele bateu no cameleiro que dava dó, e eu tinha que concordar com ele; e ele elogiou muito o dervixe o mais que pôde, e eu tinha que concordar com ele também. Mas o Tom disse:

— Não tenho certeza. Você diz que o dervixe era tão generoso e bom e desprendido, mas eu não tenho certeza. Ele não tinha ido atrás de outro dervixe pobre, tinha? Não, não tinha. Se ele fosse tão desprendido, por que não foi ele mesmo lá e pegou um punhado de joias e foi embora satisfeito? Não, senhor, a pessoa de quem ele estava atrás era um homem com cem camelos. Ele queria sair dali com todo o tesouro que pudesse.

— Ora, seu Tom, se ele queria dividir, o justo é meio a meio; ele só queria cinquenta camelos.

— Porque ele sabia como tirar todos do outro, no fim das contas.

— Seu Tom, ele disse para o homem que o treco ia deixar ele cego.

— Sim, porque ele conhecia o caráter do homem. Era o tipo de homem que ele procurava, um homem que nunca confia na palavra de ninguém, nem na honra, porque ele mesmo não tem nenhuma. Eu acho que tem um bocado de gente feito

esse dervixe. Eles fraudam a torto e a direito, mas fazem sempre a outra pessoa *parecer* a culpa de tudo. Elas ficam dentro da letra da lei o tempo todo e nunca são pegas. Elas não colocam a poção, ah, não, isso ia parecer pecado; mas elas sabem como enganar você para colocar, então é você mesmo que se cega. Eu acho que o dervixe e o cameleiro são um par: um belo dum canalha esperto e inteligente e um ignorante, burro, tosco, mas os dois igualmente canalhas.

— Seu Tom, o senhor acha que tem esse tipo de poção no mundo agora?

— O tio Abner diz que tem. Ele disse que tem em Nova York, e eles colocam nos olhos do povo do interior e mostram para eles todas as ferrovias do mundo, e eles entram e pegam elas e então quando eles esfregam a poção no outro olho o outro homem diz tchau e vai embora com elas. Aqui está a colina do tesouro. Descer!

A gente desceu, mas não era tão interessante quanto eu pensei que ia ser, porque a gente não achava o lugar por onde parecia que eles tinham entrado para pegar o tesouro. Mas ainda assim era muito interessante, ver a colina onde uma coisa incrível dessas tinha acontecido. O Jim disse que não teria entrado lá nem por três dólares, e eu sentia a mesma coisa.

E para mim e para o Jim, uma coisa também muito incrível era o jeito que Tom era capaz de chegar em um lugar estranho daqueles e ir direto e encontrar uma corcovinha daquelas e dizer qual era num instante, mesmo que houvesse um milhão de outras corcovinhas iguais, e fazia isso com nada para ajudar além do próprio conhecimento e a esperteza natural dele. A gente conversou um bocado sobre isso, mas não conseguia descobrir como ele conseguia. Ele tinha a melhor cabeça que eu já vi; e tudo que faltava nele era idade, para fazer um nome igual do Capitão Kidd ou do George Washington. Eu aposto que ia dar um suadouro danado neles de achar essa colina, com os dons tudo deles, mas não era nada para o Tom; ele atravessou o Saara e botou o dedo nela fácil como achar um homem negro no meio de um bando de anjos.

A gente achou uma lagoa de água salgada perto e raspou um bocado de sal das margens e carregou as peles do leão e do tigre para conservar até o Jim conseguir curtir elas.

11. A tempestade de areia

A gente ficou rodando a esmo uns dois dias, e então, bem quando a lua cheia estava tocando o chão do outro lado do deserto, umas fileiras de figurinhas pretas cruzando a face da lua prateada surgiram. Dava para ver com muita clareza, como se elas tivessem sido pintadas na lua com tinta. Era outra caravana. A gente diminuiu a velocidade e seguiu de pertinho, só para ter companhia, apesar de não estar seguindo o nosso caminho. Era barulhenta, aquela caravana, e na manhã seguinte fez um baita de um espetáculo, quando o sol começou a brilhar pelo deserto e lançou aquelas sombras compridas dos camelos na areia dourada como umas mil pernas compridas de vovô marchando em cortejo. A gente nunca chegava muito perto porque sabia bem que era melhor agir daquele jeito e não assustar o povo nos camelos e desfazer as caravanas deles. Era a coisa mais alegre de se ver, por causa das roupas finas e do estilo nobre. Os chefes, alguns deles, estavam nos dromedários, os primeiros que a gente viu, muito altos, e eles seguiam a passo largo como se tivessem em cima de pernas de pau, e balançavam os homens em cima deles com muita violência. O jantar deles sacudia bastante ali, pode apostar, mas eles faziam bela figura, e um camelo nem se compara com eles em velocidade.

A caravana acampou no meio do dia e então partiu de novo perto do meio da tarde. Não demorou para o sol ficar bem curioso. Primeiro que parecia que ele tinha se transformado em latão, depois em cobre, e no fim começou a parecer uma bola vermelha, e o ar começou a ficar quente e abafado, e logo todo o céu a leste escureceu e ficou pesado e nebuloso, mas violento e assustador — feito um pedaço de vidro vermelho, sabe? A gente olhou para baixo e viu uma baita de uma confusão na caravana, e uma correria para todo lado, como se o pessoal estivesse muito assustado; e então todos se jogaram na areia e ficaram ali completamente parados.

Logo a gente viu uma coisa que vinha e parecia um muro enorme inacreditável, e se erguia do chão do deserto para o céu e escondia o sol e vinha a toda, também. Então uma brisinha leve chegou na gente, e ela começou a ficar mais forte, e um bocado de grão de areia começou a bater na nossa cara como se saísse de uma peneira, machucando como fogo, e o Tom gritou:

— É uma tempestade de areia! Virem de costas para ela!

A gente virou; e no minuto seguinte estava soprando um vendaval, e a areia batia na gente como se pás e mais pás estivessem sendo jogadas na gente, e o ar estava tão carregado que a gente não via nada. Em cinco minutos, a cesta do balão estava completamente cheia, e a gente estava sentado nos baús com areia até o queixo, só com as cabeças para fora, quase sem respirar.

Então a tempestade diminuiu, e a gente viu aquele muro monstruoso indo embora pelo deserto, era horrível de ver, pode ter certeza. A gente se desenterrou e olhou para baixo, e onde antes a caravana estava não tinha nada, só um mar de areia, e tudo quieto e parado. Só areia, a gente via, e o Tom disse que podia levar anos até o vento descobrir eles, e todo esse tempo os amigos deles nunca que iam saber o que tinha acontecido.

— Agora a gente sabe o que aconteceu com aquelas pessoas de quem a gente pegou as espadas e as pistolas — disse ele.

Sim, senhor, era isso. Estava claro como o dia. Eles tinham sido enterrados numa tempestade de areia, e os animais selvagens não conseguiam chegar nela, e o vento nunca ia descobrir todo mundo até eles terem secado a ponto de virar couro e não servirem para comer. Me parecia que a gente tinha sentido por aquela pobre gente tanto quanto se pode sentir por qualquer um, e também a tristeza, mas a gente estava enganado; a morte dessa última caravana bateu mais fundo na gente, e bem mais forte. Você vê, os outros eram totalmente desconhecidos para nós, e a gente nunca tinha se sentido próximo deles, exceto, talvez, um pouco do homem que estava vigiando a menina, mas era diferente com essa última caravana. A gente estava sobrevoando eles a noite toda e a maior parte do dia, e tinha sentido amizade de verdade por eles, bastante proximidade. Eu descobri que não tem jeito mais certo de descobrir se você gosta ou detesta uma pessoa do que viajando com elas. É o mesmo nesse caso. A gente meio que gostou deles desde o início, e viajar com eles não deixou dúvida.

Quanto mais a gente viajava com eles, mais a gente se acostumava ao jeito deles e mais e mais a gente gostava deles, e mais alegre a gente ficava de seguir eles. A gente já estava conhecendo tão bem uns deles que lhes demos nomes, e logo a gente ficou tão íntimo e amigável que a gente tinha deixado de lado os *senhor* e *senhora* e só usava os nomes simples, sem aposto, e não parecia deseducado, mas a coisa certa. É claro que não eram os nomes deles, mas os nomes que a gente dava. Tinha o sr. Elexander Robinson, e o Coronel Jacob McDougal e a senhorita Harryet McDougal, e o juiz Jeremiah Butler e o jovem Bushrod Butler, esses eram os chefões, quase todos usavam uns turbantes e umas cimitarras muito bonitas, e se vestiam feito o Grande Mogul, e suas famílias. Mas tão logo a gente começou a conhecer eles bem, e gostar muito deles, não tinha mais senhor, juiz nem nada, mas só Elleck, Addy, Jake, Hattie, Jerry, Buck e assim por diante.

E você sabe que quanto mais você se junta com as pessoas na alegria e na dor, mais próximas e queridas para você elas ficam. Ora, a gente não estava frio e indiferente, do jeito que a maioria dos viajantes é, a gente estava bem amigável e sociável, e aproveitava tudo que a gente vivia, e a caravana podia contar com a gente o tempo todo, não importava o que fosse.

Quando eles acamparam, a gente acampou bem em cima deles, dez ou doze mil pés no ar. Quando eles comiam, a gente comia, e ter a companhia deles fazia a gente se sentir mais em casa. Quando eles tiveram um casamento naquela noite, e o Buck e a Addy se casaram, a gente se meteu na beca com os trapos do professor para o banquete, e quando eles dançaram a gente se pôs a cantar e montou uma bela festa lá em cima.

Mas é a dor e os problemas que botam a gente mais junto dos outros, e foi um enterro que fez isso com a gente. Foi na manhã seguinte, bem cedinho. A gente não conhecia o morto, e ele não estava no nosso grupo, mas não fazia diferença; ele pertencia à caravana, e era o que bastava, e não teve lágrima mais sincera derramada nele do que as que a gente derramou lá de cima a onze pés de altura.

Sim, se separar dessa caravana foi muito mais duro que se separar das outras, que eram relativamente estranhas e também estavam mortas fazia tempo. A gente tinha conhecido essa gente viva e gostava deles também, e agora ver a morte abocanhando eles bem na nossa cara enquanto a gente estava olhando e

deixar a gente tão sozinho e sem amigos no meio daquele deserto sem fim doía tanto, e a gente desejou nunca mais fazer amigos na viagem, se era para perder eles de novo daquele jeito

A gente não conseguia parar de falar deles, e eles estavam todo o tempo vindo na memória, e pareciam bem do jeito que a gente via quando estavam vivos e felizes. A gente conseguia ver a linha marchando, e a ponta das flechas brilhantes piscando no sol; a gente conseguia ver os dromedários caminhando meio desajeitados; conseguia ver o casamento e o funeral; e mais vezes do que tudo a gente conseguia ver todos rezando, porque eles não deixavam nada atrapalhar isso; sempre que o chamado vinha, muitas vezes por dia, eles paravam ali e ficavam de pé e olhavam para leste e erguiam as cabeças e estendiam os braços e começavam, e quatro ou cinco vezes se ajoelhavam e iam para a frente e tocavam a testa no chão.

Bom, não fazia muito bem ficar falando deles, adorável como eles eram em vida, e tudo gente querida na vida e na morte, porque não fazia bem e só nos deixava tristes. O Jim disse que ia viver a melhor vida que ele podia, para poder ver eles de novo em um mundo melhor; e o Tom ficava quieto e não dizia que eles eram só um bando de Mohamed; não fazia sentido frustrar ele, ele já estava se sentindo bem mal como estava.

Quando a gente acordou na manhã seguinte, os três estavam um pouco mais alegres, e havia sido um belo de um sono, porque a areia é a cama mais confortável que tem, e eu não vejo porque as pessoas ricas não têm mais e mais areia. E era um belo de um lastro também; o balão estava mais firme que nunca.

O Tom disse que a gente tinha umas vinte toneladas dela e ficou pensando no que a gente melhor podia fazer dela; era uma areia boa, não fazia sentido jogar fora.

— Seu Tom, não dá pra gente pegar ela e levar pra casa e vender? Quanto tempo vai levar? — perguntou Jim.

— Depende do caminho que a gente seguir.

— Bom, senhor, vale um quarto de dólar o carregamento em casa, e eu acho que a gente bem tem uns vinte, não? Quanto deve dar?

— Cinco dólares.

— Ô Jesus, seu Tom, vamos voltar pra casa agora mesmo! Tem mais de um dólar em cada metade, não tem?

— Tem.

— Mas ó se isso não é o dinheiro mais fácil que eu já vi! Ele choveu na gente, não custou uma gota de suor! Vamos andando agora mesmo, seu Tom.

Mas o Tom estava pensando e fazendo conta tão ocupado e agitado feito eu nunca tinha visto. Logo ele disse:

— Cinco dólares. Ora! Olha aqui, essa areia vale... vale... ora, é dinheiro que não acaba mais.

— Como é isso, seu Tom? Vamos lá, conta!

— Bom, no instante que as pessoas souberem que é areia genuína do Deserto do Saara em pessoa, eles vão ficar com uma baita vontade de ter um pouco dela para guardar sabe-se lá onde, num frasquinho com um rótulo, só de curiosidade. Só o que a gente tem que fazer é colocar nos vidrinhos e correr os Estados Unidos e vender elas a dez centavos o vidrinho. A gente tem uns dez mil dólares de areia nessa barco.

Eu e o Jim rolamos de felicidade e começamos a gritar uhuhuhuhuhuhuhuh, e o Tom disse:

— E a gente pode ficar vindo aqui e pegar areia e voltar e pegar mais areia e ficar indo até a gente ter levado esse deserto todo para lá e vendido; e não vai ter nenhuma oposição, também, porque a gente vai ficar com a patente.

— Deus pai, a gente vai ficar rico feito o Creosote, não é, Tom?

— Sim... o Creso, você quer dizer. Bom, aquele dervixe estava caçando naquela colinazinha os tesouros da terra e não sabia que estava andando em cima do verdadeiro mais de mil milhas. Ele estava mais cego do que deixou o cameleiro.

— Seu Tom, quanto é que a gente vai ganhar?

— Olha, não sei ainda. Tem que fazer as contas, e não é o trabalho mais fácil do mundo, também, porque tem mais de quatro milhões de milhas quadradas de areia a dez centavos o vidrinho.

O Jim ficou maluco, mas acabou relativamente rápido, e ele balançou a cabeça e disse:

— Seu Tom, a gente não consegue arrumar os vidrinhos... nem um rei conseguiria. É melhor a gente não tentar pegar o deserto todo, seu Tom, os vidrinhos vão acabar com a gente, é certo.

A excitação do Tom acabou também, e eu achei que era por causa dos vidrinhos, mas não era. Ele ficou ali pensando, e ficou triste sem parar, e no fim ele disse:

— Meninos, não vai funcionar, a gente tem que desistir.

— Por quê, Tom?

— Por causa das responsabilidades.

Não entendi o que ele estava falando, nem o Jim.

— Qual é a nossa responsabilidade, Tom? — perguntei. — Porque, se a gente não vai conseguir se livrar dela, por que a gente não *esquece* elas? É o que o povo quase sempre faz.

Mas ele disse:

— Ah, não é esse tipo de responsabilidade. Estou falando de imposto. Sempre que você chega numa fronteira, é o limite de um país, sabe, você encontra uma alfândega, e os funcionários do governo vêm e fuçam nas suas coisas e cobram um imposto enorme, porque é a responsabilidade deles ferrar você se eles conseguem, e se você não paga o imposto eles ficam com a sua areia. Eles chamam de confiscar, mas isso não engana ninguém, eles estão pegando, e pronto. Então se a gente tentar carregar essa areia para casa do jeito que a gente está rumando agora, a gente vai ficar subindo cerca até cansar, uma fronteira depois da outra: Egito, Arábia, Hindustão, e assim por diante, e eles vão todos cacetear no encargo e você vê, está claro, que a gente não pode seguir esse caminho.

— Mas Tom, a gente pode voar por cima das fronteiras velhas. Como eles vão parar a gente?

Ele olhou com tristeza para mim e disse, bem sério:

— Huck Finn, você acha que ia ser honesto?

Detesto esse tipo de interrupção. Não falei nada, e ele seguiu:

— Bom, e também se a gente seguir o sentido inverso. Se a gente voltar pelo caminho que veio, tem a alfândega de Nova York, e essa é pior que todas as outras juntas, por causa do tipo de carga que a gente tem.

— Por quê?

— Bom, a gente não consegue criar um Saara na América, é claro, e quando a gente não consegue criar uma coisa lá, o encargo é de um milhão e quatrocentos mil por cento sobre o negócio se você tenta levar ele para lá de onde ele foi cultivado.

— Não faz sentido, Tom Sawyer.

— Quem disse que fazia? Por que você fala comigo desse jeito, Huck Finn? Espera até que eu fale que uma coisa tem sentido antes que você fique me acusando de dizer uma coisa dessas.

— Tudo bem. Considera que eu estava reclamando, e desculpa. Continua.

— Seu Tom — disse Jim —, eles jogam esse imposto em tudo que não cresce na América e não fazem distinção de nada?

— Sim, é o que eles fazem.

— Seu Tom, a bênção do Senhor não é a coisa mais preciosa que existe?

— Sim, é.

— O pregador não fica lá de pé no púlpito e chama as bênçãos pras pessoas?

— Sim.

— E de onde elas vêm?

— Do céu.

— Tá vendo! O senhor tá certo, ô se tá. Vêm do céu, e ele é um país estrangeiro. Ora, mas eles colocam imposto na bênção?

— Não, não colocam.

— Claro que não colocam, e por isso a conclusão lógica é que você tá errado, seu Tom. Eles não iam colocar o encargo em uma sujeirinha de nada que é areia, que ninguém é obrigado a ter, e deixar de fora a coisa melhor que tem, que sem ela ninguém vive.

O Tom Sawyer estava derrotado; ele viu que o Jim tinha botado ele num lugar que não dava para sair. Ele tentou dar uma gingada e sair fora, dizendo que eles tinham esquecido de colocar aquele imposto, mas claro que iam se lembrar, na sessão seguinte do Congresso, e eles iam botar o imposto, mas era uma saída muito fraca, e ele sabia disso. Ele disse que não tinha nada que não fosse estrangeiro que não era taxado, só aquilo, então eles não iam ter coerência se não botasse o imposto, e ter coerência era a primeira lei da política. Então ele ficou

falando que eles não tinham tido a intenção de deixar a benção sem imposto e que era certo que eles iam fazer o melhor para consertar isso antes que fossem pegos e dessem risada deles.

Mas eu não senti mais interesse nessas coisas, já que a gente não ia poder levar a nossa areia, e isso me deixou desanimado, e deixou o Jim triste também. O Tom tentou animar a gente dizendo que ia pensar em outra especulação que ia ser tão boa como essa e ainda melhor, mas não deu certo, a gente não acreditava que tinha uma coisa tão grande feito essa. Era bem duro: não fazia dois minutos que a gente estava rico e podia comprar um país e começar um reino e ser celebrado e feliz, e de repente já estava pobre e mal-humorado de novo, e a nossa areia tinha escapado das nossas mãos. A areia parecia tão linda antes, como ouro e diamante, e a gente sentia ela tão suave e sedosa e gostosa, mas agora eu estava que nem conseguia olhar para ela, me dava enjoo, e eu sabia que eu não ia ficar em paz até a gente se livrar dela e eu não tivesse ela mais lá para lembrar do que tínhamos sido e para o que tínhamos sido rebaixados. Os outros estava sentindo o mesmo que eu. Eu sabia, porque eles se animaram na hora que eu disse: “Vamos jogar esse entulho fora.”

Bom, esse era o trabalho, sabe, e era um baita dum trabalho; então o Tom dividiu de acordo com a força e a brancura. Ele disse que eu e ele íamos limpar um quinto da areia cada, e o Jim, três quintos. O Jim não gostou desse arranjo e disse:

— Claro que eu sou o mais forte, e eu estou disposto a fazer uma parte de acordo, mas vocês dois não estão sobrecarregando o pobre Jim, seu Tom, não estão não?

— Bom, eu não achei, Jim, mas você pode tentar consertar isso, e a gente vê.

Então o Jim achou que ia ser mais justo se eu e o Tom fizéssemos um *décimo* cada. O Tom virou de costas para ter espaço e ficar só com ele mesmo, e então ele sorriu um sorriso que se espalhou e cobriu todo o Saara até o oeste, indo de volta até a costa do Atlântico de onde ele vinha. Então ele virou de novo e disse que era um acordo muito bom, e que a gente ficava satisfeito se o Jim ficasse. O Jim disse que estava.

Então o Tom mediu nossos dois décimos na popa e deixou o resto para o Jim, e o Jim ficou muito surpreso de ver quanta diferença tinha e que monte maluco de

areia a parte dele tinha, e disse que estava muito feliz por ter falado a tempo e ter mudado o primeiro acordo, porque ele disse que mesmo do jeito que estava ali, tinha mais areia que alegria no fim do contrato, ele acreditava.

Então a gente pôs a mão na massa. Era um baita de um trabalho pesado e quente — tão quente que a gente teve que ir para o clima mais frio, ou não ia suportar. Eu e o Tom fizemos o trabalho em turnos, e um fazia enquanto o outro descansava, mas não tinha ninguém para render o coitado do Jim, e ele fez toda aquela parte da África ficar úmida, de tanto que suava. A gente não conseguia trabalhar bem, de tanto que a gente ria, e o Jim, ele continuava reclamando e querendo saber o que tinha deixado a gente tão agitado, e a gente tinha que ficar inventando coisas para justificar, e elas eram bem capengas, mas funcionaram bem, porque o Jim não conseguia perceber. No fim das contas, quando terminou, estávamos quase mortos, mas não de trabalhar — era de rir. No fim, o Jim também estava quase morto, mas era de trabalho; então a gente começou a se revezar e render ele, e ele ficou muito, muito agradecido, e ele ficava sentado na amurada e limpando o suor e arfando e dizendo como a gente era bom para um coitado de um negro feito ele, e ele nunca que ia esquecer da gente. Ele sempre foi o homem negro mais agradecido que eu já vi, por qualquer coisinha que você fazia para ele. Ele só era negro por fora; dentro ele era branco feito você.

12. Jim é cercado

Algumas das refeições seguintes estavam bem arenosas, mas isso não faz a mínima diferença quando você está com fome; e quando você não está também não te dá satisfação comer, de qualquer jeito, e por isso um pouquinho de pedra moída na comida não chega a ser um grande problema, eu acho.

A gente enfim chegou no extremo leste do deserto, navegando em um curso nordeste. Bem longe nos limites da areia, em uma luz suave e rosada, a gente viu três telhadinhos pontudos, como tendas, e o Tom disse: — São as pirâmides do Egito.

Isso fez meu coração pular de verdade. Veja, eu tinha visto um bocado de imagem delas e escutei falar delas umas cem vezes, mas chegar nelas de repente, daquele jeito, e descobrir que elas são reais, não imaginação, quase me fez perder o fôlego da surpresa. É uma coisa curiosa, que quanto mais você escuta sobre uma coisa ou pessoa enorme, grande ou maravilhosa, mais ela vira feito um sonho na sua cabeça, dá para dizer assim, e acaba ficando uma figura enorme, mas vaga e borrada feita de luz e mais nada, sem nada sólido. É o que acontece com o George Washington, e o que acontece com as pirâmides.

E além disso, a coisa que todo mundo sempre diz sobre elas me parece exagero. Teve um sujeito que foi para o catecismo um domingo e tinha uma figura delas e fez um discurso e disse que a maior pirâmide cobria treze acres e tinha mais de quinhentos pés de altura, uma montanha íngreme, toda feita de uns blocos imensos de pedra, cada um grande do tamanho de uma sala, todos dispostos em camada igualzinha, feito os degraus de uma escada. Treze acres, você vê, para um prédio só. É uma fazenda. Não fosse o catecismo, eu tinha jurado que era mentira; e do lado de fora eu ia ter certeza. E ele disse que tinha um buraco na pirâmide e você conseguia entrar lá com vela e ir subindo por um tunelzinho estreito e chegar a uma sala grande no estômago daquela montanha

de pedra, e lá você ia achar um baú enorme de pedra com um rei dentro dele, de quatro mil anos de idade. Eu falei para mim mesmo que se não fosse uma mentira eu jantava aquele rei se eu pegasse ele, porque nem o Matusalém era tão velho, e ninguém afirma isso.

A gente foi chegando mais perto e via a areia mais amarela chegando ao fim numa longa margem reta feito um cobertor, e nela estava junto, coladinho, uma terra enorme de um verde brilhante, com uma fita feito serpente toda sinuosa no meio, e o Tom disse que era o Nilo. De novo meu coração bateu forte, porque o Nilo era outra coisa que não era real para mim. Agora eu posso contar uma coisa que é muito certa para mim: se você fica perambulando por três mil milhas de areia amarela, tudo brilhando de calor de um jeito que faz seu olho encher d'água só de olhar, e você está há uma parte considerável da semana fazendo isso, a terra verde parece tanto o céu e o lar para você que seu olho enche d'água de novo.

Era assim para mim, e era assim para o Jim.

E quando o Jim entendeu que podia crer que era a terra do Egito que estava diante dos olhos dele, não conseguiu entrar nela de pé, se ajoelhou e tirou o chapéu, porque ele disse que não era adequado para um pobre negro humilde entrar de outro jeito na terra onde tinham vivido uns homens feito Moisés e José e Faraó e outros profetas. Ele era presbiteriano, e tinha um imenso respeito por Moisés, que era presbiteriano também, segundo ele. Ele estava todo agitado, e disse: — Essa é a terra do Egito, a terra do Egito, e eu estou podendo olhar para ela com meus próprios olhos! E aquele é o rio que se transformou em sangue, e eu estou olhando para o mesmo chão onde as pragas estavam, e os piolhos e os sapos e os gafanhotos e o granizo, e onde eles marcaram as vergas das portas e o anjo do senhor veio no pretume da noite e matou os primogênitos em toda a terra do Egito. O velho Jim não vale o dia de hoje!

E ele começou a chorar, de tão grato. E assim ele e o Tom conversaram um bocado, o Jim todo agitado, porque a terra era tão cheia de história — José e seus irmãos, Moisés no junco, Jacó indo ao Egito para comprar grão, o cálice de prata no saco, e todas essas coisas interessantes; e o Tom também todo agitado, porque a terra estava também cheia de história do gosto dele, Nuredin e Bedredin e uns gigantes monstruosos, que botaram os cabelos do Jim de pé e um bocado de

outras pessoas das *Mil e uma noites*, que metade delas nunca fizeram as coisas que ficam falando que elas fizeram, eu não acredito.

Então a gente ficou frustrado, porque começou uma daquelas névoas de manhã, e não fazia sentido ficar voando em cima dela, porque era certo que a gente ia passar o Egito, então achamos que era melhor rumar pela bússola direto para onde as pirâmides estava ficando borradas como manchas, e então descer e flutuar bem perto do chão e ficar bem vigilantes. O Tom foi para o leme, eu fiquei encarregado de lançar a âncora, e o Jim escanchava as pernas na proa para observar a névoa com os olhos e ver se tinha perigo à frente. A gente avançou numa velocidade constante, mas não muito rápido, e a névoa foi ficando cada vez mais sólida, tão sólida que o Jim parecia apagado e rasgado e fumacento no meio dela. Estava uma quietude de morrer, e a gente falava baixinho e estava nervoso. De vez em quando o Jim gritava — “Sobe! Sobe um pouco!” —, e para o alto ela ia, um ou dois pés, e a gente deslizava bem por cima de uma casa de teto horizontal de barro, com pessoas dentro dela que já tinham dormido e agora começavam a se levantar e a bocejar e se esticar; e uma vez, quando um sujeito estava nas patas traseiras para bocejar e se esticar melhor, a gente deu um tapinha nele, e o pobre-diabo caiu. No fim, depois de uma hora, e tudo muito silencioso e a gente de ouvido apurado para ouvir alguma coisa e segurar o fôlego, a névoa se desfez um pouco, muito de repente, e o Jim gritou num susto medonho: — Ai, meu Deus, volta, seu Tom, o gigante mais enorme das *Mil e uma noites* tá vindo até a gente! — E ele correu para popa do barco.

O Tom bateu no botão de ação reversa, e enquanto a gente diminuía a velocidade até parar, um rosto de homem grande feito uma casa olhava para dentro por cima da amurada, do mesmo jeito que uma casa olha a partir das janelas, e eu caí mortinho na hora. Eu devo ter ficado mortinho bem um minuto ou mais; então eu revivi, e o Tom tinha prendido um gancho do barco no lábio do gigante e estava prendendo o balão firme nele enquanto lançava a cabeça para trás e dava uma bela olhada naquele rosto horrível.

O Jim estava de joelho e as mãos grudadas uma na outra, olhando para coisa feito gente que implora e mexendo os lábios, mas sem nada sair dali. Eu só dei uma olhadela, e tudo estava se apagando de novo quando o Tom disse: — Não está vivo, seus idiotas; é a Esfinge!

Nunca tinha visto o Tom parecer tão pequeno, feito uma mosca; mas era porque a cabeça do gigante era enorme e terrível. Terrível, sim, ela era, mas não mais de dar medo, porque você podia ver que era um rosto nobre, e meio triste, que não estava pensando em você, mas em outras coisas, umas coisas mais importantes. Era de pedra, pedra avermelhada, e tinha o nariz e as orelha quebradas, e isso dava uma aparência sofrida para ela, e você se sentia mais triste por ela por causa disso.

A gente se afastou um pouquinho e navegou em torno dela e em cima dela, e foi o máximo. Era uma cabeça de homem, talvez de mulher, num corpo de tigre de cento e vinte cinco pés de comprimento, e com um templinho de nada entre as patas dianteiras. Só a cabeça costumava ficar para fora da areia, isso por centenas, talvez milhares de anos, e eles só recentemente tinham cavado a areia, e o templinho estava lá. Mas foi preciso muita areia para enterrar aquela criatura — tanto quanto precisa para enterrar um barco a vapor, eu acho.

A gente pousou o Jim no topo da cabeça, com uma bandeira americana para proteger ele, já que era uma terra estrangeira; e então a gente navegou para longe para diversas distâncias, para conseguir o que o Tom chamou de efeitos e perspectivas e proporções, e o Jim fez o melhor que pôde, ficando em tudo que era posição e postura que podia estudar, mas apoiado na cabeça e mexendo as pernas como um sapo. Quanto mais longe a gente ia, menor o Jim ficava, e maior a Esfinge ficava, até que no fim era só um alfinete de roupa numa daquelas abóboras de igreja, vamos falar assim. Esse é o jeito que a perspectiva traz as proporções corretas, o Tom disse; ele disse que os escravos do Júlio César não sabiam o tamanho dele porque estavam sempre perto demais.

Então a gente flutuou para longe e mais longe, até que não dava mais para ver o Jim, e então aquela grande figura estava mais nobre que tudo, olhando por cima do vale do Nilo tão quieta e séria e sozinha, e todas aquelas cabaninhas pobres e umas coisas que estavam espalhadas em torno dela tinham desaparecido, e só tinha sobrado uma extensão de veludo amarelo, bem suave, que era a areia.

Aquele era o lugar certo para parar, e a gente parou. E ficou ali olhando e pensando uma meia hora, sem ninguém dizer nada, porque aquilo deixou a gente quieto e meio que respeitoso para lembrar que a Esfinge tinha ficado olhando

sobre aquele vale do mesmo jeito e pensando os pensamentos sublimes dela com ela mesma por milhares de anos, e ninguém consegue descobrir o que são eles até hoje.

No fim eu peguei a luneta e vi umas coisinhas pretas pulando em torno naquele carpete de veludo, e outras mais subindo nas costas da criatura, e então eu vi duas ou três nuvenzinhas de fumaça branca, e disse para o Tom olhar. Ele olhou e disse.

— São besouros. Não... espera; são... acho que é homem. Sim, é homem... homem e cavalo. Eles estão subindo uma escada comprida nas costas da Esfinge... não é estranho? E agora estão tentando inclinar ela... um pouco mais de nuvens de fumaça... é arma! Huck, eles estão atrás do Jim!

A gente botou força e foi feito louco. A gente chegou lá quase imediatamente fazendo um furdunço no meio deles, e eles fugiram e se espalharam por toda a parte, e um que estava subindo a escada atrás do Jim largou os degraus e caiu. A gente voou até o topo da cabeça e encontrou ele resfolegando e morto de cansado, em parte de ficar gritando pedindo ajuda e em parte de medo. Ele tinha ficado cercado por um bom tempo — uma semana, ele disse, mas não era isso, só parecia para ele porque eles estavam em cima dele. Eles tinham atirado e tinha chovido bala em torno dele, mas ele não estava ferido, e quando eles viram que ele não ia ficar de pé e as balas não iam acertar enquanto Jim tivesse deitado, foram atrás da escada, e então ele sabia que estava tudo acabado se a gente não viesse rápido. O Tom ficou muito indignado e perguntou por que ele não mostrou a bandeira e ordenou que eles se afastassem, em nome dos Estados Unidos. O Jim disse que foi isso que ele fez, mas eles não davam atenção. O Tom disse que ele ia pedir lá em Washington para verem esse assunto e disse: — Você vai ver que eles vão ter que pedir desculpas por insultar a bandeira e pagar uma indenização também, mesmo se conseguirem escapar facilmente das desculpas.

— O que é indenização, Seu Tom? — perguntou Jim.

— É dinheiro, é o que é.

— Quem fica com ele, Seu Tom?

— Ora, a gente.

— E quem fica com a desculpa?

— Os Estados Unidos. Ou a gente pode pegar o que a gente quiser. A gente pode pegar a desculpa, se a gente quiser, e deixar o governo ficar com o dinheiro.

— Quanto dinheiro vai ser, Seu Tom?

— Bom, em um caso sério feito esse nosso, vai ser pelo menos três dólares para cada, e eu não sei se mais.

— Bom, então eu quero ficar com o dinheiro, Seu Tom, e que se dane a desculpa. Não é assim que o senhor pensa, também? E você, Huck?

A gente conversou um pouco e concluiu que aquela era uma forma muito boa e concordou de ficar com o dinheiro. Era um negócio novo para mim, e eu perguntei para o Tom se os países sempre se desculpavam quando eles faziam coisa errada, e ele disse: — Sim, os pequenos se desculpam.

A gente estava navegando ao redor examinando as pirâmides, sabe, e tinha hora que a gente subia e se empoleirava no topo plano da maior, e descobri que era exatamente o que o homem dizia na aula de catecismo. Era feito quatro pares de escada que começavam largas na base e iam estreitando e chegavam no mesmo ponto no alto, com a diferença que esses degraus não se podia subir do jeito que você sobe outras escada; não, porque cada degrau dava no seu queixo, e você tinha que ser levantado por trás. As duas outras pirâmides não ficavam longe, e as pessoas se movem em torno na areia entre elas parecendo uns bichinhos andando no chão, de tão acima deles que a gente estava.

O Tom não conseguia se segurar de tão cheio de alegria e maravilhamento que estava de estar em um lugar celebrado, e ele ficava pingando história de todos os poros, era o que me parecia. Ele disse que não conseguia acreditar de jeito nenhum que ele estava no mesmo e idêntico lugar que o príncipe voou no Cavalo de Bronze. Foi no tempo das *Mil e uma noites*, ele disse. Um sujeito deu para o príncipe um cavalo de bronze com um pino no ombro, e ele podia segurar nele e voar pelo ar feito um pássaro e ir por todo o mundo e controlar ele virando o pino, e voar alto ou baixo e pousar onde quisesse. Quando ele terminou de contar fez um daqueles silêncios incômodos que surgem, sabe, quando uma pessoa está contando uma baita duma lorota e você sente pena dela e quer pensar em algum jeito de mudar o assunto e deixar ela se acalmar, mas fica travado e não vê jeito, e antes de você se organizar e fazer alguma coisa, esse silêncio entrou e se

espalhou e fez o serviço. Eu estava constrangido, o Jim estava constrangido, e nenhum de nós conseguia dizer uma palavra. Bom, o Tom olhou feio para mim por um minuto e disse: — Vamos, desembucha. O que você acha?

— Tom Sawyer, nem você acredita nisso — falei.

— E por que não? O que me impediria de crer?

— Tem uma coisa para te impedir; isso não podia acontecer, é isso.

— E por que não podia acontecer?

— Você me diz a razão de por que podia.

— Esse balão é uma boa razão de que isso podia acontecer, eu acho.

— E por quê?

— Por quê? Eu nunca vi um idiota desses. Esse balão e o cavalo de bronze não são a mesma coisa com nomes diferentes?

— Não, não são. Uma coisa é um balão e a outra um cavalo. Muito diferente. Depois você vai dizer que uma casa e uma vaca são a mesma coisa.

— Por Jackson, Huck pegou ele de novo! Não tem jeito de sair dessa!

— Cala a boca, Jim; você não sabe do que está falando. E o Huck também não. Olhe aqui, Huck, eu vou explicar para você de forma simples para você entender. Você vê, não é a mera forma que tem alguma coisa a ver com ser similar ou não similar, é o princípio envolvido; e o princípio é o mesmo em ambos. Você não percebe?

Eu remexi isso nos meus pensamentos e disse:

— Tom, não tem jeito. Os princípios são todos muito bons, mas eles não superam um fato dos grandes, e a coisa é que um balão não pode dar o tipo de prova do que um cavalo pode fazer.

— Que saco, Huck, você não entende a coisa mesmo! Olhe aqui um minuto. É perfeitamente simples. A gente não voa no ar?

— Voa.

— Muito bem. A gente não voa alto ou voa baixo, como a gente quer?

— Sim.

— A gente não manobra para qualquer lugar que a gente quer?

— Manobra.

— E a gente não pousa onde a gente quer?

— Pousa.

— Como a gente move o balão e manobra?

— Tocando os botões.

— Agora eu acho que a coisa fica clara para você por fim. No outro caso, com um pino você movia e manobrava. A gente toca um botão, o príncipe vira um pino. Não tem um átomo de diferença, você vê. Eu sabia que ia ser capaz de meter isso na sua cabeça se eu me aferrasse nisso um pouco.

Ele se sentiu tão feliz que começou a assoviar. Mas eu e o Jim ficamos em silêncio, então ele se pôs a falar e perguntou, surpreso: — Você ainda não entendeu, Huck Finn?

— Tom Sawyer, eu quero perguntar umas coisa — falei.

— Vá em frente — disse ele, e eu vi o Jim se animando para ouvir.

— Como eu entendi, a coisa toda está nos botões e no pino. O resto não tem nenhuma consequência. Um botão é uma forma, um pino é outra, mas isso não importa?

— Não, não importa, porque ambos têm o mesmo poder.

— Tudo bem, então. O que é o poder que está numa vela e num fósforo?

— É o fogo.

— É o mesmo nos dois, então?

— Sim, é o mesmo nos dois.

— Tudo bem. Suponha que eu bote fogo em uma oficina de carpinteiro com um fósforo, o que vai acontecer com a oficina?

— Ela vai queimar.

— E suponha que eu bote fogo nessa pirâmide com uma vela. Ela vai queimar?

— Claro que não.

— Tudo bem. O fogo é o mesmo nos dois casos. Por que a oficina queima, e a pirâmide, não?

— Por que a pirâmide não pode queimar.

— Ahá! *E um cavalo não consegue voar!*

— Meu Deus, não é que o Huck não pegou ele de novo!?! — gritou Jim. — Dessa vez foi de pregar na parede, ô se foi! Foi a armadilha mais sabida que eu já vi pegar um sujeito... se eu...

Mas o Jim riu tanto que engasgou e não conseguiu continuar, e o Tom estava louco de ver como eu tinha derrubado ele direitinho, e voltou o próprio

argumento contra si mesmo e se botou em farrapos e frangalhos com ele, que tudo que ele conseguia dizer era que, sempre que ele escutava eu e o Jim tentando argumentar, ficava envergonhado da raça humana. Eu não disse nada; eu estava me sentindo muito satisfeito. Quando eu pego o melhor de uma pessoa daquele jeito, não é do meu feitio tripudiar nisso do jeito que muita gente faz, porque eu acho que se eu tivesse no lugar dele não ia gostar que tripudiassem em cima de mim. É melhor ser generoso, é o que eu acho.

13. À procura do cachimbo do Tom

No fim, a gente deixou o Jim flutuando ali pelo alto na vizinhança das pirâmides e desceu pelo buraco onde você dá no túnel, e a gente foi com uns árabes e umas velas, e bem lá para dentro no meio da pirâmide a gente encontrou uma sala e uma caixa enorme de pedra onde eles costumavam guardar o rei, bem do jeito que o homem no catecismo falava; mas ele não estava lá, alguém tinha pegado! Mas eu não fiquei interessado no lugar, porque podia ter fantasma lá, é claro; não fantasma novo, mas eu não gosto de nenhum deles.

Então a gente saiu e pegou uns burrinhos e circulou um pouco, e então veio num barco outro grupo, e então mais burros, e a gente foi para o Cairo; e por todo o caminho a estrada era uma bela estrada, toda suave e bonita, com umas tamareiras enormes dos dois lados e umas crianças peladas por toda a parte, e os homens, vermelhos feito cobre, bonitos e fortes e educados. E a cidade era uma curiosidade. Umhas ruas estreitas... bem eram todas becos, e apinhadas de gente com turbante e mulheres com véu e todo mundo bem vestido em umas roupas reluzentes brilhantes e de tudo quanto era cor, e você ficava ali se perguntando como os camelos e o povo passavam um do lado do outro naquelas ruas que pareciam rachaduras de tão estreitas, mas eles conseguiam — circulação perfeita, e todo mundo sempre falante e barulhento. As lojas não eram grandes para dar uma olhada dentro, mas você não precisava entrar; o responsável por elas ficava de pernas cruzadas no balcão fumando um cachimbo comprido feito uma cobra, e as coisas dele sempre estavam à mão para vender, e ele ficava tão à vontade na rua que os carregamentos dos camelos sempre raspavam nele quando passavam.

VeZ por outra uma pessoa importante passava numa carruagem com uns homens fantasiados correndo e gritando na frente dela e dando com uma um golpe com uma vara comprida em qualquer um que não saísse do caminho. E no

fim vinha junto o sultão no lombo do cavalo na frente de um cortejo, e as roupas dele eram tão bonitas que dava para perder o fôlego; e todo mundo foi para o chão, de barriga e tudo, quando ele passou. Eu me esqueci, mas um sujeito me ajudou a lembrar. Ele era um dos que tinham uma vara e corriam na frente.

Havia umas igrejas, mas as pessoas não descansavam no domingo; eles descansavam na sexta e não respeitavam o sábado. Você tem que tirar os sapatos quando entra. Tem multidões de homens e meninos na igreja, sentados em grupos no chão de pedra e fazendo uma barulheira sem fim, tirando suas lições de cor, disse o Tom, no Corão, que eles acham que é uma Bíblia, e as pessoas que sabem bem sabem o que basta para não deixar de acompanhar. Nunca tinha visto uma igreja grande feito aquela na minha vida, um assombro de alta, de fazer você ficar tonto de olhar para cima; nossa igreja lá do vilarejo em casa não dá nem para o cheiro; se você colocasse ela dentro dessa, o povo ia achar que era uma caixa de tecido.

O que eu queria ver era um dervixe, porque eu estava interessado em dervixes por causa daquele que tinha pregado a peça no cameleiro. Então a gente achou um monte num tipo de igreja, e eles se chamavam os Dervixes Rodopiantes; e eles realmente giravam. Nunca tinha visto uma coisa daquelas. Eles tinham chapéu alto feito um pão de açúcar e uns vestidos compridos de algodão; e eles giravam e giravam e giravam, e rodavam e rodava feito pião, e os vestidos ficava esticados e inclinados, e era a coisa mais bonita de se ver, que eu me sentia bêbado só de olhar. Eles eram todos mulçumanos, o Tom disse, e quando eu perguntei o que era mulçumano, ele disse que era uma pessoa que não era presbiteriana. Então está cheio deles no Missouri, apesar de eu não saber antes.

A gente não tinha visto metade do que tinha para ver no Cairo, porque o Tom estava doido para achar lugares que eram celebrados na história. Deu uma canseira danada na gente achar o silo dos grãos onde o José estocou a comida diante dos famintos, e onde a gente viu que não valia muito olhar para ele, que era uma ruína caindo aos pedaços; mas o Tom ficou satisfeito, e ficou mais agitado por causa dele do que eu se tivesse pregado um prego no meu pé. Como ele sempre achava o lugar era demais para mim. A gente tinha passado bem por uns quarenta bem quase iguaizinhos antes de encontrar aquele, e qualquer um deles ia fazer o mesmo para mim, mas só o certo é que satisfazia ele; nunca vi

alguém tão específico feito o Tom Sawyer. No minuto que ele batia o olho no certo ele reconhecia tão fácil, da mesma forma como eu reconhecia minha outra camisa se eu tivesse uma outra, mas como ele fazia ele não conseguia dizer, tanto quanto não conseguia voar; ele mesmo disse isso.

Então a gente caçou um bocado de tempo a casa onde o menino que ensinou o cadí a julgar o caso das oliveiras novas e as de verdade, e disse que era lá das *Mil e uma noites*, e ele ia tentar contar para mim e para o Jim sobre isso quando tivesse tempo. Bom, a gente caçou e caçou até que eu estava a ponto de arrear e queria que o Tom desistisse e viesse no dia seguinte e pegasse alguém que conhecesse a cidade e falasse na nossa língua do Missouri e pudesse ir direto no lugar; mas não, ele queria aprender ele mesmo, e nada mais servia. Então a gente seguiu. Então no fim a coisa mais incrível aconteceu. A casa não existia mais — não existia mais há centenas de anos —, cada pedaço dela tinha se acabado, só restando um tijolo de barro. Agora uma pessoa nunca que ia acreditar que um menino lá dos cafundós do Missouri que nunca tinha estado antes naquela cidade era capaz de caçar aquele lugar e achar aquele tijolo, mas o Tom Sawyer achou. Eu acho que ele fez porque eu vi ele fazer. Eu estava bem do lado dele na hora, e vi quando ele reconheceu o tijolo. Bem, eu disse para mim, como ele faz isso? É sapiência ou é instinto?

Agora vamos aos fatos, como aconteceram: todo mundo deve explicar isso do seu jeito. Eu fiquei matutando um bocado sobre isso, e minha opinião é que parte é conhecimento, mas o grosso é mesmo instinto. A razão é a seguinte: o Tom botou o tijolo no bolso para dar para um museu com o nome dele e os fatos quando ele voltasse para casa, e eu tirei de leve e coloquei outro tijolo bem parecido no lugar, e ele não viu a diferença, mas tinha uma diferença. Acho que isso resolve tudo. É quase sempre instinto, não conhecimento. Instinto diz para ele o lugar exato onde está o tijolo, e ele reconhece o troço pelo lugar que está, não pela aparência do tijolo. Se fosse conhecimento, não instinto, ele ia saber de novo pela aparência dele da outra vez que visse, e ele não soube. Então isso mostra que, apesar de toda a arrogância que se fala sobre o conhecimento ser uma coisa maravilhosa, o instinto vale uns quarenta dele para não ter erro. O Jim acha o mesmo.

Quando a gente voltou, o Jim desceu e pegou a gente, e tinha um jovem ali com um chapéu vermelho sem aba e borla e uma jaqueta de seda muito bonita e uma calça bufante com um xale ao redor da cintura e umas armas nele, que sabia falar inglês e que queria que a gente contratasse ele de guia para levar a gente para a Meca e a Medina e o Centro da África e tudo por meio dólar o dia e mais a comida e a hospedagem, e a gente contratou ele e foi embora a todo vapor, e perto da hora do jantar a gente já estava em cima do lugar onde os israelitas atravessaram o mar Vermelho quando o Faraó tentou capturar eles de volta e foi pego pelas águas. A gente parou, então, e deu uma bela olhada no lugar, e fez bem para o Jim ver isso. Ele disse que podia ver tudo, naquela hora, do jeitinho que aconteceu; ele conseguia ver os israelitas caminhando entre os muros de água, e os egípcios vindo, bem de longe, correndo tudo que conseguiam correr, e via eles entrando enquanto os israelitas saíam, e então quando todo mundo estava lá dentro, via os muros caindo junto e afogando até o último homem do Faraó. Então a gente mandou pé na brasa de novo e correu e flutuou em cima do monte Sinai, e viu o lugar onde Moisés quebrou as tábuas de pedra, e onde os filhos de Israel acamparam no plano e adoraram a vaca dourada, e foi tudo muito interessante, e o guia conhecia cada lugar tão bem quanto eu conheço o vilarejo de casa.

Mas a gente teve um acidente, e ele suspendeu todos os planos. O cachimbo de espiga de milho do Tom, que já estava um caco de velho, tão torto e desmazelado que já não tinha jeito de ficar inteiro apesar de tanta corda e bandagem, se desfez em pedaços. O Tom não sabia o que fazer. O cachimbo do professor podia servir; mas era um meerschaum, e um sujeito que está acostumado a um cachimbo de espiga sabe que está bem longe de todos os outros cachimbos do mundo, e você não pode se desfazer dele para fumar qualquer outro. Ele não queria o meu, então não consegui convencer ele. E assim ele estava.

Ele pensou e pensou e disse que a gente precisava achar outro no grito pelo Egito, pela Arábia ou por algum desses países por perto, mas o guia disse não, não adiantava, ele não tinha daqueles. O Tom ficou bem amuado por um tempo, então se levantou todo animado e disse que tinha tido uma ideia e sabia o que fazer.

— Eu tenho outro cachimbo de espiga de milho, e é ótimo e tá quase novo. Está na viga que fica bem em cima do fogão de casa lá no vilarejo. Jim, você e o guia vão lá e pegam, e eu e o Huck, a gente acampa aqui no monte Sinai até vocês voltarem.

— Mas seu Tom, a gente não vai conseguir achar o vilarejo. Eu até conseguia achar o cachimbo, no caso de eu saber a cozinha, mas, meu Deus, a gente nunca que vai chegar no vilarejo, nem em St. Louis, nem nenhum desses lugar tudo. A gente não sabe o caminho, Seu Tom.

Esse era um fato, e calou fundo no Tom por um minuto. Então ele disse:

— Olha aqui, dá para fazer; e eu vou dizer como. Você ajeita a bússola e a vela para oeste direto, feito uma flecha, e você encontra os Estados Unidos. Não tem problema, porque é a primeira terra que você chega do outro lado do Atlântico. Se for de dia na hora que você chegar, pé na tábua direto e reto para oeste lá da parte de cima da costa da Flórida e em uma hora e uns quarenta e cinco minutos você vai ter chegado na boca do Mississipi, na velocidade que eu vou mandar você. Você vai estar tão alto no céu que a terra vai ficar bem curva, mais ou menos feito uma bacia virada de cabeça para baixo, e você vai ver um monte de rio correndo para todo lado, antes de você chegar lá, e você vai conseguir ver o Mississipi sem dificuldade. Então você pode seguir o rio para o norte de perto, uma hora e quarenta e cinco, até você ver o Ohio entrar; então você precisa ficar atento, porque está perto. Um pouco mais longe para a esquerda você vai ver outro rio entrando, é o Missouri, e fica um pouquinho em cima de St. Louis. Você desce ali, então, para examinar os vilarejos enquanto passa. Você vai passar por uns vinte e cinco nos quinze minutos seguintes e você vai reconhecer o nosso quando o vir, e se você não vir, dá para gritar e perguntar.

— Se é assim fácil, seu Tom, acho que a gente consegue fazer, sim, senhor, sei que consegue.

O guia também estava confiante e achava que ia ser capaz de aprender rapidinho a manter o turno da vigília.

— O Jim é capaz de ensinar você em meia hora — disse Tom. — Esse balão é fácil de lidar feito canoa.

O Tom pegou o mapa e marcou e mentiu o curso.

— Voltar pelo oeste é o caminho mais curto, você está vendo. São só sete mil milhas. Se você for para leste, e então dar a volta é duas vezes mais longe. — E então ele olhou para o guia. — Eu queria que vocês prestassem atenção no velocímetro durante as vigílias, e sempre que ele não marcar trezentas milhas por hora, vocês sobem ou descem até encontrar a corrente de tempestade que estiver passando no seu caminho. Ele dá cem milhas por hora sem ajuda do vento. Tem uns vendavais de duzentas milhas por hora que podem ser encontrados, sempre que vocês quiserem.

— A gente vai procurar, senhor.

— Sei que vão. Às vezes vocês podem ter que subir umas milhas, e pode ficar frio pra burro, mas na maior parte do tempo vocês vão encontrar a tempestade bem pra baixo. Se puderem chegar num ciclone — aí vocês vão ganhar a sorte! Vocês vão ver pelos livros do professor que eles viajam para oeste nessas latitudes; e eles viajam baixo.

Então ele calculou o tempo e disse:

— Sete mil milhas, a trezentas milhas por hora... vocês vão conseguir fazer a viagem em um dia, vinte e quatro horas. É quinta-feira; vocês vão chegar de volta no sábado à tarde. Sim: e peguem cobertor e comida e livro e umas coisas para mim e para o Huck, e podem ir agora mesmo. Não tem por que ficar enrolando. Eu quero fumar, e quanto mais rápido você pegar o cachimbo, melhor.

Todo mundo ajudou com os preparativos, e em oito minutos nossas coisas estavam fora, e o balão estava pronto para ir para América. Então a gente acenou um adeus, e Tom deu as últimas ordens:

— São dez para as duas da tarde aqui, no horário do monte Sinai. Em vinte e quatro horas vocês vão estar em casa, e vão ser seis da manhã no horário da vila. Quando vocês chegarem na vila, pousem um pouco atrás do topo da colina, no bosque, longe da vista; então, Jim, você corre e joga essas cartas no correio, e se você vir alguém chegando, puxe o chapéu na cara para não ser reconhecido. Então você vai sem chamar a atenção pelo caminho de trás até a cozinha e pega o cachimbo e coloca esse pedaço de papel na mesa da cozinha e coloca alguma coisa em cima dele para segurar e então sai de mansinho e corre e não deixa a tia Polly ver você, nem ninguém mais. Então você pula no balão e corre para o

monte Sinai a trezentas milhas por hora. Você não vai ter gastada mais de uma hora. Você vai começar a voltar lá pelas sete ou oito da manhã, no horário do vilarejo, e vai chegar aqui em vinte e quatro horas, lá pelas duas ou três horas, no horário do monte Sinai.

O Tom leu o pedaço de papel para a gente. Ele tinha escrito:

Quinta-feira à tarde, Tom Sawyer, o Aeronauta
Manda seu amor para a Tia Polly do monte Sinai
Onde a Arca está, [7] e também Huck Finn, e ela vai
Recebê-la amanhã às seis e meia da manhã.

— Isso vai fazer os olhos dela pularem para fora e as lágrimas correrem — disse ele. E em seguida: — Preparar! Um, dois, três, partir!

E o balão partiu! Ora, pareceu que ele zuniu para longe da vista num instante.

Então, a gente achou a caverna mais confortável que apareceu em toda a grande planície, e então a gente acampou para esperar o cachimbo.

O balão voltou bem e trouxe o cachimbo; mas a tia Polly viu o Jim quando ele estava pegando, e todo mundo consegue imaginar o que aconteceu: ela mandou chamar o Tom. Então o Jim disse:

— Seu Tom, ela está na varanda com os olhos pregados no céu esperando o senhor, e ela disse que não vai sair de lá até te pegar. Vai dar problema, Seu Tom, ô se vai.

Então a gente tocou para casa, também sem se sentir muito feliz.

**TOM
SAW
YER,
DETECTIVE**



1. Um convite para Tom e Huck

[Nota: Ainda que estranhos, os incidentes desta história não são invenções. São, pelo contrário, fatos — inclusive a confissão pública do acusado. Eu os tomo ao antigo julgamento de um crime sueco, mudo os atores e ambiente suas cenas na América. Acrescentei uns poucos detalhes, mas apenas um ou dois são importantes — M.T.]

Bom, foi na primavera do ano seguinte, depois que nós, eu e o Tom Sawyer, libertamos o Jim, nosso negro velho de guerra, quando ele ficou preso como se fosse um escravo fugido na fazenda que o tio do Tom, o Silas, tem lá no Arkansas. O gelo estava se desfazendo no chão, também se desfazia no ar, e estava quase chegando o dia de andar descalço; e depois ia chegar o dia das bolinhas de gude, e depois do canivete, e depois do pião e da argola, e depois da pipa, e logo já ia ser verão e dia de nadar. Dá para fazer um menino cair morto de tristeza, de olhar adiante daquele jeito e ver o verão tão longe. Dá mesmo: isso põe o menino inquieto, todo amuado e suspiroso — ele sente que há algum problema, mas não sabe o que é. De todo jeito, ele sai sozinho nele mesmo, acabrunhado e pensativo; e geralmente procura um lugar sem ninguém por perto no alto da colina no fim do bosque e fica ali, olhando para a enormidade que é o Mississipi lá embaixo, correndo milhas sem fim até lá pelos lugares onde a madeira fica esfumacenta e turva de tão longe e quieta, e tudo é tão melancólico que parece que todo mundo que você ama está morto e enterrado, e você quase que começa a querer a mesma coisa, estar morto e enterrado também, e acabar com tudo.

Sabe o que é isso? É febre de primavera. É o nome que tem. E quando você é acometido dela, sente vontade... ah, você não sabe direito do que sente vontade, mas é tanta vontade que dá um aperto no coração! Parece que a vontade que

— você tem é mesmo de fugir — fugir das coisas tediosas de sempre que te cansaram ao máximo e buscar alguma coisa nova. Essa é a ideia: você quer correr o mundo, virar andarilho; você quer perambular por algum país estrangeiro onde tudo é novo e cheio de mistério e de aventura. Mas se não dá, você engole o choro, se contenta com pouco e vai para o lugar que der, só para ir para longe. E sente gratidão por conseguir ir.

Bom, eu e o Tom Sawyer fomos acometidos pela febre de primavera, e ela estava muito forte; mas nem adiantava pensar no Tom tentando fugir, porque, como ele disse, a tia Polly não ia deixar ele largar a escola e sair por aí vadiando; por isso, a gente ficava naquela enorme tristeza. Um dia, já de tardezinha, nós falávamos sobre isso, sentados na escada da varanda, quando a tia Polly saiu com uma carta na mão e disse:

— Tom, acho que você vai ter que fazer as malas e ir lá para o Arkansas. A sua tia Sally quer ver você.

Minha alma quase saltou do meu corpo, de tanta alegria. Achei que o Tom ia voar na tia dele e dar um abraço bem apertado nela. Mas você não vai acreditar: ele ficou ali parado, mudo feito uma pedra. Me deu vontade de chorar de ver ele agindo daquele jeito tão bobo, e com uma oportunidade daquela na nossa frente. E nós a perderíamos se ele não abrisse a boca e mostrasse que estava agradecido e feliz. Mas ele ficou ali e pensou e pensou e pensou, até que eu me senti tão angustiada que não sabia mais o que fazer; e foi quando ele disse, muito calmo, e eu senti um ímpeto de bater nele:

— Bom, eu sinto muito, tia Polly, mas acho que não posso... por enquanto.

A tia Polly ficou tão estupefata com a insolência fria dele que ficou muda por quase um minuto. Foi a chance que eu tive de dar um cutucão no Tom e sussurrar no ouvido dele:

— Mas você enlouqueceu de vez? Perder uma chance boa como essa?

Mas ele nem se abalava. E murmurou de volta:

— Huck Finn, você acha que vou deixar ela *perceber* o quanto quero ir? Isso ia na mesma hora deixá-la cheia de dúvidas... e imagine todo tipo de doenças e perigos e objeções que ela apontaria! Num segundo ia acabar com tudo. Me deixe, que eu acho que sei como cuidar da tia Polly.

Olha, eu nunca que ia pensar naquilo. Mas ele estava certo. Tom Sawyer sempre estava certo — cabeça no lugar feito aquela eu nunca vi, sempre calma e pronta para tudo que aparecesse na frente. A essa altura, a tia Polly estava recuperada, e disparou:

— Acha que não pode? Claro que não... Eu *nunca* ouvi um absurdo desse! Que ideia é essa de falar *comigo* desse jeito? Você trate de levantar e ir arrumar suas coisas; e se você der mais um pio de achar que não pode, vai achar que não pode debaixo de vara!

Ela deu na cabeça dele com o dedal enquanto a gente escapava, e ele deu uma choramingada enquanto a gente corria escada acima. Mas lá no quarto dele, me abraçou. Ele estava que não se aguentava de felicidade porque ia viajar. E disse:

— Antes de irmos embora, ela vai se arrepender de ter me deixado ir, mas ela não vai saber como desfazer a coisa. Depois do que ela disse, o orgulho dela não vai deixá-la voltar atrás.

O Tom fez a mala em dez minutos — só faltavam as coisas que a tia dele e a Mary iam terminar para ele levar; então ele esperou mais dez minutos até ela se acalmar e ficar de novo boazinha e gentil; porque o Tom disse que ela levava dez minutos para voltar ao normal quando metade das penas dela estavam eriçadas, e mais dez quando elas estavam totalmente esticadas, e esse era o caso. Depois a gente desceu, numa baita curiosidade de saber o que estava escrito na carta.

Ela estava lá sentada, toda pensativa em cima da carta que deixara no colo. A gente sentou, e ela disse:

— Eles estão passando uns apuros por lá, e acham que você e o Huck podem ser um tipo de distração para eles... um “consolo”, eles disseram. Acho que vão conseguir, da sua parte e da do Huck. Tem um vizinho chamado Brace Dunlap que fazia três meses que andava querendo casar com a Benny deles, e no fim eles disseram para ele, sem rodeio, e de uma vez por todas, que isso *não ia* acontecer; e esse sujeito azedou com eles, e eles ficaram preocupados. Acho que é um tipo com quem é melhor ter boa relação, porque eles tentaram agradecer contratando o irmão dele, um inútil, para ajudar na fazenda numa situação que eles mal têm como pagar, e não querem ele por perto de jeito nenhum. Quem são esses Dunlap?

— A casa deles fica a mais ou menos uma milha da do tio Silas, tia Polly, todos os fazendeiros vivem a uma milha uns dos outros, e o Brace Dunlap é bem mais rico que todo mundo, e é dono de um monte de escravos. Ele é viúvo, tem 36 anos, não tem filho, e é orgulhoso do dinheiro e da criação dele, e não tem quem não sinta um pouco de medo dele. Tenho para mim que ele achava que podia casar com a moça que quisesse, só pedindo, e deve ter ficado bastante ressentido quando viu que não podia ficar com a Benny. Ora, a Benny tem a metade da idade dele, e é muito doce e bonita... bom, a senhora conhece ela. Coitado do tio Silas querendo adular o sujeito desse jeito... tão pobre e sobrecarregado, e ainda contratando o inútil do Jubiter Dunlap para agradar aquela ruindade de irmão dele.

— Mas que nome... Jubiter! Onde ele arranjou?

— É só um apelido. Acho que esqueceram o nome de verdade dele faz tempo. Hoje ele tem 27 anos e tem esse apelido desde a primeira vez que saiu para nadar. O professor dele viu uma pinta redonda e marrom do tamanho de uma moeda na perna esquerda dele, em cima do joelho, e quatro menores em torno dela, quando ele estava sem roupa, e ele disse que isso fazia ele se lembrar de Jubiter e as luas; e as crianças acharam engraçado, e então eles começaram a chamar ele de Jubiter, e ele é Jubiter até hoje. Ele é alto e preguiçoso e sonso e malandro e meio covarde também, mas tem bom humor, e tem um cabelo castanho comprido e não tem um centavo, mas o Brace dá abrigo para ele de graça, e dá para ele as roupas velhas dele para vestir e acha que ele não vale nada. Ele tem um irmão gêmeo.

— Como é o gêmeo?

— Igualzinho ao Jubiter, é o que dizem; costumava ser, de todo modo, mas ninguém sabe dele faz sete anos. Ele começou a roubar quando tinha dezenove ou vinte anos, e prenderam ele; mas o doido escapou da prisão e sumiu. Fugiu para o Norte e se escondeu em alguma parte. Eles costumavam ouvir falar dele roubando e arrombando um lugar ou outro de vez em quando, mas já faz tempo. Ele está morto agora. Pelo menos é o que dizem. Não se tem mais notícia dele.

— Qual é o nome dele?

— Jake.

O assunto acabou por um bom tempo; a velha senhora ficou pensando. No fim, ela disse:

— A coisa que mais preocupa a sua tia Sally é que o tal Jubiter deixa seu tio com uma raiva danada.

O Tom ficou surpreso, e eu também.

— Raiva? — perguntou Tom. — O tio Silas? Nossa, a senhora só pode estar brincando! Eu não sabia que ele *tinha* uma coisa dessas.

— Mas não é uma raiva de deixar ele possesso. É o que a sua tia Sally anda dizendo... que às vezes ele fica a ponto de bater no sujeito.

— Nossa, mas isso acaba com tudo que eu já escutei. Ele parece um mingau de tão doce.

— Bom, de todo jeito ela está preocupada. Diz que por causa dessa briga toda o seu tio Silas parece outro homem. E os vizinhos falam no assunto e colocam toda a culpa no seu tio, é claro, porque ele é pastor e não tem nada que ficar brigando. Sua tia Sally diz que é tanta a vergonha do seu tio que está detestando fazer a pregação; e que todo mundo começou a se afastar dele, e ele já não é tão popular como antes.

— Bom, mas não é estranho? Ele era tão bonzinho e adorável, tão gentil, e estava sempre no mundo da lua, avoadado, abobado... meu Deus, tia Sally, ele era um anjo! Por que raio ele está assim, hein?

2. Jake Dunlap

A gente teve uma baita sorte, porque encontramos um lugarzinho em um barco a vapor, daqueles com as pás na popa, que vinha do Norte e que estava seguindo para um daqueles pântanos ou rios pequenininhos lá pros lados da Louisiana, então a gente podia seguir todo o caminho pelo Mississipi inteiro, do alto ao baixo, até a fazenda no Arkansas sem ter que trocar de vapor em St. Louis. Eram quase mil milhas numa tacada só.

Um baita de um barco bonito e triste. Tinha pouco passageiro, todo mundo gente velha, sentada pelo convés, um aqui, outro ali, cochilando, e tudo estava muito parado. Levou quatro dias para sair da parte “alta” do rio, porque a gente ficava encalhando bastante. Mas não estava chato — claro que não estava, para dois meninos que viajavam.

Desde o começo a gente concluiu que tinha alguém doente no camarote ao lado do nosso, porque os garçons sempre levavam a comida ali. No fim a gente perguntou (o Tom perguntou), e o garçom disse que era um homem, mas que ele não parecia doente.

— Bom, mas ele não *está* doente?

— Não sei, talvez. Para *mim*, ele está fingindo.

— Por que você acha isso?

— Bom, se ele estivesse doente, ele ia botar o pijama uma *hora* ou outra... você não acha? Mas ele não tira a roupa. Pelo menos as botas ele nunca tira.

— O diabo que não! Nem na hora de ir para a cama?

— Não.

Para o Tom, o mistério era sempre uma felicidade. Se você colocasse um mistério e uma torta, lado a lado, na nossa frente, você não ia precisar dizer “Escolham”. Não era nem o caso de perguntar. Porque eu sigo minha natureza e

sempre pego a torta, enquanto ele segue a natureza dele e sempre escolhe o mistério. As pessoas são muito diferentes. E isso é o melhor.

O Tom perguntou ao garçom:

— Qual é o nome do homem?

— Phillips.

— Onde ele embarcou?

— Acho que foi em Alexandria, na linha que vem do Iowa.

— Você acha que ele só está pregando uma peça?

— Não faço ideia... não tinha pensado nisso.

Taí outro que pega a torta, pensei.

— Nada de particular nele? O jeito de falar, de andar?

— Não, nada... Só que ele parece assustado e fica de porta fechada noite e dia e, quando você bate, ele não deixa você entrar, a não ser depois que ele abre uma frestinha e vê quem é.

— Mas que coisa interessante! Queria dar uma olhada nele. Vejamos... da próxima vez que você for lá, o que você acha de escancarar a porta e...

— Não mesmo! Ele sempre fica atrás da porta! Não ia deixar.

O Tom pensou e disse:

— Olha só: você me empresta o seu avental e me deixa levar o desjejum de manhã. Te dou um quarto de dólar.

O garçom estava muito disposto, mas o camareiro-chefe precisava dar permissão. O Tom disse que estava tudo bem, que achava que podia fazer um acordo com ele, e foi o que fez. Ele se acertou com o camareiro-chefe, que deixou a gente entrar com os aventais e levar a comida.

O Tom não dormiu muito, de louco que ficou para entrar lá e descobrir o mistério do tal Phillips. Mais que isso: ficou cheio de conjectura a noite toda — o que não servia de nada, porque se você vai descobrir os fatos de uma coisa, para que ficar tentando adivinhar o que é e o que não é e queimar cartucho de bala? Eu não perdi o sono. Não ligava nada, nada para saber qual era o problema do tal Phillips, foi o que eu disse para mim mesmo.

Bom, de manhã a gente colocou os aventais e pegou umas bandejas de comida, e o Tom bateu na porta. O homem abriu uma fresta, e então ele deixou a gente

entrar e fechou rápido. Nossa mãe do céu! Foi bater o olho nele que a gente quase deixou cair tudo no chão!

— Jubiter Dunlap! — disse Tom. — De onde você está vindo?

Bom, o homem ficou espantado, é claro; na hora, parecia que não sabia se ficava assustado ou feliz, ou os dois, ou o quê, mas no fim acabou ficando feliz; e então ficou corado de novo, apesar de no início o rosto dele ter ficado muito branco. Depois a gente começou a conversar enquanto ele comia. E ele disse: — Mas eu não sou o Jubiter Dunlap. Eu ia logo dizer para vocês quem eu era, se vocês não abrirem a boca, porque eu também não sou o Phillips.

— A gente vai ficar de bico fechado — disse Tom —, mas não tem necessidade de você me dizer quem você é se você não é Jubiter Dunlap.

— Por quê?

— Porque se você não é ele, é o outro gêmeo, o Jake. Você é o Jubiter cuspidor e escarrador.

— Tá bom, eu sou o Jake. Mas vem cá, como você conhece a gente, os Dunlap?

O Tom contou sobre as nossas aventuras lá pros lados do tio Silas no verão anterior, e quando ele viu que não tinha nada sobre a família dele — ou sobre ele — que a gente não soubesse, se abriu e falou com total liberdade e tranquilidade. Ele não pensou duas vezes para falar do próprio caso; disse que tinha passado uns maus bocados e que ainda estava passando, e que achava que ainda ia passar, direto até o fim. Ele disse que, é claro, era uma vida perigosa e então meio que limpou a garganta e se pôs na posição de quem escuta. A gente não disse nada, e assim tudo ficou quieto por uns instantes, e só o que se ouvia era a madeira do navio rangendo e as máquinas trabalhando no porão.

Mas a gente deixou ele à vontade de novo, falando sobre a família, e sobre a mulher do Brace, que estava morta fazia três anos, e que o Brace tinha desejado casar com a Benny e ela tinha dito não, e que o Jubiter estava trabalhando para o tio Silas, e ele e o tio Silas ficavam brigando o tempo todo — e ele começou a dar risada.

— Nossa! — disse ele. — Parece coisa dos velhos tempos ouvir essa conversa toda, e me faz bem. Já fazia bem uns sete anos ou mais que eu não sabia de ninguém. Eles falam de mim hoje em dia?

— Quem?

— Os fazendeiros... e a família.

— Bom, eles não falam mais de você... acho que só falaram uma vez, e faz tempo.

— Caramba! — disse ele, surpreso. — E por que isso?

— Porque eles acham que você está morto.

— Não é possível! Você está falando a verdade? Pela sua honra?

Ele ficou todo ouriçado e se pôs de pé num pulo.

— Palavra de honra. Não tem ninguém que acha que você está vivo.

— Então eu estou salvo! Estou salvo, de verdade! Vou para casa. Eles vão me esconder e salvar a minha vida. Vocês fiquem de bico calado. Prometam que nunca, nunca vocês vão falar a meu respeito. Ah, meninos, sejam bonzinhos para um pobre-diabo que é perseguido dia e noite e não dá as caras em lugar nenhum! Eu nunca fiz mal para vocês, nem nunca vou fazer, enquanto Deus estiver no céu. Prometam que vão ser bonzinhos e ajudar a salvar minha vida.

A gente teria prometido mesmo que ele fosse um canalha; e a gente prometeu. Bem, ele se derreteu por nós dois e agradeceu até dizer chega, o pobre coitado — era tudo o que ele podia fazer antes de abraçar a gente.

A gente ficou lá conversando, e ele pegou uma maletinha de mão, que ele começou a abrir, pedindo para a gente virar de costas. A gente virou, e quando ele disse que era para a gente virar de volta, o homem era outra pessoa. Ele estava de óculos azuis e umas costeletas e um bigode castanhos e compridos, naturais como você nunca viu. A própria mãe dele não o reconheceria. Ele perguntou se a gente achava ele parecido com o irmão, o Jubiter.

— Não — disse o Tom —, não tem nada de Jubiter, só o cabelo comprido.

— Tá bom, então vou cortar ele curtinho antes de chegar; e depois ele e o Brace vão guardar o meu segredo, e eu vou viver com eles como se fosse um estranho, e os vizinhos nunca vão suspeitar. O que vocês acham?

O Tom ficou olhando para ele um pouco e disse:

— Bom, é claro que lá a gente vai ficar de bico calado, mas se você não ficar de bico calado, talvez fique em apuros. Não muito, eu acho, mas um pouquinho. Quero dizer: se você falar, o povo não vai perceber que a sua voz é igual à do Jubiter? Não vai começar a pensar no gêmeo que todo mundo achava que estava

morto, mas que, no fim das contas, era possível que andava escondido o tempo todo com outro nome?

— Nossa, mas como você é rápido! — disse ele. — Você está é muito certo. Tenho que brincar de surdo-mudo quando tiver um vizinho por perto. Se eu estivesse indo para casa sem lembrar desse pequeno detalhe... mas eu não estava indo para casa. Eu estava indo para qualquer lugar onde eu pudesse fugir desses sujeitos que estão atrás de mim; então eu ia colocar esse disfarce e umas roupas diferentes e...

Ele deu um salto na direção da porta, colocou o ouvido nela e ficou escutando, pálido e ofegando um pouco. E então sussurrou: — Tive a impressão que estavam engatilhando uma arma! Deus do céu, que vida!

Então ele afundou em uma poltrona, esgotado como um doente, e secou o suor do rosto.

3. Um roubo de diamantes

Dali em diante, a gente ficou com ele quase o tempo todo, e um de nós dormia na beliche de cima do quarto. Ele disse que estava muito sozinho e que era um alívio ter companhia e alguém para conversar naquela hora tão difícil. A gente estava louco para descobrir qual era o segredo dele, mas o Tom disse que o melhor jeito era não parecer muito curioso, que uma hora ou outra ele ia tropeçar no tal segredo, mas que se a gente comesse a perguntar, ele ia ficar desconfiado e se fechar na própria concha. E foi isso mesmo. Não deu muito trabalho para ver que ele *queria* tocar no assunto. No começo, sempre que ele estava pertinho de falar, ele ficava com medo na hora e desviava o assunto. A coisa aconteceu desse jeito: ele quis perguntar, como quem não quer nada, a respeito dos passageiros no convés. A gente respondeu, mas ele não ficou satisfeito: faltou detalhe, e ele pediu para gente descrever melhor. O Tom descreveu. No fim, quando o Tom estava descrevendo um deles — um que era bem durão e cheio de farrapos —, o Jake tremeu, ficou ofegante e disse:

— Ai, Deus, é um deles! Eles estão a bordo, agora eu sei! Tinha esperanças de ter escapado, mas nunca acreditei de verdade. Vai em frente.

Em seguida, o Tom descreveu outro passageiro durão e maltrapilho, e ele teve outro tremelique e disse:

— É ele, é o outro! Ai, se calhasse de cair uma noite daquelas bem escuras e de tempestade, e eu conseguisse pular fora desse barco... Tem espião de butuca atrás de mim, com certeza. Eles subiram, compraram bebida no bar ali em cima e aproveitaram para molhar a mão de alguém, algum carregador, algum engraxate, sei lá, para ficar de olho em mim. Se eu conseguisse chegar em terra firme sem ninguém me ver, eles iam ficar sabendo em uma hora.

Depois disso ele começou a divagar, e bem rapidinho já estava contando tudo! A conversa estava meio sem rumo, com ele falando de altos e baixos da vida,

mas ele chegou no assunto e aí desembestou. Ele disse:

— Foi um golpe. A gente aplicou em uma joalheria em St. Louis. Eram dois diamantes imensos, bonitos, grandes feito noz de avelã, que todo mundo queria ver. A gente se pôs bem vestido, e tudo aconteceu à luz do dia. A gente pediu que levassem os diamantes no hotel para vermos se íamos comprar, e enquanto examinava, as imitações de resina já estavam na mão. Foram *elas* que voltaram para a loja, quando a gente disse que a limpidez não estava boa o bastante para doze mil dólares.

— Doze mil dólares! — exclamou Tom. — Mas eles realmente valiam tudo isso, você acha?

— Cada centavo.

— E vocês conseguiram fugir com eles?

— Facinho, facinho. Acho que o povo da joalheria ainda nem percebeu que foi roubado. Mas é claro que não era uma boa ideia ficar lá pros lados de St. Louis, então a gente ficou matutando para onde ia. Um queria ir para um lado, o outro para outro, e então a gente decidiu na moeda, cara ou coroa, e ganhou o Alto Mississipi. A gente embrulhou os diamantes em um papel, escreveu os nossos nomes nele, botou no cofre do gerente do hotel e disse para ele não deixar nenhum dos três pegar sem que os outros não tivessem ali para ver; depois a gente foi para o centro da cidade, cada um para um canto... porque eu acho que a gente teve a mesma ideia. Não tenho certeza, mas acho que a gente teve.

— Que ideia?

— De um roubar o outro.

— O quê? De um ficar com tudo, depois de todos terem se ajudado?

— Isso mesmo.

Isso deixou o Tom muito decepcionado, e ele disse que coisa mesquinha e baixa feito aquela ele nunca tinha escutado. Mas o Jake Dunlap retrucou dizendo que não era incomum na profissão. Ele explicou que, quando uma pessoa estava naquele negócio, tinha que cuidar do próprio interesse, não tinha mais quem podia fazer isso por ela. E ele prosseguiu e disse:

— Vejam: o problema era que não dava para dividir dois diamantes em três. Se fossem três... mas nem é o caso de pensar, não eram três. Eu fiquei andando pelos becos remoendo a coisa. Disse para mim mesmo: vou esconder esses

diamantes na primeira oportunidade e deixar um disfarce pronto; depois, fujo da rapaziada e, quando eu sentir que estou a salvo, coloco o disfarce e deixo eles tentarem me achar. Então arrumei umas costeletas falsas e os óculos e essas roupas de caipira e enfiei tudo numa mala de mão. Eu estava passando por uma loja onde se vendia essas coisas e vi um dos meus comparsas pela janela. Era o Bud Dixon. Pensei comigo: “Vou ver o que ele está comprando.” Então eu me escondi e vi. Agora: o que vocês acham que ele comprou?

— Costeletas? — perguntei.

— Não.

— Óculos?

— Não.

— Fecha essa matraca, Huck Finn, que você só está atrasando a história! O que foi que ele comprou, Jake?

— Mas vocês nunca que iam adivinhar. Era só uma chave de fenda. Só uma chavezinha de fenda de nada.

— Olha só! E o que ele queria com ela?

— Foi o que eu pensei. Aquilo era curioso. Fiquei intrigado. Me perguntei: o que ele quer com esse negócio? Bom, quando ele saiu, eu fiquei escondido, e depois segui ele até uma loja de roupa de segunda mão e vi ele comprar uma camisa de flanela vermelha e uns outros farrapos... bem esses que você descreveu que ele está vestindo. Então eu fui até as docas e escondi minhas coisas a bordo do barco que ia subir o rio que a gente tinha escolhido, e saí de volta e dei sorte mais uma vez. Vi nosso outro comparsa *também* comprando uns trapos de segunda mão. A gente buscou os diamantes e saiu com o barco.

“Aí a gente ficou numa sinuca de bico, porque a gente não podia ir para a cama. Os três tinham que ficar de pé, um vigiando o outro. Foi uma tristeza: tristeza de ficar com aquele peso em cima da gente, porque tinha essa tensão entre a gente desde umas semanas atrás, e a nossa amizade era coisa de negócio. E era tensão mesmo: tinha só dois diamantes para três homens. Primeiro a gente jantou; depois, ficou andando de um lado para o outro no convés, os três juntos, fumando até quase meia-noite; no fim, a gente veio e sentou aqui no meu camarote, fechou a porta, olhou no papel para ver se estava tudo certo com os diamantes, colocou os dois no beliche de baixo para ninguém não tirar o olho

deles; e então a gente ficou ali. No fim, estava quase impossível ficar acordado. O Bud Dixon acabou caindo no sono. Assim que ele começou a roncar, um ronco constante e que parecia que ia durar, com o queixo no peito e sem se mexer, Hal Clayton apontou com a cabeça na direção dos diamantes e depois na direção da porta, e eu entendi. Eu alcancei o embrulho, peguei os diamantes, e então a gente se levantou e ficou parado, bem quieto; o Bud não se mexeu; eu virei a chave da porta bem devagar, sem fazer barulho, virei a maçaneta do mesmo jeito, e a gente saiu na ponta dos pés para a amurada, e fechou a porta com muito cuidado.

“Não tinha sinal de gente em parte alguma, e o barco estava seguindo viagem, rápido e constante, atravessando um mundo d’água debaixo de um luar nebuloso. A gente não trocou uma palavra: foi direto para o convés superior e se enfiou na popa, os dois sentados na ponta da claraboia. A gente sabia o que aquilo significava, sem ter que explicar um para o outro. Bud Dixon ia acordar e sentir falta dos diamantes e vir direto atrás da gente, porque não tinha medo de nada nem de ninguém, não aquele homem. Ele ia vir, e a gente ia jogar ele para fora do navio, nem que custasse a nossa vida. Essa ideia me deu calafrios, porque eu não sou assim tão valente como o povo acha, mas se eu parecesse covarde... bom, eu sabia que não podia parecer. Eu meio que esperava que o barco aportasse em algum lugar e a gente pudesse escapar para terra firme e não ter que correr o risco dessa briga; eu estava bem com medo do Bud Dixon, mas o barco estava subindo o rio, e não tinha chance de isso acontecer.

“Bom, o tempo passava e passava, e o sujeito nunca que aparecia! Passou até o amanhecer, e ele não veio. ‘Inferno’, eu disse, ‘o que você tá achando? Não é suspeito?’ ‘Diacho!’, o Hal disse, ‘você não acha que ele tá brincando com a gente? Abra o pacote!’ Eu abri — e, nossa senhora, não tinha nada ali, só dois pedacinhos de pão de açúcar! *Por isso* que ele ficou lá roncando em paz a noite toda, tão confortável. Esperto? Bom, reconheço! Ele tinha dois embrulhinhos ali prontos e certinhos, e tinha trocado um pelo outro bem na nossa cara!

“A gente se sentiu muito idiota. Mas o que a gente precisava fazer, e sem demora, era um plano; e foi o que a gente fez. Decidimos embrulhar o papel de novo, como estava, e entrar de mansinho e colocar de volta na cama, e fingir que não sabia nada do truque, que não tinha a mínima ideia que ele estava rindo da

nossa cara por trás daquele ronco chato dele; e a gente não ia desgrudar dele e, na primeira noite que a gente estivesse em terra firme, ia deixar ele bêbado, fazer uma busca nele e pegar os diamantes; e, se não fosse muito arriscado, aproveitava e *acabava* com a raça dele. Se a gente pegasse o embrulho, a gente ia *ter* que acabar com ele, ou ele ia caçar a gente e acabar com a nossa raça, é claro. Mas eu não tinha nenhuma esperança de verdade. Sabia que a gente podia deixar ele bêbado — ele sempre estava disposto a isso —, mas para quê? Era capaz de a gente ficar procurando nele um ano inteiro e não achar nada. Mas foi então que eu respirei fundo e me pus a matutar! Porque uma ideia veio rasgando e fez picadinho da minha cabeça. E nossa, como eu me senti feliz! Vejam, eu tinha tirado as botas pros meus pés desincharem. Então, quando eu peguei uma delas para calçar de novo, sem querer bati o olho no salto, e na hora eu perdi o ar. Vocês se lembram daquela chavezinha de fenda estranha?

— Claro que sim — disse Tom, todo animado.

— Bom, quando eu bati o olho no calcanhar da bota, a ideia que veio rasgando tudo foi que eu sabia onde ele tinha escondido os diamantes! Olhem para esse salto de bota aqui. Estão vendo: ele tem uma placa de metal, e a placa tá presa com uns parafusinhos. Ora, não tem um parafuso naquele sujeito, só nos saltos da bota dele; então, se ele precisava de uma chave de fenda, eu achei que sabia a razão.

— Huck, isso não é o máximo? — disse Tom.

— Bom, eu calcei minhas botas e desci e entrei devagar e coloquei o papel de açúcar na beliche e sentei devagarinho e em silêncio feito um carneirinho e fiquei escutando o Bud Dixon roncar. Hal Clayton rapidamente caiu no sono, mas eu não; nunca tive tão acordado em toda a minha vida. Fiquei espiando debaixo da aba do meu chapéu, procurando couro no chão. Levou um bom tempo, e eu comecei a pensar que talvez meu palpite tivesse errado, mas no fim eu achei. Estava perto do tabique e tinha quase a cor do carpete. Era um pedacinho grosso e redondo, feito a ponta do dedinho, e eu disse para mim mesmo: ‘Tem um diamante no ninho de onde você veio.’ Não demorei para achar o irmão dele.

“Pensa na esperteza e frieza daquele falastrão! Ele montou o golpe e sacou o que a gente ia fazer, e a gente foi e caiu feito dois patinhos. Ele ficou lá e gastou

o tempo que quis para desparafusar os parafusos do salto e cortar os pedaços de couro e enfiar dentro dele os diamantes e fechar as placas. Ele achou que a gente ia roubar o pacote falso e esperar a noite por ele para ele subir e ser afogado. E Deus do céu, foi o que a gente fez! Foi muito inteligente da parte dele!

— Ô se foi! — disse Tom, cheio de admiração.

4. Os três dormem

— Bom, a gente ficou o dia inteiro naquela chatice de vigiar um ao outro. E para dois, em especial, era um negócio bem cansativo e difícil de fazer, posso garantir. Perto do anoitecer, a gente desembarcou em uma daquelas cidadezinhas do Missouri, lá para cima perto do Iowa, e jantou na taverna e pegou um quarto no andar de cima com uma rede e uma cama dupla, mas eu enfiei minha mala debaixo de uma mesa de pinho no corredor escuro enquanto a gente estava indo para a cama, em fila, eu por último, e a senhoria na frente com uma vela de banha. A gente bebeu um bocado de uísque e foi jogar *pitch* a centavo, e assim que o uísque começou a tomar conta do Bud, a gente parou de beber, mas não deixou ele parar. A gente encharcou o sujeito até que ele caiu da cadeira e ficou ali roncando.

“Tinha chegado a hora. Eu disse que era melhor a gente tirar as nossas botas, e as dele também, e não fazer nenhum barulho, e então a gente podia puxar e arrastar e vasculhar ele sem problema. E foi o que a gente fez. Coloquei as minhas botas e as botas do Bud uma do lado da outra, bem à mão. Depois a gente tirou a roupa dele, e enfiou as mãos pelas costuras e pelos bolsos e dentro das meias e das botas e de tudo, e vasculhou a trouxa de roupa dele. Nada de diamante. A gente encontrou a chave de fenda, e o Hal perguntou: ‘O que você acha que ele queria com isso?’, e eu disse que não sabia; mas quando ele não estava olhando, enfiei ela no bolso. No fim, o Hal estava num desânimo de derrotado, e eu disse que a gente tinha que desistir. Era o que eu estava esperando. Eu disse: “Tem um lugar que a gente não procurou.” “Onde?”, ele perguntou. “No estômago dele.” “Meu Deus, eu nunca tinha pensado nisso! Agora a gente tá na reta final, sem dúvida. Como a gente faz?” E eu respondi: “Bem, fica do lado dele enquanto eu saio e caço um boticário. Acho que

encontro alguma coisa que vai fazer esses diamantes saírem rapidinho de dentro dele.”

“Ele concordou, e com ele olhando bem para mim eu calcei as botas do Bud no lugar das minhas, e ele nem percebeu. Elas eram bem mais largas do que meu pé, mas era bem melhor assim do que se fossem menores. Peguei minha mala enquanto saí tateando pelo corredor, e não demorou um minuto para eu chegar na rua e tomar o caminho de volta para o rio a umas cinco milhas por hora.

“E vou dizer, nem estava me sentindo muito mal: andar em cima de diamante não é grande coisa. E quando eu já estava fora fazia uns quinze minutos eu disse para mim mesmo: ‘Deixei mais de uma milha para trás, e tudo está tranquilo.’ Mais cinco minutos e eu disse: ‘Deixei mais terra para trás, e tem um sujeito lá longe que deve estar começando a se perguntar qual é o problema’. Mais cinco minutos, e eu disse: ‘A coisa está começando a incomodar... agora ele está andando pelo quarto’. Mais cinco minutos: ‘Duas milhas e meia, e ele já está *bem* incomodado... começando a xingar, eu acho’. E não demorei a pensar comigo: ‘Já se passaram 40 minutos... ele já *entendeu* que aqui tem coisa!’ Cinquenta minutos: ‘A verdade está na cara dele. Ele está achando que eu encontrei os diamantes enquanto a gente estava procurando, e que enfiei os dois no meu bolso sem ele perceber... sim, e ele está saindo para me caçar. Ele vai procurar trilha nova na poeira, e elas vão mandar ele tanto rio acima quanto rio abaixo.’

“Naquele instante eu vi um homem vindo montado numa mula, e sem nem pensar pulei em um arbusto. Que besta! Quando ele chegou perto, parou e esperou um pouco até eu sair de lá; depois seguiu no rumo dele. Mas minha alegria acabou ali. Se ele topasse com o Hal Clayton, estava tudo liquidado.

“Bem, eram umas três da manhã quando eu cheguei em Alexandria e vi o nosso vapor ali e fiquei bem feliz, Me senti completamente a salvo, sabe? O dia estava raiando. Subi a bordo, peguei esse camarote, coloquei essas roupas e fui para a cabine do piloto, para ficar olhando, apesar de não achar que tivesse qualquer necessidade. Fiquei ali e brinquei com os meus diamantes e esperei e esperei até o navio partir... mas ele não partia. Vejam vocês: eles estavam consertando as máquinas. Não estou muito habituado a navio a vapor. Não sabia que esse tipo de coisa acontecia.

“Bom, para encurtar a história, já era meio-dia quando a gente foi embora. Antes disso, eu já tinha me enfiado aqui no camarote, porque antes do café da manhã vi um homem vindo, bem longe, e o jeito dele de andar era igual ao do Hal Clayton, e eu quase desmaiei. Pensei comigo: se ele me encontrar nesse navio, vai me pegar feito um rato na ratoeira. E ele só precisa me vigiar e esperar eu descer em terra firme, pensando que ele tá a mil milhas de distância, depois sair atrás de mim e me seguir até um lugar propício e me fazer entregar os diamantes para então... ai, eu sei o que ele quer fazer! Não é horrível? Horrível! E agora pensar que o outro também está a bordo! Ai, que azar, meninos... que azar! Mas vocês vão me ajudar a me salvar, *não vão?* Ai, meninos, sejam bonzinhos comigo. Sou um pobre-diabo, marcado para morrer, me ajudem... eu vou beijar o chão que vocês pisam!”

A gente prometeu que ia, acalmou ele e disse que ia bolar um plano e ajudar, e que ele não precisava sentir tanto medo; e com isso, no fim, o sujeito voltou a ficar meio que calmo, e desparafusou as placas de metal do salto da bota e ficou manuseando os diamantes dele, admirando, adorando os diamantes; e quando a luz batia neles, eles ficavam *muito* bonitos, como se fossem explodir e lançar fogo por todo o lado. Mas, ao mesmo tempo, achei ele um tonto. Se eu fosse ele, tinha dado os diamantes pros comparsas, deixava eles irem para terra firme e ficava em paz. Mas não era assim que ele pensava. Ele disse que era uma fortuna inteira e que não suportava essa ideia.

A gente parou duas vezes para consertar o maquinário e ficou parado um bocado de tempo, uma vez à noite; mas não estava muito escuro, e ele ficou com medo de fugir. Mas da terceira vez que a gente teve que fazer reparo, a situação estava favorável. A gente parou em um armazém de madeira, a umas quarenta milhas ao norte da fazenda do tio Silas, mais ou menos uma da manhã, e o céu estava ficando carregado. Ia cair um toró. Então o Jake ficou à espera de uma oportunidade de escapar. A gente começou a carregar madeira. Logo a chuva começou a cair muito forte, e o vento soprou. Toda a tripulação arrumou uns sacos de pano e os usou como toucas para cobrir suas cabeças, do jeito que fazem quando carregam madeira, e a gente arrumou um para o Jake, e ele foi para a popa com a mala de mão e saiu caminhando com todo mundo e desceu em terra firme com eles e, quando a gente viu ele indo para longe da luz da tocha e

se perdendo na escuridão, a gente respirou de novo e se sentiu muito agradecido e feliz. Mas não durou muito. Alguém contou, eu acho; porque em oito ou dez minutos dois sujeitos vieram abrindo caminho muito rápido, saltaram em terra firme e sumiram de vista. A gente esperou até o amanhecer eles voltarem, e ficou com a esperança de que iam voltar, mas não voltaram. A gente se lamentou muito e ficou bem desanimado. Toda esperança era que o Jake conseguisse vantagem de um jeito que eles não conseguissem ficar no encalço dele, e ele chegasse na casa do irmão e se escondesse ali e ficasse a salvo.

Ele ia pegar a estrada do rio e nos pediu para descobrir se o Brace e o Jubiter estavam em casa e sem estranhos lá; e então que a gente saísse mais ou menos no pôr do sol e contasse para ele. A gente disse para ele esperar pela gente em um bosquezinho de sicômoros bem atrás da plantação de tabaco do tio Silas na estrada do rio, um lugar isolado.

A gente sentou e proseou um bocado sobre as chances que ele tinha, e o Tom disse que ele ia ficar bem se, em vez de descer, os comparsas subissem o rio, mas não era provável, porque talvez eles soubessem de onde ele era; o mais provável era que eles tomassem o rumo certo e ficassem no encalço dele o dia todo, sem ele suspeitar, matassem ele quando ficasse escuro e pegassem as botas. Por isso a gente ficou bem desanimado.

5. Uma tragédia no bosque

Não deram um jeito nas máquinas até o fim da tarde, e já estava tão perto do sol se pôr quando o Tom e eu chegamos em casa que a gente nem descansou, a não ser por uma paradinha no bosque dos sicômoros, para contar para o Jake a razão do atraso e fazer ele esperar até a gente ir na casa do Brace e descobrir como andavam as coisas por lá. Estava ficando bem escuro quando a gente dobrou a estrada na direção do bosque, os dois suados e ofegantes daquele caminho comprido, e viu os sicômoros a umas trinta jardas da gente. Foi quando a gente avistou dois homens correndo para o meio das árvores e escutou uns dois ou três gritos de socorro. “Coitado do Jake! Tá morto, com certeza”, a gente disse. E nós dois estávamos apavorados. Corremos para a plantação de tabaco e nos escondemos ali, tremendo feito vara verde; e na hora que a gente se enfiou ali, dois homens vieram a toda e foram para dentro do bosque, e em um instante saltaram quatro homens de lá de dentro e entraram ligeiros na estrada, dois deles perseguindo os outros dois.

A gente ficou ali encolhido, meio fraco e assustado, prestando atenção para escutar outros sons — mas por um bocado de tempo não se ouviu nada, só uma bateção danada no peito. A gente ficou ali pensando naquela coisa horrível, caída lá no meio dos sicômoros, e era como se a gente tivesse perto de um fantasma, e me deu um calafrio danado. A lua foi ficando cheia e gorda e brilhante, saindo do chão por atrás das árvores feito um rosto que olhava detrás das grades da cadeia, e umas sombras escuras e uns pontos iluminados começaram a se formar, e tudo em um silêncio horroroso, com um ventinho de cemitério de fazer sujeito homem se pelar de medo. De repente o Tom sussurrou: — Olha! O que é aquilo?

— Ei! — falei. — Dá para não botar medo na gente? Já estou a ponto de cair durinho, durinho *sem* você fazer isso.

— Olha lá, é o que eu estou dizendo! Tem alguma coisa saindo do meio do bosque.

— Não é possível, Tom...

— É muito alto!

— Ai, meu Jesus Cristinho! Vamos sair daqui...

— Fica quieto! Está vindo nessa direção.

Ele estava tão agitado que mal conseguia fôlego para sussurrar. Eu tive que olhar. Não consegui evitar. Nessa hora, a gente estava de joelho colado no queixo encostado numa cerca e olhando — sim, e ofegante também. Estava vindo pela estrada, debaixo da sombra das árvores, e não dava para ver bem — não até chegar bem perto da gente. E então a coisa parou em um ponto iluminado e entrou bem na nossa trilha — era o fantasma do Jake Dunlap! Foi o que a gente disse um para o outro.

A gente ficou uns dois minutos sem se mexer; e então a coisa foi embora. A gente conversou baixinho.

— Eles são sempre meio fumacentos, meio escuros... ou são feitos de névoa, mas esse não era assim — disse Tom.

— Não — falei. — Eu vi os óculos e as costeletas direitinho.

— Sim, e a cor das roupas que caipira usa no domingo. A calça xadrez, verde e preta.

— O colete de algodão aveludado, vermelho com quadrado amarelo...

— As polainas de couro na boca da perna da calça, uma delas desabotoada...

— Isso, e aquele chapéu...

— Que chapéu para um fantasma!

Vejam que era a primeira estação que alguém usava um chapéu daquele tipo — preto, de aba dura, copa em chaminé, bem alta, arredondada, feito um pão de açúcar.

— Você viu se o cabelo era o mesmo, Huck?

— Não... não deu para ter certeza.

— Nem para mim; mas estava de mala, isso eu percebi.

— Eu também. Ô Tom, que diabo é esse negócio de mala de fantasma?

— Olha, Huck Finn, se eu fosse você, não seria assim tão ignorante. Tudo que um fantasma tem vira coisa de fantasma. Eles precisam ter as coisas deles, feito

qualquer um. Você mesmo tá vendo que as roupas dele viraram roupas de fantasma. Então por que isso não ia acontecer com a mala dele? Claro que virou.

Era razoável. Eu não conseguia ver problema no raciocínio. O Bill Withers e o irmão dele, o Jack, vinham passando, conversando, e o Jack disse: — O que você acha que ele tá carregando?

— Não sei. Parece pesado.

— Parece. É tudo que ele conseguiu arrastar. Negro roubando milho do velho pastor Silas, foi o que eu achei.

— Eu também. Da minha parte, não vi nada.

— Da minha também.

E eles dois começaram a rir e foram em frente, até que a gente já não escutou mais a conversa. Isso mostrava como o velho tio Silas tinha caído em desgraça. Fosse outro, eles não iam deixar um negro roubar milho e não fazer nada.

A gente escutou mais vozes murmurando em nossa direção e ficando mais altas, e às vezes uma gargalhada. Eram o Lem Beebe e o Jim Lane.

— Quem? — disse Jim Lane. — Jubiter Dunlap?

— Sim.

— Ah, eu não sei. Eu acho. Eu vi o sujeito por ali trabalhando na enxada faz mais ou menos uma hora, antes do sol se pôr... ele e o pastor. Ele disse que achava que não podia ir hoje à noite, mas que a gente podia usar o cachorro dele se quisesse.

— Muito cansado, eu acho.

— Muito... é o trabalho duro!

— Ah, com certeza.

Eles riram daquilo e seguiram. O Tom disse que era melhor a gente sair e ficar na cola deles, porque eles estavam indo no nosso caminho, e não ia ser confortável para a gente topar com o fantasma sem ninguém por perto. Então a gente fez isso, e chegamos em casa bem.

Aquela noite era a segunda de setembro. Um sábado. Nunca vou me esquecer. Vocês logo vão ver o porquê.

6. Planos para proteger os diamantes

Caminhamos atrás do Jim e do Lem até que alcançamos os degraus da cerca dos fundos onde a velha cabana do Jim estava, a cabana em que ele ficou preso, no tempo que a gente o libertou, e foi quando os cachorros cercaram a gente para dizer olá, e estavam lá as luzes da casa também. A essa altura, a gente já não estava com medo, e estava atravessando a cerca quando o Tom disse:

— Espera, um minuto. Meu Deus!

— Que foi? — perguntei.

— Muita coisa! — disse ele. — Você não estava achando que a gente ia ser os primeiros a contar para o família quem está morto lá no bosque, e tudo sobre os canalhas que fizeram isso, e sobre os diamantes que eles roubaram do morto, e tudo com riqueza de detalhes, e ter a glória de ser os que sabem muito mais do que todo mundo, estava?

— Mas é claro que estava! É a sua cara, Tom Sawyer, aproveitar uma chance dessas. E acho que o que não vai faltar é detalhe — falei —, quando você começar a aumentar ponto por ponto.

— Hum... — fez ele, completamente calmo —, mas o que você diria se eu dissesse para você que eu não vou nem começar a contar?

Aquilo me deixou muito confuso.

— Eu ia dizer que é lorota. Você está falando sério, Tom Sawyer?

— Você logo vai ver. O fantasma estava descalço?

— Não, não estava. Por quê?

— Espera. Eu vou mostrar por quê. Ele estava de bota?

— Sim, estava, eu vi.

— Jura?

— Juro.

— Eu também. E você sabe o que isso significa?

— Não, o que significa?

— Significa que *os ladrões não pegaram os diamantes*.

— Meu Deus! Por que você acha isso mesmo?

— Eu não só acho como tenho certeza. As calças e os óculos e as costeletas e a maleta... tudo não virou coisa de fantasma? Tudo que ele tinha virou, não virou? Isso mostra que a razão das botas também terem virado era que ele estava com elas depois que começou a perambular feito assombração, e se isso não prova que os bandidos não pegaram as botas, eu gostaria de saber o que você acha que é uma *prova*.

Pensa nisso. Eu nunca que tinha visto um menino feito aquele. Era um crânio! Ora, eu tinha olhos e conseguia ver coisas, mas elas não significavam nada para mim. Mas com o Tom Sawyer era diferente. Quando o Tom Sawyer via uma coisa, ela já se colocava de pé nas patas traseiras e *falava* com ele — e contava para ele tudo que ela sabia. Sujeito sabido feito aquele, eu nunca vi.

— Tom Sawyer — falei —, eu vou dizer de novo o que eu já disse muitas vezes antes: eu não presto para engraxar a sua bota. Mas tá bom... não importa. O Deus todo-poderoso fez a gente tudo, e para uns Ele deu olhos cegos, e para outros Ele deu olhos que enxergam, e eu acho que não é para gente saber por que ele fez isso, tá certo, ou ele tinha arranjado tudo de outro jeito. Mas continua: eu vi bem claramente agora que os ladrões não fugiram com os diamantes. Por que eles não fugiram, você sabe?

— Porque os outros dois homens botaram eles para correr antes que eles conseguissem tirar as botas do cadáver.

— É isso! Agora eu estou entendendo. Mas veja só, Tom, por que a gente não vai e conta isso?

— Que droga, Huck Finn, você não percebe? Olha para isso. O que vai acontecer? Vai ter uma investigação de manhã. Os dois homens vão dizer que eles escutaram os gritos e correram lá, mas não a tempo de salvar o estranho. Então o júri vai tagarelar e tagarelar e tagarelar e finalmente vai chegar ao veredito de que ele tomou um tiro ou uma facada ou uma cacetada na cabeça com alguma coisa e morreu pela vontade de Deus. E depois de enterrarem o sujeito, vão leiloar as coisas dele para pagar as despesas... e essa é a *nossa* chance!

— Que chance, Tom?

— De comprar as botas por dois dólares!

Isso quase me fez ficar sem fôlego.

— Meu Deus! Mas, Tom, a *gente* vai ficar com os diamantes!

— Pode apostar. Um dia vão oferecer uma recompensa das boas por eles... uns mil dólares, certeza. Esse dinheiro é nosso! Agora a gente vai até lá e encontra o pessoal. E não se esquece: a gente não sabe nada sobre o assassinato, nem sobre os diamantes, nem sobre os ladrões. Não se esquece disso!

Eu acabei suspirando um pouco diante do jeito que ele arranhou tudo. Porque eu ia ter *vendido* os diamantes, por doze mil dólares; mas fiquei quieto. Não ia ter adiantado nada.

— Mas o que a gente vai dizer para sua tia Sally de a gente ter demorado tanto para chegar aqui, Tom? — perguntei.

— Ah, essa eu vou deixar por sua conta — respondeu ele. — Acho que você é capaz de explicar isso de algum jeito.

Ele sempre era austero e delicado. Nunca dizia ele próprio uma mentira.

A gente atravessou o pátio, vendo uma coisinha aqui, outra ali e acolá, tudo tão conhecido da gente, e os dois alegres de encontrar com todas elas de novo, e quando a gente chegou no corredor coberto entre o sobrado de madeira e a cozinha, tudo estava pendurado na parede do jeitinho que sempre esteve, até a jaqueta de baeta verde e gasta do tio Silas, com o gorro nela, e o remendo branco todo mal cortado entre os ombros, que sempre fazia parecer que alguém tinha acertado uma bola de neve nele; e então a gente levantou o ferrolho e entrou. A tia Sally estava num nervoso só, andando de um lado para o outro, e as crianças estavam encolhidas num canto e o velho encolhido no outro, rezando por ajuda em hora de necessidade. Ela veio rápido na nossa direção, com alegria e lágrimas correndo pelo rosto, e dando logo de cara uma bela bordoadada na orelha da gente, para depois continuar abraçando e beijando e batendo na gente outra vez, e dava a impressão que ela não se cansava, de feliz que estava de ver a gente.

— Que diacho vocês estavam vadiando por aí, seus dois de imprestáveis! Eu estava aqui toda preocupada com vocês que eu não sabia o que fazer. As coisas de vocês chegaram aqui faz tempo, e eu já fiz comida fresca umas quatro vezes

para vocês comerem coisa quente e boa quando chegassem, até que no fim minha paciência acabou e eu declarei que eu... eu... mas eu podia arrancar o couro de vocês vivos! Ô coitadinhos, devem estar os dois famintos!... Senta, senta, todo mundo; chega de perder tempo.

Era bom estar ali de novo, na frente de todo aquele pão de milho gostoso e daquela costelinha de porco e de tudo que você podia querer nesse mundo. O tio Silas descascou uma daquelas bênçãos fantásticas de antigamente, com tanta camada que parecia uma cebola, e enquanto os anjos a rodeavam, por assim dizer, eu ia tentando pensar no que dizer para explicar por que a gente tinha demorado tanto. Quando nossos pratos estavam todos cheios, e a gente ia começar a botar a comida na boca, ela me perguntou, e eu disse:

— Bom, veja... é... senhora...

— Huck Finn, desde quando você me chama de senhora? Será que eu economizei sapato e beijo com você desde o dia que você entrou nessa sala e eu confundi você com o Tom Sawyer e agradei a Deus de ter mandado você, apesar de você me contar quatro mil mentiras e eu ter acreditado em todas elas feito uma tonta? Me chama de tia Sally como você sempre fez.

Foi o que eu fiz. E eu disse:

— Bom, eu e o Tom, a gente decidiu vir a pé e sentir o perfume do bosque, e a gente foi atrás do Lem Beebe e do Jim Lane, e eles convidaram a gente para ir colher mirtilo de noite, e disseram que a gente podia pegar o cachorro do Jubiter Dunlap emprestado, porque ele tinha contado para eles naquele minuto...

— Onde eles viram o Jubiter? — perguntou o velho; e quando eu virei para ele, surpreso, como *ele* podia se interessar por uma bobagem daquelas?, os olhos dele estavam faiscando de nervoso na minha direção. Fiquei tão surpreso que perdi o rumo, mas no fim me acalmei e continuei: — Foi quando ele estava trabalhando na enxada com o senhor, em algum lugar, perto do fim da tarde ou algo por aí.

Ele só disse “Hum”, meio desapontado, e perdeu o interesse no resto. Então eu prossegui e disse:

— Bom, como eu estava dizendo...

— Já basta, não precisa continuar.

Isso quem disse foi a tia Sally. O olhar dela estava abrindo um buraco em mim, de tão indignada que ela estava.

— Huck Finn — disse ela —, como os homens estavam falando em colher mirtilo em setembro... aqui na *nossa* região?

Eu vi que falei besteira e não conseguia mais continuar. Ela esperou, ainda olhando para mim, e disse:

— E como eles tiveram aquela ideia estúpida de sair para colher mirtilo de noite?

— Bom... hum... eles... é... disseram que tinha um lampião e...

— Ai, *chega!* E mais: o que eles iam fazer com um cachorro? Caçar mirtilo com ele?

— Eu acho, hum, eles...

— Tom Sawyer, que mentira você já está ruminando nessa sua boca para contribuir para esse prato de lavagem? E eu já vou avisando antes de você começar, que não acredito em uma palavra dessa conversa. Você e o Huck se meteram em coisa que não era da conta de vocês... e isso eu já entendi *muito* bem, conheço vocês. Você trate de explicar esse cachorro, esse mirtilo, esse lampião e todo o resto dessa lorota... e é melhor você explicar direitinho, tim-tim por tim-tim. Entendeu?

O Tom parecia muito ofendido, e disse, todo bravo:

— É uma pena falar com o Huck desse jeito, só porque ele fez um pouco de confusão que todo mundo pode fazer.

— Que confusão ele fez?

— Só a confusão de falar mirtilo quando na verdade era morango.

— Tom Sawyer, eu lhe dou um safanão se você me irritar mais um pouco, ô se dou...

— Tia Sally, a senhora sem saber... e é claro, a senhora não tem a intenção... mas a senhora está errada. Se a senhora tivesse estudado história natural do jeito que devia, ia saber que no mundo todo, menos aqui no Arkansas, o povo caça morango com cachorro... e uma lanterna...

Mas ela interrompeu o Tom e se pôs a xingar de um jeito que ele não podia fazer nada. Ela estava tão, mas tão doida, que não conseguia falar rápido como pretendia, e as palavras saíam cuspidas uma em cima da outra numa corrente só.

Era o que o Tom Sawyer queria. Ele queria irritar a tia Sally, deixar ela bem agitada e ficar quieto para ela se esgotar na própria raiva. Então ela ia ficar tão irritada com aquele assunto que não ia dizer uma palavra sobre ele, nem deixar outra pessoa dizer. Bom, foi o que aconteceu. Quando ela cansou e precisou se recuperar, ele disse, muito calmo:

— Mas mesmo assim, tia Sally...

— Cala a boca! — disse ela. — Não quero escutar mais um pio seu.

E assim a gente ficou completamente a salvo e não teve mais problemas sobre aquele atraso. O Tom foi muito esperto e elegante.

7. Uma noite de vigília

A Benny estava bem séria e suspirava de vez em quando; mas não demorou e ela começou a perguntar sobre a Mary e o Sid e a tia Polly, e então o mau humor da tia Sally acabou e ela ficou de bom humor e também se pôs a fazer perguntas e mostrou seu lado mais amável, e desse jeito o resto do jantar foi feliz e agradável. Mas o velho não participava de nada, ficava remoendo os pensamentos dele, muito desassossegado, e suspirava bastante. Era de dar dor no coração ver ele tão triste e perturbado e preocupado.

No fim, um tempinho depois do jantar, veio um escravo e bateu na porta e colocou a cabeça para dentro com o chapéu de palha na cabeça e, se curvando, todo respeitoso, disse que o seu Brace estava na cerca e queria saber do irmão dele, porque estava cansado de esperar ele para jantar e queria que o seu Silas dissesse onde ele estava. Nunca vi o tio Silas tão irritado antes.

— E eu lá cuido do irmão dele? — disse ele.

Logo em seguida ele meio que murchou, parecia que não queria ter falado daquele jeito, e logo depois falou, todo gentil:

— Mas não precisa dizer isso, Billy; eu fui pego irritado e de surpresa; e eu não ando muito bem esses dias, nem muito confiável. Diz para ele que o Jubiter não está aqui.

E quando o escravo foi embora, ele se levantou e caminhou de um lado para o outro, murmurando e resmungando para si mesmo e passando a mão na cabeça. Dava pena de ver ele daquele jeito. A tia Sally sussurrou para a gente que não era para ficar olhando, que ele ficava envergonhado. Contou que ele estava sempre daquele jeito, pensando e pensando, desde que os problemas tinham começado, e disse que não sabia nem metade do que ele estava querendo fazer quando estava naquele quebranto de pensar. Também contou que ele andava mais sonâmbulo do que antes e às vezes ficava vagando pela casa e até do lado

de fora enquanto dormia e que, se a gente pegasse ele nessa situação, tinha que deixar ele em paz e não incomodar. Ela disse que achava que isso não fazia mal para ele, talvez até fizesse bem. Disse que a Benny era a única que o consolava naqueles dias. Disse que a Benny parecia saber a hora de tentar confortar e a de deixar ele sozinho.

Ele continuou andando de um lado para o outro e murmurando, até que no fim começou a parecer bem cansado; então a Benny foi e se achegou dele e colocou uma mão na dele e um braço em torno de sua cintura e caminhou com ele, que sorriu para ela, se curvou e a beijou; e assim, aos poucos, a preocupação se desanuiu do rosto dele e ela o convenceu a ir para o quarto. Eles eram bem carinhosos um com o outro, e era muito, muito bonito de ver.

A tia Sally estava ocupada preparando as crianças para dormir, e no fim tudo ficou chato e tedioso, e eu e o Tom saímos para dar uma volta debaixo do luar e fomos para o canteiro de melancia e comemos uma, e lá a gente proseou um bocado. E o Tom disse que apostava que a culpa de toda a briga era do Jubiter, e que, na primeira oportunidade, ele ia ficar por perto só para ver; e se fosse isso, ele ia fazer de tudo para fazer o tio Silas dispensar ele.

E então a gente proseou e fumou e se empanturrou de melancia bem umas duas horas e então ficou muito tarde e, quando a gente voltou para casa, estava tudo quieto e escuro e todo mundo tinha ido dormir.

O Tom sempre vê tudo, e ele viu que a jaqueta de baeta verde tinha sumido e disse que ela estava lá quando a gente tinha saído; então ele achou tudo muito curioso e depois disso a gente foi dormir também.

A gente conseguia escutar a Benny muito agitada no quarto dela, que era do lado do nosso, e a gente achou que ela estava bastante chateada por causa do pai dela e não conseguia dormir. A gente também percebeu que não conseguia. Então a gente ficou de pé um bocado de tempo, e fumou e proseou em voz baixa e se sentiu muito entediado e desanimado. A gente conversou sobre o assassinato e o fantasma muito tempo, e ficou tão assustado e com medo que aí a gente não pegava no sono de jeito nenhum.

No fim, quando já era bem tarde da noite e todos os sons eram os lamentos da noite, o Tom me cutucou e sussurrou, mandando eu olhar, e eu olhei, e lá a gente viu um homem zanzando no pátio feito quem não sabia o que queria fazer, mas

estava muito escuro, e a gente não conseguia enxergar bem. Em seguida ele foi para a escada da cerca e, quando atravessou, a lua saiu forte, e ele tinha uma pá de cabo longo no ombro, e a gente viu a claridade em cima da jaqueta. Então o Tom disse:

— Ele está sonâmbulo. Queria que a gente pudesse seguir ele e ver onde está indo. Ali, ele virou para a plantação de tabaco. Não dá para ver mais. É uma pena, é uma tristeza que ele não consegue descansar.

A gente esperou um bocado de tempo, mas ele não voltava, ou se tinha voltado veio por outro caminho; a essa altura a gente já estava morto de cansado e dormiu e teve pesadelo, um milhão deles. Mas acordamos antes do amanhecer, porque nesse tempo uma tempestade tinha caído com toda a força, cheia de trovões e relâmpagos, uma coisa medonha, e o vento estava balançando as árvores ao redor, e a chuva caía numas paredes inclinadas, e as valas pareciam uns rios.

— Sabe, Huck, eu vou dizer uma coisa que é muito curiosa — disse Tom. — Até a hora que a gente saiu, na noite passada, o povo aqui em casa não tinha ouvido falar sobre o Jake Dunlap ter sido assassinado. Os homens que estavam atrás do Hal Clayton e do Bud Dixon podiam ter espalhado a notícia em meia hora, e toda a vizinhança que escutou ia ter saído correndo por toda parte, de uma fazenda para a outra, e tentado ser os primeiros a contar o caso. Meu Deus, eles não têm um assunto desse tamanho para contar duas vezes em trinta anos! Isso é muito esquisito, Huck... eu não entendo.

Foi quando ele estava num comichão doido para a chuva acabar, porque assim a gente saía e topava com o povo e via se eles cantavam alguma coisa. E ele disse que, se contassem, a gente devia parecer muito chocado e surpreso.

A gente saiu no minuto que a chuva parou. Já era dia. Saímos andando pela estrada, e de vez em quando encontrava uma pessoa e parava e cumprimentava, e dizia para ela quando a gente tinha vindo e como a gente deixou nosso povo em casa e quanto tempo a gente ia ficar, coisas assim, mas nenhum deles tocava no assunto; o que era muito espantoso, sem dúvida. O Tom disse que ele acreditava que, se a gente fosse para o bosque, ia encontrar o corpo lá, abandonado, sem nenhuma alma em torno. Disse também que acreditava que os homens tinham corrido atrás dos ladrões tão longe no bosque que os ladrões

provavelmente viram uma boa oportunidade e se voltaram contra eles, no fim das contas, e que talvez eles tivessem se matado entre si e então já não tinha sobrado ninguém para contar história.

A gente falou tanto que nem viu, e de repente já tinha chegado no bosque. Eu senti um calafrio correndo nas minhas costas e não era capaz de dar mais um passo, por mais que o Tom tentasse me convencer. Mas ele não conseguia se controlar: ele tinha que ver se as botas ainda estavam lá no corpo. E então ele foi. E no minuto seguinte ele voltou de olhos esbugalhados, de tão agitado que estava, e disse:

— Huck, não está lá!

Eu estava *besta*!

— Ô Tom, não pode ser — falei.

— Certeza, não está lá. Nenhum sinal dele. O chão está batido, mas se tivesse sangue lá, a tempestade também tinha lavado, porque só tem poça e lama.

No fim eu mesmo fui lá e olhei; e era como o Tom tinha dito: nenhum sinal do cadáver.

— Diacho — eu disse —, os diamantes se foram. Você não acha que os ladrões chapinharam até lá e arrastaram ele dali, Tom?

— É o que parece. Agora, onde você acha que eles esconderam o corpo?

— Não sei — falei, com repulsa —, e se você quer saber, não me importa. Eles pegaram as botas, e é isso que me preocupa. Ele vai ficar nesse bosque um bom tempo, porque eu é que não vou atrás dele.

O Tom também perdeu o interesse — só tinha mesmo a curiosidade de saber o que tinha acontecido com ele, mas disse que a gente tinha que ficar de bico calado e não falar nada, porque não ia demorar até os cachorros ou alguém toparem com ele.

A gente voltou para casa para o café da manhã muito confuso e desanimado e triste e se sentindo meio enganado. Nunca antes um cadáver tinha me deixado tão contrariado.

8. Um dedo de prosa com o fantasma

O café da manhã não estava muito animado. A tia Sally parecia velha e cansada e deixava as crianças se esganarem e se provocarem sem nem parecer dar bola para o que estava acontecendo — e esse não era o estilo dela; já eu e o Tom, a gente estava com bastante tempo para pensar sem falar; a Benny parecia que não tinha dormido muito, e sempre que ela levantava a cabeça um pouquinho ou dava uma olhadinha para o pai a gente via que estava com lágrimas nos olhos; e no caso do velho, a comida estava no prato ficando fria sem ele nem saber o que tinha lá, eu acho, porque ficava ruminando e ruminando o tempo todo e não dizia uma palavra, nem comia um bocado.

No fim, quando tudo estava bem quieto, aquele escravo apareceu de novo na porta e disse que o seu Brace estava ficando muito, muito desconfortável com o seu Jubiter, que ainda não tinha voltado para casa, e podia o seu Silas, por favor...

Ele estava olhando para o tio Silas e parou ali, como se o resto das palavras tivessem congelado; porque o tio Silas levantou todo trêmulo e parou com os dedos sobre a mesa, e ele estava arfando, e os olhos dele estavam pregados no escravo, e ele continuou arfando, e levou a outra mão dele na garganta umas vezes, e no fim ele encontrou palavras e disse:

— Ele... ele... ele tá pensando o *quê*? Diz para ele... diz... — E ele afundou na cadeira fraco e mole, e disse de um jeito que mal dava para escutar: — Vai embora... vai embora!

O escravo parecia assustado e deu no pé, e todo mundo se sentiu... bem, eu não sei como a gente se sentia, mas era horrível, com o velho ali resfolegando, e os olhos dele parados feito os de uma pessoa à beira da morte. A gente não conseguia se mexer, mas a Benny chegou perto dele de mansinho, com lágrimas nos olhos, e ficou do lado dele, e aninhou a cabeça grisalha dele no ombro dela e

começou a fazer carinho nele e pediu com a cabeça para a gente sair, e a gente obedeceu, sem fazer barulho, como se realmente o morto estivesse lá.

Tom e eu fomos até o bosque, muito sérios, e dizendo como estavam diferentes as coisas agora comparando com o outro verão, quando a gente estava ali e tudo estava tão em paz e feliz e todo mundo gostava tanto do tio Silas, e ele estava tão feliz e simples e bobo e bom. E olha só como ele estava agora! Se ele já não tinha perdido o juízo, estava bem perto de perder. Foi o que a gente concluiu.

O dia estava muito bonito, claro e ensolarado, e quanto mais longe a gente andava pelas colinas em direção ao prado, mais bonitas ficavam as árvores e as flores e mais parecia estranho e até errado que existisse algum problema num mundo daquele. E então de repente eu perdi a respiração e agarrei o braço do Tom — e meu fígado e meu pulmão e tudo dentro de mim parecia ter descido até o meu pé.

— Ele está lá!

A gente pulou tremendo para trás de um arbusto, e o Tom disse:

— Xiu! Não faz barulho.

Estava sentado num tronco, bem no limite de uma clareirazinha, matutando. Eu tentei tirar o Tom dali, mas ele não saía, e eu não tinha coragem de me mexer por minha conta. Ele disse que a gente podia não ter outra chance e que ia ficar olhando tudo que podia, ainda que acabasse morto por causa disso. Então eu olhei também, apesar de ter me dado chique só de olhar. O Tom tinha que falar, mas falava baixo. Ele disse:

— Pobre Jake, está com todas as coisas dele, do jeito que ele disse que ia estar. *Agora* você veja o que a gente não tinha certeza: o cabelo dele. Não tá tão comprido como estava; foi cortado bem curtinho, do jeito que ele disse que ia estar. Huck, eu nunca vi nada parecer tão natural assim.

— Nem eu — falei. — Eu reconheceria em qualquer lugar.

— Eu também. Parece muito sólido e verdadeiro, do mesmo jeito que era antes do sujeito morrer.

A gente continuou olhando. Logo o Tom disse:

— Huck, tem alguma coisa muito curiosa nele, não tem? Ele não devia ficar zanzando à luz do dia.

— É verdade, Tom. Nunca tinha ouvido falar numa coisa dessas antes.

— Não, senhor, eles só saem de noite... e agora nem passou de meio-dia! Tem alguma coisa errada com esse aí, e agora você preste atenção no que eu vou dizer. Eu não acho que ele tem direito de sair zanzando à luz do dia. Mas parece tão natural! Jake ia bancar o surdo-mudo pros vizinhos não reconhecerem a voz dele. Você acha que ele ia fazer isso se a gente chamasse ele?

— Ô Tom, não inventa uma coisa dessas, vai? Se você gritasse para ele, acho que eu caía durinho, durinho.

— Não se preocupa, não vou chamar ele, não, Huck. Olha lá, ele está coçando a cabeça... você está vendo?

— Ai, ai, ai... e daí?

— Ora, é isso. Qual é o sentido de coçar a cabeça? Não tem nada ali para coçar; é uma cabeça feita de névoa ou alguma coisa assim, ela não coça. Uma névoa não pode coçar; qualquer idiota sabe disso.

— Bom, então, se não coça e não pode coçar, por que diacho que ela está coçando? Será que é o hábito?

— Não, senhor. Não estou gostando nem um pouco do jeito como esse aí está se comportando. Estou bem certo de que esse aí é um impostor... eu estou certo, tanto quanto estou de estar sentado aqui. Porque, se é... Huck!

— Qual é o problema agora?

— *Não dá para ver os arbustos através dele!*

— É verdade, Tom! Ele é sólido como uma vaca. Estou começando a achar...

— Huck, ele está mascando tabaco! Minha nossa senhora, fantasma não mastiga... eles não têm *dentes* para mastigar. Huck!

— Estou escutando...

— Ele não é um fantasma. É o próprio Jake Dunlap!

— Caramba!

— Huck Finn, a gente achou cadáver no bosque?

— Não.

— Sinal de cadáver?

— Não.

— Claro: nunca houve cadáver lá.

— Mas Tom, você sabe que escudou...

— A gente escutou, sim: uns dois gritos. Isso prova que alguém morreu? Claro que não. E a gente viu quatro homens correndo, depois esse aí saiu andando, e a gente achou que ele fosse um fantasma. Não é mais fantasma do que você. Era o próprio Jake Dunlap, e agora é o Jake Dunlap, em carne e osso. Ele cortou o cabelo, igualzinho como ele disse que ia fazer, e ele está se fazendo de forasteiro, que nem igualzinho ele disse que ia fazer. Fantasma? Ele está é muito, muito vivinho!

Aí eu entendi tudo, e entendi também como a gente tinha dado muita coisa por certa. Eu estava muito feliz que ele não tinha sido assassinado, e o Tom também, e a gente ficou pensando no que ele preferia. Que a gente fizesse de conta que não conhecia ele, ou o quê? O Tom achava que a melhor coisa era ir lá e perguntar para ele. Então a gente foi; mas eu fiquei um pouco ressabiado, porque no fim das contas não sabia se ele era ou não era um fantasma. Quando o Tom chegou lá onde ele estava, ele disse:

— Eu e o Huck, a gente está muito feliz de ver você de novo, e você não precisa ficar com medo de a gente contar. E se for melhor para você que a gente não deixe parecer que conhece você quando a gente se cruzar, diga, e você vai ver que você pode contar com a gente. Você pode cortar as nossas mãos se a gente te expor ao menor perigo.

Primeiro ele ficou surpreso de ver a gente, e não muito feliz também; mas quando o Tom se aproximou ele pareceu mais contente, e quando parou na frente dele, ele sorriu, e balançou a cabeça várias vezes e fez sinais com as mãos e disse “Gu-gu... gu-gu...”, que nem os surdos-mudos fazem.

Foi quando a gente viu se aproximando um pessoal do Steve Nickerson que vivia do outro lado da clareira, e o Tom disse:

— Você tem jeito, nunca vi ninguém fazer melhor. Você está certo: finja com a gente também; faz do mesmo jeito que você faz com os outros; isso vai fazer você manter a prática e assim você não se embanana. A gente vai ficar longe de você e fingir que não te conhece, mas se você precisar de ajuda, pode avisar sempre que quiser.

Então a gente passou pelos Nickersons, e é claro que eles perguntaram se aquele lá era o novo forasteiro, e de onde ele vinha, e qual era o nome dele, e qual era a igreja dele, batista ou metodista, e partido político, conservador ou

democrata, e quanto tempo ele ia ficar, e todas essas perguntas que as pessoas sempre fazem quando um estranho aparece, e os animais também. Mas o Tom disse que não era capaz de tirar nada dos sinais de surdo-mudo, e o mesmo com os gu-gus. Então a gente assistiu eles indo embora e destratando o Jake — porque a gente estava bem incomodado por ele. O Tom disse que ia levar uns dias para lembrar que ele era um surdo-mudo e não falar antes de pensar. Depois de a gente ter ficado lá assistindo o Jake um bocado para ver se ele se virava bem e usava bem os sinais, a gente saiu andando de novo, pensando em chegar na escola antes do fim do recreio, que ficava a uma caminhada de três milhas.

Eu estava tão desapontado de não escutar o Jake contando sobre a briga no bosque, e quão perto ele ficou de ser morto, que eu não achava que ia conseguir esquecer, e o Tom se sentia do mesmo jeito, mas disse que se ele estivesse na pele do Jake, ia querer ficar bem esperto e quieto e não correr risco.

Os meninos e as meninas ficaram todos felizes de ver a gente de novo, e a gente se divertiu muito durante o recreio. Indo para a escola, os meninos dos Hendersons tinham passado pelo novo surdo-mudo e contaram o resto; e todas as crianças estavam tão interessadas nele que não conseguiam falar de mais nada, e estavam loucas para ver ele, porque elas nunca tinham visto um surdo-mudo na vida, e isso era muito muito divertido.

O Tom disse que estava difícil ficar de bico calado agora; disse que a gente ia ser herói se a gente pudesse sair e contar tudo que a gente sabia; mas, no fim das contas, era muito mais heroico ficar de bico calado, e não tinha dois meninos em um milhão capazes de fazer isso. Era o que passava pela cabeça do Tom, e eu achei que não tinha ideia melhor.

9. A descoberta de Jubiter Dunlap

Nos dois ou três dias seguintes o Mudinho ficou muito, muito popular. Ele começou a se relacionar com os vizinhos, e eles gostaram bastante dele, e estavam muito orgulhosos de ter uma curiosidade incrível daquelas por perto. Eles chamavam o Mudinho para o café da manhã, para o almoço, para o jantar; ele estava sempre alimentado de porco e milho, e eles nunca cansavam de ficar olhando para ele e pensando nele e desejando saber mais sobre ele, de tão incomum e exótico que ele era. Os sinais dele não funcionavam; as pessoas não conseguiam entender, e talvez ele mesmo não se entendesse, mas ele fazia um pouco de gu-gu, e então todo mundo ficava satisfeito e admirava. Ele começou a andar com uma lousa e um giz; e as pessoas escreviam perguntas nela, e ele escrevia respostas; mas não tinha ninguém capaz de ler o que ele escrevia, só o Brace Dunlap. Brace dizia que não conseguia entender muito bem, mas era capaz de compreender o sentido quase sempre. Ele dizia que o Mudinho dizia que ele vinha de algum lugar distante e tinha sido bem de vida, mas que confiara em golpistas e agora estava pobre, e não tinha jeito de ganhar a vida.

Todo mundo cumprimentava o Brace Dunlap por ser tão bom para aquele estranho. Ele deixou o Mudinho ficar numa cabaninha só para ele e colocou todos os escravos para tomar conta dele e pegar para ele toda a comida que desejasse.

O Mudinho foi na nossa casa um pouco, porque o tio Silas andava tão aflito naqueles dias que qualquer pessoa menos favorecida era um consolo para ele. O Tom e eu não deixamos ninguém saber que a gente se conhecia de antes, e ele a mesma coisa. A família falava sobre os próprios problemas na frente dele como se o sujeito não estivesse lá, mas a gente via que não tinha nenhum problema de escutar o que eles falavam. Geralmente ele não parecia dar atenção, mas às vezes dava.

Bem, dois ou três dias se passaram, e todo mundo estava ficando preocupado com o Jubiter Dunlap. Todo mundo andava perguntando, uns pros outros, se sabiam o que tinha acontecido com ele. Não, não tinham, eles diziam: e eles balançavam a cabeça e diziam que tinha alguma coisa muito estranha no caso. Passava um dia e depois outro; então apareceu um rumor na imediação de que talvez ele tivesse sido morto. Imagina o furdunço! Mas não tinha língua que não falasse do assunto. No sábado, dois ou três grupos saíram e foram caçar no bosque para ver se calhavam de topar com o corpo. A gente ajudou, o Tom e eu, e era muito bom e divertido às vezes. O Tom estava tão dentro da coisa que não conseguia nem comer, nem descansar. Ele disse que a gente ia ficar famoso se conseguisse encontrar o cadáver, e mais falado do que se a gente tivesse se afogado.

Os outros ficaram cansados e desistiram; mas não o Tom Sawyer — porque não era o estilo dele. Na noite de sábado ele não dormiu nada, tentando pensar em um plano; perto do dia raiar a ideia veio. Ele me arrancou da cama todo animado e disse.

— Rápido, Huck, veste a roupa. Eu encontrei! Cachorro farejador de sangue!

Em dois minutos a gente estava correndo pela estrada do rio no escuro na direção do vilarejo. O velho Jeff Hooker tinha um farejador de sangue, e o Tom queria ele emprestado.

— O rastro tá muito velho, Tom... — falei. — E além disso, choveu, você sabe.

— Não faz diferença, Huck. Se o corpo está escondido no bosque em algum lugar por ali, o cachorro vai encontrar. Se ele foi assassinado e enterrado, eles não enterraram fundo, não é provável, e se o cachorro passar pelo lugar ele vai sentir o cheio, certeza. Huck, vão celebrar a gente. É tão certo quanto a nossa vida!

Ele estava pegando fogo — e sempre que ele estava pegando fogo, o provável era que botasse fogo em tudo. Era o que estava acontecendo dessa vez. Em dois minutos ele tinha calculado tudo e não estava só querendo encontrar o cadáver. Mais do que isso, ele ia chegar no rastro do assassino e caçar *ele* também; e ainda mais, ele ia grudar nele até...

— Olha — falei —, é melhor achar o cadáver primeiro; e eu acho que já basta por hoje. O que a gente sabe é que *não* tem cadáver e ninguém foi assassinado.

Aquele traste pode ter ido para algum lugar e não ter sido morto.

Aquilo irritou o Tom, e ele esbravejou:

— Huck Finn, nunca vi um sujeito feito você para querer estragar tudo. Sempre que *você* não vê esperança numa coisa, *você* não deixa ninguém mais ver. Que bem faz *você* jogar água fria naquele cadáver e levantar essa teoria egoísta de que não tem assassinato nenhum? Bem nenhum. Não vejo por que agir assim. Eu não trato *você* desse jeito, e *você* sabe disso. Aqui a gente tem uma bela oportunidade de construir uma reputação, e...

— Ah, vai em frente — respondi. — Desculpa, retiro o que disse. Não quis dizer nada. Faz do jeito que *você* achar melhor. *Ele* não me diz nada. Se foi morto, fico tão feliz quanto *você* ; e se ele...

— Nunca disse nada de ficar feliz; eu só...

— Bom, então estou *triste* como *você* . Do jeito que *você* preferir, eu prefiro. Ele...

— Não tem nenhuma *preferência* nisso, Huck Finn; ninguém falou nada de preferir. E quanto a...

Ele esqueceu do que estava falando e foi caminhando, estudando. Ele começou a ficar agitado de novo e logo disse:

— Huck, isso vai ser a coisa mais incrível que já aconteceu, se a gente encontrar o corpo depois de todos já terem desistido, e depois ir em frente e caçar o assassino. Não vai ser só uma honra para a gente, mas vai ser uma honra para o tio Silas, porque foi a gente que fez isso. Isso vai animar ele de novo, *você* vai ver.

Mas o velho Jeff Hooker, o ferreiro, deu um banho de água fria na coisa toda, quando a gente foi para a oficina dele e disse para ele a razão de a gente estar lá.

— Vocês podem levar o cachorro — disse ele —, mas vocês não vão achar corpo nenhum, porque não tem corpo para achar. Todo mundo desistiu de procurar, e eles estão certos. Logo que eles se botaram para pensar, eles viram que não tinha cadáver. E eu vou dizer por quê. Por que uma pessoa mata outra, Tom Sawyer? Responde.

— Bom, ele... é...

— Responde! *Você* não é tonto. Por que iam matar o sujeito?

— Bom, às vezes é por vingança, e...

— Espera. Uma coisa de cada vez. Vingança, você disse; e você está certo. Agora quem é que já teve alguma coisa contra aquele coitado? Quem você acha que ia querer matar ele? Aquele coelho!

O Tom não sabia o que dizer. Acho que ele não tinha pensado que uma pessoa tinha que ter uma razão para matar uma pessoa antes, e agora ele via que não era provável que alguém tivesse algum ressentimento contra um cordeiro feito o Jubiter Dunlap. O ferreiro disse, no fim:

— A ideia de vingança não funciona, está vendo. Bom, então, qual é a próxima? Roubo? Santo pai, deve ter sido isso, Tom! Sim, senhor, acho que a gente chegou a alguma coisa dessa vez. Algum sujeito queria a fivela do suspensório dele e ele...

Mas era tão engraçado que ele explodiu numa gargalhada, e ficou ali rindo sem parar até quase morrer, e o Tom parecia tão desanimado e humilhado que eu sei que ele ficou com vergonha de ter ido lá e desejou não ter ido. Mas o velho Hooker não deixou a história morrer. Ele foi atrás de tudo que podia fazer uma pessoa assassinar a outra, e qualquer idiota podia ver que nenhuma delas se encaixava no caso, e ele não parava de fazer piada do assunto todo e das pessoas que tinham caçado o corpo, e ele disse:

— Se eles tivessem qualquer coisa na cabeça, eles iam ter sabido que aquele coitado preguiçoso escapou porque queria um tempo de folga depois de todo aquele trabalho. Ele vai se arrastar de volta em umas semanas, e então com que cara vocês vão ficar? Mas, por favor, levem o cachorro e vão caçar os restos. Acha lá, Tom.

Então ele explodiu de novo, e foi mais uma daquelas gargalhadas de quarenta varas dele. O Tom não conseguiu voltar atrás depois disso e disse: “Tudo bem, desacorrenta ele”, e foi o que o ferreiro fez, e a gente foi para casa e deixou o homem ainda rindo.

Era um cachorro muito bonzinho. Não tem cachorro com disposição mais adorável que um farejador de sangue, e esse conhecia a gente e gostava da gente. Ele brincava e corria sempre muito simpático, e muito feliz de estar solto e ganhar um dia para passear; mas o Tom estava tão doído que nem dava bola para ele e disse que queria ter parado e pensado um minuto antes de ter se metido

numa missão tão idiota. Ele disse que o velho Jeff Hooker ia contar para todo mundo, e a gente ia escutar até dizer chega.

Então a gente foi caminhando para casa pelas trilhas menores, muito desanimados e sem conversar. Quando a gente estava passando pelo canto mais distante da plantação de tabaco, a gente escutou um baita uivo do cachorro ali, e a gente foi até ele, e ele estava cavando o chão com toda a força, e de vez em quando botava a cabeça de lado e dava outro uivo.

Era uma área comprida, com a forma de uma cova; a chuva tinha feito ela afundar e dava para ver a forma. No minuto que a gente foi e ficou ali, a gente olhou um para o outro e não disse uma palavra. O cachorro tinha cavado só uns palmos e de repente ele agarrou uma coisa e puxou, e era um braço e uma manga. O Tom meio que arfou e disse:

— Vem, Huck! A gente encontrou.

Eu me senti horrível. A gente pegou a estrada e agarrou os primeiros homens que a gente encontrou. Eles pegaram uma pá no barracão e tiraram o corpo, e vocês nem imaginam a confusão. Não dava para reconhecer o rosto, mas nem precisava. Todo mundo disse:

— Coitado do Jubiter. É a roupa dele, até o último trapo!

Alguns correram para espalhar a notícia e contar para o juiz e começar uma investigação, e o Tom e eu, a gente correu para casa. O Tom estava ensandecido e quase sem ar quando a gente chegou a toda onde o tio Silas e a tia Sally e a Benny estavam.

— A gente encontrou o corpo do Jubiter Dunlap — disse Tom. — Só nós dois, com um cachorro farejador de sangue, depois de todo mundo ter desistido; e se não fosse pela gente, nunca que ele ia ter sido encontrado; e ele foi assassinado também. Foi com um porrete ou alguma coisa assim; e eu vou continuar e encontrar o assassino, ah se vou!

A tia Sally e a Benny levantaram num pulo, as duas pálidas e espantadas, mas o tio Silas emborcou da cadeira no chão e gritou:

— Ai, meu Deus, vocês encontraram ele!

10. A prisão do tio Silas

Aquelas palavras horríveis fizeram a gente ficar duro feito gelo. Não conseguíamos mexer nem pé nem mão por quase um minuto. Então fomos até o velho, o levantamos e o colocamos na cadeira, e a Benny fez carinho nele, deu beijinhos e tentou consolar o homem, e a coitada da tia Sally fez a mesma coisa; mas, coitadas, elas estavam tão desconcertadas e assustadas e fora de si que nem sabiam o que estavam fazendo. Com o Tom foi horrível: quase que travou de pensar que talvez tivesse causado ainda mais problemas para o tio dele, e que talvez aquilo nunca tivesse acontecido se ele não tivesse tido tanta gana de ficar famoso e tivesse deixado o cadáver em paz do jeito que os outros fizeram.

Mas logo ele meio que voltou a si e disse:

— Tio Silas, não diga mais uma coisa dessas. É perigoso, e não tem um tico de verdade nisso.

A tia Sally e a Benny ficaram agradecidas de ouvir ele dizer aquilo e disseram o mesmo; mas a cabeça do velho tremia em desespero e dor, e as lágrimas corriam pelo rosto dele, e ele disse:

— Não, fui eu! Coitado do Jubiter, fui eu!

Era horrível ouvi-lo dizer aquilo. Então a gente seguiu e falou sobre o caso, e disse que ele aconteceu no dia que eu e o Tom chegamos — mais ou menos perto do anoitecer. Ele disse que o Jubiter o constrangeu e o irritou até que o deixou tão louco que ele meio que perdeu a cabeça e pegou um pedaço de pau e lhe golpeou na cabeça com tanta força que o pobre desabou. Então ele ficou assustado e lamentoso, e ficou de joelhos e levantou a cabeça de Jubiter e implorou que ele falasse e dissesse que não estava morto; e quando ele viu quem estava segurando a cabeça dele, pulou como se tivesse morrendo de medo e saltou a cerca e se enfiou no bosque e desapareceu. Então o velho torceu para ele não ter se machucado feio.

— Mas, Deus do céu — disse ele —, foi o medo que deu para ele aquele último rompante de força, e é claro que, quando a força passou e ele caiu no mato e não tinha quem o ajudasse, ele morreu.

Então o velho chorou e se lamentou e disse que era um assassino e que a marca de Caim estava sobre ele, e ele tinha desgraçado sua família e que ia ser descoberto e enforcado.

Mas o Tom disse:

— Não, você não vai ser descoberto. Você não matou ele. Uma cacetada não matou ele. Outra pessoa matou.

— Matei, sim — respondeu ele. — Eu matei, mais ninguém. Quem mais tinha alguma coisa contra ele? Quem mais podia ter alguma coisa contra ele?

Ele olhou para a gente como se esperasse que alguém pudesse mencionar uma pessoa que pudesse ter um ressentimento contra aquele coitado inofensivo, mas é claro que não adiantava: suas palavras pegaram a gente de jeito, e não conseguíamos dizer uma palavra. Ele percebeu isso e ficou triste de novo, e eu nunca vi uma cara tão miserável e triste de ver. Mas, de repente, o Tom teve uma ideia:

— Mas espera aí! Alguém enterrou ele. Agora quem...

Ele ficou quieto na hora. Eu sabia a razão. Me deu calafrios quando ele disse aquelas palavras, porque eu imediatamente lembrei de ver o tio Silas todo misterioso perambulando com uma pá de cabo longo naquela noite. E eu sabia que a Benny também tinha visto ele, porque estava falando sobre isso um dia. O Tom parou de falar e num minuto mudou de assunto e começou a pedir para o tio Silas ficar de bico calado, e todo mundo fez a mesma coisa, e disse que era *necessário* e que ele não tinha nada que ficar se acusando, e que se ele não falasse nada, ninguém nunca que ia saber; mas que, se tudo fosse descoberto e qualquer mal chegasse a ele, isso ia magoar as pessoas da família e acabar com elas, e que isso não ia ser bom para ninguém. Então, no fim, ele prometeu. Todo mundo ficou mais confortável depois disso e se pôs a animar o velho. A gente disse para ele que tudo que ele precisava fazer era ficar quieto, e que não ia demorar até que a poeira baixasse e tudo fosse esquecido. A gente estava dizendo: ninguém ia suspeitar do tio Silas, nem sonhar com uma coisa dessas,

porque ele era muito bom e gentil e tinha bom caráter; e o Tom arrematou, todo cordial e sincero:

— Ora, só considere isso um instante. Aqui está o tio Silas, todos esses anos um pregador, em detrimento de si; todos esses anos fazendo o bem com toda a força e de todas as maneiras ao alcance dele; em detrimento de si, todo o tempo; sempre amado e respeitado por todos; sempre um sujeito de paz que cuida da própria vida, o último sujeito no distrito todo que tocaria em uma pessoa, e todo mundo sabe disso. Suspeitar dele? Ora, não é mais possível do que...

— Pela autoridade do Estado do Arkansas, você está preso pelo assassinato de Jubiter Dunlap!

Foi horrível. A tia Sally e a Benny correram para o tio Silas, gritando e chorando, e abraçaram ele e se penduraram nele, e a tia Sally disse para eles irem embora, que ela nunca que ia largar dele, que eles não iam levar ele, e os escravos vieram de monte e gritavam na porta e, bem, eu não consegui suportar e saí de perto: era de partir o coração.

Ele levaram o tio Silas para uma cadeiazinha de nada no vilarejo, e todo mundo foi com ele para dizer adeus; e o Tom estava todo animado, e me disse: “Vai ser espetacular, Huck: a gente vai correr um bocado de perigo numa noite escura dessas para tirar ele daqui, e todo mundo vai falar disso por toda parte, e a gente vai ficar famoso”, mas assim que o Tom sussurrou os planos dele no ouvido do tio Silas, o velho acabou com todos eles e disse que não, que era o dever dele suportar o que quer que a lei fizesse para ele, e que ele ia ficar preso na cadeia até o fim, nem que fosse do lado de fora. Isso deixou o Tom bem desanimado e irritou ele um bocado, mas ele tinha que aguentar.

Mas ele se sentia responsável e determinado a libertar o tio Silas; e no fim disse para a tia Sally uma última coisa: para não se preocupar, porque ele ia se empenhar e trabalhar noite e dia e acabar com esse negócio e tirar o tio Silas da cadeia inocente; e ela foi carinhosa com ele e agradeceu e disse que sabia que ele ia fazer tudo que estivesse ao seu alcance. E disse para irmos ajudar a Benny a tomar conta da casa e das crianças, e então a gente escutou um choro de adeus por toda a parte e voltou para a fazenda, e deixou a tia Sally ali para viver com a mulher do carcereiro um mês, até o julgamento, em outubro.

11. Tom Sawyer descobre os assassinos

Bom, foi um mês difícil para todo mundo. Coitada da Benny! Ela fez das tripas coração, e eu e o Tom tentamos manter as coisas animadas em casa, mas meio que servia para nada, na verdade. Na cadeia, era a mesma coisa. A gente saía todo dia para visitar o casal, mas era um horror, porque o velho quase não dormia e ficava sonambulando sem parar e por isso parecia muito cansado e muito triste, de cabeça virada, e a gente tinha medo que ele caísse doente e morto de tanta preocupação. E sempre que a gente tentava convencer ele a ficar mais alegre, ele só balançava a cabeça e dizia que, se a gente soubesse o que era carregar o peso de um assassinato no coração, não falava uma coisa daquelas. O Tom e todo mundo ficava dizendo que ele *não era* um assassino, que tinha sido um acidente!, mas não fazia a mínima diferença: era assassinato, e ele não ia entender aquilo de outro jeito. Na verdade, ele começou a concluir, preto no branco, perto do julgamento, que tinha tentado matar o homem. Ora, aquilo era horrível, sabe? Fazia as coisas ficarem cinquenta vezes pior, e não tinha mais como consolar a Benny e a tia Sally. Mas ele prometeu não dizer uma palavra sobre o assassinato quando elas estivessem por perto, e a gente ficou feliz com isso.

O Tom Sawyer quebrou a cabeça aquele mês inteiro tentando planejar alguma saída para o tio Silas, e não foram poucas as noites que ele me fez ficar acordado quase a madrugada toda com esse tipo de trabalho cansativo, mas parecia que não tinha jeito de encontrar o caminho certo. Já eu achava que se podia muito bem desistir, tudo parecia triste demais, e eu estava muito desanimado; mas ele, não. Ele encarnou naquele negócio e continuou planejando e matutando e rachando a cuca.

Então no fim chegou o julgamento, perto do meio de outubro, e a gente estava tudo na corte. O lugar estava lotado, claro. Coitado do tio Silas: parecia mais

morto do que vivo, os olhos dele estavam sem vida, vazios, e ele estava muito magro e muito abatido. A Benny estava sentada de um lado dele, e a tia Sally do outro, e elas estavam de véu, e muito tristes. Mas o Tom estava do lado do nosso advogado, e dando pitaco em tudo, é claro. O advogado deixava, e o meritíssimo juiz deixava. Tinha horas que quase tomava o negócio das mãos do advogado — o que era ótimo, porque o sujeito era só uma anta de fim de mundo e não tinha o mínimo bom senso.

Eles fizeram o juramento na frente do júri, e então o advogado da acusação levantou e começou. Fez um discurso terrível contra o tio Silas, que fez o velho gemer e lamentar, e fez a Benny e a tia Sally chorarem. O modo como *ele* falou sobre o assassinato meio que deixou a gente boquiaberto de tão diferente que era do que o velho tinha contado. Ele disse que ia provar que o tio Silas tinha sido *visto* matando o Jubiter Dunlap por duas boas testemunhas, e que tinha feito isso de propósito, e que *disse* que ia matar ele no mesmo instante que o acertou com o porrete; e eles viram o tio Silas escondendo o Jubiter no mato e viram que o Jubiter estava mortinho, mortinho. E disse que o tio Silas foi lá depois e arrastou o Jubiter para a plantação de tabaco e que dois homens viram ele fazendo isso. E disse que o tio Silas apareceu de noite e enterrou o Jubiter, e que um homem tinha visto.

Eu disse para mim mesmo: coitado do tio Silas, ele está mentindo porque acha que ninguém o viu, e ele não ia conseguir suportar partir o coração da tia Sally e da Benny, e ele estava certo, porque, quanto a mim, eu ia ter mentido do mesmo jeito, e também qualquer pessoa que tivesse o mesmo sentimento, para poupar elas de uma tristeza e uma dor daquelas, pela qual *elas* não tinham nenhuma responsabilidade. Bom, isso fez o nosso advogado ficar bem abatido, e também deixou o Tom sem rumo por um tempinho, mas então ele se recompôs e fingiu que não estava preocupado. Mas eu sabia que ele *estava*, mesmo assim. E as pessoas... meu Deus, isso fez um reboliço danado no meio delas!

E quando o advogado terminou de falar para o júri o que ele ia provar, ele sentou e começou a trabalhar com as testemunhas.

Primeiro, ele chamou um monte delas para mostrar que tinha rixa entre o tio Silas e o finado; e elas disseram que tinham escutado o tio Silas ameaçar o finado uma vez ou outra, e explicaram como a rixa foi ficando cada vez pior e

que todo mundo falava disso e que o finado ficou com medo pela vida dele e que contou para duas ou três delas que tinha certeza que o tio Silas ia matar ele uma hora ou outra.

O Tom e o nosso advogado fizeram então umas perguntas; mas não adiantou de nada, elas não arredavam pé do que tinham falado.

Depois, eles chamaram o Lem Beebe, e ele sentou no banco das testemunhas. Eu me lembrei na hora de como o Lem e o Jim Lane tinham passado pela gente conversando sobre pedir o cachorro ou alguma coisa do Jubiter Dunlap; e isso puxou os mirtilos e o lampião, e isso puxou o Bill e o Jack Withers, e como eles passaram conversando sobre um escravo que tinha roubado o milho do tio Silas; e isso puxou o nosso velho fantasma que tinha passado na mesma hora e assustado tanto a gente — e *ele* estava lá também, e uma personagem privilegiada, por conta de ser surdo-mudo e um forasteiro, e eles tinham dado para ele uma cadeira na primeira fila, onde ele conseguia cruzar as pernas e ficar à vontade, enquanto as outras pessoas estavam lá todas amontoadas de um jeito que elas não conseguiam respirar. Então tudo voltou para mim do jeito que tinha sido naquele dia; e eu fiquei triste de pensar no quanto aqueles dias tinham sido bons, e em como estava tudo muito ruim desde então.

Lem Beebe, sob juramento, disse: “Eu estava andando aquele dia, 2 de setembro, e o Jim Lane estava comigo, e foi perto do sol se pôr, e a gente escutou uma conversa alta, feito briga, e a gente estava bem perto, só tinha os arbustos de avelã entre a gente (era do lado da cerca); e a gente escutou uma voz, ‘Eu disse mais de uma vez que eu ia te matar’, e eu sabia que era a voz do prisioneiro; e então a gente viu um porrete subir por cima dos arbustos e depois descer; e escutou o barulho de alguma coisa esmagada e então um ou dois gemidos; e depois a gente foi devagarinho até onde a gente podia ver, e lá estava o Jubiter Dunlap morto, e o prisioneiro na frente dele com o porrete; e depois ele arrastou o homem para o meio do mato e escondeu ele, e então a gente se agachou para ficar fora da vista e saiu.”

Bom, foi horrível. Ouvir aquilo meio que congelou o coração de todo mundo, e enquanto ele contava, o silêncio do tribunal era tanto que parecia não ter ninguém ali. E quando ele terminou, a gente era capaz de ouvir todo mundo ali suspirando e arfando e olhando um para o outro como se dizendo “Que horror, que coisa medonha!”

Naquela hora aconteceu uma coisa que me espantou. Todo o tempo que as primeiras testemunhas estavam provando a antipatia e as ameaças e tudo, o Tom

Sawyer estava vivo e pronto para pegar todas elas no pulo; e assim que elas paravam, ele ia para cima delas, e fazia o melhor para expor as mentiras delas e furar o testemunho. Mas ali a coisa foi diferente. Quando o Lem começou a falar, e não falou nada sobre conversar com Jubiter ou tentar levar o cachorro dele emprestado, ele estava todo atento e pronto para emboscar o Lem, e você podia ver que ele estava se preparando para retrucar e acabar com ele num instante, e então eu achei que a gente ia até lá diante do meritíssimo no fim e contar que a gente ouviu o Jim Lane e ele conversando. Mas, no minuto seguinte que eu olhei para o Tom, senti um calafrio. Pois veja só: ele estava muito mergulhado nos próprios pensamentos, como você nunca viu. Estava muito, muito longe. Ele não estava escutando uma palavra do que o Lem dizia; e quando o Lem terminou, ele ainda estava naquele mundo dele, do mesmo jeito. Nosso advogado deu um cutucão nele, e ele olhou assustado e disse: “Fique com a testemunha se você quiser. Quero ficar em paz, preciso pensar.”

Bom, aquilo acabou comigo. Eu não conseguia entender. E a Benny e a mãe dela, ai, elas pareciam abatidas, estavam muito preocupadas. Elas puxaram os véus para o lado para tentar olhar nos olhos dele, mas não tinha jeito, e eu não conseguia olhar para ele direito também. Então a anta atacou a testemunha, mas era o mesmo que nada; e ele só complicou as coisas.

Em seguida eles chamaram o Jim Lane, e ele contou a mesma história de novo, igualzinho. O Tom não escutou nada dela, só ficava lá matutando e matutando, muito longe de tudo. Então a anta foi de novo sozinha e saiu tão fracassada feito antes. O advogado da acusação parecia muito confortável, mas o meritíssimo parecia confuso. Veja você: o Tom era a mesma coisa que um advogado, quase, porque é da lei do Arkansas que o prisioneiro pode escolher quem ele quiser para ajudar o advogado dele, e o tio Silas tinha posto o Tom dentro do caso, e agora ele estava sendo negligente e dava para ver que o meritíssimo não estava gostando daquilo. Tudo que a anta arrancou do Lem e do Jim foi:

— Por que você não contou o que você viu?

— A gente estava com medo de ficar envolvido na coisa. E a gente tinha acabado de sair para caçar no rio a semana toda; mas, assim que a gente voltou, a gente descobriu que estavam procurando o cadáver, e então a gente foi até o Brace Dunlap e contou tudo o que viu.

— Quando foi isso?

— Sábado de noite, 9 de setembro.

O meritíssimo pediu a palavra e disse:

— Xerife, prenda essas duas testemunhas sob a suspeita de serem cúmplices do assassinato.

O advogado da acusação pulou na hora todo agitado e disse:

— Excelência! Protesto contra essa medida extraor...

— Silêncio! — disse o meritíssimo, puxando a faca e deixando sobre o púlpito.

— Peço respeito à corte.

E assim ele fez. Então ele chamou o Bill Withers.

Bill Withers, sob juramento, disse: “Eu estava caminhando perto do fim da tarde, sábado, 2 de setembro, pela plantação do prisioneiro, e meu irmão Jack estava comigo, e a gente viu um homem levando alguma coisa pesada nas costas, e a gente achou que era um escravo roubando milho; a gente não conseguia ver com clareza; depois vimos que era um homem carregando outro; e do jeito que ele estava sendo carregado, todo meio mole, a gente entendeu que era alguém que estava bêbado; e do jeito que o homem andava, a gente achou que era o pastor Silas, e a gente entendeu que ele tinha encontrado o Sam Cooper bêbado na estrada, que ele estava sempre tentando emendar o Sam, e estava tirando ele de perigo.

As pessoas sentiram um calafrio de pensar no coitado do tio Silas carregando o finado lá para o lugar na plantação de tabaco dele onde o cachorro encontrou o corpo, mas não se via muita compaixão nos rostos, e eu escutei um salafrário dizer: “Esse é o trabalho de sangue mais frio que eu já vi, ficar carregando um homem assassinado desse jeito, e enterrar ele feito um animal, e ele é um pastor!”

O Tom continuava pensando, e não dava bola; então nosso advogado tomou a testemunha e fez tudo que pôde, e era muito pouco.

Então o Jack Withers sentou na cadeira das testemunhas e contou a mesma coisa, feito o Bill.

E depois dele veio o Brace Dunlap, e ele estava parecendo bem triste, quase chorando: e a gente escutou uma agitação, gente murmurando em todo canto, e todo mundo parecia querer ouvir, e muitas mulheres diziam: “Coitado, coitado” e dava para ver muitas delas enxugando as lágrimas.

Brace Dunlap, sob juramento, disse: “Eu estava bastante preocupado já fazia um tempo com o meu irmão, coitado, mas eu achava que as coisas não estavam tão ruins quanto se mostraram, e nunca que me passou pela cabeça que qualquer um teria coragem de ferir um coitadinho inofensivo daquele.” (Por tudo que é mais sagrado nessa vida, eu tive certeza que tinha visto o Tom se agitar bem, mas bem de levinho, e voltar a ficar desanimado.) “E vocês sabem que eu não *podia* imaginar que um pastor ia machucar ele — não era natural pensar numa coisa dessas —, então nunca dei muita atenção, e agora eu nunca vou me perdoar por isso; porque se eu tivesse feito de outra forma, meu pobre irmão ia estar comigo hoje, e não jazendo ali assassinado, ele que era tão inofensivo.” Ele meio que se descontrolou e engasgou, e esperou até recuperar a voz; e as pessoas na sala disseram por toda a parte as coisas mais tristes, e as mulheres choraram; e tudo estava muito quieto ali, e sério, e o velho tio Silas, coitado, murmurou um lamento que todo mundo escutou. Então o Brace continuou: “No sábado, 2 de setembro, ele não voltou para casa para o jantar. No fim eu fiquei um pouco preocupado, e um dos meus escravos foi até a casa do prisioneiro, mas voltou e disse que ele não estava lá. Então eu fiquei ainda mais preocupado, e não conseguia descansar. Eu fui para a cama, mas não conseguia dormir; e levantei, tarde da noite, e saí perambulando pela casa do prisioneiro e por ali um bom tempo, com a esperança que eu podia por acaso encontrar o meu irmão, sem saber que ele já não tinha preocupações e estava em um lugar melhor.” Então ele mais uma vez se descontrolou e engasgou, e quase todas as mulheres estavam chorando agora. Mas imediatamente ele se recompôs e disse: “Mas foi inútil; então por fim eu fui para casa e tentei dormir um pouco, mas não consegui. Bom, em um ou dois dias todo mundo estava preocupado, e eles começaram a falar sobre as ameaças do prisioneiro, e se aferraram à ideia, que eu não levei em consideração, de que meu irmão tinha sido assassinado, então eles fizeram uma busca e tentaram encontrar o corpo, mas não conseguiram e desistiram. Então eu achei que ele tinha ido para algum lugar para encontrar um pouco de paz, e que ia voltar para a gente quando seus problemas estivessem resolvidos. Mas no fim da noite de sábado, dia 9, Lem Beebe e Jim Lane foram na minha casa e me contaram toda a coisa terrível do assassinato, e aquilo acabou comigo. E então eu lembrei de uma coisa que não tinha me chamado atenção na época, porque se falava que o prisioneiro tinha mania de andar dormindo e fazer um monte de coisa de pouca monta sem saber o que estava fazendo. Vou contar que coisa era aquela que tinha me vindo à memória. Bem tarde naquela noite horrível de sábado, quando eu estava perambulando pela casa do prisioneiro, cheio de dor e preocupação, eu estava perto de uma das pontas da plantação de tabaco e escutei um som de pá cavando em chão seco; e eu fui até lá sem fazer alarde e dei uma espiada entre as vinhas que cobriam a cerca e vi o prisioneiro *cavando* — cavando com uma pá de cabo longo —, jogando terra num buraco enorme que estava quase cheio; ele estava de costas para mim, mas era noite de luar, e eu reconheci ele pela jaqueta verde de baeta com um remendo irregular branco nas costas, como se alguém tivesse acertado ele com uma bola de neve. *Ele estava enterrando o homem que ele tinha assassinado!*

E ele afundou na cadeira chorando e soluçando, e quase todo mundo no tribunal se pôs a lamentar e chorar e dizer: “Ai, que coisa triste... triste...”

horrível!”, e houve uma tremenda agitação, e você não era capaz de escutar nem os seus próprios pensamentos; e bem no meio disso tudo o tio Silas dá um pulo, branco feito um lençol, e grita:

— É verdade, cada palavra! Eu matei o Jubiter a sangue-frio!

Deus do céu, isso deixou todo mundo atônito! O povo se levantou feito doido pelo tribunal, se esticando e abrindo os olhos para ver ele melhor, e o meritíssimo batia com o malhete dele, e o xerife gritava “Ordem! Ordem no tribunal! Ordem!”

E enquanto isso o velho ficou lá tremendo e com os olhos em chama, e não olhava para a mulher e para a filha, que estavam agarradas nele e imploravam para ele ficar quieto, e tentava afastar elas com as mãos dizendo que ele ia limpar a alma pecadora dele do crime, que ele ia se livrar do peso que era mais do que ele podia suportar, e que ele *não ia* aguentar outra hora! E então ele se enfureceu e contou a história horrível dele, todo mundo sem ar e olhando com os olhos esbugalhados, meritíssimo, júri, advogados e todo mundo, e a Benny e a tia Sally chorando do fundo da alma. Mas — que diacho! — o Tom Sawyer não olhou para ele uma vez! Nenhuma: só ficou ali contemplativo, olhando para outra coisa, não dava para dizer o quê. E então o velho enfurecido fazia jorrar as palavras dele feito um rio de fogo:

— Eu matei ele! Eu sou culpado! Mas eu nunca quis na minha vida machucar ou ferir ele, apesar de todas as mentiras sobre eu ter ameaçado ele, até o instante em que eu ergui o porrete, meu coração estava frio na hora!, ali a misericórdia toda acabou, e eu bati para matar! Naquele momento todos os meus pecados vieram à minha mente; todos os insultos que aquele sujeito e o canalha do irmão dele, ali, tinham me infligido, e como eles tinham se juntado com o povo para me destruir, e manchar meu bom nome e *fazer* eu cometer algum ato que destruísse a mim e a minha família que nunca tinha feito nada de ruim para eles, então me ajude, Senhor! E eles fizeram isso como uma vingança vil, e por quê? Porque minha garotinha inocente aqui ao meu lado não quis se casar com esse Brace Dunlap! Esse sujeito rico, insolente, ignorante e covarde, que está aqui fungando por um irmão para o qual ele nunca deu a mínima...

Eu vi o Tom dar um pulo e parecer feliz *dessa* vez, certeza.

Tio Silas continuou:

— E nesse momento que eu estou contando para vocês, eu me esqueci do meu Deus e me lembrei só da amargura do meu coração, Deus me perdoe, e bati para matar. Num segundo, eu me senti miseravelmente arrependido, ah, cheio de remorso; mas pensei na minha pobre família, e eu *precisava* esconder o que eu tinha feito por causa deles; e eu escondi o corpo no mato; e depois eu carreguei ele para a plantação de tabaco; e na calada da noite eu fui com a minha pá e enterrei ele onde...

O Tom deu um pulo e gritou:

— *Agora* eu entendi! — Ele acenou com a mão, oh, sempre tão elegante e durinha, na direção do velho e disse: — Sente-se! Um assassinato foi cometido, mas você não tem seu dedo nele!

Pois bem, meus senhores: dava para escutar um alfinete caindo no chão. E o velho afundou na cadeira meio que abobado, e a tia Sally e a Benny nem viram, porque elas estavam espantadas olhando para o Tom de boca aberta e sem saber o que estavam vendo. E o tribunal inteiro a mesma coisa. Nunca vi gente parecendo tão perdida e confusa, e eu nunca tinha visto olho tão aberto e sem piscar feito todo mundo estava.

O Tom disse, perfeitamente calmo:

— Excelência, posso ter a palavra?

— Meu Deus, sim, vá em frente! — disse o meritíssimo, tão espantado e balançado que ele mal sabia o que estava fazendo.

Então o Tom levantou e esperou um ou dois segundos — que era para criar um “efeito”, como ele chamava —, e então começou a falar, calmo como sempre:

— Já tem duas semanas que na frente deste tribunal está afixado um cartazinho oferecendo recompensa de dois mil dólares por dois diamantes grandes, roubados em St. Louis. Os diamantes valem doze mil dólares. Mas não pensem nisso até eu chegar a eles. Vamos falar do assassinato. Eu vou contar para vocês tudo sobre ele, como ele aconteceu, quem cometeu, cada *de-ta-lhe*.

Dava para ver todo mundo nervoso, e começando a escutar com toda a atenção:

— Este homem aqui, Brace Dunlap, que está fungando tanto por causa do irmão morto para o qual *vocês sabem* que ele nunca deu um tostão furado, queria se casar com essa jovem aqui, e ela não aceitou. Então ele disse para o tio Silas

que ia fazer ele se arrepender. O tio Silas sabia o quanto ele era poderoso, e a pouca chance que tinha contra um homem desses, e ele estava assustado e preocupado e fez tudo que ele podia pensar para desfazer as arestas e fazer esse homem ser bom para ele: ele chegou a aceitar o irmão inútil dele, o Jubiter, na fazenda e dar um salário para ele, privando a própria família para conseguir pagar ele; e o Jubiter fez tudo que o irmão dele podia imaginar para ofender o tio Silas, e irritar e preocupar ele, e tentou levar o tio Silas a machucar ele, para despertar a indignação do povo. E ele fez. Todo mundo se voltou contra ele e disse as piores coisas sobre ele, e isso foi magoando ele. Sim, e ele ficou tão nervoso e triste que muitas vezes ele perdia a cabeça.

“Bom, naquele sábado sobre o qual a gente tá tendo tanta dificuldade, duas dessas testemunhas aqui, Lem Beebe e Jim Lane, vieram por onde o tio Silas e Jubiter Dunlap estavam trabalhando — e quanto a isso o que eles dizem é verdade, o resto é mentira. Eles não escutaram o tio Silas dizendo que ele ia matar o Jubiter; eles não escutaram nenhum golpe, eles não viram nenhum homem morto, e eles não viram o tio Silas escondendo nada no mato. Olhem para eles agora — como eles estão ali, desejando que não tivessem sido tão habilidosos com a língua; de todo modo, vão desejar antes de eu ter terminado.

“Naquela mesma noite de sábado, Bill e Jack Withers viram *mesmo* um homem carregando outro. Isso que eles disseram é verdade, o resto é mentira. Primeiro eles acharam que era um escravo roubando o milho do tio Silas. Vocês percebem que eles ficaram com cara de bobo, agora que descobriram que alguém escutou que eles disseram isso. Isso é porque eles descobriram no fim quem é que estava carregando, e eles sabem *muito* bem por que eles juraram aqui que eles julgaram que era o tio Silas pelo andar — e *não* era, e eles sabiam disso quando eles juraram por essa mentira.

“Um homem andando na noite enluarada viu *mesmo* um homem assassinado sendo enterrado na plantação de tabaco — mas não era o tio Silas que estava enterrando. Ele estava na cama nessa hora.

“Bom, então, antes de eu prosseguir, eu queria perguntar para vocês se vocês perceberam isso: essa gente, quando está bastante pensativa, ou quando está preocupada, quase sempre faz alguma coisa com a mão, e eles não sabem, e não percebem o que as mãos deles tão fazendo, uns batem no queixo; outros no

nariz; outros *debaixo* do queixo com a mão; outros enrolam uma corrente, outros ficam mexendo em um botão, e outros que desenham uma figura ou uma letra com os dedos no rosto, ou debaixo do lábio ou do queixo. Esse é o *meu* jeito. Quando estou inquieto ou preocupado ou pensando bastante, desenho um V maiúsculo no meu rosto ou debaixo do meu queixo ou do meu lábio, e sempre só o V maiúsculo — e metade do tempo eu não percebo e não sei o que eu estou fazendo”.

Isso era esquisito. É exatamente isso que eu faço; só que faço um O. E eu podia ver as pessoas concordando com a cabeça entre si, do jeito que elas fazem quando querem dizer “É isso mesmo.”

“Pois bem. Vou prosseguir. Naquele mesmo sábado — não, foi na noite anterior — havia um barco a vapor parando no cais de Flagler, quarenta milhas daqui, e estava chovendo e trovejando pra danar. E tinha um ladrão a bordo, e ele tinha com ele os dois diamantes grandes que tão descritos aqui na porta do tribunal; e ele escapou para terra firme com a mala de mão dele e correu para dentro da tempestade e da escuridão, e ele estava esperando conseguir chegar neste vilarejo bem e ser salvo. Mas tinha dois sujeitos nesse barco, escondidos, e ele sabia que eles iam matar ele na primeira oportunidade que tivessem e pegar os diamantes; porque os três roubaram os diamantes juntos, e então esse sujeito conseguiu enganar os comparsas e fugir.

“Bom, ele não tinha corrido mais de dez minutos até que os comparsas dele descobriram e correram para terra firme e saíram em seu encalço. Provavelmente eles acenderam palitos de fósforo e descobriram o rastro. De todo modo, a perseguição durou todo o sábado e eles ficaram todo o tempo escondidos dele; e perto do pôr do sol ele foi para o bosque de sicômoros perto da plantação do tio Silas, e ele foi para lá para tirar um disfarce de dentro da mala de mão e colocar o disfarce antes de se mostrar na cidade. E prestem atenção que ele fez isso um pouco depois da hora em que o tio Silas estava acertando o Jubiter Dunlap na cabeça com um porrete — porque ele bateu nele.

“Mas no instante que os sujeitos viram o ladrão entrar no bosque dos sicômoros, eles pularam do meio do mato e correram atrás dele.

“Eles pularam em cima dele e bateram nele até a morte.

“Sim, pelo tanto que ele gritava, eles não tiveram misericórdia dele, bateram até matar. E os dois homens que estavam correndo pela estrada escutaram ele gritar daquele jeito e correram para dentro do bosque de sicômoros — que era para onde eles estavam indo, de todo jeito, e quando os sujeitos viram eles, eles deram no pé, com os dois novos homens perseguindo eles tão rápido quanto podiam. Mas só um minuto ou dois — então esses dois novos homens entraram muito discretamente nos sicômoros.

“Então o que eles fizeram? Eu vou dizer o que eles fizeram. Eles descobriram onde o ladrão tinha tirado o disfarce da mala de carpete para vestir; então um deles tirou a roupa e vestiu esse disfarce.”

O Tom fez uma pausa, para causar mais “efeito”, e então cravou:

— O homem que vestiu o disfarce do morto era *Jubiter Dunlap*!

— Meu Deus do céu! — todo mundo gritou pelo tribunal, e o tio Silas parecia absolutamente espantado.

— Sim, era o Jubiter Dunlap. Não está morto, como vocês podem ver. Então eles tiraram as botas do morto e colocaram os sapatos estropiados do Jubiter no cadáver e colocaram as botas do cadáver no Jubiter Dunlap. Então o Jubiter Dunlap ficou onde estava, e o outro homem carregou o corpo para longe no crepúsculo; e depois da meia-noite, ele foi até a casa do tio Silas e pegou a jaqueta velha de baeta dele do gancho onde ela está sempre pendurada no corredor entre a casa e a cozinha e vestiu, e roubou a pá de cabo longo e foi para plantação de tabaco e enterrou o homem assassinado.

Ele parou meio minuto. Então:

— E vocês sabem quem era o homem assassinado? Era *Jake Dunlap*, o ladrão sumido!

— Meu Deus do céu!

— E o homem que enterrou ele era *Brace Dunlap*, seu irmão!

— Meu Deus do céu!

— E quem vocês acham que é esse idiota cheio de caras e bocas que está fingindo todas essas semanas ser um forasteiro surdo-mudo? É *Jubiter Dunlap*!

Deus do céu, todo mundo explodiu num uivo, e aquele nível de agitação você nunca viu na sua vida inteira desde o dia em que nasceu. E o Tom pulou na direção do Jubiter e arrancou os óculos e as costeletas falsas, e lá estava o

homem assassinado, ninguém duvidava, bem vivinho! E a tia Sally e a Benny começaram a abraçar e chorar e beijar e acarinhar o tio Silas a um ponto que ele estava ainda mais tonto e confuso e doidinho do que nunca, e isso é bastante. E depois as pessoas começaram a gritar:

— Tom Sawyer, Tom Sawyer! Todo mundo de bico calado, deixem ele seguir! Continua, Tom Sawyer!

Isso fez ele se sentir particularmente ótimo, porque para o Tom Sawyer era maravilhoso ser uma personagem pública daquele jeito, e um herói, como ele chamava. Então quando tudo estava quieto, ele disse:

— Não tem mais muita coisa, só isso. Quando aquele homem ali, Brace Dunlap, tinha perturbado ao máximo a vida e os pensamentos do tio Silas até que ele perdeu completamente a cabeça e acertou esse outro canalha, o irmão dele, com um porrete, eu acho que ele viu a oportunidade dele. O Jubiter correu para o bosque para se esconder, e eu acho que a ideia para ele era ir embora, na calada da noite, e deixar a região. Então o Brace ia fazer todo mundo acreditar que o tio Silas tinha matado ele e escondido o corpo em algum lugar; e isso ia acabar com o tio Silas e levar ele para *longe* da região, para ser enforcado, talvez; não sei. Mas quando eles encontraram o corpo do irmão morto nos sicômoros e não reconheceram ele, de tão desfigurado que estava, viram uma oportunidade melhor; disfarçar *os dois* e enterrar o Jake todo vestido de Jubiter e depois desenterrar ele, e chamar o Jim Lane e o Bill Withers e os outros para jurar por umas mentiras bem contadas — o que eles fizeram. E ali eles estão sentados, agora, e eu disse que eles iam ficar agoniados antes que eu terminasse, e é assim que eles estão parecendo agora.

“Bom, eu e o Huck Finn aqui, a gente pegou o barco com os ladrões, e o morto contou pra gente tudo sobre os diamantes, e disse que os outros matavam ele se tivessem a oportunidade; e a gente disse que ia ajudar ele com tudo que pudesse. A gente estava indo pros sicômoros quando escutou a matança; mas a gente estava lá no começo da manhã depois da tempestade e achou que ninguém tinha sido morto, no fim. E quando a gente viu o Jubiter Dunlap ali se esticando no mesmo disfarce que o Jake disse que ia usar, a gente pensou que era o próprio Jake — e ele estava balbuciando feito surdo-mudo, e *isso* estava de acordo com o que ele tinha dito.

“Bom, eu e o Huck, a gente continuou procurando o cadáver depois que os outros desistiram, e a gente encontrou. E estava orgulhoso disso, também; mas o tio Silas botou a gente doido quando disse que ele tinha matado o homem. Então a gente ficou bem arrependido de ter encontrado o corpo, e estava disposto a salvar o pescoço do tio Silas se a gente pudesse; e ia ser um trabalho do cão, também, porque ele não ia deixar a gente tirar ele da prisão do jeito que a gente fez com o nosso velho Jim.

“Fiz tudo que eu pude o mês inteiro para pensar em um jeito de salvar o tio Silas, mas eu não conseguia chegar a nada. Então, quando a gente chegou no tribunal hoje eu cheguei de mãos vazias, e não via nenhuma oportunidade. Mas no fim eu vislumbrei uma coisa que me fez pensar — foi uma coisinha de nada, só isso, e não era o bastante para ter certeza; mas isso me fez pensar muito — e *observar*, quando eu só estava fingindo pensar; e no fim, quando o tio Silas estava desabafando aquele negócio de ter matado o Jubiter Dunlap, eu vislumbrei aquilo de novo, e dessa vez eu levantei e parei todo o procedimento, porque eu *sabia* que o Jubiter Dunlap estava sentado ali diante de mim. Eu soube por causa de uma coisa que eu vi ele fazer — e eu me lembrei. Eu tinha visto ele fazer isso quando eu estava aqui no ano passado.”

Ele parou e pensou um instante para produzir um “efeito” — eu sabia muito bem. Então ele se levantou como se fosse sair da plataforma e disse, meio preguiçoso e indiferente:

— Bom, eu acho que é tudo.

Mas você nunca que ouviu um alvoroço daqueles! A algazarra vinha do tribunal inteiro:

— Mas o que foi que você viu ele fazer? Fique onde está, seu diabinho! Você acha que vai atçar um sujeito até aguar a boca dele e parar aí? O que foi que ele fez?

É isso, você percebe — ele estava fazendo isso para conseguir um “efeito”. Você não ia conseguir tirar ele daquela plataforma nem que fosse com uma canga de boi.

— Ah, não é nada de mais — disse ele. — Eu vi ele parecendo um pouco agitado quando viu que o tio Silas estava dando um jeito de se enforcar por um crime que não cometeu; e ele ficou ainda mais nervoso e preocupado, enquanto

eu estava observando ele com muita atenção, mas sem parecer que eu estava olhando para ele, e de repente as mãos dele começaram a se agitar e logo a esquerda se levantou e *o dedo dele desenhou uma cruz no rosto dele*, e então eu peguei ele!

Bom, então todo mundo se levantou e uivou e bateu os pés e aplaudiu até que o Tom Sawyer ficou tão orgulhoso e feliz que ele não cabia mais nele mesmo.

E então o meritíssimo olhou de cima do púlpito dele e disse:

— Meu garoto, você viu todos os vários detalhes dessa estranha conspiração e tragédia que você está descrevendo?

— Não, excelência, eu não vi nenhum deles.

— Não viu nenhum deles! Ora, você contou a história direito de cabo a rabo, como se você tivesse visto com os seus próprios olhos. Como conseguiu?

O Tom disse, tranquilo e confortável:

— Ah, só observando as evidências e colocando elas juntas, excelência; só um trabalhinho simples de detetive; qualquer um podia ter feito.

— Nada desse tamanho! Nem dois em um milhão teriam feito. Você é um garoto notável.

Então eles se deixaram levar pelo entusiasmo e deram mais uma salva de palmas, e ele... bom, ele não deixava aquilo nem por uma mina de prata inteira. Então o meritíssimo disse:

— Mas você tem certeza de ter contado a história direito?

— Perfeitamente, excelência. Aqui está o Brace Dunlap. Que ele negue a parte dele nisso se quer ter a oportunidade; eu vou me empenhar para fazer ele se arrepender de ter tentado... bom, você está vendo que *ele* está bem quieto. E o irmão dele está bem quieto, e as quatro testemunhas que mentiram também e foram pagas para isso, elas também estão bem quietas. E quanto ao tio Silas, ele não tem que se meter nisso, não acreditaria nele sob juramento!

Bom, meu caro senhor, isso fez todo mundo rir; até o meritíssimo se deixou levar e entrou na dança. O Tom estava se sentindo o próprio arco-íris. Quando todo mundo parou de rir, ele olhou para o meritíssimo e disse:

— Excelência, tem um ladrão no recinto.

— Um ladrão?

— Sim, senhor. E ele tem os dois diamantes de doze mil dólares com ele.

Meu Deus, isso agitou todo mundo! Todo mundo se pôs a gritar:

— Quem é ele? Quem é ele? Mostra!

E o meritíssimo disse:

— Mostre quem é, meu rapaz. Xerife, você irá prendê-lo. Quem é?

O Tom disse:

— O finado morto aqui — Jubiter Dunlap.

Então teve essa outra explosão, um trovão de surpresa e agitação; mas o Jubiter, que já estava espantado fazia tempo, estava completamente atônito. E ele abriu a boca, quase chorando, e disse:

— Isso é uma mentira. Excelência, não é justo; eu já estou bem mal sem isso. Eu fiz as outras coisas: o Brace me colocou nisso e me convenceu e me prometeu que ia me deixar rico um dia, e eu fiz, e me arrependo, queria não ter feito; mas eu não roubei diamante, não, e não estou com eles; quero cair mortinho se não estou dizendo a verdade. O xerife pode procurar em mim e ver.

O Tom disse:

— Excelência, não está certo de eu chamar ele de ladrão, e essa eu vou deixar passar um pouco. Ele roubou sim, mas não sabe. Ele roubou do irmão dele, o Jake, quando o coitado estava morto no chão, depois do Jake ter roubado dos outros ladrões; mas o Jubiter não sabia que ele estava roubando eles; e ele está passeando com eles por aqui faz um mês; sim, senhor, tem doze mil dólares de diamante nele, toda essa riqueza, e andando por aqui todo dia feito um homem pobre. Sim, excelência, ele está com eles agora.

O meritíssimo pediu a palavra e disse:

— Procure nele, xerife.

Bom, senhores, o xerife vasculhou nele de cima a baixo e por toda a parte: procurou no chapéu, nas meias, nas costuras, nas botas, em todo lugar — e o Tom ficou ali quieto, criando mais um daqueles efeitos dele. No fim o xerife desistiu, e todo mundo ficou frustrado, e o Jubiter disse:

— Viu só? O que eu disse?

E o meritíssimo disse:

— Parece que você estava enganado dessa vez, garoto.

Então o Tom se empostou e fingiu pensar com toda a força, coçando a cabeça. Então de repente ele arregalou os olhos mais animado e disse:

— Ah, agora eu entendi! Eu tinha me esquecido!

O que era uma mentira, e eu sabia. E ele disse:

— Alguém me faria a gentileza de me emprestar uma chavinha de fenda? Tinha uma na mala de mão do seu irmão que você afanou, Jubiter, mas eu acho que você não pegou ela para você.

— Não, não peguei. Não queria, e joguei fora.

— Porque você não sabia para que ela servia.

O Jubiter estava vestindo as botas dele já, e quando a coisa que o Tom queria estava passando por cima da cabeça das pessoas para chegar nele, ele disse para o Jubiter:

— Coloca o seu pé em cima da cadeira.

Então o Tom se ajoelhou e começou a desparafusar a placa de metal, com todo mundo olhando; e quando ele tirou aquele diamante imenso do salto da bota e ergueu e deixou ele coriscar e brilhar e lançar luz para todo lado, isso fez todo mundo perder o fôlego; e o Jubiter olhou tão abatido e triste como nunca se viu. E quando o Tom levantou o outro diamante, ele parecia ainda mais triste. Eita diacho! Ele estava pensando em como ele podia ter escapado e virado um homem rico e independente no estrangeiro se ele tivesse tido a sorte de imaginar para que servia aquela chave de fenda na mala.

Bom, considerando tudo, foi o momento mais animado, e o Tom ganhou a glória máxima. O meritíssimo pegou os diamantes, levantou no púlpito, puxou os óculos de trás da cabeça e disse:

— Vou ficar com eles e notificar os donos; e quando eles forem enviados vai ser para mim um grande prazer lhe entregar os dois mil dólares, porque você fez por merecer o dinheiro. Sim, e você merece os mais profundos e sinceros agradecimentos desta comunidade, por tirar uma família inocente e ofendida da ruína e da vergonha, e por salvar um homem honrado da morte de um criminoso e por expor à infâmia e à punição da lei um canalha cruel e detestável e suas criaturas miseráveis!

Bom, senhores, se tivesse uma banda de metais para tocar alguma música, era o momento mais perfeito possível, e o Tom Sawyer diria o mesmo.

Então o xerife prendeu o Brace Dunlap e seus homens, e no fim do mês seguinte o meritíssimo levou eles a julgamento e botou todo mundo na cadeia. E

todo mundo voltou a ir na igreja do tio Silas, e todo mundo era muito gentil e amável com ele, e a família fazia de tudo para eles; e o tio Silas pregava os sermões mais confusos e malucos e sem sentido que você já ouviu, e te deixavam tão tonto que você não conseguia encontrar o caminho de casa na luz do dia; mas as pessoas nunca deixavam parecer senão que achavam os sermões mais claros e brilhantes e espertos que se ouviu; e elas ficavam ali sentadas e choravam de amor e piedade; mas, santo pai, eles me deixavam desassossegado, me faziam delirar e fritavam todo o cérebro que eu tinha, e deixavam ele duro; mas no fim todo mundo estava adorando que a inteligência do velho estava voltando e que ele estava mais profundo do que nunca nos pensamentos dele, o que não era adulação, eu acho. E assim toda a família estava feliz feito passarinho, e ninguém podia estar mais grato e amoroso do que eles estavam com o Tom Sawyer; e comigo também, ainda que eu não tenha feito nada. E quando os dois mil dólares vieram, o Tom me deu metade, e nunca disse para ninguém, o que não me surpreendeu, porque eu conhecia ele.

Direção editorial

Daniele Cajueiro

Editora responsável

Ana Carla Sousa

Produção editorial

Adriana Torres

Pedro Staite

Revisão de tradução

Daniel Austie

Revisão

Rachel Rimas

Projeto gráfico de capa e miolo

Rafael Nobre

Diagramação

Filigrana

Produção de ebook

[S2 Books](#)

[1] Esopo (620-560 a.C.), *Fábulas*, “A raposa e as uvas”, recontada por La Fontaine (1621-1695). (N. do T.)

[2] Death-watch, literalmente, vigia da morte, é o besouro xilófago (que come madeira) *Xestobium rufovillosum*. (N. do T.)

[3] Se o sr. Harbison tivesse um escravo chamado Bull, Tom teria se referido a ele como “Harbison’s Bull”, o Bull dos Harbison, mas um filho ou um cachorro com esse nome seria “Bull Harbison”.

[4] As referidas redações citadas neste capítulo são retiradas sem alterações de um volume intitulado *Prosa e poesia de uma senhora ocidental*, mas seguem exata e precisamente o padrão das redações das estudantes, portanto são realizações muito mais felizes do que meras imitações poderiam ser.

[5] Há cinco personagens negros que falam o dialeto dos negros do Missouri (Jim, Jack, Nat, Betsy e Lize); as fofoqueiras do Arkansas (sra. Hotchkiss) são o caso extremo do dialeto das florestas do Sudoeste; o dialeto cotidiano de “Pike County” é a língua comum, popular, do narrador e da maioria dos outros personagens. As quatro variantes desse dialeto, segundo David Carkeet (“The Dialects in *Huckleberry Finn*”, *American Literature*, vol. 51, n.3, 1979), em seus casos típicos, são: as falas dos bandidos do naufrágio do vapor *Walter Scott*, do Rei, dos vagabundos em Bricksville, da tia Sally e do tio Silas. A tradução preferiu quase sempre a ortografia portuguesa atual em vez da representação gráfica das marcas de oralidade do original; assim como reservou o uso dos itálicos para algumas ênfases ou usos peculiares (como o linguajar racista do pai do narrador); sugerindo vozes diferentes para cada personagem indicadas apenas pelas opções de vocabulário e de sintaxe. (N. do T.)

[6] Pastiche de *Hamlet*, *Macbeth* e *Ricardo III*, de Shakespeare. (N. do T.)

[7]. Esse erro de localização da Arca é provavelmente de Huck, não de Tom (N.T.)

Organização e edição de Aniela Jaffé

MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES

CARL G. JUNG



Memórias, Sonhos, Reflexões

Jung, Carl G.

9788520932193

424 páginas [Compre agora e leia](#)

Reunidas e editadas poucos anos antes da morte de Jung, por Aniela Jaffé, sua colaboradora, essas memórias se apresentam como uma autoanálise de um dos grandes pensadores da humanidade. Nelas, estão presentes fatos como a pesquisa do inconsciente como caminho do eu interior, as divergências da psiquiatria do princípio do século e as viagens à África.

[Compre agora e leia](#)



Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson 9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"

Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"

EDIÇÃO
BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)



RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Rubem Fonseca

Calibre 22

Fonseca, Rubem 9788520941355

208 páginas

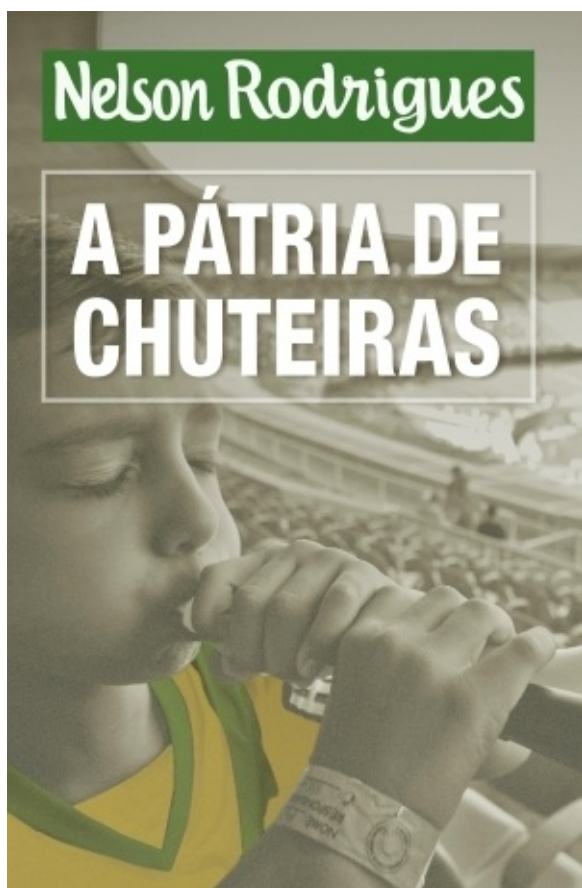
[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)

Nelson Rodrigues

**A PÁTRIA DE
CHUTEIRAS**



A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson 9788520938188

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante." Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Auto da compadecida

Suassuna, Ariano 9788520942833

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

O "Auto da Compadecida" consegue o equilíbrio perfeito entre a tradição popular e a elaboração literária ao recriar para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel. É uma peça teatral em forma de Auto em 3 atos, escrita em 1955 pelo autor paraibano Ariano Suassuna. Sendo um drama do Nordeste brasileiro, mescla elementos como a tradição da literatura de cordel, a comédia, traços do barroco católico brasileiro e, ainda, cultura popular e tradições religiosas. Apresenta na escrita traços de linguagem oral [demonstrando, na fala do personagem, sua classe social] e apresenta também regionalismos relativos ao Nordeste. Esta peça projetou Suassuna em todo o país e foi considerada, em 1962, por Sábato Magaldi "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".

[Compre agora e leia](#)